Jesus Não
Era Trinitário

Jesus Não Era Trinitário

Uma Chamada Para Retornar Ao Credo De Jesus.

Por Sir Anthony F. Buzzard, Bt., M.A (Oxon), M. A. Th

Restoration Fellowship

McDonough, GA

Jesus Não Era Trinitário.

Un Llamado A Volver Al Credo De Jesús.

Por Sir Anthony F. Buzzard, Bt., M.A (Oxon), M. A. Th

Título Original (Original Title in English):
"*Jesus Was Not a Trinitarian –*
A Call to Return to the Creed of Jesus"

© 2007 Restoration Fellowship
ISBN 978-09673249-7-5

Este livro em português. está disponível apenas em formato eletrônico e pode ser baixado como um arquivo PDF (Acrobat) em
http://www.focusonthekingdom.org/books.html

© Restoration Fellowship, http://www.focusonthekingdom.org

Tradução (Translation)

Fernando Coutinho Sánchez
Mérida – Venezuela
(ferjoscousan@gmail.com)

Todas as citações bíblicas neste estudo foram extraídas da versão em português da *Biblia Tradução João Ferreira de Almeida* (ARA), e estão escritas em **negrito** e *itálico*, salvo indicação em contrário. (Publicações Eletrônicas http://www.culturabrasil.pro.br/ Versão para eBook - eBooksBrasil.com-

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um versículo da Escritura estão dentro de **[Colchetes].**

Todas as palavras em grego, hebraico, aramaico ou outras línguas estão entre "ASPAS" e em fonte "*ITALICS*" e/ou transliteradas para o português.

Dedicação

A Bárbara, minha esposa, cujo zelo por um credo bíblico é uma inspiração. Ela vê o sentido de soar como Jesus ao falar sobre Deus, o Deus de Israel..

Índice De Conteúdo

Dedicação ii

Prefácio iv

Gratidão v

Introdução vi

1. Cap.1: Fundamentos para Crer em Deus e em Seu Filho.....1

2. Cap.2: Quem Era O Deus De Jesus E Seus Seguidores? 16

3. Cap.3: Fato Bíblico E História Contra O Dogma 40

4. Cap.4: A Luta Titânica Dos Estudiosos Para Encontrar O Deus Trino Na Bíblia 62

5. Cap.5: O Filho de Deus: A Perda Protestante dos Ensinamentos de Jesus e a Sua Promoção à Divindade 78

6. Cap.6: Jesus Como "Meu Senhor" Messias: A Chave de Ouro do Salmo 110:1 102

7. Cap.7: Se Ao Menos Tivéssemos Ouvido A Gabriel 133

8. Cap. 8: Os Consílios da Igreja, O Código Da Vinci e A Erudição Moderna 158

9. Cap.9: Trabalho De Detective E Truques De Palavras 177

10. Cap.10: Maravilhas Matemáticas e a Obstrução do Monoteísmo 213

11. Cap.11: Uma Introdução Aos Heróis Dissidentes 226

12. Cap.12: Todos Acreditam Na Trindade? 239

Epílogo: Um Futuro Para O Monoteísmo 269

Apéndice 1: Em João 20,28: O Que Disse Tomé Em Hebraico? 273

Apéndice 2: Onde A Oposição Judaica Se Quebra. 293

Apéndice 3: Hebreus 1:10 297

Bibliografia 302

Prefácio

O cristianismo é frequentemente promovido como uma das três grandes religiões monoteístas do mundo, juntamente com o judaísmo e o islamismo. Esta não é uma avaliação correta. Nem o judaísmo nem o islamismo concedem ao cristianismo o direito de se chamar a si próprio uma religião monoteísta. Os mais de dois mil milhões de cristãos acreditam na doutrina da Trindade, que afirma que Deus é três. E este é um credo que nem o judaísmo nem o islamismo consideram monoteísta. Como o autor deste livro argumenta, a doutrina da Trindade é uma crença que não está fielmente substanciada nem na Bíblia hebraica nem no Novo Testamento (NT). Só se tornou oficial no século IV, depois dos Concílios de Nicéia (325 AD) e Constantinopla (381 AD) na doutrina oficial da Ásia Menor (Turquia atual)..

Este é um livro raro. Não há muitos como ele, na realidade, quase nenhum, no mercado religioso. Porquê? Porque examina a doutrina da Trindade da perspetiva de um não-Trinitário - uma perspetiva que não é partilhada pelos quatro principais ramos do Cristianismo (Católico Romano, Protestante, Ortodoxo Grego e Antigo Oriente Próximo).

Este é um livro franco. Em tempos anteriores, o autor teria sido amaldiçoado por esta obra e queimado na fogueira ou enforcado. *Miguel Servetus* pagou com a sua vida pelo seu De "*Erroribus Trinitatis*" (Erros da Trindade) durante a Reforma de *João Calvino*. E também na atmosfera atual de liberdade que permite tal publicação, uma declaração de incredulidade na Trindade leva ao ostracismo instantâneo e à classificação imediata como heresia e herege. O autor demonstrou que está disposto a pagar este preço.

Este é um livro erudito. Escrito por um espírito líder (como *John Milton* chamou aos autores), é uma fonte inestimável de informação para aqueles que escaparam à armadilha do trinitarismo com as suas doutrinas concomitantes da pré-existência de Cristo, da "filiação eterna", da encarnação e da hipótese de reencontro. A sua extensa coleção de citações bíblicas e eruditas apoia e confirma a visão Unitária. É uma chamada ao regresso aos ensinamentos de Jesus.

Este livro é uma continuação de uma obra anterior, "*The Doctrine of God's Trinity - Christianity's Self-Inflicted Wound*" (A Doutrina da Trindade de Deus - A Ferida Autoinfligida do Cristianismo), coautoria de *Charles Hunting*, em 1998. Em "*Jesus Was Not a Trinitarian*" (Jesus não era trinitário), o autor revisita o tema com vitalidade renovada e visão mais profunda, fruto de intenso estudo e numerosos debates com adversários por todo o país. Desde 1998, o autor escreveu também a revista mensal *Focus on the Fingdom* sobre o reino, revisitando continuamente o tema. Ambos os livros são escritos num tom pacificador e o autor abstém-se de lançar relâmpagos verbais, como no caso dos reformadores..

Uma medida do sucesso de um livro é a sua circulação. Desejo a aceitação deste livro tão necessário. Há apenas mais de dois mil milhões de cristãos que precisam de ser evangelizados e ensinados o "*Shema*" de Israel (***Marcos 12:29*** que Jesus mesmo defendeu e ***João 17:3*** "***E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste***") como Jesus orou.

Clifford Durousseau, M.A.Th.,
Estudiante de doctorado, Estambul, Turquía

Agradecimentos

Os meus sinceros agradecimentos a todos os que me ofereceram consistentemente conselhos sábios e críticas construtivas. O vosso entusiasmo pelas grandes verdades da Escritura e pela vida, morte e ensinamentos do Messias Jesus leva-vos adiante numa onda de entusiasmo por esse mesmo Jesus judeu que recitou o credo não trinitário de Israel. Recordo com especial gratidão Helen, Delroy, Alex, Ray, Dan, Charles, Charles, Greg, Jack, Clifford, Steven, Martha e Sarah, minha filha e editora, sem cuja habilidade e paciência nenhum dos meus livros teria visto a luz do dia.

Introdução

> "Devemos recordar que a teologia cristã não acredita em Deus como uma só pessoa. Acredita que Nele existe uma trindade de pessoas como uma divindade unitária.". **[1]**
>
> "Os intérpretes das crenças cristãs não têm estado normalmente particularmente interessados no que Jesus pretendia e fazia durante a sua própria vida.". **[2]**
>
> "Para Jesus, como para o Seu povo ao longo de muitos séculos, Deus foi um só. *Ele não modificou esta antiga crença*". **[3]**

Este livro tenta definir quem é o Deus da Bíblia. Um tal projecto pode parecer uma tarefa bastante grandiosa. Mas o meu objectivo é estritamente definido. Proponho procurar o significado de "o Deus único" como objecto do nosso culto cristão. O que significa a Bíblia "um só Deus"? O que se entende por monoteísmo bíblico? Diferentes grupos de crentes cristãos em desacordo afirmam ser monoteístas. Os muçulmanos afirmam ser monoteístas. Os judeus também fazem esta reivindicação fundamental. A grande e premente questão é: *Como define Jesus e como define a Bíblia a ideia de "um só Deus"*?

A minha pesquisa é para comparar o credo do Jesus histórico e o dos escritores do NT e o seu credo. **[4]** como é quase universalmente entendido por todos os frequentadores da igreja como é entendido por todos os paroquianos que se reúnem afirmando ser seguidores de Jesus. Nestes capítulos, refiro-me frequentemente ao "*Shema*" (***Deuteronómio 6:4; Marcos 12:29***) como o credo central de Jesus. Estou em constante intercâmbio com muitos teólogos de renome que comentaram o estrito monoteísmo de Jesus. Posso assumir que uma parte considerável da literatura cristã confirma a minha tese de que Jesus insistiu nesta confissão unitária. Neste sentido, a prática e crença atual das igrejas é refutada pela sua própria literatura e seria igualmente criticada por Jesus. Defendo que a substituição da confissão de Jesus por uma definição trinitária de Deus não é uma "transição dentro do monoteísmo bíblico" **[5]**. Isto não me convence, nem convence milhões de pessoas, que o trinitarismo é, de forma alguma, monoteísmo bíblico. **[6]**

Em capítulos posteriores tentei expor os argumentos falaciosos a que os apologistas "ortodoxos" recorreram frequentemente para apoiar a noção errada de que Jesus e os Apóstolos acreditavam que Deus era três em um. Creio que o público foi gravemente enganado porque não tiveram a capacidade crítica de ver através de tais argumentos.

Não acredito que o NT alguma vez tenha dito que Jesus afirmou ser o Deus de Israel, o único Deus verdadeiro. Por que razão, então, os seguidores de Jesus deveriam aderir a uma crença que Jesus não deu qualquer indicação de posse? Se ser cristão significa seguir Jesus Cristo, então o primeiro objetivo de um cristão seria partilhar a mesma visão de Deus que foi expressa por Jesus. O credo de Jesus seria automaticamente o credo dos seus seguidores. Jesus, como revelam os registos bíblicos, deixou perfeitamente claro quem ele acreditava que Deus era. Mas as igrejas têm feito muito para que a perceção de Jesus sobre a identidade de Deus seja pelo menos confusa, se não incompreensível.

Penso que os cristãos deveriam estar profundamente preocupados que a sua definição de Deus corresponda à definição de Jesus de Deus. Não estou a falar aqui das qualidades ou atributos de Deus, que

Ele é amor e assim por diante. Estou a investigar esta única questão: Quantos é Deus? Estou a investigar o NT para ver se Jesus alguma vez deu a sua aprovação à ideia de que Deus é três pessoas **[7]** (trinitarismo). Ou ensinou que Deus é uma só pessoa (unitarismo) **[8]**? Existe uma diferença fundamental entre um Deus unipessoal e um Deus tripessoal.

A nossa decisão sobre qual destes "deuses" é o Deus da Bíblia irá afetar drasticamente a nossa compreensão de quem Jesus é. Primeiro temos de saber como Jesus definiu Deus. Se Deus é uma pessoa, então a questão seguinte é obviamente "quem é Jesus?" Estas são questões centrais sobre como o nosso universo está ordenado. Precisamos de respostas bíblicas claras e sólidas. Estas são perguntas profundamente práticas. Precisamos de clareza sobre estas questões para que possamos abordar Deus "***em espírito e em verdade***", como Jesus disse para fazer (***João 4:24***).

Instintivamente, os leitores da Bíblia são atraídos pelas palavras de abertura do Evangelho de João para aí obterem um conceito sobre a segunda pessoa da Santíssima Trindade. A minha tese é que eles interpretam e entendem mal João nesta passagem para contradizer a Bíblia hebraica e a visão estritamente unitária de Jesus fornecida pelos outros escritores do Evangelho. Forçar a Trindade no NT choca com a visão verdadeira e unitária e unificada de Deus que nos foi dada na Escritura.

Os credos fornecem a constituição básica das igrejas cristãs. Submeto que o credo de Jesus, registado no NT, não é o credo das igrejas que hoje reivindicam o seu nome. Quando o NT é lido no seu contexto próprio, nunca se desviou um iota da confissão que Jesus fez como parte do maior mandamento. Os seguidores de Cristo podem estar certos de que seguem Jesus no coração e no centro da fé ─ a fé em Deus. Mas serão eles informados de como surgiram as confissões da igreja a que pertencem e não pouparam esforços para que a confissão da igreja fosse reconhecida por Jesus? Era Jesus um Trinitário?

Duvido muito que a maioria dos fiéis tenha prestado muita atenção a esta questão fundamental. A definição tradicional de Deus como "Três em Um" domina a paisagem eclesiástica como um dogma inquestionável. Os debates abertos sobre este credo tradicional são pouco frequentes. Contudo, quando é questionada, as autoridades eclesiásticas insistem assiduamente na sua veracidade. Os fiéis parecem intimidados a submeter-se a este dogma sobre Deus. No entanto, os membros da igreja não ouvem frequentemente sermões sobre a origem ou significado da afirmação de que "Deus é Três em Um". Na maioria dos casos, não podem defender este conceito de pontos de vista opostos. Foi-lhes simplesmente dito para rotular como "sectário" qualquer pessoa que questione a definição adotada de Deus. Na sua maioria desconhecem completamente a constante oposição de especialistas históricos e estudiosos bíblicos que se opunham à crença num Deus que, num, ao mesmo tempo, inexplicavelmente três, é três em um.

Estou convencido de que "*a falsa fé aprisiona as mentes de homens e mulheres. A verdade liberta-os*". **[9]** Não podemos dar-nos ao luxo de nos agarrarmos a falsas crenças, especialmente em questões tão centrais como o Deus da Bíblia e o Deus de Jesus. Mais do que qualquer outra coisa, precisamos de clareza e certeza sobre quem é Deus. Todos precisamos de ter a certeza de que quando falamos de Deus, estamos a falar do mesmo Deus a quem Jesus chamou Deus. Acima de tudo, como cristãos, precisamos da certeza de que Jesus aprova a nossa confissão de fé. Se somos seguidores de Jesus, devemos começar a assegurar-nos de que seguimos a confissão de fé de Jesus confessando a sua definição de Deus. Como embaixadores de Cristo, precisamos da garantia total de que estamos a levar o verdadeiro Deus da Bíblia aos muitos que não conhecem Deus. A verdadeira visão de Deus e de Jesus é da maior importância pela seguinte razão. Para citar *R. Alan Cole*: "*Adorar Cristo com falsas crenças sobre Ele é adorar um falso Cristo,*

independentemente do que lhe chamemos; pois ao fazê-lo imaginamos que Ele é diferente Dele, e que não é revelado nas Escrituras". **[10]**

Como muitos sabem, a Igreja tem uma história feia de perseguição e até de assassinato de todos aqueles que ousaram questionar os seus dogmas acarinhados. No preciso momento em que a Igreja, sob Constantino, começou a identificar-se com a força militar, estava ocupada a pôr em pedra as suas decisões conciliares sobre Deus e Jesus e a sua relação um com o outro. A introdução da violência como meio legítimo de lidar com inimigos e "hereges" parecia andar de mãos dadas com a tática de perseguir e banir qualquer pessoa que se recusasse a concordar com a definição invulgar de Deus como Trindade. Poderia haver um poder sem amor por detrás desta mesma definição gentia de Deus através da qual a Igreja se vendia ao mundo e perdia o seu estatuto "estrangeiro", que era tão precioso para o NT? Será que a Igreja baniu realmente Jesus do seu seio ao insistir numa teologia filosófica grega assustadoramente complexa que Jesus nunca teria reconhecido? Será que uma tendência antissemita latente se esconde no facto de a Igreja evitar a confissão de fé judaica de Jesus?

Não sou pessoa para inventar coisas novas. Basta consultar o relato amplamente lido da Reforma para perceber que o nosso assunto tem um passado rico.:

> Alguns dos radicais de cerca de 1530 levantaram questões ainda mais profundas sobre a Igreja depois de Constantino: disseram que esta tinha compreendido radicalmente mal a natureza de Deus... O problema estava no cerne do cristianismo. Girava em torno do paradoxo de a Igreja nos seus primórdios ter identificado o Jesus crucificado não só como o Messias ou Cristo esperado pelos judeus, mas como o próprio Deus... Assim, uma religião que tinha herdado a firme convicção de que Deus é Um também falou dele em três aspetos: Pai, Filho e Espírito Santo. A Igreja passou os seus primeiros quatro séculos a debater como isto poderia ser. Teve de mudar a sua história de um Deus trino que se tinha tornado homem com a sua herança judaica de monoteísmo e a herança grega de Platão... Estas disputas teológicas, acrimoniosas, complicadas e cada vez mais misturadas com questões de poder político, culminaram em decisões tomadas numa série de conselhos eclesiásticos nos séculos IV e V, desde Niceia (325 d.C.) a Calcedónia (451 d.C.). **[11]**

Estes factos falam por si. A questão é se a imagem do Jesus judeu, o heroico fundador do cristianismo apostólico, foi distorcida durante estes infelizes séculos de amarga disputa sobre quem Deus e Jesus são. Não seria melhor para os crentes distanciarem-se deste período formativo e contencioso da história e regressarem aos próprios documentos cristãos?

Estará a Igreja hoje apenas afirmando cegamente as suas prescrições de coesão social e identidade baseadas numa definição de Deus que tem sido alimentada e honrada ao longo de séculos de repetição? Estas questões merecem uma investigação cuidadosa por parte de qualquer pessoa que afirma amar a Deus e a Jesus com todo o seu coração e mente. Os capítulos seguintes são dedicados a este inquérito.

Notas Finais Introdução.

[1] *C.S. Lewis*, "*Christian Reflections*" (Reflexões Cristãs), Eerdmans, 1995, 79.

[2] *Richard Hiers*, "*Jesus and the Future*" (Jesus e o futuro), John Knox Press, 1981, 1.

[3] "Dios", "*A Dictionary of Christ and the Gospels*" (Um dicionário de Cristo e os Evangelhos), Charles Scribner's Sons, 1906, 1:650. Itálico pelo autor.

[4] O Credo, conhecido por muitos dos fiéis, foi estabelecido cerca de trezentos anos após o ministério de Jesus no Concílio de Nicéia em 325 d.C.

[5] *Harold O.J. Brown*, "*Heresies: Heresy and Orthodoxy in the History of the Church*" (Heresias: Heresia e Ortodoxia na História da Igreja), Hendrickson, 1998, pag. 431.

[6] Estou a pensar especificamente em judeus e muçulmanos, para além do grande número de "dissidentes" cristãos ao longo dos séculos. Os judeus estão convencidos de que a sua Bíblia hebraica exclui uma Trindade, e o Corão muçulmano adverte os seus seguidores contra o comprometimento da unidade de Deus.

[7] É bem conhecido que os peritos trinitários não gostam da palavra "pessoa" porque não reflete o antigo termo grego utilizado na formulação das confissões. No entanto, as suas alternativas são muito vagas e indefinidas e não fazem sentido para a maioria dos fiéis. Quando os membros da igreja ouvem a palavra "pessoa", rendem-se à crença em três pessoas, cada uma das quais é Deus. O "*nephesh*" hebraico corresponde a "pessoa, ser individual". Até Deus é descrito como um "*nephesh*", ou seja, como um único ser. Deus fala de "***minha alma***" ... "***o meu espírito***" (***Isaías 42:1***). É um "eu" único.

[8] O termo Unitarismo significa simplesmente a crença de que Deus é uma pessoa divina. O meu uso deste termo não deve ser confundido com a actual crença unitária universalista..

[9] *F.F. Bruce*, "*The Gospel and Epistles of John*" (O Evangelho e as Epístolas de João), Eerdman, 1994, página 196.

[10] *Marcos* "*Tyndale New Testament Commentaries*" (Comentários do Novo Testamento de Tyndale), Eerdmans, 1983, página 199.

[11] *Diarmaid MacCulloch*, "*The Reformation*" (A Reforma), Penguin, 2003, 184, 185.

Capítulo 1

Fundamentos para acreditar em Deus e no seu Filho

> "O cristianismo primitivo adotou deliberadamente a fórmula monoteísta "Deus é Um" do judaísmo. Segundo ***Marcos 12:29-32***, Jesus reconheceu explicitamente a fórmula monoteísta judaica". **[1]**
>
> "A Igreja não pode continuar a acreditar indefinidamente em Jesus o que ele não sabia ser verdade sobre si mesmo! A questão da sua consciência messiânica é a mais vital face à fé cristã". **[2]**

Jesus definiu Deus para nós muitas vezes. Ele definiu Deus deliberada e simplesmente numa famosa declaração de credo. Jesus dirigiu-se rotineiramente ao Único Deus do monoteísmo bíblico como "Pai" (***João 17:1*** e muitos outros textos). Mas será que as igrejas estão realmente a ouvir a definição de Deus de Jesus, ou será que abandonaram o seu ponto de vista por uma ideia tradicional de Deus que Jesus não teria aceite?

Kenneth Richard Samples escreve:

> Declarações específicas das Escrituras foram usadas como declarações para os credos. No Antigo Testamento (AT), por exemplo, os israelitas usaram o "*Shema*" como seu credo para sublinhar sua devoção intransigente ao monoteísmo, embora vivessem cercados por um mundo pagão e politeísta. O "*Shema*", que os judeus usam até hoje, consiste em recitar ***Deuteronômio 6:4-9*** em oração. "*Shema*" é a palavra hebraica que significa "***Ouve***" e o ***versículo 4*** começa assim: "***Ouve, ó Israel; o Senhor nosso Deus é o único Senhor***". **[3]**

Jesus, o fundador e professor da crença e religião cristã, Ele insistiu em nada menos que o "*Shemá*" como um guia para a verdadeira teologia e fé (***Marcos 12:28-34***).

Como cristão, aceito as verdades fundamentais de nossa fé conforme nos são reveladas nas escrituras da Bíblia hebraica e do NT grego. Eu acredito que a Bíblia tem autoridade divina sólida para as reivindicações de verdade da fé cristã. Está claro para mim que Jesus e os apóstolos viam a Bíblia como uma revelação divina, como um guia duradouro para as pessoas em um mundo obviamente caído. Jesus foi o "biblicista" por excelência que declarou que "***a Escritura não pode ser anulada***" (***João 10:35***) e ensinou extensivamente na Bíblia sobre si mesmo, sua verdadeira identidade, da "***Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos***" (***Lucas 24:44***). Minha intenção é descrever Jesus em sua descrição de quem Deus é e quem ele é, Jesus. Em última análise, esta é a base de nosso Deus e sua adoração..

Paulo, é claro, era igualmente firme em sua convicção sobre a inspiração do cânon das Escrituras. Para ele, Deus havia "inspirado" os escritos sagrados, que, portanto, representavam a mente ou o espírito de Deus (***2 Timóteo 3:16***). A Escritura era uma biblioteca divina destinada a nos instruir na vontade de Deus.

Paulo, como apóstolo de Jesus, afirmou falar sob inspiração. [4] Ele certamente conhecia o credo judaico de Jesus e falava de sua própria judaicidade. O Deus a quem ele e todos os apóstolos serviam era o Deus de Israel, "***O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais***" (ver ***Atos 3:13; 5:30; 22:14; 24***).

Não há sinal de que Paulo ou Pedro tenham questionado esse credo, muito menos o abandonado. A crença em Deus, como o Pai de Jesus e o Único Deus da Bíblia, faz parte do dado fixo da teologia de Paulo. Para ele ter alterado o credo de sua herança e a de Jesus, seria necessário um tratamento extensivo nos registros do NT, mais ou menos como a nova verdade destruidora de que os gentios poderiam se tornar parte plena do povo de Deus sem circuncisão na carne, conforme discutido em detalhes em o primeiro conselho da Igreja em ***Atos 15*** e no livro de Gálatas.

Não há uma única palavra no NT sobre tais mudanças revolucionárias na definição de Deus. Não há nada nos relatos registrados do ministério de Paulo que redefina quem é o Deus de Israel e, portanto, o Deus dos cristãos.

Estou alarmado com a hostilidade encontrada por aqueles que questionam o dogma do Deus trino. Em vez do princípio protestante de investigação livre e independente, reina uma atmosfera aterrorizante de raiva e indignação de que alguém sugira que Jesus não era um trinitário. Esquecemos que nosso Salvador era judeu? Levamos a sério a lição de Jesus de que a violência é impensável? Essa persuasão fundamentada é o método apostólico de ensinar a verdade? Que o uso da força para impor conformidade em questões de doutrina é uma rejeição do cristianismo em sua essência?

Uma experiência recente envolveu-me em uma conversa com um pastor calvinista. Sua abordagem para mim sobre a questão da definição de Deus foi feroz e condenatória. A horrível palavra "herege" foi usada livremente e a acusação era de que eu e minha família não éramos cristãos em nenhum sentido. Nós adoramos um Deus estranho. A discussão foi um lembrete terrível dos terríveis eventos do século 16, quando o líder protestante *João Calvino* decidiu destruir um jovem estudioso da Bíblia, *Miguel Servet*, simplesmente porque ele não podia aceitar que Deus era uma Trindade e se opunha ao batismo infantil. . Ele pagou com a vida por essas crenças nas mãos de um dos mais influentes reformadores protestantes. A história é um testemunho chocante de um assassinato brutal na fogueira em nome de Jesus. E *Calvino* morreu sem lamentar sua participação na morte de *Miguel Servet*. Este evento deve provocar um amplo debate entre os fiéis, especialmente entre aqueles que se identificam com o nome de *Calvino*. É temeroso ser associado àqueles cuja ausência de amor cristão é tão marcante que eles consideram certo matar seus oponentes teológicos. **[5]**

A história da Igreja está repleta de histórias da Igreja expressando sua ira e até mesmo impondo a pena de morte a qualquer um que questione os credos estabelecidos pelos conselhos da igreja. Este fato assustador deve preocupar urgentemente os estudantes do ensinamento salvador de Jesus. A brutalidade em apoio a uma doutrina tradicional é impensável se quisermos tomar a mente de Jesus como nosso guia..

Em outra ocasião, uma organização interessada em manter a "heresia" sob controle anunciou que um instituto bíblico unitarista era uma seita teológica a ser evitada a todo custo. evite a todo custo. Jamais esquecerei o suspiro de cerca de 400 pessoas quando o porta-voz da "ortodoxia" lhes disse que, embora Anthony acreditasse que Jesus era o Messias e o Filho de Deus, e na ressurreição e futuro retorno de Jesus, ele não acreditava que fosse realmente Deus. Muitas das senhoras na platéia se lançaram sobre mim e minha

esposa no final da sessão, implorando para nos salvarmos do fogo eterno do inferno. Percebi que seu zelo excedia em muito seu conhecimento sobre o assunto. Eles pareciam não saber que o Apóstolo de nossa fé, Jesus (***Hebreus 3:1***) havia declarado claramente sua crença no credo unitarista de sua herança judaica. Mas esses fatos simples não pareciam importar. Apoiar as tradições de sua igreja foi a força motriz por trás desse zelo evidente para nos salvar de nossa "heresia" catastrófica. Qualquer conhecimento do desenvolvimento histórico de seu credo trinitário estava ausente desses entusiastas..

Estou plenamente convencido de que os escritores do NT falaram a verdade quando relataram, a uma só voz, que Jesus proclamou o Evangelho que salva o Reino e convidou todos os que se aproximaram dele a se prepararem como uma família real para o cargo real no próximo governo messiânico na terra. Ele morreu pelos pecados do mundo e para ratificar a Nova Aliança, e três dias depois voltou à vida. Estou convencido de que ele deixou seu túmulo e estava visível e tangivelmente presente com aqueles que o conheceram antes de sua crucificação. Prometo acreditar no fato histórico inegociável do retorno de Jesus à vida, como pilar indispensável do cristianismo genuíno. Por trás do surpreendente drama da origem sobrenatural de uma virgem, a pregação do Evangelho e o ministério de cura de Jesus, sua crucificação, ressurreição, ascensão e retorno prometido em sua futura Segunda Vinda para iniciar uma nova ordem política e social na terra, está a mão invisível do Deus de Abraão, Isaque e Jacó, que também era o Deus de Jesus.

Não tenho motivos para supor que o Jesus ressuscitado foi imaginado por seus seguidores. Eles não tinham absolutamente nenhuma razão para mentir sobre o que seus sentidos lhes haviam ensinado ser factual e verdadeiro. Eles afirmam sem rodeios que "***nós que comemos e bebemos com ele*** [Jesus] ***depois que ressurgiu dentre os mortos***" (***Atos 10:41***). "***Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos; e foi visto muitos dias pelos que, com ele, subiram da Galiléia para Jerusalém, os quais são agora as suas testemunhas perante o povo***" (***Atos 13:30, 31***). Acredito que sim, com base no testemunho daqueles que viveram mais de perto aqueles acontecimentos e, portanto, puderam narrá-los com precisão. Não tenho motivos para pensar que Lucas, por exemplo, inventou contos de fadas quando contou os eventos do início sobrenatural de Jesus em Maria, seu ministério de pregação e sua execução nas mãos de romanos e judeus cruéis e intolerantes. Lucas provou repetidamente ser bem informado em seu conhecimento da história e das questões contemporâneas. Ele não dá nenhuma indicação de que abandonou sua intenção de relatar fatos históricos, ou que se desviou para a mitologia quando nos conta que o Jesus ressuscitado deu um curso de seis semanas de instrução sobre o Reino de Deus para seus alunos escolhidos (***Atos 1:3***). **[6]**

O sermão de Paulo na Antioquia da Pisídia apresenta os fatos cristãos de forma transparente e simples, chamando nossa atenção e nossa fé. Pablo me parece totalmente convincente. Ele não apenas acredita que Jesus ressuscitou dos mortos, mas também vê o drama bíblico centralizado em Deus e Jesus, não em Deus e Deus.

> "***Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe*** **DEUS** ***a Israel o Salvador, que é*** **JESUS,** ***havendo João, primeiro, pregado a todo o povo de Israel, antes da manifestação dele, batismo de arrependimento. Mas, ao completar João a sua carreira, dizia: Não sou quem supondes; mas após mim vem aquele de cujos pés não sou digno de desatar as sandálias. Irmãos, descendência de Abraão e vós outros os que temeis a*** **DEUS,** ***a nós nos foi enviada a palavra desta salvação. Pois os que habitavam em Jerusalém e as suas autoridades, não conhecendo Jesus nem os ensinos dos profetas que se leem todos os sábados, quando o condenaram, cumpriram as profecias; e, embora não achassem nenhuma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. Depois de cumprirem tudo***

> ***o que a respeito dele estava escrito, tirando-o do madeiro, puseram-no em um túmulo. Mas Deus o ressuscitou*** **DENTRE OS MORTOS*****; e foi visto muitos dias pelos que, com ele, subiram da Galiléia para Jerusalém, os quais são agora as suas testemunhas perante o povo. Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo:*** **TU ÉS MEU FILHO, EU, HOJE, TE GEREI.** ***E, que Deus o ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse: E cumprirei a vosso favor as santas e fiéis promessas feitas a Davi. Por isso, também diz em outro Salmo:*** **NÃO PERMITIRÁS QUE O TEU SANTO VEJA CORRUPÇÃO.** ***Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção. Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção. Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés. Notai, pois, que não vos sobrevenha o que está dito nos profetas: Vede, ó desprezadores, maravilhai-vos e desvanecei, porque eu realizo, em vossos dias, obra tal que não crereis se alguém vo-la contar***". (***Hechos 13:23-41***)

O estilo do testemunho de Lucas e Paulo me parece convincente e racional. Eu ensinei o NT por muitos anos em uma faculdade bíblica, estudando o texto palavra por palavra em uma sala de aula, examinando os originais gregos, consultando a melhor erudição bíblica disponível em inglês, francês e alemão. na sala de aula, debruçando-se sobre os originais gregos e consultando os melhores estudos bíblicos disponíveis em inglês, francês e alemão. O NT exibe aquelas nobres qualidades de honestidade, pureza, coragem e zelo que são elogiadas e conquistam nossa aprovação em outros campos de atuação..

Claro, é eminentemente provável e razoável que o grande Criador não deixaria Suas criaturas ignorantes de Seu plano para a humanidade. De fato, Ele revelou Seu Plano por meio das Sagradas Escrituras, da Bíblia hebraica e do NT grego, e suprema e finalmente na pregação evangélica e no ensino de Jesus e de seus Apóstolos. A ressurreição de Jesus simplesmente valida toda a história, colocando o próprio selo de aprovação de Deus em todo o drama, ainda a ser concluído..

Eu teria muito mais dificuldade em acreditar que os escritores da Bíblia eram fraudulentos. Que motivo eles tiveram para criar uma farsa tão brilhante, se é isso que a história do NT sobre Jesus e seus seguidores realmente é? Vamos imaginar que sua história foi deliberadamente falsa. O que eles poderiam ganhar relatando alegremente sua convicção, baseada no contato face a face com Jesus que havia ressuscitado após ser morto, de que Deus havia realizado um maravilhoso milagre criativo ao trazer o Messias crucificado de volta à vida? Se Deus tivesse criado o homem em primeiro lugar, que objeção poderia haver a ele ressuscitar um homem? Por que aqueles primeiros cristãos heróicos causaram a ira de líderes religiosos e seculares hostis ao negociar com o que eles sabiam ser uma falsidade grosseira — que seu amado líder havia sido visivelmente devolvido a eles após a morte?

É algo mais do que uma forma de loucura para pessoas afastadas dos eventos por cerca de dois mil anos afirmarem que sabem melhor o que aconteceu do que aquelas que puderam consultar testemunhas reais da história cristã?

Embora eu acredite apaixonadamente nas reivindicações extraordinárias e ainda eminentemente sãs dos escritores do Novo Testamento, tenho a maior reserva sobre o que a Igreja, afirmando ser uma seguidora

de Jesus, fez mais tarde com a fé daqueles cristãos originais. Acho que a história mostra uma enorme diferença entre o que ao longo dos séculos veio a ser conhecido como a fé cristã e o que encontramos relatado como cristianismo do primeiro século. Acho que houve uma deterioração e distorção radical logo após a morte dos apóstolos, João, que morreu no final do primeiro século, sendo o último deles..

A prova da mudança significativa no sistema de crenças que ultrapassou os cristãos pós-bíblicos é mais óbvia do que a mudança que ocorreu na questão de definir quem são Deus e Jesus. O coração do Cristianismo, como Jesus o trouxe pela primeira vez para nós, foi permanente e adversamente afetado. Acho que a Igreja sofreu graves danos quando o Deus Único, o Pai do Senhor Jesus, foi transformado em dois e três, e o Jesus humano, o Filho de Deus, foi escurecido. Acho que posso demonstrar a mudança radical para pior que ocorreu simplesmente citando a evidência clara do que Jesus disse sobre Deus e sobre si mesmo em relação a Deus, e comparando-o com o que a Igreja institucionalizou mais tarde, após séculos de lutas internas e argumentação muitas vezes violenta. , proclamada como sua visão de Deus e Jesus.

Como é bem sabido, o que se pretendia ser a visão correta ("ortodoxa") de Deus e Jesus acabou sendo gravado em pedra nos credos da igreja, especialmente no Concílio de Nicéia em 325 e Calcedônia em 451. Isso foi apenas depois de séculos de argumentação amarga e desconcertante. Mesmo depois das disputas de Calcedônia sobre como descrever quem era Jesus, elas continuaram, e, segundo a sincera admissão de um especialista contemporâneo em história do cristianismo, "a demanda por uma reavaliação completa da fé da igreja em Cristo *até o dia de Hoje* é urgente". **[7]**

Essa necessidade urgente de reavaliação é destacada para mim em uma citação dramaticamente interessante de um livro informativo de um erudito professor de teologia sistemática na "*Trinity Evangelical International University*" (Universidade Evangélica Internacional da Trindade). No final de um exame histórico abrangente da doutrina, ele lamenta o que vê como um afastamento atual dos credos clássicos que formaram a espinha dorsal do cristianismo tradicional. Infelizmente, ele pensa, estamos indo além do Concílio de Calcedônia, que ele formulou em 451 DC. C. a famosa doutrina das "duas naturezas" sobre Jesus:

> Em teologia, devemos dizer que agora parece que entramos em uma era pós-calcedônia. A transformação que esse desenvolvimento anuncia é maior do que qualquer coisa que aconteceu até agora dentro do Cristianismo. Só pode ser comparada com a transição dentro do próprio monoteísmo bíblico, do monoteísmo unitário de Israel ao trinitarismo do Concílio de Calcedônia. A diferença é simbolizada pela transição da oração "*Shema Yisrael*" de ***Deuteronômio 6:4*** ("***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***…"), para a confissão do Credo Atanasiano, "Nós adoramos um Deus na Trindade e na unidade".

Este é um comentário incrivelmente interessante. O professor pergunta:

> A transição do monoteísmo pessoal de Israel para o teísmo tri-pessoal de Nicéia foi um desenvolvimento legítimo da revelação do AT? Os cristãos dizem que sim, argumentando que Nicéia representa uma exibição mais completa, não uma distorção, da autorrevelação do Deus de Israel. **[8]**

O que me impressiona nesta citação é, em primeiro lugar, a admissão sincera do professor de que a mudança do monoteísmo unitário de Jesus para a doutrina trinitária nicena aconteceu e foi verdadeiramente importante. O que me alerta para o risco de uma aceitação acrítica da "tradição" pela tradição, o que me

levanta as suspeitas e me leva à investigação feita nestes capítulos é isto: que o professor aparentemente não percebeu que Jesus era ele quem atribuído ao monoteísmo unitário de Israel. Jesus não deu nenhuma indicação de que uma "transição" para outra forma de "monoteísmo" seja concebível ou legítima. De fato, como os cristãos poderiam imaginar ir além do credo que Jesus declarou ser o coração e o cerne do verdadeiro conhecimento de Deus?

O professor parece questionar se é lícito abandonar o que Jesus ensinou sobre Deus, sobre a teologia de Jesus. Ele não parece preocupado com o fato de termos nos afastado da teologia de Jesus. Ele não parece preocupado com o fato de Jesus ter falado de "Jeová, nosso Deus", o Deus de Israel, que definitivamente não era um Deus Triuno.

Essa pergunta feita pelo professor *Brown* fornece a tese da minha pesquisa. Minhas descobertas podem causar algum alvoroço, mas se o fizerem, acho que um bom propósito pode ser servido. Argumentarei que qualquer falha em ouvir Jesus como nosso rabino é perigosa. Seus ensinamentos estão entrelaçados com advertências de que suas palavras devem ser atendidas. Em um grau alarmante, acredito que os paroquianos abordam a fé sem pensar, alegremente sem perceber de onde vêm suas crenças. Nessa condição, temo que eles possam estar completamente abertos ao engano, e o engano deve ser evitado a todo custo, e "***o amor da verdade para serem salvos***" (***2 Tessalonicenses 2:10***) deve ser promovido como a primeira prioridade na vida. Se os adesivos nos carros devem identificar seus motoristas como aqueles que "têm Jesus", não deveríamos estar absolutamente certos de que eles não se afastaram, de fato, do Messias Jesus do primeiro século, que recita o "*Shemá*?" ?

Antecedentes Históricos

O público que frequenta a igreja parece desinteressado na história do dogma e propenso à desinformação nesse vácuo de informação. Até mesmo a história do desenvolvimento do conceito trinitário de Deus foi deturpada. Isso levanta minhas suspeitas e confirma minha crença de que tanto Jesus quanto Paulo falaram profeticamente quando advertiram sobre a futura apostasia da fé. Jesus, compreendendo tanto a natureza humana quanto a astúcia de Satanás, perguntou-se se a verdadeira fé sobreviveria até o tempo de seu futuro retorno (***Lucas 18:8***). Paulo falou da verdade original sendo substituída por ficções fantasiosas disfarçadas de cristianismo, do clamor popular para "***cercar-se-ão de mestres***" que pregarão às pessoas não a verdade, mas o que elas querem ouvir (***2 Timóteo 4:3, 4***). E se essas previsões se concretizarem?

A falsificação do fato histórico não me convence da objetividade de algumas autoridades em sua abordagem da verdade de nossa polêmica questão. *RPC Hanson*, um dos principais especialistas no desenvolvimento da doutrina, lamenta a paródia que é apresentada sob a forma de um relato verdadeiro de como a doutrina tradicional de Deus se desenvolveu. O professor *Hanson* ensaia a conhecida batalha entre Deus e a ortodoxia:

> A versão relacionada à controvérsia ariana, que durou de 318 a 381, e que é encontrada até muito recentemente em praticamente todos os livros didáticos, é mais ou menos assim: No ano 318, um presbítero chamado *Ário* foi repreendido por seu bispo *Alexandre de Alexandria* por ensinar doutrina errônea sobre a divindade de Cristo, no sentido de que Cristo era um deus criado e inferior. Quando a controvérsia aumentou porque *Ário* era apoiado por bispos vilões e coniventes como *Eusébio de Nicomédia* e seu homônimo de Cesaréia, o imperador

> *Constantino* convocou um concílio geral em Nicéia que elaborou um credo destinado a suprimir o arianismo e encerrar a controvérsia. Mas devido à astuta engenharia política e eclesiástica dos arianos, esse projeto piedoso foi frustrado. Apoiadores da visão ortodoxa, como *Atanásio de Alexandria*, *Eustáquio de Antioquia* e, mais tarde, *Paulo de Constantinopla*, foram expulsos de suas sedes por acusações forjadas e enviados para o exílio. Mas Atanásio bravamente e resolutamente lutou a batalha pela ortodoxia [Trinitária], quase sozinho até que nos últimos estágios da controvérsia ele se juntou a outros porta-estandartes da ortodoxia, como *Hilário de Poitiers*, o *Papa Dâmaso* e os três Capadócios, *Basílio de Cesaréia*, *Gregório de Nazianzeno* e *Gregório de Nissa*. Finalmente, com a ajuda do imperador *Teodósio*, o certo prevaleceu, as forças do erro e da maldade representadas pelos arianos foram derrotadas e esmagadas, e a formulação de Constantinopla em 381 do Credo Niceno revisado (325 dC) coroou o triunfo da fé verdadeira.
>
> Este relato convencional da controvérsia, originalmente derivado da versão dada pelo lado vitorioso, é agora reconhecido por um grande número de estudiosos como *uma farsa completa*... No início da controvérsia, ninguém sabia a resposta correta. **[9]** Não havia "ortodoxia" na questão de "quão divino é Jesus Cristo?" É a priori implausível sugerir que houve uma controvérsia por nada menos que sessenta anos na Igreja... sobre uma doutrina cuja forma ortodoxa era bem conhecida por todos os envolvidos e era conhecida há séculos.. **[10]**

Hanson então acrescenta este fato interessante:

> O Credo Niceno de 325 produzido para acabar com a controvérsia falhou categoricamente em fazê-lo. Na verdade, ele finalmente aumentou a confusão, porque seu uso das palavras "*ousia*" [essência] e "*hipóstase*" [pessoa] era tão ambíguo que sugeria que os pais de Nicéia haviam caído no sabelianismo [Deus é uma pessoa em três modos], uma visão reconhecida como heresia mesmo naquele período.

Hanson conclui seu estudo histórico observando que os erros e falhas "não foram limitados aos proponentes de qualquer doutrina em particular, e não podem ser incluídos sob o título de uma 'conspiração ariana maligna'. A falha inicial mais séria foi a má conduta de *Atanásio* em seu quartel-general em Alexandria".

Este breve relato das lutas que levaram ao conceito padrão de Deus no cristianismo deve alertar o leitor para o fato de que nada que levou à "ortodoxia" traz as marcas do espírito brando e verdadeiro de Jesus, cujo conceito de Deus não provocou qualquer um. do caos que essa história posterior testemunha. O que é necessário é um novo olhar para toda a questão de Deus e do Filho de Deus..

Este livro espera dar uma pequena contribuição para essa tão necessária revisão das estruturas básicas do Cristianismo "recebido". Quero mostrar a você que a rutura que afetou o cerne do sistema de crenças de Jesus e seus primeiros seguidores teve efeitos tremendos e de longo alcance na história da religião. Corpos inteiros de crentes em Deus estão em desacordo uns com os outros por desacordo sobre a mais importante de todas as questões teológicas: Quem é Deus? E quem é Jesus? E qual é a sua relação com o Deus da Bíblia?

A Questão

A questão a ser abordada nesses capítulos pode ser resumida da seguinte forma: a declaração bíblica e transparentemente simples de Jesus de que "***o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor***" (***Marcos 12:29***) realmente justifica séculos de disputas? ou as igrejas simplesmente rejeitaram seu fundador e Salvador judeu no nível mais fundamental? A afirmação de Jesus sobre a identidade de Deus é tão difícil de entender? É realmente um mistério incompreensível? Ou introduzimos uma complicação assustadora na definição de Deus dada por Jesus? O credo, como muitos apologistas modernos da "ortodoxia" nos dizem, realmente desafia a descrição e permanece inescrutável e inacessível às leis da linguagem e da lógica? O credo de Jesus é negociável por algum motivo? A Igreja, em vez da Bíblia, criou um problema sobre quem é Deus e depois despendeu desnecessariamente sua energia tentando desvendar seu próprio enigma?

Existe também um viés antissemita deplorável contra a aceitação do Jesus judeu e sua definição credencial de Deus? Se assim for, a Igreja precisa confessá-lo e reconciliar-se com outros que rejeitou como "hereges". A Igreja precisa se assegurar de que suas tradições não descartaram a crença básica do próprio Jesus na identidade de Deus.

O que *não* estou dizendo é que podemos entender tudo sobre Deus. O que proponho é que Deus *nos revelou* claramente na Bíblia quantas coisas são. Acordar nessa questão poderia aliviar muito as tensões que existem atualmente entre os principais grupos religiosos. Pode-se começar a ver quem é o verdadeiro Deus, "***o único Deus verdadeiro***", "***o único que é verdadeiramente Deus***", como Jesus o chamou (***João 17:3; 5:44***), e o que Ele revelou em sua filho único, Jesus.

Os cristãos não deveriam seguir Jesus Cristo e, se sim, por que não recitam unanimemente seu credo? Será que um afastamento do credo de Jesus traria confusão inevitável para a Igreja – uma punição por perturbar o entendimento correto de quem é Deus? O NT sanciona milhares de denominações diferentes e dissidentes? **[11]** Você já autorizou um afastamento do ensino claro de Jesus sobre quem é Deus?

Sugiro que a Igreja, impulsionada de alguma forma curiosa por uma aversão a todas as coisas judaicas, abandonou o próprio credo judaico de seu fundador e Salvador judeu, Jesus. Os resultados da gigantesca bagunça eclesiástica que ocorreu são visíveis ao nosso redor. A história da igreja está repleta de disputas embaraçosamente óbvias, excomunhões e até assassinatos, tudo sobre a questão de quem são Deus e Jesus. Esses conflitos não são fruto do espírito. Jesus nunca sancionou o assassinato de outros crentes por doutrina. No entanto, isso aconteceu. Protestantes e católicos romanos têm sido culpados de crueldade espantosa para com qualquer um que desafie sua autoridade teológica, a ponto de matar seus oponentes. Em vez de estender a mão amorosa e pacientemente àqueles que eles consideravam "hereges", a Igreja empunhou a espada física contra eles. E as informações sobre esses assassinatos sem sentido em nome de Jesus muitas vezes foram mantidas longe do público que frequenta a igreja.

O cristianismo está fragmentado em milhares de grupos concorrentes. Bilhões de muçulmanos e cristãos têm concepções mutuamente exclusivas de quem são Deus e Jesus. E os judeus, juntamente com os muçulmanos, são proibidos, por sua adesão ao monoteísmo estrito, de fazer causa comum com os cristãos, que afirmam que o Messias judeu que veio (e está voltando) *era Deus. Para judeus e muçulmanos isso obviamente implicaria acreditar em dois deuses, e acreditar em dois deuses não é monoteísmo. Isso seria um claro desvio para o paganismo.*

Minha tese certamente não é uma invenção nova. Estudiosos de primeira linha, **[12]** do passado e do presente, fizeram o mesmo que exponho neste livro de várias maneiras, mas suas obras são lidas principalmente por especialistas, ou estão escondidas em bibliotecas inacessíveis, e suas palavras raramente parecem ter repercussão fora da academia. O fiel médio sabe pouco ou nada do que eles disseram. Nem a maioria dos fiéis parece se importar muito sobre como chegaram às crenças que sustentam. De alguma forma, o fato de tantas pessoas boas manterem essas crenças tradicionais por milhares de anos parece torná-las inquestionavelmente verdadeiras. Uma abordagem soporífica para as questões do que muitas vezes é referido com desdém como "doutrina" parece ter permeado a comunidade da igreja.

Muito poucos dos que se sentam na igreja ouvem sermões explicando como e por que eles se reúnem sob os auspícios de um Deus trino. Eles não sabem que não conhecem a história caótica e as disputas intermináveis que levaram ao credo aceito. Eles também não sabem que o conceito de Deus como três pessoas não foi ensinado continuamente desde o NT. A ideia trinitária de Deus emergiu como um dogma fixo somente após uma luta prolongada que durou vários séculos. A parte vencedora não estava necessariamente certa. O partido vitorioso suprimiu os protestos e muitas vezes a literatura de seus oponentes. A questão de quem é Deus deveria pelo menos estar aberta a um debate fundamentado com base em fatos bíblicos e históricos. Aqueles que sabem que Deus exige que o amemos com toda a nossa "mente e força" devem sentir a necessidade de ser informados. Fazer menos é correr o risco de ser enganado.

Na atualidade:

> A maioria daqueles que professam e se dizem cristãos... costumam dizer que Jesus Cristo é Deus. Esta é a opinião atual; é ensinado pela Igreja; está estabelecido nos Credos. Mas, se o inglês médio for examinado, descobrir-se-á que ele mantém essa opinião de maneira um tanto vaga e imprecisa. Ele não pensou exatamente no que quer dizer com isso, nem considerou o que isso implica. Se lhe perguntassem se Deus é nosso Pai Celestial, você quase certamente responderia "Sim". Se você perguntasse a ele: "Tudo bem, então Jesus Cristo é nosso Pai Celestial?", Ele provavelmente responderia "Não". Mas se você continuasse: "Existem, então, dois deuses?" ele repudiaria completamente a sugestão. Então ele carrega em sua mente estas quatro proposições: **1)** "Jesus Cristo é Deus"; **2)** "Deus é nosso Pai Celestial"; **3)** "Jesus Cristo não é nosso Pai Celestial"; **4)** "Não há dois deuses". No entanto, ele nunca considerou como conciliar essas quatro opiniões separadas sobre ele; provavelmente não lhe ocorreu que eles são inconsistentes um com o outro ... O inglês médio não se preocupou com esse assunto. **[13]**

A inconsistência e contradição envolvidas na opinião de muitos crentes sugerem que algo deu errado no nível básico da definição de Deus e Jesus.

A Tradição como Perigo

Jesus alertou quase diariamente sobre os perigos das tradições da igreja. eclesiástico Ele sabia com que facilidade eles podem representar uma ameaça à revelação divina nas Escrituras. revelação divina nas escrituras. Jesus observou que Deus, seu Pai, estava procurando homens e mulheres que o adorassem dentro de uma estrutura de espírito e verdade: "***que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade***" (***João 4:24***). Isso significaria que o serviço aceitável a Deus deve ser informado pela verdade revelada e não maculado e tornado ineficaz pela falsa tradição, por mais sagrada e estimada que seja. Um erudito, o

falecido Professor *F.F. Bruce* observou isso em uma correspondência comigo há muitos anos: "As pessoas que aderem à crença apenas na Bíblia (como fazem) muitas vezes, de fato, aderem a uma escola tradicional de interpretação "*sola scriptura*". Os protestantes evangélicos podem ser tão servos da tradição quanto os católicos romanos ou ortodoxos gregos, eles simplesmente não percebem que é tradição. **[14]** Ser um cristão evangélico "nascido de novo" não é em si uma garantia de que alguém aprendeu a fé cristã da Bíblia e não de tradições impostas na Bíblia.

Surpreendentemente, raramente ocorre aos membros fiéis das igrejas que o que eles próprios consideram certo pode estar em total desacordo com os ensinamentos daquele que eles afirmam ser o pioneiro e criador de sua fé, o Messias Jesus. Esta impressionante discrepância entre a definição de Jesus de quem é Deus e a definição quase universal de Deus encontrada nos livros do Cristianismo tradicional deve ser motivo de preocupação para todos os que afirmam que a Bíblia é o único padrão definitivo para os crentes. Tenho certeza de que é demonstrável uma diferença flagrante na definição da Divindade autorizada por Jesus e a definição exigida pelos membros da Igreja hoje. Os fatos não são muito complicados, embora a introdução de visões alienígenas de Deus e de Seu Filho os tenha tornado assustadoramente complexos. Houve um grande afastamento da "simplicidade" apresentada pelo próprio Jesus. Seu credo — sua definição do verdadeiro Deus — é lucidamente simples. Ele simplesmente pede para ser acreditado.

Os credos nos lembram da estrutura básica de nossa religião. **[15]** Eles são uma declaração concisa de crença que lembra aqueles que se reúnem na igreja semana após semana da essência de suas convicções sobre Deus, Jesus e a salvação. Muitos de nós nos lembramos por toda a vida das palavras dos credos que recitamos obedientemente na igreja. Não que necessariamente entendêssemos o que estávamos dizendo, mas nossas palavras semanais pareciam ter adquirido uma santidade intocável por pura antiguidade e pelo imenso conhecimento e peso da tradição ininterrupta com a qual aparentemente eram apoiadas. Quantos de nós poderíamos ter explicado como Jesus "desceu ao inferno"? Aquele parecia ser o último lugar para onde ele deveria ter ido, dado o que queríamos dizer com "inferno". Ninguém se preocupou em explicar a mudança completa de significado que ocorreu na palavra "inferno". No caso de Jesus, nas Escrituras isso simplesmente significava que ele havia ido ao morrer para o lugar de descanso onde estão todos os mortos. De alguma forma, a Igreja parecia aumentar seu domínio sobre nós, permitindo que os credos transmitissem uma atmosfera de misticismo, até mesmo de incompreensibilidade. Talvez eles não fossem realmente inteligíveis. **[16]** As crenças religiosas poderiam ser tão racionais e lógicas a ponto de serem transmitidas em palavras inteligíveis?

Por outro lado, Jesus parecia raciocinar e contestar de maneira estrita e lógica ao tentar defender suas afirmações contra feroz oposição. Obviamente, Jesus argumentou com base no AT, a Bíblia de seu tempo. Um cristão não faria o mesmo, acrescentando as Escrituras do NT à sua fonte de informação divina? E se ele afirmasse acreditar nas palavras da Escritura entendidas em seu sentido normal, lógico e gramatical, não seria bastante suspeito ouvir os teólogos nos dizerem que a linguagem é inadequada para explicar o mistério da Trindade? na inadequação da linguagem inspirada usada por Deus para *revelar* quem Ele é (não para nos confundir).

O cristianismo deve ser baseado nos ensinamentos registrados de Jesus, que afirmou ser o Filho de Deus e o Messias e que parabenizou seus principais discípulos por sua brilhante visão divina em reconhecê-lo como tal — "***o Cristo*** [Messias], ***o Filho de Deus***" (***Mateus 16:16-18***). Sobre esse alicerce de rocha inexpugnável, Jesus prometeu construir sua Igreja. Ao fazer isso, ele forneceu o fundamento central para

uma visão sólida de quem ele era, protegendo-se da ameaça sempre presente dos rivais de Jesus. , de distorções de sua verdadeira identidade ou de outros pretendentes à devoção religiosa.

O mundo de pensamento do NT pode parecer estranho para nós no século XXI. Ainda vemos a batalha pela verdade como uma luta constante de vida ou morte? Jesus e Paulo obviamente o fazem. Nem Jesus nem Paulo defenderam apenas a boa moral ou o humanismo refinado. As pessoas não são perseguidas e assediadas por tais programas. Jesus advertiu seus seguidores de que eles teriam que carregar sua cruz todos os dias, e ele estava se referindo à cruz da crucificação. Eles teriam que esperar a oposição do "sistema", que havia sido tão inerentemente hostil a ele como o Messias de Israel. O mais surpreendente de tudo é que Jesus previu a pior forma de perseguição que poderia surgir de um bairro religioso: "***mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus***" (***João 16:2***). Tal situação só pode ocorrer se houver um grande engano dos religiosos.

Jesus Messias e Filho de Deus

Nossos registros do NT relatam unanimemente que Jesus afirmou a seus seguidores, bem como aos oficiais judeus em seu julgamento, ser o Messias prometido por sua própria herança hebraica na Bíblia hebraica. Jesus definiu o "Messias" daquela biblioteca de escritos que chamamos de AT, cujos limites Jesus definiu precisamente como "***na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos***" (***Lucas 24:44***). Esses preciosos documentos haviam prometido desde o início que um último Salvador, Rei e profeta nasceria em Israel. Claramente, Jesus via a Bíblia hebraica como um repositório da verdade divina e autorizada sobre o que seu Deus, o Criador e o Deus de Israel, estava fazendo na história humana. O papel central de Jesus no desenrolar dos planos divinos era sua posição única como "o Cristo, o Filho de Deus". Com base na compreensão dessa incrível verdade, seus próprios seguidores deveriam se unir em uma Igreja, a assembleia dos fiéis (***Mateus 16:16-18***). Eles confessaram Jesus como o Senhor Messias, o filho prometido de Davi. Alguns membros perspicazes do público o chamavam de "***Senhor, filho de Davi***" (***Mateus 15:22; 20:31***). Paulo estava convencido de que reconhecer Jesus como originário da linhagem familiar do rei Davi era uma parte essencial do evangelho salvador (***2 Timóteo 2:8***). O cerne da mensagem apostólica do cristianismo era, e ainda é, que esse Jesus ou "*Yeshua*" de Nazaré era de fato o Messias há muito prometido. Aceitar esse fato era colocar-se no caminho da salvação. Rejeitá-lo era opor-se à vontade do Deus de Israel que havia enviado Seu Filho como o tão esperado Salvador e Messias.

Não se pode aprofundar no assunto senão lembrando o que Jesus considerava absolutamente primário e fundamental. Nossa fidelidade a Jesus exige que o levemos muito a sério quando ele falou sobre os alicerces da Igreja que fundou. Jesus estava intensamente interessado em quem Pedro pensava que ele era (Jesus). Houve várias opiniões públicas, mas Jesus queria ter certeza de que Pedro tinha a verdade absoluta sobre a identidade de Jesus..

É neste ponto que Jesus poderia facilmente ter dito: "Eu sou Deus, e sobre esta pedra fundarei a minha Igreja". Essa declaração parece ser exigida hoje para membros das principais igrejas. Mas Jesus não disse nada disso. Mais uma vez, sugerimos que as igrejas traíram seu rabino e mestre ao se desviarem da definição clara do próprio Jesus sobre o que é fundamental para a fé. "***Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?***" Jesus perguntou ao apóstolo principal, Pedro. "***Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo***" Pedro respondeu com confiança. Esta resposta correta ao credo deixou Jesus feliz.: "***Bem-aventurado és, Simão***

Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (***Mateo 16:15-18***).

Poderia haver algo mais claro do que a mente de Jesus sobre esta questão central? Eu com certeza não. Nem uma dica ou palavra sobre Jesus ser o próprio Deus. Jesus é o Cristo. Ele é o Filho de Deus. Ambos os títulos aparecem na Bíblia Hebraica, no ***Salmo 2***, uma passagem messiânica chave. O Cristo e Filho de Deus nesse salmo é o Rei que Deus colocará no Monte Sião, diante de cuja autoridade todas as nações são aconselhadas a se curvar em seu melhor interesse. Jesus é chamado de Cristo, ou seja, "o Messias", 527 vezes no NT. Tal evidência esmagadora deveria convencer todo leitor do NT. Jesus deve ser identificado como o Filho de Deus, o Messias. Jesus declarou que esta designação dele, e nenhuma outra, fornece o fundamento rochoso da crença verdadeira. A confissão de Pedro é a confissão cristã definitiva, pois encontrou a aprovação entusiástica de Jesus. Ele é "**o Cristo, o Filho do Deus vivo**". "***o Filho do Deus vivo***" era um título profético para Israel, a nação (***Oséias 1:10; Romanos 9:26***). Portanto, é impensável imaginar que Jesus afirmou ser Deus!

A mudança do Messias, Filho de Deus, para Jesus como "Deus"

Lee Strobel, em sua conhecida pesquisa sobre a fé cristã, conversou com o estudioso evangélico *Ben Witherington.* A conversa desenvolveu-se da seguinte forma. *strobel* perguntou:

> "[Jesus] tendia a evitar proclamar-se abertamente como o Messias ou Filho de Deus. Foi porque ele não pensava em si mesmo nesses termos, ou foi por outras razões?".
>
> "Não, não é porque ele não pensou em si mesmo nesses termos", disse *Witherington* ... "Se ele tivesse simplesmente anunciado: 'Olá, pessoal; Eu sou Deus", teria sido ouvido como "Eu sou o Senhor", porque os judeus de sua época não tinham o conceito da Trindade. Eles só conheciam Deus Pai — a quem chamavam de Javé — e não Deus Filho ou Deus Espírito Santo". **[17]**

Dois comentários são necessários. Sim, Jesus exerceu moderação perante o público quanto à sua identidade como Messias. Era um título politicamente carregado. **[18]** [Mas ele não deixou sombra de dúvida nas mentes de seus seguidores sobre quem ele era. Acabamos de ver que Jesus considerou que compreendê-lo como o Cristo, o Filho de Deus, era o fundamento essencial da fé cristã, o credo fundamental. Jesus felicitou calorosamente Pedro por sua perspicácia. O NT confirma essa verdade toda vez que se refere a Jesus como o Cristo, o que obviamente acontece repetidas vezes. Na verdade, ele nos é apresentado em ***Lucas 2:11*** como o "Senhor Messias". Ainda antes disso, Isabel, como perita em assuntos messiânicos, saudava Maria como "a mãe do meu senhor", isto é, o Messias, "meu senhor" do ***Salmo 110:1***..

Em segundo lugar, *Witherington* admite que a crença de que Jesus é Deus, um membro da Trindade, é impossível de acordo com os registros de ensino de Jesus. Tem toda a razão quando afirma que se Jesus tivesse dito "eu sou Deus", teria querido dizer "eu sou o Senhor, o Deus de Israel". A afirmação de ser o Deus de Israel não teria sentido. Nenhum judeu poderia ter entendido isso, muito menos aceitá-lo como verdade. Jesus também não acreditava ser o Senhor. Afirmou ser o Filho de Javé.

E *Witherington* está absolutamente certo de que os judeus da época de Jesus não sabiam nada sobre um Deus trino. Tal conceito teria sido uma inovação radical e chocante, até blasfema. Esta é uma informação essencial e um fato, à medida que prosseguimos com nossa investigação.

Então, quem Jesus pensava que Deus era? O próprio Jesus declarou em uma conversa com um judeu, como veremos em detalhes, que ele subscreveu o credo monoteísta unitário judaico, o "*Shema*" — "***Ouve, ó Israel***" (***Deuteronômio 6:4***). O "*Shemá*" proclamou que Deus é uma única Pessoa. Isso realmente resolve toda a questão que estamos discutindo. Está documentado que Jesus recitou e afirmou esse credo estritamente monoteísta dos judeus (***Marcos 12:28-34***). Ele também disse que "***salvação vem dos judeus***" e "***nós*** [judeus] ***adoramos o que conhecemos***" (***João 4:22***). E todos deveriam saber que não era um Deus trino. Jesus invariavelmente identificou seu Pai com seu próprio Deus e o dos judeus. "***Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória nada é; quem me glorifica é meu Pai, o qual vós dizeis que é vosso Deus***" (***João 8:54***).

Amem. Na verdade, além da declaração precisa de *Witherington*: "Os judeus da época de Jesus não tinham nenhum conceito da Trindade". Mas nem Jesus. Ele acreditava exatamente o mesmo que seus companheiros judeus sobre a afirmação central do judaísmo, que Deus *é uma pessoa*. O credo de Jesus deve ser o credo da Igreja. O fato de não ser deve ser motivo de alarme. Jesus era um unitarista, ele acreditava que somente Deus Pai era verdadeiramente Deus (***João 17:3***).

A questão é muito clara. Com que fidelidade Deus e a si mesmo como Messias foram transmitidos a nós ao longo dos muitos séculos desde que Pedro pronunciou suas palavras históricas sobre a importantíssima identidade de Jesus como Cristo e Filho de Deus (***Mateus 16:16-18***)? Quero propor que as igrejas perderam elementos essenciais desse fundamento rochoso da verdade. A transmissão da mais central de todas as informações espirituais, a identidade de Deus — como Jesus a definiu — e a própria identidade de Jesus sofreu uma distorção sutil e surpreendente. E essa distorção da verdade original já estava em andamento em meados do segundo século, pouco mais de cem anos após a morte de Jesus. Antes, os apóstolos haviam lutado arduamente contra as várias ideias contrárias que ameaçavam obscurecer quem são Deus e Jesus. Pouco depois de sua morte, com o poder estabilizador da autoridade apostólica removido, houve uma invasão sutil de visões novas e conflituantes sobre Jesus e sua identidade, bem como sobre a identidade de Deus afirmada por Jesus. O filho de Davi, o único Filho de Deus, foi substituído por um estranho Deus gentio.

Os resultados desse pensamento teológico *posterior*, consagrados nos credos, continuam a dominar as mentes de incontáveis devotos fiéis. A maioria deles desconhece a mudança ocorrida na compreensão do coração da fé. Eles foram persuadidos em grande número a acreditar que o NT que trazem para a igreja, que contém os próprios ensinamentos de Jesus e seus agentes, os apóstolos, são os mesmos ensinamentos que aprenderam na Igreja. Acho que essa suposição precisa ser questionada por uma questão de honestidade, bem como pela necessidade de todos nós compartilharmos a mente de Cristo..

Eu proponho que a crença fundamental de toda religião verdadeira foi por autoridades eclesiásticas post-bíblicas, que na verdade rejeitaram o credo que Jesus havia declarado como a verdade espiritual mais importante de todas.

Toda uma escola de opinião profissional, notavelmente confirmada pelos principais estudiosos bíblicos britânicos e alemães de hoje. minha tese central é que o que temos agora como "fé" é muito importante a

fé que Jesus conheceu. Somos instados a abraçar a fé que o meio-irmão de Jesus, Judas, tanto desejava preservar. preservar. Os fiéis devem se apegar tenazmente ao cristianismo original diante da oposição que, *no primeiro século*, tentou minar "***pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos***" (***Judas 3***).

O Desafio do Discipulado

Se você está disposto a aceitar os registros do NT como um relato fiel dos ensinamentos do Jesus da história, Jesus de Nazaré, você está disposto a buscar a visão de Jesus sobre o autêntico credo ortodoxo? Nossa aceitação de Jesus como "senhor" se estende a uma disposição de nossa parte de aceitar e abraçar entusiasticamente os ensinamentos de Jesus sobre quem é Deus?

Não parece irracional, a menos, é claro, que invistamos na "Igreja" o direito de suplantar as opiniões de Jesus. Isso não poderia ser, você dirá. Mas não tenha tanta certeza de que tal transferência de autoridade de Jesus para a "Igreja" não ocorreu de fato. Pode ser mais fácil para os protestantes verem essa transferência óbvia na Igreja Católica Romana. Mas isso também aconteceu em seus próprios círculos? É mais seguro perguntar nos próprios documentos originais, que agora estão tão ao nosso alcance. Chamar Jesus de "senhor" presumivelmente significa acreditar e obedecer a seus ensinamentos, especialmente no que diz respeito ao credo central que define Deus..

Chamar Jesus de "Messias", "Senhor Messias", "meu Senhor", "o Senhor Jesus", "o Senhor Jesus Cristo" ou "nosso Senhor Jesus Cristo" é obviamente a prática do cristianismo apostólico primitivo. É universalmente atestado em nosso NT.

Chamá-lo de "o Senhor Deus", "nosso Senhor Deus" ou "seu Senhor Deus" é desconhecido em nosso NT. "Senhor Deus", "o Senhor nosso Deus" ou "o Todo-Poderoso" são títulos bíblicos reservados exclusivamente ao Pai de Jesus e nunca são usados para Jesus. Este fato decorre do credo fundamental de Jesus e de Israel, de que Deus é uma Pessoa, designada "o Deus" (*o theos*) nada menos que 1317 vezes no NT. O artigo em grego aponta para o único Deus reconhecido pelo escritor e por aqueles a quem ele escreve. Obviamente, o Filho, que é outra pessoa, não poderia ser também o Senhor Deus Todo-Poderoso. Uma partida catastrófica em direção ao politeísmo seria inevitável.

Isso equivaleria a dois deuses. Na atmosfera estritamente monoteísta em que os documentos do NT foram produzidos, este é um fato óbvio que dificilmente precisa ser declarado. Ainda hoje, com o peso esmagador da tradição eclesiástica caindo sobre nós, temos que olhar novamente como Jesus descreveu o Deus que ele amava e servia. **[19]**

Notas Finais Capítulo 1

[1] "*Eis*, uno", "*Exegetical Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Exegético do Novo Testamento), Eerdmans, 1990, 399.

[2] *J.W. Bowman*, "*The Intention of Jesus*" (A intenção de Jesus), SCM Press, 1945, 108.

[3] *Kenneth Samples* "*Apologetic Lessons from the Past: The Ancient Christian Creeds*" (Lições apologéticas do passado: os antigos credos cristãos), www.augustinefellowship.org) nos lembra do valor dos credos. Mas devemos ter certeza de que eles remontam ao próprio Jesus: "O filósofo americano *George Santayana* certa vez proclamou: 'Aqueles que não se lembram do passado estão condenados a repeti-lo.' Os cristãos devem estar especialmente atentos às importantes lições do passado. Porque as verdades do cristianismo (que se concentram na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo) estão enraizadas nos fatos da história. Os cristãos contemporâneos podem ser grandemente enriquecidos por um estudo cuidadoso dos credos do cristianismo e dos eventos que cercam sua formulação. O uso adequado dos credos pode e melhora a educação cristã, adoração e evangelismo. No entanto, uma exploração dos credos antigos também pode revelar algumas lições apologéticas importantes para os cristãos do século XXI. ibid.

[4] ***2 Pedro 3:16*** designa os escritos de Paulo como Escritura.

[5] Escreveu muito bem o reitor de Canterbury, *F.W Farrar*, em 1897: "Renée, duquesa de Ferrara, filha de Luís XII, era uma princesa atenciosa e piedosa e uma calorosa admiradora de *Calvino*. Numa carta ao grande reformador de Genebra, ele sabiamente observou que 'o exemplo de Davi de odiar seus inimigos não se aplica a nós'. Alguém poderia supor que *Calvino* teria endossado imediatamente um sentimento que ecoava o ensinamento de Cristo: "Eu digo a você: ame seus inimigos, abençoe aqueles que o amaldiçoam e ore por aqueles que o maltratam e o perseguem". Mas *Calvino* ficou chocado com o comentário da duquesa. Ele respondeu severa e severamente que "tal glosa derrubaria toda a Escritura", que mesmo em seu ódio, Davi é um exemplo para nós e um tipo de Cristo, e que "deveríamos reivindicar ser superiores a Cristo em gentileza e humanidade? A princesa estava absolutamente certa e o teólogo estava desastrosamente errado. Se o tivesse feito, teria se poupado dos piores erros de sua vida: a queima de Miguel Servetus, a recomendação de perseguição ao Protetor *Somerset* e a omissão de erguer a voz em socorro da miserável e exilada congregação de *Juan de Lasco*. Mas, como disse *Grotius*, os calvinistas eram em sua maioria tão severos com todos os que diferiam deles quanto imaginavam que Deus era severo com a maior parte da raça humana. Infelizmente, os Padres Peregrinos e seus primeiros descendentes mergulharam nesses erros perigosos e, embora eles próprios fossem fugitivos do despotismo real e da intolerância sacerdotal, torturavam velhas inofensivas que chamavam de bruxas e tratavam os santos, embora equivocados, Quakeros com fúria implacável". — ("The Bible: Its Meaning and Supremacy" — A Bíblia: Seu Significado e Supremacia —, Longmans, Green and Co., 1897, 92, 93).

[6] É claro que Jesus não estabeleceu um prazo para a chegada do Reino. Em uma ocasião, ele falou de seus seguidores vendo o Reino antes de morrer, e essa previsão foi cumprida na visão (***Mateus 17:9***) do Reino. Pedro explicou mais tarde que o evento da "transfiguração" foi uma visão do futuro Reino, a Parousia, a Segunda Vinda (***2 Pedro 1:16-18***). Quando Jesus falou que "esta geração" não passaria antes de todos os eventos de seu discurso profético se cumprirem, ele não estava se referindo a um período de 70 anos, muito menos a um período de 40 anos começando em 1948! "Geração" (***Marcos 13:30***) tem aqui o sentido de "atual sociedade má", "descendência" (compare, ***Provérbios 30:11-14; Salmos 24:6; Lucas 16:8; Atos 2:40; Marcos 8:38***) que continuará até que Jesus inaugure a era futura do Reino de Deus na terra. Jesus deixou bem claro que é impossível estabelecer um tempo para o Reino. Ele disse isso claramente em ***Marcos 13:32 e Atos 1:7***. O NT também fala da segunda vinda "***depois de muito tempo***" (***Mateus 25:19; Lucas 20:9***). O Reino e o Dia do Senhor estão sempre "próximos", como disseram os profetas, 700 anos antes da primeira vinda de Jesus (***Isaías 13:6***).

[7] *Aloys Grillmeier*, "*Christ in Christian Tradition*" (Cristo na Tradição Cristã), Westminster John Knox Press, 1975, 1:557.

[8] *Harold O.J. Brown*, "*Heresies*" (Heresias), 431.

[9] A professora Karen Armstrong faz a mesma observação reveladora: "Hoje o nome de Arius é sinônimo de heresia [especialmente porque seus pontos de vista estão relacionados aos das Testemunhas de Jeová], mas quando o conflito estourou não havia uma posição oficialmente ortodoxa. sabia ao certo por que ou mesmo se Arrio estava errado." ("*A History of God*" — Uma Historia de Deus —, Gramercy Books, 2004, 108).

[10] *R.P.C. Hanson*, "*The Doctrine of the Trinity Achieved in 381*" (A doutrina da Trindade alcançada em 381), Scottish Journal of Theology 36 (1983): 41-57

[11] De acordo com estatísticas recentes, existem cerca de 34.000 diferentes denominações cristãs..

[12] Leitores interessados irão gostar de traçar a paixão antitrinitária de Sir Isaac Newton, o poeta *John Milton*, o filósofo cristão *John Locke* e, é claro, milhares de outros "dissidentes". A bibliografia é vasta.

[13] *Richard A. Armstrong*, "*The Trinity and the Incarnation*" (La Trinidad y la Encarnación), 1904, rep. Kessinger, 2005, 7-8.

[14] "*Letter*" (Carta), 13 de junio de 1981.

[15] "Muitas palavras inglesas importantes derivam do latim. Isso é especialmente verdadeiro para termos teológicos, porque a língua eclesiástica da cristandade ocidental foi exclusivamente latina por mais de mil anos. O termo credo vem do latim "credo", que significa "eu creio". A primeira linha do Credo dos Apóstolos latinos diz "*Credo in Deum*" — 'Creio em Deus'. Os credos são considerados declarações de autoridade que resumem os artigos ou princípios centrais da fé cristã histórica. Quatro credos formais são conhecidos como os credos ecumênicos da cristandade. Esses credos, que foram formulados em vários momentos da história da Igreja, incluem o Credo dos Apóstolos, o Credo de Niceia, o Credo de Atanasiano e o Credo de Calcedônia" (*Kenneth Richard Samples*, "*The Ancient Christian Creeds*" — Os antigos credos cristãos, www.augustinefellowship. organização).

[16] A mesma abordagem anti-intelectual da religião parece prevalecer quando alguns católicos romanos pedem que a missa não seja celebrada em inglês, mas sim em latim como antes. Aparentemente, eles preferem um serviço religioso ininteligível porque acham que seu próprio "mistério" os aproxima de Deus.

[17] *Lee Strobel*, "*The Case for Christ*" (O caso de Cristo), Zondervan, 1998, 133.

[18] Em nenhum lugar o NT minimiza o papel político do Messias como agente comissionado por Deus para estabelecer uma nova ordem política na terra na Segunda Vinda. Na verdade, Jesus afirmou que o dom da realeza no Reino vindouro estava no cerne da Nova Aliança (***Mateus 19:28; Lucas 22:28-30*** — onde a promessa da realeza é acordada com os discípulos).

[19] As últimas letras da primeira e última palavra do "*Shema*" (***Deuteronômio 6:4***) estão em letras grandes na Bíblia Hebraica, criando a palavra "testemunha". Se o "D" no final de "*echad*" (um) for trocado por "R", formando a palavra "outro", os rabinos dizem que você "destrui o mundo". Isso pode ser profundamente verdadeiro. Jesus chama o mundo para voltar ao Deus de Israel.

Capítulo 2

Quem era o Deus de Jesus e Seus seguidores?

> "Jesus não ensinou nenhuma doutrina nova sobre Deus... O Deus de quem Jesus fala é o único Deus de Israel (***Marcos 12:29***)". **[1]**

Quais são então os fatos no caso que estamos examinando? A Bíblia como um todo apresenta uma visão estritamente numericamente singular de Deus. A palavra grega para "Deus", na forma singular deste substantivo, aparece consistentemente no NT como a designação do Pai de Jesus. Isso é puro unitarismo. Deus é o Pai, distinto de Jesus. Se alguém tomar a evidência da Escritura como um todo, não há uma única ocasião em que a palavra "Deus" signifique o Deus trino! Existem cerca de doze mil ocorrências desta palavra "Deus". **[2]** O fato de que nenhum escritor jamais quis dizer "o Deus Triuno" quando disse "Deus" informa ao leitor imparcial que os escritores bíblicos não eram trinitários. Ao escrever a palavra "Deus", os autores da Bíblia nunca se referiram à Trindade. **[3]**

Uma compreensão unitária de Deus é alcançada olhando para toda a extensão das Escrituras. É fato que a palavra "três" não aparece em nenhum versículo bíblico junto com a palavra Deus, enquanto verbos e pronomes singulares designam Deus milhares e milhares de vezes..

Os cristãos afirmam seguir a compreensão gramatical histórica do texto sagrado. As palavras têm seu significado normal. Parece razoável esperar que os crentes em Deus, quando O encontram constantemente representado por pronomes pessoais singulares, entendam que Ele é uma Pessoa singular. Essa impressão é confirmada pela presença de milhares de ocorrências dos substantivos singulares para "Deus". singular de "Deus". Existe alguém disposto a contradizer as regras de comunicação e afirmar que o Deus que fala na Bíblia como eu realmente quer dizer "eu três"? Quando Davi se voltou para o seu Deus e disse: "***Só tu és Deus!***" (***Salmo 86:10***), ele tinha em mente um Deus trino de três Pessoas?.

Os judeus, ao longo de sua história como guardiões dos textos sagrados, nunca interpretaram mal as palavras "eu", "meu", "ele" e "isso" para se referir ao verdadeiro Deus. Infelizmente, muitos evangélicos ignoram as evidências esmagadoras da Bíblia hebraica e fazem afirmações como essas.:

> No processo da história, Deus revelou-se como um só Deus, subsistindo em três Pessoas. Deus, conforme revelado na Bíblia, não é um simples Sujeito indiferenciado, mas Seu ser está em três Sujeitos objetivamente diferenciados... Que o ser de Deus é complexo, no sentido de Sujeitos objetivamente, é uma suposição básica de muitas passagens do AT . ***Salmo 110:1***: ***Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés***". **[4]**

Como veremos, esta declaração, além de seu desprezo pela única Pessoa que fala como Deus, contém uma notável "gafe". A palavra "senhor" (na forma "meu senhor") no início do versículo citado do ***Salmo 110*** nunca significa o Senhor Deus, mas sempre um superior que não é Deus! Este erro factual foi repetido

em artigo após artigo, mesmo em obras padrão. Provar a Divindade do segundo membro da Trindade com base em um título que nunca indica a Divindade é incrível!

Para defender o credo judaico de Jesus e o NT, deve-se sempre ter em mente certas estatísticas definidoras. No NT, a palavra grega para Deus – "*ho theos*" ("o Deus") – é encontrada nada menos que 1.317 vezes como uma descrição do Pai de Jesus, distinta de Jesus, que é Seu Filho. Desta forma, Deus e o Pai são repetidamente relacionados na mente do leitor. Além disso, esse mesmo Deus é chamado de "Deus e Pai", "Deus Pai", "Deus nosso Pai". Quando mencionado junto com Jesus, Seu único Filho, Deus é "***o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo***". Jesus nunca é chamado de "o verdadeiro Deus" ou "o único Deus verdadeiro" ou "o Todo-Poderoso" (*pantocrator*), **[5]** Somente o Pai recebe essas descrições, além da massa de material que acabamos de mencionar, que o retrata como uma Pessoa Divina. Todas as formas de linguagem disponíveis atribuem ao Pai de Jesus a ideia de completa singularidade, supremacia e exclusividade. "***Não há ninguém fora Dele***". Diz-se que Deus, o Pai, está em uma classe própria, única e incomparável - uma posição que Ele guarda com o devido zelo divino. O Deus de Israel diz de si mesmo: "***Eu sou o SENHOR, que faço todas as coisas, que sozinho estendi os céus e sozinho espraiei a terra***" (***Isaías 44:24***). "***O Deus de Israel***" é mencionado como tal 300 vezes na Bíblia e em ambos os Testamentos. Nunca é dito que foi "gerado", isto é, trazido à existência. Em vez disso, diz-se que o Filho de Deus é "gerado", o que significa, é claro, que ele teve um começo de existência e, por definição, não pode ser o Deus supremo.

Os judeus como guardiões dos oráculos de Deus (Romanos 3:2) ao longo de sua história nunca admitiram a crença em um Deus que é três pessoas. Jesus era judeu e, de acordo com as evidências de que dispomos, certamente não era um trinitário.

Jesus e a Identidade de Deus

Deixe-me convidá-lo a se juntar a mim na exploração de um episódio muito importante na vida de ensino de Jesus. episódio importante na vida docente de Jesus. Aconteceu no final de seu curto e exaustivo ministério itinerante como mestre e pregador do Evangelho do Reino de Deus. É um evento com potencial para afetar dramaticamente sua jornada de fé — um evento capaz de mudar radicalmente a maneira como pensamos sobre nossa fé cristã.

A história a que me refiro se encontra em ***Marcos 12***, começando no ***versículo 28***. Marcos registra aqui um encontro entre Jesus e um teólogo judeu, um escriba. Os relatos evangélicos de Jesus foram, é claro, escritos como "folhetos" para recomendar a fé cristã aos leitores. Devemos ler esses documentos como apelos para nos alinharmos com a fé cristã. Obviamente, devemos prestar muita atenção a essa importante troca registrada por Marcos. Jesus está aqui conversando com um perspicaz membro da guilda eclesiástica. A troca entre Jesus e o teólogo judeu é profundamente importante para nossa adoração a Deus em espírito e verdade (***João 4:24***). Na verdade, o relato é único no NT. Jesus, nessa troca, concorda de maneira incomum com um especialista religioso judeu. É assim que a *Nova Tradução Vivente* captura a fascinante conversa entre Jesus e aquele professor profissional da Bíblia.:

> Um dos mestres da lei religiosa estava ali ouvindo a discussão. Ele percebeu que Jesus havia respondido corretamente, então ele perguntou: "***Qual é o principal de todos os mandamentos?***" Jesus respondeu: "***O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o***

> ***único Senhor!*** **[6]** ***marás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força***". O segundo é igualmente importante: "***Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes***". O mestre da lei religiosa respondeu: "***Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele,*** **[7]** ***e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios***". Notando a compreensão deste homem, Jesus disse-lhe: "***Não estás longe do reino de Deus***". E depois disso, ninguém se atreveu a fazer mais perguntas..

É importante notar que uma pergunta sobre a mais importante questão teológica é, no entanto, uma questão eminentemente prática. Uma passagem paralela em ***Mateus 19:16, 17*** mostra que a questão de definir quem é Deus e amá-lo estava relacionada à própria questão da salvação. Descobrir quem é o verdadeiro Deus e amá-lo está intrinsecamente ligado à esperança de salvação na era futura, a vida eterna. Em ***Mateus 19:17***, Jesus respondeu a uma pessoa curiosa que queria saber como ser salva: "***Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos***".

Jesus diz a mesma coisa ao escriba que lhe perguntou sobre o mais importante dos mandamentos. Conecte o bom entendimento com a sua proximidade da salvação no Reino. Salvação no Reino. Primeiro, Jesus e o escriba concordam que existe apenas um Deus e "***não há outro senão ele***" . Vendo que o escriba estava correto em sua definição de Deus, Jesus o tranquiliza. definição de Deus, Jesus assegura-lhe que "***Não estás longe do reino de Deus***", ou seja, da salvação, ou seja, que está perto de ser candidato à salvação no Reino futuro como seguidor de Cristo.

Um interessante comentário de fundo do NT pode ser encontrado nas palavras de *Josefo*, o historiador judeu, falando sobre o credo de sua nação, o "***Ouve, ó Israel***", citado por Jesus. O único Deus em questão é, claro, Javé, o Deus da Bíblia hebraica, nosso AT. *Josefo* pergunta: "Quais são então os preceitos e proibições de nossa Lei? Eles são simples e familiares. A primeira, que conduz a todos os mandamentos, refere-se a Deus. *Josefo* estava se referindo, como todos sabemos, ao credo cardinal unitário de sua nação. Assim foi Jesus em ***Marcos 12:28-34***.

Nossa passagem do NT se encaixa perfeitamente no cenário contemporâneo. Apresenta o Senhor Jesus como firmemente enraizado na crença judaica de que Deus é uma Pessoa. O fundador do cristianismo, estabelecendo o credo cristão, é completamente judeu. Ele define Deus como "um só Senhor". O Deus de Jesus é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus da Bíblia hebraica — o Deus do teólogo judeu do primeiro século, "***nosso Deus*** [de Israel]". Jesus define Deus precisamente como uma Pessoa e um Senhor. Mas a Igreja Cristã não.

Comentários Que Esclarecem Ou Confundem

Porta-vozes extremamente influentes como *C.S. Lewis* nos desviam da definição real de Jesus, quando dizem que ele deve ter sido "louco, mau ou Deus". **[8]** O que *Lewis* não nos oferece é a verdadeira definição: que ele era o Messias, Filho de Deus. E Lewis parece esquecer que Jesus subscreveu vigorosamente o credo não trinitário de sua herança em Israel. Os lógicos chamam essa técnica de *Lewis* de "falso dilema". Somos levados a escolher uma das opções que nos são oferecidas.

Mas e se a opção certa escapar de Lewis e não aparecer em sua lista de opções? Por que Lewis também escreve que "Devemos nos lembrar que a teologia cristã não acredita que Deus *é uma pessoa*? "Você acredita que Ele é tal que Nele uma trindade de pessoas é consistente com uma unidade de Divindade?" **[9]** Isso soa extraordinariamente diferente da teologia de Jesus. Isso contradiz categoricamente as descobertas do escritor sobre os nomes de Deus em um importante dicionário bíblico, que escreve: "Existe apenas um Deus verdadeiro e supremo, e ele é uma Pessoa". **[10]**

HF Hamilton, D.D., escrevendo em 1912, sentiu a força do episódio em ***Marcos 12:28-34*** e quão lindamente enraizou Jesus em seu próprio ambiente. Ele começou referindo-se à declaração do credo citada por Jesus em ***Deuteronômio 6:4***: "Esta passagem, tal como está no AT, expressa a própria essência da reivindicação judaica de monopólio do privilégio religioso. Jeová é um. Não há Deus senão Ele. Portanto, todos os outros objetos de adoração devem ser evitados". *Hamilton* aponta que é inconcebível que Jesus não pretendesse que a palavra "Senhor" fosse tomada no sentido exclusivo em que é usada no AT. Jesus não poderia ter alterado seu significado. "O escriba que fez a pergunta deve ter entendido que Jesus estava se referindo apenas ao Deus nacional de Israel". Assim, tanto para o escriba quanto para Jesus, "deve ter soado como uma reafirmação da antiga afirmação dos judeus, de que nenhuma outra adoração, exceto aquela oferecida por Israel, era realmente a adoração do Deus vivo".

A atitude do escriba fica totalmente exposta quando ele imediatamente reafirma o que ouviu Jesus dizer: "***Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele, e amar a Deus... excede a todos os holocaustos e sacrifícios***". *HF Hamilton* chega à única conclusão possível: "Parece impossível duvidar que aqueles que testemunharam a cena entenderam que Jesus quis dizer exatamente a mesma coisa que o escriba. Pois está escrito que quando Jesus viu que ele respondia com inteligência, disse: "***Não estás longe do reino de Deus***"... **[11]**

Jesus ofereceu aqui uma forte declaração do monoteísmo unitário exigido das pessoas em todos os momentos para um relacionamento correto com Deus. Jesus colocou seu selo de aprovação na definição da Bíblia Hebraica de Deus como uma única Pessoa. Mas este credo de Jesus está claro em nossas igrejas?

Muitas vezes tenho sugerido aos alunos que estudam para o ministério que eles "leiam a si mesmos no texto da Bíblia". Coloque-se no lugar daquele curioso especialista em Bíblia, que obviamente conhecia Jesus e estava ansioso para testá-lo, não necessariamente de forma hostil. Esta não foi uma pergunta capciosa destinada a prender Jesus. Suspeito que o escriba ficou devidamente impressionado com a capacidade de ensino do rabino Jesus. **[12]** Ele provavelmente decidiu "revisá-lo" ainda mais. Ele queria saber as prioridades e a agenda de Jesus. Quão sólida era sua teologia? Então, faça esta pergunta de teste: Qual mandamento do Deus de Israel é o mais importante de todos?

Obedecendo E Seguindo A Jesus

A resposta que Jesus dá a esta pergunta é muito significativa para os cristãos de todos os tempos. A salvação no NT é pela graça, mas a graça não nos permite ignorar os mandamentos e ensinamentos de Jesus! "***Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem*** [a Jesus]" (***Hebreus 5:9; Atos 5:32***). "***Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus***" (***Mateus 7:21***). "***quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida***" (ver ***João 3:36***). "***Todo aquele, pois, que ouve estas***

minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha" (***Mateus 7:24***). Outros que ignoram as palavras de Jesus estão construindo sua casa espiritual na areia. "***Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia***" (veja ***João 12:48***). "***Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai***" (ver ***Marcos 8:38***). Aquele que se desvia das "***sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade, é enfatuado, nada entende***" (ver ***1 Timóteo 6:3, 4***).

E, claro, o ditado muito amado e frequentemente citado de Jesus: "***Se me amais, guardareis os meus mandamentos***" (***João 14:15; 15:10***). E sua contraparte que faz o mesmo apelo de adesão ao que Jesus ensinou: ***"Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?***" (***Lucas 6:46***). A urgência de prestar a máxima atenção ao que Jesus ensinou vem claramente a nós em cada página dos relatos do evangelho — e no restante do NT: A salvação foi anunciada pela primeira vez pelo Senhor [Jesus] e é concedida àqueles que obedecem a Jesus (***Hebreus 2:3; 5:9***) e "***e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem***" (***Atos 5:32***). Ao definir o credo, Jesus falou do mais importante de todos os mandamentos. Aqui temos um problema de obediência.

Há também a voz contundente do Pai do céu exortando-nos a "escutar" o seu Filho único: "***Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi***" (***Lucas 9:35***). Na mesma linha, Pedro exorta a multidão a prestar atenção ao último profeta: "***Disse, na verdade, Moisés: O Senhor Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser. Acontecerá que toda alma que não ouvir a esse profeta será exterminada do meio do povo***" (***Atos 3:22, 23***, referindo-se a ***Deuteronômio 18:15-19***).

Então, o que aprendemos quando nos apegamos a cada palavra do rabino Salvador (lembrando de sua memorável declaração de que fazemos bem em chamá-lo de Rabi e Senhor, ***João 13:13***)? O que ouvimos quando ouvimos Jesus exortando-nos a "***ouve, ó Israel***"?

Se ouvirmos atentamente a conversa de Jesus com o estudioso judeu (***Marcos 12:28-34*** acima), um fato crucial se destaca. A definição de Jesus sobre quem é Deus se harmoniza precisamente com a do escriba judeu. O escriba concorda plenamente com Jesus no primeiro princípio de toda adoração saudável a Deus. Tanto o teólogo judeu quanto Jesus, o último judeu e teólogo, assim como o Salvador cristão, confirmam as palavras clássicas da Sagrada Escritura. A primeira ordem, ou imperativo, que Jesus recitou e repetiu foi: "***Ouve, Israel!***" Este é um comando direto do Senhor Jesus.

Em seguida, ele prosseguiu com a proposição fundamental de toda a teologia bíblica: "***o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***". Jesus reconhece este comando, "Ouça atentamente a proposição de que Deus é o Senhor" como a chave para todo pensamento e ação sã. É o auge de toda religião verdadeira: dar toda a nossa atenção a uma declaração que define quem é o Deus que devemos adorar e amar — quem é o Deus que deve ser amado de todo o coração, alma, mente e força. O segundo mandamento de amar o próximo acompanha o primeiro, é claro.

Posso surpreendê-lo colocando um fato muito simples na sua frente? O credo anunciado por Jesus é o credo de Israel, da Bíblia hebraica, o credo dos judeus. Jesus era judeu e ele e o escriba judeu não discordaram sobre quem é o Deus da Bíblia. O oposto pode ser argumentado? A história é simples e clara,

essencialmente simples e deliciosamente livre das definições complicadas e obscuras de Deus em que a teologia post-bíblica posterior se envolveu.

O Credo Judaico de Jesus

Todas as manhãs e todas as noites, todo judeu tinha que recitar ***Deuteronômio 6:4-9; 11:13-21 e Números 15:37-41***. Esta era a confissão diária de fé. Jesus não fez nenhuma inovação aqui. Ele responde ao questionador citando os textos que eles tinham em comum que ambos acreditavam ser sagrados e, em última análise, autorizados. Ao definir o verdadeiro Deus, Jesus não tem nada a dizer que seja diferente do que Israel conhecia da lei ao longo de sua história. Todos os historiadores e todos os judeus sabem que seu Deus é uma Pessoa.

Não há ambiguidade sobre a resposta de Jesus ao questionador — absolutamente nenhuma sobre quantos Deus é. Jesus não conhece outro Deus senão aquele revelado no credo de Israel. Este é o Deus de sua própria herança judaica, o Deus que o designou como Messias. Esse mesmo Deus é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Ele é o Deus da Bíblia hebraica. Ele é definido como "***um Senhor***" (***Marcos 12:29***). Jesus nos exorta a ouvir enquanto ele, Jesus, nos fornece a única definição correta de Deus. Se Jesus vai ser nosso guia, sua declaração aqui com base na verdadeira adoração e no único Deus verdadeiro é fundamental para nós como crentes. Jesus é aquele de quem Deus, seu Pai, havia dito: "***Este é o meu Filho amado; a ele ouvi***" (***Marcos 9:7***).

"***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***" (***Deuteronômio 6:4; Marcos 12:29***). "***É, porventura, Deus somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, também dos gentios***" (ver ***Romanos 3:29***). A Igreja realmente escuta?

Não há necessidade de um exército de teólogos para nos ajudar a discernir o significado da declaração de Jesus sobre quem é Deus. A linguagem é simples e precisa — uma proposição simples, uma unidade lógica de comunicação inteligível. Nenhum de nós tem a menor dificuldade com afirmações desse tipo. Todos nós sabemos o que significa o número "um", e ninguém poderia interpretar mal o substantivo singular "Senhor". Os judeus ao longo de sua história não tiveram problemas com o princípio cardinal da fé nacional. Deus era uma Pessoa Divina única e indivisível, designada em seus escritos sagrados por milhares de pronomes pessoais singulares e designando a si mesmo como o único Senhor do universo, a única Pessoa Divina que é o único Deus. Esse Deus Único usou todos os recursos conhecidos da linguagem para transmitir o conceito de que Ele e mais ninguém é Deus, que não há outro Deus. Os pronomes pessoais singulares definem uma única Pessoa. Os cristãos afirmam estar enraizados no método gramatical, onde as leis padrão da gramática são decisivas.

Essas declarações são certamente tão claras quanto a linguagem pode torná-las: "***A ti te foi mostrado para que soubesses que o SENHOR é Deus; nenhum outro há, senão ele... or isso, hoje, saberás e refletirás no teu coração que só o SENHOR é Deus em cima no céu e embaixo na terra; nenhum outro há***" (***Deuteronômio 4:35, 39***). "***Vós sois as minhas testemunhas, diz o SENHOR, o meu servo a quem escolhi; para que o saibais, e me creiais, e entendais que sou eu mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há salvador. Eu anunciei salvação, realizei-a e a fiz ouvir; deus estranho não houve entre vós, pois vós sois as minhas testemunhas, diz o SENHOR; eu sou Deus***" (***Isaías 43:10-12***). "***Eu sou o SENHOR, e não há outro;***

além de mim não há Deus" (***Isaías 45:5***). "***Eu sou o SENHOR, que faço todas as coisas, que sozinho estendi os céus e sozinho espraiei a terra***" (***Isaías 44:24***). "***Verdadeiramente, tu és Deus misterioso, ó Deus de Israel, ó Salvador***" (***Isaías 45:15***)

Banhe sua mente nessas palavras bíblicas e veja se quem está falando são realmente três Pessoas. O Deus que fala aqui é uma Pessoa, ou Ele é, como afirmam os trinitarístas contemporâneos, um "o quê" — uma "substância" existente em *três* Pessoas?

Imagine o caos que a introdução de um Deus trino nesses textos incomparáveis traria. As Escrituras fornecem pronomes pessoais singulares **[13]** de todas as maneiras para deixar além de qualquer dúvida possível o fato de que o Deus da Bíblia é apenas uma Pessoa. Falar do Santo de Israel como o Santo Três, ou tri-pessoal, viola a linguagem e a verdade teológica. Pior ainda, é desafiar as palavras de Jesus. No entanto, isso é efetivamente o que a tradição da igreja tem feito, e para a distração e horror da comunidade judaica encarregada do AT, como Paulo escreveu: "***Que vantagem então tem o judeu? Ou que benefício há na circuncisão? Muito, em todos os sentidos. Primeiro, que as palavras*** [oráculos] ***de Deus foram confiadas a você***" (***Romanos 3:1, 2***). Esses oráculos apresentam Deus como uma Pessoa unitária. O monoteísmo unitário, não o monoteísmo trinitário, é o credo das Escrituras Hebraicas. Jesus nunca tentou alterar esse fato magnífico. Ele o reiterou e o chamou de Grande Mandamento, o maior mandamento. E aquele Deus do AT, o Deus de Israel, também é o Deus dos gentios. Paulo novamente: "***É, porventura, Deus somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, também dos gentios***" (***Romanos 3:29***).

Credo de Paulo

¿ A que Deus Paulo disse que estava servindo? Não há dúvida sobre a resposta a essa pergunta. Paulo é registrado declarando na presença de um governador romano: "***Porém confesso-te que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas***" (***Atos 22:14; 24:14***).

Pergunto ao leitor se este texto pode honestamente ser lido da seguinte forma: "Eu sirvo ao Deus trino de nossos pais". Sugiro que isso seria desfigurar o texto e cuidar de um conceito flagrantemente estrangeiro. Paulo, como seu Salvador Jesus, era um unitarista até o âmago, acreditando no Deus de Israel. "***Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?***" (***Malaquias 2:10***). Juntamente com os milhares de pronomes pessoais singulares que denotam um único Indivíduo Divino, este texto protesta contra a paganização do Cristianismo que ocorreu quando aquele credo incomparavelmente simples de Israel e Jesus foi abandonado sob o pretexto de que estava sendo "modificado", "ampliado", ou mesmo "enriquecido". Mas estes são meros truques para encobrir o erro. É hora de a Igreja refazer seus passos até Cristo, o Senhor Jesus, cuja confissão declarada de Deus nós desprezamos.

Posso sugerir este desafio? Você está convencido de que o Deus de Paulo era o Deus trinitário não judeu? Você poderia afirmar, sem enganar seu público, que está servindo ao Deus da Bíblia Hebraica? O Deus do judaísmo? O "Deus de seus ancestrais", se ele acreditava que o Deus verdadeiro era o Deus trino do cristianismo posterior? Paulo deu continuidade a essa afirmação de ser um servo unitário de Deus de Israel ao declarar sua convicção sobre a futura ressurreição dos mortos (***Atos 24:15***). Em vista disso, Paulo continuou: "***Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens***"

O Deus trino? Dificilmente. Apenas um senso de história muito deficiente permitiria a noção impossível de que Paulo acreditava que o Deus de Israel havia sido o Deus Triuno. Isso é amplamente aceito.

La Iglesia y El Credo Judeocristiano

"*The New Bible Dictionary*" (O Novo Dicionário Bíblico) em seu artigo sobre a "Trindade" diz::

> O testemunho do AT lida fundamentalmente com a unidade de Deus. Em sua oração diária, os judeus repetiam o "*Shemá*" de ***Deuteronômio 6:4, 5***: "***o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***" Nisso eles confessaram que o Deus de Israel é o criador transcendente sem igual ou rival. Sem a revelação titânica do evento de Cristo, *ninguém teria tomado o AT para afirmar outra coisa senão o monoteísmo exclusivo, isto é, unipessoal*, que é a marca registrada do judaísmo e do islamismo. **[14]**

Observe cuidadosamente esta franca admissão. Ao ler a Bíblia Hebraica, na qual Jesus foi criado e que afirmou como Sagrada Escritura e que Paulo afirmou credenciar, ninguém poderia imaginar Deus como maior que uma Pessoa divina. A Bíblia hebraica, diz o dicionário, afirmativa ou unipessoal, e não trinitária, Deus. Jesus fez ecoa justamente essa afirmação.

Mas agora observe como o dicionário começa a tirar com uma mão o que acabou de conceder com a outra. "O robusto monoteísmo do AT concede apenas alguns indícios de pluralidade dentro do único Deus". O autor passa a descrever seis exemplos dessas supostas pistas. Ele então admite: "É improvável que os autores do AT ou seus leitores contemporâneos tenham entendido qualquer um deles como denotando distinções pessoais dentro do único Deus de Israel". **[15]** Em outras palavras, nem Moisés nem os profetas poderiam ter imaginado Deus como uma Trindade. Os judeus, a quem "os oráculos de Deus foram confiados", nunca o fizeram, e até hoje não o fazem. Lembre-se novamente da admissão do dicionário: "*Ninguém teria tomado o AT para afirmar outra coisa senão o monoteísmo exclusivo, isto é, unipessoal*".

O dicionário é devidamente tímido sobre a presença da Trindade no NT: "O Trinitarismo incipiente do NT permaneceu implícito e ainda indefinido". **[16]** O leitor pergunta-se o que significa exatamente isso. A própria ênfase de Jesus sobre o Shema judeu deveria resolver definitivamente a nossa questão. Jesus citou a definição de Deus da Bíblia hebraica como o comando mais importante de todos (***Marcos 12,28-34***). Jesus nada fez para implicar ao escriba judeu que o Deus Único era agora realmente composto por três Pessoas. Fazê-lo, sem a mínima indicação da mudança radical, tornaria o Senhor Jesus culpado de dissimulação. O escriba judeu com quem falou estava convencido pela simples declaração de Jesus de ***Deuteronómio 6:4*** de que o verdadeiro Deus era o Deus de Israel, entendido no sentido exigido por ***Deuteronómio 6:4***, no qual Jesus e o escriba estavam em perfeito acordo. A confirmação pública de Jesus do credo bíblico hebraico, em conversa com um erudito judeu, estabelece sem margem para dúvidas como Jesus Cristo definiu Deus. Define, portanto, o credo cristão.

É Demonstrável, então, tanto Jesus quanto Paulo, que cita o mesmo "*Shema*" em ***1 Coríntios 8:4-6***, eram crentes unitaristas e, é claro, Jesus consistentemente afirmou ser o Messias e o Filho de Deus. Da mesma forma, Paulo reivindicou o messianismo como a categoria apropriada para Jesus. Paulo era um crente no monoteísmo unitário de Israel. Ele amava aquele único Deus de Israel e seus pais. Aqui está a

maravilhosa doxologia de Paulo em ***1 Timóteo 1:17***: "***Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!***" Dirigiu-se ao Pai.

Peço ao leitor que medite neste discurso a Deus. Paulo está aqui se dirigindo a uma "essência" trina de Deus? Você está pensando em três Pessoas, todas as quais são igualmente Deus e ainda compreendem uma essência de Deus? Paulo está elogiando o "um o quê" da teologia de *Hank Hanegraaff* e *Tiago White*? **[17]** Ele define o único Deus como o rei eterno. O rei não é "um o quê", mas "alguém que". O que Jesus e Paulo teriam pensado da famosa citação de *C. S. Lewis* de que "devemos nos lembrar que a teologia cristã não acredita que Deus é uma pessoa"? **[18]**

Quando os trinitários terminam suas volumosas tentativas de explicar a Trindade como "três em um o quê", eles falham completamente em nos dizer uma única referência a Deus na Bíblia como um "o quê". Isso ocorre porque nenhum escritor acreditava em Deus como uma essência trina! Das cerca de doze mil referências a "Deus" na Bíblia, não se pode mostrar que uma única signifique "o Deus Triuno". Ninguém fala de Deus como "uma única essência".

Mais Sobre O Credo Judaico-Cristão

William Mounce em "*Word Biblical Commentary*" (Comentário Bíblico de Word) é bastante claro sobre o pensamento de Paulo na sua doxologia em ***1 Timóteo 1:17*** (acima):

> "O Único Deus". Esta é a afirmação central do judaísmo como o "*Shema*" tão eloquentemente diz: "***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***" (***Deuteronómio 6:4; compare; Marcos 12: 29, 32***; compare; ***1 Timóteo 2:5; 6:15, 16***; compare; ***João 5:44; 17:3; Romanos 3:30; 1 Coríntios 8:4-6; Efésios 4:6; Judas 25***). O "*Shema*" foi repetido diariamente na sinagoga e ainda faz parte da vida diária de oração do judeu piedoso. Talvez tenha sido esta confissão, mais do que qualquer outra, que tornou a perspetiva judaico-cristã única no mundo antigo. Paulo começou este parágrafo agradecendo a Cristo. Ele encerra-o atribuindo a Deus honra e glória. **[19]**

Paulo nunca tinha ouvido falar de um Deus Triuno ou, se tivesse ouvido, teria descartado tal ideia como estranha. Como Jesus, Paulo estava comprometido com o monoteísmo unitário do judaísmo. Paulo e Jesus estavam seguindo o credo de Israel. Eles nunca o expandiram ou revisaram. Eles repetiram. Claro que eles também sabiam do Filho do Homem, Jesus, como aquele agora exaltado à direita do Deus Único, o Pai. Mas isso não "modificou" o credo de Israel que define quem é o Deus Único. A coordenação do único homem Jesus com Deus introduziu o conceito estupendo de que agora havia *um ser humano* glorificado, "*o homem* Messias, Jesus" (***1 Timóteo 2:5***), elevado a uma posição única ao lado do Deus Único. Foi o próprio Deus quem executou esse plano maravilhoso. É a medida do destino incomparável do homem na nova criação.

Nenhum dos escritores do NT sugere uma modificação, de forma alguma, do credo unitarista de sua herança. Eles não teriam ousado imaginar alterá-lo de forma alguma. Os líderes da igreja controlada pelos gentios do final do segundo século não tinham tais escrúpulos. Eles prepararam o caminho para novos desenvolvimentos na definição de Deus. Eventualmente, seus sucessores, mas somente após séculos de

conflito, mudaram o Deus Único de Deus Único, o Pai, para uma essência, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Esse é um credo novo e antibíblico.

Dois Não São Um

Ao nível mais simples, a promoção injustificada de Jesus ao estatuto de Deus Único criou confusão. Dois não podem tornar-se um só. O Cardeal *J. H. Newman* reconheceu este facto flagrante do universo quando disse sobre a Trindade: "O mistério da doutrina da Santíssima Trindade não é apenas uma contradição verbal, mas uma incompatibilidade nas ideias humanas transmitidas... Dificilmente podemos fazer uma abordagem mais próxima de um enunciado exato, do que dizer que uma coisa são duas coisas". **[20]**

Pode a Igreja dar-se ao luxo de negociar numa contradição? Os cristãos reivindicam a herança de Israel e professam ser seguidores do Messias de Israel. Mas em matéria de credo, o cristianismo parece ter-se afastado do pensamento do seu fundador. Enquanto o Jesus da história acreditava e adorava como Deus a única Pessoa Yahweh do credo hebraico, os cristãos expandiram esse credo para incluir outras duas Pessoas. E depois, como se para registar algum embaraço nesta partida de Jesus, eles afirmam que apesar de acreditarem em três que são todos igualmente Deus, ainda acreditam realmente que Deus é ao mesmo tempo um só. Mas esse, porque também é três, não é o Deus Único definido pela Bíblia e por Jesus. É uma redefinição. Uma mudança tectónica ocorreu quando o Deus Único se tornou misteriosamente três em um. Isto aconteceu nos tempos post-bíblicos e foi mais tarde estabelecido em pedra pelos conselhos das igrejas que não possuem a autoridade da Escritura (um facto ao qual os cristãos pagam pelo menos o culto labial). Em que base pode a Igreja legitimamente reivindicar a Bíblia como a sua autoridade e ao mesmo tempo abandonar a definição de Jesus de Deus Único?

Erickson e O Credo

¿Dónde insinúa la Biblia alguna vez un credo tan complejo que provocó siglos de debates a menudo enconados, agitación eclesiástica, discusiones quisquillosas sobre terminología, excomunión e incluso asesinatos? La historia registra que explicar cómo se puede ser tres al mismo tiempo ha agotado el ingenio de los más brillantes teólogos. El principal apologista contemporáneo de los evangélicos de la opinión de que Dios es tres personas, *Millard Erickson*, admite con franqueza después de una extensa discusión que es sorprendente que la Trinidad no se mencione directamente en la Biblia:

> Afirma-se que a doutrina da Trindade é uma doutrina muito importante, crucial e até básica. Se esse for realmente o caso, não deveria estar em algum lugar mais claro, direto e explícito na Bíblia? Se esta é a doutrina que constitui sobretudo a singularidade do cristianismo, face ao monoteísmo unitário, por um lado, e ao politeísmo, por outro, como pode ela estar implícita na revelação bíblica?... Aqui está uma questão aparentemente crucial em que as Escrituras não falam alto e claro. **[21]**

Erickson responde: "Pouca resposta direta pode ser dada a esta acusação. É improvável que qualquer texto da Escritura ensine a doutrina da Trindade de maneira clara, direta e inequívoca". **[22]** *Erickson*

prossegue para resgatar-se deste dilema esperando, no entanto, "olhar atentamente para a Bíblia e ver se o testemunho da Trindade não pode ser mais claro e mais amplamente fundamentado do que se pensa". **[23]**

Ao discutir a estrutura lógica da Trindade, Erickson cita o autor *Stephen Davis*, que sente que "está lidando com um mistério". **[24]** *Erickson* então faz a admissão surpreendente de que *Davis* "talvez tenha sido mais sincero do que muitos *de nós, que quando pressionados podem ter que admitir que realmente não sabemos como Deus é um e quão diferentes são três*". **[25]** *Davis* não se atreveu a dizer o que obviamente não é verdade sobre o Deus da Bíblia, que Ele é "um em três quem é…"

Deus É Uma Pessoa Divina

Uma simples leitura da Bíblia revela que Deus se apresenta como uma única Pessoa, com todas as características de uma Pessoa. Não um "quê", mas um "quem".

Admissões de que "a linguagem é inadequada" para soletrar a Trindade claramente não impediram a impressão de oceanos de palavras tentando explicar a Trindade, usando a linguagem antibíblica da filosofia grega, que o Deus Único da Bíblia é três. "*hipóstase*" em um. essência, e que o Filho de Deus era, incrivelmente, "homem", mas não "um homem". (Você sabia que é nisso que o cristianismo oficial acredita?) No entanto, a Bíblia em nenhum lugar chama Deus de "uma essência" e nunca fala de "três hipóstases". E qualquer leitor do NT deve ser capaz de ver que Jesus era um homem.

E se a linguagem é incapaz ou inadequada para nos dizer quantos Deus são, ou como três é realmente um, então é a Bíblia que falhou em fazê-lo. Deus é incapaz de se comunicar connosco através do número "um"? A linguagem bíblica é inteiramente adequada como uma revelação sobre o que Deus quer que entendamos, pelo menos em termos de Sua personalidade única.

É uma questão de espanto para nós que *Erickson* em sua defesa de 350 páginas da Trindade omita completamente qualquer referência a ***Marcos 12:28-34***, onde Jesus afirma publicamente o credo autorizado, o de Israel. *Erickson* menciona "passagens de distinção", como o ***Salmo 110:1***, que "fala de um Senhor e de outro Senhor, estabelecendo assim alguma distinção entre eles (***Salmo 110:1; Atos 2:34***)". **[26]** Mas isso é muito vago. A presença de dois senhores de forma alguma prova que ambos são Deus! O segundo senhor, como veremos, não é expressamente Deus, ou seja, não recebe o título de Divindade. E se "***Deus, é o único SENHOR***" (***Deuteronómio 6:4***), deveria ser óbvio que outro não pode ser o Senhor! É claro que outro pode representar Javé ou agir em nome de Javé, refletir o caráter de Javé ou realizar a vontade de Javé — e Jesus fez todas essas coisas —, mas se Javé é uma Pessoa, Jesus não pode ser Javé. Dois Javé não fazem um só Javé. E o Filho é sempre descrito no NT (e por profecia no AT) como uma pessoa diferente de seu Pai, que é outra e diferente Pessoa. Eles desfrutam, como já foi dito, de um relacionamento "eu-você". E Jesus fala de si mesmo e de seu Pai como "nós" e como paralelo a duas testemunhas individuais (***João 8:16-19***). Ele também confessou sua subordinação ao Pai: "***o Pai é maior do que eu***" (***João 14:28***).

Parece haver uma conspiração na literatura cristã em geral para revelar esta informação muito simples sobre o credo judaico de Jesus. O credo de Jesus Cristo não deveria ser suficiente para seus seguidores? E é necessário dizer mais do que o credo de Paulo em ***1 Timóteo 2:5*** "***Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem***"? Entendendo aquele fato sobre a constituição

do universo que Paulo acabou de chamar de que "***cheguem ao pleno conhecimento da verdade***" e "***ser salvo***" (***1 Timóteo 2:4***).

No entanto, sou grato pela franqueza do professor *Erickson*. Ele admite que a introdução de ***João 1:1*** do conceito de "*logos*" (palavra) do Filho de Deus pré-existente "legitimou a incorporação da especulação filosófica, especificamente, a filosofia neoplatônica, no credo da igreja". **[27]** No entanto, Paulo emitiu uma severa advertência contra a tentativa de definir Deus em termos de filosofia (***Colossenses 2:8***). No entanto, aconteceu. Ela precisa ser corrigida, para que possamos adorar a Deus no espírito e na verdade ensinada por Jesus, com base nas próprias palavras de Jesus sobre quem é Deus.

Um Credo Simples

Como alguém pode perder a confirmação do NT do status único de Deus como Pessoa? Uma conhecida investigação sobre a Trindade relata: "Os judeus criam em um só Deus, a quem chamavam de Pai... Para compreender o crescimento da doutrina da Trindade, o título 'Pai' é de especial importância, porque na Trindade uma das Pessoas é Deus Pai". **[28]** *Arthur Wainwright* então apresenta os seguintes textos do NT para mostrar "como os escritores do NT expressaram sua crença na unicidade de Deus e o descreveram como Pai". **[29]** Esta última afirmação parece ser uma admissão prática de que os escritores do NT eram unitaristas! O que você pensa como leitor dessas declarações?

Jesus:

"***Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus***" (***Marcos 10:18***).

"***Senhor, nosso Deus, é o único Senhor!***" (***Marcos 12:29***).

"***ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus.***" (***Mateus 23:9***).

"***contudo, não procurais a glória que vem do Deus único***" (***João 5:44***).

"***a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste***" (***João 17:3***).

Paulo:

"***e que não há senão um só Deus. Porque, ainda que há também alguns que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores, todavia, para nós há um só Deus***" (***1 Coríntios 8:4-6***).

"***visto que Deus é um só, o qual justificará, por fé, o circunciso e, mediante a fé, o incircunciso***" (***Romanos 3:30***).

"***Ora, o mediador não é de um, mas Deus é um" (Gálatas 3:20). "Dios es una sola Persona***" **[30]**

"***um só Deus e Pai de todos***" (***Efesios 4:6***).

"***Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!***" (***1 Timoteo 1:17***).

"***Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem***" (***1 Timoteo 2:5***).

Tiago e Judas:

"***Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem***" (***Tiago 2:19***).

"***m só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer***" (***Tiago 4:12***).

"***ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!***" (***Judas 25***).

"Deus" aqui é o Pai, como é verdade cerca de 1.317 vezes no NT. Deus é explicitamente distinto de Jesus Cristo. *Wainwright* comenta sobre a lista de textos acima: "A evidência mostra *que Deus foi considerado como um; e acreditava-se que o único Deus era o Pai do Senhor Jesus Cristo*. Declarações dessa natureza dificilmente parecem fornecer um terreno frutífero para o crescimento de uma doutrina da Trindade". Ele então diz que "se tomadas em conexão com outras declarações nas quais a divindade de Cristo é afirmada ou implícita, elas levam imediatamente ao problema trinitário". **[31]**

Wainwright está certo sobre o "problema" trinitário. No entanto, o problema não surge até que os textos unitários anteriores sejam rejeitados. Quanto às afirmações sobre a "divindade" de Jesus, nenhuma delas questiona as afirmações sobre o Pai ser o único Deus. Se eles desafiassem essas declarações unitárias, eles as contradiriam. Isso, por sua vez, levaria à conclusão de que o NT se contradiz em sua definição de Deus. Isso eu não aceito. E Jesus, o judeu e fundador de nossa fé, assim como seus apóstolos escolhidos, sabiam quem era Deus.

Uma vez que os textos unitários do NT são aceitos pelo que eles dizem claramente (em harmonia com todo o AT e com Jesus em ***Marcos 12:28-34***), os versículos que descrevem a chamada "divindade" de Jesus podem ser facilmente explicados como descrições de Jesus. como o homem Messias, em quem o Deus Único estava exclusivamente ativo por meio de Seu espírito e que foi exaltado à posição suprema designada a ele por Deus Pai, conforme predito no ***Salmo 110:1***. Jesus no NT é visto como o único agente e reflexo do Deus Único. Sua "igualdade" com seu Pai não o torna Deus. Ele ainda é o Messias homem. Aparece então a verdade de que, de facto, ainda existe "um só Deus", mas agora tem com Ele "um mediador, o Messias homem Jesus", como ***1 Timóteo 2:5*** diz de forma tão lúcida e simples..

Jesus: Uma Pessoa Plenamente Humana

A verdade suprema e surpreendente que resulta desta análise é que Jesus Cristo é realmente um ser humano, isto é, um ser humano único, sem pecado e virginalmente gerado, e ressuscitado para a imortalidade como o primeiro da nova criação. Este paradigma permite que o Deus Único permaneça em Sua posição única como "***o único Deus verdadeiro***", como disse Jesus em ***João 17:3***, referindo-se a seu Pai. E Jesus é visto como o Filho gerado sobrenaturalmente daquele único Deus, como claramente afirmado em ***Lucas 1:35***. Acima de tudo, esse paradigma permite que a definição de Jesus sobre quem é Deus

permaneça inabalável. De fato, declarações *subsequentes* de credos por concílios da igreja minaram e contradizem a declaração do próprio Jesus sobre o credo unitário de Israel (em ***Marcos 12:29***). A posição bíblica não é que Deus era Cristo, mas que "***Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo***" (***2 Coríntios 5:19***).

A Igreja às vezes impôs seu próprio credo antibíblico com o braço forte da lei estadual, até mesmo executando ou queimando até a morte os opositores. O espírito assim demonstrado não é o espírito de Jesus.

A Igreja criou seu próprio credo problemático e depois se cansou de tentar entendê-lo, enquanto ao mesmo tempo obscurecia as palavras simples de Jesus e antagonizava miríades de muçulmanos e judeus?

Um Deus amoroso nos ofereceria uma declaração ambígua ou confusa sobre quem Ele é? Um Deus que é três não forneceria um único versículo da Bíblia em que a palavra três e Deus aparecessem juntas? Compreender quem Ele é nos permite fugir de todas as formas de idolatria e da ameaça de promover outros que não Ele como Deus, como objeto de culto religioso. Deus é, disse Jesus, "um Senhor" — um, não dois, não três Senhores — certamente não uma "essência" abstrata. Ele é definitivamente uma Pessoa, já que um Senhor é uma Pessoa, uma Pessoa, assim designada milhares de vezes tanto por substantivos quanto por pronomes pessoais singulares. Ele é o Deus Único de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus do próprio Jesus..

Devemos nos surpreender quando sugiro que as igrejas contemporâneas, que sem dúvida tentam servir e obedecer a Jesus como o Messias, *não* proclamam o credo ao qual Jesus obviamente adere. Consulte a declaração de fé de sua igreja, seu credo definidor. Em sua constituição, a razão de sua existência, você encontrará isto: "Cremos que Deus existe em três Pessoas".

Este certamente não é o credo de Jesus. É fundamentalmente diferente. A diferença é imediatamente aparente para todos os leitores. Deus tornou-se misteriosamente "três". Mas para Jesus, Deus era estritamente um — um Senhor. Dirigindo-se a seu Pai, Jesus disse: "o único Deus verdadeiro" (***João 17:3***). Jesus está aqui falando com o Pai. Ele o define como "***o único Deus verdadeiro***". Distingue-se na mesma frase do único Deus, chamando-se Messias, confiado por Deus. No entanto, as igrejas sustentam que existem dois outros que são igualmente o verdadeiro Deus.

Foi negado a Deus a posição suprema e incomparável que ele reivindica para si mesmo repetidas vezes nas Escrituras?

Nós, cristãos, aprendemos nosso credo com Jesus?

O apologista evangélico *Carl Henry* escreveu: "O Deus trino é de fato a 'premissa ontológica' na qual a fé cristã histórica é fundada". **[32]** Mas Jesus não disse nada disso. Ele não sabia nada sobre nenhum Deus Triúno. Ele não era um filósofo grego preocupado com questões de "ontologia". Sua premissa para uma fé saudável é a crença no Deus de uma pessoa de Israel. Tal é o testemunho da Escritura para o credo de Jesus..

Não é então Jesus a fonte do credo da "fé cristã histórica"? O Deus Único sofreu com uma identidade roubada à medida que mais são adicionados como candidatos ao status de Deidade? Sugiro que esta diferença flagrante entre o credo de Jesus e o credo da Igreja deve ser motivo de preocupação, até mesmo de alarme. Digo isso com base nas fortes advertências de Jesus de que é perigoso ignorá-lo como mestre e

mestre. O anúncio de que Jesus nasceu como "***Cristo, o Senhor Messias***" (***Lucas 2:11***) o coloca como o cabeça da raça humana designado por Deus e exige nosso serviço leal a ele em todos os níveis. Mas não temos liberdade para mudar sua afirmação pública de seu próprio credo, o credo de Israel e a Bíblia, de que Deus deve ser entendido como um único Senhor e Deus — de fato, como "***o Deus e Pai do Senhor Jesus***". (***2 Coríntios 11:31***).

Quando os comentaristas discutem as raízes da fé cristã, eles subconscientemente descartam Jesus como o verdadeiro fundamento da fé cristã. Quando "*The Interpreter's One-Volume Commentary on the Bible*" (O Comentário de um Volume do Intérprete sobre a Bíblia) chega a ***Marcos 12:29***, é rápido nos dizer que os mandamentos de amar a Deus e ao próximo apresentam "uma doutrina central da Bíblia". **[33]** Isso certamente é verdade, mas o comentário repentinamente muda de tom quando se trata da citação de Jesus de ***Deuteronômio 6:4*** como a introdução ao mandamento de amar. Somos informados de que a declaração de Jesus em ***Deuteronômio 6:4*** "seria satisfatória para todos os judeus. Estes são os versos mais preciosos do judaísmo". **[34]** Mas não são eles o tesouro mais precioso dos cristãos que querem amar e seguir Jesus? Porque não? Aqui fica evidente um curioso divórcio entre o credo de Israel e o que se acredita ser o cristianismo. Mas como a fé cristã pode ser desconectada com segurança de seu fundador sem sérios danos ou perdas?

Os livros didáticos sobre a Bíblia estão dispostos a fornecer esta informação. Provavelmente, a primeira declaração do credo cristão foi a proclamação simples, mas profunda: "***Jesus é o Senhor!***" (***Romanos 10:9; 1 Coríntios 12:3; 2 Coríntios 4:5; Filipenses 2:11***). Dizer "Jesus é o Senhor" era o credo básico dos primeiros cristãos. A questão mais fundamental é: como Jesus definiu Deus?

Nesta declaração típica sobre Jesus como "Senhor", o credo anterior do próprio Jesus foi destruído! Jesus é cortado de suas raízes judaicas nas mentes dos paroquianos e então se junta ao credo da Igreja, e não tem permissão para manter seu próprio credo cristão, que é o antigo credo unitarista de Israel. Agora inspecione o credo das principais igrejas. Não há nenhuma tentativa de reproduzir as palavras do credo de Jesus. Em vez disso, estamos sendo solicitados a nos submeter a um conceito muito diferente de Deus. Deus é um, diz-se, mas — e aqui a mudança é óbvia — "Ele existe como três Pessoas". Homenagem é prestada ao credo bíblico, embora imediatamente modificado para significar algo bem diferente. Se investigarmos mais esta estranha proposição, nos é dito que Deus é três Pessoas, mas uma substância ou essência. A diferença entre Deus como uma única Pessoa e Deus como um "O quê" não é bastante óbvia? Judeus e muçulmanos certamente reconhecem essa diferença instantaneamente e se afastam da noção de que a unidade de Deus é uma "essência" composta de três pessoas. Qual versículo da Bíblia diz que Deus é "o quê"? Qualquer pessoa que faça tal afirmação foi ensinada por credos post-bíblicos, certamente não pelas Escrituras. Nas Escrituras, Deus é uma Pessoa, nunca um "O quê" ou essência.

Jesus poderia ter afirmado esse credo trinitário? Pelo contrário. O credo judaico de Jesus define o Deus da Bíblia e de Israel como "um só Senhor". Um Senhor é um Senhor, uma Pessoa — certamente não três Pessoas. Certamente esta questão deve atrair nosso intenso interesse. Deve ser de grande importância que estejamos definindo Deus de uma forma que Jesus, falando do mais importante de todos os mandamentos, não fez!

Duvido que os paroquianos tenham pensado muito nisso. Parece que não há muitos sermões hoje em dia sobre credo, sobre definir quem é Deus. É simplesmente assumido que os concílios da igreja (Nicéia em 325 e Calcedônia em 451) nos transmitiram fielmente a compreensão e definição corretas de Deus para nós.

Todos devem saber que a Igreja é baseada na crença em um Deus trino. Diz-se que esses concílios expressaram a soma do que a Bíblia ensina sobre Deus. Mas eles fizeram? O credo de Jesus é o mesmo credo dos concílios e de sua igreja? Não seria bom senso recitar na igreja o credo que o próprio Jesus recitou?

"*The articles of the Church of England*" (Os artigos da Igreja da Inglaterra") advertiam sabiamente que "os conselhos podem estar errados". **[35]** O sistema de crenças do próprio Jesus parece ter sofrido um duro golpe quando conselhos e igrejas adotaram uma estranha visão de Deus "três em um", da qual Jesus nada sabia..

Os Judeus Nunca Foram Trinitarianos

Qualquer pessoa com o mínimo conhecimento da história de Israel sabe que os judeus nunca, jamais acreditaram em um Deus de três pessoas. Os judeus estavam apaixonada e resolutamente apegados à crença de que Deus é uma pessoa divina. Eles são o que os teólogos gentilmente chamam de "unitarianos", **[36]** ou melhor, "monoteístas unitários". Os judeus ao longo de sua história nunca foram crentes em um Deus trino. Até hoje eles se horrorizam com tal desvio do princípio fundamental de sua religião revelada. Jesus era judeu. Jesus era um unitarista inabalável. Jesus também é o mestre e Senhor de todos os cristãos professos (***João 13:13***).

Um professor de teologia de Oxford, dando uma palestra sobre a Trindade, defende nosso ponto:

> O cristianismo, como disse na semana passada, começou como uma religião trinitária com uma teologia unitária. Surgiu dentro do judaísmo, e o monoteísmo do judaísmo era então, como ainda é, unitário. Como a igreja cristã deveria formular uma teologia adequada para expressar o novo conhecimento de Deus que lhe havia chegado por meio de Jesus Cristo? Em que termos os cristãos poderiam pensar em Deus revelado a eles na prática de sua religião? Iriam repudiar o monoteísmo e afirmar uma teologia triteísta? Ou poderia o monoteísmo ser revisado para incluir a nova revelação enquanto ainda é monoteísta? Esse foi o problema com o qual a Igreja lutou naqueles primeiros séculos, quando os credos foram formulados. Na semana passada, estávamos considerando um aspeto dessa parte da história cristã e vimos que o pensamento cristão se desenvolveu através da troca de suas crenças religiosas herdadas do judaísmo com a tradição grega do pensamento filosófico. Tentarei agora mostrar que o resultado desse desenvolvimento foi uma revisão tanto da ideia teológica do monoteísmo quanto da ideia filosófica da unidade. **[37]**

Esta afirmação requer uma análise cuidadosa. A fé do judaísmo sempre foi unitária, crença em Deus como uma única pessoa. Mas a Igreja, argumenta o professor, revisou sua visão unitária original de Deus e transformou Deus em três pessoas, chamando essa visão de monoteísmo.

Ouça a objeção apaixonada dos judeus à cana trinitária adotada por aqueles que afirmam seguir o Jesus judeu:

> O lugar do Mestre de Nazaré na estrutura do pensamento judaico só é possível com a condição de uma clara distinção entre o Cristo do dogma cristão e o Jesus *Judeu*... um trágico equívoco...

> a reabilitação do "Jesus histórico" à custa do ortodoxo Filho de Deus... É apenas uma teologia cristã vaga e diluída que imagina ser possível reconciliar com o judaísmo. Na realidade, não há entendimento entre as duas religiões: elas não têm um denominador comum que possa servir de base para uma "teologia ponte"... *Montefiore* está bem ciente da dificuldade, como se pode constatar em comentário anterior: "O centro do ensinamento do Jesus histórico é Deus: o centro do ensinamento da Igreja é ele (isto é, o próprio Jesus). É esta atitude peculiar para com Jesus que separa para sempre a Igreja da Sinagoga. **[38]**
>
> O mesmo escritor destaca a visão judaica da unidade de Deus:
>
> A essência do judaísmo é a doutrina da unidade absoluta e imutável de Deus. A definição magistral do *Prof. Moore* da conceção judaica dessa unidade dificilmente pode ser superada. Ele o chama de "monoteísmo numericamente exclusivo e intransigentemente pessoal". Com ele, o judaísmo permanece ou cai. De fato, a unidade absoluta do Deus de Israel junto com a "*Torá*", ou seja, a revelação desse Deus único, formam o coração e a essência do judaísmo. O restante do pensamento e da prática judaica é de importância secundária em comparação com essas duas verdades fundamentais... Esse princípio vital, conforme concebido tanto pelo judaísmo ortodoxo quanto pelo liberal, é, portanto, diretamente oposto à doutrina trinitária da Igreja Cristã. **[39]**

Mas quem decide qual credo os cristãos devem aceitar? O que aconteceu com o credo do próprio Jesus, que está registrado em nossos evangelhos como o credo unitarista de Israel? Ao final de seu ministério, Jesus afirmou como a questão espiritual mais importante de todas, o fato de que Deus é um e que esse Deus Único deve ser amado com todo o nosso ser. Jesus, afirmamos, não revisou de forma alguma o credo de sua própria herança judaica. Em nenhum lugar Jesus autorizou uma nova definição de Deus! O professor (*Hodgson*, acima) pode falar sobre a "luta" da Igreja enquanto eles lutavam para expressar fé em Jesus. Mas quem disse que o credo poderia ser alterado, ou precisava ser alterado, e tornar-se irreconhecível como o credo de Jesus? Quem disse que o credo da Bíblia é algo pelo qual se deve lutar?

Nem Paulo nem nenhum escritor do NT tentou "melhorar" o credo de Jesus ou sua herança judaica. Foi a posterior Igreja post-bíblica que, através de um tortuoso processo, gradualmente se afastou de sua herança bíblica, baseada nas próprias palavras de Jesus. Em 325 dC, após amargas lutas, o monoteísmo de Jesus foi oficialmente revisado para incluir três pessoas. Revisado? O credo pode ser alterado com segurança e omitir as palavras de Jesus?.

Concessões dos Eruditos.

Existem muitos estudiosos muito competentes que mostraram que a linguagem dos credos aceitos pelas igrejas é muito diferente da linguagem da Bíblia. O mais óbvio é que existe uma diferença evidente entre o credo de Jesus em ***Marcos 12*** e o das igrejas que anunciam a crença em Deus, que é três.

"*The Encyclopedia Britannica*" (A Enciclopédia Britânica) em sua 15ª edição observa corretamente que:

> Nem a palavra Trindade, nem a doutrina explícita como tal, aparecem no NT, nem Jesus e seus seguidores afirmam contradizer o "*Shema*" do AT, "***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é***

> ***o único SENHOR***" (***Deuteronômio 6:4***). Não foi até o quarto século que a distinção do um e dos três e sua unidade foram unidas em uma única doutrina ortodoxa de uma essência e três pessoas.

Dr. *Marvin Wilson*, um especialista nas raízes hebraicas do cristianismo, comenta bem sobre a confirmação inequívoca de Jesus do credo de Israel:

> Dos 5.845 versículos do Pentateuco, "***Ouve, ó Israel…***" atinge a nota histórica para todo o judaísmo. Esta verdade fundamental e leitmotiv da unicidade de Deus nos leva a responder cumprindo a obrigação fundamental de amar a Deus (***Deuteronômio 6:5***). Consequentemente, quando Jesus foi questionado sobre o "maior mandamento", sua resposta não contradiz o tema central do judaísmo (***Marcos 12:28-34***; compare, ***Mateus 22:34-40***). Com 613 estatutos individuais da "*Torá*" para escolher, Jesus citou o "*Shemá*", incluindo o mandamento de amar a Deus; mas ele também estendeu a definição do "primeiro" e "grande" mandamento para incluir o amor ao próximo (***Levítico 19:18***)...Yahweh é o Ser Supremo, totalmente diferente de todas as outras coisas no universo, que foram criado por ele. **[40]**

Wilson então menciona que alguns estudiosos têm visto Deus como uma "unidade complexa". Ele sabiamente não tenta justificar essa tentativa de ler a teologia posterior nas palavras simples da Bíblia hebraica. Mas, estranhamente, ele parece não se preocupar com o fato de a Igreja a que pertence não subscrever o credo afirmado pelo próprio Jesus.

Dr. Wilson fornece um excelente comentário histórico sobre o credo recitado por Jesus. Ele afirma que o Shema "é um dos textos mais cruciais do AT para os ensinamentos fundamentais de Jesus e do judaísmo". **[41]** Mas esse credo fundamental de Jesus não pode ser encontrado nos livros das principais igrejas. Apesar de toda a sua boa história e apresentação dos fatos, o professor *Wilson* parece incapaz de protestar contra o fracasso da Igreja – sua própria igreja – em defender o credo de Jesus..

Assim, a menos que possa ser demonstrado que a crença em três Pessoas que são Deus pode ser reconciliada com o "*Shemá*" afirmado por Jesus, os cristãos têm um credo falho. Eles estiveram errados por séculos. Eles abandonaram Jesus em um nível fundamental (além de impedir que muitos judeus e muçulmanos considerassem as afirmações de Jesus).

Vamos fazer mais algumas comparações. Vimos o credo que Jesus estabeleceu como fundamento da verdadeira religião: "***o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***". Agora vamos ouvir o que os cristãos deveriam recitar como seu credo cerca de 500 anos depois da época de Jesus.

Do Jesus Judeu a Um Novo Credo Gentio

Abaixo está o chamado credo atanasiano. Não vou citá-lo inteiramente, mas darei a você o suficiente para mostrar como você desdobra a declaração resumida de que "Deus existe em três pessoas".

> Quem quer ser salvo deve antes de tudo ter a fé católica [universal]; qual fé, a menos que cada um a mantenha inteira e imaculada, certamente perecerá eternamente. E a fé católica é esta: adoramos um só Deus na Trindade e a Trindade na Unidade; sem confundir as pessoas nem

> dividir a substância... O Pai eterno, o Filho eterno e o Espírito Santo eterno, e não são três eternos, mas um eterno... Assim também o Pai é todo-poderoso, o Filho todo-poderoso, e o Santo Espírito todo poderoso. E, no entanto, eles não são três todo-poderosos, mas apenas um. Então o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus. E, no entanto, eles não são três Deuses, mas um Deus. Assim também o Pai é Senhor, o Filho é Senhor e o Espírito Santo é Senhor; e ainda assim eles não são três Senhores, mas um Senhor. Porque, assim como a verdade cristã nos obriga a reconhecer cada Pessoa por si mesma como Deus e Senhor, assim também a religião católica nos proíbe de dizer que há três Deuses ou três Senhores... E nesta Trindade nenhum é anterior ou posterior ao outro; nenhum é maior ou menor que o outro. Mas as três pessoas são co-eternas e coiguais. Assim, em todas as coisas, como foi dito, a Unidade na Trindade e a Trindade na Unidade devem ser adoradas. Quem quer ser salvo deve pensar assim sobre a Trindade.

Esteja ciente das fortes ameaças dirigidas a qualquer um que possa questionar esse incrível dogma. Mas é possível que Jesus subscrevesse esse credo? Ou o próprio Jesus teria caído sob os anátemas cruéis desse credo "cristão"? A terrível possibilidade é que Jesus tenha fugido da associação com este estranho documento, que apresenta ao leitor comum um absurdo óbvio.

Jesus evidentemente não sabia nada sobre os credos nicenos ou o chamado credo atanasiano. Jesus ensinou e cumpriu perfeitamente a vontade de seu Pai. A própria afirmação de Jesus sobre o credo de Israel é testemunho do maior fato do universo: que existe um Deus e que Ele é uma Pessoa divina. Poderia até mesmo o Deus de Jesus acreditar na Trindade?

Acho que o professor de história da igreja estava certo quando observou:

> O AT é estritamente monoteísta. Deus é um único ser pessoal. A ideia de que existe uma Trindade não tem fundamento... Não há rutura entre o AT e o NT. A tradição monoteísta continua. Jesus era judeu, criado por pais judeus nas escrituras do AT. Seu ensino era judaico até o âmago; um novo evangelho, sim, mas não uma nova teologia... E ele aceitou como sua própria crença o grande texto do monoteísmo judaico: "***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***" **[42]**

Os livros canônicos da Bíblia são bastante claros sobre os fatos. Aqui está um trecho do "*Exegetical Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Exegético do Novo Testamento) em sua entrada na palavra "um": "O cristianismo primitivo conscientemente adota do judaísmo (***Deuteronômio 6:4***) a fórmula monoteísta 'Deus é um'. De acordo com ***Marcos 12:29, 32***, Jesus endossa explicitamente a fórmula monoteísta judaica. **[43]** Paulo era igualmente "judeu" em sua crença fundamental sobre Deus: "***Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, o Messias homem***" (***1 Timóteo 2:5***). Essa declaração do credo de Paulo, refletindo a visão de Deus sobre Jesus, deveria ter sido suficiente. Mas a Igreja foi além e fora da Bíblia. A história da igreja testemunha o caos que se seguiu.

Hugh Anderson, em seu comentário sobre Marcos, fala surpreendentemente da "Igreja que não recitou mais o *'Shemá'"*, enquanto "Jesus permanece firmemente dentro da órbita da piedade judaica". **[44]** O que então aconteceu com a Igreja? Esqueceu seu fundador? Certamente não havia nada inapropriado na teologia do Salvador e em sua confissão de que seu Deus era o Deus de sua herança judaica. Por que nós, como cristãos, não permanecemos dentro da órbita judaica de piedade em relação a Jesus?

A confissão unitária de Jesus é uma crença fixa do "*Shemá*" de ***Deuteronômio 6:4*** transmitida pelos profetas de Israel ao próprio Jesus em ***Marcos 12***. Os principais judeus da época de Jesus ecoaram o mesmo credo. Josefo foi típico: "Reconhecer Deus como um é comum a todos os hebreus". **[45]** E *Filo*: "Gravemos, então, no fundo de nossos corações, como o primeiro e mais sagrado dos mandamentos, reconhecer e honrar um Deus que está acima de tudo, e que a ideia de que os deuses são muitos nunca cheguem aos ouvidos do homem cuja regra de vida é buscar a verdade na pureza e na bondade". **[46]** O credo de Jesus "está em conformidade com a confissão judaica". **[47]**

Nosso Senhor Jesus não tem o direito de nos dizer quem é Deus? Não seria perigoso e arrogante ignorarmos o entendimento do monoteísmo do Senhor Jesus?

Volto aos comentários surpreendentes de um importante teólogo sistemático contemporâneo. Em sua clássica obra evangélica sobre o desenvolvimento da doutrina, o professor *Harold O.J. Brown* considerou em 1984 que agora "entramos em uma era pós-calcedônia". Ele lamenta esta tendência:

> A transformação que esse desenvolvimento anuncia é maior do que qualquer coisa que aconteceu até agora dentro do Cristianismo. Só pode ser comparada com a transição dentro do próprio monoteísmo bíblico, do monoteísmo unitário de Israel ao trinitarismo do Concílio de Calcedônia. A diferença é simbolizada pela transição da oração "*Shema Yisrael*", de ***Deuteronômio 6:4*** ("***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR…***"), para a confissão do Credo Atanasiano, "Adoramos um Deus na Trindade e a Trindade na unidade". A transição do monoteísmo pessoal de Israel para o teísmo tri-pessoal de Nicéia foi um desenvolvimento legítimo da revelação do AT? Os cristãos dizem isso, argumentando que Nicéia representa uma exibição mais completa, não uma distorção, da autorrevelação do Deus de Israel. De fato, o trinitarismo Niceno e as definições cristológicas de Calcedônia são vistas como a interpretação válida e necessária das afirmações de Jesus Cristo no contexto do testemunho do AT do Deus Único. **[48]**

¡ O que o professor parece não perceber é que a transição que ele endossa foi na verdade uma transição que afastou a Igreja do próprio Jesus! Seu comentário é sintomático do gigantesco imbróglio eclesiástico que permite aos teólogos esquecer que o cristianismo supostamente se baseia no próprio Cristo. Abandonar o credo de Jesus deve ser o mesmo que abandoná-lo.

A concessão de *Brown* de que a Igreja alterou o credo de Jesus se choca com a declaração clara do "*Dictionary of Christ and the Gospels*" (Dicionário de Cristo e dos Evangelhos): "Para Jesus, como para Seu povo por muitos séculos, Deus era um. *Ele não mudou essa crença antiga*". **[49]**

Muito pertinente é a observação perspicaz do professor *Hiers*, que aponta que "os intérpretes da persuasão cristã normalmente não se interessam particularmente pelo que Jesus pretendia e fez em sua própria vida", **[50]** e o professor *Loofs*, que advertiu contra a helenização da fé e uma "introdução disfarçada do politeísmo no cristianismo" **[51]** e o professor *Martin Werner* que deplorou a paganização da fé. **[52]**

A menos que possa ser demonstrado pelas Escrituras que Jesus autorizou um novo credo, a Igreja deve confessar ter adotado uma definição de Deus diferente da de Cristo e, portanto, não é estritamente cristã. Uma revolução é necessária se quisermos levar Jesus a sério na questão de definir quem é Deus e quem ele é. A Reforma do século 16 deve ser reavaliada como altamente tendenciosa e inadequada em muitos aspectos. Em jogo está a questão de saber se os reformadores realmente queriam dizer o que disseram

quando disseram que a Igreja está sempre se reformando de volta ao seu estado original. Não poderia esta questão de quem é Deus ser a chave para resolver os vastos problemas que assolam o cristianismo, bem como o mundo mais amplo das relações com o judaísmo e o islamismo? **[53]**

Notas Finais Capítulo 2

[1] *Hans Hinrich Wendt*, "*The Teaching of Jesus*" (O ensino de Jesus), T&T Clark, 1892, página 184.

[2] YHVH, o nome pessoal de Deus, aparece cerca de 7.000 vezes, sempre com tempos e pronomes singulares; "*elohim*" (Deus) cerca de 2.300 vezes; "*Adonai*" (O Senhor Deus) 449 vezes e no NT grego "*ho theos*" aparece 1317 vezes.

[3] *James White*, em "*The Forgotten Trinity*" (A Trindade Esquecida), Bethany House, 1998, não cita nenhum exemplo da Bíblia de "Deus" que significa um Deus trino.

[4] "*Trinity*" (Trinidad), *Merrill C. Tenney*, ed. "*The Zondervan Pictorial Bible Dictionary*" (O Dicionário da Bíblia Pictorial de Zondervan), 1967, página 871.

[5] ***Apocalipsis 1:8*** refere-se ao Pai e não a Jesus.

[6] Não há diferença no significado entre as várias traduções: "O Senhor nosso Deus é um só Senhor", "o único Senhor", etc..

[7] Ou "junto a ele".

[8] *C.S. Lewis Mere*, "*Christianity*" (Cristianismo), Harper Collins, 2001, página 52.

[8] Ver *C.S. Lewis*, "*Christian Reflections*" (Reflexões Cristãs), página 79.

[9] *Lewis*, "*Christian Reflections*" (Reflexões Cristãs), 79.

[10] "*The Illustrated Bible Dictionary*" (O Dicionário Bíblico Ilustrado), Tyndale House, 1980, Banda 1, Página 571.

[11] "*The People of God: An Inquiry into Christian Origins*" (O povo de Deus: uma investigação sobre as origens cristãs), Oxford University Press, 1912, página 239.

[12] Jesus encorajou fortemente seus seguidores a reconhecê-lo como Rabi e Senhor ao mesmo tempo "***Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou***"(***João 13:13***).

[13] A língua hebraica usa verbos singulares ao falar do único Deus Yahweh..

[14] "*Trinity*" (Trinidad), "*New Bible Dictionary*" (Novo Dicionário da Bíblia), Intervarsity Press", 1996, Seite 1209.

[15] Ibidem.

[16] Ibid 1211

[17] A definição oferecida por "*Bible Answer Man*" (Resposta da Bíblia do Homem) por *Hank Hanegraaff* y *James White* em seu livro "*The Forgotten Trinity*" (A Trindade esquecida). *White* dice: "Não ousamos misturar o quê e o quem em relação à Trindade" (página 27).

[18] "*Christian Reflections*" (Reflexões Cristãs), página 79.

[19] "*Word Biblical Commentary: Pastoral Epistles*" (Comentário Bíblico sobre a Palavra: Epístolas Pastorais), *Thomas Nelson*, 2000, Seite 61.

[20] *John Henry Newman*, "*Select Treatises of St. Athanasius*" (Tratados seleccionados de Santo Atanásio), James Parker and Co. 1877, Seite 515.

[21] *Milliard J. Erickson*, "*God in three Persons*" (Deus em três Pessoas), Baker Books, 1995, pp. 108-109.

[22] Ibidem, página 109, itálico acrescentado.

[23] Ibidem.

[24] Ibidem, página 258.

[25] Ibidem.

[26] Ibidem.

[27] João, claro, não escreveu "No princípio era o Filho", mas "No princípio era a Palavra". Ver o desafio revelador do *Dr. Collins*: "É uma leitura errada normal, mas óbvia, ler esta passagem como se lesse: No princípio era o Filho". ("*Trinity and Incorporation: In Search of Contemporary Orthodoxy*" (Trindade e Incorporação: Em Busca da Ortodoxia Contemporânea), "*Ex Auditu*" 7, 1991 , 89). Seria uma manobra exegética extraordinária supor que João de repente declara que Deus é dois em um único versículo. Acima de tudo, porque Jesus claramente conhecia apenas um Deus "*que na verdade é só Deus*" e, portanto, falou como um bom monoteísta judeu em sua declaração (***João 17:3***) sobre seu Pai

[28] "*The Trinity in the New Testament*" (A Trindade no Novo Testamento), SPCK, 1980, página 41.

[29] Ibidem, páginas 41 y 42.

[30] "*Amplified Version*" (versão ampliada)

[31] "*The Trinity in the New Testament*" (A Trindade no Novo Testamento), página 42.

[32] *F.F. Bruce*, "*The origin of the Bible*"(A origem da Bíblia), Tyndale House, 2003, Seite 25.

33] *Abingdon Press*, 1971, página 664.

[34] Ibidem.

[35] "*Church of England*" (Igreja de Inglaterra), Artículo de Fe XXI....

[36] Estou escrevendo Unitariano com um "u" minúsculo para distingui-lo dos Universalistas Unitarianos modernos, cuja teologia seria bem diferente da que é apresentada aqui.

[37] *Leonard Hodgson*, "*Christian Faith and Practice*" (Fé e prática cristã), Blackwell, 1952, Seite 74.

[38] *Jacob Jocz*, "*The Jewish People and Jesus Christ*" (O povo judeu e Jesus Cristo), SPCK, 1962, Seite 262.

[39] Ibid, pp. 262-265

[40] "*Our Father Abraham*" (Nosso Padre Abraham), Eerdmans, 1989, pp. 124-125.

[41] Ibidem, página 122.

[42] *L.L. Paine*, "*A Critical History of the Evolution of Trinitarianism*" (Uma história crítica da evolução do trinitarianismo), Houghton Mifflin and Co., 1900, Seite 4.

[43] "*Exegetical Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Exegético do Novo Testamento), Eerdmans, 1990, página 399.

[44] "*Gospel of Mark*" ("*New Century Bible Commentary*" - Evangelio de Marcos) (Comentario bíblico del Nuevo Siglo), Eerdmans, 1981, página 280.

[45] "*Antiquities 5*" (Antiguidades 5), página 112.

[46] "*Decalogue*" (Decálogo), página 65.

[47] *Eduard Schweizer*, "*The Good News According to Mark*" (As Boas Novas Segundo Marcos), John Knox Press, 1970, página 251.

[48] *Harold O.J. Brown*, "*Heresies*" (Heresias), página 431.

[49] "*God, Dictionary of Christ and the Gospels*" (Deus, Dicionário de Cristo e dos Evangelhos), 1:650.

[50] *Richard Hiers*, "*Jesus and the Future*" (Jesus e o futuro), 1.

[51] *Paul Schrodt*, "*The Problem of the Beginning of Dogma in Recent Theology*" (O problema do início do dogma na teologia recente), Peter Lang, 1978, página 121.

[52] "*The Formation of Christian Dogma*" (A formação do dogma cristão), Harper, 1957, página 298.

[53] "Semper Reformanda".

Capítulo 3

Fato Bíblico e História Contra o Dogma.

> "Uma vez que o NT não diz, em tantas palavras, que Jesus de Nazaré era realmente Deus, é natural imaginar como a Igreja Cristã chegou a afirmar que ele era". **[1]**
>
> "Algum historiador teve a audácia de afirmar que a doutrina do Deus de Israel nos dias de Jesus ou posteriormente era tudo menos o mais estrito monoteísmo?" **[2]**

Paulo exorta os cristãos a fugir de qualquer ensino que não esteja em harmonia com as palavras que dão saúde — isto é, as de nosso Senhor Jesus Cristo.:

> "***Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade, é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas***" (***1 Timoteo 6:3***).

Essa advertência do apóstolo parece se aplicar bem às delicadas guerras de palavras que ocorreram em torno do desenvolvimento de credos post-bíblicos. Não deveria ter sido suficiente para descansar no credo de Jesus que ninguém é o Deus supremo, exceto seu Pai? "***o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***" é uma proposição facilmente compreendida por qualquer pessoa com uma atitude infantil em relação à verdade, uma abordagem que Jesus elogiou muito.

Nas Escrituras é dito que Jesus é o Apóstolo da fé cristã, o "***Sumo Sacerdote da nossa confissão***" (***Hebreus 3:1***). O mesmo versículo o nomeia nosso Sumo Sacerdote. Frequentemente se menciona o Credo dos Apóstolos, que não está na Bíblia, mas reflete uma antiga confissão de Deus Todo-Poderoso e de Jesus. O que há de errado em apelar para o credo de Jesus, nosso Apóstolo, acreditando que "***o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor!***" (***Marcos 12:29***)? Seu paralelo em ***João 17:3*** registra o próprio monoteísmo estrito de Jesus. Ele declarou que eles "***que te conheçam a ti*** [Pai]***, o único Deus verdadeiro***". São proposições fáceis que deveriam ter sido deixadas em toda a sua pureza primitiva. Anos de conflito e confusão poderiam ter sido evitados.

Vozes Antigas de Protesto

O célebre poeta *John Milton* foi uma das três mentes distintas do século XVII, junto com *Sir Isaac Newton* e *John Locke* (e muitos outros estudiosos dissidentes), que protestaram contra o credo trinitário das igrejas. O conselho oportuno de *Milton* para nós foi confiar somente nas Escrituras:

> Então, vamos descartar a razão em assuntos sagrados, e seguir exclusivamente a doutrina da Sagrada Escritura... É muito evidente... de inúmeras passagens da Escritura que na verdade há

> apenas um Deus verdadeiro, independente e supremo; e como ele é chamado um (porque a razão humana e a linguagem comum dos homens, e os judeus, povo de Deus, sempre o consideraram como uma única pessoa, isto é, um em sentido numérico), vamos recorrer às sagradas escrituras saber quem é esse Deus único, verdadeiro e supremo. Esse conhecimento deve ser derivado em primeira instância do Evangelho, pois a doutrina mais clara sobre o único Deus deve necessariamente ser aquela copiosa e explicativa revelação sobre Ele que foi entregue pelo próprio Cristo a seus apóstolos e pelos apóstolos a seus seguidores. Também não se deve supor que o Evangelho seja ambíguo ou obscuro sobre esse assunto; porque não foi dado para promulgar novas e incríveis doutrinas sobre a natureza de Deus, até então completamente inéditas para seu próprio povo, mas para anunciar a salvação aos gentios por meio do Messias Filho de Deus, segundo a promessa de Deus. Abraão. "***Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou***" (***João 1:18***). Portanto, consultemos primeiro o Filho a respeito de Deus.
>
> De acordo com o testemunho do Filho, entregue nos termos mais claros, o Pai é aquele único Deus verdadeiro, por meio de quem são todas as coisas. Quando um dos escribas lhe perguntou (***Marcos 12:28, 29, 32***) qual era o primeiro de todos os mandamentos, ele respondeu de ***Deuteronómio 6:4***: O primeiro de todos os mandamentos é: "***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***"; ou como está em hebraico, "***Jeová nosso Deus é um Jeová***". O escriba concordou; "***Há um só Deus, e não há outro senão Ele***"; e no versículo seguinte, Cristo aprova esta resposta. Nada pode ser mais claro do que a opinião do escriba, bem como dos outros judeus, que pela unidade de Deus Sua unidade de pessoa é pretendida. Que esse Deus não era outro senão Deus Pai é provado em ***João 8:41, 54***: "***temos um pai, que é Deus... quem me glorifica é meu Pai, o qual vós dizeis que é vosso Deus***". ***João 4:21***: "***nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai***". Cristo, portanto, concorda com todo o povo de Deus que o Pai é aquele único Deus. Pois quem pode acreditar que o primeiro dos mandamentos tenha sido tão obscuro e tão mal compreendido pela Igreja através de tal sucessão de eras, que duas outras pessoas, igualmente habilitadas ao culto, permaneceram totalmente desconhecidas do povo de Deus e privadas de honras divinas até aquele dia?... Portanto, o próprio Cristo, o Filho de Deus, não nos ensina nada no Evangelho sobre o único Deus, mas o que a Lei havia ensinado antes, e em todos os lugares ele claramente o afirma como seu Pai. ***João 17:3***: "***E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste***". ***João 20:17***: "***Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus***" Se, então, o Pai é o Deus de Cristo, e ele mesmo é nosso Deus, e se não há outro Deus senão um, não pode haver Deus fora do Pai. **[3]**

Depois de examinar as declarações claramente unitárias de Paulo, *Milton* reflete sobre os prodigiosos esforços que a Igreja fez para confundir uma verdade tão simples, que Deus é uma Pessoa.:

> Embora tudo isso [a unicidade numérica de Deus] seja tão autoevidente que não exija explicação — ou seja, que apenas o Pai é um Deus Auto existente e que um ser não Auto existente não pode ser Deus — é maravilhoso. com que sutilezas fúteis, ou melhor, com que truques de malabarismo, certos indivíduos tentaram fugir ou obscurecer o significado claro dessas passagens; não deixando pedra sobre pedra, recorrendo a cada passo, tentando por todos os meios, como se seu objetivo não fosse pregar a verdade pura e inalterada do Evangelho aos

> pobres e simples, mas sim por força de veemência e obstinação sustentar algum paradoxo absurdo de cair, com a ajuda traiçoeira de sofismas e distinções verbais, emprestados da bárbara ignorância das escolas. **[4]**

Isaac Newton

Um dos cientistas mais ilustres de todos os tempos, *Sir Isaac Newton* (1642-1727) foi um oponente apaixonado da compreensão trina da Igreja do Deus Único. Por causa de sua proeminente posição pública, seus escritos teológicos, que eram imensos, eram cautelosos em suas críticas à "ortodoxia". No entanto, Newton estava familiarizado com os escritos antitrinitários de sua época e argumentou, assim como os arianos e socinianos (antitrinitários) do século XVII, que a palavra "Deus" na Bíblia deveria ser entendida como o Pai de Jesus. e que o uso muito ocasional de "Deus" para Jesus não o torna parte de uma Divindade coeterna. Até mesmo Moisés, observou *Sir Isaac*, era chamado de Deus em sentido honorífico..

Karen Armstrong explica a antipatia de *Sir Isaac* pelo conceito imaginativo de Deus no trinitarismo:

> Sua imersão total [foi] no mundo do "*logos*"... Para ele, mitologia e mistério eram formas primitivas e bárbaras de pensamento. "É do temperamento da parte acalorada e supersticiosa da humanidade em matéria de religião gostar sempre de mistérios e por isso gostar mais do que entende menos". *Newton* ficou quase obcecado com o desejo de expurgar o cristianismo de suas doutrinas míticas. Ele se convenceu de que os dogmas racionais da Trindade e da Encarnação eram resultado de conspiração, falsificação e ardil... Doutrinas espúrias da Encarnação e da Trindade foram acrescentadas ao credo por teólogos inescrupulosos no quarto século. Na verdade, o Livro do Apocalipse havia profetizado o surgimento do Trinitarismo – "esta estranha religião do Ocidente", "a adoração de três deuses iguais". **[5]**

Em suas "*Two Notable Corruptions*" (Duas Corrupções Notáveis) de 1690, *Newton* antecipou o trabalho de muitos estudiosos posteriores que mostraram que nossos manuscritos gregos do NT foram alterados em certos versículos com a intenção de promover a "Divindade" de Jesus. **[6]** *Newton* era um defensor da simplicidade: "Nos lugares discutíveis das Escrituras", ele adorava "pegar o que posso entender melhor". **[7]** *Newton* lutou pela simplicidade contra um pano de fundo de influências complicadas e corruptoras da filosofia e da metafísica. *Newton* acreditava que as Escrituras são razoáveis e compostas na linguagem do vulgo. Portanto, espera-se que a Bíblia seja escrita em linguagem simples e lúcida. O desejo declarado de Newton de evitar a introdução de hipóteses na filosofia natural se alinha com sua suspeita de infundir a Escritura com a metafísica. Ele também argumentou que se deve "preferir aquelas interpretações que estão mais de acordo com o significado literal das Escrituras".. **[8]**

Karen Armstrong afirma que *Newton* estava correto em sua análise da Trindade como irracional. Ela aponta que os criadores do dogma trinitário não pretendiam que a doutrina fosse submetida a uma análise fundamentada:

> Em suma... a Trindade só fazia sentido como experiência mística ou espiritual: devia ser vivida, não pensada, porque Deus ia muito além dos conceitos humanos. Não era uma formulação lógica ou intelectual, mas um paradigma imaginativo que confundia a razão. *Gregório de Nazianzo* deixou isso claro quando explicou que a contemplação do Três em Um

> induzia uma emoção profunda e avassaladora que confundia pensamento e clareza intelectual. "Assim que concebo o Um, sou iluminado pelo esplendor do Três; assim que distingo os Três, sou levado de volta ao Um. Quando penso em qualquer um dos Três, penso nele como o todo, e meus olhos se enchem de lágrimas, e a maior parte do que estou pensando me escapa". **[9]**

Um dos principais artífices do dogma trinitário completo considerou que três homens realmente deveriam ser considerados como um só, pois compartilham uma humanidade comum!

A atmosfera de tal linguagem e pensamento está muito distante da das Escrituras. As suspeitas de alguém são ainda mais confirmadas quando descobrimos que *Atanásio*, o principal arquiteto da Trindade, tentou criar uma conexão artificial entre seu ensinamento sobre Deus e o famoso asceta do deserto, Santo Antônio. "*Atanásio* tentou mostrar como sua nova doutrina afetou a espiritualidade cristã". **[10]**

O verdadeiro António:

> ...apresenta-se como um homem humano e vulnerável, preocupado com o tédio, agonizando com os problemas humanos e dando conselhos simples e diretos... No entanto, Atanásio o apresenta sob uma luz completamente diferente. Ele é, por exemplo, transformado em um ardente oponente [pró-Trinitariano] do arianismo; ele já havia começado a desfrutar de uma antecipação de sua futura apoteose [deificação], pois compartilha a divina "*apatheia*" [incapacidade de sofrer dor] em um grau notável. Quando, por exemplo, saiu dos túmulos onde passara vinte anos lutando contra demônios, *Atanásio* diz que o corpo de Antônio não apresentava sinais de envelhecimento. ele era um cristão perfeito. **[11]**

Atanásio não tinha reservas quanto ao engano total em apoio à justiça de seu caso para o Deus trino.

O clero "ortodoxo" tem sido esmagado pelo problema de expressar seu ponto de vista sobre Deus, correndo o risco de deturpá-lo. Isso aponta para a terrível complexidade da teoria trinitária em comparação com o não complexo credo unitário de Jesus. O bispo anglicano do século XVII *Beveridge*, escreveu:

> Devemos considerar a ordem dessas pessoas na Trindade descritas nas palavras diante de nós em ***Mateus 28:19***: Primeiro o Pai, depois o Filho e depois o Espírito Santo, cada um dos quais é real e verdadeiramente Deus. Um mistério que somos obrigados a acreditar, e devemos ter muito cuidado ao falar dele, sendo fácil e perigoso errar ao expressar uma verdade tão grande como esta. Se pensarmos bem, como é difícil imaginar uma natureza numericamente divina em mais de uma e mesma pessoa divina. Ou, três pessoas divinas em não mais do que uma e a mesma natureza divina. Se falamos sobre isso, como é difícil encontrar palavras para expressá-lo. Se digo que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três, e cada um distintamente Deus, é verdade. Mas se eu disser que há três, e cada um é um Deus diferente, é falso. Posso dizer que Deus Pai é um Deus e o Filho é um Deus e o Espírito Santo é um Deus, mas não posso dizer que o Pai é um Deus e o Filho é outro Deus e o Espírito Santo é um terceiro Deus. Posso dizer que o Pai gerou outro que é Deus, mas não posso dizer que ele gerou outro Deus. E do Pai e do Filho vem outro que é Deus, mas não posso dizer, do Pai e do Filho vem outro Deus. Enquanto isso, embora sua natureza seja a mesma, suas pessoas são diferentes. E embora suas pessoas sejam diferentes, sua natureza é a mesma. De modo que, embora o Pai seja a primeira pessoa na Divindade, o Filho a segunda e o Espírito Santo a terceira, ainda assim o Pai não é o primeiro Deus, o Filho o segundo e o Espírito Santo o terceiro Deus. É uma coisa

> tão difícil expressar corretamente um mistério tão grande; ou enquadrar uma verdade tão elevada com expressões adequadas e próprias a ela, sem se afastar dela de uma forma ou de outra. **[12]**

O bispo continuou a lamentar o facto de que a principal queixa do Corão é que os cristãos acreditam numa Trindade de pessoas de natureza divina. Uma vez que cada um foi designado Deus, a doutrina era obviamente tri-teísta aos olhos de um muçulmano.

Um contemporâneo do Bispo *Beveridge* ofereceu isto como uma descrição da Trindade:

> Existe uma natureza ou essência divina, comum a três Pessoas incompreensivelmente unidas e inefavelmente distinguidas; unidas em atributos essenciais, distinguidas por expressões e relações peculiares; todas igualmente infinitas em toda a perfeição divina, cada uma diferente da outra em ordem e modo de subsistência. E há uma inexistência mútua de um em todos, e todos em um; uma comunicação sem privação ou diminuição no comunicante, uma geração eterna e uma procissão eterna, sem precedência ou sucessão, sem Auto causa ou dependência; um Pai a transmitir o Seu, e o Filho a receber a vida do Seu Pai, e um Espírito a emanar de ambos sem divisão ou multiplicação da essência. **[13]**

A admissão do Professor *Moses Stuart* (1780-1852), um dos Trinitários mais instruídos da sua época, mostra até que ponto as definições "ortodoxas" se afastaram do modelo bíblico. Falando da definição de "pessoas" ou "distinções" na divindade, ele escreveu:

> Não os compreendo e não consigo compreendê-los. E a uma definição não posso consentir, muito menos defendê-la, até compreender o seu significado. Não hesito em dizer que a minha mente é totalmente incapaz de obter ideias distintas e certas ideias de qualquer definição de pessoa na divindade que alguma vez examinei. **[14]**

O Arcebispo *John Tillotson* da Igreja de Inglaterra comentou o "jargão e a linguagem cantada" dos escolásticos:

> Não invejo a ninguém a compreensão destas frases, mas para mim elas parecem não significar nada, mas terem sido palavras inventadas por homens ociosos e vaidosos, que muitos, desde então, que podem não parecer ignorantes, parecem compreender. Mas pergunto-me como é que os homens, quando se divertiram e confundiram a si próprios e a outros com palavras duras, deveriam chamar-lhe explicar as coisas. **[15]**

Outro erudito escreveu sabiamente:

> A linguagem da Escritura é a linguagem do senso comum; a linguagem simples e ingénua da natureza. Porque deveriam os escritores adotar uma linguagem que obscureça o seu significado e a torne não só obscura, mas ininteligível, e não só ininteligível, mas totalmente perdida na estranheza da sua fraseologia? **[16]**

Entre as repetidas admissões candidatas das extremas dificuldades legadas à Igreja pelo credo muito não-judeu dos pais da Igreja está este exemplo de perplexidade do Dr. *John Hey*:

> Quando me é proposto afirmar que "na unidade da Divindade há três pessoas, de uma só substância, poder e eternidade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo", já tenho dificuldades suficientes! A minha compreensão está envolta em perplexidade, as minhas conceções atordoadas na mais espessa escuridão. Faço uma pausa, hesito; pergunto: que necessidade há de fazer tal afirmação? Mas será que isto não confunde todas as nossas conceções e não nos faz usar palavras sem sentido? Penso que sim. Professo e proclamo a minha confusão da forma mais inequívoca: faço dela uma parte essencial da minha declaração. Se eu fingir compreender o que digo, posso ser um tri-teísta ou um infiel; mas não poderia adorar o único Deus verdadeiro e reconhecer Jesus Cristo como Senhor de todos... **[17]**

O alívio para a agonia do Doutor é proporcionado simplesmente pelas palavras do credo de Jesus: "***que te conheçam a ti*** [Pai]***, o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***). Jesus é o seu Messias humano encomendado. Jesus referiu-se ao seu Pai como "***Pai, que me enviou***" (***João 5:37; 6:44***).

No nosso tempo, o público é exposto ao "*The World's Easiest Guide to Understanding God*" (Guia Mais Fácil do Mundo para Compreender Deus). Tem lugar uma conversa entre dois crentes:

> "Tudo o que tu precisas lembrar é que existe um Deus", continuou Dan..
>
> "Oh, então não consideras Jesus como um deus", ofereceu Jay.
>
> "Oh, sim, eu sei", salientou Dan. "Jesus é absolutamente Deus". E o Espírito Santo, Ele também é Deus".
>
> "Muy bien", dijo Jay con un suspiro, "así que tenemos al Padre, que es Dios, a Jesús, que es Dios, y al Espíritu Santo, que es Dios. Eso se suma a...
>
> "Un Dios", terminó Dan. Jay se golpeó la frente... "Está bien, tal vez sea tan confuso como suena", reconoció Dan. **[18]**

O autor pouco faz para aliviar a confusão:

> Se a Trindade não é o aspeto mais confuso e menos compreendido da fé cristã, está facilmente entre os cinco primeiros. Não que o assunto seja desconhecido. A maioria dos cristãos pode dizer que a Trindade é composta do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Além disso, porém, as coisas ficam um pouco confusas. **[19]**

Na verdade, eles fazem. A proposição X é Deus, Y é Deus e Z é Deus e isso torna um Deus simplesmente sem sentido. Só pode ser resolvido em certo sentido pela proposição de que X, Y e Z são iguais a um Deus em um sentido diferente do predicado de todos os três. 3X não pode ser igual a 1X, mas 3X pode ser igual a 1Y. O problema que permanece sem solução é como conciliar tudo isso com as palavras de Jesus, que declarou que o verdadeiro Deus é um só Senhor e um só Pai.

Não seria uma resolução de toda a confusão admitir com *J.H. Newman* (1801-1890): "O mistério da doutrina da Santíssima Trindade não é apenas uma contradição verbal, mas uma incompatibilidade nas ideias humanas veiculadas... Dificilmente nos poderemos aproximar mais de uma afirmação exata do que dizer que uma coisa são duas coisas?" [**20]** A mesma perplexidade foi expressa por um bispo anglicano *Hurd* (1720-1808): Sobre a Trindade "a razão está perplexa, e a própria fé está meio confusa". **[21]**

Estatísticas .

Em nenhum versículo da Bíblia (e existem cerca de 31.102 versículos) a palavra três está associada à palavra Deus. Nunca se diz que Deus é numericamente três. Nenhuma das 810.677 palavras da Bíblia fornece uma amostra da palavra "Deus", que significa um Deus trino. Sim, claro, o Pai, o Filho e o Espírito são frequentemente mencionados juntos no NT, mas nenhuma vez algum escritor da Bíblia chegou à proposição de que Deus deve ser definido como três pessoas. Uma coisa é falar do Pai, do Filho e do Espírito Santo juntos. Outra bem diferente é dizer que cada um desses três é igualmente Deus e que juntos eles somam um só Deus! A chamada passagem trinitária em ***Mateus 28:19*** pode soar como a doutrina muito posterior da Trindade. Mas não diz que os três unidos como uma tríade somam um só Deus! Claro, nem a doxologia em ***2 Coríntios 13:14***: "***A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós***". Esta declaração não diz nada sobre a tríade ser igual a um Deus.

Os escritores da Bíblia nunca se referem a um Deus Triuno quando dizem "Deus". Como as palavras "Deus", "Senhor Deus" e SENHOR ocorrem mais de doze mil vezes, eles tiveram cerca de doze mil oportunidades de fazer aquela equação "Deus = Deus em três pessoas", mas nunca o fizeram..

Dizem constantemente que Deus é uma só Pessoa e no NT igualam esse Indivíduo divino ao Pai de Jesus, que em toda a parte se diz ser o Filho do Pai. Estudos extensivos, tanto de estudiosos protestantes como católicos, afirmam que a palavra Deus, usada absolutamente, nos nossos documentos do NT, se refere ao Pai de Jesus página após página. **[22]** Em nenhum caso em toda a Escritura a palavra "Deus" significa "Deus em três Pessoas". Portanto, o Deus tri pessoal nunca é mencionado como tal na Escritura. Este facto merece certamente uma investigação pública.

A ausência do Deus trino como tal parece descartar qualquer sugestão de que o Pai e o Filho sejam igualmente considerados como Deus. Enquanto "Deus" no NT descreve o Pai mais de 1.300 vezes, a mesma palavra "Deus" é usada para Jesus em duas ocasiões específicas no NT. Existem alguns versículos em que Jesus pode ser referido como "Deus", mas devido à ambiguidade gramatical, isso não pode ser considerado com certeza. **[23]** O "um só Senhor" do credo que ouvimos Jesus afirmar como a base da verdadeira religião (***Marcos 12:28-34***, citando ***Deuteronômio 6:4***) é inequivocamente uma referência ao Deus e Pai de Jesus. Jesus nunca deu a entender que estava anulando toda a sua herança hebraica na questão de definir quem é Deus, incluindo-se na Divindade.

Dizer que ele era Deus, embora reconhecendo seu Pai como Deus, evidentemente confrontaria seu público com a proposição de que havia dois deuses. Esse Jesus nunca imaginou. Tampouco aceitou por um momento qualquer acusação de que estava interferindo no credo de Israel. Ele não foi acusado de desconstruir o monoteísmo de sua herança hebraica. Pelo contrário, como vimos em ***Marcos 12:29***, Jesus afirmou aquele monoteísmo estrito e unitário do judaísmo, tornando-o a base do maior de todos os mandamentos. No relato de João sobre o ensino de Jesus, Jesus identificou seu Deus como o Deus dos judeus, mantendo o credo judaico em comum com os judeus: "***nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus***" (***João 4:22***).

Em que ponto, um membro da igreja hoje poderia razoavelmente perguntar, esse grande mandamento de Deus e de Jesus foi rescindido? As igrejas reunidas em nome de Jesus são livres para ignorar o cerne de sua teologia de Deus e redefinir o credo? Eles são livres para remodelar o significado da realidade última?

Há um grande alvoroço na América sobre a santidade dos Dez Mandamentos, mas quantos estão agitados pelo fato de a Igreja ter esquecido o maior mandamento: a definição do próprio Jesus sobre quem é Deus? Parece estar navegando sob cores falsas.

Historiadora Karen Amstrong

Não há dúvida sobre os fatos históricos:

> O cristianismo começou como outro dos movimentos do primeiro século que tentavam encontrar outra maneira de ser judeu. Ele se concentrou na vida e na morte de um curandeiro galileu que foi crucificado pelos romanos por volta de 30 d.C. Seus seguidores afirmaram que ele ressuscitou dos mortos. Eles acreditavam que Jesus de Nazaré era o tão esperado Messias judeu, que logo retornaria em glória para inaugurar o Reino de Deus na terra. Ele era "o filho de Deus", termo que usavam no sentido judaico de alguém a quem Deus havia designado uma tarefa especial e desfrutava de uma intimidade privilegiada com ele. **[24]**

O breve resumo de *Karen Armstrong* é igualmente útil quando ela aponta que:

> A antiga teologia real tinha visto o rei de Israel como o filho e servo de Yahwe; o servo sofredor do Segundo Isaías, que estava associado a Jesus, também tinha sofrido a humilhação dos seus semelhantes e tinha sido elevado por Deus a um estatuto excecionalmente elevado. Jesus não tinha qualquer intenção de fundar uma nova religião e era profundamente judeu.. **[25]**

Devemos modificar ligeiramente esta última afirmação. Jesus não se limitou a repetir o judaísmo legado aos judeus por Moisés. Reivindicando autoridade impressionante como o único porta-voz do Deus Único, seu Pai, ele foi além da letra da "*Torá*" de sua própria herança em algumas áreas. **[26]** O que ele certamente não fez foi minar ou de alguma forma alterar o princípio central de sua fé e a de Israel de que Deus, seu Pai, era o único Deus no universo, que no princípio "***Deus os fez homem e mulher***" (***Marcos 10:6***). Nessa convicção, ele estava estritamente de acordo com o grande profeta Isaías, que havia relatado que o Deus de Israel criou todas as coisas por si mesmo, sozinho (***Isaías 44:24***). **[27]** Em nenhuma ocasião Jesus afirmou ser o criador de Gênesis.

Quando um jovem se dirigiu a Jesus como um "***Bom Mestre***", ele imediatamente desafiou essa saudação, apontando que "***Ninguém é bom senão um, que é Deus***" (***Marcos 10:17, 18***).

Em nenhuma de suas declarações registradas, Jesus declarou: "Eu sou Deus". Se ele tivesse dito isso, teria sido ouvido dizendo: "Eu sou o Pai", visto que constantemente se referia a Deus como seu Pai. Em seu julgamento, o pior que seus acusadores poderiam dizer sobre ele era que ele afirmava ser o "***Filho de Deus***" ou "***Cristo o Messias, um rei***" (***João 19:7; Lucas 23:2***). Quando os fariseus hostis acusaram Jesus de afirmar ser "igual a Deus", ele imediatamente negou que fosse capaz de fazer qualquer coisa por conta própria (***João 5:18, 19***). Ele dependia totalmente do Deus Único, seu Pai. É absurdo supor que Jesus quis dizer que, como Deus, ele era dependente de Deus ou que, como Deus, ele sempre fazia o que Deus, seu Pai, lhe dizia para fazer. **[28]** Repetidas vezes Jesus declarou-se o Filho de Deus e, como tal, subordinado

a seu Pai como todo filho deveria ser. O monoteísmo unitário que governa nossos documentos do NT exclui totalmente qualquer menção de mais de uma pessoa ser Deus.

Mais evidências das autoridades comuns .

Os dicionários bíblicos comuns nos fornecem o suporte mais completo para o monoteísmo de Jesus. "*Hastings' Dictionary of the Bible*" (Dicionário da Bíblia de Hastings) diz:

> Em Marcos, das 20 citações, todas exceto uma são ditos de nosso Senhor, 16 são citações exatas ou ligeiramente alteradas da LXX [a versão grega do AT]... ***Marcos 12:29, 30*** (***Deuteronómio 6:4, 5***) é o grande "*Shema*", que, devido ao seu uso frequente na devoção, provavelmente era conhecido pelos judeus gregos em sua forma hebraica. [**29]**

Jesus estava simplesmente repetindo o grande credo de sua herança e esperava transmiti-lo a seus seguidores..

"*The Dictionary of Christ and the Gospels*" (O Dicionário de Cristo e os Evangelhos) em seu artigo sobre a "Trindade" diz:

> Nunca devemos esquecer que o Cristianismo foi construído sobre o fundamento do monoteísmo judaico. Uma longa disciplina providencial assegurou ao povo judeu sua esplêndida herança de fé no Deus Único. "***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***..." Esta era a pedra angular da religião de Israel. Estas foram talvez as mais familiares de todas as palavras sagradas aos ouvidos do judeu piedoso. Eles foram recitados continuamente. Nosso próprio Senhor frequentemente os tinha em mente (***Mateus 22:37; Marcos 12:29, 30; Lucas 10:27***). Que ele sempre pensou em Deus como o Supremo é inquestionável. **[30]**

Mas por que a Igreja não o seguiu nessa questão de credo e definição de quem é Deus? A alegação de que o cristianismo é de fato construído sobre o fundamento do monoteísmo judaico pode soar como vanglória vazia..

Um professor de Bíblia alemão, *Hans Hinrich Wendt*, **[31]** escreveu em "*The Teaching of Jesus*" (O Ensino de Jesus):

> Jesus não ensinou nenhuma nova doutrina de Deus... O Deus de que Jesus fala é o único Deus de Israel (***Marcos 12:29***), o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Jesus baseou sua visão na revelação de Deus do AT e no conhecimento da natureza de Deus, derivado dessa revelação, que ele aceitou como válido. Em nenhum lugar o encontramos afirmando e ensinando algo como a natureza de Deus que era impossível com base na religião do AT... Quando ele afirmou que ninguém era bom, exceto Deus (***Marcos 10:18***)... ele tentou desenvolver qualquer nova visão de Deus, que teria exigido uma explicação especial e fundamento para a mente judaica. Mas ele apelou para aqueles traços de caráter divino cujo reconhecimento ele poderia dar como certo... Ele usa o nome de Pai para designar Deus. **[32]**

Designar Deus como Pai e chamá-lo de único Deus é, obviamente, declarar-se um unitário. É impossível imaginar Jesus de alguma forma promovendo um estranho Deus trino. A lealdade a Jesus parece exigir que concordemos com ele sobre quem é Deus e quantos ele é.

O famoso *Comentário sobre a Bíblia de Peake* nos diz: "O '*Shemá*' era repetido diariamente pelos judeus. Foi o texto fundador de seu monoteísmo". **[33]** Por que houve a necessidade de ir além de Jesus?

Mais recentemente, o mundialmente famoso teólogo N.*T. Wright* afirma:

> A resposta que Jesus deu [à pergunta sobre qual é o maior mandamento de todos] não gerou polêmica, citando a mais famosa oração judaica ("***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***"). O "*Shema*", a oração que começa com estas linhas, era central para o Judaísmo então como é agora, e sua conexão com o mandamento de amar o próximo também não era desconhecida... O escriba recebe elogios de Jesus. **[34]**

Mas Jesus celebraria o afastamento da Igreja de seu credo? Por que o credo de Jesus não foi deixado intacto como um testemunho permanente da verdade mais revigorante e unificadora do universo?

Por que este Grande Mandamento não é levado a sério pelos seguidores de Jesus hoje? Ninguém contestaria o ensino de Jesus sobre amar o próximo e amar a Deus. Mas os cristãos não parecem dispostos a aceitar a definição de Jesus sobre quem é esse Deus que deve ser amado de todo o coração. Isso é confuso e inconsistente.

O mais recente em estudos evangélicos, o "*Word Bible Commentary*" (Comentário Bíblico de Word): "A afirmação de Jesus sobre o "*Shema*"... não é notavelmente nem especificamente cristã". Esta observação é realmente reveladora – o ensinamento de Jesus não é "especificamente cristão". "Exaltar a lei judaica é dificilmente o que se esperaria de um cristão primitivo para fazer... Se a troca [entre Jesus e o judeu] é completamente judaica na perspetiva e não avançou nada sobre as reivindicações distintivas da igreja primitiva, porque é que a tradição foi preservada"? **[35]**

Por que foi preservado?! Porque Jesus disse que era a verdade espiritual mais importante do universo! "A declaração do escriba seria reconfortante e de algum valor apologético". Uma afirmação, de fato, do próprio credo de Jesus. "Tendo chegado ao ponto de concordar com a resposta de Jesus, o escriba agora se aproxima do reino", **[36]** isto é, para ser salvo. O que há de tão difícil nisso? Por que não poderia ser apenas a verdade e o resumo mais importante de toda a verdade? Não foi Marcos um evangelista da verdadeira fé, dirigindo-se a todos nós e apresentando seu amado herói como um crente resoluto no Deus Único de Israel?

> A afirmação de que "***o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***" é implicitamente uma ordem para reconhecer e obedecer ao único Deus. O único Deus é identificado como YHWH. O mandamento próprio que se segue pressupõe esta identidade. Um comentário em Josefo reflete um pensamento semelhante "...O primeiro que guia (todos os mandamentos) diz respeito a Deus"... A afirmação de Jesus em ***Deuteronômio 6:4b, 5*** é totalmente judaica e, como já foi dito, nada de especial sobre isto... O sumário duplo mandamento de Jesus da Lei o coloca diretamente *no centro da piedade judaica*. [37]

Com que autoridade temos a liberdade de remover Jesus do "centro da piedade judaica"? O que isso diz sobre os cristãos, que parecem bastante desinteressados no Grande Mandamento de Jesus? O credo de Jesus

é realmente "insignificante" em vista do fato de que suas palavras foram posteriormente substituídas por um credo que ele desconhecia? O que é realmente notável é o fato patente de que Jesus não era um crente trinitário. Ele também é o cabeça da nova criação, à qual os cristãos afirmam pertencer como membros de sua Igreja.

"Jesus não está apresentando a Israel alguma nova e estranha doutrina". **[38]** Mas a Igreja faz exatamente isso. Ele reivindica a aprovação de Jesus, ao contrário das palavras expressas de Jesus, para uma estranha nova doutrina de Deus, e então descarrega sua fúria persecutória contra qualquer seguidor de Jesus que a questione. A história demonstra repetidamente que o "herege" tem sido alvo de todas as formas imagináveis de tratamento sem amor. Jesus, porém, não matou ninguém, mas deixou-se matar.

A Perda da Verdade Original

Em sua Introdução à Doutrina Cristã, *John Lawson* escreve:

> A Igreja Primitiva apareceu diante do mundo pregando dois interesses religiosos imperativos: — a partir de sua origem judaica nas Escrituras, que existe um Deus soberano; e de sua experiência de salvação que Cristo é divino. À medida que a Igreja desenvolveu o talento e o lazer para a especulação intelectual, percebeu que havia uma tensão entre esses dois interesses. Como ambos poderiam ser salvaguardados? Assim, os pais da Igreja tiveram que construir uma doutrina de Deus que lhes permitisse dizer que seu Senhor era um Salvador divino, no sentido pleno e próprio da palavra, e ao mesmo tempo deixar claro que *só existe um Deus*. O fruto desta busca intelectual reconhecidamente exigente é a doutrina da Trindade. **[39]**

O resultado desse doloroso esforço foi abandonar as palavras de Jesus em nome da "experiência". Mas quem autorizou a ideia de que a "experiência" é o critério último da verdade? Não é. As palavras e ensinamentos de Jesus são. Quem autorizou os pais da igreja a "construir uma doutrina de Deus" quando Jesus e a Bíblia forneceram um credo claro? O fato trágico é que o ensinamento mais importante de todos, amar o Deus Único da Bíblia hebraica, foi comprometido. O Messias humano foi promovido de Filho de Deus a Deidade. Assim, a Divindade foi atacada, e a unidade fundamental de Deus promovida de um extremo ao outro da Bíblia foi sabotada.

Será que Maria e mais tarde os "santos" mortos foram promovidos ao posto do qual Jesus havia sido indevidamente removido? Numa espécie de "cadeiras de dança" teológicas, Jesus foi transferido para o lugar reservado na Bíblia ao Deus Único. Portanto, Maria era necessária para cumprir o papel de intercessora humana para Jesus.

Partindo do princípio de que se rejeitarmos uma parte da Escritura, neste caso a sua doutrina principal, seremos deixados à própria sorte com consequências terríveis, vale a pena refletir sobre o que aconteceu com o Jesus judeu. Este princípio foi ilustrado em miniatura quando Zacarias se recusou a acreditar nas palavras de Deus por meio do anjo. Ele ficou sem palavras. Não acreditar tem suas consequências: "Porque eles não abraçaram o amor da verdade para serem salvos, Deus os entregou a um espírito de engano para acreditar na mentira" (ver ***2 Tessalonicenses 2:10, 11***) .

John Lawson admite: "A teologia cristã fala de Deus como Ele e não como Ele". **[40]** Mas o Deus trino é verdadeiramente uma pessoa? *C. S. Lewis* diz o contrário: "Devemos lembrar que a teologia cristã *não acredita que Deus seja uma pessoa.* Ele acredita que Ele é tal que Nele uma trindade de pessoas é consistente com uma unidade de Divindade". **[41]** Enquanto Jesus fala de Deus como uma Pessoa, seu Pai, o trinitarianismo desenvolvido mudou o significado de Deus para uma substância ou essência. Arquiteto da Trindade, o pai da igreja *Basilio de Cesaréa* escreveu: "Confessamos um só Deus, não em número, mas em natureza*".* **[42]** Mas Jesus confessou um só Deus em número, "um só Senhor". A palavra hebraica para o número um, "*echad*", aparece cerca de 970 vezes na Bíblia hebraica e significa "apenas um, apenas, apenas, o número um, apenas um". **[43]**

É inquestionável que Jesus nunca imaginou o Deus Único como Pai, Filho e Espírito Santo. Ele teria ficado ofendido com tal desvio e distorção do ensino bíblico sobre Deus, compartilhado com seus companheiros judeus.

"*The Dictionary of Christ and the Gospels*" (O Dicionário de Cristo e os Evangelhos) em seu artigo sobre "monoteísmo" relata que o sofrimento de Israel e o ensino dos profetas "tornaram-se inabalavelmente fixados na consciência e convicção de toda a nação a fé de que Jeová era o único Deus de toda a terra". O NT fala de:

> ... obrigação única de adoração e serviço ao único Deus (***Mateus 4:10; Lucas 4:8***); na afirmação enfática de uma Paternidade e Divindade comuns (***João 20:17; comparar, 8:41***) [mas referindo-se à onisciência do Filho]... Há também passagens em que o epíteto "um" ou "único" é aplicado diretamente ao Divino Governante, reivindicando para Ele, com mais ou menos ênfase, o domínio único e o direito exclusivo à homenagem. "***o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor!***" (***Marcos 12:29 de Deuteronômio 6:4,*** comparar, ***versículo 32***). O Deus que perdoa pecados é "*eis*" [um] (***Marcos 2:7***), ou "*monos*" [somente] (***Lucas 5:21***); Ele é único em bondade (***Mateus 19:17; Marcos 10:18; Lucas 18:19***); o único Pai (***Mateus 23:9***); e o único Deus (***João 5:44***) …
>
> Além disso, em uma passagem (***João 17:3***) encontra-se uma declaração perfeitamente distinta e inequívoca da doutrina monoteísta; a vida eterna é obter conhecimento do único Deus verdadeiro. Outras frases, elas mesmas menos definidas ou abrangentes, devem ser claramente recebidas e interpretadas à luz disso, se uma conceição adequada do ensinamento de Cristo sobre o Pai for alcançada. e mais abrangentes declarações de doutrina, sem diluir aquelas que podem ser mais particulares ou obscuras.
>
> A conclusão, portanto, é que em todos os Evangelhos uma crença monoteísta é dada como certa; e se raramente é formulado, a razão deve ser encontrada no consentimento universal com que foi recebido. Cristo não precisava ensinar de forma enfática e reiterada, como se fosse uma nova verdade, que há um só Senhor do céu e da terra; pois essa crença era comum a Ele e a Seus ouvintes, e formava o fundamento sólido e aceito de sua fé religiosa. **[44]**

Hoje esse monoteísmo unitário é considerado herético, e Jesus estranho por não ter aceitado Deus como três em um. Todos os exames sobre quem é Deus na Bíblia devem começar com os textos sobre Deus, e especialmente aqueles que se relacionam diretamente com a questão do credo. O próprio credo de Jesus deve ser tomado como o único ponto de partida legítimo. Esse credo demonstra que o Messias estava

firmemente enraizado na Bíblia Hebraica e no Deus revelado nessas Escrituras. Somente quando a definição de Deus tiver sido derivada desses textos primários, poderemos encaixar a posição de Jesus na estrutura monoteísta unitária adequada que ele mesmo fornece.

Em seu livro "*The Mission and the Message of Jesus*" (A Missão e a Mensagem de Jesus), *Major, Manson e Wright* dizem sobre o encontro de Jesus com o escriba: "O escriba é profundamente grato pelos ensinamentos de Jesus, e Jesus elogia calorosamente a perceção do escriba". **[45]** A fé de Jesus estava enraizada no único Deus de Israel. Jesus era um monoteísta unitarista, assim como o escriba que o questionou.

Ian Wilson en "*Jesus: The Evidence*" (Jesús: La Evidencia) escribe:

> Pelo que sabemos sobre Jesus, é possível que ele se considerasse Deus? A resposta dos evangelhos é clara. No Evangelho de Marcos, o mais consistente em transmitir a humanidade de Jesus, é representado um homem correndo para Jesus e dirigindo-se a ele com as palavras "***Bom Mestre***". A resposta de Jesus é uma repreensão firme: "***Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus***" (***Marcos 10:18***)... Se Jesus quisesse instituir uma fórmula para a religião que ensinava, há um momento no evangelho de Marcos em que ele teve a oportunidade perfeita para fazê-lo. Conta-se que um escriba lhe perguntou: "Qual é o primeiro de todos os mandamentos?" Foi uma ocasião em que Jesus poderia ter feito uma de suas reviravoltas de marca registrada, trazendo algo novo, algo envolvendo a si mesmo se quisesse que acreditássemos que ele era um membro de uma Trindade, em pé de igualdade com Deus Pai.
>
> Em vez disso, ele olhou inabalavelmente para suas raízes judaicas tradicionais. "***O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força***" (***Marcos 12:29, 30***)... Jesus estava confirmando da maneira mais enfática possível que a fé judaica era a base absoluta de sua crença. A citação não é apenas uma passagem de ***Deuteronómio 6:4, 5***. É o grande "*Shema*" Israel ("***Ouve Israel***"), a confissão de fé que todo judeu praticante recita de manhã e à noite todos os dias de sua vida, uma confissão instituída confissão de Moisés nesses termos... É difícil, portanto, acreditar que Jesus poderia ter pretendido as elaboradas formulações não-judaicas de "fé" que Nicéia e os concílios subsequentes conceberam em seu nome e que ainda representam a maneira pela qual é suposto O que deve ser entendido pelo cristão de hoje?
>
> [Para um importante estudioso judeu, Dr. *Geza Vermes*] o único obstáculo esmagador para os judeus é o veredicto niceno. Do seu ponto de vista, Jesus certamente nunca imaginou que ele era Deus. Para um piedoso judeu palestino de seu tempo, a própria ideia teria parecido inconcebível, pura blasfêmia.. **[46]**

A evidência de ***Marcos 12*** nos ensina que, desde o estabelecimento dos credos nos séculos IV e V, os cristãos traíram seu Mestre e Senhor no nível fundamental de definir quem é Deus. Eles foram atraídos para um credo gentio que promove um Deus trino, um Deus nunca mencionado como tal na Bíblia e um Deus sobre o qual Jesus não sabia nada. Isso parece exigir uma investigação urgente para todos aqueles que amam o Messias e esperam obter sua aprovação nas condições que ele ensinou, ou seja, ouvir e fazer

inteligentemente a vontade de Deus, seguindo os ensinamentos de Jesus e acreditando em seu Evangelho. do Reino de Deus. (***Marcos 1:14, 15***) e em sua morte e ressurreição. As igrejas podem se dar ao luxo de permanecer um momento mais desafiando a declaração de Jesus sobre a constituição do universo, o Deus verdadeiro e a única base sólida para adorar esse Deus? "O Senhor nosso Deus", diz o Senhor Jesus Messias, "é o único Senhor". Essa é a mais importante de todas as proposições a serem atendidas e promovidas por todos os que amam a Jesus..

O bispo *N. T. Wright* em "*The Meaning of Jesus*" (O Significado de Jesus) observa:

> Jesus pertencia a um mundo onde (o que chamamos) teologia e política andavam de mãos dadas... Teologia era monoteísmo judaico... Os judeus acreditavam que *seu deus*, YHWH, era o único deus, e que todos os outros eram ídolos, também criações concretas dos humanos. mãos ou criações abstratas de mentes humanas. Jesus compartilhou a crença de que o deus de Israel era o único deus verdadeiro. **[47]**

Sim, e ele definiu essa crença no Deus Único de Israel primeiro afirmando o credo de Israel que declarava esse fato e, em segundo lugar, dirigindo-se ao Pai como "***o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***). Ao mesmo tempo, Jesus colocou-se numa posição diferente daquele Deus Único, definindo-se como o Messias comissionado. *Wright* disse mais tarde: "O primeiro traço em meu esboço histórico de Jesus como um judeu palestino do primeiro século é, portanto: Jesus foi um profeta judeu do primeiro século". **[48]**

Wright diz novamente: "O monoteísmo judaico clássico, então, acreditava, primeiro, que havia um Deus, que criou o céu e a terra e que mantinha um relacionamento próximo e dinâmico com sua criação; e, segundo, que esse Deus chamou Israel para ser seu povo especial". **[49]**

Então, como *Wright* vai conciliar essa sólida evidência histórica com o que a Igreja post-bíblica fez ao revisar o credo de Jesus? Ele acha que Paulo realizou essa revisão da definição de Deus:

> Em 1 Coríntios 8:6, dentro de um argumento monoteísta especificamente judaico, [Paulo] adapta o próprio "*Shemá*" [Jesus não fez isso!], colocando Jesus dentro dele: "***Para nós há um só Deus — o Pai , de quem são todas as coisas e nós para ele; e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem são todas as coisas e nós por ele***". **[50]**

Por que *Wright* simplesmente não compara Paulo a Jesus e permite que Paulo esteja seguindo Jesus? Jesus falou sobre quem é Deus. Ele recitou o credo monoteísta unitarista de Israel (***Marcos 12:28-34***), e então passou a falar de si mesmo como "Senhor". Mas em que sentido Senhor? Jesus definiu seu próprio senhorio com referência ao ***Salmo 110:1*** (***Marcos 12:35-37***) exatamente como Pedro fez mais tarde em Atos 2:34-36. Pedro disse *que Jesus é o Senhor no sentido determinado pelo oráculo no* ***Salmo 110:1***. Jesus também falou de seu senhorio recitando o mesmo Salmo. Que concordância perfeita e que exemplo maravilhoso de uma mente sobre a questão do senhorio de Jesus

Paulo em suas próprias palavras disse que estava servindo ao Deus de sua herança ancestral, "***o Deus deste povo de Israe***l" (***Atos 13:17***), que não era um Deus Triúno. Paulo confessou publicamente que estava "***assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas***" (***Atos 24:14***). Ele também estava a serviço do Senhor Messias, definido como o "***meu senhor***" do ***Salmo 110:1***. É simplesmente incrível que Paulo pudesse descrever o Deus de seus pais como o Deus trino, ou que tal Deus pudesse ser encontrado na Lei e nos profetas. Imaginar isso é afastar-

se de qualquer abordagem sólida da história e da verdade bíblica. Além disso, o antigo clamor dos cristãos do primeiro século, "*maranata*", "***nosso Senhor, vem***", claramente define Jesus como "nosso Senhor", um título que de todos os ângulos é impossível para a palavra Yahweh, que nunca é "nosso Yahweh".".

Por que Paulo não deveria ter seguido Jesus e Pedro em sua definição de Jesus como Senhor? Obviamente ele fez. Tendo definido o Pai como o único Deus, fora do qual não há mais ninguém, de maneira verdadeiramente judaica (***Deuteronômio 6:4; Marcos 12:28-34***), Paulo continua dizendo que Jesus é o único Senhor "*Messias*". Isso é exatamente o que Jesus e Pedro fizeram. Eles usaram o oráculo profético extremamente importante do ***Salmo 110:1*** para definir o que significa para o "*Messias*" ser o senhor. Foi uma posição conferida a Jesus não porque ele era o Deus Único, mas porque esse Deus Único promoveu Jesus à posição da mão direita como "*adoni*", "***meu senhor***" do ***Salmo 110:1***, o Senhor "*Messias*". "*Adoni*" no ***Salmo 110:1*** é um título que em todas as suas 195 aparições nunca significa Deus, mas alguém que não é uma Divindade superior.

É neste ponto que as obras-padrão parecem ignorar a distinção crítica entre os dois senhores do ***Salmo 110:1***. "*The Wycliffe Bible Commentary on Mark*" (Comentário Bíblico de Wycliffe sobre Marcos) ***12:36*** imagina que o ***Salmo 110:1***, contra todas as evidências do VT, introduz um segundo membro da Trindade: "O propósito [de Cristo] ao usar as palavras de Davi era extrair da própria Escritura a verdade da divindade do Messias". **[51]** Mas ele não fez tal coisa. Ele definiu seu próprio status à direita de Deus de acordo com o oráculo profético de Davi. Ele é o "*adoni*" ("*meu senhor*") de Davi, positivamente não "*Adonai*", o Senhor Deus!

Nas suas "*1001 Bible Questions Answered*" (1001 Perguntas Bíblicas Respondidas", *Pettingel* e *Torrey* caem na mesma armadilha de pensar que o ***Salmo 110:1*** fala de dois que são Deus: "O que deve então um professor confessar sobre Jesus de Nazaré? A resposta é que ele deve confessar que Jesus de Nazaré é o Cristo das Escrituras. As Escrituras exigem e declaram que o próprio Cristo é Deus". **[52]** Entre os versículos citados na prova da Deidade de Jesus estão o ***Salmo 2:7, 2 Samuel 7:14*** e o ***Salmo 110:1***. Mas o ***Salmo 110:1*** fala do Único Deus Javé e do Senhor Messias humano, "*adoni*", que, repetimos, em nenhuma das suas 195 aparições jamais se refere a Deus.

Claro que Lucas já tinha explicado o que significava para Jesus ser o Filho de Deus, como aquele que procriou por milagre (***Lucas 1:35***). Lucas chamou então Jesus "***o Senhor Messias***" (***2:11***) e relatou a referência de Isabel a Jesus como "***meu senhor***" (***1:43***), lembrando-nos novamente do grande ***Salmo 110:1*** ("meu senhor") que atua como um texto guarda-chuva sobre todo o NT. O ***Salmo 110:1*** é o texto do AT citado no NT mais frequentemente do que qualquer outro versículo.

Grande confusão surgiu quando autoridades tão ilustres como a Encyclopedia Americana ousadamente deturpam a palavra hebraica para segundo senhor ***no Salmo 110:1***:

> No ***Salmo 110:1*** "*Jeová disse a 'Adonai': Sente-se à minha direita*" Esta passagem é citada por Cristo para provar que ele é "*Adonai*" sentado à direita de Yahweh (***Mateus 22:44***). Mas "*Adonai*", meu Mestre, como nome próprio é usado exclusivamente para a Divindade, sozinho ou em uma frase como Yahweh "*Adonai*"; em vez do nome inefável Javé, o judeu piedoso leu "*Adonai*". É claro, então, que, nesta carta, Yahweh se dirige a Cristo como uma Pessoa diferente, mas idêntica em Divindade. **[53]**

Surpreendentemente, todo o argumento está errado, baseado em uma leitura errada do texto hebraico. A palavra hebraica neste salmo de importância central não é Adonai. Se fosse, Deus estaria falando com Deus. A palavra é "*adoni*", não "*Adonai*". "*Adoni*" em nenhuma de suas 195 ocorrências se refere à Deidade. É a forma de "*adon*" (senhor) **[54]** que identifica deliberadamente qualquer pessoa designada como não-Deidade!

Um notável escritor sobre evangelismo, Dr. *Michael Green*, enfatiza o ***Salmo 110:1*** como "*o mais favorecido*" de todas as passagens do AT, e então explica que o título "senhor" para Jesus "nos leva de volta ao ***Salmo 110***". Ele constrói seu caso para a Divindade de Jesus afirmando que "o camponês crucificado tem direito ao nome '*Adonai*', Senhor". **[55]** No entanto, o título dado ao Jesus ressuscitado como o "Senhor" dos crentes do NT não é o título divino "*Adonai*", mas sim o título não-Deidade, "*adoni*" (***Salmo 110:1***). O Senhor Deus e o Senhor Messias têm sido confundidos nas mentes dos evangélicos, e uma frequente má interpretação da palavra hebraica no ***Salmo 110:1*** é um sintoma do problema..

A Perda da Simplicidade do Credo

O monoteísmo simples e o messianismo unitário da Bíblia foram lançados no caos pela teologia posterior, que gastou sua energia discutindo sobre as definições de Deus e Jesus em termos completamente antibíblicos. Eles coroaram esse esforço sombrio finalmente forçando os crentes a ver que o Deus Único era uma "essência" e, ao mesmo tempo, misteriosamente, três Pessoas eternas. O Deus pessoal unitário da Bíblia foi deposto de sua posição única (pelo menos na mente dos teólogos). A preciosa definição de Deus dada pelo próprio Jesus teve que dar lugar a um Deus diferente que era misteriosamente uma "essência" abstrata em três "subsistências". Os membros da igreja não sabem articular claramente o que são essas três subsistências ou hipóstases. Eles ficam com a proposição confusa de que cada membro da Trindade é totalmente Deus e ainda é um Deus. Não há analogia para isso em nossa experiência comum da linguagem. "Este é um livro, este é um livro e este é um livro. Isso dá um livro!" Estas são proposições sem sentido. O problema é semelhante a colocar três bolas de bilhar em um ponto. É uma tarefa impossível.

Toda a luta patrística sobre o credo, que levou aos concílios da Igreja em 325, 381 e 451 dC, está a anos-luz de distância em linguagem e tom das definições superlativamente lúcidas de Deus e Jesus fornecidas pelas Escrituras..

O bispo *N. T. Wrigh*t diz que Paulo em ***1 Coríntios 8:6*** "adapta o próprio '*Shemá*', colocando Jesus dentro dele". **[56]** Se assim for, ele mudou o significado de "*Shemá*", para grande horror dos judeus e seria de esperar dos cristãos. Mas Pablo não fez nada parecido. Ele é estritamente um monoteísta judeu. "***Para nós há um só Deus, o Pai, e nenhum outro Deus além Dele***". Isso é precisamente o que o escriba judeu repetiu para Jesus, concordando com Jesus no credo unitarista de Israel. Paulo repete a mesma visão de Deus como uma única Pessoa: "***Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem***" (***1 Timóteo 2:5***). "***mas Deus é um***" (***Gálatas 3:20***). Deus é em grego "*eis*", uno, masculino, ou seja, uma pessoa, assim como Jesus é a única semente, a única (*eis*) pessoa que é a semente (***Gálatas 3:16***), e o único (*eis*) mestre dos fiéis (***Mateus 23:8***).

Na esperança de justificar o afastamento posterior do credo de Jesus, é popular hoje argumentar que Paulo descreve Jesus como o "único Senhor". Portanto, somos convidados a acreditar, Paulo já entregou o credo que define o único "Senhor nosso Deus" entre o Pai como Deus e Jesus como Senhor. Se "ninguém

é Deus senão o Pai" exclui Jesus da Divindade, então, de acordo com o argumento, Jesus, sendo o "único Senhor", não excluiria o Pai do Senhorio?

A falácia é óbvia. Deus e Jesus devem ser Senhor *no mesmo sentido*. Isso é bem falso. Paulo tem o cuidado de dizer que há "um só Senhor *Jesus Cristo*". Há antes de tudo um Deus, o Pai que é o Senhor Deus do "*Shemá*". Depois, há o único Senhor *Cristo* que é Jesus, agora exaltado à direita do Deus Único. Há dois Senhores, mas um só Deus. O segundo Senhor também não pode ser Deus. Ele é o Senhor *Messias* e foi assim que o anjo o designou no momento de seu nascimento: "***Hoje… asceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor***" (***Lucas 2:11***), não o Senhor Deus. Esse "Senhor Cristo" é ainda descrito como "***o Cristo do Senhor***" (***Lucas 2:26***). O Senhor Cristo pertence ao único Senhor Deus. Jesus é o Senhor Messias, ou o ungido do Senhor.

Nada disso é problemático quando se considera o famoso "***Salmo messiânico 110:1***, juntamente com toda a herança monoteísta unitária do AT. O ***Salmo 110:1***, que Jesus havia discutido imediatamente após estabelecer o "*Shemá*" de Israel como o fundamento de toda adoração verdadeira (***Marcos 12:28-34***), havia falado de dois senhores distintos. O primeiro foi Javé, o Deus de Israel. O segundo "meu senhor", "*adoni*" foi como os rabinos e Jesus concordaram sobre o Messias. Esse Messias não era um segundo "Deus" membro de uma Trindade, mas o verdadeiro "meu senhor" humano elevado à posição mais elevada no universo ao lado de Deus. Nessa posição, ele recebe a autoridade do próprio Javé, sem ser, é claro, aquele Deus Único..

Se Paulo tivesse expandido o credo de Israel e permitido que outra pessoa entrasse nele, ele estaria propondo dois seres eternos, e isso não é monoteísmo de forma alguma. Paulo não contradisse o "*Shemá*", nem o expandiu de forma alguma. Isso seria adulterar o ensino de Jesus quanto à definição revelada de Deus de quem Ele é. Nem Paulo nem Jesus teriam ousado transformar o Deus unipessoal das Escrituras em um Deus duplo ou triplo como uma Essência, que é muito ideia diferente. Os judeus até hoje estão devidamente horrorizados com esse desenvolvimento, e devemos lembrar que Jesus "***ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre***" (***Hebreus 13:8***). Ele não esqueceu ou rescindiu sua declaração clássica a Israel sobre quem é Deus registrado em ***Marcos 12:28-34*** e maciçamente em outros lugares em seu ensino e em todo o NT, incluindo o evangelho de João.

Parece-nos uma questão de sutileza verbal que o professor *Richard Bauckham* tenha ao falar sobre Paulo não "acrescentar" Jesus ao "*Shemá*", mas "incluí-lo" nele. **[57]** Em ambos os casos, Paulo teria se intrometido com o credo de sua herança judaica. A inclusão de Jesus como o Deus Único seria de fato um acréscimo à Divindade, uma ideia impensável. A posição do Deus de Israel não é de forma alguma comprometida por Sua escolha de elevar Seu próprio Filho humano sem pecado à posição de autoridade próxima ao trono divino. O ***Salmo 110:1*** fornece o oráculo inspirado a respeito desse paradigma..

O estudioso do "*Cambridge New Testament*" "Novo Testamento de Cambridge), *J.A.T. Robinson* observou em seus "*Twelve More New Testament Studies*" (Mais doze estudos do Novo Testamento), corretamente, que:

> João é uma testemunha tão inabalável quanto qualquer um no NT do princípio fundamental do judaísmo, do monoteísmo unitário (compare, ***Romanos 3:30; Tiago 2:19***). Existe o único, verdadeiro e único Deus (***João 5:44; 17:3***): todo o resto são ídolos (***1 João 5:21***). Na verdade,

> em nenhum lugar o caráter judeu de John é mais claro, o que emergiu em todos os estudos recentes. **[58]**

Como observa *A. J. Maclean*, até mesmo documentos antigos lembram a clara distinção feita por Jesus e os apóstolos entre Deus e Seu Filho humano, o ponto também defendido pelos arianos, de que o Filho de Deus não poderia ser "Deus" no sentido mais elevado:

> As homilias clementinas (costumavam ser consideradas do segundo ou terceiro século, mas agora, em sua forma atual, são geralmente atribuídas ao quarto século, **[59]** fazem a mesma distinção [entre Deus e o Filho de Deus]. A São Pedro é obrigado a dizer: "Nosso Senhor... não se proclamou Deus, mas com razão proclamou bem-aventurado aquele que o chamou Filho daquele Deus que organizou o universo" vem de Deus é Deus, mas São Pedro diz que isso não é possível, eles não ouviram Dele [Jesus] "O que é gerado não pode ser comparado com o que é não gerado ou auto gerado." *Sanday* refere-se a esta passagem como um fenômeno isolado, mas agora que o livro foi atribuído com alta probabilidade a uma data posterior, podemos dizer que o ensinamento que acabamos de citar não era conhecido, até onde vai a evidência, até o quarto século. **[60]**

Como então Deus como uma Pessoa se tornou Deus como três Pessoas? Os teólogos admitem que a "reconstrução" eclesiástica de Deus como três Pessoas levou a uma discussão interminável sobre como os três membros da Divindade falaram uns com os outros na eternidade. Foi um exercício de imaginação "piedosa" sem fundamento bíblico. "Ao falar das relações eternas dentro da própria Divindade, nos encontramos de volta ao reino do inescrutável, onde a única verdade para nós está na forma de analogia ou mito", escreveu *Oliver Quick, Regius* Professor de Teologia em Oxford. 1938. Ele conclui sua discussão sobre Deus e Cristo com este comentário surpreendente: "Não pode ser a melhor expressão da unidade de Deus declarar que Deus é uma pessoa". **[61]** Ele reivindica o evangelho de João como suporte e parece inconsciente de sua contradição direta de Jesus e João. Ele descartou o credo de Israel e de Jesus. Quando João fala do Filho como no seio do Pai (***João 1:18***), o professor simplesmente lê seu Filho preexistente no texto, deixando de imaginar que o Jesus histórico estava em comunhão mais próxima com o Deus Único.

Se o que o professor diz está correto, então Jesus certamente estava terrivelmente errado. Mas para os crentes, Jesus afirmou a melhor compreensão possível de Deus quando declarou que "o Senhor nosso Deus é o único Senhor" e no relato de João que o Pai é "o único que é verdadeiramente Deus", ao contrário do Messias, a quem ele comissionou (***João 17:3***). Para Jesus e toda a Bíblia, Deus é uma única Pessoa divina. E se afirmamos que Jesus é o fundamento da fé cristã, o cristianismo precisa ser restabelecido em seu fundamento original estritamente monoteísta. Deve repousar sobre um monoteísmo baseado nas próprias palavras do credo do próprio Jesus. "O Senhor nosso Deus é o Senhor" não é uma proposição difícil. Não há nenhum indício de mistério sobre o significado da palavra "um". "*Eis*" em grego (como "*echad*" em hebraico) significa "umo, um, apenas, apenas um". Alguém tem a menor dificuldade em entender que "Deus é um só Senhor"?

Uma vez que o único Senhor Deus seja aceito como o Deus das Escrituras e do próprio Jesus, não haverá necessidade de "expandir" ou "modificar" a verdade monoteísta unificadora da Bíblia. Tem sido afirmado repetidamente em milhares de obras sobre cristologia que a maneira característica de descrever Jesus no NT era chamá-lo de "senhor". Isso não faz dele Deus! O título "senhor" remonta à mais antiga cristologia

judaica, como evidenciado pela oração a Jesus: "*Maranatha!* Vem, nosso Senhor. Jesus é o Senhor Messias" e definitivamente não é o Senhor Deus.

Como "nosso Senhor", Jesus recebe o título real apropriado para o perfeito vice-regente: e agente de Deus. A Bíblia hebraica nunca se refere a Javé como "nosso Senhor". Isto é impossível. No entanto, o rei e outros superiores humanos são chamados de "meu senhor" e "nosso senhor". E esta é a base fixa e origem da aplicação do título "senhor" a Jesus. Ele é nosso Senhor, o Rei, nosso Senhor Messias. Ele é apresentado desde o início como o "meu senhor" de Isabel (***Lucas 1:43***) e como o "Messias Senhor" (***Lucas 2:11***). É como o "meu senhor" do ***Salmo 110:1*** que Jesus alcança sua posição suprema à direita do Pai. Pedro deixa isso bem claro em sua declaração definitiva sobre a exaltação de Jesus. "***Deus fez*** [Jesus] ***Senhor e Messias***", e como prova e ao mesmo tempo ele acaba de citar o ***Salmo 110:1*** em apoio (***Atos 2:34-36***). É no sentido fornecido por esse texto-chave de prova que Jesus é "senhor" e, portanto, "o Senhor Jesus Cristo". Mas o significado não é "o Senhor Yahwe", mas o messiânico e humano Senhor Messias. Quando esta verdade básica for restaurada, o "*Shema*" recuperará seu significado apropriado e Jesus será aclamado como o único Messias humano, e certamente não como o próprio Deus, que faz dois deuses.

Notas Finais Capítulo 3

[1] *Peter Hinchliff*, "*Christophorus and Tradition*" (Crsitoforus e A Tradição) en "*God Incarnate: Story and Belief*" (Deus Encarnado: História e Crença), A.E. Harvey, SPCK, 1981, página 81.

[2] *Rev. William Wachtel*, "*Christian Monotheimus: Reality or Illusion*" (Monoteísmo Cristão: Realidade ou Ilusão), The Restitution Herald, Abril de 1985, página 7.

[3] *John Milton*, "*On the Son of God and the Holy Spirit*" (Sobre o Filho de Deus e o Espírito Santo), rep. "*A Journal from the Radical Reformation*" (Um jornal da reforma radical), 5:2, 1996, paginas 56-58.

[4] como acima, página 60.

[5] *Karen Armstrong*, "*The Battle for God*" (A Batalha Por Deus), Ballantine Books, 2001, página 69.

[6] Por ejemplo, véase *Bart Ehrmann*, "*The Orthodox Corruption of Scripture*" (A Corrupção Ortodoxa das Escrituras), Oxford University Press, 1993.

[7] *Stephen Snobelen*, "*God of gods and Lord of lords: The Theology of Isaac Newton´s General Scholium to the Principia*" (Deus dos Deuses e Senhor dos Senhores: A Teologia do Escólio Geral de Isaac Newton aos Principia), Osiris 16, 2001, p. 198.

[8] Ibid., página 199.

[9] *Karen Armstrong*, "*A History of God*" (Uma História de Deus), 117.

[10] Ibidem., página 113.

[11] Ibidem., página 113.

[12] *William Beveridge*, citado en *Charles Morgridge*, "*The True Believer's Defense*" (A Defesa do Verdadeiro Crente), 1837, rep. "*Christian Educational Services*" (Serviços Educativos Cristãos), 1994, pp. 13-14.

[13] *Barrow's Works*, citado en "*The True Believer's Defense*" (A Defesa do Verdadeiro Crente), página 15.

[14] citado en "*The True Believer's Defense*" (A Defesa do Verdadeiro Crente), página 15.

[15] *Tillotson's Works*, citado en "*The True Believer's Defense*" (A Defesa do Verdadeiro Crente), página 16.

[16] *Dr. Dwight*, citado en "*The True Believer's Defense*" (A Defesa do Verdadeiro Crente), página 16.

[17] En *John Wilson*, "*Unitarian Principles Confirmed by Trinitarian Testimonies*" (Princípios Unitários Confirmados Por Testemunhos Trinitários), rep. Universidad de Michigan, 2005 citado en la página 32.

[18] *Randy Southern*, "*The Worlds Easiest Guide to Understanding God*" (O guia mais fácil do mundo para entender Deus) (Northfield, 2003), págs. 84-85.

[19] Ibidem., págs. 84-85.

[20] "*Select Treatises of St. Athanasius*" (Tratados seleccionados de São Atanásio), página 515.

[21] Citado en *Andrews Norton*, "*A Statement of Reasons for Not Believing the Doctrines of Trinitarians*" (Uma declaração de razões para não acreditar na doutrina dos trinitarianos), 1833, rep. Universidad de Michigan, 2005, página 82.

[22] Há uma rara exceção. Duas vezes o termo "Deus" é aplicado a Jesus. Mas devemos lembrar que os juízes de Israel também poderiam ser chamados de Deus (***Salmo 82:6***) e que Moisés foi chamado de Deus por Faraó (***Êxodo 7:1***). O imperador romano também era chamado de "Senhor e Deus" nos dias de Jesus.

[23] ***1 João 5:20; Romanos 9:5.*** Todos os comentaristas modernos veem ***1 João 5:7*** na versão King James da Bíblia (bem como algumas traduções imprecisas do português) como uma falsificação que não faz parte do texto original.

[24] *Karen Armstrong*, "*The Great Transformation*" (A Grande Transformação), *Alfred A. Knopf* (2006), págs. 382-383.

[25] Ibidem., página 383.

[26] ***Marcos 7:19*** fornece um comentário (possivelmente pelo autor) sobre como Jesus modificou a Torá em relação à lei alimentar (veja também ***Romanos 14:14 e 20***, onde Paulo fala como um cristão judeu convicto). Paulo não confirmou a lei da circuncisão exigida de todos os que queriam fazer parte da antiga aliança (ver ***Gênesis 17:10-14 vs. 1 Coríntios 7:18 e Gálatas 5:2)***.

[27] Há pelo menos 50 versículos nas Escrituras que afirmam que Deus, não Jesus, criou os céus e a terra. Ele estava sozinho neste processo (***Isaías 44:24***). Suas mãos fizeram tudo e Ele (Deus) descansou no sétimo dia após completar a criação (***Hebreus 4:4***).

[28] Referindo-se a ***João 8:28***, *C.K. Barrett*: "É simplesmente intolerável que Jesus diga: 'Eu sou Deus, o Deus Altíssimo do AT, e como Deus eu faço o que me mandam' e em ***João 13:20***, 'Eu sou Deus e estou aqui porque alguém enviou eu" ("Essays on John" - Essays on John, SPCK, 1982, p. 12).

[29] *James Hastings*, ed., "*A Dictionary of the Bible*" (Um Dicionário da Bíblia), Charles Scribner's Sons, 1902, 4:186.

[30] "*Trinity*" (Trinidad), "*A Dictionary of the Christ and the Gospels*" (Um Dicionário de Cristo e dos Evangelhos), 2:761.

[31] Professor de teologia em Heidelberg e depois em Jena (1853-1928).

[32] Wendt, "*The Teaching of Jesus*" (O Ensinamento de Jesus), página 184-185.

[33] Thomas Nelson and Sons, 1919, página 695.

[34] "*Jesus and the Victory of God*" (Jesus e a Vitória de Deus), Fortaleza de Augsburgo, 1997, página 305.

[35] *Craig E. Evans*, "*Word Biblical Commentary*" (Comentário Bíblico de Word), ***Marcos 8:27-16:20***, Thomas Nelson, 2001, página 261.

[36] Ibidem., págs. 262, 263.

[37] Ibidem. 263-265, itálico adicionado.

[38] Ibidem., página 267.

[39] *John Lawson*, "*Introduction to Christian Doctrine*" (Introdução à Doutrina Cristã), Francis Asbury, 1980, página 11.

[40] Ibidem, página 11.

[41] "*Christian Reflections*" (Reflexões cristãs), página 79.

[42] "*Epistle 8.2*" (Epístola 8.2).

[43] *Ernst Jenni* y *Claus Westermann*, "*Theological Lexicon of the Old Testament*" (Léxico Teológico do Antigo Testamento), Hendrickson, 1997, 1: pp. 78-80. Brown, Driver y Briggs, "*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*" (Antigo Testamento Hebraico e Léxico Inglês), Oxford University Press, 1968, página 25. Koehler - Baumgartner, "*Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*" (Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento), Brill, 2001, bajo "*echad*".

[44] "*Monothismu*" (Monoteismo), "*A Dictionary of Christ and the Gospels*" (Dicionário de Cristo e dos Evangelhos), 2, págs. 201-202.

[45] *HDA Mayor, T. W. Manson y C. J. Wright*, "*The Mission and Message of Jesus*" (A missão e a mensagem de Jesus), E.P. Dutton y Co., 1953, página 152.

[46] *Ian Wilson*, "*Jesus: The Evidence*" (Jesus: A Evidência), Harper & Row, 1984, pp. 176 y 178.

[47] Marcus Borg y N.T. Wright, "*The Meaning of Jesus: Two Visions*"! (O Significado de Jesus: Duas Visões), HarperCollins (2000), 31.

[48] Ibidem., página 33.

[49] Ibidem., página 159.

[50] Ibidem., página 161.

[51] *Charles Pfeiffer y Everett Harrison*, eds. Instituto Bíblico Moody, 1990, página 1015.

[52] *William Pettingill y R. A. Torrey*, "*1001 Bible Questions Answered*" (1001 Perguntas Bíblicas Respondidas), Inspirational Press, 1997, página 325.

[53] Enciclopedia Americana, 1949, 6:624.

[54] A forma "*Adon*" (Senhor) é usada tanto para Deus quanto para o homem. A mesma palavra com o sufixo adicionado nunca é usada para a divindade como "*adoni*" "meu senhor". Ela nos diz que aquele para

quem foi usado e criado é um homem (ocasionalmente um anjo), mas não Deus, que é 449 vezes "*Adonai*" o Senhor. Mais sobre esta importante distinção segue no Capítulo 7..

[55] "*Evangelism Now and Then*" (Evangelismo, Agora E Então), Intervarsity Press, 1979, pp. 65,75,60.

[56] "*The Divinity of Jesus*" (A divindade de Jesus), en Marcus Borg y N.T. Wright, "*The Meaning of Jesus: Two Visions*" (O Significado de Jesus: Duas Visões), HarperCollins (2000), página 161.

[57] "*God Crucified: Monotheism and Christophorus in the New Testament*" (Deus Crucificado: Monoteísmo e Christophorismo no Novo Testamento), Eerdmans, 1999, p.40.

[58] SCM Press, 1984, página 175.

[59] JTS 10, 1908-09, página 457.

[60] "*Dictionary of the Apostolisch Church*" (Dicionário da Igreja Apostólica), Charles Scribner's Sons, 1916, 1, página 462.

[61] "*Doctrines of the Creed*" (Doutrinas do Credo), Nisbet, 1938, página 139. Quão notavelmente contraditório é este ponto de vista "ortodoxo" com a simples leitura de *L.L. Paine*, professor de história da igreja, que aponta que, no AT, "Deus é um ser pessoal" e que Jesus não veio para abolir a lei ou os profetas, mas "como sua própria fé para estender o grande texto da O credo judaico é aceito em ***Gênesis 6:4***". ("*A Critical History of the Evolution of Trinitarianism*" - Uma história crítica da evolução do trinitarianismo, p. 4).

Capítulo 4

A luta titânica dos Eruditos para encontrar o Deus Trino na Bíblia

> "A frase Filho de Deus indica a importância de Jesus, mas descreve-o como um israelita verdadeiramente obediente, não como a segunda Pessoa da Trindade.. **[1]**
>
> "Uma estrutura complexa foi erguida sobre o mal-entendido sistemático da linguagem bíblica da filiação... De fato, para ser um 'Filho de Deus' é preciso ser um ser diferente de Deus!" **[2]**
>
> "Depois do terceiro século, qualquer um que ainda mantivesse o significado original de ['Filho Unigênito'] e se recusasse a reconhecer a nova interpretação era considerado herege". **[3]**

A literatura teológica e, em particular, os escritos apologéticos evangélicos em apoio à Trindade apresentam seu caso contra um volume crescente de oposição de fatos exegéticos e lexicais sólidos e exame histórico da Bíblia. O melhor que essa apologética pode fazer é reunir alguns versículos isolados, principalmente do evangelho de João e um punhado de Paulo. Você não pode encontrar nenhum texto nas escrituras com a palavra "Deus" significando um Deus Triuno. E pouca atenção é dada às claras declarações unitárias de Jesus registradas por João. A afirmação consistente de Paulo sobre o Deus de sua herança israelita não detém o determinado trinitário. O conceito obviamente unitário de Deus apresentado pelo AT é negligenciado. Alguns empregam métodos fantasiosos, incluindo a redefinição de palavras isoladas, para tornar a Bíblia hebraica um livro trinitário. A linguagem é assim insultada e aqueles que apoiam os guardiões judeus das Escrituras do AT e da herança monoteísta judaica ficam horrorizados e ofendidos. **[4]**

A esmagadora massa de declarações monoteístas unitárias sobre Deus como o Pai de Jesus recebe pouca atenção, enquanto alguns textos ambíguos são apresentados a favor de Jesus ser "Deus". O seu peso, contudo, é pequeno em comparação com a descrição óbvia de Deus em toda a Escritura como uma única Pessoa divina. Um uso muito ocasional da palavra "Deus" para Jesus é paralelo ao uso ocasional de "Deus" para agentes humanos importantes, tais como Moisés. Alterar o credo monoteísta unitário da Bíblia hebraica com base em duas (certamente) referências a Jesus como "Deus" envolve um tratamento injusto dos dados bíblicos..

Se a Igreja leva a sério o fato de estar enraizada em Jesus, seria sensato que os crentes voltassem ao credo de Jesus e à teologia de Jesus. O fato de não se apegar a Jesus acreditando nele e em seus ensinamentos pareceria abrir as portas para um engano geral. Talvez seja por isso que Jesus alertou que a maioria dos "cristãos" um dia ficaria desapontada ao saber que estava navegando sob bandeiras falsas (***Mateus 7:22-23***).

Uma imagem clara do verdadeiro Jesus como um devoto adorador do Deus Único de Israel está agora chamando a atenção do público de vários quadrantes. Um distinto teólogo sistemático católico romano alemão apóia nossa tese:

Não há indicação de que Jesus entendesse o "Pai"... de forma diferente do Deus monoteísta do judaísmo... O próprio Jesus se apegou à tradição do monoteísmo judaico... Seu pensamento e ação foram orientados para este Deus Único por quem ele sentia que ele mesmo havia sido enviado e de quem se sentia próximo, de modo que, novamente seguindo a prática judaica primitiva, ele o chamava de Pai... Se for verdade, e parece não haver como evitar essa suposição, que o próprio Jesus conhecia apenas o Deus de Israel, a quem ele chamou de Pai... com que direito então uma doutrina da Trindade pode ser normativa? **[5]**

Esta pergunta não poderia ser mais precisa.

A franqueza do professor *Ohlig* é revigorante. Como historiador, ele sabe que a Trindade não "caiu do céu" nos tempos do NT. Foi um desenvolvimento longo e doloroso e deixou para a Igreja um legado que a separou de seu fundador judeu. *Ohlig* conclui seu relato magistral dos problemas enfrentados pela Igreja promovendo uma visão de Deus e do Filho que não tem raízes no NT:

> A doutrina da Trindade, portanto, parece ser uma tentativa de combinar monoteísmo, monismo e politeísmo, daí todas as principais conceições de Deus das religiões mundiais e culturas avançadas... Talvez o fascínio da doutrina da Trindade possa ser explicado por o fato de procurar reunir os méritos — de forma suspensiva — de todas as conceições de Deus que foram mencionadas: o calor e o potencial de esperança que o monoteísmo desperta; a plausibilidade racional de um princípio final imanente, assim como a vivacidade comunicativa e social do politeísmo… "o meio entre as duas opiniões" [*Gregório de Nissa*], entre o politeísmo e o monoteísmo judaico [6]… O que o erudito religioso é capaz simplesmente do Estado, entretanto, significa ao mesmo tempo uma questão para a teologia sobre a legitimidade de tal construção. Se é verdade — e parece impossível escapar dessa suposição — que o próprio Jesus conhecia apenas o Deus de Israel, a quem ele chamou de Pai, e não sua própria "deificação" posterior, com que direito uma doutrina da Trindade normativa pode ser?... Como...pode alguém legitimar o desenvolvimento doutrinário que realmente começou no segundo século?... Não importa como alguém interprete os passos individuais, é certo que a doutrina da Trindade, como ela finalmente se tornou "dogma" tanto no Oriente como — ainda mais — no Ocidente, não tem fundamento bíblico e não tem "sucessão contínua". **[7]**

Ohlig foi precedido por outros historiadores do dogma que chamam nossa atenção para a grande dificuldade de justificar as tendências pagãs bastante óbvias da Igreja desde o segundo século:

> O mundo do segundo século foi marcado em sua filosofia e religião por um forte sincretismo [mistura de estranhos sistemas de pensamento]. A expressão mais elevada dessa tendência foi, claro, o gnosticismo. Dentro de seu dualismo entre espírito e matéria, especulações cosmológicas e emanações progressivas (*Aions*) do Deus Supremo unindo-se por meio desses "*aions*" à matéria, também foi encontrado um lugar para um Evangelho revisado da salvação por meio de Cristo...
>
> Com a Igreja, esta helenização permaneceu e é encontrada pela primeira vez entre os apologistas do século II... O monoteísmo da Igreja sempre conservou uma certa nuance pagã, filosófica e pluralista. Essa estranha nuance da doutrina de Deus começou com a adoção da noção pagã-filosófica do "*Logos*", que no contexto pagão tinha um significado diferente. No

> Evangelho de João, o "*Logos*" está ligado à noção de "mestre" e "ensino". Na filosofia da época, era, ao contrário, um único "*Aion*" do Deus Altíssimo. Foi neste último sentido que os apologistas [*Justino Mártir* e outros] leram a doutrina do "*Logos*" de *Filo* nas Escrituras. **[8]**

Mas Jesus estava muito distante desses desenvolvimentos posteriores e compromissos com o paganismo. *William Barclay,* conhecido por sua erudição sóbria e análise cuidadosa dos textos bíblicos, comenta a conversa de Jesus com o escriba judeu:

> Este escriba veio a Jesus com uma pergunta que muitas vezes era objeto de debate nas escolas rabínicas. No judaísmo havia uma espécie de dupla tendência. Havia uma tendência de expandir a lei ilimitadamente em centenas e milhares de regras e regulamentos. Mas também havia uma tendência de tentar reunir a lei em uma frase, uma declaração geral que seria um resumo de toda a sua mensagem. **[9]** Certa vez, um prosélito pediu a *Hillel* que o instruísse em toda a lei, apoiando-se em uma perna só. A resposta de *Hillel* foi: "O que você odeia para si mesmo, não faça ao seu próximo. Esta é toda a lei, o resto são comentários. Vá e aprenda"…
>
> Em resposta, Jesus pegou dois grandes mandamentos e os juntou. **(i)** "***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***" Essa única oração é o verdadeiro credo do Judaísmo... Foi a oração com a qual o serviço da sinagoga sempre começou e ainda começa... **(ii)** "***Amarás o teu próximo como a ti mesmo***"... A coisa nova que Jesus fez foi colocar esses dois mandamentos juntos. **[10]**

Barclay nos lembra que o "*Shemá*" "é a declaração de que Deus é o único Deus, o fundamento do monoteísmo judaico". Ele então observa que "quando Jesus citou esta frase como o primeiro mandamento, todo judeu devoto concordaria com ele". **[11]**

O que aconteceu, então, que a afirmação da Igreja de Deus como três em uma é um obstáculo e uma ofensa para todo judeu devoto? A descrição de Deus feita por Jesus foi descartada e substituída por um credo "aprimorado" que ofende os judeus e deveria alarmar os cristãos que afirmam ser devotos a Cristo.

O fato surpreendente emerge dessa evidência de que o credo de Jesus não correspondia e, uma vez que permanece o mesmo ontem, hoje e para sempre (***Hebreus 13:8***), não corresponde ao credo trinitário tão amado por seus discípulos modernos. Isso parece exigir uma investigação deliberada por parte das igrejas de todas as denominações. Algo poderia estar sistematicamente errado com a doutrina cristã tradicional de Deus como Trindade.

Dr. McGrath

As tentativas de sustentar uma visão trinitária de Deus a partir das Escrituras são inexpressivas e muitas vezes confusas. Um importante expoente moderno da Trindade, *Alister McGrath*, nos diz corretamente que Jesus Cristo revela Deus. Não menciona a revelação expressa de Jesus sobre Deus como o Único Deus de Israel. Ele aponta que se pode encontrar três exemplos em todo o NT do termo "Deus" aplicado a Jesus. *McGrath* atribui a escassez de referências a Jesus como "Deus" ao fato de que os escritores eram em sua maioria judeus. Mas, alguém pode perguntar, eles também não eram verdadeiros cristãos e não sabiam qual Deus adorar? Eles não eram expoentes apostólicos da fé cristã? *McGrath* diz:

> O NT foi escrito no contexto do estrito monoteísmo de Israel... Dada a forte relutância dos escritores do NT em falar de Jesus como "Deus" por causa de sua origem no estrito monoteísmo de Israel, essas três declarações são de considerável importância [***João 1:1; 20:28; Hebreus 1:8***]. **[12]**

Os comentários do Dr. *McGrath* fornecem evidências eloquentes de que Jesus e seus seguidores não alteraram o credo judaico. Se eles estavam muito relutantes em falar de Jesus como Deus, não seria simplesmente porque seu credo, afirmado por Jesus, os proibia de chamar qualquer um que não fosse o Pai de Deus supremo? Eles não mostram sinais de serem de Trinidad. Nem, é claro, Jesus..

Os três exemplos da palavra "Deus" para Jesus, comparados com mais de 1.300 referências ao Pai como "Deus" no NT, são facilmente explicados. **[13]** Eles não fornecem justificativa para se afastar do credo de Jesus, que acreditava que "***o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor!***" (***Marcos 12:29***).

Quando se trata da própria Trindade, *McGrath* comenta:

> O leitor casual das Escrituras discernirá apenas dois versículos em toda a Bíblia que parecem, à primeira vista, passíveis de uma interpretação trinitária: ***Mateus 28:19*** e ***2 Coríntios 13:14***. Ambos os versículos criaram raízes profundas na consciência cristã... No entanto, esses dois versículos, tomados juntos ou separadamente, dificilmente podem ser considerados como uma doutrina da Trindade. **[14]**

Esta é uma admissão significativa. *McGrath* então nos dá vinte páginas de desenvolvimento histórico post-bíblico da Trindade. Tem apenas uma página e meia para nos oferecer como fundamento bíblico. Então vem esta declaração incrível. Com que certeza você realmente encontra a Trindade no NT?

> A doutrina da Trindade pode ser considerada como resultado de um processo de reflexão sustentada e crítica sobre o padrão de atuação divina revelado nas Escrituras e continuado na experiência cristã. *Isso não quer dizer que a Escritura contém uma doutrina da Trindade*; ao contrário, a Escritura dá testemunho de um Deus que exige ser compreendido de maneira trinitária. Exploraremos a evolução da doutrina e seu vocabulário distintivo a seguir. **[15]**

Sugiro que a fé do Dr. *McGrath* está firmemente enraizada na tradição post-bíblica, ao contrário de seu próprio princípio protestante de "*sola scriptura*". Ele parece em conflito interno. Não há doutrina da Trindade na Bíblia, ele admite, e ainda assim, em suas páginas, Deus exige a crença na Trindade..

Convido a uma reflexão prolongada sobre a declaração em itálico acima: "Isso não quer dizer que as Escrituras contenham uma doutrina da Trindade". No entanto, Deus "exige ser compreendido de maneira trinitária". Há uma curiosa ilógica e irracionalidade em jogo aqui. Alguém pode explicar como a ausência de uma doutrina trinitária na Bíblia é uma boa evidência de que Deus afirma ser adorado como uma Trindade? Se a Escritura for considerada o fundamento da fé, como afirmam os protestantes, suas páginas não fornecem nenhuma informação sobre "Deus em três pessoas". O Deus de Jesus e do NT é uma única Pessoa divina, o Pai de Jesus e dos cristãos.

Admissões francas sobre o credo dos primeiros cristãos são encontradas com frequência nos livros canônicos do NT: "Os primeiros cristãos eram judeus ortodoxos que foram criados para acreditar que Deus era um. Eles nunca abandonaram sua crença de que Deus era um, mas gradualmente passaram a entender a

unidade de Deus de uma nova maneira". **[16]** Mas essa novidade foi justificada? Os últimos discípulos de Jesus foram autorizados a abandonar seu credo unitarista?

As fontes judaicas não têm dúvidas sobre a origem do monoteísmo que Jesus obviamente compartilhava. "*The Encyclopedia of Jewish Knowledge*" (A Enciclopédia do Conhecimento Judaico) em sua entrada "*Monotheism*" (Monoteísmo) diz:

> Crença em um Deus... Abraão foi seu descobridor. Moisés o proclamou no "*Shema*", que, através dos tempos, adquiriu uma santidade igualada por nada mais no judaísmo... A ideia monoteísta foi esclarecida por Amós e Isaías... Os judeus... tornaram-se na "Guarda Suíça do Todo-Poderoso"… Nada restou senão uma fé sublime no Criador indivisível e onipresente, sem começo nem fim, até que os judeus se tornaram um "povo ébrio de Deus"… "Eu sou o que sou" [*ohn, **Êxodo 3:14***, LXX]…Não é melhorado…por especulação filosófica ou teológica. A profissão de Unidade é o supremo ato de fé. É o clímax do serviço da Expiação, a última declaração do judeu moribundo consciente. Foi a confissão de ser queimado na fogueira e é a maior contribuição do judaísmo para o crescimento espiritual da raça humana. **[17]**

Falando do credo judaico, a mesma fonte enfatiza que a crença no Deus Único era o artigo de fé mais importante para os judeus. "Recusar-se a adorar ídolos" era o único verdadeiro credo do judaísmo. **[18]** *Maimônides* proclamou: "Só ele é nosso Deus, que foi, é e será". **[19]**

Jesus era versado na lei e nos profetas e nunca se desviou da crença central de sua herança judaica. *H. H. Rowley* escreveu:

> Quando no NT encontramos a essência da lei do AT resumida em duas de suas provisões, fica claro que elas são apresentadas aos seguidores de Cristo como válidas para eles não menos do que para os filhos da Antiga Aliança. Essas duas leis são "***Amarás o Senhor teu Deus***" e "***Amarás o teu próximo como a ti mesmo***". O amor de Deus, se for o amor de Deus conforme revelado na Bíblia, deve resultar no amor do homem. A aliança, cujo estabelecimento está registrado na Lei, exigia acima de tudo obediência. Os princípios da humanidade tão caros aos profetas são expressos com poder em Deuteronómio, e ali lemos a grande palavra que foi valorizada pelos judeus em todos os tempos *e que foi declarada por nosso Senhor como a primeira lei da vida para todos os homens*. "Amarás o Senhor teu Deus". **[20]**

Isso está muito bem dito. Mas não se poderia acrescentar que a obediência a essas leis inclui, ou melhor, é introduzida pelo mandamento de escutar atentamente *quem é esse Deus* que se deve amar? Nem Jesus nem a Lei que ele cita permitem definir Deus como "Pai, Filho e Espírito Santo". O texto não diz "O Senhor teu Deus é três Senhores em um". Certamente as palavras da Escritura foram atacadas quando nossos termos tradicionais para descrever Deus não são mais as palavras do próprio Jesus. E, como diz *Rowley*, essas palavras da Lei parecem aos leitores do NT como "válidas para eles". Jesus, de fato, insiste no estrito monoteísmo como base permanente da genuína fé cristã.

Tom Harpur expressa o seu mal-estar por o dogma central do cristianismo não se encontrar hoje na Bíblia:

> O que é mais embaraçoso para a Igreja é a dificuldade de provar qualquer uma dessas declarações dogmáticas dos documentos do NT. Você simplesmente não consegue encontrar a doutrina da Trindade exposta em nenhum lugar da Bíblia. São Paulo tem a visão mais elevada do papel e da pessoa de Jesus, mas em nenhum lugar ele o chama de Deus. Nem o próprio Jesus afirma explicitamente em qualquer lugar ser a Segunda Pessoa da Trindade, totalmente igual ao seu Pai celestial. Como um judeu piedoso, ele teria ficado chocado e ofendido com tal ideia...
>
> Esta pesquisa me levou a acreditar que a grande maioria dos fiéis regulares são, para todos os propósitos práticos, tri-teístas. Isto é, eles professam crer em um só Deus, mas na realidade adoram três. Não é de admirar que o cristianismo sempre tenha tido dificuldade em tentar converter judeus e muçulmanos. Os membros dessas duas religiões têm tamanha aversão por qualquer coisa que vá contra seu monoteísmo, ou fé na unidade de Deus, que um evangelho aparentemente politeísta tem pouco apelo para eles. **[21]**

As autoridades tradicionais fazem este ponto importante: "O cristianismo primitivo adota conscientemente do judaísmo (***Deuteronómio 6:4***) a fórmula monoteísta, 'Deus é um'... Segundo ***Marcos 12:29, 32***, Jesus aprova explicitamente a fórmula monoteísta judaica". **[22]**

Os historiadores e teólogos judeus não têm dúvidas sobre o que os judeus do primeiro século acreditavam sobre Deus. *Otto Kirn*, PhD, ThD, professor de dogmatica na Universidade de Leipzig, comentou:

> Os primeiros dogmáticos eram de opinião que uma doutrina tão essencial como a da Trindade não poderia ser desconhecida dos homens da AT. No entanto, nenhum teólogo moderno que distinga claramente entre os graus de revelação no AT e no NT pode sustentar tal visão por mais tempo. Somente a exegese imprecisa que ignora os fundamentos mais imediatos da interpretação pode ver referências à Trindade na forma plural do nome divino "*Elohim*", o uso do plural em ***Gênesis 1:26*** ou frases litúrgicas de três membros, como a bênção . de Aaron de ***Números 6:24-26*** e o Triságio de ***Isaías 6:3***. **[23]**

Dr. *William Smith* advertiu contra tentativas imaginativas de encontrar a Trindade na Bíblia hebraica: "A forma plural de '*Elohim*' deu origem a muita discussão. A ideia fantasiosa de que se referia à trindade de pessoas na Divindade dificilmente encontra apoio entre os eruditos". **[24]**

Wolfhart Pannenberg, Doutor em Teologia, declarou:

> Jesus é o que é apenas no contexto da expectativa de Israel. Sem o pano de fundo dessa tradição, Jesus jamais teria se tornado objeto de uma cristologia. Certamente esta conexão também está clara em outros títulos e, em geral, em todo o NT, especialmente na mensagem do próprio Jesus. A sua mensagem só pode ser compreendida no horizonte das expectativas apocalípticas, e o Deus que Jesus chama de "Pai" não é outro senão o Deus do AT. Este contexto se concentra de maneira muito particular no título "*Christos*"... Isso justifica a formulação do conteúdo da confissão de Jesus... ele é o Cristo de Deus. **[25]**

Que confuso então dizer que ele é Deus.

> Para os homens do NT, Deus era o Deus do AT, o Deus vivo, uma Pessoa amorosa, revigorante, que busca o cumprimento de um propósito eterno de misericórdia, a satisfação de sua própria natureza amorosa... seria mais correto dizer que o monoteísmo do AT nunca foi abstrato, porque o Deus do AT nunca foi um conceito, ou uma substância [essência], mas sempre uma Pessoa. A personalidade, de fato, nunca tem a unidade nua de uma mónada. **[26]**

Murray Harris em "*Jesus as God*" (Jesus como Deus), tenta justificar a visão tradicional de Jesus como Deus em sua totalidade. No entanto, suas descobertas o levam a admitir que a Trindade não é fácil de detectar! *Harris* não encontra nenhum exemplo de um Deus Triúno nas páginas das Escrituras:

> Não foi o Deus Triuno da teologia cristã que falou aos ancestrais através dos profetas... Seria inapropriado que "*Elohim*" [Deus, 2.570 vezes] ou "*Yahweh*" [6.800 vezes] se referissem à Trindade na AT quando no "*o theos*" do NT refere-se regularmente apenas ao Pai e aparentemente nunca à Trindade. **[27]**

Harris conclui:

> Nenhuma tentativa foi feita no resumo acima para ser exaustivo. Mas vimos que em todo o NT (*o*) "*theos*" [Deus] é tão frequentemente associado e ainda assim distinto de "*kurios Yesous Christos*" [Senhor Jesus Cristo] que o leitor é forçado a assumir que deve haver tanto uma hipostática distinção e uma relação interpessoal entre os dois. Os próprios escritores do NT dão a chave quando falam não apenas de "*o theos*" e "*Yesous*", mas também do Pai e do Filho, do Filho de Deus e do Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Deus é o Pai (no sentido trinitário), Jesus é o Senhor (***1 Coríntios 8:6***). Quando "*o theos*" é usado, devemos supor que os escritores do NT têm o Pai em mente, a menos que o contexto [duas vezes com certeza] torne impossível esse sentido de "*o theos*". **[28]**

Em nota de rodapé ele acrescenta:

> Uma questão relacionada requer um breve tratamento. A quem os escritores do NT atribuíram a ação divina descrita no AT? Responder "Jeová Deus" é levantar a questão, porque os autores do NT escreveram sobre os eventos do AT à luz de sua compreensão trinitária de Deus. **[29]**

No entanto, acima, acabou de dizer que Deus nunca se refere à Trindade.

> Deve ser feita uma distinção clara entre o que o texto do AT significava para os seus autores e leitores e como era compreendido pelos primeiros cristãos que viveram após o advento do Messias e a vinda do Espírito. **[30]**

Harris continua:

> De fato, a pessoa que projeta o ensino trinitário do NT de volta ao AT e lê o AT através dos óculos do monoteísmo dinâmico ou trinitário do NT está pensando anacronicamente. Por outro lado, não parece ilegítimo fazer uma pergunta como esta: A quem se referia o autor de ***Hebreus*** quando disse (***1:1***): "***Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas***"? Que ele não era o Espírito Santo em nenhum sentido último é evidente pelo fato de que nem no AT nem no NT o Espírito é chamado de "Deus" "*expressis verbis*"

> [em tantas palavras]. E, apesar do facto de o equivalente LXX de YHVH, nomeadamente "kurios", ser regularmente aplicado a Jesus no NT, de modo a tornar-se menos um título do que um nome próprio, não é possível que "*o theos*" [Deus] em ***Hebreus 1:1*** denote Jesus Cristo, porque a mesma frase (**em grego**) contém, "(o Deus que falou...) nestes últimos dias falou-nos num Filho (*e 'uio*)". Uma vez que o autor enfatiza a continuidade das duas fases do discurso divino ("Deus que falou, depois falou"), esta referência a um Filho mostra que "*o theos*" foi entendido como significando "Deus o Pai".". [**31]**

E, claro, nenhum escritor do NT escreveu "Deus, o Filho".".

Harris acrescenta:

> Da mesma forma, a diferenciação feita entre "*o theos*" como o falante em ambos os tempos [em toda a Bíblia] e "*uios*" (Filho) como seu meio final de falar mostra que na mente do autor *não era o Deus Triuno da teologia cristã que falou aos pais pelos profetas*. Isto é, para o autor de Hebreus (como para todos os escritores do NT, pode-se sugerir) "o Deus de nossos pais", *Yahvé, não era outro senão* "***o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo***" (compare ***Atos 2:30 e 2:33; 3:13 e 3:18; 3:25 e 3:26***; observe ***também 5:30***). Tal conclusão é inteiramente consistente com o uso regular do NT de "*ou theos*". Seria inapropriado para "*Elohim*" [2.570 vezes] ou "*Yahweh*" [6.800 vezes] referir-se à Trindade no AT quando no NT "*theos*" *regularmente se refere apenas ao Pai e aparentemente nunca à Trindade*. **[32]**

Mais tarde diz:

> No grego clássico, "*to theion*" [a Divindade] muitas vezes significa poder ou atividade divina ou a natureza divina considerada genericamente, sem referência a um deus em particular. Parece não haver nenhuma instância no NT onde "*theos*" significa apenas "*to theion*", divindade em geral, embora tanto *Filo* quanto *Josefo* usem "*to theion*" para o único Deus verdadeiro do monoteísmo de Israel. Em ***Atos 17:29***, "*to theion*" é usado para "a Divindade", que é frequentemente representada "pela arte e imaginação do homem". **[33]**

Com essa evidência maciça de "Deus" como a descrição consistente do Pai de Jesus, *Harris* encontra referências a Jesus como Deus "certamente em ***João 1:1; 20:28***; provavelmente em ***Romanos 9:5; Tito 2:13; Hebreus 1:8; 2 Pedro 1:1***; provavelmente em ***João 1:18***; possivelmente em ***Atos 20:28; Hebreus 1:9; 1 João 5:20***". **[34]**

Harris conclui com admirável franqueza que "não é apropriado traduzir *'o theos*' por 'a Essência divina' ou 'a Divindade'". **[35]** Isso é incrível. Nenhum escritor do NT jamais colocou o conceito de Deus como três!

Seria um eufemismo grosseiro dizer que encontrar a Trindade na Bíblia é um trabalho árduo! Harris descarta o uso ocasional da palavra "trinitário", apesar de suas próprias descobertas. A literatura relevante está repleta de expressões como "o problema da Trindade" e como "a Igreja lutava" para encontrar formas de expressar o que estava vivendo, em termos que o mundo grego acharia "significativo".

O tempo todo, porém, acredito que a simplicidade de Jesus, que Paulo advertiu contra perder (***2 Coríntios 11:3***), estava de fato sendo perdida! É realmente pedir demais ao leitor que considere o fato de

que Deus ficaria satisfeito se confessássemos e celebrássemos o credo de Seu único Filho? Isso é complicado? Dificilmente. Nosso NT apresenta Jesus, o Salvador, implorando para que acreditemos nele, entendendo, acreditando e praticando suas palavras. Como poderíamos menosprezar e desprezar esse ensinamento? Como recusar seu constante chamado e advertência de que devemos ouvir "estas palavras" (***Mateus 7:24***), palavras que "não passarão" (***Mateus 24:35***) porque são mais permanentes do que o nosso céu e terra atuais?

Dos incontáveis escritores talentosos sobre Jesus, alguns capturam vividamente o espírito e o estilo de seu ministério:

> À medida que os relatos do Evangelho avançam, encontramos sucessivamente o centurião romano, as mulheres de Samaria, Síria-Fenícia, Betânia e muitos mais, crianças, escribas, mendigos, Natanael e Nicodemos, o leproso, o proscrito endemoninhado e até mesmo todos um de Jesus se volta como se o contato humano fosse mais importante do que tudo no mundo. Ele parece alheio à política, à filosofia, até à teologia. Nada importa, exceto o homem nos propósitos de Deus. Nada importa exceto Deus na vida de cada homem. **[36]**

E por "Deus" nosso escritor significa o Deus de Israel..

> [Os discípulos] eram hebreus, com todo o ensinamento do AT para moldar seu pensamento sobre Deus... Ele era... o Deus de Israel, justo e ainda assim amoroso, "***O SENHOR é longânimo e grande em misericórdia***"... O que eles viram em Jesus que eles não contradiziam tudo isso. O monoteísmo do judaísmo permaneceu a pedra angular do pensamento cristão. **[37]**

Mas será? Os judeus e os teólogos judeus não pensam assim. Será o monoteísmo trinitário realmente o monoteísmo dos judeus e de Jesus?

O monoteísmo trinitário é realmente o monoteísmo dos judeus e de Jesus? O facto mais óbvio e directo de toda a Bíblia é que o Deus do VT, o Deus dos hebreus, era "uma personalidade viva que estava profundamente envolvida na vida e nas lutas do povo hebreu". **[38]** Israel sabia de facto que havia muitos deuses, mas o profeta e o sacerdote instou-os a aderir ao seu único Deus, o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, e o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego, que era tão superior aos deuses inúteis das nações que os podia tirar em segurança de um caldeirão em chamas. Toda a fúria de um governante pagão tirânico e diabólico como Nabucodonosor não era páreo para o incomparável Deus de Israel.

Seu conhecimento desse único Deus verdadeiro convenceu Israel de que Ele havia falado com eles por meio de Moisés. Como o "Todo-Poderoso", um título nunca dado a Jesus na Bíblia, Deus se dirigiu a Abraão, Isaque e Jacó. Melquisedeque, o misterioso sacerdote, havia falado com Abraão sobre o único Altíssimo (*El Elyon*). Foi o mesmo Altíssimo quem mais tarde anunciou que Seu Messias seria filho de Davi e de Deus e receberia Dele "***o trono de Davi, seu pai***" (***Lucas 1:32, 35***). Esse mesmo Deus Todo-Poderoso de Israel havia se revelado a Moisés como YHVH, o SENHOR (***Êxodo 3:14***). Isso "identifica o Deus judeu como aquele que está sempre presente e ativo". **[39]**

O mesmo autor, *William La Due*, diz, ecoando milhares de bons artigos sobre o Deus dos hebreus, que o Deus judeu da Bíblia é:

> ... uma presença ativa e permanente que nunca se cansa e está sempre vigilante (***Isaías 40:28***), um Deus santo que jura pela santidade divina. Desde o início, o Senhor não toleraria a adoração de outros deuses (***Êxodo 20:3***). Durante o exílio (ca. 587-538 a.C.) Yahweh queria que os hebreus o vissem como um pastor que apascenta seu rebanho e carrega suas ovelhas nos braços, conduzindo-as com muito cuidado (***Isaías 40:11***). No entanto, Yahweh frequentemente se proclamou um Deus ciumento... No entanto, Yahweh os tratou com a ternura de um pai (***Oséias 11:1-3***)... e olhou para eles com a afeição de um amante (***Oséias 2:9-16***) ... Yahweh chamou a si mesmo de Pai de Israel (***Êxodo 4:22, 23***) …
>
> Na forja do pacto, a divindade hebraica recebeu um carácter explicitamente pessoal...de modo algum um poder impessoal..... Ansiosos por retratar Deus como caloroso e pessoal, os profetas referiam-se frequentemente ao Seu amor e à Sua dor, ao Seu medo e ao Seu zelo.... O "*Shema*" (***Deuteronómio 6:4-9***) estabelece de uma vez por todas a afirmação clássica do monoteísmo judeu Os antigos viam no vento e no sopro humano... um símbolo da atividade e da proximidade da.... divina Eles associaram este espírito de vida à espada do Senhor, e estes dois agentes, o espírito e a palavra, foram responsáveis por estabelecer a soberania de Javé sobre toda a criação (***Salmos 33:6***) ... O espírito é melhor compreendido como uma força viva, e a palavra como a força viva. expressão do pensamento e da vontade de Yahweh. **[40]**

O nosso autor conclui com isto a sua secção sobre o Deus da Bíblia hebraica:

> Yahweh e os seus intermediários [palavra, espírito, sabedoria] constituem as intimidades da Trindade no AT, mas *não emergem como personalidades distintas e iguais, porque o monoteísmo rígido e intransigente da fé judaica não toleraria tal desenvolvimento*. **[41]**

Nem, propomos, Jesus, por um só instante, encarou um tal "desenvolvimento". Jesus estava implacável e vigorosamente ligado ao monoteísmo judeu da sua herança. Isto é provado sem qualquer dúvida pelo seu sincero acordo com ***Deuteronómio 6:4*** e com um escriba judeu. Essa confissão do próprio Jesus deveria ser o padrão de ouro pelo qual todas as confissões são julgadas. Atualmente, as igrejas parecem ter esquecido que Jesus era judeu, e pior, que ele não reconheceu nenhum Deus como Deus, mas o Deus da Bíblia hebraica, o seu próprio Pai.

A afirmação de Jesus do Credo Unitário de Israel deveria ter fechado para sempre a porta a qualquer variação na definição de Deus. Os comentadores admitem frequentemente a enorme mudança que superou as discussões posteriores sobre quem Deus é: "Os tratados teológicos sobre Deus revelados na tradição judaico-cristã tomaram uma forma muito diferente em comparação com os dados do AT". **[42]**

Também reveladoras são as conclusões de vários teólogos proeminentes: "Para [Karl] *Rahner*, o Yahweh dos israelitas é uma pessoa particular com um nome próprio, que criou tudo o que existe e que intervém na vida do seu povo". **[43]** A definição de Deus de *James White* como um "o quê" e três "quem" não é comparável à definição de *Rahner*. As tentativas de *White* de encontrar a Trindade na Bíblia são bastante pouco convincentes.

Karl Rahner

Quando este importante teólogo católico romano conduziu um exame exaustivo da palavra "Deus" no NT, concluiu com estas admissões notáveis:

> Podemos resumir os nossos resultados da seguinte forma. Em parte alguma do NT existe um texto com "*o theos*" que deve inquestionavelmente referir-se ao Deus Trinitário como um todo existente em três Pessoas [Deus como Trindade]. **[44]** Na grande maioria dos textos, "*o theos*" refere-se ao Pai como uma Pessoa da Trindade.... Além disso, "*o theos*" nunca é usado no NT para falar do Espírito Santo. **[45]**

Numa nota de rodapé ele acrescenta:

> Assim, por exemplo, toda a história salvífica do AT é atribuída ao Deus que envia Jesus, portanto ao Pai (***Atos 3:12-26***; comparar, ***Hebreus 1:1***). Em ***Atos 4:24, Efésios 3:9 e Hebreus 1:2***, o Deus que criou todas as coisas é claramente caracterizado como o Pai em virtude da Sua distinção do "Filho" ("Servo", "Cristo"). Agora, se a criação e a história da salvação são atribuídas a Deus Pai, dificilmente pode haver uma única declaração sobre "*o theos*" que não esteja incluída...
>
> Onde a Pessoa e a Natureza de Cristo devem ser declaradas com o maior rigor teológico e precisão, ele é chamado o Filho de Deus... Para [os escritores do NT] a expressão "*o theos*" era tão exata e precisa como "Pai"... Quando em consequência de tudo isto dizemos que "*o theos*" na linguagem do NT significa o Pai... Tudo o que se quer dizer é que quando o NT pensa em Deus, é a Pessoa concreta, individual e imutável que entra na sua mente, que de facto é o Pai e é chamada "*o theos*"; de modo que inversamente, quando se fala de "*o theos*", não é a única natureza divina que se vê, subsistindo em três hipóstases, mas a Pessoa concreta que possui a natureza divina sem originalidade, e a comunica por geração eterna também a um Filho, e por espiração ao Espírito. **[46]**

Rahner e Harris, como principais peritos representando respetivamente a Igreja Católica Romana e o Protestantismo evangélico, reconhecem virtualmente o nosso ponto de vista de que "Deus" nas Escrituras significa quase invariavelmente o Pai de Jesus. O mais significativo de tudo, como um desafio ao Trinitarismo, é o testemunho unido da Escritura de que "Deus" não pode descrever um Deus trino. O Deus da Bíblia e de Jesus era e não é a Trindade da teologia tradicional.

A conclusão de *Rahner* do seu estudo detalhado é muito semelhante à de *Murray Harris*. O maior número de referências no NT a "Deus" refere-se claramente ao Pai. Os seis textos que poderiam referir-se ao Filho são "hesitantes e restritivos" — dificilmente uma base firme para alterar o monoteísmo de Israel. "Deus", acrescenta *Rahner*, "nunca é usado no NT para falar do espírito santo". **[47]** E quando se fala de "Deus" no NT, é feita referência à pessoa do Pai, a "Pessoa individual que possui a natureza divina sem origem". **[48]** Isto é, naturalmente, puro Unitarismo e tem sido apontado pelos opositores à Trindade durante séculos.

Rahner também admite que nos tempos post-bíblicos *Justino Mártir*, *Ireneu* e *Tertuliano* falam do Pai como Deus por *excelência*. Esta também é uma perspetiva unitária. A Igreja do segundo século, embora tivesse prolongado erroneamente a vida do Filho na pré-história, estava longe de estabelecer a sua Divindade. **[49]** Os estudos bíblicos do estudioso católico romano *Raymond Brown* são bem conhecidos e altamente aclamados. *Brown* diz que "Jesus nunca é chamado Deus nos evangelhos sinópticos, e uma

passagem como ***Marcos 10:18*** **[50]** parece excluir a possibilidade de Jesus ter usado o título de si mesmo". Diz também que "mesmo o quarto Evangelho nunca retrata Jesus como dizendo especificamente que ele é Deus". *Brown* salienta que existem cinco passagens do NT em que Jesus pode ser identificado como Deus, mas "frequentemente estes cinco exemplos são rejeitados pelos estudiosos ... com o argumento de que o uso de 'Deus' para Jesus é raro no NT e, portanto, deve ser sempre considerado improvável". Ele conclui que existem apenas três "textos onde Jesus é claramente chamado Deus" (***Hebreus 1:8, 9; João 1:1 e João 20:28***). **[51]**

Mas em que sentido é que ele é chamado Deus nessas três raras ocasiões? Na passagem dos Hebreus, o autor fala imediatamente do Messias "Deus" como tendo um Deus que o unge. E sabemos que os seres humanos podem ser chamados de "Deus" num sentido secundário. João fala do "*logos*" (palavra) como Deus, mas não equaciona o Filho com os "logos" pré-existentes, mas fala do Filho que só existe quando ele aparece como carne (***João 1:14***). João é o escritor que define muito claramente Deus a partir das palavras de Jesus como "o único que é verdadeiramente Deus" (***João 17:3***) e que descreve Jesus como rejeitando a acusação de que "vós, sendo homem, fazei-vos Deus" (ver ***João 10:33-38***). *Raymond Brown* tem razão ao afirmar que nem mesmo o quarto evangelho nunca relata que Jesus disse especificamente que ele é Deus. Brown observa que o NT como um todo mostra que "enquanto Jesus foi associado a Deus e foi chamado o Senhor ou o mediador, houve uma forte tendência para reservar o título "Deus" para o Pai, que é o único Deus verdadeiro". Isto poderia mais facilmente ser explicado com base no simples facto de que Jesus e os autores do NT eram Unitários e monoteístas de um tipo estritamente judeu. O mais revelador é o facto de que o maior dos pais Nicenos, Atanásio, admitiu que a fórmula trinitária Nicena "foi além de tudo o que foi explicitamente declarado no NT". **[52]**

Brown dificilmente apresentou provas esmagadoras de que a convicção de Jesus de que "Vós, Pai, sois o único que é verdadeiramente Deus" e o monoteísmo hebraico subjacente a essa proposta foram derrubados e substituídos por uma crença num Deus trino, incompatível com a Bíblia hebraica. ***João 17:3*** identifica uma Pessoa (não "um O quê"), o Pai, como sendo o único que é verdadeiramente Deus.

Igualmente decisivas são as conclusões de outro teólogo, o estudioso francês *Yves Congar*. Examinando os escritos de Paul, ele descobre que existem "quarenta ou mais fórmulas quase trinitárias em Paul, mas nenhuma afirmação clara revelando uma trindade de pessoas na única natureza divina". Esta tem sido a afirmação dos Unitários há séculos. *Congar* julga que "é quase impossível tirar quaisquer conclusões reais mesmo do Evangelho de João a respeito do dogma da Trindade". Prossegue, dizendo que foi a "visão trinitária" de João que inspirou *Inácio* (d. ca. 110), *Justino* (d. ca. 165) e *Irineu* (ca. 140-200). Ele observa um facto muito significativo como corretivo da noção amplamente defendida mas errónea de que a Trindade pode ser traçada numa linha contínua até ao NT: *Atanásio* (ca. 295-373) e *Basílio o Grande* (ca. 330-379) "deixou de chamar ao Espírito 'Deus' porque não queria ir além dos dados encontrados na Escritura". **[53]**

William La Due observa:

> [No NT] a divindade é novamente identificada como o Deus de Abraão, Isaac e Jacó (***Marcos 12:26, 27***), assim como o Pai de Jesus (***Efésios 1:3***)... "*Theos*" refere-se regularmente à primeira pessoa da Trindade [o Pai], e ocasionalmente ao Filho, mas o termo aparentemente nunca é usado para se referir ao Espírito Santo... Jesus não é chamado Deus nos evangelhos sinóticos, nem se refere especificamente a si próprio como Deus no Evangelho de João. Há

> alguma controvérsia sobre se Paulo identifica inequivocamente Jesus como Deus.... Mesmo os escritos paulianos não poderiam apoiar a doutrina trinitária que professamos hoje. **[54]**

Parece-nos uma cruel injustiça que as igrejas de hoje ameacem a perda da salvação a qualquer pessoa que questione a Deidade Trinitária de Jesus. As provas admitidas pelos próprios trinitários ferrenhos são, no mínimo, ambíguas. Demasiadas vezes, os estudiosos trinitários cedem todo o seu caso à causa unitarista. Se a Bíblia deve ser o nosso guia, como é o grito do Protestantismo, porque não resolver de uma vez por todas a ambiguidade, dizendo simplesmente que Jesus resolveu o problema por nós? Só a nós cabe acreditar nas suas palavras. Deus não nos tem provocado com ambiguidades, incertezas e argumentos picuinhas sobre quantos Ele é. É muito injusto entregar a uma pessoa uma Bíblia, registando os ensinamentos de Jesus, e depois afirmar que o Deus Trino da Igreja é facilmente identificado com o Deus de Jesus e os Apóstolos..

Jesus afirmou de forma simples e clara o credo Unitário de Israel. Paulo fez o mesmo: "***Para nós*** [os cristãos] ***há um só Deus, o Pai***" (ver ***1 Coríntios 8:4-6***), e nenhum outro além d'Ele. Paulo confessou Jesus não como Deus, mas com o resto do NT como o Senhor Messias (***1 Coríntios 8:6***). Paulo também disse: "***mas Deus é um***" (***Gálatas 3:20***). A Trindade acrescenta mais dois que são Deus. Este credo não é o credo de Jesus, e Jesus deve ser Senhor, mestre e rabino para os seus seguidores.

Notas Finais Capítulo 4

[1] *EP. Sanders y Margaret Davies*, "*Studying the Synopic Gospels*" (Estudando os Evangelhos Sinópticos), SCM Press, 1991, pág. 272.

[2] *Colin Brown*, "*Trinity and Incarnation*" (Trindade e Encarnação), Ex Auditu 7, 1991, 92, pág. 88.

[3] *Adolf von Harnack*, citado en *Karl-Josef Kuschel*, "*Born Before all Time? The Dispute over Christ´Origin*" (Nascido antes de todos os tempos? A disputa sobre a origem de Cristo), Crossroad, 192, pag.49.

[4] O final plural "*Elohim*" não apoia de forma alguma a noção de que Deus é mais do que um. O Messias não é plural, mas é chamado "*Elohim*". Moisés era "*Elohim*" para Faraó (***Êxodo 4:16; 7:1***), mas Moisés não era plural. Quatro textos que falam de "nós", que nada dizem sobre uma divindade trina, são riscados contra a evidência de 20.000 verbos separados e pronomes pessoais singulares que denotam o Deus único como não trino, mas como uma Pessoa. Nem um só verso dá qualquer indicação de que Deus é "uma coisa" ou "um quê".

[5] *Karl-Heinz Ohlig*, Um deus em três pessoas? Matthias-Grünewald Verlag, 1999. Pág. 29, 116, 124. Os italianos são seus.

[6] *Harnack* observa também que a concepção cristã de Deus desenvolvida pelos Padres da Igreja foi "*o meio caminho entre o politeísmo dos gentios e o monoteísmo dos judeus*" (Lehrbuch der Dogmengeschichte, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983; volume 1, pág. 702). Mas seria este monoteísmo de Jesus ou um compromisso bastante óbvio com o paganismo?

[7] *Karl-Heinz Ohlig*, "*Um deus em três pessoas?*", Matthias-Grünewald-Verlag, 1999. Págs. 124 y 125. Cursiva suya.

[8] *Paul Schrodt*, "*The Problem of the Beginning of Dogma in Recent Theology*" (O problema do início do dogma na teologia recente), pág. 64. *Schrodt* analisa aqui os pontos de vista de *Friedrich Loofs*.

[9] Ver ***Marcos 1:14, 15*** para um resumo do princípio básico da fé cristã: arrependimento com vista a acreditar no evangelho de Deus do Reino de Deus que se aproxima (ver também ***Lucas 4:43***).

[10] *William Barclay*, "Gospel of Mark – Interpretation of the New Testament" (*Evangelio de Marcos – Interpretación del Nuevo Testamento*), Aussaat Verlag págs. 261, 262, 263, 264.

[11] Ibidem, págs. 263, 264.

[12] *Alister McGrath*, "*Christian Theology: An Introduction*" (Teologia Cristã: Uma Introdução), Blackwell, 2006. Págs. 280 y 281.

[13] ***Juan 20:28*** deve ser lido no contexto das palavras de Jesus em que ele disse que ia subir ao "***meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus***" (***versículo 17***). Tomé tinha anteriormente falhado em ver que ver Jesus era ver Deus em ação (***14:7-9***). A exclamação de Tomé "***Meu Senhor e meu Deus!***" resume maravilhosamente a sua compreensão de que ao encontrar o Senhor Jesus também encontra o único Deus que está a trabalhar nele. O discurso é tanto para "***meu Senhor***" (Messias) como para "***meu Deus***", o Deus de Jesus e Tomé. Ver mais Apêndice 1.

[14] *McGrath*, "*Christian Theology*" (Teologia Cristã), pág. 248.

[15] Como acima, pag. 249, itálico posterior.

[16] *Colin Chapman*, "*The Case for Christianity*" (O caso do cristianismo), Eerdmans, 1981.

[17] *Jacob de Haas*, "*The Encyclopedia of Jewish Knowledge*" (A Enciclopédia do Conhecimento Judaico), Casa do Livro Judaico de Behrman, 1938, pág. 364.

[18] Ibidem, página 111.

[19] Do seu credo no século XII. Ver ***Apocalipse 1:8*** para a mesma declaração de fé professada por João e Jesus.

[20] "*The Unity of the Bible*" (A Unidade da Bíblia), Living Age, 1957, pags. 81, 44.

[21] *Tom Harpur*, "*For Christ´s Sake*" (Pelo amor de Cristo), Beacon Press, 1987, pág. 11.

[22] "*Eis*" ("Uno"), "*Exegetical Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Exegético do Novo Testamento), Eerdmans, 1990, pág. 399.

[23] "The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge" (A Nova Enciclopédia Schaff-Herzog de Conhecimentos Religiosos), Baker, 1960, 12:18.

[24] "*A Dictionary of the Bible*" (Um Dicionário da Bíblia), Thomas Nelson, rep. 1986, pág. 220.

[25] *Wolfhart Pannenberg*, "*Fundamentos de Cristologia*", Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1964, pág. 26

[26] *Thomas B. Kilpatrick*, Profesor de Teología Sistemática, Knox College, Toronto, "*"Incarnation", A Dictionary of Christ and the Gospels*" ("Encarnação", Dicionário de Cristo e os Evangelhos), Vol. 1, pág. 807.

[27] "*Jesus as God: The New Testament Use of Theos in Reference to Jesus*" (Jesus como Deus: o uso de "Theos" no Novo Testamento em referência a Jesus), Baker (1992), 47. cursiva posterior.

[28] Ibidem, pág. 47.

[29] Ibidem., pág. 47n.

[30] Ibidem., pág. 47n.

[31] Ibidem. 47n.

[32] Ibid., 47n.

[33] Ibidem., 48n. 113

[34] Ibidem., 49.

[35] Ibidem., 271.

[36] L.W. Grensted, "*The Person of Christ*" (A Pessoa de Cristo), Nisbet & Co. (1933), página 45.

[37] Ibidem., pág. 46.

[38] *William J. La Due*, "*The Trinity Guide to the Trinity*" (O Guia da Trindade para a Trindade), Trinity Press International, 2003, pág. 1.

[39] Ibidem.

[40] Ibidem., 2-6.

[41] Ibidem., pág. 14, ênfase acrescentada.

[42] Ibidem., pág. 17.

[43] Ibidem., pág. 18.

[44] De acordo com uma obra-padrão considerada autoritária, Calvino diz o contrário: "*Quando a palavra Deus é usada sem referência específica a uma das 'pessoas', designa imperceptivelmente as três. que aquele que deseja falar do único Deus verdadeiro deve falar sempre do Deus Trino, sendo tudo o resto vaidade e idolatria*". (*Richardson y Bowden*, eds.; "Westminster Dictionary of Christian Theology" (Dicionário Westminster de Teologia Cristã), SCM Press, 1983, pág. 588).

[45] Karl Rahner, "*Theological Investigations*" (Investigações Teológicas), Helicon, 1963, 1:143.

[46] Ibidem., págs. 143-146.

[47] Ibidem., página 143.

[48] Ibidem., página 146.

[49] Acredita-se que *Tertuliano* seja o pai da ortodoxia ocidental, mas ele próprio diz que o Filho não existiu desde a eternidade. "*Houve uma época em que nem o Filho coexistiu* (com Deus), *nem o Filho*" (Contra Hermógenes, capítulo 3). 177 "***Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus só!***"

[50] "***Porque me chamas bom? Ninguém é bom, excepto um, e isso é Deus***".

[51] "*Jesus: God and Man*" (Jesus: Deus e o Homem), MacMillian (1967), pp. 23-30.

[52] Ibidem. 9, XXI.

[53] Citado en *La Due*, "*Trinity Guide to the Trinity*" (Guia da Trindade para a Trindade), pp. 25, 26.

[54] Ibidem. página 27

Capítulo 5

O Filho de Deus: A Perda Protestante dos Ensinamentos de Jesus e a Sua Promoção da Deidade

> "A "*Shema*" vem da "*Torah*" ... ***Deuteronómio 6:4-9*** é o "*Shema*". No primeiro século, encontramos provas de que era prática comum os judeus recitarem o "*Shema*" como uma forma de vida de oração e confessional, tal como muitos cristãos recitam o Credo dos Apóstolos [150 d.C.] ou a Oração do Senhor.". **[1]**

> "Por que é necessário realçar a confissão cristã fundamental "*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*" e assim alterar seu significado claro? Para entender Deus e Jesus e seu relacionamento, devemos começar com esta confissão... Esta confissão bíblica de fé representa a mensagem bíblica central". **[2]**

É fácil mostrar que nossos escritores do NT, alguns dos quais conheceram Jesus pessoalmente e o ouviram ensinar dia após dia no templo, estavam comprometidos com a crença de que Jesus era "o Filho de Deus". Esta é a afirmação precisa que Jesus fez a si mesmo em ***João 10:36***: "***porque declarei: sou Filho de Deus?***". Foi a acusação dos inimigos de Jesus em seu julgamento que ele havia afirmado ser o "***Filho de Deus***" (***João 19:7***). Isso era o pior que podiam dizer sobre ele.

Em ***João 10:36***, Jesus pretende esclarecer as coisas quando membros furiosos do estabelecimento religioso o acusam de reivindicações inaceitáveis e do que consideram um desafio blasfemo à autoridade de Deus. Jesus afirmou ser um agente único do Deus Único e estar fazendo a vontade de Deus perfeitamente. Ele rejeitou completamente a sugestão de que estava de alguma forma substituindo Deus, protestando que não poderia fazer nada por si mesmo, mas apenas o que Deus permitisse ou ordenasse: "***o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai***" (***João 5:19***) .

Essa resposta de Jesus a seus acusadores é muitas vezes omitida da literatura evangélica, pois exporia a noção de que Jesus afirmou ser Deus como errônea. Jesus rejeitou fortemente a ideia de que ele era o próprio Deus. O que ele afirmava era estar cumprindo irrepreensivelmente a vontade de Deus. Há uma igualdade de funções na atividade de Jesus. E ele falou as palavras de Deus (***João 3:34***). Mas longe de agir por sua própria "Divindade", ele só pode fazer o que "vê o Pai fazer". Tudo o que o Pai faz, o Filho também o faz" (***João 5:19***). Por mais que a imaginação possa ir, isso constitui Jesus como uma segunda Pessoa incriada da Divindade. Antes, prova que é o ser humano perfeitamente submetido e sem pecado. Como *C. K. Barrett* comentou com humor sobre ***João 8:28***: "É simplesmente intolerável que Jesus seja obrigado a dizer: 'Eu sou Deus, o Deus supremo do AT, e sendo Deus, faço o que me é dito'". **[3]**

A Igreja Católica posterior, perdendo contato com o Jesus judeu das Escrituras, inventou uma nova identidade para Jesus que ele não queria e não poderia aceitar. O Filho que nas Escrituras veio a existir (foi gerado) foi substituído por um ser eterno que foi transmutado em um feto humano. E assim permanece até hoje: o credo da Igreja e o credo de Jesus estão em desacordo..

Em ***João 10:34-36***, Jesus responde a seus acusadores argumentando que mesmo os juízes de Israel, a quem foi confiada a revelação de Deus, foram chamados no ***Salmo 82:6*** de "deuses" (*elohim*). Então, por que seria errado para ele, como o Messias prometido especialmente designado para Israel, o último profeta prometido pela Bíblia Hebraica (***Deuteronômio 18:15-19***), afirmar ser o Filho de Deus? (***João 10:36***). Quão fácil teria sido para ele afirmar sem ambiguidade: "Eu sou Deus, um segundo membro incriado de uma Divindade trina". Não diz tal coisa. Longe de afirmar ser Deus, ele afirma ser o Filho de Deus.

Filho de Deus

É uma tarefa muito fácil demonstrar que nas páginas da Bíblia "Filho de Deus" nunca significa Deus. A própria palavra "filho" implica — tanto dentro quanto fora da Bíblia — origem, derivação e subordinação. Adão é chamado de "***Filho de Deus***" (**Lucas 3:38**). Adão não era Deus. Israel, como a nação escolhida de Deus, foi chamado de "filho" de Deus (***Êxodo 4:22; Oséias 11:1***). Isso não os elevou ao status de Deidade. Eles ainda eram membros da raça humana. Anjos como "filhos de Deus" foram definitivamente seres criados (***Jó 1:6; 38:7***). Pessoas criadas podem até ser chamadas de "Deus" em raras ocasiões. O rei de Israel havia sido chamado de "***Deus***" (***Salmo 45:6***), **[4]** e esse mesmo título foi aplicado em ***Hebreus 1:8*** a Jesus como o Messias. É bem sabido que na Bíblia os reis humanos de Israel devem refletir o único Deus que os designou. Ninguém imaginava que eles fossem realmente o Deus Criador. Nenhum israelita, lendo suas Escrituras e esperando ansiosamente que o Filho prometido nascesse como descendente de Davi, poderia remotamente supor que o próprio Deus chegaria do céu, como um membro da Divindade feito homem..

No AT, o Deus Único designou Moisés como "***Deus*** [*elohim*] ***para Faraó***" (***Êxodo 4:16; 7:1***). O que aprendemos aqui revela o status maravilhoso que Deus pode, se Ele quiser, atribuir a agentes humanos selecionados. Adão, de fato, como o início da criação humana, foi designado como filho e "***imagem de Deus***" (***Gênesis 1:27***), o que nas culturas do Oriente Médio significava que ele era um representante direto da Divindade na terra. O distinto professor de teologia sistemática no *Fuller Theological Seminary* afirma categoricamente um fato que pode ser confirmado em um bom dicionário bíblico moderno.:

> Para ser "Filho de Deus" é preciso ser outro ser que não é Deus! É uma designação para uma criatura que indica um relacionamento especial com Deus. Em particular, denota o representante de Deus, o vice regente de Deus. É uma designação de realeza, identificando o rei como filho de Deus. **[5]**

Se tivesse sido dada atenção a este fato bastante elementar sobre o termo "Filho de Deus", séculos de disputas inúteis que levaram à Trindade poderiam ter sido evitados. "Filho de Deus" é o título messiânico que marca Jesus como aquele que Deus prometeu como filho de Abraão, de Davi e do próprio Deus.

A confusão criada pelas igrejas ao tirar o termo bíblico "Filho de Deus" de seu contexto bíblico e redefini-lo para significar algo muito diferente continua a arruinar a discussão razoável da questão controversa de quem são Deus e Jesus.

Os membros da igreja que não examinaram cuidadosamente essas questões de identidade podem reagir com alarme à proposição de que "Filho de Deus" não significa Deus. A tradição acalentada causa um reflexo automático que os faz equiparar "Filho de Deus" com a última frase "Deus Filho". Mas em termos das Escrituras, às quais os protestantes afirmam estar comprometidos como a única autoridade, não apenas

o título "Deus Filho" não aparece, **[6]** mas "Filho de Deus" descreve uma criatura relacionada de alguma forma a Deus, mas certamente não o próprio Deus. A própria ideia de dois serem Deus deveria fazer com que os adoradores se encolhessem de horror diante de tal potencial politeísmo. Mas séculos de doutrinação parecem tê-los insensíveis à terrível perspetiva de que o monoteísmo de Jesus foi violado por suas tradições. Eles não ponderaram sobre o problema preocupante de acreditar que aquele que é Deus (o Filho) deixou seu lar no céu enquanto outro que é Deus (o Pai) não. Essa situação não aponta para um diteísmo óbvio, para a crença em dois deuses? Um que é totalmente Deus na terra e outro que é totalmente Deus no céu formam dois Deuses.

Acreditar que Jesus é o Filho de Deus e, portanto, por definição bíblica, não o próprio Deus (uma proposição que levaria imediatamente à crença em dois deuses, já que o Pai de Jesus era obviamente Deus) estava no cerne da crença correta. O NT faz uma compreensão adequada de quem ele é e foi uma questão crucial. Jesus fez essa pergunta desafiadora a seus executivos escolhidos, os líderes da Igreja que ele fundou. Diante de vários mal-entendidos públicos sobre quem era Jesus — alguns pensaram que era Jeremias ou outro profeta ressuscitado — Jesus fez a pergunta das perguntas: "***quem dizeis que eu sou?***" A resposta retumbante e correta veio de Pedro: "***Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo***" (***Mateus 16:15, 16***).

Jesus acolheu calorosamente este reconhecimento dele como Messias e Filho de Deus. Assegurado de que Pedro havia recebido essa identidade correta de Jesus por revelação divina, Jesus então prometeu fundar a Igreja Cristã na perspetiva de Pedro: Jesus é o Messias, Filho de Deus (***Mateus 16:17, 18***). É disso que se trata o cristianismo do NT. Observe que esse fato liga imediatamente o cristianismo às suas raízes judaicas na Bíblia hebraica. A designação de Jesus como o Cristo é repetida centenas de vezes em todos os livros do NT, exceto ***3 João***. "Cristo" é simplesmente nossa tradução para o português da palavra grega "*Christo*s" e da palavra hebraica "*Mashiach*". O Cristo é o único Filho e Rei de Deus (***Salmos 2:2, 6, 7***). O coração da fé estremece quando são produzidas definições que (sem dúvida em nome do "progresso") vão além da crença bíblica central de que Jesus é o Filho e o Messias..

Conforme relatado nos relatos corroborantes de Marcos e Lucas, Pedro disse: "***Tu és o Cristo***" (***Marcos 8:29***), "***o Cristo de Deus***" (***Lucas 9:20***). João registra Jesus corretamente identificado como "***o santo de Deus***" (***João 6:69***). A adição de Mateus da frase explicativa "***Filho do Deus vivo***" (***Mateus 16:16***) não significa que "Messias" e "Filho de Deus" tenham significados radicalmente diferentes. O predito rei de Israel havia sido chamado de "Messias" na Bíblia Hebraica. Ele também havia sido chamado de "Filho de Deus". O ***Salmo 2*** trata os títulos "Messias" (ungido), "Filho" e "Meu Rei" [de Deus] como sinônimos virtuais. E na apresentação inicial de João da figura-chave da crença cristã, vários associados de Jesus o reconhecem como "Filho de Deus", "Rei de Israel" e "Cordeiro de Deus", "***aquele de quem Moisés escreveu na Lei, e também os Profetas***" (***João 1:29, 36, 45, 49***).

Estes são todos os títulos para a mesma pessoa. Eles não têm nada a ver com as designações posteriores da teologia post-bíblica para Jesus, isto é, "Deus o Filho" ou Deus. Para João, "Rei de Israel" e "Filho de Deus" são sinônimos. Natanael, o homem "sem engano", declarou de Jesus: "***tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!***" (***João 1:49***). Sobre Israel em seu futuro estado ideal convertido como povo de Deus, o profeta Oseias havia escrito: Eles "***serão chamados filhos do Deus vivo***" (***Oseias 1:10; Romanos 9:26***). Portanto, eles não deveriam ser Deidade, mas seres humanos transformados. Jesus é o precursor desse ideal. Ele foi reconhecido por aqueles que receberam o dom de saber que ele é "***o Cristo, o Filho do Deus vivo***" (***Mateus 16:16***).

As descrições definitivas de Jesus como Filho de Deus e Messias são encontradas com igual ênfase no último dos quatro evangelhos, João. Uma vez que é para o evangelho de João que alguns apelam para a definição posterior de Jesus como o segundo membro da Trindade, essas designações introdutórias de Jesus (citadas acima), usando títulos que não poderiam significar que ele é "Deus", são particularmente significativas. Igualmente impressionante, e que deve ser observada com cuidado especial, é a declaração explícita e final de João sobre o motivo pelo qual ele escreveu todo o seu evangelho. "Estas coisas estão escritas", declara ele, "***para que*** [o leitor] ***creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome***" (***João 20:31***). Uma vez que esta é exatamente a definição de Jesus fornecida muito antes por Pedro e saudada por Jesus como o fundamento essencial da fé cristã, vemos que os apóstolos estavam em completa harmonia sobre a identidade de seu rabino, senhor e salvador. Não sem razão, o cristianismo é centrado na crença de que Jesus era e é o Cristo. "***Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus***" (***1 João 5:1***). Esta confissão é sinônimo de crer que "***Jesus é o Filho de Deus***" (***1 João 5:5***). De fato, "***Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida***" (***1 João 5:12***).

Esta é a convicção apaixonada que permeia o cristianismo apostólico, formando sua espinha dorsal e subestrutura. Exigir que os membros da igreja acreditem que "Jesus é Deus" é exigir fidelidade a um Jesus que não é conhecido nas páginas do NT. É estranho aos escritos de João sustentar que a crença no Cristo ou no Filho significa que alguém mantém a visão de que Jesus é totalmente Deus e totalmente homem. Dizer "eu creio que Jesus é o Cristo" e "eu creio que ele é Deus" é dar com uma mão e receber com a outra — uma auto contradição perturbadora.

Vemos, então, que não houve evolução ou mudança dentro do cânon do NT na identidade básica do fundador do cristianismo. Pedro, em uma conversa com Jesus em 30 DC, fornece a declaração do credo sobre Jesus como o Messias, Filho de Deus. E João provavelmente escrevendo na década de 1990 faz da própria identidade de Jesus o ponto central de sua escrita do evangelho. Isso deveria acabar com qualquer teoria de "progresso" dentro do período do NT. Não é raro afirmar-se que é somente quando nos aproximamos de João que encontramos Jesus elevado como membro da Divindade. Obviamente, não é assim, pois tudo o que João incluiu em seu evangelho foi para demonstrar o messianismo e a filiação de Jesus (***João 20:31***). Nenhum desses títulos, contanto que permaneçamos dentro de seu significado no NT, fornece evidencia de que ele é Deus!

Se, por outro lado, abordarmos as doutrinas do NT armados com o conceito de que "Jesus é o Deus Todo-Poderoso", podemos justificar a visão tradicional a partir de poucos textos, mas apenas à custa de ignorar os milhares de verbos singulares. e substantivos, em particular o nome pessoal de Deus, Javé, e pronomes pessoais singulares, que, nas línguas bíblicas, como no inglês, denotam uma única pessoa. **[7]** O Deus trino contradiz a declaração clara e unitária do credo de Jesus e dos apóstolos (***Marcos 12:29; João 17:3; 1 Coríntios 8:4-6; 1 Timóteo 2:5***). O título messiânico "Filho de Deus" é distorcido quando se torna "Deus Filho". O conceito de um eterno "Deus Filho" derruba as narrativas de nascimento de Mateus e Lucas, que não descrevem a chegada de um ser divino de outro reino, mas sim a geração de um bebê em Maria. Isso é conceição e geração, não transmutação ou transformação ou Encarnação, que é um conceito completamente contrário ao relato meticulosamente detalhado de Mateus e Lucas sobre a linhagem genealógica de Jesus como filho de Davi e Abraão (***Mateus 1:1***), na verdade, de Adão mesmo (***Lucas 3:38***)
.

Se a Escritura é uma revelação, ela nos fala em linguagem inteligível usando regras estabelecidas de gramática e sintaxe. Às vezes é dito que as descrições de Deus, porque Ele é Deus e não homem, devem ir além da razão e da lógica. Frequentemente são feitas alegações enganosas de que a linguagem é inadequada para descrever Deus. Isso permite uma retirada em relação ao "mistério".

Um argumento que tenta fugir do significado comum dos pronomes pessoais é inválido, uma vez que aceitamos a Escritura como revelação verbal. A linguagem humana pela qual Deus escolheu revelar o que Ele quer saber sobre Ele (e é claro que há muito que Ele não revelou) é inteiramente adequada para o trabalho. Deus se descreve como uma personalidade divina única e indivisa. Ele descreve seu único Filho Jesus como uma pessoa diferente. "Pessoa" deve ser entendida de acordo com as regras normais de gramática e linguagem. Os judeus, como guardiões das Escrituras, sempre souberam disso por toda a sua história. Daí seu horror a qualquer manipulação de seu credo, que é tão repetidamente e explicitamente "unitário", ou seja, descreve Deus como uma única Pessoa.

Para os cristãos, permanece o fato inescapável de que Jesus endossou o credo monoteísta unitário judaico de sua própria herança bíblica. A menos que Jesus seja rejeitado como o árbitro do que é o verdadeiro credo, os cristãos devem se sentir compelidos como discípulos de Jesus a seguir seu Mestre. Hoje nos deparamos com uma situação estranha: os paroquianos se reúnem sob a égide de uma declaração de credo desconhecida de Jesus. As palavras do Pai de que Jesus é "Meu Filho" e que devemos "ouvi-lo" (***Lucas 9:35***) parecem não permitir outra visão do credo senão aquela anunciada pelo próprio Jesus como a mais importante de todas as considerações teológicas.

A inclusão de Marcos da troca de Jesus com um escriba judeu sobre o credo verdadeiramente ortodoxo enraíza o credo cristão no credo de Israel, no que diz respeito à definição de Deus. Não pode haver dúvida sobre o fato de que o credo de Jesus e, portanto, o credo do cristianismo, deve ser o antigo e sagrado credo das Escrituras e de Israel. O credo recitado por Jesus não é propriedade exclusiva de Israel. Em vez disso, por meio de Jesus, torna-se propriedade de todos os que professam fé e fidelidade Àquele que acreditamos ser o Messias prometido. Parece-me que o leitor de ***Marcos 12*** é convidado a aplicar seu entendimento inteligente às palavras do Salvador e a questionar até que ponto o cristianismo tradicional seguiu Jesus a esse respeito. Se o Deus de Jesus e seu serviço a esse único Deus estão embutidos no judaísmo, os cristãos não deveriam seguir seu exemplo? **[8]**

A incrível capacidade dos judeus de sobreviver parece não ser verdadeira em relação ao seu credo monoteísta, quando passou das mãos dos apóstolos judeus escolhidos a dedo por Jesus para as mãos dos gentios do segundo século, que aparentemente pensaram que seu suposto credo do Salvador precisava de uma atualização. Este desenvolvimento fatal fez com que judeus de todas as gerações rejeitassem as alegações dos professos seguidores de Jesus. Eles os rejeitaram de imediato pela simples razão de que o credo trinitário era algo que suas próprias Escrituras os proibiram de abraçar. Isso pode se tornar uma das grandes ironias da história. A herança espiritual e intelectual dos judeus, sustentada por seu puro monoteísmo, deveria ter passado inalterada para a Igreja Cristã. Jesus poderia ter sido anunciado como o maior defensor de tal transferência de crença para o mundo inteiro. O Deus de Israel e de Jesus poderia ter sido anunciado em todo o mundo. Mas isso não aconteceu. A Igreja traiu seu professor no nível mais fundamental. Isso foi possível devido à negligência protestante de Jesus como seu mestre e rabino. Ocorreu uma dupla tragédia: os cristãos ignoraram o credo unitarista de Jesus, e os judeus foram fortalecidos em sua rejeição ao Messias porque os cristãos deturparam Jesus em questões de credo.

Em nenhum lugar Jesus foi mais claramente o mestre judeu da salvação do que em Mateus, Marcos e Lucas. Foram esses livros que consagraram a declaração do próprio Jesus sobre o verdadeiro Deus. Esses relatos do Jesus judeu, no entanto, perderam seu lugar principal e central na teologia protestante. Como isso aconteceu não é difícil de investigar..

Lutero e o Anti-semitismo

Um erudito britânico contemporâneo nos lembra que:

> Uma das "mentiras" de que [*Lutero*] acusou os judeus é que eles alegaram que os cristãos acreditam em mais de um Deus. Assim, a perceção judaica de que a doutrina da Trindade não é monoteísta foi apresentada como motivo para condenar o povo judeu. As recomendações de Lutero incluíam queimar as sinagogas ou escolas dos "judeus", destruir suas casas, confiscar todas as cópias de seus livros de orações... e proibir seus rabinos de ensinar sob pena de morte. **[9]**

Maurice Casey nos alerta para o fato de que "com essas recomendações, o arquiteto da Reforma ergueu um sinal do holocausto. Costuma-se pensar que ele forneceu a chave para entender São Paulo: mas em Paulo a cruz deve ser carregada, não infligida. **[10]** A abordagem violenta daqueles que não aceitavam a "ortodoxia" deveria fornecer um sinal de alerta de que nem tudo estava bem com a "ortodoxia". Em vez de apelar amorosamente aos judeus e "dissidentes" cristãos, a corrente principal do cristianismo tradicional os ameaçou de morte por sua inconformidade com o dogma. A fé modelada por Jesus foi assim virada de cabeça para baixo. Jesus advertiu que os oponentes religiosos errados eram os mais prováveis de serem perigosos para a vida do cristão (***João 16:2***).

A raiz do problema de *Lutero*, como acontece com grande parte do evangelicalismo hoje, era que ele era seletivo em seu uso do NT. Sua seletividade deu preferência às cartas de Paulo sobre os registros sinóticos do próprio ensino de Jesus. Mas o Jesus judeu é apresentado com mais clareza precisamente naqueles livros que *Lutero* tendia a ignorar. Os protestantes não reconhecem amplamente a prescrição de *Lutero* para elevar certas porções do NT sobre outras, garantindo assim que não olhemos muito de perto para os ensinamentos de Jesus. Esse ensinamento era, obviamente, fundamental para Paulo (***1 Timóteo 6:3***). A tendência protestante, entretanto, com sua forte ênfase em Romanos como o coração do Evangelho, tem sido distorcer Paulo e rejeitar Jesus. O NT apresenta Jesus, não Paulo, como o autor do Evangelho salvador (***Marcos 1:14, 15; Hebreus 2:3; 1 Timóteo 6:3; 2 João 7-9***). E Jesus, ao longo do seu ministério, apelou a todos os que o ouviam ensinar a nunca esquecerem que as suas palavras constituíam a única base para o conhecimento de Deus e do Seu plano de salvação.

Lutero Contra O Cânon Da Bíblia

O princípio de seleção de Lutero no uso das Escrituras atraiu fortes críticas:

> *Martín Lutero*, mantendo sua importantíssima posição de restaurador do cristianismo, chegou a presumir, contraditoriamente, julgar vários livros da Bíblia, a santa Palavra de Deus. *Lutero*

se sente plenamente capaz e obrigado a julgar a canonicidade e até mesmo o valor geral dos livros do AT e do NT que estão seguros no cânon há mais de 1.100 anos como um indivíduo solitário. A maioria desses sentimentos (especialmente em relação ao NT) pode ser encontrada nos prefácios de *Lutero* a vários livros da Bíblia. Examinando alguns deles em uma fonte primária produzida pela "*United Lutheran Church in America*" (Igreja Luterana Unida na América), vejo que *Lutero* rejeita a apostolicidade de Hebreus, Tiago, Judas e Apocalipse, embora diga que são livros "bons". No entanto, de Tiago, Lutero afirma que ele é "totalmente contra São Paulo e todo o restante das Escrituras". Consistência lógica não era uma das melhores qualidades de *Lutero*, desnecessário dizer.

Se um livro da Bíblia contradiz outro, então claramente não é inspirado por Deus (uma vez que Deus não pode se contradizer ou estar errado sobre qualquer coisa), portanto não é inspirado e, portanto, não faz parte das escrituras. E essa é basicamente a conclusão de *Lutero*, embora o peso avassalador da tradição relacionada ao cânon bíblico o obrigasse a reter esses livros em sua Bíblia, ainda que separadamente, como uma espécie de "Apócrifos" do NT. Claramente, *Lutero* tinha pouca paciência com o livro do Apocalipse: em seu Prefácio ao Apocalipse, de 1522 — da época em que traduzia a Bíblia — afirma com espantosa ousadia: "Sinto falta de mais de uma coisa neste livro. . . o livro do Apocalipse], e isso me faz considerar que não é nem apostólico nem profético... Penso nele quase como no Quarto Livro de Esdras, e de modo algum posso detetar que o Espírito Santo produziu isto. É como se não o tivéssemos, e há muitos livros muito melhores para nós. Finalmente, que cada um pense nela [a Revelação] conforme seu próprio espírito lhe dá. Meu espírito não cabe neste livro. Há motivos suficientes para eu não ter uma opinião elevada dele — *Cristo não é ensinado ou conhecido nele*; mas ensinar a Cristo é o que um apóstolo é obrigado a fazer, acima de tudo, como diz em ***Atos 1***: "Sereis minhas testemunhas". Portanto, me apego aos livros que me apresentam Cristo, de forma clara e pura. **[11]**

De especial interesse e relevância é o Prefácio de *Lutero* ao NT (1522; revisado em 1545), onde ele diz algumas coisas surpreendentes (incluindo o famoso comentário da "epístola de palha"). Depois de expor em geral por algumas páginas, o suposto restaurador do evangelho conclui com esta avaliação do evangelho de João em comparação com Mateus, Marcos e Lucas: "De tudo isso você pode agora julgar todos os livros e decidir entre eles qual é o melhor. O evangelho de João é o único e verdadeiro evangelho principal, longe, longe de ser preferido aos outros três e colocado muito acima deles. Assim também, as Epístolas de São Paulo e São Pedro excedem em muito os outros três evangelhos: Mateus, Marcos e Lucas. Em uma palavra, o Evangelho de São João e sua Primeira Epístola, as Epístolas de São Paulo, especialmente Romanos, Gálatas e Efésios, e a Primeira Epístola de São Pedro são os livros que mostram Cristo e ensinam tudo o que é necessário. e bom para você. você sabe, *mesmo que nunca tenha visto ou ouvido qualquer outro livro ou doutrina*. Portanto, a Epístola de Tiago é realmente uma epístola de palha, comparada com eles; pois não tem nada da natureza do Evangelho sobre isso".

Vemos o legado dessa tendência de enfatizar certos livros do NT em detrimento de outros no protestantismo até hoje. Ficou claro que os escritos de São Paulo (especialmente Romanos) e o evangelho de João eram os favoritos, e os livros de que *Lutero* menos gostava são

> frequentemente negligenciados (especialmente Hebreus e Tiago). A revelação é popular em alguns círculos (particularmente dispensacionalistas). **[12]**

O biógrafo de *Lutero, Hartmann Grisar*, S.J. (autor de uma enorme biografia de seis volumes) escreve:

> A crítica [de *Lutero*] à Bíblia segue linhas inteiramente subjetivas e arbitrárias. O valor das Sagradas Escrituras é medido pela regra de sua própria doutrina. Ele trata o venerável cânon da Escritura com uma liberdade que aniquila toda certeza. Porque, embora esta lista tenha a maior garantia da tradição sagrada e o apoio da Igreja, *Lutero* faz do sentimento religioso o critério para decidir quais livros pertencem à Bíblia, quais são duvidosos e quais devem ser excluídos. Ao mesmo tempo, ele praticamente abandona o conceito de inspiração, pois nada diz sobre uma atividade iluminadora especial de Deus em conexão com a composição do Livro Sagrado pelos escritores, apesar de sustentar que a Bíblia é a Palavra de Deus. porque seus autores foram enviados por Deus... Portanto, sua atitude em relação à Bíblia é de fato repleta de "contradições flagrantes", para usar a expressão de *Harnack*, especialmente porque ele "quebrou a autoridade externa da palavra escrita", por seu método crítico. E disso *Lutero* é culpado, o mesmo homem que em outro lugar representa a Bíblia como o único princípio de fé! Se, além disso, for levado em consideração seu método arbitrário de interpretação, a obra de destruição por ele realizada parece ainda maior. A única arma que possuía ele arrebatou de sua própria mão, por assim dizer, tanto na teoria quanto na prática. Seu procedimento em relação às Sagradas Escrituras é capaz de fazer com que mentes ponderadas percebam quão grande é a necessidade de uma Igreja infalível como guardiã divinamente designada e autêntica intérprete da Bíblia. **[13]**

Do ponto de vista protestante, Lutero também não escapa das críticas a respeito de seu "cânon dentro do cânon". "*The Hastings Dictionary of the Bible*" (O Dicionário Hastings da Bíblia) observou:

> Com *Lutero,* a Reforma foi baseada na justificação pela fé. Esta verdade foi confirmada por Lutero **(a)** por sua necessidade, nada mais valia a pena, e **(b)** por seus efeitos, pois na prática trouxe paz, segurança e vida nova. Então aquelas Escrituras que apoiavam manifestamente o princípio fundamental eram consideradas "*Ipso facto*" inspiradas, e a medida de seu apoio determinava o grau de sua autoridade. Assim, a doutrina da justificação pela fé não é aceita porque se encontra na Bíblia; mas a Bíblia é aceita porque contém essa doutrina. Além disso, a Bíblia é classificada e ordenada em graus conforme a torna mais ou menos clara, e para Lutero existe "um NT dentro do NT", um núcleo de toda a Escritura, consistindo daqueles livros que ele vê mais claramente apresentados em a Bíblia Evangelho. Asim, ele escreveu: "O Evangelho de João, as epístolas de Paulo, especialmente Romanos, Gálatas, Efésios e 1 Pedro — estes são os livros que mostram a Cristo e ensinam tudo o que é necessário e abençoado para você saber, mesmo que você nunca vê ou ouve qualquer outro livro, ou qualquer outra doutrina. Portanto, a Epístola de Tiago é uma mera epístola de palha ("*eine recht stroherne Epistel*"), uma vez que não há caráter evangélico nela" (Prefácio ao NT, 1522; a passagem foi omitida em edições posteriores). *Lutero* coloca Hebreus, Tiago, Judas e o Apocalipse no final de sua tradução, depois dos outros livros do NT, que ele designa como "os verdadeiros e certos livros capitais do NT, porque estes foram considerados em tempos anteriores de uma maneira diferente". **[14]**

> *Lutero* a princípio (Prefácio na tradução do NT, 1522) expressou uma forte aversão ao livro [do Apocalipse], declarando que para ele tinha todas as marcas de não ser nem apostólico nem profético... o Espírito Santo. Além disso, ele não gosta dos mandamentos e ameaças que o escritor faz sobre seu livro (***Apocalipse 22:18, 19***), e da promessa de bem-aventurança para aqueles que guardam o que está escrito nele (***Apocalipse 1:3, 22:7***), *quando ninguém sabe o que é isso*, muito menos guardá-lo, e há muitos livros mais nobres para guardar. Além disso, muitos Padres rejeitaram o livro… "Finalmente, cada um pensa sobre o que seu espírito lhe dá. Meu espírito não consegue se adaptar ao livro, e a razão pela qual não o tenho em alta estima é que Cristo não é ensinado ou reconhecido nele, que é o que um apóstolo deve fazer antes de tudo". Mais tarde (1534), Lutero encontra nela uma possibilidade de utilidade cristã... Ele ainda pensava que era uma profecia oculta, muda, a menos que fosse interpretada, e sobre a interpretação nenhuma certeza havia sido alcançada após muito esforço... Ele ainda duvidava de sua apostolicidade e [em 1545] o imprimiu, com Hebreus, Tiago, Judas, como um apêndice de seu NT, não numerado no índice... *Zwingli* [um importante reformador] considerava o Apocalipse como "um livro não bíblico"; e mesmo *Calvino*, com sua elevada visão de inspiração, não comenta 2 e 3 João e Apocalipse. **[15]**

Calvino demonstrou um curioso desconforto com os registros históricos de Mateus, Marcos e Lucas. Ele chegou ao ponto de sugerir uma ordem diferente para Mateus, Marcos, Lucas e João, fazendo de João o evangelho de primeira escolha e uma introdução aos outros três.:

> A doutrina, que nos aponta para o poder e benefício da vinda de Cristo, é muito mais claramente exposta por [João] do que pelos outros... Todos os três... exibem o corpo [de Cristo]... mas João exibe sua alma. Por isso, costumo dizer que esse Evangelho [João] é uma chave para abrir a porta para a compreensão dos outros... Ao ler [os quatro Evangelhos], outra ordem seria mais vantajosa, ou seja, quando queremos lido em Mateus e nos outros, que Cristo nos foi dado pelo Pai, devemos primeiro aprender com João o propósito pelo qual ele foi manifestado. **[16]**

Alguém pode se perguntar por que a resposta de Lucas à pergunta sobre o propósito de Jesus não foi adequada. "***É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado***" (***Lucas 4:43***). Mas *Calvino* ficou horrorizado com a pergunta feita a ele pelos discípulos depois de terem sido completamente instruídos no Evangelho do Reino por três anos e mais seis semanas (***Atos 1:3***): "***Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?***" (***Atos 1:6***). Do ponto de vista não-messiânico de *Calvino*, essa era a pergunta errada a se fazer! "Existem tantos erros nesta questão quanto palavras", escreveu ele. **[17]** Jesus não pensava assim. Ele simplesmente disse aos discípulos que o tempo da chegada desse Reino messiânico na terra não seria revelado (***Atos 1:7***).

Os leitores devem refletir sobre o fato notável de que as igrejas continuaram a depositar considerável fé na liderança espiritual de *Calvino* e *Lutero*, apesar das dúvidas do primeiro sobre o Apocalipse — *Calvino* não escreveu nenhum comentário sobre o Apocalipse — e o aparente fracasso do último em atender advertências de Jesus. dado no Apocalipse:

> "***Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore***

> ***da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro*** " (***Apocalipsis 22:18, 19***). "***Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo***" (***Apocalipsis 1:3***).

Isso não soa como se o livro pudesse ser relegado com segurança a um apêndice! O livro do Apocalipse aparece nas Escrituras como uma mensagem direta de Cristo às igrejas. Tem tanta autoridade quanto o ensinamento de Jesus antes de sua morte. Jesus certamente não alterou sua crença no Deus Único de Israel, afirmada durante seu ministério na terra. "***Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo***" (***Apocalipse 15:4***). Este é o mais puro monoteísmo judaico-cristão, não afetado pela exaltação de Jesus à direita de Deus. No entanto, *Lutero* foi cego o suficiente para não dar ouvidos às poderosas advertências de Jesus de que suas palavras no Apocalipse são de valor supremo.

No Apocalipse, como é bem reconhecido, Jesus reúne os fios da profecia do AT (contendo centenas de alusões e citações da Bíblia hebraica) e descreve o estabelecimento do Reino de Deus na terra na Segunda Vinda. É o clímax apropriado para as expectativas do A e do NT, representando o triunfo do Reino de Deus, que será estabelecido pelo retorno do Messias em uma terra renovada, sobre um mundo hostil..

Essa infeliz tendência dos protestantes de nem sempre levar a sério os ensinamentos de Jesus como base da fé é quase universal nos círculos evangélicos. Os cristãos geralmente imaginam, ao contrário dos repetidos avisos de Jesus, que a fé de alguma forma começou com Paulo e que Jesus pode ser relegado com segurança a algum tipo de status pré-cristão: Essa tendência infeliz e generalizada é refletida na seguinte citação do Dr. *James Kennedy*:

> Muitas pessoas hoje pensam que a essência do Cristianismo são os ensinamentos de Jesus, mas não é bem assim. Se você ler as cartas do apóstolo Paulo, que constituem a maior parte do NT, verá que quase nada é dito sobre os ensinamentos de Jesus. No resto do NT, há pouca referência aos ensinamentos de Jesus, e no Credo dos Apóstolos, o credo cristão mais universal, não há referência aos ensinamentos de Jesus. Também não há referência ao exemplo de Jesus. Apenas dois dias na vida de Jesus são mencionados — o dia de seu nascimento e o dia de sua morte. O cristianismo não se concentra nos ensinamentos de Jesus, mas na pessoa de Jesus como Deus encarnado que veio ao mundo para tomar sobre si nossa culpa e morrer em nosso lugar. **[18]**

Paulo, de fato, era um seguidor de Jesus e, portanto, de seus ensinamentos. Paulo seguiu a grande comissão e pregou o Reino de Deus como o coração do Evangelho (*Atos 19:8; 20:24-25; 28:23, 31*). O Dr. *Kennedy* reflete a tendência dos paroquianos a perderem suas raízes em Jesus, o rabino e salvador, cuja paixão pelo único Deus do monoteísmo judaico nunca está em dúvida, e que constantemente insistiu na absoluta necessidade de ouvir e seguir suas palavras e ensinamentos.

Jesus Como A Fonte Dos Escritos Do Novo Testamento.

Jesus prometeu comunicar tudo o que fosse necessário por meio de seus agentes (***João 14:26; 16:13***). Paulo reconheceu este importante fato: "***isto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito***" (***1 Coríntios 2:13***).

No NT os profetas estão sujeitos aos Apóstolos (***1 Coríntios 14:29, 30; Efésios 4:11***).

> Quando na Reforma Protestante todas as coisas estavam sendo reexaminadas, alguns dos reformadores buscaram maneiras de tranquilizar a si mesmos e a seus seguidores sobre o cânon das Escrituras. De certa forma, este foi um aspeto infeliz do pensamento da Reforma, porque uma vez que Deus em sua providência determinou para seu povo o conteúdo fixo da Escritura, isso se tornou um fato histórico e não foi um processo repetível. No entanto, *Lutero* estabeleceu um teste teológico para os livros da Bíblia (e questionou alguns deles): "Eles ensinam a Cristo?" [*Lutero* disse que o Apocalipse não] Igualmente subjetiva, ao que parece, foi a insistência de *Calvino* de que o Espírito de Deus dá testemunho a cada cristão individual, em qualquer momento da história da igreja, sobre o que é a sua Palavra e o que não é... Os testes de canonicidade propostos por *Lutero* e *Calvino* são impróprios. **[19]**

O processo seletivo dos reformadores tendia a relegar para segundo plano o ensinamento de Jesus. Um dos muitos resultados dessa tendência foi a perda da própria definição judaica de Jesus de Deus como um único indivíduo.

Há evidências de que todos os evangelhos e cartas de Paulo estavam em uso 30 anos após a morte de João. *Clemente de Roma* (AD 95) mostra conhecimento de muitos livros do NT. Jesus coloca seu selo de autoridade na canonização do NT ao prometer que o espírito os lembrará de tudo. Portanto, não há justificativa para selecionar alguns livros e menosprezar outros. O fato de os livros não terem sido oficialmente canonizados antes do século IV não significa que não tenham sido reconhecidos como apostólicos desde o início. **[20]**

Paulo fala de suas palavras como mandamentos do Senhor (***1 Tessalonicenses 4:2***). Paulo é tomado como Escritura por Pedro (***2 Pedro 3:16***). ***1 Timóteo 5:18*** cita ***Deuteronômio 25:4***, não "***amordaces o boi***", como Escritura e combina com ***Lucas 10:7***. Portanto, há uma equivalência de autoridade tanto no O quanto no NT. O NT foi escrito durante um período de 50 anos. Pedro fala dos profetas como santos (***2 Pedro 3:2***) e de Jesus dando mandamentos por meio de seus apóstolos. Os Apóstolos também são "***santos apóstolos***" (***Efésios 3:5***).

Levando Jesus De Volta Ao AT E Perdendo-O

Uma abordagem completamente nova da Bíblia é evidente no início do segundo século. Foi um afastamento do ponto de vista do NT. O Filho de Deus tornou-se misteriosamente uma figura ativa na história do AT, aparecendo como o anjo que lutou com Jacó. O ensinamento fundamental de Jesus sobre o Deus Único e sobre si mesmo como filho de Davi sofreu uma mudança radical. *F. F. Bruce* escreve:

> Com a vinda de Cristo e o novo entendimento das Escrituras do NT como testemunho dele, uma nova dimensão de entendimento bíblico se abriu. Mas a interpretação cristã do AT no NT é restrita e disciplinada em contraste com o que encontramos no período post-apostólico. Não há referência à luta contra Jacó no NT nem nos pais apostólicos. Mas *Justino Mártir* [150 DC], em seu diálogo com *Trífon*, afirma com confiança que o misterioso lutador, a quem o narrador descreve como "um homem" e de quem Jacó fala como Deus, deve ser aquele que os cristãos reconhecem como Deus e homem. *Trífon* [um judeu] fica cada vez mais confuso ao ouvir o

> fluxo do argumento de *Justino*. Tal aplicação da Sagrada Escritura é completamente estranha para ele, e ele não consegue entender como alguém pode entendê-la no sentido que *Justino* expõe. Mas para *Justino* esta compreensão do incidente é parte de sua compreensão de outros incidentes do AT em que Deus, ou Seu anjo, aparece ou fala com seres humanos na forma de um homem. A exposição cristológica de tais incidentes dificilmente é atestada, se é que é, nos documentos do NT; mas é uma tradição bem estabelecida na época de *Justino*, pois dificilmente se pode supor que *Justino* a tenha começado. Uma vez estabelecida, a tradição foi mantida ativamente. **[21]**

Charles Wesley também foi muito além dos termos das Escrituras quando escreveu: "E quando todas as minhas forças falharem, prevalecerei com o Deus-homem" ("*Come, O Thou Traveller Unknown*" — "Venha, o Viajante Desconhecido", um hino). O que testemunhamos em meados do segundo século é um claro afastamento do NT. Esse afastamento da fé apostólica levou a uma nova doutrina de Deus e Seu Filho. *George Purves* sentiu a notável diferença entre o cristianismo durante e logo após os tempos do NT:

> Na literatura post-apostólica, as doutrinas do NT são frequentemente reproduzidas de maneira fragmentária. Eles estão misturados com outras ideias estranhas ao cristianismo apostólico. Este último é involuntariamente distorcido e deturpado. Parece que os pontos de vista a partir dos quais os autores do NT apresentavam sua religião muitas vezes foram perdidos por seus sucessores, de modo que as frases apostólicas não raramente eram repetidas com significados modificados. **[22]**

A História Messiânica Da Bíblia.

O conceito de que o Filho de Deus já estava ativo nos tempos do AT perturbou o prometido programa de salvação apresentado na Bíblia. Estevão não imaginava que o anjo do Senhor fosse o próprio Jesus (***Atos 7:35, 38***). À medida que a história avançava, o Deus de Israel continuou a confirmar em Abraão, Davi e nos profetas Sua antiga promessa de que a "semente" de Eva viria como o Salvador da humanidade (***Gênesis 3:15***). A história se desenrola com a expectativa ansiosa de que um filho nascerá em Israel (***Isaías 9:6***) e um profeta como Moisés (***Deuteronómio 18:15-19***) se originará do povo de Israel. O programa é severamente interrompido pela ideia totalmente diferente de que um segundo membro de um Deus trino (do qual Israel nada sabia) desceria do céu e seria transmutado em um feto humano.

Mas encontramos essa contra-história bem desenvolvida já nos escritos de Justino Mártir em 150 DC. Mesmo antes, algumas das cartas de Inácio se referem a Jesus como "nosso Deus". Com isso começa o obscurecimento do claro monoteísmo unitário do NT. A genealogia do Filho de Deus deve ser rastreada até Judá e Abraão. O sistema "ortodoxo" traça a origem do Filho além dos ancestrais designados. O Messias é assim expulso do mapa bíblico e transformado em uma pessoa essencialmente não humana que não mais remonta à linhagem de Davi. Para se qualificar como Messias, o Filho de Deus deve estar enraizado na genealogia de Davi e na história de Israel.

O ponto central da história bíblica é que o Filho de Deus tem que ser um descendente biológico de Eva, Abraão e Davi. Deve ser verdadeiramente judeu por linhagem. Deve vir da linhagem de Davi. Deve ser um israelita, como o "profeta como Moisés". Se um novo personagem não-humano do céu é repentinamente

inserido no enredo, todo o plano divino é descarrilado, confuso e enormemente complicado. A promessa da continuidade da linhagem do Salvador de Abraão e Davi torna-se impossível. El Salvador não é mais essencialmente humano. Em vez de falar de "ele", o Messias prometido, a Igreja alterou o esquema para falar de "sua humanidade", em termos muito abstratos. O Messias de Israel e do mundo foi substituído por um estranho ser de outro mundo. Deste Messias não messiânico, a Igreja precisa se afastar e redescobrir suas raízes judaicas e messiânicas. A Igreja deve mais uma vez confessar suas verdadeiras raízes no credo de Jesus e de Israel. A bizarra opinião de Agostinho de que Jesus, ao chegar de uma suposta pré-existência, tomou "para si o que não era" deve ser abandonada. **[23]**

Paulo advertiu sobre o perigo do ciúme sem conhecimento (***Romanos 10:2***). Ele estava disposto a afirmar que seus colegas judeus eram zelosos por Deus, mas era um entusiasmo desinformado. Seu objetivo era salvá-los de sua religião errada. O que eles precisavam era de "conhecimento". Uma boa compreensão de Jesus e de seu Evangelho do Reino de Deus foi a solução, pois João relatou que "***Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro***" (***1 João 5:20***). Este foi um eco da antiga profecia de ***Isaías 53:11*** — este texto raramente é mencionado na pregação evangélica — que o Messias "justificaria a muitos pelo seu conhecimento".

Tem sido brincado muito injustamente que Jesus poderia ter se beneficiado de um curso de evangelismo amigável. Na verdade, Jesus era o amigo deliberado dos cobradores de impostos e dos não religiosos. Hoje há um grande número de buscadores de Deus "sem igreja" para quem um retorno ao credo de Jesus seria um alívio bem-vindo do que muitos percebem como uma mistificação de Deus, que Ele é três em Um. A Bíblia é muito mais legível e atraente quando lido através dos shows de seus autores e atmosfera hebreus e sua visão fortemente unitária de Deus.

O único Deus dos judeus e de Jesus ainda continua sendo o ponto de união não comprovado para um cristianismo mais simples com apelo mundial. Os judeus adoravam um Deus invisível e como Javé nunca morre, ele não precisava ser ressuscitado. No entanto, até mesmo alguns judeus caíram sob o feitiço da filosofia grega, apesar das advertências dos rabinos que repetiam os apelos dos profetas de Israel. A pergunta é razoável: a Igreja cometeu suicídio ao entregar seu monoteísmo à cultura? Há validade no desafio do Dr. *Norman Snaith*, que adverte que "nem a teologia católica nem a teologia protestante se baseiam na teologia bíblica. Em cada caso temos um domínio do pensamento cristão pelo pensamento grego. *Ideias pagãs dominaram amplamente o pensamento cristão*". **[24]** *Canon Goudge* estava certo ao nos alertar que "a mente grega e a mente romana por sua vez, ao invés da mente hebraica, passaram a dominar a perspetiva [da Igreja]: desse desastre a Igreja nunca se recuperou, nem na doutrina nem na prática. **[25]**

Uma indicação dessa perda da verdade original pode ser atribuída a uma tradução injusta, promovendo Jesus ao status trinitário de Deus. Nossas traduções comuns das Escrituras são projetadas para perpetuar o mito de que o que ensinamos como doutrina é facilmente encontrado nas páginas da Bíblia. Essa ilusão é fomentada por uma série de distorções sutis na tradução. Um exemplo flagrante é o uso da palavra "adoração" para criar a impressão nas mentes dos leitores de que Jesus deve ser Deus porque "adoração" é oferecida a ele. Jesus nunca exigiu adoração como Deus.

Culto

Jason BeDuhn na sua "*Truth in Translation*" (Verdade na Tradução) lembra-nos um facto bíblico elementar: "Na tradição judaica, o Messias é simplesmente um ser humano escolhido: não há qualquer sugestão de que ele seja um ser divino. **[26]** Evidentemente, ele não é "apenas um homem", mas o único Filho de Deus, virginalmente gerado, sem pecado, o único membro da raça humana a ter alcançado o seu destino como homem imortal que agora está sentado ao lado de Deus no céu.

Outro erudito contemporâneo está entre muitos que sabem muito bem que as disputas posteriores sobre a identidade de Jesus estão muito distantes das preocupações de Jesus e dos apóstolos.

> Os títulos fornecem uma maneira de falar sobre a identidade de Jesus. Outra maneira é falar sobre o seu ser: Jesus era Deus? Ele era humano? Ele era os dois? A igreja seguiu esse caminho enquanto lutava com controvérsias doutrinárias, especialmente nos séculos IV e V, culminando no Credo Niceno e na definição de Calcedônia. *Essa preocupação não pertencia a Jesus nem aos autores do NT, nem mesmo a João*. **[27]**

Uma poderosa propaganda pró-"ortodoxia" invadiu nossas traduções comuns das Escrituras. O público foi mal educado para acreditar que se alguém é "adorado" na Bíblia, deve ser uma divindade. Não é assim, como demonstram muitos exemplos da Bíblia Hebraica e do NT. Jesus prediz que chegará o dia em que seus seguidores, que certamente não são Deus, serão "adorados" (***Apocalipse 3:9***).

Todos nós reconhecemos que Nabucodonosor não pensava que Daniel era o próprio Deus. Na verdade, Nabucodonosor estava "prestando homenagem" ao profeta (***Daniel 2:46***). A KJV diz que o rei "adorava" Daniel. Todos nós sabemos que Davi, o Rei, não era Deus. No entanto, Davi era "adorado" por Deus. A KJV nos diz em ***1 Crônicas 29:20*** que "***toda a congregação... adorou o Senhor e o rei***". Um representante especialmente nomeado do Deus Único é digno de "adoração" ou reverência. Mas isso não significa que ele é Deus.

O NT reconhece Jesus como um "***Mestre vindo da parte de Deus***" (***João 3:2***), "***varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele***" (***Atos 2:22***). Jesus é aquele que "**que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um VARÃO que destinou e acreditou diante de todos**" (***Atos 17:31***). O Evangelho de João contém um único exemplo que relata a "adoração" de Jesus. O cego o adorou (***João 9:38***). Já em 1837, um membro do clero, *Charles Morgridge*, observou que "não há nada mais do que o mero som da palavra inglesa 'adoração' que favorece a ideia de que Jesus foi adorado como Deus. Se os tradutores [KJV] tivessem traduzido ***Mateus 8:2*** como "eles prestaram obediência a ele", não haveria nada para apoiar a crença de que a adoração suprema foi pretendida". **[28]**

Morgridge faz o excelente ponto de que a associação de Jesus com Deus como um objeto de louvor não deve levar à conclusão de que Jesus é Deus. Em ***Êxodo 14:31*** "***e o povo temeu ao SENHOR e confiou no SENHOR e em Moisés, seu servo***". Da mesma forma, em ***1 Samuel 12:18***, "***todo o povo temeu em grande maneira ao SENHOR e a Samuel***". ***2 Crônicas 31:8***: "***Ezequias e os príncipes e vendo aqueles montões, bendisseram ao SENHOR e ao seu povo de Israel***". No NT, a estreita associação de Deus e seus agentes não significa que o agente seja o próprio Deus: "***Pois pareceu bem ao Espírito Santo*** [Deus em sua presença e poder operativo] ***e a nós***" (***Atos 15:28***). "***Vós e Deus sois testemunhas***" (***1 Tessalonicenses 2:10***). Isso reflete a passagem do AT em que Davi diz a Abigail, que adorava Davi como rei (***1 Samuel 25:23***):

"***Bendito o SENHOR, Deus de Israel, que, hoje, te enviou ao meu encontro. Bendita seja a tua prudência, e bendita sejas tu mesma***" (***1 Samuel 25:32, 33***).

No livro de Atos, Cornélio ficou tão impressionado com a condição do apóstolo Pedro que "***prostrando-se-lhe aos pés, o adorou***" (***Atos 10:25***). Cornélio não confundiu Pedro com Deus. Cornélio certamente não pretendia um gesto de "serviço divino" a Pedro. Pedro simplesmente apontou que, como ser humano, ele não esperava tal comportamento reverente. Jesus reconheceu que há situações em que a honra dada por uma pessoa a outra não é inadequada. Em uma de suas parábolas, o convidado sábio é instruído a sentar-se no assento mais baixo e, quando chegar aquele que o convidou, ele lhe dirá: "***Amigo, senta-te mais para cima. Ser-te-á isto uma honra diante de todos os mais convivas***" (***Lucas 14:10***). Isso não significa que aquele que "Sente-Se mais para cima" será honrado como Deus. Jesus em outra parábola reconheceu que um servo poderia "prostrar-se e adorar" um mestre humano (***Mateus 18:26***).

Peguei essas citações da versão Tradução João Ferreira de Almeida para ilustrar o fato de que "adoração" em 1611 era a palavra apropriada tanto para a reverência a Deus quanto para a homenagem devida a seres humanos superiores. Traduções modernas, reconhecendo que não usamos mais a palavra "adoração" para superiores humanos, muitas vezes substituíram a palavra "adoração" (*proskuneo*) por frases como "preste homenagem a".

Mas que política eles deveriam adotar quando a "adoração" é dirigida a Jesus? Eles claramente têm uma escolha. Se eles querem que você acredite que Jesus é Deus, então a palavra apropriada para apresentá-lo, como um falante moderno de inglês, é "adoração". Saber que "adoração", como usamos a palavra hoje, é devido somente a Deus, tirará a conclusão desejada pelos tradutores "ortodoxos" de que Jesus deve ser Deus porque a Bíblia diz que ele é adorado, e sabemos que somente Deus é para ser adorado.

No entanto, os tradutores forçaram essa impressão sobre ele e o enganaram. Eles não foram autorizados a saber que "*proskuneo*" é uma palavra "flexível" com uma variedade de significados que descreve atos de deferência oferecidos a pessoas de diferentes níveis, incluindo, é claro, Deus, que é o personagem mais elevado de todos. Tradutores de Bíblias modernas lidas pelo público trazem seu viés teológico para a tarefa de tradução. Eles criam uma falsa impressão sobre quem é Jesus, fazendo-os "adorá-lo". Como Messias e Rei, ele foi e certamente deveria ser honrado no mais alto sentido, exceto para torná-lo completamente igual ao único Deus..

Quando os magos se curvaram ao recém-nascido Messias, a maioria das versões modernas dizem que eles "adoraram" o bebê (***Mateus 2:11***). Isso encorajaria a crença na Deidade de Jesus como o segundo membro da Trindade eterna. A tradução católica romana, a New American Bible (NBA) e a New Revised Standard Version (NRSV) se distinguem por seu tratamento justo do texto na passagem envolvendo mágicos. Eles relatam que os magos se prostraram diante de Jesus e "prestaram-lhe homenagem" ou "o homenagearam" (***Mateus 2:11***). Eles não estão tentando nos dizer que os astrônomos persas do Oriente acreditavam que tinham vindo visitar o "Deus bebê". Sua alegria foi ter descoberto o Messias de Israel.

As duas versões que percebem o sentido moderno correto de "adorar" como "referir homenagem a" reconhecem que a palavra "adoração" aplicada a Jesus não demonstra em si mesma sua Divindade. Um erudito contemporâneo que examinou cuidadosamente esta questão em várias traduções adverte os leitores da Bíblia. Ele aponta que:

> os preconceitos dos tradutores os levam a restringir o que permitirão ao leitor considerar... A Reforma lutou pelo acesso de todos os crentes à Bíblia e pelo direito do indivíduo de encontrar e interpretar diretamente o texto. Os tradutores modernos minam essa causa quando publicam interpretações em vez de traduções, ainda tentando direcionar os leitores para um entendimento que seja aceitável para as próprias crenças e preconceitos dos tradutores. **[29]**

O altamente respeitado estudo de *Arthur Wainwright* sobre a Trindade no NT conclui, após exaustiva pesquisa, que o uso da palavra "adoração" por Cristo não nos leva a concluir que ele foi adorado como Deus:

> Os exemplos de "*proskunein*" [adoração] que foram discutidos não fortalecem muito a evidência para a adoração [no sentido de adorar a Deidade] de Cristo. A ambiguidade da palavra "*proskunein*", que pode ser usada tanto para a reverência oriental quanto para a adoração real [à Divindade], torna impossível tirar certas conclusões das evidências. **[30]**

Isso não impediu dezenas de escritores de ignorar esses fatos linguísticos. *Wainwright* também não encontra um único exemplo de adoração oferecida ao Espírito Santo. Isso ocorre porque no NT o Espírito nunca é considerado uma terceira Pessoa Divina. O Espírito é o poder operacional e a presença de Deus. Ninguém na Bíblia jamais orou ao espírito santo ou louvou o espírito santo. O estranho chamado "*Venha, espírito santo*", ouvido hoje em círculos carismáticos, como se o espírito fosse um terceiro membro da Divindade, é totalmente antibíblico.

Típico de um desrespeito pelo significado das palavras bíblicas para "adoração" é a declaração de *Peter Toon* em "*Our Triune God*" (Nosso Deus Triúno):

> Os primeiros cristãos, apóstolos e discípulos, estavam profundamente comprometidos com o Deus vivo, com a sua unidade e singularidade. No entanto, muito em breve e sem perder seu compromisso apaixonado pela unidade de YHWH, eles começaram a falar e adorar o ressuscitado, ascendido e glorificado Senhor Jesus Cristo, de tal maneira que confessaram que ele é divino como o Pai. **[31]**

Ele faz essa declaração enquanto admite paradoxalmente que a confissão da Bíblia hebraica em ***Deuteronómio 6:4*** "é aceita e confirmada por Jesus" (***Marcos 12:29; Mateus 22:37; Lucas 10:26***) e por Seus apóstolos (***Romanos 3:30***); ***1 Coríntios 8:4, 6; Gálatas 3:20***). *Toon* também aponta:

> O clímax da resposta de Jesus ao seu teste é citar ***Deuteronómio 6:13***: "***O SENHOR, teu Deus, temerás, a ele servirás***" (***Mateus 4:10***) ["*latreuein*", prestar serviço à Divindade] . Igualmente surpreendente é a resposta de Jesus ao jovem rico: "***Ninguém é bom senão um, que é Deus***" (***Marcos 10:18***). **[32]**

Toon fala da "simples tarefa de observar o claro compromisso com o monoteísmo dentro do NT". Ele admite que:

> em todo o NT a verdade da fórmula monoteísta – "Deus é um": "*eis ou theos*" – é aceita como certa. Na verdade, Deus é "***o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***); ele é o "***único Deus, nosso Salvador***" (***Judas 25***) e "***Deus único e sábio***" (***Romanos 16:27***). Para que "***ao Rei eterno,***

imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!" (***1 Timóteo 1:17***). **[33]**

Toon nos deixa com a impressão de uma completa contradição. Por um lado, Jesus afirma o monoteísmo unitário da Bíblia hebraica. Por outro lado, os apóstolos não se incomodam em introduzir uma "mutação no monoteísmo", uma "redefinição da devoção monoteísta judaica por um grupo que deve ser visto como um movimento dentro da tradição judaica do primeiro século". **[34]**

Esta expansão ou alteração do credo de Jesus era desconhecida de Marcos escrevendo no final do período do NT, quando com os outros evangelhos sinóticos Jesus é retratado como aderindo firmemente ao monoteísmo unitário de sua herança, que ele chama de a proposição mais importante de todas. Devemos, portanto, registrar um protesto contra a afirmação de *Toon* de que "Jesus recebeu a atenção devocional que era reservada apenas para o próprio Deus na tradição judaica", **[35]** se com isso se quer dizer que Jesus era considerado Deus. todos os sentidos. com o Pai.

A tentativa de *Toon* de justificar a partir do NT uma "grande mutação" da definição judaico-cristã de Deus promovida pelo próprio Jesus deve ser considerada um fracasso. Ele é galante, mas imperfeito. Nenhuma redefinição da confissão expressa de Jesus é permissível para os cristãos. Não há uma nova compreensão binária de Deus na Bíblia. A trama de *Toon* avança em etapas quase imperceptíveis. Ele tem que chegar ao que considera ser "ortodoxia". Mas não é a ortodoxia de Jesus. Ele acha que encontrou no NT "uma nova forma de monoteísmo cristão". Ele acredita que existe uma "consciência trinitária geral" nas páginas do NT "da qual emerge um trinitarismo implícito". **[36]**

Toon espera nos convencer com *Michael Ramsey*, arcebispo de Canterbury, de que "os primeiros cristãos começaram com o monoteísmo de Israel e, sem abandonar esse monoteísmo, foram levados pelo impacto de Jesus sobre eles a adorar Jesus como divino". **[37]** Mas Jesus não autorizou tal "desenvolvimento". Ninguém pode adorar a Deus como um e também como três e depois alegar que não adulterou a instrução fundamental de Jesus e da Bíblia. Surpreendentemente, *Toon* tem que admitir que os cristãos do NT não falavam de "*theos*" como uma Trindade porque para eles Deus, "*theos*", "foi (com algumas exceções) sempre o Pai". **[38]** Isso, é claro, faz toda a defesa do monoteísmo unitário.

Mas Toon parece estar completamente em conflito. Ele continua citando *B.B. Warfield*, que se refere com confiança à "simplicidade e segurança com que os escritores do NT falam de Deus como uma Trindade... Todo o livro é trinitário em sua essência... [A Trindade] não é tanto inculcada quanto pressuposta". **[39]**

Toon parece desconfortável com *Warfield* aqui. Ele acrescenta que "*Warfield* não quer dizer que o dogma eclesiástico da Santíssima Trindade é encontrado no NT". *Toon* "prefere falar sobre uma visão, ou uma convicção, ou uma consciência da Trindade". **[40]**

Mas observe que *Toon* agora se moveu em passos quase imperceptíveis de "uma consciência trinitária geral", "um trinitarismo implícito" para "uma consciência da Trindade" — notável é o avanço do "t" minúsculo para a Trindade maiúscula. **[41]**

Todo o exercício, sugiro, é inválido. Jesus não é adorado como Deus no NT, e chamá-lo de "Senhor" não é o mesmo que chamá-lo de "Deus". Jesus fundou sua Igreja na proposição de que ele é o Messias, não Deus. Surpreendentemente, *Toon* não fornece nenhuma discussão sobre a distinção vital entre os dois

"senhores" no ***Salmo 110:1***, **[42]** o texto que, mais do que qualquer outro versículo bíblico, fornece a estrutura adequada para discutir a relação entre o Único Senhor Deus e o Senhor Jesus. messias.

O comentário de *Warfield* de que a Trindade é "pressuposta" no NT é verdadeiro, de fato, para a pressuposição que esses estudiosos trazem para as páginas da Bíblia. São eles que estão equipados com a pressuposição de que a Trindade é uma doutrina do NT e deve de alguma forma ser extorquida do monoteísmo de Jesus.

Toon tem o cuidado de apontar que "Jesus não existia antes de ser concebido". Mas "o Filho de Deus existia antes que Maria existisse". Quando *Toon* explica que "o Filho de Deus pré-existente assumiu a natureza humana no ventre de Maria", ele está descrevendo o dogma post-bíblico, não o que Lucas e Gabriel relatam. Ele nos exorta a acreditar que em ***Lucas 1:35*** "temos a Encarnação do 'Filho do Altíssimo', que é 'o Filho de Deus'; esse tornar-se homem se deve à presença e ação únicas do 'Espírito Santo'" **[43]**.

Gabriel não apresentou tal doutrina. O Filho de Deus é o resultado direto da geração divina do Filho em Maria: "***por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus***" (***Lucas 1:35***). Não há Filho de Deus preexistente diferente de Jesus, que não existiu antes. *Toon* admite que Jesus não existiu antes, mas acredita que o Filho de Deus existiu. Postular um Filho de Deus preexistente que ainda não é Jesus é apresentar-nos duas pessoas, uma eterna e outra iniciante (gerada) como um ser humano. Nesse esquema, o filho prometido de Davi e de Deus foi expulso por um Filho preexistente que não pode ser rastreado até a linhagem de Davi e, portanto, não é o Messias.

Honrando o Messias como Agente de Deus

No AT encontramos uma reverência apropriada oferecida ao Messias, que é visto em visão como o Filho do Homem. "*Palach*" é usado no aramaico bíblico geralmente para serviço divino, mas é aplicado aos santos em ***Daniel 7:27*** e ao Messias em ***7:14***. A Septuaginta escolhe "*latreuo*" (adoração) em ***7:14***, mas Teodosiano, outra versão grega do AT, usa o verbo "*douleuo*", uma palavra neutra que significa servir. A palavra "*latreuo*", usada no NT grego apenas para serviço divino, não se aplica a Jesus. Jesus não foi adorado como Deus. Diz-se que somente o Pai é adorado como o destinatário da atividade descrita pela palavra grega "*latreuo*". [44]

Notamos que em uma versão da Septuaginta "*latreuo*" de Messias é usado, em ***Daniel 7:14***. No entanto, o Filho do Homem naquela visão incorpora os santos a quem o Reino de Deus será dado. É impossível concluir do uso único de "*latreuo*" aqui que "Jesus é Deus". Referindo-se ao serviço do Filho do Homem em ***7:27***, o "*douleuo*" Teodosiano e o "*peitho*" da Septuaginta não permitem declarações dogmáticas sobre o status do Messias em Daniel. Assim, o aramaico não distingue o serviço divino do humano com "*Palach*". Ou pode-se dizer que os santos e Jesus recebem adoração divina, caso em que as palavras são ambíguas quanto ao objeto. A palavra adoração, por si só, não diz nada com certeza sobre o estado de quem a recebe.

A adoração de Jesus no livro do Apocalipse certamente aponta, assim como todo o NT, para a suprema elevação do homem Messias à direita do Pai. Doxologias são cantadas para Jesus. Ele se senta com Deus no trono de Deus. Cantam-se cânticos de louvor ao Messias, mas a palavra "adoração da divindade" (*latreuo*) é reservada ao Pai. ***Apocalipse 22:3*** aparentemente não é exceção, pois, como observa a Tradução do Tradutor em suas notas, "João está escrevendo um pouco solto. Se uma tradução for mais explícita, a

principal referência no parágrafo é a Deus, veja o ***versículo 4***". **[45]** O único outro uso de "*latreuo*" em Apocalipse é encontrado em ***7:15***, onde Deus é o objeto. Deve-se notar cuidadosamente novamente que o termo mais amplo para "adoração" (*proskuneo*) é oferecido aos santos glorificados (***3:9***) e isso não nos leva a acreditar que eles são Deus!

A identidade de Jesus é enfatizada no final do livro de Apocalipse. "***Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã***" (***Apocalipse 22:16***). A palavra raiz significa descendência. Uma planta cresce para cima e para baixo. O broto é derivado do ancestral, neste caso David. **[46]** Jesus nos últimos versículos do NT é apresentado, como em todo o NT, e desde suas primeiras palavras (***Mateus 1:1***), como o Messias prometido, da tribo de Judá e filho de Davi. Sua genealogia é "remontada a Judá" (***Hebreus 7:14***). Essa, em toda a sua simplicidade messiânica, é a identidade única do Jesus da história, agora ressuscitado, ascendido e voltando. O Evangelho de Paulo continha a mesma informação central de que Jesus é "***descendente de Davi***" (***2 Timóteo 2:8***). Não há motivos no NT para perturbar o monoteísmo unitário de Jesus e da Bíblia.

O argumento de que porque Jesus é agradecido, apelado **[47]** ou cantado, ou porque ele anda sobre a água, ele deve fazer parte da Divindade eterna é falso. A tarefa do pesquisador da questão sobre Deus e Jesus não é partir de um pressuposto sobre o que é possível para um ser humano. Andar sobre as águas não prova que Jesus é Deus. Pedro foi convidado a fazer o que Jesus fez. E se Deus exigir homenagem e reverência por seu único Filho humano? E se os anjos receberem a ordem de "adorar" o Jesus humano (***Apocalipse 5:9***)? Não podemos concluir que nenhum homem é digno de tal honra. Deus é quem decide quem está apto a morrer pelos pecados da humanidade, ser nosso Sumo Sacerdote e receber o louvor da igreja e dos anjos.

Tal é a elevação de Jesus pelo próprio Deus que o Filho é honrado ao lado de seu Pai. O patrocinador é homenageado em seu agente especial. No entanto, isso não torna o Filho igual ao Deus incriado. Deus Pai ainda é aquele de quem é dito em ambos os Testamentos: "***Pois só tu és santo***" (***Apocalipse 15:4***), "***só tu és Deus!***" (***Salmo 86:10***). O monoteísmo judaico e bíblico ainda está muito intacto.

Hinos são cantados em honra de Jesus (***Apocalipse 5:9, 12***). Jesus está equipado como Deus para ser "***aquele que sonda mentes e corações***" (***Apocalipse 2:23***; compare, ***Salmo 7:9***). No entanto, ele era o ser humano mortal, "o cordeiro" que morreu, e tal pessoa, por definição, não pode ser o único Deus imortal de toda a criação. Jesus goza dos títulos divinos que lhe foram conferidos. Ele, como o Pai, é o último, "o alfa e o ômega", do grande desígnio de Deus, "***o autor e consumador da nossa fé***" (***Hebreus 12:2***). Mas isso não faz de Deus duas ou três pessoas. Jesus, não Deus, é o "alfa e ômega" que morreu (***Apocalipse 1:17***). Deus não pode morrer (***1 Timóteo 6:16***).

Instrutivo é o comentário do escritor sobre "*Christ, Christology*" (Cristo, cristologia) no "*Dictionary of the Apostolic Church*" (Dicionário da Igreja Apostólica), diz *C. Anderson Scott*:

> O escritor [do Apocalipse]... leva a equiparação de Cristo a Deus ao ponto mais distante de torná-los eternamente iguais. Cristo ainda é "***o princípio da criação de Deus***" (***3:14***), então provavelmente deve ser entendido (compare, ***Colossenses 1:18***, "***Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos,***"; também ***Colossenses 1:15***) que *Ele mesmo fez parte da criação*. **[48]**

Com essa bela declaração, o escritor erudito recupera o Messias Jesus para a raça humana. Ele é o primeiro a alcançar a imortalidade e, portanto, é o modelo inspirador para todos nós. Se ele fosse Deus, sua conquista seria reduzida a algum tipo de farsa. Ele é o mesmo professor cujos olhos estavam abertos para os problemas supremos envolvidos em encontrar a Trindade no NT. "São Paulo não tinha doutrina da Trindade", declarou ele com confiança. **[49]**

Somos muito encorajados em nossa busca pela verdade sobre a identidade de Jesus por *Frances Young*, que escreveu:

> Se evitarmos ler o NT com lentes coloridas por dogmas posteriores, veremos emergir uma imagem cristológica — ou melhor, imagens — *bem diferente da ortodoxia posterior*. Se olharmos para o cenário contemporâneo, discernimos não apenas os fatores culturais que levaram os padres à posição dogmática a partir da qual o NT foi tradicionalmente interpretado, mas também as dificuldades inerentes à sua construção teológica. **[50]**

Um retorno à identidade bíblica de Jesus será fortemente encorajado quando a palavra "adoração" for devidamente examinada. Há, como vimos, uma ambiguidade na palavra "adoração". Jogando com isso, as traduções modernas convidam os leitores a pensar que Jesus é Deus porque ele é "adorado". Uma ressalva apareceu no célebre "*Dictionary of the Bible*" (Dicionário da Bíblia) de *Hastings*, no artigo "Adoração no NT": "Alguma imprecisão adere a este assunto, em parte por causa dos dois sentidos em que a palavra grega "*proskuneo*" é usada, e em parte devido ao uso ambíguo da palavra "*kurios"* [senhor]". O escritor então se referiu a uma Conferência de Bampton na qual o orador reivindicou a prova da divindade de Jesus em várias ocasiões em que Jesus foi "adorado". Ele passou a dizer:

> Mas não se pode provar que em nenhum desses casos... se pretenda mais do que um ato de homenagem e humilde reverência. Josefo usa a palavra "*proskuneo*" dos sumos sacerdotes... O ato físico de prostração em profunda humildade, e como uma grande honra, é tudo o que pode significar... A homenagem oferecida a Cristo variaria em seu significado da simples prostração do leproso diante do Grande Curador à adoração de Maria Madalena e Tomé na presença do Cristo ressuscitado, seu significado dependendo inteiramente da ideia de Sua natureza que havia sido alcançada e, portanto, não deve ser determinado por meras declarações dos atos externos que encontramos. nos Evangelhos. **[51]**

Isso é profundamente verdadeiro e deveria acabar com todas as afirmações de que Jesus é o próprio Deus, porque ele é "adorado". É claro que o Messias é digno do louvor dos anjos. Que o Pai é, nas palavras de Jesus, "***o único Deus verdadeiro***" ou "***o único Deus***" ou aquele que "***Porque só tu és santo***" (**Apocalipse 15:4**) permanece como uma barreira contra qualquer perturbação do credo professado pelo mesmo Jesus.

A Surpreendente Realização Do Filho Humano De Deus

O status de Jesus é único. Sua elevação à direita de Deus marca um novo ponto de partida na história do mundo. Deus promoveu seu Filho primogênito à imortalidade, uma imortalidade que seria uma farsa risível, se a tivesse na eternidade. O que teria ganho então? E o que teria acontecido com a Trindade (se tal coisa existisse) se três Pessoas iguais acabassem acrescentando a si mesmas uma "natureza humana". A "forma" de Deus teria sido permanentemente alterada.

A simplicidade da história messiânica apresentada nas Escrituras foi transformada em um pesadelo de complexidade pelo dogma ortodoxo. Essa mudança da identidade de Deus para o chamado "monoteísmo trinitário" foi encorajada pelo significado impensado de "adoração" nas Escrituras. É mais importante examinar a própria história de Deus enquanto ele se preparava para trazer seu único Filho à cena da história, "***ao introduzir o Primogênito no mundo***" (***Hebreus 1:6***). "***vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher***" (***Gálatas 4:4***). **[52]**

O ponto central da história bíblica é que o Filho de Deus deve ser um descendente biológico de Eva, Abraão e Davi. Deve ser verdadeiramente judeu por linhagem. Deve ser israelita. Se um novo personagem não-humano do céu é repentinamente inserido na história, todo o plano divino é descarrilado e confuso. A promessa da continuidade da linhagem do Salvador de Abraão e Davi torna-se impossível. El Salvador não é mais essencialmente humano. O Messias foi substituído por um ser estranho de outro mundo. Deste Messias não-messiânico, a Igreja deve retirar-se.

A verdadeira identidade de Jesus é que ele é "***o Messias do Senhor***" (***Lucas 2:26***), "o santo de Deus" (***João 6:69***). "*Holy One*" "Santo" é o equivalente da palavra NT "*Saint*" (santo) [em inglês], o título dado aos cristãos: "*saints, holy ones*" (santos, santos). O título messiânico "santo de Deus" é aplicado a Sansão na Septuaginta de ***Juízes 13:7***. Uma pessoa assim descrita é uma pessoa separada, consagrada por Deus. Ser o "ungido" de Deus indica um relacionamento especial entre Jesus e Deus. Os cristãos, assim como os patriarcas, são os ungidos de Deus. "***Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas***" (***Salmo 105:15***). "***Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus***" (***2 Coríntios 1:21***).

"Filho de Deus" no sentido messiânico é a definição biblicamente "ortodoxa" de quem Jesus é, enraizada no próprio título da Bíblia hebraica (***Salmo 2:7***). Até o centurião chama ao crucificado "***Filho de Deus***" (***Marcos 15:39***). Jesus afirmou a sua própria identidade quando questionado pelo Sinédrio; disse que era o Messias, Filho de Deus (***Marcos 14:61-64***). A mesma combinação de Filho de Deus e Messias aparece na referência de Paulo ao Evangelho (como na definição inicial de Marcos em ***Marcos 1:1***) no início de Romanos, nos ***versículos 1:1-4***. Jesus nasceu Filho de Deus (**Romanos 1,3**) e descendeu igualmente de David (***Romanos 1:3***) e a sua filiação foi declarada com poder pela sua ressurreição (***Romanos 1:4***). No nível mais fundamental, e como fundamento da revelação do NT, Ele é o filho de David, propriamente chamado "senhor", Messias (***Mateo 15:22; 20:31***).

Notas Finales Capítulo 5

[1] *Schott McKnight*, "*What Jesus Believed*" (No Que Jesus Acreditava), Entrevista de Paul O'Donnell, www.beliefnet.com/story/154/story_15466_1.html 183 William Clark, "*Catechism of the Catholic Church*" (Catecismo da Igreja Católica), Ed. em inglês, Oldenburg, 1993.

[2] *William Clark*, "*Catechism of the Catholic Church*" (Catecismo da Igreja Católica), German ed., Oldenbourg, 1993.

[3] "*Essays on John*" (Ensaios sobre João), pág. 12.

[4] A Tradução Católica Romana (NAB) gentilmente diz: "***Teu trono, ó Deus, permanece para todo o sempre; seu cetro real é um cetro de justiça***". Uma nota de rodapé observa que "Deus" é um título real e cortês que descreve um ser humano que representa Deus. O "*Theological Dictionary of the New Testamen*t" (Dicionário Teológico do Novo Testamento) confirma que "no ***Salmo 45:7*** '*Elohim*' indubitavelmente se refere a um homem, isto é, um rei, e não a Yahweh" (Eerdmans, 1965, reimpresso em 2006, 3:96).

[5] *Colin Brown*, "*Trinity and Incarnation: In Search of Contemporary Orthodoxy*" (Trinidad E Encarnación: Em Busca Da Ortodoxia Contemporânea), Ex Auditu 7 (1991), pág. 88.

[6] Há apenas um texto em ***João 1:18***, cuja autenticidade é questionada pelos críticos. Isso fala de "um [não 'o'] deus unigênito". João acaba de dizer que "***ninguém jamais viu a Deus***". Ele então descreve o Filho como "um deus unigênito". Se este texto for genuíno, ainda não faz do Filho o Deus supremo, mas como *F.J.A. Hort* disse que um Filho unigênito é a "forma mais elevada de ser derivado", "*Two Dissertations*" (Duas dissertações) 1876, rep. Kessinger, 2004, 13).

[7] A Bíblia hebraica fala de uma pessoa como um "nephesh" ou alma vivente. Isso equivale a um indivíduo (pessoa solteira). Até o próprio Deus é mencionado como uma pessoa ou alma, e Ele fala de Si mesmo, Sua própria pessoa, como "***minha alma***" (***Isaías 42:1; Levítico 26:11***). Ele é um indivíduo ou alma, o único Pai e o único Deus (***Malaquias 2:10***). Para "*nephesh*" como "eu", "pessoa do homem", "indivíduo", veja Brown, Driver e Briggs, pags. 659 e 660.

[8] Isso não quer dizer que o NT exija que aqueles sob a nova aliança adotem um calendário judaico ou leis dietéticas. O assunto foi tratado extensivamente no primeiro concílio da igreja (***Atos 15***) e mais tarde por Paulo (***Romanos 14:14 e 20; Gálatas***). Mas nunca há o menor indício no NT de que a definição de Deus mudou.

[9] *Maurice Casey*, "*From Jewish Prophet to Gentile God*" (De Profeta Judeu A Deus Gentio), Westminster/John Knox Press, 1991, pág. 175.

[10] Ibidem

[11] "*The Works of Martin Luther*" (As Obras de Martin Lutero), C.M. Jacobs, Mühlenberg Press, 1932, pág. 488, itálico posterior.

[12] Dave Armstrong, "*Luther vs. the Canon of the Bible*" (Lutero vs. o cânon da Bíblia) ic.net/~erasmus/RAZ325.HTM (já removido). Devemos acrescentar que o Apocalipse se tornou vítima de um sistema de "arrebatamento pré-tribulação" que contradiz as palavras claras de Jesus de que Ele reunirá os eleitos "pós-tribulação": "***Mas logo após a tribulação daqueles dias… seus eleitos***" (ver ***Mateus 24:29-31***). Paulo também não teria paciência com as modernas teorias inovadoras de um arrebatamento/ressurreição pré-tribulação. Ele obviamente esperava que os cristãos tivessem que suportar tribulações até a vinda de Jesus em poder e glória visíveis para ressuscitar os fiéis mortos (***1 Coríntios 15:23***) e "***e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus.***" (***2 Tessalonicenses 1:7, 8***).

[13] "*Martin Luther: His Life and Work*" (*Martin Lutero: Sua Vida e Obra*), Newman Press, 1930, pp. 263-265. No entanto, uma igreja infalível é uma solução impossível. Mas o que temos são as Escrituras infalíveis como base da fé, tal como ensinadas originalmente. (***Judas versículo 3***).

[14] "*Hastings Dictionary of the Bible*" (Dicionário Hastings da Bíblia) (Vol. 1), rep. Hendrickson, 1989, pág, 116.

[15] "*Hastings Dictionary of the Bible*" (Dicionário Hastings da Bíblia) (1902), volumen 4, pág. 241, Ênfase acrescentada.

[16] "*Commentary on the Gospel According to John*" (Comentário sobre o Evangelho segundo João), Baker, 1847, 1, pp. 21-22.

[17] "*Commentary upon the Acts of the Apostles*" (Comentário sobre os Atos dos Apóstolos), Baker, Vol. 1, pag. 43.

[18] "*How I Know Jesus Is God, Truths that Transform*" (Como sei que Jesus é Deus, transformando as verdades), 17 de noviembre de 1989.

[19] *F. F. bruce* et al. "*The Origin of the Bible*" (A origem da Bíblia), págs. 75-77.

[20] Tal como o domingo foi observado como um memorial da ressurreição antecipada e, no entanto, legislado formalmente mais tarde por Constantino..

[21[*F. F. Bruce*, "*Canon of Scripture*" (Canon das Escrituras), Intervarsity Press, 1988, pp. 328, 329. Ênfase acrescentada.

[22] "*The Influence of Paganism on Post-Apostolisch Christianity*" (A influência do paganismo no cristianismo pós-apostólico), rep. En "*A Journal from the Radical Reformation*" (Um Jornal da Reforma Radical) 8:2, 1999, pág. 25.

[23] "*Tractates on the Gospel of John, 17:16, 8:3*" (Tratados sobre o Evangelho de João, 17:16, 8:3).

[24] "*Distinctive Ideas of the Old Testament*" (Ideias distintivas do Antigo Testamento), Epworth Press, 1944, pags. 188,189. Ênfase acrescentada.

[25] "*The Calling of the Jews*" (A vocação dos judeus) em "*Judaism and Christianity*" (Judaísmo e Cristianismo), 1939, pág. 50.

[26] *BeDuhn*, "*Truth in Translation*" (A verdade na tradução), University Press of America, 2003, pág. 43. A palavra "divino" é usada de várias maneiras hoje em dia. Jesus era de facto "divino" no sentido de que Ele era sem pecado e nascido de uma virgem, e que Ele refletia unicamente a mente e a natureza do Pai, mas Ele não era um deus, equivalente a dois outros membros de uma divindade trina.

[27] *R. David Kaylor*, "*Jesus the Prophet: His Vision of the Kingdom on Earth*" (Jesus o Profeta: A sua visão do Reino na Terra), Westminster John Knox Press, 1994, pág. 206, cursiva posterior.

[28] "*The True Believer´s Defence Against Charges Preferred for not Believing in the Deity of Christ*" (A defesa do verdadeiro crente contra as acusações preferidas de não acreditar na divindade de Cristo). *Morgridge* observa que mesmo no seu tempo o Arcebispo Newcombe tinha traduzido correctamente "adoração" em ***Mateus 8:2*** como "ele lhe fez reverenciar".

[29] *BeDuhn*, "*Truth in Translation: Accuracy and Bias in English Translations of the New Testament*" (A Verdade na Tradução: Precisão e Viés nas Traduções do Novo Testamento em Inglês), página 49.

[30] "*The Trinity in the New Testament*" (A Trindade no Novo Testamento), pág. 104.

[31] *Peter Toon*, "*Our Triune God*" (Nosso Deus Trino), Victor Books, 1996, pág. 113.

[32] Ibidem. Pág. 114.

[33] Ibidem.

[34] Ibidem., página 115, citando a *Larry Hurtado*, "*One God, One Lord: Early Christian Devotion and Ancient Jewish Monotheism*" (Um só Deus, um só Senhor: devoção cristã primitiva e monoteísmo judeu antigo).

[35] Ibidem. Pág. 115.

[36] Ibidem. Pág. 121,125.

[37] Ibidem. Pág. 126.

[38] Ibidem. Pág. 127.

[39] Ibidem. Pág. 128.

[40] Ibidem. Pág. 128, 129.

[41] Ibidem. Pág. 125, 129.

[42] As referências bíblicas em *Toon* não incluem uma referência ao ***Salmo 110:1***, embora uma única referência ao ***Salmo 110*** seja dada entre parênteses na pag. 118..

[43] Ibidem. Pág. 197,198,199.

[44] *Arthur Wainwright* alienta que "não há qualquer menção a "***latreuein***". (realizar um serviço religioso) *tenha Cristo como seu objecto*" (*The Trinity in the New Testament* - A Trindade no Novo Testamento, p. 103).

[45] Preparado por eruditos do NT e linguistas missionários, "*British and Foreign Bible Society*" (Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira), 1973, 550.

[46] A mesma palavra para "raiz", que significa rebento, encontra-se em ***Isaías 11:1***, falando da descendência de Jessé, como mais tarde em ***Isaías 14:29***, onde a descendência de uma serpente é descrita.

[47] Em ***João 14:14*** Jesus diz: "***Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei***" O pronome pessoal "eu" aqui sugere fortemente que um pedido pode ser feito a Jesus.

[48] "*Dictionary of the Apostolisch Church*" (Dicionário da Igreja Apostólica), 1, pag. 185.

[49] Ibidem. 1, pág. 189.

[50] *John Hick*, editor "*The Myth of God Incarnate*" (O Mito de Deus encarnado) SCM Press, 1977, pág. 14, itálico subsequente.

[51] *Hastings*, "*A Dictionary of the Bible*" (Um Dicionário da Bíblia), 4, página 943.

[52] Note-se o uso deliberado e invulgar de "*ginomai*" aqui e em ***Romanos 1:3*** para expressar o início da existência e não apenas o nascimento. Assim, a Bíblia de Elberfeld tem também uma referência como nota de rodapé para "literalmente": tornar-se. As traduções inglesas também falam de "vir a existir". Compare também a gênese de Jesus em ***Mateus 1:18***. A palavra normal para nascimento é "*gennao*" (ver ***Gálatas 4:29, Jó 14:1; 25:4***).

Capítulo 6

Jesus como "Meu Senhor" Messias: A Chave de Ouro do Salmo 110:1

> "Provavelmente, a declaração do credo cristão mais antigo foi a proclamação simples, mas profunda: "***Jesus é o Senhor!***" (***Romanos 10:9; 1 Coríntios 12:3; 2 Coríntios 4:5; Filipenses 2:11***). Dizer que Jesus é o Senhor (em grego: *Kyrios Iesous*) era o equivalente grego do NT a dizer 'Jesus é Yahweh'" **[1]**
>
> "Não devemos supor que os apóstolos identificaram Cristo com Jeová. Havia passagens que tornavam isso impossível, por exemplo, ***Salmo 110:1***" **[2]**
>
> Em Paulo "não há declarações claras que revelem uma trindade de pessoas na única natureza divina". **[3]**

As citações que encabeçam este capítulo apontam para a confusão que se apoderou da Igreja. Não há Trindade em Paulo, diz um comentarista. Era impossível identificar Jesus com Javé, diz outro. Mas outro o contradiz ao afirmar que Jesus se identifica com o Senhor. Quem tem o motivo?

A confissão de Jesus como Senhor no primeiro século separou os cristãos tanto do judaísmo quanto do culto romano de César como Senhor. No entanto, confessar Jesus como Senhor certamente não significa que os cristãos abandonaram o credo monoteísta unitarista totalmente endossado por seu herói fundador, Jesus. É uma violação do NT se alguém sugerir que seus escritores propuseram que duas Pessoas eram ambas o Senhor!

Paulo repetidas vezes faz a distinção mais clara entre Deus, como ele se referia ao Pai, e Jesus, o Senhor Messias. Deus, para Paulo, era o "***Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo***" (***Romanos 15:6; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3***). Ele usa essa frase precisa para transmitir sua compreensão da diferença entre Deus e Jesus. Ele nunca escreveu "Deus, o Filho". Nem uma vez ele falou de "Deus e Deus". Tampouco usava a frase "Deus de Deus", como faziam os credos posteriores. Paulo conhece "***um só Deus e Pai de todos***" (***Efésios 4:6***). Esta é uma definição completamente judaica de Deus. Lucas em Atos relata que Paulo expressou sua crença no Deus de sua herança judaica (***Atos 24:14***), e que Deus nunca foi Triuno. Ananias, que foi enviado por Jesus ressuscitado para informar Paulo de sua comissão, falou em nome do "***Deus de nossos pais***" (***Atos 22:14***). Pedro também falou do "***Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo***" (***1 Pedro 1:3***).

Não se pode dizer que os mesmos "deuses" estão relacionados como "Deus de Deus" ou "Pai de Deus". Jesus fala de "meu Deus", reconhecendo o Pai como seu Deus e o Deus dos cristãos (***João 20:17***). A ideia trinitária confunde os documentos do NT, introduzindo neles o pensamento muito posterior da Igreja.

Paulo define Jesus, como o NT, como o Cristo ou o Messias. Jesus é referido como "Jesus Cristo, nosso Senhor", **[4]** "Cristo Jesus, nosso Senhor", **[5]** "o Senhor Jesus Cristo", **[6]** "o Senhor Cristo". **[7]** Jesus é o único Filho de Deus e Deus é lindamente descrito como "***o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória***" (***Efésios 1:17***). Paulo, Pedro, João e Judas referem-se ao Deus Único como "***Deus o Pai***", "***Deus e Pai***" (***Efésios 5:20***). Repetidas vezes, o Senhor Jesus Cristo é distinguido do Senhor Deus, que se diz ser seu Pai. Cerca de 1.317 referências a Deus (*ou theos* **[8]**) no NT referem-se ao Pai de Jesus, e nenhuma delas pode significar "o Deus trino". A Bíblia não fala sobre nenhum Deus Triuno, já que a palavra "Deus" nas Escrituras nunca descreve um Deus em três Pessoas. O Deus Triuno é obviamente estranho à Bíblia. As palavras "três" e "Deus" não aparecem juntas em nenhum versículo da Bíblia. E o Senhor falando como "Eu mesmo" fornece uma descrição totalmente adequada de sua personalidade única (***Jeremias 29:23***, etc.).

Paulo era um fariseu altamente treinado antes de sua conversão repentina e espetacular à fé em Jesus como o Messias prometido de Israel. Ele conhecia Deus como o Deus de sua herança judaica e nunca vacilou nessa convicção. Ele falou do Deus dos judeus como o mesmo Deus dos gentios (***Romanos 3:29***). Paulo contradisse a ideia trinitária de Deus com sua afirmação de que o Deus de ambos os Testamentos era o mesmo Deus Único e declarando em ***Gálatas 3:20*** que "***mas*** [apenas] ***Deus é um***". **[9]**

As igrejas de hoje se reúnem sob a égide da crença de que o verdadeiro Deus é composto de três Pessoas. O credo bíblico sofreu uma evidente revisão. Em vez de ser uma única Pessoa, Deus, o Pai de Jesus, tornou-se um Ser composto de três Pessoas. Judeus e muçulmanos sentem que o credo unitário das Escrituras, e do próprio Jesus, teve que dar lugar a uma redefinição post-bíblica de Deus. Os fundamentos da teologia sofreram uma mudança radical. Jesus se divorciou de seu próprio credo declarado, mas é considerado o fundador de igrejas que se reúnem em nome de um credo desconhecido para ele.

Existem mais de 1.300 referências a "Deus" no NT. A palavra para o Deus Único é "*o theos*" nos manuscritos gregos originais, e aquele assim designado é o Pai, como está bem claro para todos os leitores. O "Pai" nunca significa "Pai, Filho e Espírito Santo". Isso é óbvio no contexto imediato das referências a Deus como o Pai. "Deus Pai" simplesmente confirma que Deus no NT significa o Pai. E Ele é o Deus e o Pai de Seu Filho Jesus. Esses títulos que definem Deus e Jesus são perfeitamente óbvios para qualquer leitor e podem ser confirmados, por exemplo, observando as palavras introdutórias das cartas de Paulo às igrejas. Saudações são enviadas por Deus, que é o Pai do Senhor Jesus Cristo. Saudações do Messias Jesus são enviadas. Saudações do espírito santo nunca são enviadas porque, como veremos mais adiante, Paulo não considerava o espírito santo um terceiro membro de um Deus trino. Para Paulo e outros escritores do Novo Testamento, o espírito de Deus não era uma pessoa diferente do próprio Deus, assim como "***o espírito de Elias***" (***2 Reis 2:15; Lucas 1:17***) não significava uma pessoa diferente de Elias. O espírito de Deus era a presença operativa e o poder de Deus ou, após a ascensão, de Jesus operando no mundo de várias maneiras.

Deus e Jesus, portanto, compartilham um espírito comum, mas seria uma conclusão falsa dizer que isso significa que Jesus é Deus! Isso excluiria sem qualquer prova a possibilidade de que Deus pudesse conceder seu espírito a seres humanos especialmente selecionados, sendo Jesus o exemplo supremo e único de um ser humano dotado do espírito de seu Pai.

A maioria dos leitores do NT aborda o texto bíblico com a inevitável conclusão de que os credos nicenos e calcedónicos posteriores estavam corretos em sua avaliação dos dados bíblicos. Eles leem a Bíblia com olhos nicenos, e os tradutores de nossas Bíblias em inglês (e Português) os ajudaram nesse processo com algumas maiúsculas editoriais (que não aparecem no grego original), forçando-os a ver o espírito santo

como o "Espírito Santo", uma terceira pessoa. As traduções influenciam o leitor contra o entendimento original do espírito santo como o espírito pessoal de Deus, Sua influência e poder em ação, usando pronomes masculinos para o espírito. O grego não exige isso de forma alguma. O espírito pode ser considerado legitimamente como "isso" em vez de "ele". (Um exemplo disso é encontrado na KJV, e algumas versões em português, em ***Romanos 8:16, 26***: "***o próprio Espírito***"). Se os tradutores traduzem os pronomes como "ele", a crença posterior de que Deus é três Pessoas e não uma prevalece sobre o texto. A tradução é, obviamente, a forma mais sutil de comentário. O tradutor ou tradutores têm o poder de direcionar o pensamento do leitor além do que o grego original queria dizer, "ajudando-o" a ler o NT como se seus escritores concordassem com credos cristãos posteriores.

A imposição de credos pós-NT é uma forma inadmissível de lidar com documentos que preservam a fé apostólica. É um anacronismo falar da Bíblia como revelando um Deus tripessoal. É como perguntar que tipo de software Pablo tinha em seu computador. Paulo sabia tão pouco sobre um Deus trino quanto sobre computadores. Se Paulo estava ciente dos "deuses" concorrentes, ele advertiu contra eles e insistiu no credo das Escrituras sobre o qual o próprio Jesus construiu sua própria fé.

Se alguém começa com a crença no Deus trino, uma doutrina forjada ao longo de um período de mais de trezentos anos marcados pelas decisões do credo de Nicéia, Constantinopla e Calcedônia nos séculos IV e V, você encontrará o que procura. em alguns versículos do NT. Mas isso é examinar o assunto com um viés preconcebido de que o NT é adequadamente representado pelos credos posteriores. E se este não for o caso?

Precisamos de uma "solução" trinitária para dar sentido aos dados bíblicos? Ou podemos descansar no credo do próprio Jesus, que não era um trinitário? Esta última solução parece ser a única em linha com a convicção de que Jesus é quem está autorizado a nos dizer quem é Deus. Somente quando Jesus é rejeitado como nosso rabino e guia teológico é que se pode atribuir a ele um credo no qual ele não acreditava.

Proponho que a teoria trinitária é completamente desnecessária para explicar os dados do NT sobre Deus e Jesus. Pior que isso, uma vez que a Trindade é uma doutrina estranha imposta ao texto e relida nele, ela na verdade confunde a própria teologia judaica de Jesus e dos Apóstolos. Isso diminui a incrível realização do Jesus humano. A Trindade complica a Divindade ao adicionar duas Pessoas a ela e, ao mesmo tempo, obscurece o fato de que Jesus era um ser humano, mas não apenas um ser humano comum, é claro! Ele certamente não era "meramente" um homem, se isso significa um homem comum, não um "mero homem" (o que quer que isso signifique), mas o Filho de Deus sem pecado e unigênito, ressuscitado dentre os mortos, designado como Sumo Sacerdote. da raça humana, autorizado no futuro a ressuscitar e julgar os mortos (***João 5:21, 22, 25, 27***) e governar o mundo no Reino vindouro (***Atos 17:31***).

Todo sumo sacerdote, de acordo com o livro de Hebreus, é "***tomado dentre os homens***" (***Hebreus 5:1***). Eles têm que ser totalmente humanos. O Jesus que se acredita ser o próprio Deus não se encaixa nessa categoria. Ele é apresentado no NT como o Filho unigênito ou gerado do Deus Único de Israel. A pergunta essencial que deve ser respondida é esta: como devemos definir esse relacionamento especial e único do Filho de Deus com seu Pai? Sugiro que a Trindade, ao chamar Jesus de igual a Deus e parte da Divindade eterna, o levou muito além de qualquer uma das designações do NT para ele. E para defender sua posição, o Trinitarismo tem que destruir o significado de algumas palavras-chave da Bíblia.

Colocar duas (ou três) bolas de bilhar em um só lugar é uma tarefa impossível. Tentar colocar o segundo no mesmo lugar que o primeiro desloca o primeiro. Ambos não vão caber. Afirmar que Jesus é Deus, mantendo é claro que o Pai é Deus, introduz um segundo Deus, se a linguagem significa alguma coisa. O termo "Deus" na Bíblia aparece como um título. Na verdade, torna-se virtualmente o nome próprio de Deus. "***Temos um pai, que é Deus***", protestam os judeus (veja ***João 8:41***), e eles querem dizer que a Pessoa, Deus, é nosso Pai. Eles aprenderam esse fato sobre o verdadeiro Deus de uma ponta à outra da Bíblia hebraica. Eles aprenderam a se apegar a esse Deus Único depois que amargos desastres históricos os forçaram a voltar à visão unitária de Deus que eles deveriam apresentar ao mundo pagão. "***Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?***" (***Malaquias 2:10***). Dizer que "Jesus é Deus" significa que agora existem duas Pessoas que são Deus. Este não é o monoteísmo estrito da Bíblia proclamado pelos profetas de Israel e defendido por Jesus.

Qualquer dualidade ou Trindade na Divindade complica a proposição fundamental de que Deus é "um Senhor" (Yahweh) ou o único "Senhor Deus", assim designado como um único Ser pessoal por milhares de pronomes pessoais singulares. Chamar Jesus de Deus levanta imediatamente a questão de como ele pode ser um ser humano real sem ser duas pessoas diferentes. A proposição "O Pai é Deus e Jesus é Deus" sugere à mente que existem dois Deuses. Quando os teólogos protestam que a fé pode acomodar dois que são Deus, insistindo que eles estão unidos em uma unidade essencial, eles não são convincentes. Eles se afastaram das categorias de pensamento fornecidas pelas Escrituras. Que eles nos mostrem que a Bíblia sempre propõe que Deus é uma substância ou essência, uma Divindade unida de duas ou mais Pessoas. Tal teoria elimina o Deus Único muito pessoal das Escrituras, que nunca é apresentado como uma "essência" ou um "O que".

A adição de Jesus à Divindade levantou o terrível problema do monoteísmo danificado. Um distinto professor de redação do NT na Universidade de Jena, *H.H. Wendt*, apontou que a inclusão de Jesus como um membro da Divindade eterna minou o monoteísmo, embora os cristãos afirmassem que não:

> A cristologia da Igreja antiga está assolada por gravíssimas dificuldades. São dificuldades que estão ligadas ao seu próprio âmago e centro, isto é, ao conceito fundamental de que a Divindade a reconhecer em Jesus era um Ser pessoal pré-existente, o "*Logos*", o Filho eterno de Deus... Monoteísmo é prejudicado por esta visão de Cristo, e o monoteísmo não é algo secundário à visão cristã de Deus, mas algo fundamental e essencial.
>
> O monoteísmo não seria prejudicado quando o ser encarnado em Jesus é visto como pessoal, mas não essencialmente Divindade, nem se ele é visto como essencialmente Divindade, mas impessoal. Mas o monoteísmo é inevitavelmente prejudicado quando esses dois fatores são combinados: personalidade e Deidade essencial. Se o "*Logos*" que pertence ao Ser essencial de Deus é uma Pessoa, e como tal se distingue claramente da Pessoa de Deus Pai, surge em Deus uma pluralidade e o monoteísmo puro é dissolvido... Além disso, a antiga cristologia de A Igreja torna confuso e incompreensível o ser espiritual do Jesus histórico... A combinação de um "*Logos*" pessoal pertencente a Deus com um ser humano completo, com uma existência espiritual humana, significa que o Jesus histórico contém em si uma dualidade isso contradiz a ideia de uma personalidade unida espiritualmente... A incompreensibilidade que pertence a Deus nada tem a ver com a irracionalidade da Trindade. **[10]**

Nenhum desses problemas obscuros e desafiadores surge se o puro monoteísmo judaico-cristão de Jesus e seus apóstolos permanecer o cerne da fé cristã em Deus. Mas basta entrar em uma livraria cristã contemporânea para descobrir que o monoteísmo unitário do "*Shema*" em ***Deuteronómio 6:4***, e de Jesus, foi descartado para os cristãos. As notas da Bíblia de Estudo da NVI nos dizem que o "*Shema*" "tornou-se uma confissão de fé judaica recitada diariamente pelos piedosos". **[11]** *A Bíblia de Referência Scofield* afirma que "o "*Shema*" tem a intenção de enfatizar a crença monoteísta do judaísmo". **[12]**

Aparentemente, então, Jesus, que considerava o "*Shema*" como a proposição culminante da verdadeira fé em Deus, não é permitido como professor cristão. O cristianismo, como o conhecemos, parece ter se afastado e além de Jesus, a quem afirma ser seu herói fundador. Isso deve ser uma questão de interesse público, para que não caiamos nas críticas do próprio Jesus, que em sua época reclamou que as religiões favorecem a doutrina feita pelo homem em detrimento da verdade bíblica (***Mateus 22:29***). É perigoso para a nossa saúde espiritual invalidar a Escritura impondo-lhe a tradição humana. O padrão crítico ao qual Jesus e o NT nos chamam é o padrão estabelecido pelo próprio Evangelho e pelas palavras de Jesus. "***Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai***" (***Marcos 8:38***).

Salmo 110: Uma Chave Mestra: Dois Senhores, Mas Um Deus

Lutero referiu-se ao ***Salmo 110*** como "o salmo verdadeiro, elevado e principal de nosso amado Senhor Jesus Cristo". Jesus usou o versículo-chave do ***Salmo 110:1*** como assunto de uma discussão penetrante com seus oponentes. Ele foi capaz de silenciar todos os opositores (***Mateus 22:46***). Nenhuma confusão teria surgido se tivéssemos prestado atenção ao episódio registrado pelos escritores do evangelho imediatamente após o encontro de Jesus com o escriba em ***Marcos 12:28-34***. Tendo respondido ao questionador judeu colocando sua marca no monoteísmo unitário de sua herança judaica, Jesus inverteu o papel que havia desempenhado com o escriba e escolheu dirigir uma pergunta a seus ouvintes. A essência da pergunta era: "***O mesmo Davi chama-lhe Senhor; como, pois, é ele seu filho? E a grande multidão o ouvia com prazer***" (veja ***Marcos 12:37***).

É neste ponto que o trinitarismo mostra um desrespeito incomum pelos fatos. Reconhecendo o imenso significado em todo o NT do ***Salmo 110:1***, ele falha totalmente em nos dar a definição adequada dos dois Senhores mencionados naquele versículo. Ou ele se recusa a nos informar sobre o significado do segundo senhor, ou deturpa completamente os fatos sobre a palavra hebraica ali. A deturpação da palavra hebraica para "meu senhor" no ***Salmo 110:1*** é notável, pois não há dúvida sobre a palavra "*adoni*", meu senhor, aparecendo naquele versículo e fornecendo a chave para o relacionamento de Deus com o messias.

Quando *Norman Geisler* escreveu a "*Baker Encyclopedia of Christian Apologetics*" (Enciclopédia Baker de Apologética Cristã), ele pensou ter encontrado evidências claras de pelo menos dois elementos de um Deus trinitário no ***Salmo 110:1***: "***Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés***":

> A Bíblia também reconhece uma pluralidade de pessoas em Deus. Embora a doutrina da Trindade não seja tão explícita no AT quanto no NT, há passagens em que se distinguem os membros da Divindade. Às vezes eles *até conversam entre si* (ver ***Salmos 110:1***). **[13]**

Mas o segundo "senhor" no ***Salmo 110:1*** não é a Divindade de forma alguma. Ele expressamente não é Deus. Em uma seção "Afirmação de Jesus de ser Deus", *Geisler* primeiro afirma que os humanos podem ser chamados de "*Adonai*". Refere-se a ***Gênesis 18:12***, onde a palavra hebraica não é "*Adonai*", mas "*adoni*". Então ele cita erroneamente o ***Salmo 110:1***: (*Adonai*)". **[14]** "***O Senhor*** (Yahweh) ***fala ao meu Senhor***". O segundo senhor do texto hebraico não é "*Adonai*", o título da Divindade, mas o título humano "*adoni*" .

Mesmo uma autoridade tão prestigiosa quanto a Encyclopedia Americana está confiante de que estabeleceu uma boa razão para acreditar em pelo menos dois membros da Trindade no ***Salmo 110:1***. *Walter Drum*, S.J., professor de redação no Woodstock College, Maryland, escreveu:

> No ***Salmo 110:1*** "***Jeová disse a 'Adonai': Sente-se à minha direita***". Esta passagem é citada por Cristo para provar que ele é "*Adonai*", sentado à direita de Yahweh (***Mateus 22:44***). Mas "***Adonai***", "*meu Mestre*", como nome próprio, é usado exclusivamente para a Divindade, seja sozinha ou em frases como Yahweh "*Adonai*"; de fato, em vez do nome inefável Javé, o piedoso judeu leu "*Adonai*". É claro, então, que, nesta carta, o Senhor se dirige a Cristo como uma Pessoa diferente, mas idêntica em Deidade. **[15]**

A afirmação do professor erudito seria boa se não fosse por sua descrição incorreta da palavra-chave hebraica. Não é "*Adonai*"de forma alguma, mas "*adoni*", um título que nunca é aplicado à Divindade. Você está certo de que "'"*Adonai*" é usado exclusivamente para Deidade. Mas não é a palavra usada para o Messias neste Salmo.

A *Bíblia de Referência de Scofield* no ***Salmo 110:1*** primeiro observa a importância suprema deste Salmo conforme medido por sua citação muito frequente no NT: "A importância do ***Salmo 110*** é atestada pela notável proeminência dada a ele no NT". *Scofield* então declara: "***Salmo 110:1*** afirma a Deidade de Jesus, respondendo assim àqueles que negam o pleno significado divino de seu título NT 'Senhor'".

A afirmação de *Scofield* é extraordinária, pois o texto na verdade apresenta a informação oposta. O segundo "senhor" aqui é "*adoni*", uma palavra que em nenhuma de suas 195 ocorrências se refere à Divindade. "*Adoni*" é a forma da palavra "senhor" (*adon*) na Bíblia hebraica que expressamente nos diz que aquele assim designado não é Deus, mas um superior humano. **[16]** "*Adoni*" é o título "profano", isto é, não o título da Deidade. Como então sua aparição neste Salmo pode afirmar "a Divindade de Jesus"? Ele afirma, com efeito, que não importa quão exaltada seja sua posição, o Messias não é uma divindade. Ele é "meu senhor" (*adoni*), o rei. Ele é o homem supremamente exaltado.

Acredito que as informações a seguir convencerão o leitor de que o comentário bíblico comprometeu, nesta questão do senhorio de Jesus, alguma desinformação extraordinária, presumivelmente copiada de uma "autoridade" para outra sem se preocupar em consultar a Bíblia hebraica. Este tema tornou-se uma espécie de "saga", gerando intensa discordância sobre o que é, de fato, um tema bastante simples. Há mais em jogo aqui do que aparenta, mas um pouco de pesquisa aponta para a natureza vulnerável da "ortodoxia" quando ela alegremente nos diz que tanto o Pai quanto Jesus devem ser reconhecidos como Deidade plena e igual, mas isso não é. Então. fazer dois deuses.

Em um nível popular, muitas autoridades simplesmente não leem o hebraico e deturpam os fatos sobre a palavra hebraica para segundo senhor no ***Salmo 110:1***. *Charles Spurgeon* traduz mal: "Jeová me disse '*Adonai*". *Spurgeon* está convencido de que "embora Davi acreditasse firmemente na Unidade da

Divindade, ele ainda discernia espiritualmente as duas pessoas". **[17]** O comentário de *Matthew Henry* define "meu Senhor" como o eterno Filho Trinitário. "*Catholic Answers*" (Respostas Católicas) sustenta que "Deus Filho" é chamado de Senhor por Davi. A Bíblia Tópica de *Nave* usa o ***Salmo 110*** como prova da "divindade de Jesus". "*The Evangelical Dictionary of Biblical Theology*" (O Dicionário Evangélico de Teologia Bíblica) refere-se ao nosso versículo como atribuindo "plena divindade" a Jesus. O dicionário admite, no entanto, que a "unidade essencial de Jesus com Deus o Pai e a plena divindade como a segunda Pessoa da Trindade foram amplamente rejeitadas como um embelezamento helenístico da crença cristã mais antiga". **[18]**

É uma surpresa que comentaristas do calibre de *Campbell Morgan* relatam que o **Salmo 110:1** deveria ser lido: "Jeová disse a 'Adonai'", acrescentando que "ambos os títulos são frequentemente usados para se referir a Deus". **[19]** Ainda mais surpreendente é o "*The Bible Knowledge Commentary*" (Comentário do Conhecimento Bíblico) escrito pelo corpo docente do Seminário de Dallas. Eles apresentam Jesus fazendo a pergunta em ***Mateus 22:42-45***:

> Se o Messias era simplesmente um filho terreno de Davi, por que ele atribuiu divindade a ele? Jesus citou um ***Salmo messiânico 110:1*** no qual Davi se referiu ao Messias como meu Senhor. "Senhor" traduz o hebraico "*Adonai*", usado apenas para Deus (por exemplo, ***Gênesis 18:27; Jó 28:28***). Se Davi chamou seu filho de "Senhor", ele certamente deve ser mais do que um filho humano. **[20]**

Este comentário reflete um desejo extraordinário de encontrar no texto o que não está lá. A palavra "*Adonai*" em todas as suas 449 aparições é de fato o divino Senhor Deus. Mas o segundo senhor no hebraico do ***Salmo 110:1*** não é "*Adonai*", mas "*adoni*", que é especificamente a designação para não-Deidade. Tanto para um texto-prova trinitário fracassado, repetido dezenas de vezes. Os comentaristas estão tão interessados em pensar no Messias como Deus que copiam acriticamente um do outro um erro muito óbvio sobre o indiscutível segundo "senhor" do ***Salmo 110:1***, que no texto bíblico não é "*Adonai*", mas "*adoni*".

Ron Rhodes repreende as Testemunhas de Jeová por sua compreensão não trinitária de Jesus. Ele escreve: "A referência de Davi a 'meu Senhor' [***Salmo 110:1***] também aponta para a Deidade não diminuída do Messias, visto que 'Senhor' (hebraico 'Adonai') era um título para divindade". **[21]** "*Adonai*" era de fato o título da Divindade. Mas Davi, conforme registrado para nós nas Escrituras, escreveu "*adoni*". A pergunta apologética sugerida por *Rhodes* às Testemunhas falha: "Pergunte: Você sabia que a mesma palavra usada para 'Senhor' (*Adonai*) no ***Salmo 110:1*** de Jesus Cristo também é usada para se referir ao Pai inúmeras vezes nas Escrituras (***Êxodo 23:17; Deuteronômio 10:17; Josué 3:11***)?" **[22]**

Os textos a que ele se refere não contêm a forma "*adoni*", palavra encontrada no ***Salmo 110:1***, e o Pai nunca é chamado de "*adoni*", meu senhor. **[23]** Mas Jesus se dirige a si mesmo assim neste salmo de importância central. Um erro agrava outro aqui. **[24]**

Quando o Rev. *V.A. Spence Little* preparou um panfleto substancial sobre a divindade de Cristo, dedicando um capítulo à "*The Deity of Christ Implied in the Old Testament*" (Deidade de Cristo implícita no Antigo Testamento). Ele então se refere à "passagem chocante no versículo inicial do ***Salmo 110***, 'Disse o Senhor (*Yahweh*) ao meu Senhor (*Adonai*)'". Ela nos diz que o uso de "este Senhor '*Adonai*' é reconhecido tanto no Salmo quanto em muitas interpretações do NT como um Personagem Divino e em igualdade com a Divindade Eterna".

Ele não sabia ler hebraico.. O segundo "senhor" não é "*Adonai*", mas "*adoni*", o título para alguém que expressamente não é Deidade.

"*The MacArthur Study Bible*" (A Bíblia de Estudo MacArthur) parece não saber a diferença entre títulos divinos e humanos. O Dr. *MacArthur* afirma que quando Jesus citou o **Salmo 110:1**, referindo-se a si mesmo como o Messias, "a implicação inescapável é que Jesus estava declarando sua divindade". **[25]** Um professor de Estudos Bíblicos no *The Master's College* também está certo de que o ***Salmo 110:1*** "registra uma conversa entre dois membros da Divindade... Uma tradução literal da primeira frase é 'Yahweh disse ao meu Adonai...'" Isso é então dito ser a prova da pluralidade na Divindade. **[26]**

John MacArthur não parece impressionado com a insistência de Jesus no credo não trinitário de Israel. Ele observa que Jesus "confirmou a prática de todo judeu piedoso que recitava todo o '*Shema*' (***Números 15:37-41; Deuteronômio 6:4-9; 11:13-21***) todas as manhãs e todas as noites". [27] Continua a implicar uma contradição do "*Shema*" de Jesus! Referindo-se à citação de Jesus no ***Salmo 110:1***, *MacArthur* nos diz que "a segunda palavra para 'Senhor' é uma palavra diferente [ou seja, não Javé] que os judeus usavam como um título para Deus". **[28]** Mas o segundo senhor não é "*Adonai*", mas "*adoni*", um título que nunca se refere a Deus. Jesus acreditava com todas as Escrituras que Deus é uma Pessoa divina..

A distorção sobre a palavra hebraica para segundo senhor no ***Salmo 110:1*** é difundida e surpreendente porque vem de estudiosos que normalmente leem o texto hebraico com precisão. *J. Barton Payne* em sua enorme "*Encyclopedia of Biblical Prophecy*" (Enciclopédia de Profecia Bíblica) cita "Yahweh disse ao meu Senhor" e comenta que "meu Senhor" "implica a divindade deste último". **[29]**

Mas o segundo "senhor" no ***Salmo 110:1*** não é "*Adonai*". O hebraico não diz "*Adonai*", o título da Divindade, mas "*adoni*", um título que nunca é usado para a Divindade! Uma gigantesca confusão terminológica tem assolado o sistema e tudo por não ser capaz de distinguir Deus do homem. Jesus não permitiu nenhuma dúvida sobre essa distinção quando baseou a fé cristã no credo monoteísta unitarista de Israel (***Marcos 12:28-34***). **[30]**

Obter Os Factos Certos

Algumas autoridades anteriores e muitas fontes modernas são muito mais cuidadosas com os dados. Embora *Dean Farrar* em "*The Cambridge Bible for Schools and Colleges*" (A Bíblia de Cambridge para escolas e colégios) não tenha verificado o hebraico do ***Salmo 110:1***, "Em hebraico é 'Jeová disse ao meu Senhor (*Adonai*)'" **[31]**, muito útil inclui a referência da Septuaginta à geração do Filho: "Desde o ventre, antes da estrela da manhã, eu te gerei" **[32]** — apontando para a verdadeira origem do Messias como "desde o ventre" , antes da chegada do Reino no alvorecer de a nova era que se aproxima. Isaías também falou, profeticamente, do servo como tendo sido "*formado desde o ventre*" (***Isaías 49:5***). A origem do servo é semelhante à de Jeremias no ventre de sua mãe: "***Antes que eu te formasse no ventre materno***" (***Jeremias 1:5***). Jó também fala da origem de todas as pessoas humanas como tendo surgido por formação no útero. "***Aquele que me formou no ventre materno não os fez também a eles?***" (***Jó 31:15***). Na verdade, foi o "***Espírito de Deus me fez"*** (***Jó 33:4***). Os cristãos, sabendo que o servo sofredor também havia sido que "***o SENHOR, que me formou desde o ventre***" (***Isaías 49:5***), não podiam esperar que o Messias tivesse um lugar de origem diferente. Seria uma pessoa humana, embora gerada como resultado direto da intervenção de Deus.

*A.F. Kirkpatric*k, que também escreve para "*The Cambridge Bible for Schools and Colleges*" (A Bíblia de Cambridge para escolas e colégios) e como um professor "*regius*" de hebraico, descarta corretamente a capitalização do segundo senhor no ***Salmo 110:1*** e a substitui por "meu senhor", observando que o Versão revisada de 1881 "*retirou corretamente a letra maiúscula*". **[33]** Ele aponta que "*meu senhor*" (*adoni*) "é o título de respeito e reverência usado no A.T. ao abordar ou falar de uma pessoa de posição e dignidade, especialmente um rei (***Gênesis 23:6; 1 Samuel 22:12; 1 Reis 1; 18:7***; e frequentemente)". O professor observa que a letra maiúscula de "Senhor" na maioria das traduções é "da natureza de uma interpretação". **[34]** Esta é uma maneira discreta e agradável de nos dizer que você está, de fato, manipulando o texto. A clareza e a precisão do texto hebraico foram prejudicadas pela "maldição da capital".

É a política de muitas traduções escrever "Senhor" em todo o AT quando a palavra hebraica por trás dela é "*Adonai*", o título da Divindade, todas as 449 vezes. **[35]** Os tradutores professam escrever "senhor" no caso de "*adoni*", mostrando assim que a pessoa assim designada não é a Deidade. No entanto, a consistência no ***Salmo 110:1*** foi abandonada sob a pressão da "ortodoxia". **[36]** Isso deu origem a muitos comentários alegando, contra o fato real, que o segundo "Senhor" aqui era "*Adonai*", o Senhor Deus. Isso, por sua vez, permitiu que comentaristas e leitores encontrassem evidências de duas Pessoas dentro da Divindade. Tentativas de ler "ortodoxia" posterior na Bíblia Hebraica, e na verdade em toda a Bíblia, têm sido implacáveis.

Uma Análise Surpreendente Do Salmo 110:1

Em uma edição de 1992 da "*Bibliotheca Sacra of Dallas Theological Seminary*" (Bibliotheca Sacra do Seminário Teológico de Dallas), o professor *Herbert Bateman* concentrou sua atenção no ***Salmo 110:1***, observando que o Salmo tem sido tradicionalmente reconhecido como o de Davi para "seu Senhor messiânico, seu Senhor divino" **[37]** (por "divino" ele quer dizer a "Deidade" do Messias). No entanto, *Bateman*, como trinitário, sente a necessidade de retirar a referência a Jesus e atribuir o oráculo de Davi a "um senhor terreno, que é um rei terreno de sua vida". Embora ele conceda uma aplicação a Jesus, ele está preocupado com uma referência principal a Jesus porque:

> a forma "*l'adoni"* (para meu senhor) nunca é usada em nenhum outro lugar no AT como uma referência divina... A marcação massorética distingue referências divinas (*Adonai*) de referências humanas (*adoni*). Além disso, quando "meu senhor" (*adoni*) e SENHOR (YHVH) são usados na mesma frase, como no ***Salmo 110:1***, "meu senhor" sempre se refere a um senhor terreno. **[38]** Assim, a frase "***ao meu senhor***" (*l'adoni*) aparentemente indica que Davi estava dirigindo este oráculo de Javé a um senhor humano, não ao divino Senhor messiânico, nem a si mesmo.

Bateman menciona que alguns pensam que Davi estava falando consigo mesmo, mas Bateman prefere uma referência a Salomão com base no fato de que o título hebraico é "*adoni*" e, portanto, não pode ser um Senhor divino.

Bateman poderia ter revisado sua cristologia trinitária sob a pressão de sua observação correta sobre a palavra "senhor" e reconhecendo que o NT não tem reservas sobre a aplicação direta e única do Salmo ao Messias, Filho de Deus, uma visão sustentada tanto pelos judeus quanto pelos primeiros cristãos. **[39]** Pedro confirma a chegada de Jesus à posição de exaltação suprema à direita do Pai (***Atos 2:34-36***). Em seguida,

ela nos diz que Jesus é o Senhor, no sentido profeticamente prescrito pelo ***Salmo 110:1***. Se tivesse sido dada atenção a este oráculo, que rege a cristologia do NT e atua como um guarda-chuva sobre a doutrina do Filho em relação ao Pai, todas as disputas e debates de séculos sobre Deus poderiam ter sido evitados. *Bateman* nos prestou um serviço ao apontar os fatos sobre o significado do segundo "senhor". Pelo menos não recorreu à evasão desesperada produzida por outros evangélicos, a saber, que o Salmo nos fala apenas da natureza humana de Jesus, sem nos falar dos seus outros "100%". Mas nem Davi nem Pedro jamais imaginaram uma pessoa 200%, muito menos que Deus fosse mais de uma Pessoa, nem que o Messias fosse o próprio Deus. No entanto, a Bíblia Hebraica está muito preocupada, em sua cuidadosa escolha de palavras, em distinguir Deus do homem. Os judeus levavam a sério o encargo de serem guardiões das "***Palavras de Deus***" (***Romanos 3:2***).

Tão confusa se tornou esta questão das palavras hebraicas no ***Salmo 110:1***, e sob pressão para garantir que a Trindade deve estar seguramente na Bíblia Hebraica, fontes teológicas populares continuam a deturpar os fatos e a enganar seu público sobre a identidade do Messias em relação ao Deus Único. Portanto, a *Fundação Lockman*, em seus comentários à *New American Standard Bible* na margem de ***Atos 2:36***, nos informa erroneamente que o uso de Pedro do ***Salmo 110:1*** envolve a palavra hebraica "*Adonai*" como o segundo senhor. **[40]** Uma organização líder que fornece informações bíblicas ao público respondeu à nossa pergunta da seguinte forma:

> Sua pergunta sobre o ***Salmo 110:1*** pode ser respondida facilmente. Na verdade, este é um excelente texto para apoiar a pluralidade de membros dentro da Divindade, bem como a distinção da pessoa do Messias ou Cristo. Tanto o salmista Davi quanto nosso Senhor Jesus Cristo afirmam que o segundo senhor ("*Adonai*", em hebraico) se refere a um ser divino que se tornaria o Messias. **[41]**

C. S. Lewis é trazido para apoiar a ideia de que o ***Salmo 110:1*** "contém um segundo significado oculto... relacionado à Encarnação". O "*Christian Research Institute*" (Instituto de Investigação Cristã) continuou isso:

> Além disso, em sua carta, ele se esqueceu de citar com precisão o ***Salmo 110:1*** (NVI) quando deixou de colocar ambos os "Senhores" em maiúscula: "O SENHOR (Yahweh ou Jeová) diz ao meu Senhor (*Adonai*)"… Davi, ele está escrevendo o Salmo sob a inspiração do Espírito Santo e de forma poética sobre o futuro reinado de seu Senhor Cristo, ao contrário de outro membro da Divindade. **[42]**

Os fatos estão completamente errados. São eles que erroneamente escreveram o segundo senhor com letra maiúscula, presumindo que se tratava de "*Adonai*", o que não é.. O comentário parece ser um sintoma de uma incapacidade generalizada dos leitores da Bíblia de lidar com o credo unitarista da Bíblia hebraica e de Jesus, e uma tendência fascinante de ler no texto, à custa dos fatos, uma visão trinitária de Deus.

É um erro fundamental presumir que esses dois Senhores no ***Salmo 110:1*** eram ambos igualmente Deus. Muitos bons estudiosos da Bíblia hebraica sabem a diferença entre as palavras hebraicas para Deus e homem. A Bíblia Hebraica, com seus milhares de pronomes pessoais singulares para Deus e suas sete mil referências a YHVH como uma única Pessoa, excluía qualquer possibilidade de pluralidade na Divindade. O "*Shema*" havia declarado que Deus era um único Senhor e Jesus confirmou este fato central em Marcos 12:28-34. Seria pura contradição dizer que há dois Javé quando Jesus e o "*Shema*" dizem que há apenas

um! Se existe um Javé e outro Javé, e eles falam entre si, é impossível evitar a conclusão de que o monoteísmo foi abandonado.

O ***Salmo 110:1*** não derruba aquele testemunho massivo de Deus como uma única Pessoa divina. YHVH fala com o senhor de Davi no ***Salmo 110:1***. Você notará a letra minúscula em "senhor" aqui. Estou seguindo o RV, RSV e NRSV escrevendo "senhor" e não "Senhor". A razão é que por trás desse "meu senhor" está a palavra hebraica "*adoni*" (pronuncia-se "*adonee*" em hebraico). É uma forma da palavra senhor (*adon*), e nesta forma (*adoni*, meu senhor) designa um humano (ocasionalmente angélico) superior, mas nunca significa Deus! **[43]** Isso é muito significativo. YHVH no ***Salmo 110:1*** fala de não-Deidade. Seria sem precedentes na Bíblia Hebraica que o Deus Único falasse com outro que é igualmente o Deus Único. Isso seria impossível. Isso contradiria os milhares de pronunciamentos que declaram que Deus é uma Pessoa. Isso contradiria as declarações monoteístas do NT de Jesus e Paulo de que o Pai é "***o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***) e que "***Deus é um***" (***Gálatas 3:20***) e que "***para nós há um só Deus", o Pai***" (***1 Coríntios 8:4-6***). Esta última é a forte confirmação de Paulo de seu monoteísmo judaico.

A capitalização do segundo senhor do ***Salmo 110:1*** em muitas traduções é completamente enganosa. Os tradutores nos dizem que sua prática é traduzir o título divino "*Adonai*" como "Senhor". O leitor inocente assumirá então que "*Adonai*", o Senhor Deus, é uma designação legítima para o Messias. No entanto, uma vez que a palavra para o segundo senhor no Salmo 110:1 não é "Adonai" de forma alguma, mas "*adoni*", uma letra maiúscula quebra a própria regra dos tradutores. Nossas Bíblias corretamente não escrevem senhor com maiúscula ao traduzir "*adoni*" ("meu [humano] senhor"). No ***Salmo 110:1***, um versículo chave para definir quem é Jesus, a convenção editorial de letras maiúsculas foi ignorada. Assim, dá-se a falsa impressão de que Deus fala com Deus! **[44]** O credo de Israel e Jesus é violado.

Essa confusão sobre uma referência criticamente importante ao Messias é agora bem reconhecida pelos estudiosos. É surpreendente que qualquer confusão sobre o hebraico "*adoni*" vs. "*Adonai*" foi autorizado a ser impresso. Como diz *Larry Hurtado*: "Teria ficado bastante claro que 'kyrios' [senhor] aqui não era usado para Deus, mas se referia a uma figura distinta de Deus". **[45]** Isso sempre ficou bem claro no texto hebraico, onde "*adoni*" nunca é confundido com "Adonai". **[46]** Supõe-se que os teólogos modernos conheçam os títulos originais de Deidade e Messias. Como é então que no século 21 nos dizem repetidamente que chamar Jesus de "senhor" prova que os escritores do NT pensavam que o Messias era Javé, Deus?

O Único Senhor Cristo

O NT grego fala de Deus e Jesus como "uma coisa". "*En*", a forma neutra de "*eis*" que significa um, é a palavra encontrada em ***João 10:30*** sobre a unidade de Deus e Seu Filho. Quando a forma masculina de "um" (*eis*) é usada, o significado é "uma pessoa". Este ponto elementar foi feito em uma discussão sobre a Trindade em uma obra do século 19 do Rev. *Richard Treffry*. Ele escreveu: "'Eu e meu Pai somos um'; no neutro, uma substância; **[47]** "não *eis*" no masculino, uma pessoa". **[48]** Paulo falou em ***Romanos 5:19*** sobre o paralelo entre Adão e Jesus: "***orque, como, pela desobediência de um só homem*** [Jesus]***, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos***". Paulo usa a mesma palavra "um" (*eis*) para se referir a Jesus. O significado é, claro, "uma única pessoa". O NT fala de Deus como "uma pessoa". Um bom exemplo é encontrado em ***Gálatas 3:20***: "***Ora, o mediador não é de um, mas Deus é um***". O sentido em ambas as metades da frase é "uma pessoa". Assim, a Versão

Expandida capta o significado: "Deus é uma pessoa". Essa mesma frase "Deus é uma [pessoa]" aparece várias vezes no NT. "***Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele***" (***Marcos 12:32***). "***visto que Deus é um só*** [Deus é um, *eis*]***, o qual justificará, por fé, o circunciso e, mediante a fé, o incircunciso*** (***Romanos 3:30***). "***Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem***" (***1 Timóteo 2:5***). Em cada caso, Deus é uma única pessoa. Deus é contrastado com Jesus, que também é uma pessoa. Este fato generalizado do NT é incompatível com a doutrina posterior de que Deus é três pessoas.

No ***Salmo 110:1*** YHVH, o Deus de Israel, fala do Messias que é "adoni", meu senhor. "*Adoni*" aponta para o fato de que não é a Divindade que está sendo abordada dessa maneira. Os guardiões do texto foram escrupulosamente cuidadosos em distinguir Deus do homem. "*Adoni*" é o título real. Refere-se a reis. **[49]** É, portanto, o título eminentemente apropriado para o Rei Messias Jesus. Pode se aplicar a um marido ou a um mestre. Mas nunca designa o Deus supremo. Ao falar ou referir-se a Deus, existe outra forma da mesma palavra "senhor", e esta é "*Adonai*". Os massoretas que marcaram fielmente o texto hebraico com meticuloso cuidado distinguiram entre um senhor que não era a Deidade e a Deidade que era o Senhor Deus. Os judeus às vezes especulavam que o "meu senhor" do ***Salmo 110:1*** poderia ter sido Ezequias ou Abraão. Fica claro então que pelo menos eles sabiam que a palavra ali no texto sagrado não era "*Adonai*", o Único Senhor Deus.

Este ***Salmo 110***, e em particular seu primeiro versículo, é um maravilhoso testemunho do Messias na coleção de Davi. É amplamente aclamado como sendo de importância fundamental para todos os escritores do NT. Ele permanece como um escudo sobre o NT, definindo lindamente os principais atores do drama divino, o Deus e Pai do Senhor Jesus Cristo e Seu Filho, o Senhor Cristo. Este último é convidado a sentar-se no lugar de suprema eminência à direita de Deus, aguardando o momento em que será enviado à terra para estabelecer seu Reino subjugando os inimigos de Deus. O ***Salmo 2***, do mesmo significado cristológico, trata dos mesmos grandes eventos do plano divino para nossa terra. Não pode haver dúvida de que temos no ***Salmo 110:1*** uma chave importante para entender Deus e o Messias humano Jesus. Muitos estudiosos notaram este fato bastante óbvio e revelador, que este versículo dos Salmos controla todo o pensamento do NT sobre o status de Jesus em relação ao Deus Único.

Para investigar a visão bíblica de Deus e a posição de Jesus em relação a Deus, agora é necessário fazer um trabalho mais detalhado naquele versículo muito especial do AT que é constantemente citado pelos escritores do NT. Eles escolheram este versículo porque ele fala exclusivamente de Deus e do Messias e o relacionamento entre eles. Ele também revelou em uma declaração concisa e condensada todo o plano cristocêntrico de Deus para o mundo: "***Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés***" (***Salmo 110:1***).

Aqui estão os dois principais atores do drama divino que se desenrola nas páginas das Escrituras. O primeiro é Javé, o Deus de Israel. O SENHOR (Yahweh em hebraico, cerca de sete mil vezes na Bíblia hebraica) profere um oráculo preditivo sobre o senhor de Davi. Tanto os judeus quanto Jesus deixaram bem claro que este Salmo se referia a Deus e ao Messias. Jesus habilmente pediu aos fariseus que explicassem como o Messias poderia ser descendente de Davi e também seu senhor. A resposta, é claro, é que o Messias veio à existência como um descendente biológico e direto do rei Davi, bem como o Filho de Deus. Mais tarde, após seu ministério triunfante, Deus o elevou à posição de senhor de Davi à direita do Deus Único de Israel. O senhorio do Messias foi adquirido por Jesus no final de seu ministério na terra. Era um senhorio que nada tinha a ver com um senhorio imaginado desde a eternidade passada, mas conferido a Jesus por

Deus Pai. Pedro em Atos mostrou como este mesmo texto predisse o plano de Deus para exaltar o Jesus ressuscitado à direita de Deus.

Foi assim que Pedro desenvolveu o plano contínuo de Deus baseado na verdade do ***Salmo 110:1***. Após o dramático derramamento do espírito no Pentecostes, Pedro "***Então, se levantou Pedro, com os onze; e, erguendo a voz***" (***Atos 2:14),*** declarando a essência do drama cristão à multidão judaica. Ao ouvirmos seu sermão, devemos prestar muita atenção ao entendimento de Pedro sobre o que aconteceu. Ele acreditava que Deus havia sido elevado à direita de Deus?

> "***Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela***" (***Hechos 2:22-24***).

Pedro então cita o ***Salmo 16:8-11*** para confirmar a ressurreição de Jesus, como Deus o resgatou do lugar dos mortos (*Hades*). Pedro repetiu seu ponto sobre a ressurreição: "***A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas***" (***Hechos 2:32***).

Ele então descreveu o estado atual de Jesus à direita de Deus, o estado que o Filho de Deus — agora ressuscitado e vivo para sempre — alcançou pela primeira vez em sua ascensão. Estas são suas palavras de importância vital a respeito de Deus e de Jesus, baseadas na declaração divina inspirada registrada no ***Salmo 110:1***.

> "***Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés. Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo***" (***Hechos 2:33-36***).

A história não é complexa. Existe Deus e existe o homem Jesus. Deus permitiu que o homem Jesus fosse morto (nenhum judeu imaginou que o Deus imortal pudesse ser morto!) e Deus reverteu essa tragédia ressuscitando o homem Jesus e subsequentemente exaltando-o à Sua mão direita, tornando-o assim "***Senhor e Cristo***" no sentido predito pelo oráculo do ***Salmo 110:1***.

Agora imagine que Pedro acreditava que tanto o Pai quanto Jesus eram igualmente Deus. Então Deus permitiu que Deus fosse crucificado e Deus o ergueu à Sua mão direita? Isso faz o menor sentido? Deus sentado à direita de Deus apresentaria ao público um sistema abertamente politeísta. Deus não é dois. Ele é apenas um. A herança de Israel teria sido destruída se o Messias fosse agora incluído como um membro eterno de uma Divindade plural. Nenhum judeu poderia estar preparado para a noção de que o Messias fazia parte da Divindade. A Bíblia hebraica não havia anunciado tal coisa. Teria sido uma inovação surpreendente, exigindo páginas de explicação, dizer que o Messias, "*adoni*", meu senhor, era realmente o Deus Único de Israel, que agora era misteriosamente "dois".

O ***Salmo 110:1*** nos fornece um testemunho absoluto contra qualquer possibilidade de que dois sejam ambos Deus. O SENHOR (Yahweh, o Pai de Jesus) pronuncia um oráculo sobre o senhor de Davi, o Messias.

Para a nossa investigação é de vital importância sublinhar o estado deste que foi crucificado, ressuscitado e elevado à direita de Deus. Quem é esse? Deus é o Filho, o segundo membro de uma Trindade eterna?

Qual é a posição daquele segundo senhor do ***Salmo 110:1***? Deus é no mesmo sentido que o Pai é Deus, como afirma a doutrina trinitária? Pedro afirma que o homem Jesus foi exaltado a uma posição de supremacia diante de Deus, e que isso é um cumprimento do ***Salmo 110:1***. É como "senhor" no sentido exigido pelo ***Salmo 110:1*** que Jesus agora se senta ao lado de Deus. Mas que status significa o "meu senhor" do nosso Salmo? Muito ocasionalmente, "*adoni*" é um endereço para um anjo. Mas na grande maioria de suas 195 ocorrências na Bíblia hebraica do AT, "*adoni*" designa um superior humano: marido, rei, mestre, etc. "*Adoni*" nunca significa Deus. É o título real admiravelmente apropriado para Jesus, o Messias e Rei de Israel (***João 1:49***).

Pedro, em cuja brilhante "rocha" confissão messiânica a Igreja deve ser fundada (***Mateus 16:16-18***), nos informa que desde a ascensão de Jesus há um senhor humano na posição suprema ao lado do Deus Único, um homem que havia ressuscitado dentre os mortos. Esse senhor (*adoni*) não pode ser o próprio Deus. Para todo leitor, isso sugeriria um segundo Deus, uma total impossibilidade dentro do monoteísmo judaico do NT. Jesus segundo Pedro e o ***Salmo 110:1***, seu texto prova, repetido umas 23 vezes no NT, é o ser humano à direita de Deus. Isso está exatamente em harmonia com a declaração muito posterior de Paulo de que "***Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem***" (***1 Timóteo 2:5***). É exatamente a mesma imagem apresentada por Estêvão em seus últimos momentos: "***Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem*** [o Ser Humano]***, em pé à destra de Deus***" (***Atos 7:56***). Jesus evidentemente compartilhou o mesmo paradigma teológico quando advertiu seus perseguidores de que eles veriam "***vereis o Filho do Homem*** [o Ser Humano] ***assentado à direita do Todo-Poderoso***" (***Mateus 26:64***).

Já foi bem dito que:

> O entendimento de Lucas não permite nenhuma deificação [de Jesus]... Lucas se move inteiramente dentro da esfera do pensamento do AT. É isso que molda a compreensão de Lucas neste ponto e, mais especialmente, as ideias sugeridas pelo ***Salmo 110:1***... Isso não significa que Jesus se torna Deus, ou que Lucas lhe concede status divino. O salmista chama Deus e o rei de "senhor", mas não dá igualdade aos dois. Lucas vê Jesus como totalmente subserviente ao Pai, com participação na autoridade do Pai, mas derivado do Pai. Ele ainda é o instrumento de seu Pai e ainda é chamado Seu servo (***Atos 3:26; 4:30***). **[50]**

O monoteísmo judaico do próprio credo de Jesus é lindamente preservado em todas essas passagens. Seria uma alteração grosseira do texto dizer que um "Deus-homem" ou "Deus" está agora à direita de Deus. O ***Salmo 110:1*** bloqueia essa possibilidade, exclui-a. Aquele que está à direita de Deus é definido precisamente como o Senhor humano Jesus, o primeiro homem a ser permanentemente trazido de volta à vida pela ressurreição. Poderíamos até dizer que "há um judeu imortal à direita do único Deus".

Vogais e consoantes.

Às vezes, objeta-se que a palavra "*adoni*" ("meu [humano] senhor") difere da palavra "*Adonai*" (o Senhor Deus) apenas na questão dos pontos vocálicos, que não foram originalmente escritos nos manuscritos de Hebreus. Os pontos vocálicos, é verdade, foram adicionados muito mais tarde do que os tempos do NT. Baseavam-se na antiga tradição que refletia a leitura do texto sagrado na sinagoga. Mas não há nenhuma indicação de que os pontos vocálicos tenham sido adicionados incorretamente no ***Salmo 110:1***. Os judeus eram quase fanaticamente cuidadosos no que consideravam a tarefa sagrada de copiar o texto da Escritura. Eles sabiam, geração após geração, como o texto era lido nas sinagogas e, por fim, essa leitura antiga foi fixada permanentemente pela adição de pontos vocálicos por volta do século VII d.C.

Não há nenhuma evidência em qualquer lugar de qualquer problema com pontos vocálicos no texto hebraico do ***Salmo 110:1***. E há outra poderosa linha de evidência que confirma que o AT nunca imaginou que este segundo senhor do ***Salmo 110:1***, sentado à direita de Deus, fosse o próprio Deus, fazendo dois deuses. Essa linha de raciocínio é um pouco mais técnica, envolvendo referências ao hebraico e à tradução do hebraico para o grego (a tradução conhecida como Septuaginta, citada tanto por judeus não-cristãos quanto por escritores do NT).

A evidência mostrará que o ***Salmo 110:1***, como originalmente escrito e preservado com precisão nos manuscritos hebraicos, de fato distinguiu o Messias como o senhor não-Deidade. Javé nesse versículo, como todos sabem, significa o Pai, o Deus Único. "*Adoni*", o segundo senhor em nosso verso, significa "meu senhor".

Nosso ponto é confirmado quando olhamos para a versão grega do AT corrente na época de Jesus e citada pelos escritores do NT. Quando examinamos o equivalente grego da Bíblia hebraica, descobrimos que quando os judeus da época antes de Cristo traduziram sua Bíblia hebraica para o grego, eles entenderam a palavra hebraica para "meu senhor", mesmo antes de pontos vocálicos serem adicionados ao texto escrito, para ser "*adoni*", cujo título nunca é usado para Deus. O NT, que considero ser a Escritura inspirada, reflete o mesmo fato: o grego é "*kurios mou*" ("meu senhor"), que é a tradução correta do hebraico "'"*adoni*". Portanto, nenhum argumento pode ser feito para duvidar que o texto hebraico sempre diz "*l'adoni*", que significa "ao meu senhor". **[51]**

Autoridades comuns sobre a Bíblia hebraica

O ***Salmo 110:1*** no grego da Septuaginta e do NT simplesmente confirma o fato elementar de que nosso texto hebraico está correto ao definir o Messias como "*adoni*". Tudo isso prova que os credos posteriores que proclamavam que Jesus era Deus, o segundo membro da Trindade, vão além do que as Escrituras ensinam.

Não deveria haver necessidade de argumentar que o texto hebraico massorético está correto no ***Salmo 110:1***. Não há um fragmento de evidência de corrupção de texto aqui. Além disso, a tradução grega do hebraico feita nos tempos a.C. simplesmente corrobora, como veremos, o fato de que a palavra hebraica "*adoni*" no ***Salmo 110:1*** é perfeitamente genuína. A confirmação da definição muito importante de "meu senhor" (erroneamente dado um S maiúsculo em muitas traduções para dar a impressão de que senhor

significa Deus aqui) é fornecida pelas seguintes autoridades padrão na Bíblia hebraica. A distinção vital entre Deus e o homem é totalmente documentada da seguinte forma:

> ""*Adonai e adoni*" são variações dos pontos massoréticos para distinguir a referência divina da humana. "*Adonai*" refere-se a Deus, mas "*adoni*" aos superiores humanos. "*Adoni"* – refere-se a homens: meu senhor, meu mestre [ver ***Salmo 110:1***] "*Adonai*" – refere-se a Deus... Senhor". **[52]**

"A forma "*adoni*" ('meu senhor'), um título real (***1 Samuel 29:8***), deve ser cuidadosamente distinguida do título divino "*Adonai*" ('meu Senhor') [53] usado... de Javé ... "*Adon**ai***" ... a forma plural especial [o título divino] que o distingue de "*adonai*" [com uma vogal curta], 'meus senhore**s**'". **[54]**

> Senhor no AT é usado para traduzir "*Adonai*" quando aplicado ao Ser Divino. A palavra [hebraica]... é sufixada [com um sinal especial] presumivelmente por uma questão de distinção. Às vezes não está claro se é uma denominação divina ou humana... O Texto Massorético às vezes decide isso por uma nota que distingue a palavra quando é "santo" ou apenas "excelente", às vezes por uma variação no ponto [vogal] — "*adoni*", "*adonai*" [vogal curta, forma plural] e "*adonai*" [vogal longa]. **[55]**

> O hebraico "*adonai*" denota exclusivamente o Deus de Israel. É atestado cerca de 450 vezes no AT ... "*adoni*" [é] dirigido a seres humanos (***Gênesis 44:7; Números 32:25; 2 Reis 2:19*** [etc.]). Temos que supor que a palavra "*adonai*" recebeu sua forma especial para distingui-la do uso secular de "*adon*" [ou seja, "*adoni*"]. A razão pela qual ele [se dirige a Deus] como "*adonai*" [com vogal longa], em vez do normal "*adon*", "*adoni*" ou "*adonai*" [com vogal curta] pode ter sido para distinguir o Senhor de outros deuses e humanos. **[56]**

"A extensão do ***ā*** [em "*adon**ai***", o Senhor Deus] pode ser atribuída à preocupação dos massoretas em marcar a palavra como sagrada por meio de um pequeno sinal externo". **[57]**

"A forma 'para meu senhor', '*l'adoni*', nunca é usada no AT como uma referência divina... O fato geralmente aceito [é] que a marcação massorética distingue referências divinas (*adonai*) de referências humanas (*adoni*)". **[58]**

"Concordo com o que você diz sobre o ***Salmo 110:1*** (*adoni*). E a LXX está traduzindo corretamente... O uso do NT do Salmo não identifica Jesus como "*Adonai*" [o Senhor Deus]". **[59]**

Salmo 110:1 na Septuaginta e nas Escrituras do Novo Testamento

Se agora examinarmos como a Septuaginta grega lida com o hebraico "*l'adoni*", "ao meu senhor", simplesmente confirmamos a precisão das vogais hebraicas padrão do ***Salmo 110:1*** encontradas em todos os manuscritos hebraicos. A Septuaginta grega nos permite ver como o texto hebraico foi lido vários séculos antes de Cristo, bem como durante seu tempo. Não deveria haver necessidade de confirmar a versão hebraica da versão grega do AT. Ninguém encontrou qualquer traço de um texto corrupto no hebraico do ***Salmo 110:1***. O que se segue mostra simplesmente como é completamente ininterrupta a designação do Messias, não como o próprio Deus, mas como "meu senhor [humano]".

Quando os judeus traduziram o texto hebraico para o grego no início do terceiro século a.C., ficou perfeitamente claro que eles estavam lendo "*adoni*" como o segundo senhor do ***Salmo 110:1***. Eles traduziram "meu senhor" como "*kurios mou*", literalmente "o senhor *de mim*". Outros exemplos de "*l'adoni*", para meu senhor, na Bíblia Hebraica estão listados abaixo. O grego consistentemente lê o hebraico "*adoni*" como "meu senhor"..

1. ***Gênesis 24:36:*** "***Sara, mulher do meu senhor, era já idosa quando lhe deu à luz um filho; a este deu ele tudo quanto tem***" (hebraico, *l'adoni* / grego, *to kurio mou*).

2. ***Gênesis 24:54:*** "***Permiti que eu volte ao meu senhor***" (*l'adoni / pros ton kurion mou*).

3. ***Gênesis 24:56:*** *"****Envia-me para ir ao meu senhor***" (*l'adoni / pros ton kurion mou*)**.**

4. ***Gênesis 32:4*** (***versículo 5*** do hebraico): "***Assim dirás a meu senhor Esaú***" (*l'adoni / to kurio mou*)**.**

5. ***Gênesis 32:5:*** (***versículo 6*** do hebraico) "***e mando dizer a meu senhor*** [*l'adoni / to kurio mou*] ***que ache graça aos seus olhos***"

6. ***Gênesis 32:18:*** (***versículo 19*** do hebraico) ***"É um presente enviado a meu senhor Esaú"*** (*l'adoni / to kurio mou*).

7. ***Gênesis 44:9****:* "***e seremos escravos de meu senhor***" (*l'adoni / to kurio emon*).

8, 9. ***Gênesis 44:16****:* "***Que podemos dizer a meu senhor?***" (*l'adoni / para kurio).* "***Eis que somos escravos de meu senhor***" (*l'adoni / to kurio emon*).

10. ***Gênesis 44:33***: "***que o teu servo permaneça escravo do meu senhor em vez do menino***" (*l'adoni / tou kuriou*).

11. ***1 Samuel 24:6***: (***versículo 7*** do hebraico) "**O SENHOR me poupe de fazer tal coisa contra meu senhor** [*l'adoni / to kurio mou*]***, o ungido do SENHOR***" (David chamando Saul de o Messias do Senhor, compare, ***Lucas 2:26***). Este texto estabelece a equivalência de "*adoni*" e Messias.

12. ***1 Samuel 25:27***: "***Mas agora, dá aos jovens que seguem o meu senhor este presente que a tua serva trouxe ao meu senhor***" [*l'adoni / to kurio mou*]

13. ***1 Samuel 25:28***: "***Jehovah edificará una casa firme a mi señor*** [*l'adoni / to kurio mou*]***, porque mi señor*** [*adoni*] ***está dirigiendo las batallas de Jehovah***"

14. ***1 Samuel 25:30***: "***quando o SENHOR fizer a meu senhor conforme todo o bem…***" (*l'adoni / to kurio mou*).

15. 16. ***1 Samuel 25:31***: "***não te causará remorso nem perturbará a tua consciência*** [*l'adoni / to kurio mou*]***... E quando JEOVÁ fizer o bem a meu senhor*** [*l'adoni / to kurio mou*], ***lembre-se do seu servo***"

17. ***2 Samuel 4:8***: "***O Senhor vingou hoje o rei, meu senhor***" (*l'adoni / to kurio basilei*).

18. ***2 Samuel 19:28***: "***Pois toda a casa de meu pai era digna de morte diante de meu senhor, o rei***" (*l'adoni hamelech / to kurio emon to basilei*). Isso estabelece "*adoni*" como o título real.

19, 20. ***1 Reis 1:2:*** "***Que eles encontrem uma jovem virgem para meu senhor, o rei... para manter meu senhor, o rei, aquecido***" (*l'adoni hamelech / o kurios emon o basileus*).

21. ***1 Reis 18:13***: "***Não disseste a meu senhor...?***" (*l'adoni /to kurio mou*).

22. ***1 Reis 20:9***: "***Diga ao meu senhor, o rei***" (*l'adoni / to kurio emon*).

23. ***1 Crônicas 21:3***: "***Não são todos servos de meu senhor?***" (*l'adoni / para kurio mou*).

24. ***Salmo 110:1***: "***O Senhor disse ao meu senhor***" (*l'adoni / to kurio mou*).

Não há sombra de dúvida de que o hebraico do ***Salmo 110:1*** designa o Messias não como Deidade (Adonai), mas como um superior humano (*adoni*). A evidência para a palavra hebraica "*adoni*" é estabelecida muito antes de os massoretas acrescentarem a indicação mais tarde. Não há erro no texto hebraico, conforme apontado pelos massoretas.

Aqui estão as aparições de "e meu senhor". Mais uma vez, o hebraico "*v'adoni*" é traduzido corretamente para o grego.

1. ***Gênese 18:12***: "***... sendo também velho meu senhor***" (*v'adoni / o kurios mou*).

2. ***Números 36:2***: "***Jehovah*** [*v'adoni / to kurio emon*] ***ordenou ao meu SENHOR***"

3. ***2 Samuel 11:11***: "***E meu senhor Joabe …***" (*v'adoni / o kurios mou*).

4. ***2 Samuel 14:20***: "***Mas meu senhor é sábio***" (*v'adoni / o kurios mou*).

5. ***2 Samuel 19:27***: (Hebreo ***versículo 28***) "***mas meu senhor*** [*v'adoni / o kurios mou*] ***o rei é como um anjo de deus***"

6. ***2 Samuel 24:3***: "***E que meu senhor*** [*v'adoni / o kurios mou*] ***, o rei, veja isso! No entanto, para que meu senhor, o rei, quer isso?***"

Exemplos adicionais são fornecidos para "contra meu senhor" (*b'adoni)* e "de meu senhor" *(me'adoni*).

1. ***1 Samuel 24:10***: (***versículo 11*** do hebraico) "***Não estenderei minha mão contra meu senhor***" (*b'adoni / epi kurion mou).*

2. ***2 Samuel 18:28***: "***Pois toda a casa de meu pai era digna de morte diante de meu senhor*** [*b'adoni hamelech / en to kurio mou*] ***o rei***"

3. ***Gênesis 47:18***: "***Não precisamos esconder de nosso senhor*** [*me'adoni / apo tou kuriou emon*] ***que o dinheiro acabou***".

O fato é que quando o hebraico diz "*l'adonai*", "ao Senhor [Deus]", o equivalente grego não é "*kurios mou*", mas simplesmente "*kurios*", "ao Senhor". Isso novamente confirma quão precisos eram os massoretas com a distinção divino-humana significada por "Adonai e *adoni*". Aqui estão os exemplos de "ao Senhor [Deus]":

1. ***Gênesis 18:30, 32***: "***Não te ires, meu Senhor***" (*l'adonai / kurie*).

2. ***Salmo 22:30***: (***versículo 31*** do hebraico) "***será encaminhado ao Senhor***" (*l'adonai / to kurio*).

3. ***Salmo 130:6***: "***A minha alma espera no Senhor***" (*l'adonai / epi ton kurion*).

4. ***Isaías 22:5***: "***do Senhor Jeová dos Exércitos***" (*l'adonai Yahweh / para kuriou*).

5. ***Isaías 28:2***: "***alguém que é forte e poderoso vem do Senhor***" (*l'adonai / kuriou*).

6. ***Jeremias 46:10***: "***vingança para o Senhor Jeová dos Exércitos***" (*l'adonai Yahweh / kurio to theo*).

7. ***Jeremias 46:10***: "***ao Senhor Jeová dos Exércitos***" (*l'adonai Yahweh / to kurio*).

8. ***Jeremias 50:25***: "***a obra do Senhor Deus dos Exércitos***" (*l'adonai Yahweh / to kurio*).

9. ***Daniel 9:9***: "***Do Senhor nosso Deus vêm a misericórdia e o perdão***" (*l'adonai / to kurio*).

10. ***Malaquias 1:14***: "***sacrifique a Jeová o que está danificado***" (*l'adonai / to kurio*) .

Com base no ***Salmo 110:1***, a chave para sua identidade, Jesus definiu sua posição em relação ao Deus Único (***Mateus 22:44***). Jesus confirmou o título que mais belamente descreve quem ele é: Senhor Messias e filho de Davi. Paulo habitualmente pensava em Jesus como "senhor" ou "o Senhor Jesus Cristo" ou "o Senhor Cristo". Paulo reconheceu Jesus não apenas como o único Messias prometido por Deus, mas também como um teólogo habilidoso.

Professor *David Flusser* em suas notas sobre Jesus:

> No entanto, quando as palavras de Jesus são examinadas no contexto do aprendizado judaico contemporâneo, é fácil ver que Jesus estava longe de ser inculto. Ele estava perfeitamente à vontade tanto com as Sagradas Escrituras quanto com a tradição oral, e sabia como aplicar essa herança acadêmica. Além disso, a educação judaica de Jesus foi incomparavelmente superior à de São Paulo... A corroboração externa do conhecimento judaico de Jesus é fornecida pelo fato de que, embora ele não fosse um escriba aprovado, alguns costumavam chamá-lo de "Rabi", "meu professor/professor"… Aqueles que estavam entre o círculo interno de seus seguidores e aqueles que o procuravam em necessidade se dirigiam a ele como "Senhor". Aparentemente, este é o título que ele preferia. Sabemos disso, novamente graças ao relato de Lucas: "Como se pode dizer que o Messias é o Filho de Davi? Porque o próprio Davi diz no Livro dos Salmos: "***O Senhor*** (Deus) *disse ao meu senhor* (*l'adoni*)***: Sente-se à minha direita até que eu ponha seus inimigos por escabelo de seus pés***". Davi o chama de Senhor. Como então ele pode ser filho de Davi? (***Lucas 20:41-44***). O título não deve ser confundido como um sinal de sua divindade (ou seja, "*Adonai*"), mas como uma indicação de sua elevada autoconsciência. **[61]**

Jesus não aprovava o prazer que tantos fariseus sentiam ao serem chamados de rabino: "***Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chameis vosso pai;*** [ou *Abba*] ***porque só um*** [pessoa] ***é vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo***" (***Mateus 23:8-10***). Deus é uma Pessoa; Cristo é outra pessoa. Deus é um Senhor, não dois ou três. Chamar o Pai e Jesus igualmente de Deus faz mais de um Deus.

Um Desenvolvimento Trágico.

W.R. Matthews em "*The Problem of Christ in the Twentieth Century*" (O Problema de Cristo no Século XX) nos lembra do conflito engendrado pela perda do monoteísmo puro:

> O cristianismo herdou dos judeus o monoteísmo estrito que foi a glória dos profetas ter estabelecido [Paulo acreditava nos profetas e Jesus também], e a Igreja nunca comprometeu intencionalmente essa reivindicação primária. Então, como devemos pensar no Filho divino como digno de adoração e ainda preservar a unidade da Divindade? Como sabemos, a solução, se é que esta é a palavra certa, foi encontrada no final, no mistério da Trindade... As questões envolvidas eram vitais para o Cristianismo e as decisões dos grandes Concílios têm sido uma norma de pensamento. e devoção de toda a Igreja. No entanto, eles tiveram consequências trágicas. Eles marcaram o início da perseguição pelos cristãos de seus irmãos na fé. **[62]**

Quão verdadeiro é isso. O clímax de tal brutalidade é visto no assassinato de *Miguel Serveto* em 1553 por *João Calvino*. **[63]**

> Agora a palavra anátema pronunciada pelos pais em Deus sobre os membros do rebanho de Cristo foi ouvida pela primeira vez. Motivos políticos e até rivalidades pessoais se insinuaram na discussão e nos mistérios mais profundos da fé, e no final a Igreja ficou com uma série de definições que pretendiam ser um meio de exclusão da família de Deus. O credo original da Igreja era a fórmula simples "***Jesus é o Senhor***". Com este slogan a Igreja realizou a primeira e decisiva expansão do cristianismo no mundo pagão. Na minha opinião, esse credo mais antigo deveria ter permanecido como o único teste doutrinário para a adesão, e o maior infortúnio que se seguiu às disputas cristológicas foi a substituição dos critérios de aceitação por um conjunto de proposições teológicas pelas quais julgar um cristão genuíno. Jesus disse. estabelecido "***pelos seus frutos os conhecereis***". O desenvolvimento da teologia implicou a entrada da filosofia na discussão. **[64]**

Um declínio tão dramático na fé provocou isso em *Albert Nolan* em seu "*Jesus Before Christianity*" (Jesus antes do Cristianismo):

> Muitos milhões ao longo dos séculos veneraram o nome de Jesus, mas poucos o compreenderam e menos ainda tentaram pôr em prática o que ele queria que fosse feito. Suas palavras foram distorcidas e transformadas para significar tudo, qualquer coisa e nada. Seu nome foi usado e abusado para justificar crimes, assustar crianças e inspirar homens e mulheres a loucuras heroicas. Jesus tem sido honrado e adorado com mais frequência pelo que não quis dizer do que pelo que quis dizer. A ironia final é que algumas das coisas que ele mais fortemente se opôs no mundo de seu tempo foram ressuscitadas, pregadas e disseminadas mais amplamente em todo o mundo, em seu nome. **[65]**

A vergonhosa violência que se apoderou do cristianismo quando este imaginou que a doutrina poderia ser aplicada por meio do castigo físico é um sinal de um desenvolvimento preocupante. A raiz da dificuldade remonta à perda do credo de Jesus. *Brian Holt* faz nosso ponto em Jesus: Deus ou o Filho de Deus? Ele se refere a ***Marcos 12:32-34***: "***Parece que*** [o escriba] ***pensou que Jesus era o Deus que devemos***

adorar? ... Ele falou de Jeová como alguém diferente de Jesus ... Este homem tinha razão. de vista ... que certamente não era trinitária. Jesus … o fortaleceu e o confirmou". **[66]**

A Luta Contra A Cristologia Messiânica Do Salmo 110:1.

Richard Bauckham reconhece, como todo comentarista deve reconhecer, que o ***Salmo 110:1*** é uma pista importante para a identidade de Jesus. Observando que o monoteísmo do judaísmo na época de Jesus nunca obscureceu ou uniu "a linha de distinção absoluta... entre Deus e todas as outras realidades", *Bauckham* observa que "a teologia cristã primitiva... O ***Salmo 110:1*** é o texto do AT ao qual o NT alude com mais frequência (vinte e uma citações ou alusões, espalhadas pela maioria dos escritos do NT)". **[67]** Ele não comenta o significado de "*adoni*" no texto hebraico. Seria de se esperar uma análise deste título criticamente importante de "senhor" para Jesus. Ele não observa que "*adoni*" é um título que não fala da Divindade, mas da superioridade humana, neste caso a exaltação suprema de Jesus. *Bauckham* nos diz que os primeiros cristãos leram o Salmo "como colocando Jesus no próprio trono divino, exercendo o próprio governo de Deus sobre todas as coisas". **[68]** No entanto, esse fato não torna o próprio Jesus Deus. Descreve-o como o superior humano singularmente elevado, o Filho de Deus, colocado à direita do Deus Único. A Divindade de Jesus dificilmente é comprovada pelo título exclusivamente humano dado a ele no ***Salmo 110:1***!

No entanto, esse erro de categoria é cometido repetidas vezes nos livros canônicos. Um tesouro de boas informações é encontrado no "*Dictionary of the Later New Testament and Its Developments*" (Dicionário do Novo Testamento Posterior e Seus Desenvolvimentos). Mas o desejo de encontrar a divindade de Jesus lá leva seus autores a cometerem erros fundamentais sobre quem é Jesus. A importância crucial para todo o NT do ***Salmo 110:1*** é plenamente reconhecida:

> Deus senta Jesus à direita de Deus. O uso extensivo de Hebreus dessa imagem da sessão mostra a importância do ***Salmo 110:1*** para esse autor, em termos da reflexão do NT sobre o estado de Cristo em geral. Ele é exaltado acima dos anjos na medida em que um "Filho" é maior que os "servos" (***Hebreus 1:4-7, 9***). **[69]**

Se ao menos os escritores de artigos acadêmicos sobre Jesus tivessem prestado atenção ao significado de "meu senhor" no ***Salmo 110:1***! Isso teria evitado a repetição do erro que parece ocorrer repetidamente: "'Senhor' representa a atribuição do título divino '*kyrios*' ao Jesus exaltado... A ressurreição revelou inegavelmente a verdadeira identidade de Jesus como o divino Senhor, o "*kyrios*" (***Atos 2:36***)". **[70]** Mas ***Atos 2:36***, citando o Salmo 110:1, define o senhorio alcançado por Jesus como não o da Divindade. Ele é o "adoni" do ***Salmo 110:1***, uma forma hebraica que distingue expressamente um ser humano da Divindade. Longe de acrescentar Jesus à Divindade, Atos cita deliberadamente o ***Salmo 110:1*** para mostrar que Jesus não é Deus, mas o Messias de Deus.

A mesma extensão de evidência ocorre quando é declarado: "Atos substitui explicitamente 'Jesus' por 'Yahweh' em várias citações do AT (***Salmo 110:1*** em ***Atos 2:34***) ... O título divino Senhor... trabalha para identificar Jesus como participante da divindade de Javé. **[71]** Mas Jesus não é identificado com o Senhor no ***Salmo 110:1***, mas com aquele a quem Davi se dirige como "meu senhor", "adoni", que todo leitor da Bíblia hebraica sabe que não é o senhor divino, mas o humano. É esse status de "adoni" que Jesus alcançou. Pedro faz este tremendo anúncio como o clímax de seu sermão para a casa de Israel (***Atos 2:34-36***)..

A verdade é que Deus exaltou Jesus à sua direita e conferiu a ele, como um ser humano supremamente exaltado, o exercício do próprio Senhorio de Deus. Jesus recebe prerrogativas divinas, agindo para o Senhor, fazendo o que o Senhor faz porque Deus lhe deu essa autoridade. Mas isso não significa que ele é Deus. O que impulsiona o drama do NT é o incrível privilégio concedido por Deus ao Messias humano que agora se tornou o Senhor da raça humana, de acordo com o plano predeterminado de Deus.

Os comentaristas parecem empenhados em fazer com que os Atos se encaixem no molde de visões muito posteriores de Jesus. "Ao usar "*kyrios*" de Javé e Jesus em seus escritos, Lucas dá continuidade ao sentido do título já usado na comunidade cristã primitiva, que em certo sentido considerava Jesus em pé de igualdade com Javé". **[72]** Sim, mas em que sentido? Deus deu a Jesus funções divinas, mas a pessoa à direita da Majestade ainda é "*adoni"* e não "*Adonai*", homem e não Deus.

Os teólogos estão tão interessados em redefinir o credo de Israel e de Jesus que tentam nos persuadir de que Paulo não acrescentou Jesus ao "*Shemá*", mas o incluiu nele. Que significa isso? Se o Filho está incluído no "*Shemá*" de Paulo, a implicação é que o "*Shemá*" foi expandido. Se Jesus está incluído nela, ele certamente é adicionado a ela. Isso é contrário às palavras expressas de Jesus, que nunca afirmou ser o Senhor.

Diz o professor *Bauckham*:

> Paulo exibe uma autoconsciência monoteísta judaica tipicamente forte; distingue o único Deus a quem a lealdade é devida de todos os deuses pagãos que não são deuses; baseia-se nas formas judaicas clássicas de formular a fé monoteísta; e os reformula para expressar um monoteísmo cristológico que de forma alguma abandona, mas mantém precisamente os modos pelos quais o judaísmo distinguia Deus de toda realidade e os utiliza para incluir Jesus na única identidade divina. Ele mantém o monoteísmo, não acrescentando Jesus, mas incluindo Jesus em sua compreensão judaica da singularidade divina. **[73]**

Se o "*Shema*" originalmente fala de uma única Pessoa como Deus, e se Paulo mais tarde inclui Jesus no "Shema", Paulo de fato acrescentou ao "*Shema*" e o alterou, o que é uma impossibilidade. Jesus é o humano exaltado.

O título "meu senhor" para o Messias Jesus é um indicador constante de quem Jesus é em relação a Deus. Desde o início, "nosso Senhor" e "meu Senhor" refletem títulos messiânicos que nos dizem quem Jesus realmente é. Isabel reflete o "meu senhor" do ***Salmo 110:1*** quando se regozija porque "***a mãe de meu senhor***" a visitou (***Lucas 1:43***: não "a mãe de Deus", como o catolicismo romano mais tarde ensinou). "Meu senhor" é o título do rei de Israel. Os judeus se referiram a Davi como "nosso senhor Davi" ou "meu senhor Davi". Lucas relata que foi o Senhor Messias que nasceu em Belém (***Lucas 2:11***). E Maria Madalena lamenta a perda de seu senhor: "***Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram***" (***João 20:13***). Os cegos que recuperaram a visão foram abençoados por reconhecerem quem era Jesus. Eles se dirigiram a ele como "***Senhor, filho de Davi***" (***Mateus 15:22; 20:30***). Quando Paulo diz que há "***um só Senhor Jesus Cristo***" (***1 Coríntios 8:6***; compare, ***Efésios 4:5***), ele não está alterando o credo de Israel para incluir dois que são Deus; ele está ecoando a convicção cristã central de Pedro e todos os apóstolos de que Deus "***o fez Senhor e Cristo***" (***Atos 2:36***).

O antigo grito "*maranatha*", "*Vem, nosso Senhor*" (***1 Coríntios 16:22***), preserva a mais antiga oração aramaica da Igreja. Como "*Abba* Pai", o discurso habitual de Jesus ao Único Deus, seu Pai, assim "*vem,*

nosso Senhor" aponta para o significado essencial e original de "Senhor" como o título apropriado para Jesus. Mas não é "Senhor = Javé". O título divino não aparece e não pode aparecer com um pronome possessivo pessoal. Ninguém no AT diz "nosso Senhor" ou "meu Senhor". Portanto, o endereço para Jesus, "*maranatha*", simplesmente enfatiza o ensino básico do NT e a convicção de que Jesus é nosso Senhor, o Messias, certamente não o próprio Senhor Deus. Davi, o rei de Israel, havia sido chamado de "***nosso senhor, o rei Davi***" (***1 Reis 1:43, 47***), mas ninguém o confundiu com Deus.

Existe uma tradição antiga de se referir a um superior, particularmente o rei, como "nosso senhor" e "meu senhor": "***meu senhor Davi, seu pai***" (***2 Crônicas 2:14***); "***nosso senhor Davi***" (***1 Reis 1:11***). O Messias é "***seu senhor***" na profecia do ***Salmo 45:11***. O rei de Israel é "***nosso senhor, o rei Davi***" (1 Reis 1:43), "o rei, seu senhor" (***1 Samuel 26:15***) "***seu senhor, o homem sobre quem o Senhor*** [Yahweh] ***colocou o santo óleo***" (***1 Samuel 26:16***). Outro rei ungido é chamado de "***Saul, teu senhor***" (***2 Samuel 2:5***).

Jesus é o último da série de pessoas reais ungidas. "***ele é o teu senhor; inclina-te perante ele***" (***Salmo 45:11***). "***Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor***" (***Mateus 24:42***). Nasce o Senhor Messias, ou "***Senhor Messias***" (***Lucas 2:11***). Nesta capacidade ele pertence a Yahweh, que é o seu Senhor Deus. Assim, Lucas chama Jesus de "***o ungido*** [Messias] ***do Senhor*** [Yahweh]" (***Lucas 2:26***).

Há também "***meu senhor***", o rei Agripa (***Atos 25:26***). Paulo em Filipenses não abandonou nem por um momento a fé no "***Messias Jesus, meu Senhor***" (***Filipenses 3:8***). Ele se apega ao "*adoni*" ("meu senhor") do ***Salmo 110:1***. Está a serviço de "nosso/o Senhor Cristo" (***Romanos 16:18; Colossenses 3:24***). Outros superiores, como os anjos, também podem receber o título de senhor: "***Meu Senhor, tu o sabes***" (***Apocalipse 7:14***). Depois, há "***seu senhor, o rei do Egito***" (***Gênesis 40:1***), "***Hanun, seu senhor***" (***2 Samuel 10:3***), "***seu senhor, Roboão, rei de Judá***" (***1 Reis 12:27***).

Jesus Como Senhor Messias E Diferente Do Único Deus

A importância da identidade de Jesus como o Senhor Messias, não como o Senhor Deus, é mostrada na maneira interessante como Paulo e Jesus discutem o credo unitarista de Israel e depois descrevem a relação de Jesus com aquele Deus Único. ***Marcos 12:28-34*** apresenta Jesus como o Unitário, em total concordância com o escriba judeu, e nos ***versículos 35-37*** Jesus imediatamente passa a se definir com base no ***Salmo 110:1*** como o exaltado senhor humano (*adoni*). posição ao lado de Deus. Paulo repete o mesmo credo cristão afirmando primeiro sua convicção unitária de que para os cristãos "***há um só Deus, o Pai***" (***1 Coríntios 8:6***, aludindo a ***Deuteronómio 6:4; 4:35***) e acrescentando que "***há também um Senhor Messias, Jesus***" (compare, ***João 17:3***). Que o Senhor Jesus é o Messias, não o Senhor Deus. Ele é digno de adoração como o Messias exaltado. David sabia disso muito antes. Ele descreveu o Messias como "***seu Senhor***" (***Salmo 45:11***), assim como Jesus se descreveu como "***seu Senhor***" (***Mateus 24:42***). Davi esperava que o Messias fosse adorado, agradecido e abençoado, até mesmo, como Moisés, portando o título divino de "***Deus***" (***Salmo 45:6***). Mas ninguém imaginava que chamar Moisés (***Êxodo 4:16; 7:1***) ou os juízes de Israel (***Salmo 82:6***) ou o Messias "***Deus***" (***Salmo 45:6***) significava que a Divindade havia aumentado.

A noção de que o Messias era Deus é impensável. O título divino, "Adonai", estava prontamente disponível, mas não é usado para se referir ao Messias. Afinal, os judeus entendiam que havia apenas uma Pessoa que era o Deus supremo. Portanto, ninguém poderia imaginar que o Messias seria o próprio Deus.

Embora o Messias certamente pudesse desempenhar funções divinas como agente e emissário de Deus, ele permaneceu o Messias humano. O "nome" de Deus certamente foi investido no Messias. Assim como o anjo do Senhor na Bíblia hebraica agiu como agente de Deus — "***Meu nome está nele***" (***Êxodo 23:21***) — em grau ainda maior, Jesus recebeu autoridade absoluta para agir em nome de Deus, o pai dele. Sua posição à direita de Deus o tornava digno de homenagem e reverência como Messias. Petições podiam ser dirigidas a ele (***Atos 7:59; João 14:14***) e canções cantadas para ele. A honra prestada ao Messias ressuscitado simplesmente nos mostra o que é devido ao primeiro e até agora único ser humano imortalizado. A situação é nova. Um ser humano foi exaltado e colocado ao lado de Deus. Isso não significa que ele é Deus! Ele é Emanuel (***Mateus 1:23***) porque Deus está trabalhando nele e porque Deus também está connosco em Cristo. **[74]** O ***Salmo 110:1*** fala da incrível posição concedida por Deus a seu único Filho. Deus escolheu executar Seu plano por meio de Seu mediador humano designado, o Sumo Sacerdote cristão, cujo ministério substituiu o de Melquisedeque e os levitas.

Os analistas bíblicos abordam o tema da identidade do Filho com um pressuposto que eles leem no texto. Estabelecem a sua própria definição do que deve estar envolvido na "verdadeira humanidade". Declaram então que Jesus está fora destes limites e que, por conseguinte, deve ser Deus. Este método é falho, em primeiro lugar, porque ultrapassa os limites impostos pelo monoteísmo unitário de toda a Bíblia e, em segundo lugar, porque não permite a posição de privilégio e poder supremo que Deus deu ao primeiro ser humano imortalizado. Ele foi feito muito superior a qualquer anjo. Ele herdou uma posição muito maior do que qualquer outro ser criado. Todo o processo está arruinado se supomos que o Filho foi supremo em virtude de ser Deus desde a eternidade!

Paulo em Filipenses 2 e Colossenses 1

Tentativas de minar o monoteísmo unitário de Jesus frequentemente aparecem no comentário de algumas passagens das cartas de Paulo. Alega-se que Paulo acreditava em um Filho preexistente que deixou o céu e veio viver uma vida humana, nunca deixando de ser plenamente Deus. **[75]** De acordo com a ideia trinitária, o menino Jesus, ou mesmo antes do feto Jesus, era, como Deus, sustentador do universo. ***Filipenses 2:5-11*** é invocado em apoio a esta Encarnação. **[76]**

No entanto, ***Filipenses 2*** não pode derrubar os relatos da origem do Filho de Deus estabelecidos por Mateus e Lucas e em outros lugares pelo próprio Paulo (***Romanos 1:3; Gálatas 4:4***). Paulo nesta famosa passagem exorta os cristãos a seguirem o modelo de Jesus. Seria incrível se Paulo defendesse, nesta única passagem, a crença em um segundo Ser Divino desde a eternidade que decide nascer como ser humano. Isso é contrário a toda a predição do AT do Messias como filho de Davi. E dificilmente é um modelo realista para os crentes. Eles estão realmente sendo solicitados a imitar o comportamento de uma Pessoa eterna no céu que decidiu vir à terra? Ou Paulo está nos exortando a seguir o exemplo do Jesus humano histórico, que viveu, pregou e sofreu em Israel e foi o modelo cristão de servidão?

As cartas de Paulo foram os primeiros documentos do NT a serem escritos. Mateus, Marcos, Lucas e João vieram depois. Se Paulo subscreveu uma visão de Jesus como o segundo membro da Trindade, por que esse entendimento está tão visivelmente ausente da teologia dos evangelhos, escritos como testemunhos da fé cristã após as cartas de Paulo?

O assunto de Paulo em ***Filipenses 2*** é o Messias Jesus (***versículo 5***). E por Messias Jesus Paulo em outro lugar significa "***o homem Messias Jesus***" (***1 Timóteo 2:5***). Jesus era de fato a imagem de Deus ou a "***forma de Deus***" (Filipenses 2:6). "Forma" não deve, como reconhecem os estudiosos modernos, ser lido como um termo filosófico grego. Em vez disso, é semelhante à palavra "imagem" e, portanto, descreve o homem visível Jesus. Adão foi criado à imagem de Deus e Jesus é o segundo Adão, a imagem de Deus como o homem deveria ser. Em ***1 Coríntios***, Paulo vê o homem como "***a imagem e glória de Deus***" (***11:7***) e em ***2 Coríntios*** ele fala da "***luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus***" (***4:4***), bem como o "***conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo***" (***4:6).*** Paulo conhece apenas o Jesus histórico, depois ascendeu à direita do Pai. Na verdade, ele era a própria imagem de Deus ("***Quem me vê a mim vê o Pai***" ***João 14:9***). Dotado da mesma autoridade de Deus, sendo como Deus seu Pai, Jesus não se aproveitou de sua posição real, mas agiu como servo (***Filipenses 2:6, 7***). Adotou o papel de servo, não abusou de seu privilégio messiânico e se dispôs a obedecer a Deus a ponto de dar a vida em uma morte ignominiosa e torturante na cruz (***versículo 8***). Portanto, Deus o "elevou" a uma posição inferior apenas ao Deus Único e para a glória de Deus Pai (***versículos 9-11***). Paulo termina sua declaração com uma frase retumbantemente unitária, "***Deus Pai***" (***versículo 11***).

Todo o ensinamento de Paulo aqui seria inútil se, de fato, Jesus simplesmente voltasse ao estado de Divindade que ele havia desfrutado por natureza desde a eternidade. Mesmo no auge de sua carreira, Jesus ocupa sua posição exaltada "***para a glória de Deus Pai***" (***versículo 11***). Deus continua a ser o equivalente do Pai e este é um dos numerosos testemunhos do Unitarismo Bíblico.

A lição que Paulo transmite aqui é sobre nossa imitação do Messias histórico e compartilhar sua mente e atitude. Desfrutando do status de Deus como único agente de Deus, Jesus não considerou tal semelhança com Deus como algo a ser usado para seu próprio benefício. Em vez disso, assumiu o papel de servo e realizou todo o seu ministério a serviço dos seres humanos, dando até a vida por eles. Jesus não explorou sua posição para seus próprios fins. Comportou-se como um servo submisso da humanidade e do Deus que o comissionou para ser o modelo de relacionamento correto com Deus e com o homem. A imagem é em grande parte um reflexo da história da tentação nos evangelhos, quando Jesus se recusou a usar sua condição de Filho de Deus para evitar o destino de sofrimento que Deus havia preparado para ele.

Colossenses 1

Colossenses 1:15-19 é frequentemente lido através de lentes trinitárias e imagina-se, em contradição com o restante das Escrituras, que Jesus foi o agente ativo na criação de Gênesis. **[77]** Em vez disso, Paulo volta a descrever Jesus como "***a imagem do Deus invisível***" (***versículo 15***). Imagem implica visibilidade. Vemos Deus trabalhando em Jesus. O tema de Paulo é o Jesus visível e histórico. Ele era, como o ***Salmo 89:27*** predisse sobre o Messias, o "***meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra***" de Deus. Primogênito (***versículo 15***) é, portanto, um título messiânico e implica que Jesus é o cabeça da nova criação que começa nele. ***Colossenses 1*** tem a ver com a reconciliação em Cristo. Jesus é o que a "sabedoria", o sábio plano de Deus desde o princípio, eventualmente se tornou quando Jesus nasceu. O tema de Paulo aqui não é a criação do mundo material, mas a transferência cristã para o Reino do Filho de Deus (***versículo 13***), a "***da plenitude dos tempos, todas as coisas***" (***Efésios 1:10***) no Messias que é a cabeça do Nova criação. Paulo está pensando no plano das eras (***Efésios 3:11)*** em que Cristo será o governante de todas as autoridades.

"***Primogênito***" certamente não é um título de Deidade. Paulo chama Jesus de "***o filho do seu amor*** [de Deus]" (***Colossenses 1:13***) e segue imediatamente com o título de "primogênito". Israel também foi o primogênito de Deus (***Êxodo 4:22***) e também Efraim (***Jeremias 31:9***). O Messias é especialmente o primogênito de Deus (***Salmo 89:27***). Na literatura judaica contemporânea do NT, Israel é como um primogênito, um filho único (***Salmo de Salomão 18:4***). No livro de ***Esdras 6:58***, Israel se autodenomina "seu povo, a quem chamas de primogênito, teu único filho". "Amado", "unigênito", "primogênito" são todos títulos do Messias e o descrevem não como Deus, mas como um ser humano escolhido. Colossenses nos dá uma descrição da posição de Jesus como Messias e seu destino ao ser designado para encabeçar o maravilhoso programa de reconciliação de Deus. Jesus é de fato o propósito da criação de Deus e, à direita do Pai, supervisiona a nova criação.

Paulo em ***Colossenses 1:13***, o contexto principal de ***Colossenses 1:15-19***, prepara o terreno para sua discussão sobre a posição de Jesus à direita de Deus. Diz que os cristãos foram transferidos para o Reino do Filho. Isso não tem nada a ver com a criação de Gênesis, mas se concentra na nova criação em Cristo. Jesus é certamente o primeiro a ser imortalizado nesse Reino. Como o Messias de Deus e primogênito da nova criação, "***nele todas as coisas foram criadas***" (***versículo 16***). **[78]** O texto não diz "todas as coisas foram criadas por ele". Paulo define o que ele quer dizer com "todas as coisas" neste contexto: autoridades, principados e potestades, uma hierarquia de governantes. Paulo não está pensando aqui no universo material como um todo, mas nas autoridades pessoais. Jesus é supremo sobre todos eles como o primogênito de Deus, Seu Filho "unigênito", como João O chama (***João 1:14, 18; 3:16, 18***).

Jesus, diz Paulo, agora é supremo, "***antes de todas as coisas***" (***versículo 17***), a palavra "antes" indicando, como costuma acontecer, supremacia de posição em vez de prioridade no tempo. Mas continua sendo verdade que Jesus é cronologicamente anterior a todos os outros na nova criação. Ele está cronologicamente diante do mundo no plano de Deus para lhe dar a herança de todas as coisas. Ele é o primeiro a ganhar a imortalidade pela ressurreição. Isso é exatamente o que Paulo diz no ***versículo 18***, onde descreve Jesus como "***o primogênito dentre os mortos***". Foi sua ressurreição dentre os mortos que o estabeleceu como supremo sob Deus sobre toda a nova criação e todas as autoridades nela. O ***versículo 18*** é significativo no sentido de que a exaltação de Jesus foi "para que ele estivesse em primeiro lugar". Isso não faz sentido se Paulo acreditasse que Jesus era durante todo o processo e desde a eternidade o próprio Deus! Jesus adquiriu seu status único.

Se Paulo está se referindo à cosmologia do Gênesis, ele pensa em Jesus como a sabedoria ou o Plano sábio de Deus. Foi pensando no Messias, Filho de Deus, que se fez a criação. Foi feito "nele" (***versículo 16***) e os cristãos também estavam "nele" antes da fundação do mundo (***Efésios 1:4***). É como cabeça da nova criação que Jesus alcançou sua posição suprema com Deus, tendo sido delegada "***toda a autoridade***" (***Mateus 28:18***) para sua obra nessa nova criação.

As traduções são enganosas quando dão a impressão de que Jesus foi instrumental na criação de Gênesis como um agente ativo. Isso contradiz a declaração clara em ***Isaías 44:24*** de que o Deus Único criou todas as coisas sozinho ("***Quem estava comigo?***"). O próprio Jesus sabia que o Senhor Deus havia formado o homem do pó da terra e referiu-se a este acontecimento, atribuindo-o ao seu Pai: "***Deus os fez homem e mulher***" (***Marcos 10:6***). ***Hebreus 1:1, 2*** afirma deliberadamente que Deus não operou ou falou por meio de um Filho no período do AT, e foi Deus, não Jesus, quem descansou no sétimo dia após a criação (***Hebreus 4:4***). Basta abrir o "*Expositor's Greek Commentary on Colossians 1:16*" (Comentário Grego do

Expositor sobre ***Colossenses 1:16***) para ler "isso não significa que 'todas as coisas foram feitas por ele'". O sentido é "nele", não "por ele". **[79]**

O NT incita a crença em Jesus como o Messias, certamente não como Deus. Jesus é o Senhor messiânico. Esta verdade central é estabelecida como o fundamento da Igreja, a crença na rocha. Pedro declara que Jesus é "***Senhor e Cristo***" em ***Atos 2:36*** e Paulo faz a mesma confissão quando declara a crença dos cristãos em "***um só Senhor Jesus Cristo***" (***1 Coríntios 8:6***). O Messias é filho de Davi e de Deus por geração sobrenatural em Maria. Ele é declarado o Filho em poder por um ato poderoso de Deus que o ressuscitou dentre os mortos (***Romanos 1:4***). Ninguém imagina na Bíblia que Deus morre! O "***cordeiro que foi morto***" (***Apocalipse 5:6, 12; 13:8),*** não importa quão exaltada seja sua posição atual em associação com o Deus Único, ainda era um ser mortal e, portanto, não era Deus. Somente Deus inerentemente tem imortalidade (***1 Timóteo 6:16***). Portanto, Deus não pode morrer. *Charles Wesley* pode escrever as palavras do hino: "Tudo é mistério: o imortal morre". **[80]** Mas isso permanece contraditório e sem sentido. O imortal não pode morrer. Deus não pode morrer. O Filho de Deus fez isso.

"Senhor" é usado para se referir a um "chefe" humano comum. "***Eles contaram ao seu senhor tudo o que havia acontecido***" (***Mateus 18:31***). Como vimos, ao longo das epístolas de Paulo, Jesus é "***nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso***" (***1 Coríntios 1:2***). Em ***Apocalipse 11:8***, Jesus ainda é "[quem] ***o Senhor deles foi crucificado***". Deus, o Deus Único e imortal de Israel, nunca foi crucificado. A teologia da Bíblia não sabe nada sobre um Deus mortal supremo.

Jesus é "***o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver***" (***Apocalipse 2:8***), "***o princípio da criação de Deus***" (***Apocalipse 3:14***), que, como lembramos do dicionário bíblico, significa que "Ele mesmo fez parte da criação". **[81]** Ele é o chefe supremo da nova criação de seres humanos imortais, o segundo Adão. O monoteísmo estrito é guardado de perto enquanto permanecermos dentro dos limites do cânon do NT. Não foi até que a influência grega, por meio dos pais da igreja primitiva, começou a exigir uma teologia baseada em modelos cosmológicos gregos implicando "um segundo Deus", que o monoteísmo unitarista sofreu um golpe mortal.

Notas Finais Capítulo 6

[1] *F. F. Bruce*, "*Jesus: Lord and Savior*" (Jesus: Senhor e Salvador), Intervarsity Press, 1986, pág. [203], mas veja também seu ponto de vista na nota de rodapé 493.

[2] *Charles Bigg*, D.D., "***1 Peter**, International Critical Commentary*" (***1 Pedro***, Comentario crítico internacional), T&T Clark, 1910, página 99, cursiva posterior.

[3] *La Due*, "*Trinity Guide to the Trinity*" (Guia da Trindade para a Trindade), pág. 25, sobre o trabalho de *Yves Congar*.

[4] ***Romanos 1:4; 5:21; 1 Corintios 1:9***.

[5] ***Romanos 6:23; 8:39; 1 Corintios 15:31; Efesios 3:11; 1 Timoteo 1:2; 1:12; 2 Timoteo 1:2***.

[6] 19 vezes em Paulo, e também em João 1:1.

[7] ***Colossenses 3:24*** comparar com ***Lucas 2:11***.

[8] Nossas transcrições das palavras gregas refletem uma pronúncia grega mais moderna do grego do que a pronúncia tradicional erasmiana.

[9] Versão Ampliada

[10] *Hans Hinrich Wendt*, "*System of Christian Doctrine*" (Sistema de Doutrina Cristiana), Vandenhoeck and Ruprecht, 1906, Part 2, 368-371. Tradução minha.

[11] NVI nota ao rodapé de ***Deuteronómio 6:4***.

[12] NVI nota ao rodapé de ***Deuteronómio 6:4***.

[13] *Norman L. Geisler*, "*Baker Encyclopedia of Christian Apologetics*" (Enciclopédia Baker de Apologética Cristã), Baker, 1999, pág. 730, cursiva agregada.

[14] ibidem Pág. 129,130.

[15] Enciclopédia Americana, 1949, Volumem 6, pág. 624.

[16] Ocasionalmente também um anjo.

[17] "*The Treasury of David*" (O Tesouro de David), Baker Book House, 1983.

[18] "*Jesus Christ, Names and Titles*" (Jesus Cristo, Nomes e Títulos), "*Evangelical Dictionary of Biblical Theology*" (Dicionario Evangélico de Teologia Bíblica, Baker), 1996, pág. 409.

[19] "*Notes on Psalms*" (Notas sob os Salmos), Fleming Revell, 1947.

[20] *John Walvoord* y *Roy Zuck*, editores "*The Bible Knowledge Commentary*" (O Comentário do Conhecimento Bíblico), Victor, 1983, pág. 73.

[21] "*Reasoning from the Scriptures with the Jehovah´s Witnesses*" (Raciocínio à base das Escrituras com as Testemunhas de Jeová), Harvest House (1993), pág. 162.

[22] Ibidem. Pág. 162.

[23] A forma "*adon*" (Senhor) é encontrada como um título tanto para Deus quanto para o homem. Mas os sufixos encontrados em "*adoni*" e "*adonai*", respetivamente, sempre distinguem as pessoas não divinas de Deus..

[24] "*The Deity of Christ*" (La Deidad de Cristo), Covenant Publishing, 1956.

[25] "*The MacArthur Study Bible*" (A Bíblia de estudo MacArthur), Thomas Nelson, 1997, página 1426.

[26] *William Varner*, "*The Messiah*" (O Messias), citado en Patrick Navas, "*Divine Truth or Human Tradition*" (Verdade Divina o Tradição Humana), Authorhouse, 2007, página 138.

[27] "*The MacArthur Study Bible*" (A Bíblia De Estudo Macarthur), página 1479.

[28] Ibidem. Página 1479-1480. itálico adicionado.

[29] "*Baker Book House*" (Casa do Livro Baker), 1973, página 274.

[30] *David Cooper*, ThM, PhD, Confiante de que o Deus de Israel era Triuno, ele arriscou esta tradução incorreta do "*Shemá*": "O Senhor de nossos deuses é o Senhor da Unidade" (*The Messiah: His Redemptive Career* - O Messias: Sua Carreira Redentora, Biblical Research Society, 1983, pág. 68). Na pág. 67, ele

afirma falsamente que Jeová é chamado de "*adoni*". Mas, na realidade, é um anjo que não é Deus, mas o representante de Deus, a quem ***Juízes 6:13*** chama de "*adoni*" e não de "*Adonai*". O anjo se distingue de Deus nos ***versículos 12 e 22***.

[31] *FW Farrar*, "*The Gospel-According to St. Luke*" (O Evangelho - Segundo São Lucas), Cambridge University Press, 1902, pág. 311.

[32] ***Salmo 110:3***; na Septuaginta isto é ***Salmo 109:3***.

[33] "*The Book of Psalms*" (O Livro dos Salmos) (XC – CL), Cambridge University Press, 1901, pág. 665.

[34] Ibidem. Pág. 666.

[35] O professor também aponta que no ***Salmo 110:5*** o Senhor (Adonai) é Deus, que nesta outra pintura está à direita do Messias em apoio a ele. A imagem da ajuda de Deus a uma pessoa humana também se encontra em ***Salmos 16:8; 73:23; 109:31; 121:5***.

[36] A mesma inconsistência fez com que a KJV capitalizasse o senhor de ***Daniel 12:8*** e ***Juízes 6:13*** na crença errônea de que este era o Filho preexistente como Deus. O RV corrigiu o erro, digitando "meu senhor".

[37] *Herbert Bateman*, "*Salmo 110: 1 e O Novo Testamento*", Bibliotheca Sacra 149, Kt-Dec. 1992

[38] Esses exemplos devem ser examinados: homem ou mulher para homem (***Gênesis 24:12, 27, 42, 48; Números 32:27; 36:2; 1 Samuel 1:25, 26, 28-29***), homem ou mulher para um rei (***2 Samuel 15:21; 24:3; 1 Reis 1:17, 36-37; 2 Reis 5:18***), e masculino para um ser angelical (***Juízes 6:13***).

[39] Alguns escritores judeus viam o segundo Senhor do ***Salmo 110:1*** como Abraão, Ezequias ou Melquisedeque, mostrando que ninguém imaginava que "*adoni*" pudesse se referir a Deus. Os judeus nunca tiveram a menor dificuldade em distinguir entre títulos divinos e humanos.

[40] Os editores desta Bíblia concordaram em remover este erro na próxima impressão, mas não incluíram a palavra "*adoni*" após a remoção.

[41] Carta do "*Christian Research Institute*" (Instituto de Investigação Cristiana), 13 de agosto de 1998.

[42] Ibidem.

[43] A Concordância de Strong não mostra a diferença importante entre "*adoni*" (meu senhor) e "*Adonai*" (o Senhor Deus)..

[44] A Bíblia King James também quebrou sua própria regra em ***Daniel 12:8***. Os leitores devem presumir que "Senhor" ali se refere ao Jesus pré-existente. Mas, na realidade, foi um anjo que foi chamado de "*adoni*". No entanto, muitas traduções modernas traduzem corretamente esta passagem.

[45] "*Lord Jesus Christ*" (Senhor Jesus Cristo), Eerdmans, 2003, pág. 183.

[46] O professor *Howard Marshall* também não esclarece o significado de "*adoni*" no Salmo 110:1. Ele diz que a palavra usada para "senhores e mestres humanos" é "*adon*" (Atos, Comentários de Tyndale, Eerdmans, 1980, pág. 79). Na verdade, porém, esta forma da palavra é "*adoni*", que se refere apenas a não-deuses e governantes, mas nunca a Deus.

[47] É precisamente esta forma de unidade que revela a relação entre dois cristãos e Deus. Jesus reza para que você acredite que seremos "um" (s) como Ele e o Pai são um (***Juan 17:11 y 22***).

[48] *Richard Treffry*, "*An Inquiry into the Doctrine of the Eternal Sonship of Our Lord Jesus Christ*" (Uma Investigação sobre a Doutrina da Filiação Eterna de Nosso Senhor Jesus Cristo), *John Mason*, 1837, pág. 134.

[49] "Meu senhor (*adoni*) o rei" aparece 57 vezes.

[50] Eric Franklin, "*Christ the Lord*" (Cristo O Senhor), Westminster Press, 1975, 54.

[51] O artigo do "*Smith's Bible Dictionary*" (Dicionário Bíblico de Smith) sobre o "Filho de Deus" afirma que o ***Salmo 110:1*** fornece "prova conclusiva da divindade de Cristo". Um editor posterior está justamente surpreso com esta conclusão. Ele escreve em uma nota de rodapé: "Ao atribuir a São Pedro a notável suposição de que Deus fez de Jesus Jeová, o autor deste artigo parece ter negligenciado o fato de que "Senhor" é traduzido como "meu Senhor" (***Salmo 110:1***). onde o equivalente hebraico não é Jeová, mas "*adon*", a palavra comum para "Senhor" ou "Mestre"" (Baker, rep. 1971, p. 3090).

[52] "*Adon*" (Senhor), Brown, Driver, Briggs, "*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*" (Léxico Hebraico e Inglês do Antigo Testamento).

[53] Pesquisas recentes sugerem que "*Adonai*" não significa meu senhor, mas senhor supremo.

[54] "*Lord*" (Senhor), "*The International Standard Bible Encyclopedia*" (A Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional), Eerdmans, 1986, Vol. 3, página 157. "*Adonai*" com uma vogal corta é o raro plural de "*adoni*"! e aparece como um título para los anjos em ***Génesis 19:2***. A incerteza sobre se é um título humano ou divino é extremamente rara, p. B. ***Génesis 19:18***.

[55] *Hastings*, "*A Dictionary of the Bible*" (Um Dicionário da Bíblia), Volumem 3, pág. 137.

[56] "*Dictionary of Deities and Demons in the Bible*" (Dicionário de Divindades e Demônios na Bíblia), Eerdmans, 1999, pág. 531.

[57] "*Theological Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Teológico do Novo Testamento), Volumem 3, pp. 1060-61.

[58] *George Wigram*, "*The Englishman's Hebrew and Chaldee Concordance of the Old Testament*" (A concordância hebraica e caldeia do inglês do Antigo Testamento) "*Psalm 110,1 and the New Testament*", (Salmo 110:1 e o Novo Testamento), Bibliotheca Sacra, octubre-diciembre de 1992, página 438.

[59] Professor *Howard Marshall*, carta, agosto de 1998.

[60] Aqui está uma exceção em grego por causa do endereço direto para "***meu Senhor***" (***Gênesis 44:16***). Assim também em ***Génesis 44:33***.

[61] *David Flusser*, "*Jesus*" (Jesus), Magnes Press, 1997, pags.. 29-30,32.

[62] "*The Problem of Christ in the Twentieth Century*" (O problema de Cristo no século XX), Oxford University Press, 1950, Seite 23,24. Kursivsetzung nachträglich.

[63] Para uma leitura mais profunda e detalhada deste importante e dramático episódio, recomendamos *Lawrence y Nancy Goldstone*, "*Out of the Flames: The Remarkable Story of a Fearless Scholar, a Fatal Heresy and One of the Rarest Books in the World*" (Fora das chamas: a história notável de um estudioso intrépido, uma heresia fatal e um dos livros mais raros do mundo), Broadway Books, 2003.

[64] *Matthews*, "*The Problem of Christ in the Twentieth*" (O problema de Cristo no século XX), 24, 25.

[65] *Albert Nolan*, "*Jesus Before Christianity*" (Jesus antes do cristianismo), Orbis Books, 1992, Seite 5.

[66] *Brian Holt*, "*Jesus: God or the Son of God?*" (Jesus: ¿Deus ou o Filho de Deus?), Tell Way, 2002, Seite 167

[67] *Bauckham*, "*Jesus: God or the Son of God?*" (Jesus: ¿Deus ou o Filho de Deus?), Seite 25, 29.

[68] Ibid. Página 30..

[69] *Ralph Martin* y Peter Davids, "*Dictionary of the Later New Testament and Its Developments*" (Dicionário do Novo Testamento posterior e a sua evolução), Intervarsity Press, 1997, pág. 360.

[70] Ibídem. Pág. 360, 416.

[71] Ibídem. Pág. 416.

[72] *Joseph Fitzmyer*, "*The Gospel According to Luke*" (O Evangelho segundo Lucas) - I-IX (Biblia Anchor), Doubleday, 1981, pág. 203, cursiva agregada.

[73] *Bauckham*, "*God Crucified*" (Deus crucificado), 40, itálico posterior.

[74] ¡A pessoa Itiel (***Nehemías 11:7; Proverbios 30:1***) não era suposto ser Deus! O nome "Deus (está) comigo" assim como Emmanuel "Deus (está) connosco" denota a confiança em que Deus está ativo para eles.

[75] Uma teoria apresentada por alguns trinitários é que o Filho, por assim dizer, se despojou da divindade enquanto estava na terra e a recuperou em sua ascensão. Isso é conhecido como "*kenosis*" ou teoria do vazio e é baseado no segundo capítulo de Filipenses. Outros trinitários rejeitam esta teoria, dizendo que Deus permanece inalterado, então o homem Jesus era totalmente Deus..

[76] O mesmo conceito se presenta em ***2 Coríntios 8:9***.

[77] Existem mais de 50 declarações nas Escrituras que definem Deus, o Pai, como o Criador de tudo, e ***Isaías 44:24*** mostra que Ele foi o único Criador.

[78] *Moulton* y *Milligan* propõem um significado causal com "por causa de" para a preposição em, "em" ("*A Grammar of New Testament Greek*" - Uma gramática do grego do Novo Testamento, T&T Clark, 1963, Vol. 3, pag. 253. "*In him*" ('en auto') certamente não é "dele." É por causa dele, para seu propósito, com ele em mente como intenção.

[79] *W. Robertson Nicoll*, "*Expositor's Greek Commentary*" (Comentário grego do expositor), Eerdmans, 1967, Seite 504.

[80] "*And Can It Be That I Should Gain*" (E Pode Ser Que Eu Ganhe).

[81] "*Dictionary of the Apostolisch Church*" (Dicionário da Igleja Apostólica), Banda 1, Seite 185.

Capítulo 7

Se ao menos tivéssemos ouvido Gabriel

> "***Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus***" (Gabriel, ***Lucas 1:35***).
>
> "'***Por esta razão ele será chamado o Filho de Deus***'. O chamado expressa o que a pessoa é, de modo que significa nada menos do que 'ele será'. A permutabilidade das duas frases é vista comparando ***Mateus 5:9***, '***serão chamados filhos de Deus***' e ***Lucas 6:35***, '***e sereis filhos do Altíssimo***'". **[1]**
>
> "A gênese milagrosa de Cristo na virgem e uma pré-existência real de Cristo são, é claro, mutuamente exclusivas.". **[2]**
>
> "Algumas frases-chave como 'Filho de Deus' continuaram a ser usadas à medida que seu significado mudava gradualmente e isso ajudava a disfarçar o desenvolvimento que estava ocorrendo". **[3]**

Em ***João 10:36***, Jesus falou de sua própria história: ***a quem o Pai santificou e enviou ao mundo***". Com este relato simples, nossos outros evangelhos concordam perfeitamente. A vinda à existência sobrenatural do Filho de Deus fez dele um ser humano singularmente santo e, portanto, Filho de Deus de maneira incomparável. Como o Filho de Deus, o último agente de Deus, ele foi enviado por seu Pai na missão de pregar o Evangelho salvador do Reino (***Lucas 4:43***).

A profecia hebraica havia anunciado o nascimento do Messias em Belém (***Miquéias 5:2***). Deus "ressuscitou" Jesus, isto é, colocou-o no palco da história, **[4]** e então o enviou como Seu comissário para levar o Evangelho a Israel (***Atos 3:26***). Este versículo deve descartar qualquer sugestão de que se Deus "enviou" Jesus, isso deve significar que Jesus estava vivo e consciente antes de sua Conceição. Pedro diz que Deus primeiro produziu o Messias e depois o enviou como Seu representante e profeta autorizado. Os detalhes de como Jesus, o Filho de Deus, veio a ser também o assunto do testemunho unificado e definitivo de Mateus e Lucas, que fornecem de longe os relatos mais extensos e detalhados da origem do Filho de Deus. Ambos os escritores pretendem ancorar firmemente a origem do Filho de Deus na história. E esses escritores fornecem o ABC básico da teologia cristã e estão corretamente colocados no início de nosso cânone.

Nem Mateus nem Lucas nos apresentam um grande problema teológico que requer exércitos de teólogos para explicar. Os relatos bíblicos descrevem o Filho de Deus como o objeto das antigas promessas judaicas — que um descendente biológico da casa real de Davi apareceria como o instrumento de Deus para a salvação de Israel e do mundo. Os comentaristas estão tão acostumados a pensar no Filho como o próprio Deus eterno que instintivamente imaginam que Lucas e Mateus concordam com eles. Escritor de um tratado

sobre "Quem é Jesus?" nos diz que "Lucas ensina que as origens da vida humana de Jesus eram sobrenaturais". Ele não percebe que Lucas descreve a origem da pessoa, o próprio Filho de Deus cuja vida começou na Conceição. Não há o menor indício de que Jesus não seja o humano original de sua mãe. Nosso escritor afirma que Cristo "deve ser confessado como Senhor e Deus", mas não fornece nenhum texto de Lucas ou Atos para apoiar essa declaração surpreendente. Ele pensa que "o filho de Maria foi chamado pelo anjo de Filho do Altíssimo, porque ele era assim desde a eternidade". Mas Lucas e Gabriel não falam nada disso. Muito pelo contrário, Gabriel relaciona o milagre em Maria expressamente ao fato de que Jesus é e se origina como o Filho de Deus. O Filho de Deus tem direito a essa designação porque Deus era seu pai por milagre biológico (***Lucas 1:35***). Nenhuma outra razão é dada, e é completamente desnecessário imaginar qualquer outra origem para o Filho de Deus. ***Lucas 1:35*** é uma declaração completa com base em que Jesus é o Filho de Deus. Mas a teologia posterior introduziu um elemento fatalmente complicado nesses relatos inocentes.

É um alívio passar das muitas tentativas tortuosas de tornar Lucas e Gabriel trinitários, para os relatos muito mais científicos e factuais de Jesus encontrados no "*Theological Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Teológico do Novo Testamento). O autor aborda seu assunto a partir do pano de fundo do AT: "A ligação entre o AT e a imagem judaica do Messias não pode ser contestada. Sobre o Messias do AT, Isaías diz que o espírito de conselho e força repousa sobre Ele (***Isaías 11:2***). Ele o chama de poderoso herói (***9:6***)". **[5]** O dicionário alegremente corrige a tradução incorreta de alguns que tentam ler a teologia trinitária em Isaías e descrevem o Messias como "Deus Todo-Poderoso", apresentando-nos assim o incrível conceito de um segundo Deus Todo-Poderoso! Isaías estava falando sobre um descendente de Davi que seria o "*gibbor*", herói poderoso ou divino.

O dicionário também aponta para a predição de Miquéias sobre o Messias humano: "Miquéias o compara a um pastor e diz que Ele alimentará Seu rebanho com a força do Senhor (***5:4***)". **[6]** Tal representação exclui qualquer ideia de que o Messias será Deus. Ele trabalha no poder daquele que é "***seu Deus***" (***Miquéias 5:4***). O mesmo agente messiânico de Deus é descrito no real ***Salmo 110:2***: "O Senhor [Yahweh] ***enviará de Sião o cetro do seu*** [Messias] ***poder***". A corroboração desta imagem majestosa do Messias com dons sobrenaturais é encontrada em escritos meio século antes do nascimento de Jesus. ***Salmos de Salomão 17:24, 42, 47*** diz:

> "***E Deus o cingiu para derrotar governantes injustos, para purificar Jerusalém das nações que a pisoteiam até a destruição... Deus o fez forte no espírito santo e sábio em conselho com poder e justiça. E o bom prazer do Senhor está com ele em força e ele não será fraco... Forte é ele em suas obras e poderoso no temor de Deus***".

O dicionário observa que:

> em todas essas passagens a imagem do Messias é a do Rei. O poder dado a Ele é um poder vitorioso para derrotar Seus inimigos. É o poder confessado pelo rei de Israel: "***Pois quem é Deus senão o SENHOR? ... Deus é a minha fortaleza ... Pois de força me cingiste para o combate***" (***2 Samuel 22:32, 33, 40***; compare, ***Salmo 18:32, 39***). O rei atribui seu sucesso na batalha ao poder que Javé lhe deu. O Messias é pensado como tal rei, dotado da força de Yahweh. **[7]**

Lucas se comove com a imagem do Messias e relata o poder profético de Jesus demonstrado em seu ministério. Os dois discípulos que caminharam com Jesus ressuscitado no caminho de Emaús sabiam que Jesus era "***varão profeta, poderoso em obras e palavra***" (***Lucas 24:19***). **[8]** A imagem é a de um maravilhoso "novo Moisés". Moisés também foi um homem "***poderoso em palavras e obras***" (***Atos 7:22***). O que mais Lucas nos diz?:

> [Cristo] é único em Sua existência. Sua existência é peculiarmente determinada pelo poder de Deus. Esta é a característica mais importante na história da infância de Lucas... Lucas está aqui descrevendo a conceição de Jesus como o milagre do nascimento virginal... o milagre divino que causa a gravidez... No fundo está a conceição bíblica de Deus que engendra seu Filho por um ato verbal que não pode ser racionalizado... Por isso o Filho tem um nome especial que os outros homens não carregam, a saber, "Filho de Deus"... No início de sua existência, um nome especial e ato único de poder divino... dá a ele o título de "Filho de Deus"... ligando o título messiânico de "Filho de Deus" com o milagre da conceição e nascimento. **[9]**

Deus não se deixou a si mesmo sem uma testemunha poderosa tanto no texto das Escrituras como nos comentários dos estudiosos. Deve ser óbvio para qualquer leitor imparcial quão distantes estão estes relatos sublimes da visão paganizada posterior de Jesus como Filho eterno de Deus, gerado na eternidade, e entrando no ventre da sua mãe de uma existência plenamente consciente como Deus, segundo membro da Trindade.

A Justificação Para Desenvolvimentos Posteriores.

Os escritos teológicos frequentemente nos dizem que a definição correta de Jesus e sua relação com Deus só foi descoberta após séculos de dolorosa luta intelectual. No entanto, a Bíblia parece muito mais simples. Não diz nada sobre um "mistério da Trindade". Isso veio muito depois. Os escritos pós-bíblicos nos convidam a um mundo de pensamento muito diferente. *JS Whale*, em sua "*Christian Doctrine*" (Doutrina Cristã), pergunta:

> Como [a doutrina da Trindade] veio a ser formulada, e por quê? O que isso significa? Assim que a Igreja se voltou para a doutrina sistemática, ela se viu lutando com seus axiomas fundamentais. Uso a palavra "luta" deliberadamente, porque esses axiomas eram, à primeira vista, mutuamente incompatíveis... O primeiro era o monoteísmo, a profunda convicção religiosa de que existe apenas um Deus, santo e transcendente, e que adorar um ou qualquer outro é idolatria. Para Israel e para o Novo Israel da Igreja Cristã, a idolatria em todas as suas formas era o pior pecado. "***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***" (***Deuteronomio 6:4***). "***Eu sou o SENHOR, e não há outro; além de mim não há Deus***" (***Isaías 45:5***). O monoteísmo era o coração vivo da religião do AT; era e é a própria medula da divindade cristã... O pensamento sistemático da Igreja implicava inevitavelmente uma definição mais ampla do monoteísmo, uma elaboração da conceição unitária da Divindade, não em termos de triteísmo, mas de trindade... O pensamento cristão, trabalhando com os dados do NT e usando a filosofia grega como seu instrumento, construiu a doutrina da Trindade na Unidade... A visão popular da Trindade tem sido muitas vezes um triteísmo velado. **[10]**

Esse relato é típico do volumoso material publicado para nos informar como surgiu a Trindade. Incapaz de enfrentar a terrível possibilidade de que a Igreja distorceu o NT em vez de explicá-lo com precisão, nosso escritor fala em palavras discretas de "uma definição mais ampla de monoteísmo, uma elaboração da conceição unitária da Divindade". Pelo menos reconhece que o credo de Jesus não era trinitário, mas afirmava o monoteísmo unitário. Mas trata de forma justa com o desastre que ocorreu quando o próprio credo de Jesus foi transtornado? Por que é permitido redefinir o credo simples da Bíblia? Deus é um. Ele não é três. Um não se tornará três sem uma grande reestruturação de Deus e, portanto, do universo. O NT não contém uma palavra sobre qualquer "luta" com quantas Pessoas no universo podem ser chamadas de Deus supremo. Na verdade, há lutas sobre questões da Lei Mosaica e sua aplicação na Nova Aliança. Mas nenhum de nossos escritores apostólicos jamais abordou o assunto de uma nova definição de Deus, de monoteísmo. O Deus do AT é o Deus do NT. Ele é o Criador e Pai de Jesus. escusado será dizer mais.

Mas a mente pagã gentia não queria se submeter ao credo judaico do fundador judeu da fé cristã. A simplicidade encontrada em Jesus precisava ser elaborada em termos das filosofias da cultura grega. Foi aí que surgiu todo o conflito sobre a identidade de Jesus em relação a Deus.

Assim, também, a Igreja "lutou", de fato lutou da maneira mais imprudente para sair da suposta camisa de força do monoteísmo bíblico, a mesma doutrina que a teria poupado de tantas agonias e divisões posteriores. Para não falar da terrível ofensa que representou para judeus e muçulmanos, uma ofensa particularmente chocante para os judeus cujas Escrituras os cristãos tomaram e depois manipularam para evitar o monoteísmo de Israel, enquanto afirmavam que não o faziam! .

Outras autoridades que comentam o nosso assunto são simples sobre os factos, particularmente se forem historiadores com menos conhecimentos teológicos. A 15ª edição da "Encyclopaedia Britannica" (Enciclopédia Britânica) diz: "Nem a palavra Trindade, nem a doutrina explícita como tal, aparece no NT, nem Jesus e os seus seguidores tentaram contradizer o "*Shema*" do AT: "***o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***" (***Deuteronomio 6:4***)". **[11]**

Este facto é fundamentalmente importante tendo em conta o posterior afastamento da Igreja do credo, que Jesus, ao citá-lo palavra por palavra de acordo com um escriba judeu, certamente não o contradisse! Afirmou-o com toda a ênfase que podia reunir. Quando a Igreja nos tempos post-bíblicos já não se agarrava ao "*Shema*" como seu credo, isto fazia com que os judeus tivessem "as mais sérias dúvidas de que, com a nossa doutrina da Trindade, ainda estávamos a falar do único Deus". **[12]** Uma vez que a Igreja não achou o "*Shema*" de Jesus adequado como uma definição de Deus, é evidente que um credo diferente era considerado necessário. Três, porém, não é um só. E nenhum escritor do NT jamais deu a entender que a língua filosófica grega era uma ajuda necessária para explicar o credo bíblico. Paulo alertou a Igreja para o perigo dos efeitos perniciosos da filosofia (***Colossenses 2:8***). E Jesus advertiu repetidamente que as suas palavras são o único guia seguro para uma relação adequada com Deus e consigo próprio.

Foi o desejo dos gentios de desenvolver uma religião baseada não num Salvador judeu, mas, como era suposto, numa figura universal mais imaginativa e cativante, que levou ao desastre pelo qual o Deus judeu e o seu único Salvador humano foram substituídos. A baixa na palavra guerras, pela qual a Igreja tentou definir Deus e Jesus em termos da filosofia grega, foi o próprio Jesus. A "versão melhorada" da fé fez, sem dúvida, o seu apelo à mente pagã, primando por conceitos de cosmogonia divina, mas a figura messiânica do Filho de Deus e de David encontrada na Escritura foi obscurecida. O resultado final da "des-

Messianização" de Jesus a favor de uma figura religiosa universal pagã foi a perda da descendência do próprio David, arauto da vinda do Reino de Deus sobre a terra. Como *Martin Werner* afirmou sem rodeios, foi uma descida às trevas "após a qual o Jesus histórico desapareceu por completo". **[13]**

Nenhum desvio do credo de Jesus deveria ter sido imaginado como válido de forma alguma. Jesus tinha enraizado a fé cristã no coração do judaísmo. O "*Shema*" era o dogma único e central de Israel, ao qual se agarrava a todo o custo. Jesus, como o fundador da religião cristã, deve ser ouvido e seguido neste tema teológico central.

Lucas Chama-Nos De Volta Ao Messias Jesus

As Escrituras do NT fornecem as suas próprias salvaguardas contra qualquer adulteração da compreensão de quem Deus e Jesus são. Colocando o seu firme fundamento nos factos originais da fé, Lucas fornece-nos exatamente o que precisamos como chave para a identidade de Jesus em relação a Deus. Ele relata que Gabriel anunciou a Maria o nascimento do seu único filho, que também, por um milagre biológico realizado pelo espírito criador de Deus, seria o Filho de Deus.

Este simples registo de Lucas deveria ter posto um fim completo à ideia de que mais do que uma Pessoa era Deus. A explicação inspirada de Gabriel sobre o termo "Filho de Deus" bloqueia qualquer sugestão de que o Filho era Filho por qualquer outra razão que não seja o milagre histórico de gerar causado pelo Pai em Maria. Poucos versos são tão explícitos, tão totalmente inequívocos. Poucos versículos vêm embalados com a sua própria interpretação embutida. Poucos versos estão mais repletos de uma definição teológica clara. E poucos versos sofreram mais às mãos de comentários hostis, quer por serem deturpados, quer, mais eficazmente, por serem simplesmente ignorados..

Refiro-me a ***Lucas 1:35***, um texto que não recebeu a atenção que deveria ter recebido. Talvez haja uma boa razão para isto. As palavras de Gabriel são de facto uma vergonha para a doutrina posterior de Cristo da Igreja, que anulou a informação fornecida pelo anjo.

Em ***Lucas 1:32*** Gabriel deixa claro que o filho de Maria deve ser ao mesmo tempo o Filho do Altíssimo, ou seja, o Filho de Deus. O Altíssimo é o Senhor Deus que "***lhe dará*** [a Jesus] ***o trono de David seu pai, ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim***" (***Lucas 1:32, 33***). O filho prometido é simultaneamente o Filho de Deus e um descendente de David, o seu "pai". Maria já sabe que o seu filho prometido será "Filho do Altíssimo". Mas como, se ela própria ainda não vive com o seu marido, poderá dar à luz um filho? E como poderá ele ser o Filho de Deus?

A resposta à sua pergunta, quando totalmente tomada em consideração pelos leitores da Bíblia, irá mudar para sempre a forma da teologia. A pergunta de Maria é inteiramente justa e recebe a sua resposta cristalina: "***Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também*** [*dio kai*] ***o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus***" (***Lucas 1:35***). Esta é a primeira referência de Lucas a Jesus como "Filho de Deus" (estas palavras precisas). Este é um título que, naturalmente, permeia os registos do NT, refletido particularmente em João com Jesus a chamar constantemente a Deus seu Pai, mais precisamente seu próprio Pai. O ponto a não perder é que Lucas nos dá uma explicação de como, porquê e quando é que o Filho de Deus virá à existência. O Filho deve ser gerado, ou seja, trazido à existência. O Filho de Deus, assim milagrosamente gerado, é também o filho de

Maria e de David. Ele é trazido à existência em virtude do milagre operado por Deus em Maria. De acordo com Gabriel, a constituição de Jesus como Filho de Deus é fundada e enraizada no milagre biológico. "***por isso, também***" Jesus é o Filho de Deus (***Lucas 1:35***). A filiação é assegurada pela intervenção histórica divina.

O anúncio do anjo harmoniza-se perfeitamente com a promessa da Bíblia hebraica de um filho de David que Deus iria gerar e chamar Seu próprio Filho (***2 Samuel 7:12-14***). Deus prometeu fazer deste Filho Messiânico "***Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra***" (***Salmo 89:27***). Estas grandes promessas de pacto encontram o seu cumprimento em Jesus. Ausente da história bíblica está qualquer indício de um Filho vivo antes da sua conceição! Uma ideia tão imaginativa introduz um elemento estranho e uma terrível complicação na promessa facilmente compreensível a David de que o seu descendente seria o Messias e o Filho de Deus.

Lucas, lembre-se, está a expor os factos da fé em que Teófilo tinha sido catequizado (***Lucas 1:1-4***). É impensável imaginar que Lucas acreditou na Encarnação de um Filho pré-existente, e depois tornou impossível aos seus leitores compreenderem tal acontecimento. Expressamente, Lucas, através de Gabriel, deixa claro que a origem única do Filho se baseia no milagre realizado em Maria. O Filho é precisamente e deliberadamente o resultado dessa maravilha biológica, um milagre físico realizado aqui na terra no tempo histórico. Não há nenhuma pista de um Filho a entrar no ventre de uma existência anterior e, portanto, nenhuma pista de qualquer ingrediente para uma doutrina da Encarnação e da Trindade. Para Lucas não existe um Filho eterno. Há uma razão clara para a pretensão de Jesus de ser o Filho de Deus. É a sua origem como Filho em Maria. Qualquer outra "filiação eterna" tornaria as palavras de Gabriel falsas. E se não houver um Filho eterno não pode haver Trindade, e o monoteísmo unitário judaico-cristão permanece intacto.

O comentário de *James Dunn* sobre a visão do Filho de Lucas merece muita publicidade:

> Na narrativa do seu nascimento, Lucas é mais explícito do que Mateus na sua afirmação da filiação divina de Jesus desde o nascimento (***1:32, 35***, nota também ***2:49*** onde Jesus reconhece Deus como seu Pai). Aqui é suficientemente claro que é uma conceição virginal pelo poder divino sem a participação de qualquer homem (***1:34***). Mas aqui também é suficientemente claro que é um germe, um devir, ou seja, a vinda à existência de alguém que será chamado, e de facto será, o Filho de Deus, não a transição de um ser preexistente para a alma de um bebé humano ou a metamorfose de um ser divino para um feto humano. **[14]**

As palavras de *Dunn* devem ser cuidadosamente ponderadas como um reflexo perfeitamente preciso do que Lucas escreveu. Note-se aqui como Lucas contradiz significativamente a noção posterior de que o Filho de Deus era na realidade uma Pessoa pré-existente que nunca existiu, mas que existiu eternamente. Lucas teria falhado miseravelmente no teste de Niceno. Aquele conselho, reagindo contra Arios, pronunciou um anátema condenatório contra qualquer pessoa que ousasse dizer que "houve um tempo em que o Filho não existia". Lucas (e Mateus) declarou nos termos mais claros que a vinda à existência (gerando) do Filho de Deus foi por milagre, há cerca de dois mil anos atrás, no ventre da virgem Maria.

Não existe um Filho pré-existente nesta cristologia de Lucas e nenhuma possibilidade de tal doutrina, que é expressamente excluída com base no facto de a filiação de Jesus se basear numa única razão. O fundamento da filiação de Jesus é a criação milagrosa pelo espírito de Deus em ação na cadeia biológica

humana e assim também assegura a relação de sangue essencial de Jesus com David, como prometido no pacto davídico da Bíblia hebraica como o coração palpitante da esperança de salvação.

"A intenção de Lucas é descrever claramente o processo criativo de gerar". **[15]** O Filho de Deus é-nos assim apresentado na Escritura neste texto plenamente iluminador como o Filho por milagre biológico, realizado numa história relativamente recente. A Encarnação de um Filho que não começou no ventre da sua mãe, e portanto a Trindade posterior, são expressamente excluídas da visão de Lucas.

O teólogo alemão *Wolfhart Pannenberg* concorda:

> Enquanto em Lucas a filiação divina é estabelecida pela atividade onipotente do Espírito divino sobre Maria (***Lucas 1:35***), em Mateus ela é aparentemente ainda mais enfática no sentido de uma procriação sobrenatural (***Mateus 1:18***) ... a singularidade de Jesus [é] expressa na forma do seu nascimento.... [O nascimento virginal] explica a Filiação divina literalmente de tal forma que Jesus foi criativamente gerado pelo Espírito de Deus (***Lucas 1:35***) ...
>
> O nascimento virginal de Jesus está em contradição irreconciliável com a cristologia da Encarnação do Filho de Deus preexistente [e assim com a Trindade]... Jesus tornou-se primeiro o Filho de Deus através da conceição de Maria... [Pré-existência] é irreconciliável com isto: que a Filiação divina enquanto tal foi estabelecida pela primeira vez no tempo. A filiação não pode ao mesmo tempo consistir na pré-existência e ter a sua origem unicamente na procriação divina de Jesus em Maria. **[16]**

Infelizmente, tendo explicado os textos bíblicos com total precisão, *Pannenberg* rejeita todo o acontecimento do nascimento virginal como uma lenda. A sua aceitação, contudo, liberta imediatamente a teologia dos problemas tortuosos da Encarnação, pela qual o Filho de Deus de alguma forma passou por Maria, tendo conscientemente existido antes da sua própria procriação! Lucas e Mateus não sabem absolutamente nada sobre isto, para eles, uma ideia inovadora. Eles não tinham conhecimento de um Filho eterno e por isso lutavam com qualquer "problema" da Santíssima Trindade. A aceitação das Escrituras nesta questão da origem de Jesus — a palavra exata "origem", "génese" é usada em ***Mateus 1:18*** — libertaria o nosso pensamento e permitir-nos-ia ressoar com estes relatos incomparáveis..

O notável comentador católico romano *Raymond Brown*, autor do mais extenso exame das narrativas de nascimento, observa:

> No comentário salientarei que Mateus e Lucas não mostram conhecimento de pré-existência; aparentemente para eles a conceição foi o devir do Filho de Deus... Estamos a lidar com a procriação do Filho de Deus no ventre de Maria através do espírito criador de Deus. **[17]**

Observando que Lucas descreve uma causalidade direta entre a geração milagrosa e a filiação de Jesus, Brown observa: "Na cristologia da pré-existência, uma conceição pelo Espírito Santo no ventre de Maria não produz a existência do Filho de Deus. Lucas aparentemente não tem conhecimento de tal cristologia; a conceição está relacionada causalmente com a filiação divina para ele". **[18]** Esta discrepância óbvia entre Lucas e a visão "ortodoxa" posterior de Jesus como o Filho eterno pré-existente "tem envergonhado muitos teólogos ortodoxos", **[19]** e com razão. De acordo com a visão trinitária de Jesus como Deus, o Filho, a geração virgem não traz o Filho à existência. A doutrina da Trindade, portanto, contradiz terminantemente

a cristologia de Lucas, cuja doutrina do Filho não pode coincidir com a da ortodoxia posterior. Lucas foi evidentemente um "herege" a julgar pelos conselhos posteriores.

O embaraço admitido por *Raymond Brown* deve certamente incomodar os corações dos paroquianos e dos leitores da Bíblia. O dogma "recebido" sobre um Filho de Deus que foi Filho antes de ter sido gerado é uma contradição de Lucas (e Mateus). De acordo com a intervenção de Gabriel Deus para gerar, para trazer à existência, o Seu Filho na história fornece-nos o Salvador Jesus. De acordo com a "ortodoxia", não é este o caso. Maria simplesmente assumiu em si mesma, fornecendo uma "natureza humana impessoal", um Filho que já era Deus e o segundo membro de uma Trindade.

Até agora, a vergonha não levou a Igreja a abandonar a sua própria visão "recebida" de Jesus em favor da visão bíblica. Quando isto finalmente acontecer, a Bíblia terá sido resgatada das camadas de tradições contraditórias que lhe foram impostas com tal punho de ferro.

Algumas das passagens mais brilhantes e instrutivas do NT encontram-se nas descrições de Mateus e Lucas sobre a origem e nascimento de Jesus. A proposta de que "Jesus é Deus" não se enquadra nestes relatos. Maria não concebeu Deus no seu ventre nem deu à luz a Deus como seu Filho! Maria não é "a mãe de Deus" mas "***a mãe do meu Senhor***" (***Lucas 1:43***). Isabel designa assim Maria, empregando o título messiânico criticamente significativo do ***Salmo 110:1***, onde o Messias é de facto "meu senhor" (*adoni*). Chamar Maria "mãe de Deus" tornaria as narrativas de nascimento bíblicas sem sentido. Também derrubaria o monoteísmo. A visita de Gabriel a Maria em ***Lucas 1:26-38*** foi concebida para estabelecer uma base clara e simples para a nossa compreensão de quem é Deus e quem é Jesus, o Filho de Deus em relação ao Deus de Israel. Maria é informada de que o seu filho será o Filho do Altíssimo, isto é, claro, o Filho de Deus. De importância crítica é a revelação de Gabriel sobre a forma como o Filho de Deus virá a existir.

Joseph Fitzmyer comenta sobre ***Lucas 1:35***:

> [Espírito Santo] é compreendido no sentido do AT do poder ativo e criativo de Deus presente no ser humano... A tradição eclesiástica posterior fez algo muito diferente com este versículo. Justino Mártir escreveu: "Não é correto, portanto, compreender o Espírito e o poder de Deus como outra coisa que não seja a Palavra, que é também o Primogénito de Deus" (*Apologia 1.33*). Nesta interpretação, as duas expressões [espírito e poder] da Segunda Pessoa da Trindade estão a ser compreendidas. No entanto, foi apenas antes do quarto século que "Espírito Santo" foi entendido como a Terceira Pessoa... Não há aqui provas na narrativa infantil de Lucas sobre a pré-existência ou encarnação de Jesus. A única preocupação de Lucas é a de afirmar que a origem do Messias de Deus é o efeito do seu Espírito criador em Maria. **[20]**

O comentador evangélico protestante *Frederic Godet* observou:

> Com as palavras "***por isso, também***" o anjo alude às suas palavras anteriores: ele será chamado o Filho do Altíssimo. Poderíamos parafraseá-lo: "E foi precisamente por esta razão que vos disse...". Temos aqui então, da boca do próprio anjo, uma explicação autêntica do termo Filho de Deus, na primeira parte da sua mensagem Depois desta explicação, Maria só pôde compreender o título neste sentido: um ser humano de cuja existência o próprio Deus é o autor imediato. Não transmite a ideia de preexistência. **[21]**

Godet admite que "o sentido trinitário não deve ser aplicado aqui ao termo Filho de Deus". A noção de pré-existência de Jesus Cristo como o Filho eterno de Deus é bastante estranha ao contexto". **[22]**

Lucas, portanto, não era certamente um crente na Trindade ou em Deus, o Filho. *Justino Mártir* e a tradição posterior fizeram, como disse *Fitzmyer*, de facto "fazer algo muito diferente" de ***Lucas 1:35***, Isto significaria que o Filho criou a sua própria conceição na sua mãe! **[23]** A história tinha-se tornado irremediavelmente confusa, e acabou por conduzir a uma visão dogmática enraizada de que o Filho existia eternamente e, portanto, não podia ser verdadeiramente a descendência de David através de Maria, mas simplesmente um visitante de fora de Maria, passando por ela, em vez de nascer, trazido à existência "de" ela. Deus, o Filho da tradição posterior, não é realmente o descendente prometido de David. Uma vez que lhe foi dada uma origem a-histórica, a sua relação com David foi cortada. Nem pode uma pessoa pré-histórica ser um descendente biológico direto da figura histórica de David.

A extensão a que alguns livros padrão sobre a Trindade chegam para negar os brilhantes insights teológicos de Gabriel é bastante notável. O "*Hastings' Dictionary of the Bible*" (Dicionário da Bíblia de Hastings) "propõe exatamente o oposto da fundação de Lucas da filiação de Jesus na concepção virginal: pela concepção milagrosa" **[24],** que os revisores (do RV, 1881) tiveram tanto cuidado em corrigir a tradução aqui.

Se a descrição lucidamente simples de Lucas do Filho de Deus tivesse sido permitida como a doutrina oficial do Filho de Deus, o curso da fé cristã e da história da igreja teria sido muito diferente: "***o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus***" (***Lucas 1:35***) foi suficientemente fácil. Mas quando os evangélicos reescrevem a história bíblica e lêem um Filho de Deus eterno, este é o resultado. *Charles Swindoll*, chanceler do Seminário Teológico de Dallas, escreve:

> No dia 25 de Dezembro os negócios fecham as suas portas, as famílias reúnem-se e pessoas de todo o mundo recordam o nascimento de Jesus de Nazaré... Muitas pessoas assumem que a existência de Jesus começou como a nossa, no ventre da sua mãe. Mas será isso verdade? A vida começou para ele com aquele primeiro sopro de ar judaico? Poderá um dia de Dezembro marcar verdadeiramente o início do Filho de Deus? Ao contrário de nós, Jesus existiu antes do seu nascimento, muito antes de haver ar para respirar... muito antes de o mundo nascer. **[25]**

Swindoll continua a explicar:

> João Baptista nasceu no seu nascimento: teve um aniversário. Jesus nunca veio à existência; no seu nascimento terreno, ele simplesmente assumiu a forma humana.... Eis um pensamento espantoso: o bebé que Maria segurava nos seus braços estava a manter o universo no seu lugar! Os pequenos lábios recém-nascidos que uma vez arrefeceram e choraram formaram as palavras dinâmicas da criação. Aqueles pequenos punhos agarrados uma vez lançaram estrelas para o espaço e planetas para a órbita. Aquela bela carne infantil tinha outrora abrigado o Deus Todo-Poderoso.... Como um bebé comum, Deus tinha vindo à terra.... Vês a criança e a glória da criança-Deus? O que vedes é a Encarnação: Deus vestido de faixas.... Vê o bebé como João o descreve "no princípio" "com Deus". Imagina-o no passado enevoado antes da criação, pensando em ti e planeando a tua redenção. Visualize este mesmo Jesus, que teceu os intrincados padrões do seu corpo, tecendo uma roupa humana para si próprio.... Há muito

> tempo atrás, o Filho de Deus mergulhou de cabeça no tempo e flutuou connosco durante cerca de 33 anos... Imaginem o Criador-Deus embrulhado em faixas de roupa. **[26]**

O Dr. *Swindoll* cita então *Max Lucado* que diz de Jesus: "Ele saiu de casa e entrou no ventre de uma adolescente... Os anjos assistiram enquanto Maria mudava as roupas de Deus. O universo observava maravilhado enquanto o Todo-Poderoso aprendia a andar. As crianças brincavam na rua com ele". **[27]**

O Dr. *Jim Packer* é bem conhecido pelos seus escritos evangélicos. Na sua vasta leitura "*Knowing God*" (Conhecedo Deus), num capítulo sobre "*God Incarnate*" (Deus Encarnado), ele diz sobre a doutrina da Trindade e da Encarnação:

> Aqui estão dois mistérios pelo preço de um — a pluralidade de pessoas dentro da unidade de Deus, e a união da Deidade e da humanidade na pessoa de Jesus. É aqui, no que aconteceu no primeiro Natal, que residem as profundezas mais profundas e insondáveis da revelação cristã. "***o Verbo se fez carne***" (***João 1:14***); Deus tornou-se homem; o Filho divino tornou-se judeu; o Todo-Poderoso apareceu na terra como um bebé indefeso, incapaz de fazer mais do que mentir, olhar, contorcer-se e fazer ruídos, precisando de ser alimentado, mudado e ensinado a falar como qualquer outra criança. E não havia ilusão ou ilusão nisto: a infância do Filho de Deus era uma realidade. Quanto mais se pensa sobre isso, mais surpreendente se torna. *Nada na ficção é tão fantástico como esta verdade da Encarnação*. Esta é a verdadeira pedra de tropeço do Cristianismo. É aqui que os judeus, os muçulmanos, os unitários, as Testemunhas de Jeová... vieram a sofrer... Se ele era verdadeiramente Deus, o Filho, é muito mais espantoso que ele morra do que ressuscite. "Tudo isto é um mistério! O imortal morre", escreveu [*Charles*] *Wesley*... e se o imortal Filho de Deus realmente se submeteu a provar a morte, não é estranho que tal morte tenha significado salvador para uma raça condenada. Uma vez admitido que Jesus era divino, torna-se irracional encontrar dificuldade em qualquer uma destas coisas; é tudo uma peça e fica completamente pendurado. A Encarnação é em si um mistério insondável, mas faz sentido em tudo o resto no NT. **[28]**

Com o maior respeito pelas sensibilidades dos nossos leitores, queremos sugerir que os relatos acima referidos da pré-história e encarnação de Jesus, o Filho de Deus, são gravemente falhos. São profundamente inverosímeis à Bíblia. A situação parece-nos, e a muitos outros na história do cristianismo, semelhante à história da "nova roupagem do imperador". Um rapazinho reparou no facto de que o imperador estava nu quando a maioria foi enganada a pensar que não estava. Ensaiar, ano após ano, uma história de "Deus nascer como um bebé" e o Deus imortal, que assim não pode morrer, morrendo depois numa cruz, não a torna verdadeira. Longe de ser um "mistério", é obviamente uma mistificação de conto de fadas. Isto resulta numa crucificação do princípio Protestante fundamental de que Deus, em Sua graça, *nos revelou os Seus propósitos nas Escrituras e, para que a Sua revelação fosse bem sucedida, Ele falou-nos numa linguagem que está em conformidade com o significado universalmente aceite das palavras e da lógica para Si próprio*. Se este princípio se aplica, então Deus não pode morrer. Ele é imortal (***1 Timóteo 6:16***). **[29]**

Falar de Jesus como Deus e Deus a morrer é dissolver a compreensão mais básica da natureza da Escritura como revelação ao homem. É pronunciar impossibilidades ilógicas. Certamente que devemos plantar-nos na famosa máxima sobre como ler a Bíblia:

> Considero uma regra infalível nas exposições das Sagradas Escrituras, que onde se manterá uma construção literal, o mais afastado da letra é geralmente o pior. Não há nada mais perigoso do que esta arte licenciosa e enganosa, que muda o significado das palavras, como a alquimia faz ou faria com a substância dos metais, fazendo tudo o que lhe agrada, e reduzindo toda a verdade a nada no final. **[30]**

Podemos dizer que, se Deus realmente pretendeu fazer-nos conhecer a Sua vontade humana, deve seguir-se que Ele nos transmitiu a Sua verdade em harmonia com as conhecidas regras de linguagem e significado. Como escreveu um teólogo do século XIX:

> Se as palavras [de Deus] foram dadas para serem compreendidas, segue-se que Ele deve ter empregado linguagem para transmitir o sentido pretendido, [de acordo] com as leis... que controlam toda a linguagem.... Em primeiro lugar, devemos derivar o sentido que as palavras obviamente adotam, tendo em devida conta a existência de figuras retóricas (literárias ou figuras de linguagem). **[31]**

Os paroquianos parecem refletir pouco sobre a extrema falta de lógica de uma virgem gerar que não dá existência à pessoa do Filho, porque segundo a "ortodoxia" essa mesma pessoa já existe! *James Mackey* nos alerta para o agudo problema lógico envolvido em toda a ideia de que alguém pode existir antes de existir:

> É melhor começar com [o problema da pré-existência], não só porque existem aqui dificuldades linguísticas... mas porque conduz diretamente às principais dificuldades encontradas em toda a teologia trinitária e encarnaria... Assim que nos afastamos da sugestão de que algo pode pré-existir por si mesmo, devemos perguntar o que é exatamente... pré-existe o que mais, e em que sentido o faz... Não é preciso um sistemático com um grau extraordinário de perspicácia para perceber como os próprios exegetas são frequentemente as vítimas involuntárias no decurso do seu trabalho mais profissional de pressupostos sistemáticos bastante dogmáticos (isto é, acríticos). **[32]**

Os credos da igreja negam que o Filho de Deus tenha tido um começo de existência! Lucas e Mateus dizem enfaticamente que Ele teve. Segundo o Trinitarismo, o Filho de Deus foi gerado na eternidade e como o Filho de Deus não teve início no tempo. Tal linguagem sobre a "eterna procriação" é totalmente estranha à Bíblia e tão intrigante para o leitor comum ou frequentador da igreja como para o profundo estudante do significado das palavras. *To "beget"* significa em inglês trazer à existência, causar a existência. A palavra é utilizada inúmeras vezes no AT e NT para descrever a procriação de filhos pelos pais ou o seu nascimento para as mães. Ninguém deve ter qualquer dificuldade em compreender o seu significado. Não têm, até caírem sob o feitiço da "linguagem da igreja", que inventou significados inauditos para palavras comuns e erigiu todo um sistema teológico sobre estas definições inovadoras que nenhum léxico irá apoiar. O próprio facto de se dizer que o Filho de Deus é *gerado* — e "gerado em" Maria como diz ***Mateus 1:20*** **[33]** — deveria eliminar de uma só vez qualquer possibilidade de o Filho sem começo ser um Deus eterno. Tudo o que é necessário é que deixemos a Bíblia falar e deixemos de permitir que os "pais da igreja" ou credos afoguem o simples ensinamento sobre a origem do Filho de Deus. O Filho não foi apenas "nascido da virgem Maria", mas foi trazido à existência como o Filho de Deus pela intervenção directa do seu criador, utilizando a cadeia biológica humana.

O insulto supremo ao texto da Escritura ocorreu quando os conselhos posteriores da igreja pronunciaram um anátema contra qualquer pessoa que ousasse desafiar a noção de que o Filho de Deus não existia literalmente desde a eternidade! Gabriel, Maria e Lucas teriam caído sob essa proibição. O anjo anunciou a procriação, a vinda à existência, do Filho de Deus.

Deve ser óbvio que se Deus é um só Senhor (***Deuteronómio 6:4; Marcos 12:29***), não pode haver outro Deus ao lado d'Aquele que é também Senhor coeternamente. É igualmente claro que se o Filho de Deus veio à existência (gerado) Ele não pode ter existido sempre! Este simples facto destrói os credos antigos, que por vezes eram impostos com ameaças de castigo ou mesmo de morte, forçando-nos a acreditar que Jesus era o Deus Filho não criado, igual ao seu Pai desde a eternidade. O anátema acrescentou mais tarde aos credos banidos da comunhão qualquer pessoa que ousasse declarar que "houve um tempo em que o Filho não existia". Ironicamente, Lucas e Mateus teriam sido dos primeiros a serem dispensados da comunhão. E Jesus teria sido inelegível para ser membro da igreja?

O ensino conciso de Gabriel sobre quem Jesus é parece ser uma das secções mais negligenciadas da Escritura. Não admira. É uma vergonha considerável para a visão tradicional de Jesus como Deus, o Filho. Primeiro aprendemos que Maria deve ter um filho que deve herdar o trono há muito prometido de David. A promessa foi baseada na famosa e preciosa aliança feita com David, registada em ***2 Samuel 7; 1 Crónicas 17 e Salmos 2, 72, 89 e 132***. Nessas passagens notáveis o Deus de Israel anunciou a sua intenção de se tornar, no futuro, o pai de um descendente biológico do Rei David. Esse Filho seria o "***meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra***" (***Salmo 89:27***). É exatamente esta promessa que Lucas e Mateus explicam como historicamente cumprida em Jesus. A promessa messiânica de Deus tornou-se realidade há cerca de dois mil anos, como o acontecimento mais espantosamente significativo em toda a história do mundo. Deus tornou-se o pai do Seu filho *no tempo, em Israel, e de acordo com a promessa.*

Ao saber que ela é a jovem judia favorecida que será a mãe do Messias há muito prometido, herdeiro do trono de David, Maria pergunta muito razoavelmente ao anjo: "***Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?***" (***Lucas 1:34***). O seu pedido era de mais informações sobre o cumprimento do plano divino, e Gabriel explicou: "***descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer*** [ou possivelmente, 'a nascer'] ***será chamado Filho de Deus***" (***Lucas 1:35***)..

Quando esta passagem bíblica for levada a sério, provocará uma revisão de quase dois mil anos de pensamento distorcido sobre o que significa para Jesus ser o Filho de Deus. Poderia esta parte da Escritura ser compreendida para ensinar que um Filho de Deus eternamente existente deixaria o seu estado celestial e seria introduzido no ventre de Maria, sendo reduzido de alguma forma misteriosa a um feto e emergindo como alguém que é plenamente Deus e plenamente homem?

Seria absurdo sugerir que Gabriel pretendia uma tal ideia. Pelo contrário, ele afirma que o poder do Deus Único, o Altíssimo, trará um milagre biológico e criativo em Maria. Os factos são simples. O Altíssimo, trabalhando através do Seu próprio espírito criativo pessoal, trará a concepção do bebé, sem o benefício de um pai humano. A criança assim milagrosamente trazida à existência, gerada, será justamente chamada o Filho de Deus. **[34]** O acontecimento será uma repetição, com algumas diferenças, da criação inicial de Adão, a quem Lucas também chama "***filho de Deus***" (***3:38***). Uma vez que Deus intervém na cadeia biológica humana e pessoalmente traz consigo a geração ou conceição de Jesus, ele é muito adequada e

razoavelmente o Filho de Deus, o Filho de Deus num sentido único como a criação direta do Deus Único. Ele é o próprio Filho de Deus. Mas ele não é o próprio Deus.

Um facto é indiscutível. O Filho de Deus é uma criatura, miraculosamente procriada por uma maravilhosa intervenção do próprio Deus, gerando o seu Filho em Maria. Esta simples verdade não requer mais do que um punhado de palavras bem escolhidas, certamente não séculos de disputas teológicas. "O poder do Altíssimo irá ofuscar-te, Maria, e é precisamente por isso que o único gerado será o Filho de Deus". O milagre, portanto, é a base para Jesus ser o Filho de Deus. Esta é a explicação do que significa chamar a Jesus o Filho de Deus. A base teológica para a sua filiação é o milagre realizado pelo Deus Único, seu Pai. Não é necessária qualquer outra explicação. De facto, qualquer especulação de que Jesus é o Filho de Deus por qualquer *outra razão* **[35]** interfere desastrosamente com o relato bíblico. Há uma explicação e uma razão para a filiação de Jesus: é o milagre histórico realizado no ventre de Maria. Muito poucos versículos bíblicos contêm as suas próprias definições teológicas. Mas ***Lucas 1:35*** fornece a definição bíblica de Jesus como o Filho de Deus.

O enredo fornecido por Lucas e Gabriel é o clímax das antigas promessas de Deus dadas à humanidade, a Abraão e a David. A história é drasticamente minada e alterada se de repente, sem aviso, o Filho de Deus, longe de ser um descendente de David, for na realidade um Filho que já existe!

Maria concebeu o Filho de Deus. Deus o Pai gerou-o. Não há nenhum visitante do espaço exterior. Tal figura seria um intruso a transformar a história bíblica em mitologia.

Será perfeitamente óbvio que a criação ou procriação do Filho não representa a menor ameaça ao monoteísmo unitário judeu que permeia o NT. O Filho de Deus não é um segundo Deus que vem do céu, metamorfoseado num feto. O Filho de Deus é o resultado miraculoso do ato de criação e de gerar de Deus. O Filho é uma criatura, um membro da raça humana, divinamente trazida à existência.

Se este relato fosse acreditado, poderia ter salvo à Igreja séculos de disputas inúteis e furiosas sobre o que significa que Jesus é o Filho de Deus e como devemos pensar na sua relação com Deus. Não há nenhum "problema" abstruso a ser resolvido aqui. A história é lucidamente simples. A história é sobre o Único Deus que escolheu soberanamente gerar um Filho único na história humana, numa mulher judia. Essa progênie milagrosa seria, por essa razão, logicamente chamada o Filho de Deus. (***Lucas 1:35***).

Luke escreveu mais sobre o NT do que qualquer outro escritor. Paulo escreveu muito, mas se excluirmos os hebreus, ele escreveu menos do que Lucas. Lucas escreveu sobre Jesus, tanto antes como depois da cruz. Ele é uma importante testemunha do cristianismo nos seus dias primitivos. Em que acreditava Lucas acerca de Jesus: "Para Lucas, Jesus é sobretudo Messias, Senhor e Filho de Deus, e é-o desde a conceição virginal em diante". **[36]** Simples e claro. "As narrativas da infância parecem não ter qualquer contacto com as tradições da pré-existência e da encarnação". **[37]** Não há aqui qualquer indício de Jesus Trinitário. Lucas também chama a Jesus antes da sua crucificação "senhor", mais do que qualquer outro escritor. Isto prova simplesmente que para Lucas Jesus é o Senhor Messias. Como ele é Filho de Deus, Messias e Senhor é explicado muito claramente em ***Lucas 1:35***, provavelmente o versículo mais esquecido em todo o NT.

Os documentos originais do NT não produzem uma doutrina de Deus como Trindade. O melhor que se pode argumentar a favor do Trinitarismo é que este apela a algumas declarações "triádicas" que coordenam Deus, Jesus e o Espírito Santo. Mas estes versículos, que não abordam diretamente a questão do credo ou

confissão, não chegam à conclusão mais tarde ensinada como "ortodoxia" de que os três se resumem ao Deus Único.

O "*New International Dictionary of New Testament Theology*" (Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento) relata estes factos:

> Jesus Cristo não usurpa o lugar de Deus. A sua unicidade com o Pai não significa uma identidade absoluta de ser.... Após a conclusão da Sua obra na terra, Ele foi certamente elevado à mão direita de Deus e investido com a honra do Senhor celestial. Mas Ele ainda não foi feito igual a Deus. Embora plenamente coordenado com Deus, permanece subordinado a ele (compare, ***1 Coríntios 15:28***). Isto também se aplica à sua posição como sumo sacerdote eterno no santuário celestial, segundo os hebreus. (compare, ***Salmo 110:1***). **[38]**

A mesma autoridade salienta que textos que muitas vezes afirmam referir-se a Cristo como "Deus", tais como ***Romanos 9:5***, "estão em disputa". Ele diz que a "explicação muito mais provável é que a referência é ao Pai" nesse versículo. **[39]** ***Tito 2:13*** pode falar da "glória do grande Deus e do nosso Salvador Jesus Cristo", por isso não iguala Jesus a Deus. O texto não pode ser considerado como prova da Deidade de Jesus, uma vez que as traduções variam devido à ambiguidade gramatical do grego.

A evidência direta para a resposta à nossa pergunta sobre quantos Deus é não é decidida por um punhado de versículos gramaticalmente ambíguos, mas por aqueles textos que definem brilhante e diretamente o credo de Jesus, pelo qual ele mostra seu imutável judaísmo: Deus é uma Pessoa, seu Pai, e Jesus é o agente humano supremamente elevado desse Deus Único. Assim, o credo da Bíblia Hebraica e de Jesus é mantido, não contestado por concepções gentias estrangeiras de Deus.

Jesus, o Messias, "Senhor, filho de Davi" (Mateus 15:22; 20:31)

"Jesus é Deus" tornou-se para muitos a marca de uma compreensão correta de quem é Jesus. No entanto, no contexto do primeiro século do NT, teria sido ouvido como "Jesus é o único Deus de Israel". Uma vez que aquele Deus único era conhecido por não ser um homem, qualquer um com mais de um metro e oitenta de altura andando pela Palestina não poderia alegar ser DEUS sem parecer que estava louco. O pior que eles poderiam dizer sobre Jesus em seu julgamento não era que ele afirmava ser o Criador do céu e da terra, mas o Filho de Deus (***João 19:7***). E naqueles dias, ao contrário dos nossos, ninguém pensava que Filho de Deus = o próprio Deus!

Aqueles cegos confiantes que apelaram a Jesus para restaurar sua visão sabiam quem era o Messias. Eles se dirigiram a ele não como o Senhor Deus, mas como "***Senhor, filho de Davi***" (***Mateus 20:31***). Eles sabiam que Deus não era um homem. Eles sabiam que o Messias era descendente de Davi e de seu Senhor messiânico. Todos em Israel sabiam que o Deus Único estava no céu governando o universo. Ele não estava confinado a uma estrutura humana judaica — tendo abdicado de sua posição no universo (permitindo-se controlar a si mesmo?). Eles nunca tinham ouvido falar da doutrina posterior da Encarnação.

Jesus nunca disse algo tão louco como "Eu sou o único Deus". Ele sempre afirmou ser o Messias e todos sabiam que o Messias era o prometido rei ungido de Israel, não Deus, mas o Filho de Deus. Felizmente, em nossos dias, as nuvens da confusão estão se dissipando e a luz da verdade está emergindo mais uma vez.

Não é que essa verdade não tenha sido conhecida antes, mas está amplamente perdida em bibliotecas empoeiradas ou livros acadêmicos.

No muito famoso *Fuller Theological Seminary*, na Califórnia, o distinto professor de teologia sistemática escreveu: "Para ser um 'Filho de Deus' é preciso ser um ser diferente de Deus! É uma designação para uma criatura que indica um relacionamento especial com Deus". **[40]** Com essa simples declaração, o mundo do estudo da Bíblia avança dramaticamente. Filho de Deus. Deus e filho de Davi. O Messias (Cristo) é o Filho de Deus e nessa proposição fundamental da rocha (certamente não na proposição de que Jesus é Deus!) a Igreja de Jesus Cristo deve ser fundada de forma estável (***Mateo 16:16-18***).

Como Jesus é o Filho de Deus? Quando ele se tornou o Filho de Deus? Esta é uma pergunta fácil, mas a tradição da igreja não a responde bem. Experimente com seus amigos, para uma conversa animada. Lucas respondeu à pergunta de uma forma que deveria silenciar todas as objeções (embora na prática você possa descobrir que não!).

Foi missão do poderoso anjo Gabriel informar-nos, através de uma conversa com a jovem judia Maria, sobre como Jesus é o Filho de Deus. Que alegria e bênção podermos fazer parte dessa conversa, gravada, copiada e preservada de forma tão meticulosa ao longo de todos estes anos. Podemos ouvir enquanto Gabriel confronta Maria num breve diálogo, revelando os segredos do universo.

Contudo, temos de estar preparados para alguns choques reais: a teologia do Filho de Deus de Gabriel e Lucas e Mateus está longe dos ensinamentos tradicionais trinitários posteriores de um "Filho eterno" que não teve início!

O Filho de Deus bíblico e David é a cabeça da Nova Criação. Ele é o primogénito, temos o prazer de relatar, entre muitos irmãos e irmãs (***Romanos 8:29***). Daí a sua importância vital para todos nós que estamos interessados na busca da imortalidade.

Jesus é o Filho de Deus e o filho de Maria desta forma: "***Descerá sobre ti o Espírito Santo*** [Maria] ***, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus***" (***Lucas 1:35***). Está isto claro? A razão e a base do título Filho de Deus é o milagre em Maria. É esse milagre criativo que, marcando o maior acontecimento da história humana até agora (além da própria criação em Génesis), traz à existência (é o que significa "gerar") o Filho de Deus.

Agora note-se o que aconteceu três séculos depois quando os conselhos da igreja (Nicéia, 325; Constantinopla, 381; Calcedónia, 451), sem dúvida pensando que estavam "prestando um serviço a Deus" (***João 16:2***), decidiram anatematizar formalmente qualquer um que se atrevesse a fazê-lo. Gabriel e Maria teriam estado em sérios problemas naqueles dias! Teriam sido excomungados por serem anticristãos. O rótulo de culto teria certamente sido aplicado. Mas será que Maria e Gabriel mereciam realmente o rótulo de culto, ou será que há muito tempo a Igreja tinha perdido o seu entendimento imaculado de quem era e é o verdadeiro Jesus?

O Filho de Deus foi produzido sem o benefício de um pai humano. Essa intuição foi suficiente para fornecer uma teologia clara do Filho de Deus, uma cristologia indispensável. Mas o homem sendo homem, e o Diabo sendo subtil, conseguiu arruinar aquela história simples do maravilhoso acto criativo de Deus. A ideia era inteligentemente avançada de que Jesus tinha pré-existido. Pré-existido? Quer dizer que existia antes de Ele existir? Era antes de Ele existir? Explique isso, se puder, aos seus amigos, ou aos seus filhos.

Tentar explicá-lo provavelmente vai deixá-los confusos e, esperemos, levá-los de volta à tábua de desenho bíblico. Não pode existir se já existir. Não pode ser humano e pré-humano. Assim, sob o pretexto do termo muito enganador "Cristo pré-existente", outro Cristo pré-histórico foi acrescentado à história bíblica, afetando-a negativamente no seu próprio coração. A origem de Cristo, o Filho de Deus, em Maria, foi atirada para a confusão.

Uma vez que havia um Jesus pré-existente e um Jesus post-existente, um "antes e depois de Jesus" era impossível para ele ter um começo em Maria. Mas, para ser gerado, é preciso ser trazido à existência. Este é o caso de todos os seres humanos. Isso é o que significa ser gerado: ser trazido à existência.

Assim, engenhosamente, o Jesus que desceu de David e que nasceu como Filho de Deus em Maria segundo as promessas juradas de Deus a Abraão e a David (***Génesis 12; 13; 15; 15; 17; 2 Samuel 7***), foi efetivamente eliminado. Não poderia haver um verdadeiro descendente linear de David como o Messias se esse Filho de Deus já estivesse vivo.

Isto pode exigir uma reflexão cuidadosa (até Maria "***guardava todas estas palavras, meditando-as no coração***", ***Lucas 2:19***), mas não se pode existir antecipadamente. Não se pode ser antes de se ser. Um Jesus "pré-existente" parece ser "outro Jesus" no seu conjunto, aquele que por definição não pode ser o descendente linear e biológico de David (que ele deve ser para se qualificar como o Messias). É claro que ele deve ser o próprio Filho de Deus, e esta verdade está assegurada e enraizada na conceição virginal. Assim, a negação da conceição milagrosa/engendrada em Maria também desfigura a identidade do verdadeiro Jesus. A cristologia é realmente importante e não é uma preocupação doutrinal abstrusa para teólogos eruditos e remotos! Conhecer o Jesus da Bíblia é importante para a vida da época vindoura. Jesus disse isto em ***Juan 17:3***.

Se existir antes do seu nascimento, não é gerado como ser humano; é metamorfoseado de uma existência para outra. A pré-existência torna impossível a procriação. Ou como o "príncipe da história da igreja" *Adolf Harnack* e outros protestaram há muito tempo, a procriação e o nascimento virginal contradizem a ideia de pré-existência literal. As igrejas têm conseguido conciliar as duas ideias contraditórias e parecem esperar que não se pense o suficiente nelas para ver que elas se anulam mutuamente.

Um Quadro Textual

Aqui está o esboço bíblico para identificar o verdadeiro Messias no meio da considerável confusão que assola hoje a nossa cena religiosa após muitos anos de disputas e desacordos. A espinha dorsal da Escritura e a sua trama messiânica é fornecida pela maravilhosa promessa de que o Deus de Israel um dia se tornaria o pai de um filho único, o último Adão e filho de David. A revelação concedida a David é inequivocamente clara:

2 Samuel 7,12-14: O Messias será um descendente de David. Deus será o seu pai. Ele será o filho de Deus. Ele terá o trono de David para sempre..

Isaías 49:5: "*Mas agora diz o SENHOR, que me formou desde o ventre para ser seu servo, para que torne a trazer Jacó e para reunir Israel a ele , porque eu sou glorificado perante o SENHOR, e o meu Deus é a minha força …*"

Lucas 1:32, 33, 35: O filho sobrenaturalmente gerado de Maria será o Filho de Deus. O seu pai é David. Ele terá o trono do seu pai David para sempre.

Mateus 1:18, 20: A génese de Jesus faz com que o bebé de Maria seja "aquele que nela nasceu".

Romanos 1:1-4: O Evangelho de Deus foi prometido nos profetas. O Filho de Deus veio à existência (*egeneto*) como descendente de David. Foi mais tarde declarado Filho no poder pelo poderoso ato de Deus que provocou a sua ressurreição.

Hebreus 1:5: O Filho de Deus é o profetizado no ***Salmo 2:7*** y ***2 Samuel 7:14***.

Salmo 2:7: Deus o gerou: "***Eu Hoje te gerei***"..

Salmo 110:3 **(LXX)**: "*Desde o ventre Eu te gerei, ante da estrela da manhã"*..

Salmo 89:26, 27: *Tu és meu pai. "Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra"*.

Hebreus 1:6: Deus o trouxe ao mundo: "*ao introduzir o Primogênito no mundo*".

Hebreus 7:14: Nosso Senhor é um descendente de Judá.

Apocalipse 22:16: O Messias é a linhagem e descendente de Davi.

2 Timóteo 2:8: Jesus é um descendente direto de Davi de acordo com o Evangelho de Paulo.

1 João 5:18: Jesus "foi gerado".

Atos 13:33: Deus ressuscitou-o, produziu Jesus gerando-o (***Salmo 2:7***), e depois ressuscitou-o dentre os mortos. (***Atos 13:34***).

Salmos de Salomón 17:23: "*Ó Senhor, levantai por eles o seu rei, o filho de David, no tempo em que Vós, ó Deus, vedes que ele possa reinar sobre Israel, vosso servo*".

Como o plano de Deus para o Seu Filho Messiânico se desdobra maravilhosamente. Deus é verdadeiramente um, e o Seu Filho é o ápice da Sua incrível criação e propósito para todos nós.

A espinha dorsal do Plano Divino revelado nas Escrituras é fornecida pela maravilhosa promessa de que o Deus de Israel se tornaria um dia o pai de um filho único. A revelação concedida a David é inequivocamente clara em ***2 Samuel 7:14***. Na verdade, todo o futuro divino, que é também a base do NT, encontra-se na promessa de que Deus tem a intenção inabalável de governar o mundo através de David e da sua família:

> "***Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que cumprirei a boa palavra que proferi à casa de Israel e à casa de Judá. Naqueles dias e naquele tempo, farei brotar a Davi um Renovo de justiça; ele executará juízo e justiça na terra. Naqueles dias, Judá será salvo e Jerusalém habitará seguramente; ela será chamada SENHOR, Justiça Nossa. Porque assim diz o SENHOR: Nunca faltará a Davi homem que se assente no trono da casa de Israel; nem aos sacerdotes levitas faltará homem diante de mim, para que ofereça holocausto, queime oferta***

> ***de manjares e faça sacrifício todos os dias. Veio a palavra do SENHOR a Jeremias, dizendo: Assim diz o SENHOR: Se puderdes invalidar a minha aliança com o dia e a minha aliança com a noite, de tal modo que não haja nem dia nem noite a seu tempo, poder-se-á também invalidar a minha aliança com Davi, meu servo, para que não tenha filho que reine no seu trono; como também com os levitas sacerdotes, meus ministros***". (***Jeremías 33:14-21***).

Jeremías 30:9: "*que servirá ao SENHOR, seu Deus, como também a Davi, seu rei, que lhe levantarei*".

De los Rollos del Mar Muerto: "*Quando Deus tiver gerado o Messias entre eles*" (1QSa. 2:11). *O esperado Messias Davidico é descrito na língua de 2 Samuel 7, associado ao Salmo 2:7* (4QFl. 1:10). *Um rei poderoso será saudado como o Filho de Deus e será chamado Filho do Altíssimo* (4QpsDan A; compare, Testamento de Levi 4:2).

Esta história simples é seriamente complicada e alterada ao sobrepor-lhe a ideia de que o Filho de Deus foi gerado (veio à existência) milhares de milhões de anos antes e, portanto, não era um descendente biológico de David, mas o antecessor de David num outro reino. O conceito trinitário, de facto, apaga na história o verdadeiro descendente de David, que é o Messias sobrenaturalmente gerado. Não se pode ser tanto o antepassado como o descendente de David.

A Igreja passou séculos a tentar construir um relato inteligível da nova história de Jesus que eles tinham inventado. A tentativa foi um fracasso e o filho messiânico de David e Deus foi obscurecido. O Jesus judeu é o descendente prometido de Eva, de Abraão, de Judá e de David. Ele é herdeiro daquele trono permanente de David que será restaurado numa terra renovada de Israel. Este acontecimento é prometido para o futuro quando Jesus regressar. É também um elemento crítico no evangelho salvador do Reino de Jesus.

A simples verdade sobre a origem de Jesus, preservada no relato de Lucas sobre a visita de Gabriel a Maria, é felizmente plenamente confirmada pelo enorme "Theological Dictionary of the New Testament" (Dicionário Teológico do Novo Testamento): "[a] existência de Cristo é peculiarmente determinada pelo poder de Deus. Esta é a característica mais importante da história infantil de Lucas... [Lucas] percebe no *início da Sua existência* um acto especial e único de poder divino que lhe dá o título de *Filho de Deus*". **[41]**

O mesmo indivíduo não existe duas vezes! O nascimento do Filho em Maria é definido como o início da existência do Filho. A sua origem está devidamente dentro da cadeia biológica humana, caso contrário não pode ser da linha de David. Caso contrário, ele não pode ser da linhagem de David. Ele deve ser isto, a fim de afirmar a sua pretensão de ser o Messias prometido..

Este facto fundamental sobre o NT testemunha da Filiação de Jesus, tão drasticamente obscurecido pela argumentação teológica posterior, foi afirmado pelo célebre teólogo suíço *Oscar Cullmann*, que escreveu: "Mateus e Lucas... tentem, através das narrativas de infância, explicar a Filiação de Jesus, e levantar o véu da questão 'como' o Pai gera o Filho.... Com a sua abordagem completamente filosófica, mais tarde especulações cristológicas tentaram explicar este 'como' de uma forma diferente". **[42]**

Aqui temos as boas e as más notícias em conjunto. Infelizmente, a bolsa de estudo é anémica por não nos avisar dos perigos de redefinir a filiação *mais tarde* em termos "diferentes". Infelizmente, essa diferença não foi apenas uma alternativa agradável, mas uma rejeição das Escrituras e, em particular, das narrativas de nascimento de Mateus e Lucas, que nada sabiam de uma Encarnação de um Filho anteriormente

existente. Mais tarde, a encarnação impôs a sua própria narrativa ao descrever não uma geração do Filho, mas a sua transformação de uma forma de existência para outra. Isto contradiz a Bíblia.

Vozes de Protesto.

Várias vozes levantaram-se em protesto contra o que mais tarde se tornou a versão oficial da Igreja sobre as origens do Filho de Deus. O seu início deveria ter sido na pré-história. Ele foi apresentado como um rival aparente do Único Deus, igual a Ele em todos os sentidos, mesmo Auto existente. Porque a linguagem da procriação era bíblica, foi retida, mas esvaziada de um significado reconhecível. O comentador *Adam Clarke* foi um dos muitos que protestaram contra a linguagem confusa que atribuía uma filiação não bíblica a Jesus:

> Com todo o respeito pelos que diferem, devo dizer que a doutrina da eterna Filiação de Cristo é antibíblica e altamente perigosa. Rejeito esta doutrina pelas seguintes razões: não consegui encontrar na Escritura nenhuma declaração expressa nesse sentido... Dizer que o Filho foi gerado desde toda a eternidade é, na minha opinião, um absurdo. E a frase "Filho eterno" é uma autocontradirão positiva. "Eternidade" é aquilo que não teve início, nem se encontra em qualquer referência ao tempo. "Filho" pressupõe tempo, geração, e pai e tempo também anterior a tal geração. Portanto, a conjunção destes dois termos "Filho" e "eternidade" é absolutamente impossível, uma vez que eles implicam essencialmente ideias diferentes e opostas. **[43]**

Igualmente franco foi o protesto do poeta, político e teólogo britânico *John Milton*. Refletindo sobre os credos "ortodoxos" da Igreja, ele observou:

> É maravilhoso, por causa de que subtilezas fúteis, ou melhor, por que artifícios de malabarismo, certos indivíduos tentaram fugir ou obscurecer o significado simples destas passagens... Eles sustentam que o Filho é também coessencial com o Pai, e gerado de toda a eternidade... É impossível encontrar um único texto em todas as Escrituras para provar a geração eterna do Filho. **[44]**

J. O. Buswell, antigo Reitor da Escola de Pós-Graduação, Covenant College, St. Louis, Missouri, examinou o tema da iniciação do Filho na Bíblia e concluiu com estas palavras. Ele escreveu como um Trinitário:

> A noção de que o Filho foi gerado pelo Pai no passado eterno, não como um acontecimento, mas como uma relação inexplicada, tem sido aceite e mantida na teologia cristã desde o quarto século... Examinámos todos os casos em que "gerado" ou "nascido" ou palavras relacionadas são aplicadas a Cristo, e podemos dizer com confiança que *a Bíblia nada tem a dizer sobre "gerado" como uma relação eterna entre o Pai e o Filho*. **[45]**

Não menos forte foi a exclamação do Professor *Nathaniel Emmons* de Yale (1745-1850) de que "geração eterna" é "um disparate eterno". **[46]** *Emmons* era um lógico aguçado com um estilo teológico conciso e lúcido. É duvidoso que a frase trinitária de importância crítica "geração eterna" deva ser classificada como mais inteligível do que "cubos de gelo quente", "solteiros casados" ou "círculos quadrados".

Se "*The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*" (A Nova Enciclopédia Schaff-Herzog do Conhecimento Religioso) tivesse sido consultada, os leitores da Bíblia teriam sido advertidos contra o conceito subjacente à Trindade de que o Filho foi "gerado eternamente". "Assim, a doutrina da geração eterna como base da pré-existência carece de apoio na Bíblia". **[47]** Os protestantes que levaram a sério o seu slogan "*sola scriptura*" poderiam ter abandonado em segurança a ideia da geração eterna e voltado a acreditar no único Deus e Jesus como o Messias humano.

É apenas lendo certos versículos em João, e muito poucos em Paulo e Hebreus, através de lentes trinitárias que o creedalismo unitário de Jesus é evitado e obscurecido. Começando com a Bíblia hebraica e levando a sério os relatos do NT sobre a origem de Jesus e o seu próprio Unitarismo de Credo, o Unitarismo proporcionará a correcção necessária e esclarecedora..

Alexander Campbell, Barton Stone e A Igreja de Cristo

Da mesma opinião sobre esta questão crucial da origem do Filho de Deus, foi o fundador da denominação da Igreja de Cristo. *Barton Stone* foi expresso na sua denúncia de um dos principais pilares do trinitarismo:

> Sobre esta doutrina [da Trindade] muitas coisas são ditas que são obscuras, ininteligíveis, não escrituráveis, e demasiado misteriosas para serem compreendidas. Muitas destas expressões que rejeitamos; e por isso somos acusados de negar a própria doutrina. Eu ... darei as minhas razões para não a poder receber ... Espero que esse mistério seja invocado como o grande argumento para refutar e encobrir essas dificuldades. Mas será que nos devemos cobrir com o manto do mistério, tecido pelas nossas próprias mãos ... Um mistério que destrói a eficácia do Seu sangue... e envolve tantos absurdos e contradições? Mistério é um dos nomes da meretriz da Babilónia, escrito em letras grandes na sua testa. As suas filhas têm a mesma marca (***Apocalipse 17***) ... Quando expressam de forma tão inequívoca "Que não há senão um Deus vivo e verdadeiro sem partes", concluo daqui que não acreditam que outro Deus real e eterno tenha sido gerado desde a eternidade, e enviado do céu para o mundo. Se o fizerem, há uma forte contradição ...

O teólogo da Igreja de Cristo *Alexander Campbell* escreveu:

> Os nomes Jesus, Cristo ou Messias, Filho único, Filho de Deus, pertencem ao Fundador da religião cristã, ninguém mais. Eles não expressam uma relação existente antes da era cristã, mas relações que começaram nessa altura ... Não havia nenhum Jesus, nenhum Messias, nenhum Cristo, nenhum Filho de Deus, nenhum Unigénito antes do reinado de Augusto César ... Há dezasseis anos que tenho a ideia de que Jesus é chamado Filho de Deus, não por causa de uma "geração eterna" (que eu concebo como um disparate), mas porque ele nasceu como o anjo o descreveu a Maria. **[48]**

Dave Hunt e a Encarnação

A tentativa de permanecer leal ao que não é mais do que um retrato post-bíblico de Jesus que vem de fora da história leva alguns comentadores modernos a um estranho conceito do Jesus que eles tão fervorosamente defendem. *Dave Hunt*, bem conhecido pela sua excelente exposição de algum do paganismo óbvio da fé católica romana e do fatalismo da doutrina híper calvinista da dupla predestinação, tem isto a dizer sobre quem é Jesus:

> Embora Jesus seja Deus e Maria seja a mãe de Jesus, isso não faz dela a mãe de Deus, como ensina o catolicismo. O nascimento do seu Filho primogénito (***Mateus 1:25***) em Belém não foi o nascimento de Cristo como Deus, mas do Seu corpo humano, alma e espírito — "***um corpo me formaste***" (***Hebreus 10:5***). Ela foi a mãe honrada do homem Cristo Jesus. Mas ela não foi a mãe do eterno Filho de Deus, que criou este universo... Maria teve a honra única de ser o meio pelo qual o Filho de Deus se tornou homem — mas não foi a mãe do Eterno... Ela não era a mãe do Filho de Deus. Chamar Maria a mãe de Deus, como ensina a doutrina católica oficial, é a pior blasfémia possível. Embora o eterno Filho de Deus por nascimento virginal se tenha tornado plenamente homem, Ele permaneceu plenamente Deus... Mesmo como um feto no ventre de Maria, Ele não deixou de ser aquele que Ele disse: "***Porque eu, o SENHOR, não mudo***" (***Malaquias 3:6***). **[49]**

O Jesus de *Dave Hunt* é uma figura estranha, aparentemente uma bi-pessoa. Existe um Filho de Deus eterno (Dave não explica como, uma vez que o Pai é também o "Eterno", isto não faz dois Eternos), e Maria dá então à luz Cristo que tem "corpo, alma e espírito". Assim, o Filho de Maria é agora duas pessoas, um Filho eterno preexistente acrescentado a uma pessoa plenamente humana, Jesus. Este nem sequer é o cristianismo "ortodoxo". Os trinitários estavam conscientes de que uma pessoa não pode ser duas pessoas ao mesmo tempo. Esta heresia chamada nestorianismo foi rejeitada. Em vez disso, o retrato oficial de Jesus declarou que ele era totalmente Deus em termos do seu ego essencial, mas "homem", não "um homem" em relação à sua humanidade. Maria, de acordo com esta teoria, tinha uma "natureza humana", mas não uma pessoa plenamente humana. Mas e o descendente direto de David, que deve ser o Messias para se qualificar como Messias?

A lealdade de *Dave Hunt*, como ele pensa, à "ortodoxia" da qual ele é bastante crítico, leva-o a contradizer Lucas. Gabriel explicou que o filho de Maria deveria ser o Filho de Deus precisamente por causa do milagre divino que Deus realizou nela. De facto, ela era a "mãe do Filho de Deus". *Dave Hunt*, acreditando em Jesus como o Filho eterno, diz (acima) que ela não era. "***por isso, também*** [a geração miraculosa em Maria] ***o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus***" (***Lucas 1:35***). Porque *Hunt* tem o peso de uma personalidade pré-existente, o Filho eterno de Deus (ele não tenta explicar a "eterna geração"), o filho de Maria, que também é o Filho de Deus, não pode ser para ele "o Filho de Deus". Há aqui duas teorias contraditórias. Ou Gabriel está certo ou as definições "ortodoxas" estão corretas. Elas não podem ser harmonizadas. Não se pode existir como o Filho se já existir como o Filho.

Por detrás deste enigmático impasse doutrinário está a necessidade, declarada como dogma inquestionável, de "Deus morrendo" como expiação adequada do pecado humano. Mas Deus "morrendo" é em si mesmo um conceito blasfemo. O Deus que não pode mentir declara expressamente que não pode morrer (***1 Timóteo 6:16***). Uma vez que esse elemento da constituição de Deus é acreditado e apegado, torna-se óbvio que o Filho de Deus não é Deus. Ele é o sacrifício escolhido pelo pecado, o ser humano sem pecado, o "***Cordeiro que foi morto*** [no plano de Deus] ***desde a fundação do mundo***" (***Apocalipse 13:8***).

Quando a Escritura foi abandonada em relação à imortalidade de Deus, as comportas foram abertas à noção da morte de um membro da Divindade.

O problema agudo ainda precisa de uma solução radical. Como Deus pode ser um, se alguém da Divindade troca o céu pela terra e funciona plenamente como Deus na terra? Como distinguir entre o Deus que não se fez homem e o Deus que o fez sem destruir a preciosa doutrina da unidade de Deus? É uma façanha que não pode ser feita e seria muito melhor abandonar toda a tentativa. É pelo ensinamento de Jesus que seremos julgados. Seu credo proclamado publicamente fornece um fundamento indispensável para a fé cristã. A tradição, por mais antiga que seja, não pode ser argumentada contra a Bíblia.

Notas Finais Capítulo 7

[1] *Raymond Brown*, "*The Birth of the Messiah*" (O Nascimento do Messias), Geoffrey Chapman, 1977, pág. 289.

[2] *Adolf Harnack*, "*History of Dogma*" (Historia do Dogma), Dover Publications, 1961, volumen 1, pág. 105.

[3] *Don Cupitt*, "*The Debate About Christ*" (O debate sobre Cristo), SCM Press, 1979, pág. 119. Dentro do NT, o título "Filho de Deus" é imutável e significa o Messias. Nos tempos post-bíblicos, a partir do segundo século, uma gradual mudança de significado levou à perda da identidade de Jesus como Messias, Filho de Deus.

[4] Não foi inserido na história humana de fora como um ser pré-existente.

[5] "*Theological Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Teológico do Novo Testamento), vol. 2, pág. 299. Brown, Driver y Briggs traduzem este título como "herói divino refletindo a majestade divina". ("*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*" - Léxico Hebraico E Inglês Do Antigo Testamento, pág. 42).

[6] "*Theological Dictionary of the New Testament*" ((Dicionário Teológico do Novo Testamento), 2:299.

Na tradução de *Lutero* de 1912, ***Isaías 9:3*** ainda diz "herói". No entanto, a maioria das traduções atuais traduziram-no como "Deus poderoso". Em qualquer dos casos, deve ser completamente distinguido de "Deus Todo-Poderoso". Jesus também nunca é chamado o "*Shaddai*". Em ***Isaías 9*** o Filho é trazido à existência (*egennethe*). Deus, é claro, não pode ser trazido à existência.

[7] Ibidem.

[8] Tal como no grego (também na tradução interlinear, Hänssler) com "homem" literalmente.

[9] "*The Theological Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Teológico do Novo Testamento), Tomo 2, pág. 300.

[10] *J.S. Whale*, "*Christian Doctrine*" (Doutrina Cristiana), Cambridge University Press, 1952, Seite 112, 115, 116, 118, Ênfase acrescentada.

[11] "*Trinity*" (Trinidad), "Encyclopedia Britannica", Micropaedia Ready Reference, Seite 126.

[12] *Paul van Buren*, "*A Theology of the Jewish - Christian Reality*" (Uma Teologia da Realidade Judeu - Cristiana), Harper & Row, 1983, Band 2, pag. 12.

[13] *Werner*, "*Formation of Christian Dogma"* (Formação do dogma cristão), pág. 298.

[14] "*Christology in the Making*" (Cristologia em processo), Eerdmans, 1996, 50-51.

[15] Ibidem, pág. 51.

[16] *Pannenberg*, "*Jesus – God and Man*" (Jesus – Deus e Homem), 120, 142, 143.

[17] *Raymond Brown*, "*The Birth of the Messiah*" (O nascimento do Messias), 31n, página 312.

[18] *Wolfhart Pannenberg, Grundzüge der Christologie*, Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1964, pp. 117,118,141,142. Itálico acrescentado mais tarde.

[19] Ibidem, pág. 291.

[20] "*Gospel According to Luke I-IX*" (Evangelho segundo São Lucas I-IX), págs. 350-351, itálico adicionado posteriormente. *Fitzmyer* diz que os elementos da Trindade, mas não a doutrina em si, são encontrados em algum lugar de Lucas.

[21] "*Commentary on St. Luke´s Gospel*" (Comentário sobre o Evangelho de São Lucas), I.K. Funk & Co, 1881, pág. 58

[22] Ibidem, pág. 56.

[23] A evidência da mudança da visão bíblica da origem do Filho para uma origem pré-histórica é encontrada em Inácio, Efésios, 7, pág. 2; *Smyrneans*, 1, pág. 1; Magnésios 8:2; também Aristides, Apologia 15:1; *Justino Mártir*, Apologia 1, págs. 21 e 33; Melito, Discurso sobre a Fé, pág. 4.

[24] *Hastings*, "*A Dictionary of the Bible*" (Um dicionário sobre a Bíblia), edição extra, pág. 309.

[25] "*Jesus: When God Became a Man*" (Jesus: Quando Deus se fez homem), W Publishing Group, 1993, pags. 1-2.

[26] Ibidem, págs. 3-8, itálico adicionado mais tarde.

[27] Ibidem, pág. 10, citando *Max Lucado*, "*God came near*" (Dios se acercó).

[28] *J.I. Packer*, "*Knowing God*" (Conhecendo Deus). Intervarsity Press, 1968, pags. 46,47, itálico adicionado mais tarde.

[29] É um facto notável que o Alcorão afirma que Jesus não morreu. O cristianismo ortodoxo, apesar das suas afirmações, está empenhado na contradição de que o Deus imortal, o Filho, morreu. Mas alguém não pode morrer se for imortal!

[30] *Richard Hooker* (1554-1600), citado em *George N.H. Peters*, "*Theocratic Kingdom of Our Lord and Savior*" (O rainho teocrático de nosso Senhor e salvador), rep. Kreis, ed. inglesa. Kregel, 1952, vol. 1, pag. 47.

[31] Ibidem.

[32] "*The Christian Experience of God as Trinity*" (A experiência cristã de Deus como Trindade), SCM Press, 1983, pág. 51.

[33] A palavra grega em ***Mateus 1:20*** é o particípio passivo de "*gennao*", e aqui significa "gerado nela". A ação é a do Pai. Claro, foi também uma conceição para Maria, mas a força total das palavras de Mateus perde-se se a palavra for mal traduzida como "concebida". As Bíblias Elberfelder e Schlachter traduzem "concebida nela" (o mesmo acontece, é claro).

[34] Em desespero, alguns comentadores, achando Gabriel desastrosamente pouco ortodoxo, tentam esquivar-se. Eles pensam que "ser chamado Filho de Deus" não significa que ele seja Filho apenas a partir desse momento. No entanto, "ser chamado" é precisamente o mesmo que "ser". *Raymond Brown* diz de forma útil: "'Chamado' expressa o que se é, por isso significa nada menos que 'ele será'" ("O Nascimento do Messias", 289)..

[35] A KJV é enganadora com o seu "portanto também...", o que sugere que poderia haver outra razão para o Filho ser o Filho de Deus! Tende a distrair a mente da única razão pela qual o Filho veio à existência. Se o milagre em Maria é também uma razão para a sua filiação, poder-se-ia imaginar inteligentemente que havia outra razão, anterior, para a sua filiação: na eternidade! Contudo, isto seria para destruir o registo direto de Lucas. "*Dio kai*" significa "por esta razão de facto, ou exatamente". A KJV curiosamente também evita dizer-nos que o Filho foi "gerado" em Maria (***Mateus 1:20***). Certamente foi também uma conceição de Maria, mas "gerado" aponta para a atividade do Pai no seu ato criativo que trouxe o Filho à existência.

[36] *John P. Meier*, "*A Marginal Jew*" (Um judeu marginal), Doubleday, 1994, vol. 2, pág. 796.

[37] Ibidem, pág. 236.

[38] *Colin Brown*, ed., "*The New International Dictionary of New Testament Theology*" (O Novo Dicionário Internacional da Teologia do Novo Testamento), Paternoster Press, 1976, vol. 2, pág. 80.

[39] Ibidem; pag. 80.

[40] *Colin Brown*, "*Trinity and Incarnation: In Search of Contemporary Orthodoxy*" (A Trindade e a Encarnação: Em busca da ortodoxia contemporânea.), Ex Auditu 7, 1991, Seite 88.

[41] "*Theological Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Teológico do Novo Testamento), Banda 2, Pág. 300.

[42] "*The Christophorus of the New Testament*" (A Cristologia do Novo Testamento), SCM Press, 1963, página 294.

[43] "*Commentary on Luke*" (Comentário sobre Lucas), 1:35.

[44] *John Milton*, "*On the Son of God and the Holy Spirit*" (Sobre o Filho de Deus e o Espírito Santo), pags. 60, 51.

[45] "*A Systematic Theology of the Christian Religion*" (Uma teologia sistemática da religião cristã), Zondervan, 1962, pág. 110.

[46] *L.L.Paine*, "*A Critical History of the Evolution of Trinitarianism*" (Uma teologia sistemática da religião cristã), pág. 104.

[47] ***12:21.*** *Otto Kirn* acrescenta de maneira muito útil: "'Unigênito' de ***João 1:14, 3:16*** expressa o relacionamento próximo entre o Pai e o Filho com respeito à sua estabilidade, não à sua origem; e 'o primogênito de toda a criação' de ***Colossenses 1:15*** alude à preeminência do autor da salvação sobre a criação, não à sua origem".

[48] Greg Demmitt, "*The Christologies of Barton Stone and Alexander Campbell, and their Disagreement Concerning the Preexistence of Christ*" (As cristologias de Barton Stone e Alexander Campbell, e sua discordância sobre a pré-existência de Cristo), *A Journal from the Radical Reformation*, número 12, pág. 2.

[49] "*Berean Call*" (Chamada Bereia), Dezembro de 2006.

[50] Igualmente surpreendente é esta afirmação: "Quando o título "Filho de Deus" é usado para Cristo, não tem nada a ver com o Seu nascimento através de Maria. Como Filho de Deus, Ele não nasceu; foi-lhe dado" (*Charles Swindoll e Roy Zuck*, eds, "*Understanding Christian Theology*", Thomas Nelson, 2003, pág. 570). É difícil imaginar uma rejeição mais gritante das palavras de Gabriel em ***Lucas 1:35***.

Capítulo 8

Os Consílios da Igreja, O Código Da Vinci e a Erudição Moderna

> "A fé cristã não se concentrou no Jesus histórico. O Credo dos Apóstolos... vai de 'nascido da Virgem Maria' a 'crucificado sob Pôncio Pilatos'. A omissão do Credo sugere que os anos intermediários e as atividades de Jesus não tiveram nenhuma consequência real para a fé". **[1]**

> "A linha oficial adotada pelo cristianismo... não estava diretamente ligada às palavras e ações reais do Jesus histórico". **[2]**

A cristologia, o estudo de quem Jesus é em relação a Deus, entrou no domínio público nos últimos dias com força. A ocasião foi o lançamento do livro e filme best-seller de *Dan Brown, O Código Da Vinci*. O enredo é principalmente fantasia (embora eu não tenha certeza de que algumas audiências saibam a diferença entre fato religioso e ficção). Curiosamente, o "especialista" faz uma série de comentários sobre o desenvolvimento da crença em Jesus que se relacionam diretamente com a definição de Deus e Jesus. Eles clamam por comentários e esclarecimentos. Eles poderiam estimular o interesse do público em encontrar as origens de suas crenças sobre Deus e Jesus.

O personagem Sir *Leigh Teabing* relata que foi o imperador Constantino quem deificou Jesus e depois suprimiu documentos anteriores que enfatizavam a humanidade de Jesus. Desta forma, Jesus tornou-se Deus. Na verdade, Constantino de forma alguma iniciou a ideia de que Jesus era Deus. Claro, ele convocou e aprovou o conselho da igreja que fixou permanentemente a ideia de que Jesus era Deus, como disseram no Concílio de Nicéia, "Deus verdadeiro de Deus verdadeiro". **[3]**

A religião sensacionalista não é novidade. Desde os primeiros dias do cristianismo que havia evangelhos apócrifos e fantásticos que tinham um poderoso apelo público. A ideia de que Jesus foi casado com Maria Madalena é um conto altamente imaginativo. Livros que não se qualificavam como escrituras cristãs propagavam uma variedade de lendas fantasiosas.

Nos Atos de Tomé, Jesus aparece sob a forma de Tomé exortando um jovem casal a dedicar-se à virgindade. A abstinência sexual era um tema dominante, refletindo ideias platónicas, que afetaram o cristianismo ortodoxo de diferentes maneiras. Uma delas era a tendência para depreciar o corpo físico.

O Evangelho apócrifo de Pedro interrompe o programa do NT para a ressurreição: aqueles que pertencem a Cristo serão tornados vivos na ressurreição na vinda futura de Cristo (***1 Coríntios 15:23***). O Evangelho apócrifo de Pedro descreve Jesus a derrubar o esquema bíblico e a dar vida aos mortos antes da ressurreição. A mesma interferência na esperança cristã é hoje popular quando os enlutados têm a certeza de que aos seus parentes foi dada vida num outro mundo espiritual — "céu" — mas para além da prometida ressurreição quando Jesus regressar.

Os evangelhos apócrifos fornecem ao leitor material que é suposto ser factual. Num deles, Jesus é acusado de quebrar o Sábado e quando José o desafia, bate palmas e os pardais de barro voam para longe. *O Código Da Vinci* permite a si próprio liberdades semelhantes.

Os evangelhos apócrifos não chegaram ao cânone das Escrituras, mas a questão é até que ponto as ideias apócrifas e manchadas filosoficamente sobre Deus e o Filho de Deus continuam a afetar a forma como os frequentadores da igreja leem a Bíblia. As doutrinas misteriosas podem obviamente entrar na consciência religiosa pública a partir do paganismo. Hoje em dia, o público pode não ser capaz de perceber a diferença. Há um momento clássico no filme *O Código Da Vinci* quando uma imagem de mãe e filho é apresentada a um público que identifica confiantemente as figuras como pertencendo ao cristianismo. O orador corrige-as, salientando que os chamados heróis "cristãos" são o pagão Ísis a amamentar Horus! A mãe e o filho aparecem em muitos sistemas religiosos pagãos, pelo que o perigo de contrafação é muito real. Ameaça confundir os paroquianos e impossibilita-os de ler a Bíblia com inteligência e compreensão.

A confusão sobre a identidade de Jesus tem sido uma característica da longa e muitas vezes complicada história do cristianismo. O debate sobre quem era Jesus tinha estado a decorrer durante mais de duzentos anos antes de o grande conselho de Nicéia, em 325, ter chegado a uma "solução" que foi considerada definitiva. Foi durante esse período que o monoteísmo unitário do NT — a crença de que só Deus Pai é verdadeiramente Deus (***João 17:3***) — foi gradualmente, e não de um dia para o outro, abandonado e eventualmente substituído pela doutrina do Deus trino. **[4]** O processo pelo qual "Jesus se tornou Deus" foi moroso e representou a vitória de um dos lados na discussão. É um grande erro supor, simplesmente com base na opinião maioritária, que foi a verdade que triunfou. Nem necessariamente que qualquer um dos lados, ariano ou atanasiano, estivesse a trabalhar dentro de categorias bíblicas legítimas. É possível que os termos da discussão já tenham impedido uma solução bíblica.

A decisão sobre a Deidade de Jesus não foi certamente apenas política por parte do imperador. Na medida em que Constantino teve algo a ver com a confirmação do cânone do NT, em vez de excluir todas as referências à humanidade de Jesus, como *Teabing* afirmou erroneamente no filme *O Código Da Vinci*, o imperador ajudou a excluir os livros que tornaram Jesus pouco humano. O NT, tal como nos foi transmitido, fornece a prova mais forte de que os primeiros seguidores de Jesus acreditavam que ele era um ser humano, sobrenaturalmente gerado, um membro da raça humana — certamente não um segundo Deus, parte de uma Trindade.

O diálogo em *O Código Da Vinci* é assim:

> "Meu querida", disse *Teabing*, "até aquele momento da história [o Conselho de Nicéia presidido por Constantino], Jesus era visto pelos seus seguidores como um profeta mortal... um homem grande e poderoso, mas um homem, no entanto. Um mortal".
>
> "Não é Ele o Filho de Deus?"
>
> "Correcto", disse *Teabing*, "o estabelecimento de Jesus como 'o Filho de Deus' foi oficialmente proposto e votado pelo Concílio de Nicéia".
>
> "Espera". Estás a dizer que a divindade de Jesus foi o resultado de uma votação?

> "Uma votação relativamente renhida", acrescentou *Teabing*. "... Ao endossar oficialmente Jesus como o Filho de Deus, Constantino fez de Jesus uma divindade que existia fora do alcance do mundo humano, uma entidade cujo poder era indiscutível". **[5]**

Embora haja aqui elementos de verdade sobre o que os bispos decidiram em Niceia, a troca introduz uma confusão fatal ao usar o termo "Filho de Deus" num sentido desconhecido na Bíblia. Se quisermos classificar o significado de Jesus como Filho de Deus *dentro das páginas do NT*, é necessário mostrar o quão confusamente "Filho de Deus" é usado nesta conversa. *O Código Da Vinci* usa o termo Filho de Deus, como tantas vezes hoje em dia, num sentido post-bíblico e não bíblico. Na Bíblia, como vimos, o Filho de Deus designa um membro da raça humana, um mortal. Denota uma pessoa humana com uma relação especial com Deus. Os filhos de Deus são seres humanos criados (o termo também se aplica aos anjos, que são classificados como seres criados, mas, no caso dos anjos santos, dotados de vida permanente). Israel é coletivamente chamado de filho de Deus (***Êxodo 4:22***). Adão era também o filho de Deus (***Lucas 3:38***). Diz-se que Jesus é "o único Filho de Deus" e "o próprio Filho de Deus", o seu "Filho amado". Contudo, quando chegámos ao Concílio de Nicéia em 325 d.C., o termo "Filho de Deus", tal como aplicado a Jesus, passou a significar *Deus, o Filho*, uma "divindade que existia para além do alcance do mundo humano".

Quão historicamente exato é este diálogo no Código Da Vinci? É bastante falso dizer que os crentes até ao tempo do Concílio de Nicéia pensavam em Jesus como simplesmente "um mortal", e não como Deus, o Filho. O Concílio de Nicéia foi convocado para resolver a grande controvérsia sobre a identidade de Jesus, entre dois grandes pontos de vista rivais. Atanásio reivindicou a plena e eterna Deidade do Filho. *Arios* viu-o como definitivamente subordinado ao Deus Único, como uma pessoa criada antes do Génesis. De facto, o conselho confirmou por uma maioria esmagadora, não uma maioria estreita, que Jesus era totalmente Deidade. Isto estava em oposição à visão rival, sustentada por muitos, de que ele não estava em pé de igualdade com Deus, mas tinha sido criado como o Filho de Deus antes da criação do Génesis. Esta última visão, conhecida como a visão ariana (depois do Bispo *Arios*), foi redondamente derrotada em Nicéia em 325 d.C., deixando a declaração credínea de que Jesus deve ser considerado "Deus de Deus", ou seja, como Deidade.

Essa visão de Jesus como "Deus o Filho" tem permanecido a definição dominante de Jesus desde então, apesar dos fortes protestos das minorias ao longo da história da igreja. O conselho de bispos de Nicéia, presidido pelo Imperador *Constantino*, foi responsável por estabelecer essa visão dominante como o entendimento oficial ortodoxo de Jesus que vinculava todos os membros da Igreja. A vitória da ideia trinitária foi novamente contestada pelos arianos depois de Nicéia, e foi mais sessenta anos antes de a oposição ariana ter sido derrotada. O conselho de 325 d.C. não abordou a questão de como Jesus era também, obviamente, um ser humano. Como era evidente que Jesus era também um homem, um conselho posterior foi convocado em Calcedónia em 451 d.C. para resolver a questão de como a pessoa única de Jesus poderia ser plenamente Deus e plenamente homem. Sem explicar como é possível ser 100% homem e 100% Deus, esse concílio declarou que é simplesmente assim, e é nisso que os cristãos devem acreditar. A decisão foi endossada e aplicada tanto pela igreja como pelas autoridades seculares. Os dissidentes foram punidos e proibidos de pertencer à Igreja Cristã.

A questão que ficou por resolver foi, como *Bart Ehrman* coloca, "Como poderiam tanto Jesus como Deus ser Deus se só existe um Deus" **[6]** E como se poderia pensar em "Deus" que permaneceu no céu e "Deus" que veio à terra, sem cair no bi-teísmo? crença em dois Deuses?

O Jesus Artificial dos Concílios

Foi apenas no ano 451 d.C. que o Conselho de Calcedónia abordou a questão das "duas naturezas" de Jesus, com base no pressuposto de que Ele era "da mesma substância" que Deus. Os escritores sobre o "problema" das "duas naturezas" em Cristo demonstraram por vezes uma admirável franqueza ao admitir o que a teologia se meteu ao tentar descrever inteligivelmente uma pessoa que é "plenamente Deus e plenamente homem".

T.B. Kilpatrick, D.D. estava a escrever sobre a "*Incarnation*" (Encarnação) no "*Dictionary of Christ and the Gospels*" (Dicionário de Cristo e nos Evangelhos) em 1906:

> Notáveis como estes esquemas [por descreverem a pessoa de Jesus em Calcedónia] podem ser como esforços intelectuais, e qualquer que seja o valor que possam ter ao dirigir a atenção para um ou outro elemento do facto complexo [da chamada natureza dual de Jesus], é certo que todos eles caem sob uma tripla condenação. **(1.)** São dominadas por concepções metafísicas que se opõem profundamente às ideias predominantes da Escritura; sendo dualistas ao núcleo, enquanto que as ideias dominantes da Escritura são sintéticas, e muito afastadas das distinções que marcam as realizações da mente grega. **[7]**

O professor expõe o falso argumento popular de que Jesus morreu como homem e não como Deus, que Ele foi tentado como homem e não como Deus, e que como homem Ele não sabia o dia do Seu regresso, mas como Deus Ele sabia! Toda a conceição de Jesus como tendo duas naturezas mutuamente incompatíveis leva ao absurdo. O Jesus bíblico é uma personalidade unificada. Jesus declarou claramente que "***ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai***" (***Marcos 13:32***). Esta é uma afirmação clara de que Jesus o Filho não é uma Deidade omnisciente. As tentativas artificiais para evitar o óbvio são completamente pouco convincentes e apontam para as lutas laboriosas daqueles que tentam ler a Trindade na Bíblia. Jesus, o Filho de Deus, não sabia o dia do seu regresso. Os pais da Igreja produziram desculpas implausíveis para não acreditarem no que leram nesta passagem. O Filho sabia realmente, mas não foi autorizado a contar! Seria como uma pessoa que responde "não" à questão de saber se tem dinheiro. Ele não tem dinheiro num bolso, mas tem dinheiro no outro. Ou uma pessoa que diz ser cega, quando consegue ver com um olho e não com o outro.

O professor que é crítico da Encarnação continuou:

> **(2.)** [Tentativas de descrever "duas naturezas" em Cristo] não correspondem ou fazem justiça ao conhecimento da fé do Cristo pessoal; separando, como fazem, o que a fé capta como unidade, enquanto as suas tentativas de harmonia são artificiais e não vitais.
>
> **(3.)** Não reproduzem o retrato de Cristo apresentado nos Evangelhos; não dão uma expressão adequada à impressão que o Cristo dos Evangelhos faz sobre as mentes que O contemplam. Isto é verdade mesmo no esquema Calcedoniano, que, na sua essência, se repete em muitos credos e confissões modernas. [Descrevem] "Um Ser que combina impenetravelmente propriedades divinas com propriedades humanas, e do qual, em consequência, podem ser feitas afirmações contraditórias, enquanto as Suas naturezas duais mantêm uma relação indefinida um com o outro. Isto não é um esquema para satisfazer nem a cabeça nem o coração". **[8]**

O problema era que o "Jesus" do conselho era uma Auto contradição. Ele não sabia e, no entanto, sabia realmente o dia do seu regresso. Não só isso. Continuava a ser uma questão desconcertante, como ainda hoje é, como, se existe apenas um Deus, Jesus poderia ser Deus, bem como o seu Pai ser Deus. Isso não faz dois deuses? "O Pai é Deus; Jesus é Deus; o Espírito Santo é Deus; e ainda assim existe apenas um Deus" expõe para cada leitor imparcial o erro fundamental da Trindade. O problema é insolúvel, mas o problema é a criação da própria Igreja, que renunciou à crença em Jesus como o Senhor Messias Davídico (***Lucas 2:11***), o Messias de Deus (***Lucas 2:26***), e não outra pessoa que é igualmente Deus!

Encobrir esse erro — a afirmação de que duas Pessoas, cada uma das quais é Deus, faz um só Deus — tem sido o trabalho de teólogos eruditos. A maioria dos membros da igreja não questionou a evidente falta de lógica ao dizer que 2x é igual a 1x! Muitos têm alimentado as mais fortes dúvidas, mas parecem intimidados pelo silêncio e pela conformidade. Uma vez que os sermões sobre a Trindade raramente são pregados, todo o assunto tende a não ser um tema de discussão pública. No entanto, essa extraordinária proposição de que "há um só Deus, mas tanto Jesus como o Pai são Deus" exerce, muitas vezes silenciosamente, um controlo de ferro sobre as igrejas onde milhões de pessoas se reúnem todos os domingos. A questão é se é honesto sobrecarregar os paroquianos com um credo sobre Deus que não pode ser encontrado nos ensinamentos do próprio Jesus — um credo que, portanto, ergue uma barreira confusa entre eles e as Escrituras que pertencem a toda a humanidade. "Ser como Jesus" é muito mais viável se nos for permitido pensar como Jesus! Pensar como Jesus começa por ouvir os seus maravilhosos ensinamentos.

O nobre princípio de que cada crente exerce o seu próprio direito de determinar o que acreditar é irremediavelmente frustrado pela imposição de dogmas inexplicáveis e — muitas vezes não investigados — que afetam dramaticamente o coração de toda a religião e teologia.

A Igreja tentou resolver este problema de como duas Pessoas, cada uma das quais é plenamente Deus, podem ser acrescentadas a um Deus, mudando a noção da unidade de Deus para uma "essência" partilhada igualmente por dois (e mais tarde por três) membros de um. Deidade. *Foi este passo fatal que colocou a doutrina de Deus da Igreja em oposição direta à imagem de Jesus e da Bíblia hebraica de Deus como uma Pessoa divina*. Quando mais tarde foi dado ao Espírito Santo o estatuto de "terceira Pessoa" (embora nenhuma tentativa tenha sido feita em Nicéia, em 325 d.C., para definir o estatuto do Espírito), a doutrina da Trindade tornou-se a descrição ortodoxa e oficial permanente de Deus. Os dissidentes deviam ser estigmatizados como incrédulos.

O legado destes conselhos não deve ser aceite sem qualquer crítica:

> Os grandes concílios ecuménicos que formularam a velha teologia foram as cenas de antagonismos anticristãos, de lutas e lutas amargas que nunca rivalizaram na história de nenhuma outra religião, e nenhuma religião de que a história tenha qualquer registo foi alguma vez culpada de perseguições tão cruéis como o cristianismo, cujo fundador foi o manso e humilde Jesus de Nazaré... A história dos chamados discípulos do cristianismo, desde o século IV até tempos recentes, tem frequentemente feito corar os homens, e a história de muitos dos frutos práticos da velha teologia é um dos capítulos mais tristes dos anais humanos. **[9]**

O Deus bíblico, que é definido como único por todas as formas de palavras disponíveis na língua, foi suplantado por uma "essência de um só Deus" tri-pessoal. Mas uma "essência" é um substituto fraco e dececionante para a Pessoa vigorosa e dinâmica que se revela como o verdadeiro Deus da

Bíblia. É tratar o público como terrivelmente ingénuo para lhes oferecer o ensinamento de que Deus é "Um O Que em Três Quem". Deus é "Um O Que"! Que versículo nos diz isso? **[10]**

Voltemos a *O Código Da Vinci*. Este ponto merece ser repetido: o relato de *Teabing* sobre o desenvolvimento da Trindade é incoerente e confuso sobre outro assunto de facto. Afirma que Constantino, na época de Nicéia, aceitou no cânone da Escritura apenas os evangelhos que ensinavam a Deidade de Jesus, e que o imperador e o concílio proibiram os evangelhos que viam Jesus apenas como humano. Muito pelo contrário, é verdade, pois os evangelhos que o Concílio não permitiu foram os que tiraram o máximo partido da Deidade de Jesus e deixaram muito pouco espaço para a Sua humanidade. Certamente Constantino, com o concílio, acreditava que a Deidade do Filho no sentido trinitário se encontrava nas obras canónicas para ser conhecida como Escritura, mas nenhum esforço foi feito para suprimir os documentos que apresentavam Jesus como essencialmente mortal.

Apesar da confusão terminológica e dos erros factuais históricos apresentados pelo "especialista" no filme e no livro *O Código Da Vinci*, levantam, de facto, a questão básica de como o Jesus humano veio a ser visto como Deus, o segundo membro da Santíssima Trindade. A simples afirmação de que isto aconteceu deveria parecer ao leitor extremamente estranho, uma vez que, como vimos, o próprio Jesus, *como judeu fiel ao credo Unitário do Judaísmo*, dificilmente poderia ter imaginado que ele pessoalmente tinha pré-existido como Deus. por toda a eternidade!

Não há uma réstia de evidência clara de que Jesus alguma vez tenha dito "Eu sou Deus". Quando desafiado, ele protestou constantemente que estava completamente dependente do seu Pai e não podia fazer nada por si próprio. Estas não são as palavras de uma pessoa que tenta convencer a sua audiência de que é um ser eterno, um segundo Deus além do Pai, derrubando a sua própria herança judaica que tão firmemente proclamou como a base da verdadeira religião.

Jesus nunca disse que ele era Deus. As igrejas após os tempos bíblicos desenvolveram gradualmente este novo conceito. Jesus nada sabia sobre tal afirmação. A reivindicação da Deidade de Jesus não pode ser baseada nas suas próprias palavras, e deve ser descartada por essa boa razão, a menos, claro, que Jesus nem sequer soubesse quem ele era! Contudo, tal conselho de desespero é completamente desnecessário, uma vez que os nossos documentos do NT nos dizem repetidamente que Jesus acreditava com os seus companheiros judeus que Deus era uma só Pessoa, seu Pai, e que ele, Jesus, era o Messias prometido a Israel. Esse credo é extremamente simples e claro e flui das páginas do NT do princípio ao fim.

Os Eruditos Modernos e Jesus

A confirmação destes factos sobre a própria crença de Jesus é fornecida por um importante teólogo católico romano e fornece a prova mais clara de quão longe nos afastámos da fé de Jesus, tal como está registada na Bíblia. *Joseph Fitzmyer* escreve:

> Um segundo tema da pregação de Jesus foi a validade fundamental do que as Escrituras e a tradição antiga tinham ensinado. Jesus repetiu o "*Shema*" (***Deuteronómio 6:4***, citado em ***Marcos 12:29***) e reconheceu a lei no AT como fonte da vontade de Deus para a conduta humana... Um terceiro tema da pregação de Jesus foi uma ênfase especial em Deus como Pai

> [ênfase puramente Unitária]. A sua pregação reforçou a visão tradicional israelita de Deus... Yahweh continuou a ser o único ser divino que escolheu Israel. **[11]**

Fitzmyer enumera outro tema principal da pregação de Jesus: ele afirmou ser um agente de Deus. Ele responde então à pergunta "Será que Jesus afirmou claramente ser Deus?" com esta resposta sincera: "Se a pergunta pretende enfatizar uma "afirmação clara", podemos responder de duas maneiras: se o Jesus da história alguma vez afirmou explicitamente ser Deus, os evangelhos não apresentaram tal afirmação. Nunca puseram nos seus lábios "*ego eimi theos*", 'Eu sou Deus'". **[12]** *Fitzmyer* mostra como teriam sido ininteligíveis as palavras "Eu sou Deus":

> Teria sido possível, no quadro monoteísta da Palestina pré-cristã, que um judeu como Jesus afirmasse abertamente, "*anah elaha*" (em aramaico) ou "*ego eimi theos*" (em grego), "Eu sou Deus"?.... É impossível imaginar como uma tal afirmação teria sido entendida, uma vez que "Deus" teria significado o "um só Deus" de Israel, Yahweh... aquele a quem o próprio Jesus chamou "abba". **[13]**

Isto, claro, é para conceder o evidente Unitarismo do primeiro século, do próprio Jesus, e dos tempos bíblicos. Nenhum judeu, confiando na revelação divina fornecida pela sua Bíblia hebraica, teria imaginado o Messias como qualquer outra coisa que não fosse um descendente linear de Eva e Abraão e David, sobrenaturalmente gerado **[14]** por Deus (***Salmo 2:7***) e com poder como Filho ungido de Deus. Os judeus sabiam bem, como todos nós deveríamos saber, que os descendentes de David não podem ao mesmo tempo ser anteriores aos seus próprios antepassados! A Igreja, contudo, estava perpetuamente empenhada na espantosa ideia de que o Filho de Deus era tanto maior como menor do que Davi. Ele era tanto um Deus que tinha existido desde a eternidade, como um homem concebido e nascido de uma mulher. Os argumentos picuinhas que se seguiram a este conceito errado encheram as páginas da história da Igreja durante séculos e a decisão de chamar a Deus regras trinas até aos dias de hoje.

O Código Da Vinci introduz vocabulário sobre Jesus e a sua suposta Divindade como "Filho de Deus", o que convenientemente chama a atenção do público para a imensa confusão sobre terminologia e lógica simples que frequentemente estraga toda a discussão sobre quem Jesus é. Só quando os termos são calmamente definidos é que podemos fazer qualquer progresso.

Deve ser enfatizado que "Filho de Deus" quando lido nas páginas da Bíblia não é de forma alguma o equivalente a Filho de Deus, como mais tarde significou Deus o Filho. Os factos não são complexos. Se nos mantivermos dentro dos limites da Escritura, "Filho de Deus" refere-se sempre a pessoas criadas, nunca a Deus. Jesus reivindicou o título para Si (***João 10:36***). Fê-lo numa passagem importante na qual rejeitou as acusações dos seus opositores de que afirmava ser "[um] deus" (***João 10:33***). Jesus argumentou brilhantemente que mesmo os juízes de Israel, como representantes humanos de Deus, tinham direito à designação de "deuses" (***João 10:34-36; Salmo 82:6***; ver também ***João 5:18, 19***). O termo "Filho de Deus" na Bíblia identifica uma pessoa ou pessoas criadas. O Deus Único, contudo, é, evidentemente, não criado. Uma linha firme é assim traçada entre o único Criador não criado e os Seus vários seres e representantes criados.

Filho de Deus é um termo fixo na Escritura para uma pessoa que não é Deus. Se a terminologia bíblica é para nos ensinar a pensar em Jesus, então devemos compreender que "Filho de Deus" é o título que estabelece que Jesus não é Deus, mas uma criatura humana. Este ponto está na raiz de toda a nossa

discussão. A verdade sobre o significado bíblico de "Filho de Deus" está à disposição do público, como afirmam os principais especialistas da nossa época. O Professor *Colin Brown*, teólogo sistemático do *Seminário Teológico Fuller*, diz, juntamente com muitas outras autoridades, "Para ser um 'Filho de Deus' tem de se ser um ser que não é Deus!" **[15]**

A verdade dessa proposta pode ser estabelecida por qualquer leitor da Escritura. Qualquer bom dicionário bíblico também pode ser consultado. Procurar-se-á em vão qualquer dica de que "Filho de Deus" descreve um segundo membro não criado da Divindade. O perigo de acrescentar "deuses" ao único Deus do credo de Jesus e Israel é extremo. A adição de "deuses" de qualquer descrição ao único Deus da Bíblia é, de facto, o derradeiro crime contra Deus. Os leitores deveriam inspecionar o seu próprio pensamento sobre este ponto com urgência e cuidado. Será que Paulo não avisou que entre as loucuras cometidas pela humanidade estava a de adorar a criatura em vez do Criador? (***Romanos 1:25***).

Dois mil anos mais tarde, o precioso termo bíblico "Filho de Deus" sofreu uma grande confusão. Isto porque a identidade de Jesus foi revista pela Igreja e pelos seus credos para significar "Deus, o Filho". O título bíblico de Jesus "Filho de Deus" foi retido ao mesmo tempo, mas foi-lhe dado um novo significado, não bíblico. O Filho de Deus, por outras palavras, foi removido do seu contexto bíblico, separado das suas raízes hebraicas e feito para expressar a ideia de uma segunda Pessoa não criada, "Deus o Filho". Onde a terminologia foi alterada, houve naturalmente uma diferença no seu significado. Tem havido uma mudança subtil e significativa de identidade. É necessário trabalho de detetive para expor e clarificar a mudança no título dado a Jesus. Foi uma mudança tão monumental que na realidade levou à rutura da mais central de todas as verdades bíblicas, que o Pai é "***o único Deus verdadeiro***". (***Joao 17:3***).

A mudança subtil de identidade entre "Messias, Filho de Deus" e "Deus o Filho", a criação de teólogos post-bíblicos, exige uma investigação pública, pois continua a afetar o pensamento e a espiritualidade de grande número de pessoas que desejam estabelecer uma relação com Deus "***em espírito e em verdade***". (***Joao 4:24***).

Uma Pessoa É O Deus Da Bíblia

Temos visto que o Deus pessoal de Israel e a Bíblia hebraica é conhecido por vários títulos. Ele é, antes de mais, o Deus (*Elohim*) que criou os céus e a terra, uma actividade em que Ele não foi acompanhado de todo. Falando de Si mesmo pelo Seu nome pessoal YHVH, Ele anunciou este facto em ***Isaías 44:24*** em termos que realmente não podem ser mal compreendidos (sublinhei os pronomes singulares): "Eu YHVH criei todas as coisas por *Mim mesmo*... Quem estava *comigo*?" Cerca de sete mil vezes este mesmo YHVH, o Deus do credo de Israel, é apresentado como o único Deus. As sete mil aparições do chamado tetragrama YHVH (uma palavra de quatro letras traduzida como Senhor em muitas traduções) são invariavelmente acompanhadas por *pronomes pessoais singulares* e verbos *singulares*. O próprio Deus fala de si mesmo como "sozinho", e acrescenta que "ninguém está à parte de mi"". "não há outro Deus".

Todas as formas disponíveis de linguagem denotando *personalidade* singular exclusiva são empregadas no AT para descrever o verdadeiro Deus. Esta linguagem pretende rejeitar a ideia de que *poderia haver mais do que uma* Pessoa como Deidade. O monoteísmo judeu tem sido corretamente chamado "rigoroso" e "intransigente". É estritamente Unitário. Por esta convicção, os judeus estavam dispostos a morrer, tal como alguns cristãos. A língua não tem outros meios para descrever uma Pessoa única e única totalmente

só e única na sua espécie, sem rival ou concorrente. Tudo isto pode ser descoberto através da leitura do VT em qualquer tradução. Os historiadores do judaísmo, tanto judeus como não judeus, confirmarão este simples facto. "Deus é um só, e não há outro além d'Ele". "Yahweh é o nosso Deus", "Yahweh é um só Senhor". "Yahweh sozinho".

Não estou a assumir que o monoteísmo seja unitarismo. Estou a referir-me aos milhares e milhares de textos que nos apresentam uma teologia monoteísta unitária, equiparando o Deus único ao Pai. Parece ser uma espécie de jogo de dados com confusão teológica interferir com estes dados teológicos e bíblicos primários. É tempo de a Igreja refazer os seus passos para Jesus, o professor que declarou, segundo o escriba judeu, que Deus é uma só Pessoa, o seu Deus e o Deus de Abraão, Isaac e Jacob.

A proposta sobre a unidade de Deus era bastante simples e clara. As jovens crianças judias foram ensinadas a memorizar e recitar o facto central e principal da verdadeira religião. É o "*Shema*" — o "***Ouve, ó Israel***" da Bíblia (***Deuteronómio 6:4***) — repetido por Jesus como a fonte da fé cristã (***Marcos 12:28-34***), embora curiosamente relegado para o estatuto pré-cristão pelos comentários. O próprio Jesus, nesse argumento, seria "pré-cristão" e privado da sua pretensão de autoridade sobre a Igreja. Pelas palavras de Jesus, seremos julgados. O cumprimento da sua mente e dos seus ensinamentos pareceria ser a única política segura.

Jesus, como judeu, nunca deu a entender que o seu credo nativo seria de alguma forma interferido. Quando questionado sobre as suas enormes reivindicações como único agente especial de Deus, com poderes para ser até "***senhor também do sábado***" (***Marcos 2:28***; compare, ***João 5:18***), Jesus respondeu que "***nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai***" (***João 5:19***). Ele e o seu Pai trabalharam em completa e total harmonia, pois Jesus cumpriu a vontade do seu Pai, o Único Deus de Israel. "***Eu e o Pai somos um***" (***João 10:30***) pretendia claramente descrever a perfeita unidade de propósito e acção possível entre Deus e Ele próprio como o Messias humano. Sabemos que este é o sentido que Jesus pretendia, porque apenas alguns capítulos mais tarde, no mesmo Evangelho de João, Jesus deseja que a mesma unidade seja realizada entre os cristãos. "***para que eles sejam um, assim como nós***" (ver ***João 17:11, 22***)..

Qualquer argumento, portanto, que force "eu e o Pai somos um" a significar "eu e o Pai somos ambos Deus" desaba imediatamente perante a evidência gritante de que Jesus descreve de forma inexata a unidade entre os discípulos na mesma linguagem que a sua própria unidade com Deus. Este facto leva a esta conclusão: uma vez que os discípulos devem ser "um" em propósito e não "um" em essência, "Jesus e o Pai são um" provaria igualmente que Jesus *não* é uma essência com Deus. Ele deve ser o ideal de um ser humano em perfeita relação com o seu Criador. E como tal, desfrutando dessa unicidade com Deus, ele deseja-a também para os seus seguidores. Como ele foi "enviado", assim enviou os seus discípulos (***João 20:21***). Este ditado deveria retirar toda a substância da frequente afirmação de que o facto de Jesus ter sido enviado significa que ele estava consciente antes de nascer. João Baptista era "***Houve um homem enviado por Deus***" (***João 1:6***), mas isto não significa que ele tenha existido antes do seu nascimento!

O que distingue Jesus é a sua completa dependência e subordinação ao seu Pai, que O comissionou como seu agente. "***o Pai é maior do que eu***" (***João 14:28***); "***o Filho nada pode fazer de si mesmo***" (***João 5:19***) resume o sentido ininterrupto de dependência de Jesus em relação ao Deus Único. Esse modelo bíblico de quem Jesus é tem a enorme vantagem de mostrar que coisas maravilhosas o Criador pode realizar através de uma pessoa humana perfeitamente dedicada. Se Jesus é Deus, não só o monoteísmo judeu e

cristão é subvertido e milhares de referências a Deus como uma só Pessoa são derrubadas; pior ainda, a incrível realização de Jesus em nosso nome torna-se uma farsa vazia. Se Ele é Deus, não pode ser tentado, pois Deus não pode ser tentado pelo mal (***Tiago 1:13***). E porque Deus é imortal segundo a afirmação clara de ***1 Timóteo 6:16***, o Filho de Deus, se Ele é Deus como a ortodoxia sustenta, por definição não pode morrer. No entanto, Paulo, não percebendo qualquer dificuldade, escreve que o Filho de Deus morreu (***Romanos 5:10***). O melhor que a hinologia cristã podia fazer era escrever disparates: "Tudo é mistério: o imortal morre". **[16]** Mas sobre que autoridade estão o intelecto, a lógica e o precioso dom das palavras a serem crucificadas em nome do "mistério", ou melhor, da "mistificação"? A destruição do significado das palavras significa a destruição da informação e, neste caso, a destruição da Verdade. Deus não pode morrer. O Filho de Deus morreu. Todo um mundo de entendimento deve ser extraído destas proposições básicas.

A falsidade de Jesus ser chamado "senhor" prova que ele é o único Senhor Deus que precisa de ser desafiado e descartado. Sim, existem alguns "versículos de Javé" do VT preenchidos por Jesus como o único representante de Javé no NT, mas isto não torna Jesus mais idêntico em pessoa a Javé, do que o anjo do Senhor é idêntico ao Senhor Deus. O anjo poderia levar o nome divino sem ser de facto Deus. "Um agente (enviado) é como a pessoa do seu mestre" é o princípio bem estabelecido conhecido pelo judaísmo e tão obviamente verdadeiro de Jesus em relação a Deus. Jesus falou da perseguição dos cristãos como perseguição a Si próprio (***Atos 9:4; 22:7; 26:14***). Isto não torna Jesus e a Igreja idênticos.

O ***Salmo 110:1***, de importância crítica, entra aqui em jogo, e precisa de uma publicidade maciça nos círculos eclesiásticos e não só. Assim que Jesus declarou que o "*Shema*" é o coração da boa teologia (***Marcos 12:28-34***), ele levanta a questão sobre si mesmo, com uma pergunta baseada no ***Salmo 110:1*** e a sua própria posição sobre esse oráculo: "***Yahweh*** [O Senhor] ***disse ao meu senhor...***". Tanto Jesus como os seus opositores reconheceram este Salmo como Messiânico. A questão é: Quem é este segundo "senhor", e como pode ele ser filho de David e também seu senhor? Acima de tudo, qual é o estatuto do segundo "Senhor"?

A resposta ao enigma apresentado por Jesus não é difícil. Jesus nasce primeiro como o filho de David, de Maria, e depois é elevado à posição suprema como o Messias masculino à direita de Deus, onde chega em ***Atos 2:34-36***.

A aplicação do ***Salmo 110*** ao nosso Senhor é uma das características mais proeminentes da apologética e teologia da Igreja primitiva. Em ***Atos 2:34*** Pedro considera o ***Salmo 110:1*** como profético da ascensão de Jesus. Ele demonstra o facto de que o Senhor Messias foi agora exaltado à direita do Pai. Em ***Hebreus 10:12, 13***, o ***Salmo 110:1*** descreve a sessão contínua de Jesus na "mão direita" do Pai, e em ***Hebreus 6:20; 7:17, 21***, e no ***versículo 4*** do mesmo Salmo descreve o Sumo Sacerdócio eterno de Jesus "***segundo a ordem de Melquisedec***". Em ***Marcos 12:35-37*** o ***Salmo 110:1*** é o testemunho definitivo do evangelista para a exaltação de Jesus, justificando com as Escrituras o uso do título "Senhor" para Ele — um título que desde o início (***Lucas 2:11***) foi a descrição característica de Jesus. O uso do título não teve origem no cristianismo de língua grega, como é óbvio no Aramaico "*Maranatha*" ("***Nosso Senhor venha***", ***1 Coríntios 16:22***). É verdade que a base original e duradoura do título Senhor, tal como aplicado a Jesus, foi o ***Salmo 110:1***.

Todos sabiam, quem quer que lesse o hebraico ou grego desse versículo, que "***meu senhor***" (*adoni*) era uma designação de não-Deidade, um ser humano superior, no caso de Jesus um ser humano supremo e singularmente elevado. Marcos, então, no seu décimo segundo capítulo, retratou Jesus como resumindo a religião de Israel, citando o Shema como a mais importante de todas as verdades, e depois definindo a sua

própria posição em relação a esse Deus Único como o "*adoni*", meu senhor, do famoso ***Salmo Messiânico 110:1***. O credo de Israel é revelado como pertencendo não só à nação mas a Jesus Cristo, o derradeiro teólogo cristão e autor da fé cristã original e autêntica (***Hebreus 2:3***). A importância do ***Salmo 110:1*** como uma definição de quem Jesus é não pode ser exagerada.

É indicativo da relutância do cristianismo em ver Jesus como o Senhor Messiânico do ***Salmo 110:1*** que *Oscar Cullmann* comenta:

> Todas as numerosas passagens do NT que mencionam que Jesus "se senta à direita de Deus" ... entram em consideração em relação ao "senhorio de Cristo" ... Estas ideias são uma aplicação messiânica do ***Salmo 110***. Os estudiosos muitas vezes não atribuem importância suficiente ao facto de as afirmações sobre a exaltação de Cristo à mão direita de Deus (que foram incluídas muito cedo no credo) remontarem formalmente a este salmo. **[17]**

Isto é profundamente certo.

A falta de compreensão do que significa o senhorio de Jesus está subjacente a todo o esforço dos trinitários para complicar a unicidade de Deus. O Professor *Gregory Boyd* na sua "*Oneness Pentecostals and the Trinity*" (Unidade Pentecostal e a Trindade) começa com uma afirmação lúcida sobre o monoteísmo:

> A Bíblia ensina de forma uniforme e inequívoca que existe um só Deus. Certamente foi a proclamação, "***Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é um***", que formou a pedra angular de tudo o que distinguia a fé do povo de Deus no AT. A mensagem da unicidade e unicidade de Deus é levada para casa literalmente centenas de vezes ao longo das páginas do VT (por exemplo, ***Isaías 42:8; 43:10b-11; 44:6***). Este monoteísmo estrito não é de modo algum esquecido quando entramos na era NT. Pelo contrário, ele forma o pressuposto da fé centrada em Cristo articulada no NT (por exemplo, ***Marcos 12:29; 1 Coríntios 8:4b-6; Efésios 4:4, 6; 1 Timóteo 2:5***). Portanto, é um facto indiscutível que a Bíblia é monoteísta através e através de... Nenhum autor bíblico teria alguma vez alimentado a ideia de que poderia haver mais do que um ser supremo. Esta é a pedra angular do judaísmo antigo e contemporâneo e a primeira pedra fundamental da Teologia da Unidade [Modalismo]. **[18]**

Mas se o monoteísmo rigoroso do antigo povo de Deus não está "de modo algum esquecido" no NT, como é que a Igreja o esqueceu, de facto, ao mudá-lo radicalmente? Se esse mesmo monoteísmo rigoroso era a marca da teologia de Jesus, porque é que os seus seguidores não o adotam como peça central da sua própria confissão?

Recordamos aos leitores a admissão do "*The New Bible Dictionary*" (O Novo Dicionário da Bíblia) no seu artigo sobre a "*Trinity*" (Trindade). :

> A testemunha do AT é fundamentalmente sobre a unidade de Deus. Na sua oração diária, os judeus repetiram o "*Shema*" de ***Deuteronómio 6:4, 5***, "***O Senhor nosso Deus, o Senhor é um só***". Nisto confessaram que o Deus de Israel é o criador transcendente sem igual ou rival. Sem a revelação titânica do acontecimento Cristo, ninguém teria levado o AT a afirmar nada mais do que o exclusivo, ou seja, unipessoal, monoteísmo que é a marca do judaísmo e do islamismo. **[19]**

Sim, de facto, mas o "evento titânico de Cristo" aparentemente não inclui o ensinamento espantosamente autoritário do próprio Jesus, o rabino que falou unicamente com a autoridade do Único Deus que o encomendou! Foi Deus quem disse "***Este é o meu Filho amado; a ele ouvi***" (***Marcos 9:7***), e foi Jesus quem constante e repetidamente insistiu que fôssemos julgados pela nossa conformidade com as suas palavras, que foram as próprias palavras do seu Pai (as palavras de João). O evangelho diz pouco mais do que que que a adesão ao que Jesus ensinou é o critério pelo qual todos seremos avaliados). Como é então que o dicionário bíblico, paralisado pela sua própria tradição, pode concluir que de alguma forma o credo de Jesus justifica um desvio titânico em relação a esse credo?

James Dunn

Com o advento do trabalho académico universalmente aclamado de *James Dunn*, podemos esperar que o mundo cristão seja galvanizado para uma nova investigação das suas doutrinas de Deus e do seu Filho, que tanto acarinhou.

No seu aclamado "*Christology in the Making*", (Cristologia Em Processo) o Professor *Dunn* escreve:

> A confissão de que Deus é um só é claramente judaica (comparar, particularmente ***Deuteronómio 6:4; Tiago 2:19***).... [Paulo] parte do terreno comum da fé monoteísta básica ("***Há um só Deus, o Pai***") ... Paulo pode ter pretendido que ***1 Coríntios 8:6b*** fosse uma declaração sobre o atual Senhorio de Cristo.... [Senhor] foi um título que Jesus recebeu na sua exaltação, em virtude da sua ressurreição (***Atos 2:36; Filipenses 2:9-11;*** compare, ***Romanos 10:9; 1 Coríntios 16:22***): foi o exaltado Senhor que suplantou todos os outros "senhores" e absorveu o seu significado e governou com respeito tanto ao cosmos como à redenção (***1 Coríntios 8:5, 6***). Da mesma forma, a adição de "nós" a ambas as linhas do ***versículo 8*** pode muito bem indicar que Paulo está a falar principalmente do novo entendimento e do novo estado de coisas trazido para os crentes pelo Senhorio de Cristo [que não seria nada de novo se Jesus já fosse Senhor no Génesis!], sobre as relações entre Deus, Cristo, os crentes e as coisas criadas que agora pertencem ... Por outras palavras, talvez tenhamos de reconhecer que Paulo não está a fazer uma declaração sobre o facto da criação no passado, mas sim sobre a criação tal como os crentes a veem agora — tal como eles encontraram o seu verdadeiro ser e significado através de Cristo, assim a fé permitiu-lhes ver que todas as coisas encontram o seu verdadeiro ser e significado através de Cristo. **[20]**

Dunn continua:

> *Paulo não está assim a abandonar o seu monoteísmo* (e parece não reconhecer tal tensão na sua afirmação do senhorio de Jesus noutro lugar — ***Romanos 15:6; 1 Coríntios 15:24-28; 2 Coríntios 1:3; 11:31; Efésios 1:3, 17; Colossenses 1:3;*** até ***Filipenses 2:11***, "*Jesus Cristo é Senhor para a glória de Deus Pai*")... Certamente a vossa divisão do poder criador de Deus entre Deus Pai e Cristo o Senhor é precisamente o que encontramos nos escritos de sabedoria do judaísmo pré-cristão.... ***1 Coríntios 8:6b*** não se afasta do monoteísmo judeu, mas simplesmente afirma que Cristo é a ação de Deus, Cristo encarna o poder criador de Deus .... **[21]**

Desde o início da sua existência Jesus foi prova do poder criador de Deus, recordando-nos o ***Salmo 104:30***: "***Envias o teu Espírito, eles são criados, e, assim, renovas a face da terra***". A procriação do Filho de Deus, como descrito em pormenor por Mateus e Lucas, marca o início de uma grande renovação ainda em curso.

Paulo não abandonou por um momento o monoteísmo estrito da sua herança judaica. Assim diz um dos maiores especialistas mundiais sobre quem é Cristo no NT. Paulo, de facto, é um magnífico teólogo do NT, tal como Jesus o era antes dele. Paulo tinha sido educado como judeu na melhor escola da época. Apesar da sua dramática conversão de perseguidor de Jesus e assassino de cristãos para protagonista apaixonado de Jesus, uma convicção de Paulo nunca mudou. Ele acreditou até ao dia da sua morte no credo não trinitário da sua herança judaica. Para Paulo, na realidade, o credo da Bíblia hebraica, o credo afirmado por Jesus Cristo, era, logicamente, o credo *cristão*. *Dunn* colocou o ponto sucintamente: "As Escrituras Judaicas eram centrais para a Auto compreensão de cada igreja cristã do primeiro século, mas o foco de significado revelador estava em todo o 'acontecimento de Cristo'". **[22]**

É óbvio, porém, que as igrejas não estão à altura da sua querida pretensão de "seguir a Bíblia", o princípio da "*sola scriptura*". Evidentemente não estão à altura da afirmação de que a teologia bíblica deve "expor a teologia encontrada na Bíblia no seu próprio contexto histórico e nos seus próprios termos, categorias e formas de pensar". **[23]** E não o estão a fazer ao nível mais fundamental. Eles não estão a recitar e a seguir o credo de Jesus ou de Paulo. *Dunn* diz: "O cristianismo tradicional quer dizer muito mais sobre Cristo do que simplesmente afirmar a unidade entre o Jesus terreno e o Cristo exaltado". **[24]** Afirmar que o Cristo ressuscitado foi primeiro o Jesus que andou na terra é quase óbvio, a menos que se resista aos relatos do NT. É evidente que os escritores do NT pensam no Jesus ressuscitado como o Jesus que primeiro viveu na terra.

Mas o que é este "muito mais" que as igrejas querem dizer sobre Jesus? *Dunn* diz:

> A Igreja significa que ele é "divino, a segunda pessoa da Trindade, o Deus-Homem". Uma expressão impressionante disto é a simples declaração adotada pelo Conselho Mundial de Igrejas: para as igrejas participantes a confissão cristã mínima significava aceitar "nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador". **[25]**

Mas terão as igrejas enfrentado o facto de Jesus não ter acreditado fazer parte da Divindade? O que recitou o Credo Unitário da sua herança judaica? E qual foi a chave mais importante de toda a teologia sã? Jesus resumiu a realização da vida eterna como a vinda a conhecer o Pai como "***o único Deus verdadeiro***", (***João 17:3***). Aqui diz-se que o Pai é uma só Pessoa, assim como a única Pessoa que é verdadeiramente Deus. E isto é relatado por João escrevendo no final do período NT. A declaração unitária de Jesus contradiz diretamente a Trindade que afirma que Deus é três Pessoas numa só Essência..

Será que os clérigos que se reúnem no Conselho Mundial de Igrejas se aperceberam de que Paulo era tão estritamente monoteísta como Jesus? O Professor *Dunn* pode muito bem dizer: "Não é claro se a cristologia tradicional tem raízes firmes no cristianismo primitivo". **[26]** Penso que a evidência é simples e esmagadora que, no que diz respeito ao credo, não o faz.

Dunn emite um aviso salutar sobre a leitura do credo posterior na Bíblia para nos dar garantias de que estamos a seguir Jesus:

> Talvez devêssemos repetir o aviso dado no início do capítulo 3: que, ao tentar traçar os inícios do pensamento cristológico no primeiro século, *não devemos reler as conclusões posteriores dos debates cristológicos clássicos*; não devemos assumir que em todo o lado encontraremos uma ortodoxia latente à espera de ser trazida à luz; caso contrário, não podemos lidar com o material do NT sem preconceitos. **[27]**

Mas só que o maltrato do NT continua dia após dia, e tem-no feito durante séculos, enquanto zelosos evangélicos saqueiam a Bíblia por textos isolados (muitas vezes só de João), ignorando João 17:3, para produzir o "Deus Jesus", segundo membro da Trindade. Não lhes parece ocorrer que o credo recitado e afirmado por Jesus, o credo de Israel, deveria ter posto fim a este esforço cansativo e tedioso para fazer Jesus acreditar no que Ele não acreditou — e no que o próprio Deus não acredita. acreditar, que Ele é três Pessoas, nem que o Seu Filho unigénito é igual e co eternamente Deus. O próprio Deus nunca foi trinitário.

O aviso de *Dunn* é particularmente revelador:

> Aquele que entra no período cristão inicial com as formulações clássicas da ortodoxia cristã a zumbir nos seus ouvidos dificilmente está em condições de captar os tons autênticos do pensamento cristão do primeiro século (se eles forem diferentes). Devemos antes colocar-nos o melhor possível na posição dos judeus do primeiro século com a sua forte tradição de monoteísmo e tentar ouvir com os seus ouvidos as reivindicações de Jesus e dos primeiros cristãos. **[28]**

Um bom lugar para começar seria ouvir o "***Ouve, ó Israel***" da própria fé de Jesus. Os comentários sobre o evangelho de Marcos estão num estranho estado de incerteza e confusão quando se trata do embaraçoso facto de que Jesus "na sua declaração do primeiro mandamento está firmemente dentro da órbita da piedade judaica". **[29]** Mas porque é que os seguidores de Jesus não se mantêm na mesma grande tradição do monoteísmo unitário modelado por Jesus? *Hugh Anderson* parece ignorar aqui a importância da confissão de Jesus. Ele acrescenta que o relato de Marcos das palavras de Jesus aqui "remonta à tradição oral transmitida por uma Igreja que já não recitava o "*Shema*"". **[30]** Mas quem disse que a Igreja do NT já não recitava o "*Shema*"? *Anderson* salienta que Jesus nos dá "uma citação quase palavra por palavra de dois textos do AT (***Deuteronómio 6:4, 5*** e ***Levítico 19:18***)". Diz então que o texto anterior, ***Deuteronómio 6:4, 5*** definindo o verdadeiro Deus, estava "no coração da piedade judaica", e que ambos os textos, sobre Deus e amar o próximo, foram "muito estudados pelos rabinos". **[31]**

Em que base pode o comentário declarar que a Igreja de Marcos renunciou ao credo de Jesus? Não foi Marcos um evangelista da fé que tem a sua fonte em Jesus? Pode a Igreja dar-se ao luxo de ignorar o que Jesus anunciou como o maior de todos os mandamentos? A Igreja primitiva estava profundamente impressionada e dedicada a Jesus, o Rabino e Senhor dos Cristãos. Mais tarde, quando a Igreja soltou as suas amarras na atmosfera judaica de Jesus, o credo de Israel foi abandonado. *Anderson* amavelmente assinala que "o escriba apoia plenamente o que Jesus disse e acrescenta que a fidelidade ao duplo mandamento 'é muito mais do que todos os holocaustos e sacrifícios"'. **[32]**

O que pode ser dito de Paulo, será que ele foi além do precioso credo de Jesus, será que ele levou a fé cristã de Jesus para uma crença num Deus que Jesus não conhecia? O professor *Dunn* fez a pergunta em 1977: "Devemos então dizer que Jesus foi confessado como Deus desde os primeiros dias do cristianismo

helenístico? Isso seria reivindicar demasiado". **[33]** Aqueles primeiros cristãos não ensinavam que Jesus era o próprio Deus, como é agora exigido aos membros das igrejas cristãs. *Dunn* explica:

> A emergência de uma confissão de Jesus em termos de divindade [não se referindo aqui à Deidade, como veremos] foi grandemente facilitada pelo uso extensivo do ***Salmo 110:1*** desde muito cedo (mais claramente em ***Marcos 12:36; Actos 2:34*** e seguintes; ***1 Coríntios 15:25; Hebreus 1:13***), "***Jeová diz ao meu senhor*** [note-se a letra minúscula **'s'** em senhor como traduzindo corretamente o "*adoni*" hebraico], "***Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos o escabelo dos teus pés***"". **[34]**

O comentário de *Dunn* vai direto ao assunto: "A importância deste Salmo reside no duplo uso de "*kurios*" [lorde]. O um é claramente Yahweh, mas quem é o outro?" [35] Essa pergunta, quando corretamente respondida, conduzirá a uma revolução na fé cristã tal como a conhecemos. Quem, então, é este à direita de Yahweh? "Claramente não Yahweh, mas um ser exaltado a quem o salmista chama "*kurios*". Paulo chama a Jesus "*kurios*", mas parece ter reservas marcadas quanto a chamar realmente a Jesus "Deus". **[36]** Reservas? Como poderia Paulo imaginar duas Pessoas, sendo ambas igualmente Deus?

Registamos agora a conclusão adicional de Dunn sobre o ponto de vista de Paulo sobre quem era Jesus. É provável que seja embaraçoso para a visão "recebida" de Jesus como sendo plenamente Deus. "Paulo abstém-se de rezar a Jesus. Mais típico da sua atitude é que ele ora a Deus através de Cristo (***Romanos 1:8; 7:25; 2 Coríntios 1:20; Colossenses 3:17***). Pois ao mesmo tempo que afirma que "Jesus é o Senhor" também afirma que "Deus é um" (***1 Coríntios 8:4-6; Efésios 4:5, 6***)". [37] O argumento de *Dunn* é simples, mas tem um potencial explosivo para mudar a face do credo tradicional. *Dunn* continua:

> Aqui [em Paulo] o cristianismo é mostrado como uma forma desenvolvida de judaísmo, com a sua confissão monoteísta como uma das partes mais importantes da sua herança judaica; pois no judaísmo a confissão mais fundamental é "Deus é um", "Só há um Deus" (***Deuteronómio 6:4). Daí também Romanos 3:30, Gálatas 3:20, 1 Timóteo 2:5*** (compare, ***Tiago 2:19***). Dentro da Palestina e da missão judaica, tal afirmação teria sido desnecessária — judeus e cristãos partilhavam a crença na unicidade de Deus. Mas em missão aos gentios, este pressuposto judeu dentro da cristandade teria ganho proeminência face à crença mais ampla em "deuses múltiplos". O ponto a salientar é que Paulo pode reivindicar Jesus como Senhor, *não para o identificar com Deus, mas sim para o distinguir do único Deus*. **[38]**

Dunn reforça então o seu ponto de vista referindo-se a outra declaração de Paulo em ***1 Coríntios 15:24-28*** onde Jesus está sujeito ao Deus Único. Ele não é certamente visto como um "Deus co-igual", como exigido pelo credo tradicional.

Dunn é bastante claro que Jesus não acreditava na Trindade. "Não há boas provas de que Jesus pensava em si próprio como um ser pré-existente". **[39]** Portanto, não há provas de que Jesus faça qualquer reivindicação de "ser Deus". Mas ai do membro da igreja que exprime dúvidas sobre a Deidade de Jesus! Quão longe viemos da fé de Jesus e de Paulo no primeiro século. Mas será que alguém nos bancos está de alguma forma preocupado com esta impressionante discrepância sobre o credo?

Escrevendo muito mais tarde (1998), discutindo toda a gama da teologia de Paulo, o Professor *Dunn* conclui: "A reflexão cristológica evidente dentro da teologia de Paulo permanece dentro dos limites do seu

monoteísmo herdado. Jesus como Senhor não afeta Deus como um só, e mesmo a mais alta condecoração dada ao exaltado Cristo é "***à glória de Deus Pai***"" (***Filipenses 2,11***). **[40]**

Numa secção tentadoramente intitulada "*Jesus como Deus*"? *Dunn* discute o ensino deliberado de Paulo sobre o monoteísmo cristão como diferente da crença pagã em muitos deuses:

> Em uma surpreendente adaptação do "*Shemá*" (***Deuteronômio 6:4***), Paulo atribui o senhorio do único Deus a Jesus Cristo. E, no entanto, sua confissão de Deus como um ainda é afirmada. Obviamente, o senhorio de Cristo não foi pensado como uma usurpação ou substituição da autoridade de Deus, mas como uma expressão dela. **[41]**

De fato, Paulo não renunciou ao monoteísmo judaico-cristão. Você não o revisou de forma alguma. Não contradisse ou expandiu o credo do próprio Jesus. Se tivesse feito isso, teria mergulhado seus leitores em uma confusão desesperada sobre quem é Deus. Paulo consistentemente pensa em Jesus como o Senhor Messias, o Senhor Jesus Cristo (Messias), e ele é o único Senhor Jesus Messias (***1 Coríntios 8:6***), cabeça da nova humanidade em Cristo, o primogênito da nova criação, que permanece bastante distinto do Deus Único, o Pai do monoteísmo.

Lo A novidade surpreendente que aconteceu não é que o credo judaico se expandiu para incluir uma segunda Pessoa como Divindade, mas que Deus elevou um homem único, Seu Filho, à posição de honra à direita de Deus. Deus assim demonstrou Seu propósito para o homem Messias, como cabeça da nova criação. Jesus ainda é um homem, por mais alto que seja. A plena glória da posição do Messias é o tema dos escritos de Paulo, mas sua teologia desmorona se for sugerido que exaltar o Messias significa comprometer a Divindade única do Pai — e se, afinal de contas, Jesus era desde o princípio Deus! O mesmo!

A glória da fé de Paulo é que o messianismo de Jesus ocorre em todas as suas dimensões, enquanto a posição do Deus Único que tudo planejou permanece, felizmente, intacta. Paulo realmente não poderia ter declarado seu monoteísmo unitário com mais clareza: "***para nós há um só Deus, o Pai***" (combinando ***1 Coríntios 8:4, 6***). Jesus é o principal agente de Deus agora coordenado com o Pai. Jesus está diretamente envolvido na nova criação em preparação para seu governo vindouro no Reino de Deus na terra.

De fato, Jesus, o Messias, é associado exclusivamente no céu com o Pai. Mas o Pai continua sendo o Único Deus, além do qual não há outro. A surpreendente verdade a observar é que agora existe um ser humano exaltado intimamente associado ao Deus Único, seu Pai. A história bíblica é, portanto, sobre o destino surpreendente do Filho de Deus gerado virginalmente e sua exaltação meteórica ao segundo lugar no universo ao lado do único Deus do judaísmo e do cristianismo originais. Por outro lado, ter Deus exaltado ao lugar de Deus, um Deus lado a lado com um segundo Deus, arruína o ponto do NT e priva Jesus de sua extraordinária realização, e Deus de Seu plano magnífico de imortalizar Jesus como humano. sendo. , como precursor e pioneiro de muitos outros filhos atualmente em processo e aguardando a imortalidade na ressurreição (não antes). Jesus é de fato o primogênito entre muitos irmãos e irmãs (***Romanos 8:29***). Compartilhe com eles pertencentes à raça humana.

Há uma fórmula repetida sobre Deus e Jesus que aparece nas cartas de Paulo. O Apóstolo define Deus, em estrito estilo monoteísta, como "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Deus não é o Pai de Deus! Deus é o Pai do Senhor Messias, como declara o restante do NT. *Dunn* observa que "mesmo como Senhor, Jesus reconhece seu Pai como seu Deus. Aqui fica claro que "*kurios*" [senhor] não é tanto uma forma de

identificar Jesus com Deus, mas sim uma forma de distinguir Jesus de Deus". **[42]** Esta verdade deve ressoar com os leitores da Bíblia e paroquianos. Que chegue o dia em que a maneira normal de identificar os seguidores de Jesus seja deliberadamente distinguir Jesus de Deus. Paulo deu o exemplo, seguindo Jesus e seu credo. "***e Deus, o cabeça de Cristo***" (***1 Coríntios 11:3***). Em ***1 Coríntios 15:28***, o Senhor de todos, o Messias, recebeu seu senhorio de Deus. Imagine quão destrutiva para esta incrível verdade seria a ideia de que Jesus já tinha um senhorio igual ao de seu Pai desde a eternidade. A história bíblica perderia seu controle, a carreira dramática de uma criatura humana exclusivamente gerada em seu caminho para a exaltação suprema à direita do Deus Único.

O ensinamento paulino é que Jesus é o homem que cumpriu o destino originalmente atribuído a Adão, o de governar o mundo como vice-regente do Deus Único. Este é o objetivo do cristianismo do NT, prometendo a outros seres humanos a perspectiva de seguir Jesus, o ser humano pioneiro, para se glorificarem como governantes do futuro reino na terra (***Mateus 19:28; 1 Coríntios 6:2; Apocalipse 2:26; 3:21***, etc.). Este é o tema do muito negligenciado Evangelho cristão do Reino de Deus, pregado como sua mensagem salvadora central por Jesus e por Paulo seguindo as ordens de Jesus na Grande Comissão (***Lucas 4:43; 8:1; Atos 19:8 ; 20: 24, 25; 28:23, 31***, etc.).

Então, o que dizer dos textos de Javé aplicados a Jesus? *Dunn* tem a resposta óbvia:

> A única solução óbvia para a tensão criada pelo discurso de Paulo sobre Jesus como Senhor [Existe de fato alguma tensão aqui, exceto o problema causado por visões confusas posteriores de Jesus como Senhor Deus?] é seguir a lógica sugerida por sua referência a Javé textos para Jesus. Ou seja, o senhorio de Jesus é um status concedido por Deus, uma participação em sua autoridade. Não é que Deus se afastou e Jesus assumiu. É antes que Deus compartilhou seu senhorio com Cristo, permanecendo somente de Deus. **[43]**

A maravilhosa verdade da história da Bíblia é compartilhar a glória do Deus Único com Sua criatura e criaturas escolhidas. Não a partilha de Deus com Deus, que provocaria uma quebra no monoteísmo fundamental da Bíblia, tão evidentemente sustentado por Jesus e Paulo..

Fazer de Paulo o proponente de uma revisão do credo de Israel é colocar Paulo contra Jesus e ambos contra o credo de Israel. Não existe tal sugestão nas mentes dos escritores canônicos. No caso da definição de Deus, nenhuma teoria da revelação progressiva que poderia ser aplicada à questão das obras da lei sob a Nova Aliança é concebível. Paulo é completamente um monoteísta unitarista, assim como Jesus era. Deus é "***o Deus de nossos pais***" (***Atos 24:14***), e o mesmo Deus dos judeus é o Deus dos gentios (***Romanos 3:29***).

Notas Finais Capítulo 8

[1] *David Kaylor*, "*Jesus the Prophet:His Vision of the Kingdom on Earth*" (Jesus, o Profeta: Sua Visão do Reino na Terra), pág. 212.

[2] *Bart D. Ehrman*, "Jesus: Apocalyptic Prophet of the New Millennium" (Jesus: profeta apocalíptico do novo milênio), Oxford University Press, 1999, página 241.

[3] "Deus de Deus" pode, evidentemente, implicar alguma subordinação indefinida ao Filho.

[4] Nenhuma decisão oficial sobre o estatuto do Espírito Santo, ao contrário da decisão sobre o Pai e o Filho, foi alcançada mesmo em 325 D.C. em Nicéia. Os bispos decidiram não dizer mais do que "acreditamos no Espírito Santo".

[5] Dan Brown, "*The Da Vinci Code*" (O Código Da Vinci), Doubleday, 2003, pág. 233.

[6] "*Truth and Fiction in The Da Vinci Code*" (A Verdade e a Ficção no Código Da Vinci), Oxford University Press, 2004, páginas 14-15.

[7] Tomo 1, pág. 812. Itálico acrescentado mais tarde.

[8] Ibíd., citando a *J. Oswald Dykes*, "*The Person of our Lord*" (A Pessoa de Nosso Senhor), Expository Times 17, 1905, Itálico acrescentado mais tarde.

[9] *L.L. Paine*, "*A Critical History of the Evolution of Trinitarianism*" (Uma História Crítica sobre a Evolução do Trinitarismo), pág. 262.

[10] Deus é definido como "um algo" por *James White* na sua Justificativa da Trindade. "*The Forgotten Trinity*" (A Trindade Esquecida), pág. 27. *Hank Hanegraaff* propõe a mesma definição na rádio.

[11] "*A Christological Catechism*" (Um Catecismo Cristológico), Paulist Press, 1991, pags. 46-47.

[12] Ibidem., pág. 97.

[13] Ibidem., pags. 98-99.

[14] O significado exacto desta iniciação foi elucidado nas narrativas de nascimento.

[15] "*Trinity and Incarnation: In Search of Contemporary Orthodoxy*" (Trindade e encarnação: em busca da ortodoxia contemporânea), Ex Auditu 7, 1991, página 88.

[16] *Charles Wesley*, "*And Can It Be That I Should Gain*" (E Eu Poderei Ganhar).

[17] *Cullmann*, "*Christophorus of the New Testament*" (Cristóforo do Novo Testamento), Pág. 222-223.

[18] *Gregory Boyd*, "*Oneness Pentecostals and the Trinity*" (Os Pentecostais Unitários e a Trindade), Baker, 1992, Pags. 26-27.

[19] "*Trinity*" (Trinidad), "*The New Bible Dictionary*" (O Novo Dicionário Bíblico), Intervarsity Press, 1962, Seite 1209.

[20] "*Christophorus in the Making*" (Christophorus Em Formação), Seite 179-182.

[21] Ibidem, pág. 182.

[22] "*Unity and Diversity in the New Testament*" (Unidade e Diversidade no Novo Testamento), SCM Press, 1977, página 203.

[23] *George Ladd*, "*A Theology of the NT*" (Uma Teologia do NT), Eerdmans, 1974, página 25.

[24] *Dunn*, "*Unity and Diversity*" (Unidade e Diversidade), página 204.

[25] Ibidem.

[26] Ibidem., Pág. 205.

[27] Ibidem.

[28] Ibidem., 205.

[29] *Hugh Anderson*, "*The Gospel of Mark*" (O Evangelho de Marcos) (New Century Bible Commentary), pag. 280.

[30] Ibidem. 280.

[31] Ibidem., pag. 281.

[32] Ibidem., pag. 282.

[33] *Dunn*, "*Unity and Diversity*" (Unidade e diversidade), página 53.

[34] Ibidem. 53

[35] Ibidem. 53

[36] Ibidem, pág. 53. *Dunn p*rossegue dizendo que ***Romanos 9:5*** é o único verdadeiro candidato à alegação de que Jesus é chamado Deus por Paulo, e que mesmo aqui o texto não é claro. Num trabalho posterior, *Dunn* analisa este texto com mais detalhe e chega à conclusão de que Paulo não chamou a Jesus de Deus aqui. O problema é uma estrutura de frases ambígua da qual nenhuma conclusão clara pode ser tirada, a menos que, como aqui, o texto seja explícito e claro.

[37] Ibidem. 53

[38] Ibidem, itálico do próprio *Dunn*.

[39] Ibidem, pág. 225.

[40] "*The Theology of Paul the Apostle*" (A teologia do apóstolo Paulo), Eerdmans, 1998, página 265.

[41] Ibidem, pág. 253.

[42] *Dunn*, "*Unity and Diversity*" (Unidade e Diversidade), Seite 53.

[43] *Dunn*, "*Theology of Paul*" (Teologia de Pablo), Seite 254.

Capítulo 9

Trabalho De Detetive E Truques De Palavras

> "Poderia tender a promover a moderação e, no final, o acordo, se em todas as ocasiões tivéssemos a diligência de representar a nossa própria doutrina [a Trindade] como totalmente ininteligível". **[1]**

> "Em primeiro lugar, é de notar que João é uma testemunha tão inabalável como qualquer outra no NT do princípio fundamental do judaísmo, do monoteísmo unitário (compare, ***Romanos 3:30; Tiago 2:19***). Existe o único, verdadeiro e único Deus (***João 5:44; 17:3***): todos os outros são ídolos (***1 João 5:21***). De facto, em nenhum lugar o carácter judeu de João é mais claro do que emergiu em todas as bolsas de estudo recentes". **[2]**

A Bíblia deve ser pensada de certa forma como uma cena de crime. Desconhecido de grande parte do público que vai à igreja, que geralmente não lê os documentos em hebraico e grego originais, existe um preconceito poderoso e injusto em algumas traduções (damos um exemplo na nossa discussão da palavra "adoração" no capítulo cinco) A tradução pode ser a forma mais subtil de interpretação. Por vezes o texto foi feito para dizer o que — de acordo com os pontos de vista "ortodoxos" de Deus e Jesus e da salvação — deveria dizer à luz da teologia posterior. Tem havido uma tentativa inconsciente por parte daqueles que têm a visão maioritária de reforçar o texto da Escritura com endossos para as doutrinas "corretas". Mas também tem havido uma barragem constante de desafios dos opositores que, de facto, a "ortodoxia" pode não ser exatamente o que diz. As objeções levantadas contra os pontos de vista da maioria têm uma longa história. A queixa de que o NT está mal representado na igreja não é novidade. **[3]**

A sofisticação do estudo bíblico moderno e a avalanche de informação prontamente disponível através da Internet ajudam os investigadores a descobrir a clara tendência dos "ortodoxos" para tornar a Bíblia, sempre que possível, conforme a teologia post-bíblica. **[4]** Em vez de admitir que a fé do segundo século piorou à medida que os gregos filosoficamente treinados se tornaram cristãos num certo sentido, trazendo consigo os seus pressupostos filosóficos, os "ortodoxos" insistem em traçar as "perspetivas certas" ao longo de uma linha contínua de volta à própria Bíblia.

Um pequeno trabalho de detetive revelará alguns factos surpreendentes sobre o que se tem estado a passar. O evangelho de João tem sido usado para forçar o resto da Bíblia, ao contrário da essência da Escritura tomada como um todo, para a teologia posterior dos concílios eclesiásticos. ***João 8:58***, **[5]** por exemplo, tem sido usado para promover a ideia, ausente do resto do T, de que Jesus é igual em todos os sentidos a Deus e pré-existiu como o "Deus eterno, o Filho". Depois, uma forte concentração em João é apoiada por alguns versículos em Paulo. Os evangelhos sinópticos — Mateus, Marcos e Lucas — não são tratados como dados primários para conhecer Deus e Jesus. João é distorcido e depois uma versão distorcida de João é lida de novo no resto da Bíblia. João tornou-se o principal apoio para a teologia posterior de Deus como mais do que uma Pessoa, e Jesus como não originalmente humano.

O que é esquecido em todas as citações de João é que "João é uma testemunha tão inabalável como qualquer outra no NT do princípio fundamental do judaísmo, do monoteísmo unitário... (***João 5:44; 17:3***)". **[6]** Estes textos de João deveriam ter fornecido uma barreira sólida contra qualquer diluição, modificação ou "expansão" das próprias declarações credíveis de Jesus. Infelizmente, o monoteísmo unitário de João e Jesus tem sido inundado por textos compilados do próprio João e utilizados contra ele, para o contradizer a ele e a Jesus, e para contradizer o relato lucidamente direto e detalhado da origem de Jesus, o Filho de Deus, e assim quem ele realmente é.

O Efeito Cumulativo Da Linguagem Sobre Deus

De facto, é uma luta difícil encontrar nas Escrituras a doutrina de que tanto "Jesus é Deus" como "o Pai é Deus" quando Deus é definido milhares e milhares de vezes por pronomes pessoais singulares (Eu, Tu singular, Eu, Ele, e A Ele). Os pronomes pessoais singulares, se se estiver a seguir o método de interpretação gramatical histórica reivindicado pelos evangélicos, ou se se estiver a usar o senso comum normal, denotam uma única Pessoa. A palavra "eu" constantemente utilizada para Deus significa um eu pessoal único e distinto. Deus é assim constantemente descrito. Jesus é igualmente "Eu" como uma personalidade separada e distinta, **[7]** como são todas as crianças em relação aos seus pais. Jesus fala do Seu Pai e de Si próprio como "nós" (***João 14:23; 17:21***). O Seu Pai é uma testemunha individual adicional do que Ele, Jesus, diz (***João 8:17, 18***).

As afirmações enfáticas de Deus na Bíblia, de que Ele é uma Pessoa única que reivindica a posição única da Deidade, excluem consistentemente todas as opiniões contrárias que O fariam mais do que Um: "***Eu sou o SENHOR, e não há outro; além de mim não há Deus***" (***Isaías 45:5***). "***Tu somente és o Deus***" (***Isaías 37:16; Salmo 86:10***). "***eu sou o SENHOR, e não há outro***" (***Isaías 45:6***). "***Porventura não sou eu, o Senhor? Pois não há outro Deus senão eu; Deus justo e Salvador não há além de mim***" (***Isaías 45:21***). "***que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***). A Bíblia esgota a linguagem no seu esforço de informar o leitor de que existe um só Deus e que Ele é um indivíduo divino. Ninguém tem dificuldade em identificar Elias como uma única pessoa humana: "***e eu fiquei só***" (***1 Reis 19:14***). Precisamente a mesma língua apresenta Deus como um único indivíduo. Mas a simplicidade da teologia unitária da Bíblia tornou-se um pesadelo de complexidade sob a pressão da teologia filosófica grega posterior.

Nenhuma das doze mil ocorrências das palavras para Deus na Bíblia pode ser mostrada como significando um Deus Triuno ou um Deus tri-pessoal. A Trindade como "Deus" nunca é assim chamada na Bíblia. Nem a palavra Trindade, nem a mais pequena dica de que Deus é três Pessoas iguais e eternas, aparece em qualquer dos trinta e um mil versículos da Escritura. Pai, Filho e o Seu Espírito Santo são frequentemente mencionados em conjunto no NT. Apenas a doutrinação de tempos posteriores obriga os leitores a assumir que os "três" constituem o Deus Único. Paulo, ao fazer declarações credíveis, associa Deus e Jesus num relacionamento de Deus e do homem. "***Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem***" (***1 Timóteo 2:5***). O Senhor Messias continua a ser uma pessoa humana ao contrário do Único Deus, seu Pai.

O facto óbvio de os escritores do NT se referirem ao Pai quando dizem que Deus (mais de 1300 vezes) forçou alguns comentadores à estranha posição de afirmar que "Pai" por vezes se refere a toda a Trindade! Cada uma das mais de 1300 referências a Deus (*theos*) como Pai é um testemunho do credo Unitário da

Escritura. Este tem sido um problema para comentadores que esperam encontrar a teologia dos conselhos da Igreja na Escritura.

Forçar a Trindade no Texto Bíblico

Assim, *Stuart Olyott* em "*The Three Are One*" (Os Três São Um) cita a declaração unitária de Paulo: "***todavia, para nós há um só Deus, o Pai***" (***1 Coríntios 8:6***). Ele comenta: "Aqui a palavra 'Pai' é equivalente às palavras 'um só Deus'. Paulo diz que só existe um Deus, e não pensa de todo nas Pessoas da Divindade.... O título 'Pai' é usado de Deus, mas não de uma Pessoa distinta na Divindade". **[8]** O seu desejo de justificar o seu trinitarismo nas Escrituras obriga-o a ler "Pai" não como uma das Pessoas, mas como toda a Trindade da Divindade. Aparentemente, a constante equação do NT de Deus com o Pai não o convence do monoteísmo unitário da Bíblia. A pressão da lealdade ao "sistema" torna a objetividade impossível.

Com a esmagadora evidência do monoteísmo judaico-cristão contra eles, os trinitários foram levados a reunir todos os "textos-prova" que pudessem para os apoiar. Por vezes são ajudados por textos que foram manipulados, no grego original, a favor da Trindade. A história da transmissão de manuscritos gregos desde os primeiros séculos até aos dias de hoje é muito reveladora. Mostra alguns casos flagrantes de "mexer" com o texto grego para inserir a ideia de que Deus é três e que o Filho de Deus é, de facto, Deus.

A Versão do King James da Bíblia contém uma passagem em ***1 João 5:7*** que é agora universalmente reconhecida como uma falsificação. Foi acrescentada aos manuscritos como um texto de prova trinitária e foi incluída quase por acidente na Versão Autorizada de 1611. As notas em qualquer Bíblia de estudo moderna fornecerão ao leitor a informação necessária sobre a sua ausência no original. *Bruce Metzger* concluiu: "É certo que estas palavras são falsas e não têm o direito de estar no NT". **[9]** Outro exemplo de um texto que foi alterado é ***1 Timóteo 3:16***. Este versículo diz no KJV: "***Deus manifestou-se em carne e osso***". As versões modernas corrigiram a palavra "Deus" para "Aquele que". A alteração de um "Aquele qu"" original (*O*j grego) foi realizada muito furtivamente quando alguns escribas transformaram o **O** (*omicron*) em *q* (*theta*) dando *q*j (*theta sigma*). A leitura THS foi uma forma abreviada da palavra grega "*theos*", Deus. Tudo o que tinha de ser feito era traçar uma pequena linha no meio do *O* para produzir a letra grega *theta* (*q*). O texto foi então feito para soar trinitário e apoiante da Encarnação: "Deus manifestou-se em carne e osso". "Aquele que" (*O*j) foi feito para ler "Deus" (*q*j).

1 Juan 5:20 ("***y estamos en el verdadero, en su Hijo Jesucristo. Este es el verdadero Dios y la vida eterna***") es considerado por algunos comentaristas como una indicación de que Jesús es Dios. Dado que esto derrocaría el credo unitario de Jesús, muchos otros comentaristas, tanto evangélicos como liberales, reconocen la referencia al "Dios verdadero" como un título para el Padre de Jesús. El versículo es entonces un eco de ***Juan 17:3*** donde Jesús distingue cuidadosamente al "***único Dios verdadero***" (el Padre) de sí mismo el Mesías. En ***1 Juan 5:20*** estamos en Aquel que es verdadero al estar en Su Hijo Jesucristo. Es el Padre quien es este único Dios verdadero, como había dicho Jesús en ***Juan 17:3***. **[10]** Estamos en unión con el único Dios, el Padre, al estar en armonía con su Hijo único y humano.

Os copistas tentaram obscurecer a geração (que veio à existência) do Filho de Deus em 1 João 5,18. João fala de Jesus como "aquele que foi gerado", usando o tempo aoristo do verbo que indica um ponto no tempo no passado. A iniciação do Filho seria uma contradição óbvia do conceito trinitário de que o Filho

sempre existiu. Alguns manuscritos gregos reflectem uma tentativa de fugir à origem do Filho gerado no tempo. Mudaram o "*ele*" na frase "o gerado de Deus o guarda" para "*ele mesmo*", evitando assim a referência a Jesus como o "gerado" e aquele que agora preserva o cristão. O texto foi manipulado para dar a estranha sensação de que o cristão se preserva a *si próprio*. Mais uma vez, Metzger prefere a leitura mais óbvia: "A comissão compreendeu 'o único gerado' a referir-se a Cristo". **[11]** Este versículo é particularmente importante, pois mostra que João está em perfeito acordo com Lucas e Mateus, que também falam da geração do Filho na história, no ventre da sua mãe (***Lucas 1:35; Mateus 1:1, 18, 20***).

João conhecia os evangelhos sinóticos e muito provavelmente referia-se ao nascimento virginal em ***João 1:13***, onde existe uma evidência muito antiga e generalizada de que o verbo "gerado" deveria ser *singular* como uma referência a Jesus que não foi gerado de "***sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem***". A Bíblia de Jerusalém de 1968 escolhe esta versão de ***João 1:12, 13***: "***Mas a todos quantos o aceitaram*** [Jesus] ***deu poder para se tornarem filhos de Deus, a todos os que acreditam no nome d'Aquele que não nasceu do sangue humano ou do impulso da carne ou da vontade do homem, mas do próprio Deus***". Jesus, claro, nasceu de Maria e, neste sentido, foi em grande parte de origem humana, sendo um descendente direto de David. Contudo, Ele não nasceu de "sangue" (como diz o grego), a mistura do sangue de dois pais humanos. Ele não nasceu da vontade do homem ou do impulso da carne, mas diretamente pela intervenção de Deus.

Tertuliano acusou os gnósticos de terem alterado o texto grego para evitar uma referência ao nascimento virginal em ***João 1:13***, e isto pode muito bem ser assim. Mesmo que o verbo seja tomado no plural ("que nasceram"), referindo-se ao renascimento cristão, existe um paralelo entre o nosso renascimento e a geração milagrosa de Jesus o Filho..

Há mais um ou dois versículos em que os trinitários pensam ter encontrado referências a Jesus como Deus. As 1317 referências ao Pai de Jesus como "Deus" não parecem convencê-los de que só o Pai é Deus. Nos poucos versículos que supostamente se referem a Jesus como "Deus", existe uma ambiguidade gramatical que torna a decisão sobre quem é chamado Deus bastante incerta. Um uso ocasional de "Deus" para Jesus num sentido secundário, contudo, não derrubaria o uso bíblico maciço e consistente de "Deus" apenas para o Pai.

De fato, o credo deve ser estabelecido na evidência esmagadora e inequívoca de Deus como *uma única Pessoa em toda a extensão das Escrituras*. Basear credos em textos gramaticalmente ambíguos é muito imprudente. Podemos dizer com certeza que Jesus é chamado de "Deus" duas vezes, em ***Hebreus 1:8*** e ***João 20:28***. As poucas outras passagens não podem ser apresentadas como evidência firme. ***Tito 2:13*** é um exemplo de texto que os evangélicos costumam apresentar como claro, quando na verdade as traduções diferem de maneira notável. A tradução KJV pode muito bem estar correta: os cristãos estão "esperando a bendita esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e Salvador nosso Jesus Cristo". **[12]**

Jesus não é aqui chamado "Deus". Como *Nigel Turner* comentou: "Por vezes o artigo definido não é repetido mesmo quando há uma clara separação de ideias". **[13]** Neste versículo Deus e Jesus estão claramente separados e não houve necessidade de repetir o artigo definido para assegurar essa separação.

Certamente não há Trindade em ***Isaías 48:14-16***. Observe a pontuação no RSV:

> "***¡Reúnam-se, todos vós, e ouçam! Quem, entre eles, declarou estas coisas? O Senhor ama-o; na Babilónia ele cumprirá o seu propósito, e o seu braço será contra os caldeus. Eu, até***

> ***eu*** [o Senhor Deus]***, falei e chamei-o, trouxe-o*** [ao Messias]***, e ele prosperará no seu caminho. Aproxima-te de mim, ouve isto: desde o início não tenho falado em segredo, desde o momento em que lá estive". "E agora o Senhor DEUS enviou-me a mim e ao seu Espírito"***".

Note-se que a RSV fecha as aspas invertidas depois de "***que lá estive***". Então um novo orador diz: "***E agora o Senhor DEUS enviou-me a mim e ao seu Espírito***". O Messias, ou talvez o profeta, está aqui representado como sendo enviado pelo Senhor (Deus). A grande maioria dos estudiosos trinitários nunca apresentaria esta passagem como prova da Trindade. É espantoso que a nossa compreensão de quem é Deus se baseie na subtileza gramatical.

Gerar Significa Gerar

As provas dos extraordinários comprimentos a que os trinitários foram submetidos para justificar um credo post-bíblico são vistas quando a palavra "gerar" é privada do seu verdadeiro significado e é dado um novo significado "teológico" não reconhecido por qualquer léxico. **[14]** Este registo mostra a persistência com que a tradição tenta subjugar e suprimir o significado de terminologia bíblica simples. ***Salmo 2:7*** declara que Deus gerou o seu Filho: "***Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei***". É um oráculo divino que nos aponta para o aparecimento posterior do Seu único Filho, o Messias. Uma vez que gerar significa trazer à existência, originar **[15]**, como se pode reconciliar isto com a visão dogmática de que o Filho não tem princípio e é eterno? O problema era agudo uma vez que neste texto não só o Filho é gerado, como é gerado "hoje". Este versículo foi aplicado ao nascimento de Jesus em ***Atos 13:33***: Deus "ressuscitou Jesus". **[16]** ***Atos 13:34***, pelo contrário, refere-se à ressurreição (ver também ***Hebreus 1:5; 5:5***; comparar, ***1 João 5:18***, não KJV).

Os arquitectos da Trindade demonstraram uma extraordinária engenhosidade na resolução do "problema". Foi argumentado que quando Deus "gera" deve ser um acontecimento fora do tempo, uma vez que Deus é eterno. Além disso, com Deus todos os tempos são iguais, por isso quando Ele diz "hoje", Ele deve significar "o dia eterno que não tem princípio e não tem fim". Mas isto é para se empenhar na demolição das palavras e da comunicação. *Olyott*, que citamos acima, escreve: "·O Filho deve a Sua geração ao Pai", e depois, destruindo a palavra "gerar", declara: "Esta relação do Filho com o Pai não teve início". **[17]**

O ponto com que estamos a lidar neste livro gira em torno do número de Pessoas eternas não criadas que existem no universo. Desde que a Igreja post-bíblica decidiu sobre três Pessoas na Divindade, a origem da pessoa de Jesus foi uma vergonha. O Filho, afinal, foi gerado. A palavra gerado tinha um significado perfeitamente simples: originar, procriar, trazer à existência. Além disso, o Filho foi claramente gerado num momento específico e num dia específico: "***Tu és meu Filho, eu, HOJE, te gerei***" (***Salmo 2:7***). O cristianismo é, antes de tudo, uma religião enraizada na história. A história de Jesus é tanto de Deus como nossa, e é estabelecida no tempo. Os seus principais acontecimentos ocorrem em dias e horas específicos. Nas Escrituras do AT, o Filho foi prometido por um tempo no futuro, o que significa que Ele ainda não existia. A vinda do Filho, como descendente do Rei David, foi garantida na agenda de Deus e de acordo com o Seu próprio tempo. Mas isto não é verdade em relação à doutrina muito filosófica de Deus e do Filho, herdada dos conselhos da igreja.

As declarações bíblicas de importância crítica sobre como e quando Deus nasceu, ou seja, trazido à existência, o Seu próprio Filho, não podem ser reconciliadas com um Filho de Deus que não teve início. Mas sem um Filho tão eterno e "sem começo", não pode haver uma Trindade como a transmitida por Nicéia.

Qual foi a tarefa atribuída? A "linguagem eclesiástica" veio em socorro e as palavras "ofensivas" receberam novas definições desconhecidas dos dicionários ou léxicos. Palavras bíblicas relacionadas com a origem do Filho de Deus foram simplesmente esvaziadas do seu verdadeiro significado. A tarefa de explicar os novos significados das palavras bíblicas e de lhes dar uma "reviravolta" teológica foi atribuída ao clero erudito. Eles tornaram-se guardiães destes significados esotéricos e não-normais. O público comum, que compreendeu as palavras no sentido do dicionário, foi considerado incompetente para julgar o "significado superior" que os líderes eclesiásticos educados conferiam às palavras. E os resultados desta ofuscação de palavras simples permanecem connosco até aos dias de hoje. Os membros da igreja inquiridores são por vezes exortados a não se preocuparem com questões "teológicas" que são melhor deixadas aos "especialistas".

Em contradição com a sua afirmação de que no caso do Filho de Deus "gerar não pode significar gerar", os mesmos estudiosos continuaram a dizer, de forma inconsistente, que acreditavam no método gramatical de interpretação, através do qual as palavras recebem o seu significado léxico normal. Mas que léxico ou dicionário apoiará a afirmação de que "gerar" não significa "trazer à existência, produzir" ou que "hoje" significa "numa eternidade eterna"? As provas para esta sabotagem da Bíblia em nome do cristianismo estão disponíveis para todos inspecionar..

A questão está claramente exposta no trabalho do Professor *Donald Macleod* sobre A Pessoa de Cristo. Na sua secção sobre "Geração Eterna", ele diz-nos que esta ideia "figura de forma proeminente nas declarações dos pais Nicenos e seus sucessores". **[18]** Depois esta surpreendente admissão: "Mas está longe de ser claro qual o conteúdo, se é que existe, que podemos transmitir ao conceito". **[19]** Portanto, a frase que domina grande parte da discussão sobre a Trindade pode não ter sentido; de facto — sem sentido é o termo do qual a Trindade depende em grande parte.

Macleod sente a necessidade de cobrir a sua incerteza. A geração eterna:

> é revelado, mas revela-se como um mistério, e os escritos dos pais abundam em protestos de ignorância inevitável sobre o assunto. Atanásio, por exemplo, escreve: "também não é correto procurar ... como Deus gera, e qual é a forma de gerar. Pois um homem deve estar fora de si para se aventurar em tais pontos; pois uma coisa inefável e própria da natureza de Deus, e conhecida apenas por Ele e pelo Filho, exige que lhe seja explicada em palavras... É melhor em perplexidade calar-se e acreditar, do que não acreditar por causa da perplexidade". **[20]**

Alguns exames modernos da Trindade são refrescantemente cândidos. É preciso lê-los cuidadosamente para ver como, de facto, minam a tradição que esperam apoiar. *Millard Erickson* desiste da luta desigual sobre a noção impossível de "geração eterna" quando reconhece: "As passagens de geração [no NT] devem ser vistas como uma referência à residência terrena de Jesus, e não a uma geração contínua do Pai". **[21]**

Sem a doutrina da "geração eterna" do Filho, a Trindade desmorona-se. Um forte protesto deve ser levantado acerca da base da Escritura e do método gramatical histórico pelo qual ela deve ser lida. O argumento de Atanásio e Gregório Nazianzeno para "geração eterna" baseia-se num significado completamente desconhecido de uma palavra grega bem definida. Macleod aventura-se a explicar a visão

dos pais da igreja com esta frase espantosa: Ele diz que, para os arquitetos do dogma sobre o Filho, "Gerar não significa originar". **[22]**

Sugiro que toda a confusão sobre quem Deus e Jesus são decorre dessa espantosa proposta. Uma abordagem "*Humpty Dumpty*" [1] às palavras foi imposta e privou-nos do acesso a uma verdade preciosa. Foi *Humpty Dumpty* que declarou que as palavras significam exatamente o que ele as escolhe para significar. **[23]**

Em qualquer dicionário grego ou inglês descobre-se imediatamente que "originar" significa "gerar" e "gerar" é "gerar", "trazer à existência". Mas o significado da palavra "gerar" teve de ser descartado, para que a *origem* do Filho de Deus não ficasse clara. Um porta-voz católico posterior da Igreja, João de Damasco, falou do Deus eterno que "gera ... sem começar ... que Deus, cuja natureza e existência estão acima do tempo, *não pode gerar no tempo*". **[24]** Mas isto é para dizer a Deus o que Ele não pode fazer. De acordo com este argumento, o Filho é simplesmente, sem qualquer indício de se tornar. Nas palavras do padre da igreja *Gregório de Nazianzeno*, o Filho é "gerado sem origem". **[25]** O Filho, então, tendo em conta o significado real destas palavras, tem um "começo sem começo". Não admira, como comenta Macleod, "Essa pergunta [sobre a geração] levou *Gregório de Nazianzeno* quase à apoplexia. A verdade é que estamos perdidos. Sabemos que o Filho se distingue pelo facto de ter sido gerado, mas não sabemos o que é *gerado*". **[26]**

Mas nós temos! Mateus e Lucas explicaram-na muito adequadamente. E podemos reencontrar o nosso caminho quando abandonamos o labirinto de terminologia confusa [27] que inundou o simples uso do "gerar" na Escritura. Quando reconhecermos as palavras reveladas da Escritura e pararmos de tentar livrar-nos delas, tudo ficará claro. Lucas e Mateus dão-se ao trabalho de nos contar detalhadamente sobre a procriação do Filho. O Filho está ligado, passo a passo, através de um processo linear de geração ou descida de Abraão a David em 42 etapas. **[28]** Mateus diz-nos que nos está a dar os factos sobre "a *génese* de Jesus Cristo" (***Mateus 1:1***). O herói central da fé cristã é apresentado pelo versículo de abertura do NT como "Jesus Cristo, filho de David e de Abraão". ***1 João 5:18*** também fala de Jesus como "aquele que foi gerado" — o aoristo indica um ponto do tempo no passado — e não há qualquer indicação de que João tenha ficado intrigado com o significado da palavra "gerado". Isto significa que o Filho foi trazido à existência, não transferido de uma forma de existência para outra. O Filho é, segundo João, o único Filho gerado. A sua origem é única. Foi um germe ou procriação derivada diretamente da intervenção do Pai.

Todo o problema pode ser reduzido a isto: de acordo com os pais da igreja, geração não pode significar origem. *Macleod* admite o óbvio, que "na geração humana, claro, sim, mas na geração divina, não". **[29]** Mas o que é esta rejeição arbitrária da linguagem simples? Não será Deus capaz de trabalhar na Sua própria criação e por milagre biológico procriar, gerar, gerar pelo Seu Espírito o segundo Adão, cabeça da nova criação, o Filho de Deus? Não falou Paulo de Adão como o "tipo" d'Aquele que havia de vir (***Romanos 5:14***)? Todo o conceito de "geração eterna", "começando sem começo" é uma construção mítica que não é justificada pelo texto da Bíblia ou por qualquer definição léxica das palavras. Trata-se de sequestrar o significado correto das palavras. A linguagem tem sido espancada até à morte. Os resultados sofridos pelos membros da igreja e seus líderes têm sido caóticos e confusos.

[1] **Nota do Tradutor (NT):** Na gíria inglesa da época de sua criação, *Humpty Dumpty* era usado para designar alguém desajeitado e pequeno

Dr. John MacArthur

Um infeliz retrocesso na interpretação errada da palavra "gerar" ocorreu quando o comentador e evangelista *John MacArthur* decidiu adotar uma visão de geração que em anos anteriores tinha visto como impossível. *MacArthur* tinha concordado com vários proeminentes protestantes que "gerar" significava trazer à existência e que "gerar eternamente" era uma simples contradição. No seu comentário sobre Hebreus, escrito em 1983, ele tinha apoiado a opinião de que não havia Filho de Deus até ao nascimento de Jesus. **[30]** Abandonando a sua anterior visão realista do significado das palavras, *MacArthur* escreveu mais tarde:

> Agora é minha convicção que a iniciação de que se fala no ***Salmo 2*** e em **Hebreus 1** não é um acontecimento que se realiza a tempo... [Cristo] não teve início, mas é tão intemporal como o próprio Deus. Portanto, a "procriação" mencionada no ***Salmo 2*** e as suas referências cruzadas não têm nada a ver com a Sua *origem*. **[31]**

A palavra "gerar" foi convenientemente dissolvida em nada, sob a pressão da "ortodoxia". "Gerar" é um daqueles termos fixos que apontam para o início da existência. A Bíblia foi violentamente subjugada pela filosofia e o método gramatical teve de ser abandonado. O Jesus humano foi obscurecido.

Tentativas Surpreendentes De Evitar A Engendração Do Filho No Tempo

Este tema da "geração eterna" levou alguns evangélicos a extremos extraordinários. *George Zeller* e *Renald Showers* em "*The Eternal Sonship of Christ: A Timely Defense of This Vital Biblical Doctrine*" (A filiação eterna de Cristo: uma defesa oportuna desta doutrina bíblica vital) admitem que a palavra "gerar" é usada muitas vezes. (*hiphil*) conjugações no sentido comum de gerar ou procriar, como seria esperado por qualquer pessoa familiarizada com o conteúdo do AT. Aparece 28 vezes no quinto capítulo do Gênesis apenas neste sentido comum". **[32]**

Um exemplo notável de "jogo injusto" ocorre neste ponto de sua discussão. Os autores preferem que a forma *causativa* do verbo apareça no texto do ***Salmo 2:7*** ("***Eu te gerei hoje***"). Em outras palavras, seria mais fácil para eles dispensar seu significado óbvio afirmando que, na forma causativa, poderia significar simplesmente "*declarar* parentesco" em vez de trazê-lo à existência. O problema para esses autores trinitários era que permitir um início de filiação destruiria de uma vez a doutrina do Filho eterno e, portanto, a Trindade. Se pudéssemos simplesmente traduzir o texto no Salmo 2:7, "*Eu declarei a tua filiação*", isso "removeria [do verbo], é claro, qualquer referência necessária a começos". **[33]**

Depois cometem um curioso erro técnico. Dizem que se poderia mudar o verbo da forma simples para a forma causal sem alterar nenhuma das consoantes hebraicas, apenas alterando as vogais. Os factos estão errados. A forma causal do verbo exigiria certamente uma alteração da consoante, e não apenas uma alteração das vogais. Em qualquer caso, o texto sagrado teria de ser alterado. Destemidos, os autores, após muita luta, concluem que "gerado" no caso de Jesus significa que ele é o *Filho não gerado* e co equivalente do Pai. "Gerar", por outras palavras, não significa gerar. Significa "não gerar"!

O que é notável nesta tentativa de se livrar de informações indesejadas é que mesmo que um mude o verbo hebraico de uma forma para outra, não altera o significado simples de "gerar" em hebraico. Se se altera o texto para uma forma "*hiphil*" de "gerar", o significado do verbo continua a ser "gerar", "trazer à existência", o que na teoria trinitária do "Filho eterno" é impossível. Tanto as formas "*qal*" como "*hiphil*" de "*yalad*" na Bíblia hebraica significam "gerar".

Cito este exemplo simplesmente para mostrar como, em vez de publicarem uma teoria tradicional querida sobre um Filho não-original, os estudiosos que, de outra forma, têm em grande consideração as Escrituras, prefeririam sacrificar princípios de integridade do que abandonar o que é apenas uma tradição. É refrescante voltar ao trabalho de outros estudiosos modernos que não resistem ao texto em apoio de um dogma de longa data que teve origem nos séculos após a escrita do NT.

James Dunn traz-nos de volta à realidade e ao bom senso comum com a sua observação de que as narrativas de nascimento de Mateus e Lucas retratam a concepção virginal como:

> A origem de Jesus, como geração (= conversão) de Jesus para ser o Filho de Deus... É uma geração, uma conversão que está à vista, a vinda à existência daquele que será chamado, e de fato será ser o Filho de Deus, não a transição de um ser preexistente para se tornar a alma de uma criança humana ou a metamorfose de um ser divino em um feto humano. **[34]**

A "ortodoxia" nos deixa perplexos quando nos dizem que "o nascimento de Cristo não é a origem de sua personalidade, mas apenas sua entrada nas condições da vida humana". Isso leva à estranha ideia de que Cristo "não poderia ter sido tão passivo na conceição quanto nós... não poderia vir a existir dessa maneira, mas porque existia anteriormente, *sua conceição foi sua própria criação*. Ele assumiu consciente e livremente nossa natureza humana". **[35]**

Mas os relatos bíblicos sobre a origem de Jesus não deixam absolutamente nenhum espaço para esse notável ensino de que Jesus foi responsável por sua própria conceição. Felizmente, a mesma autoridade admite que Mateus e Lucas "não dizem nada sobre a pré-existência de Cristo, mas falam como se ele tivesse começado a nascer em Belém". **[36]** Isso é exatamente correto. Mas eles não falam apenas "como se" esses fossem os fatos. Eles declaram os fatos reais sobre a importantíssima origem de Jesus. Eles, portanto, fornecem uma definição clara de quem ele é. O início da existência do Filho é um acontecimento histórico marcado pela sua conceição/engendramento. E Mateus e Lucas compuseram seus evangelhos depois que Paulo escreveu suas epístolas. Esta é uma evidência muito forte de que nem os evangelhos nem Paulo pensavam que Jesus estava vivo antes de seu nascimento. O NT é unificado em seu testemunho do Messias humano. É altamente improvável que Lucas e Paulo discordassem sobre quem era Jesus.

Livrar-Se Das Palavras Bíblicas Indesejadas

A geração do Filho foi objeto de uma grande declaração profética no ***Salmo 2:7***. Ao que mais tarde se tornou "ortodoxia", a procriação do Filho foi um conceito impossível. A palavra "gerar" tinha de ser eliminada por uma negação drástica do seu verdadeiro significado. A procriação do Filho foi declarada pelos "pais" como sendo eterna. Mas longe de ser um acontecimento intemporal, o que de qualquer modo é impossível se a palavra "gerar" mantiver o seu significado, a ação de Deus no ***Salmo 2:7*** deveria acontecer

"hoje". Os pais da igreja e mais tarde Lutero, e muitos dos que o seguiram, pareceram não ter dúvidas quanto a esvaziar o termo "hoje" e "gerar" do seu significado simples..

O célebre pai da igreja *Orígenes* livrou-se da desconfortável informação sobre a origem do Filho de Deus:

> "***Tu és meu Filho; eu te gerei hoje***" Isto é dito por Deus a quem todo o tempo é hoje, pois não há noite para Deus, como eu o considero, e não há amanhã, nada mais que o tempo que se estende, juntamente com a Sua vida que nem começa nem se vê. O dia é hoje com Ele [Deus] em que o Filho foi gerado, e assim o início do Seu nascimento não se encontra, tal como o Seu dia. **[37]**

Agostinho, sobre o qual se constrói grande parte da nossa teologia ocidental, dispõe do conceito de geração ou nascimento do Filho com o mesmo tratamento arbitrário do texto bíblico. O que tem isto a ver com o facto inconveniente de o Filho de Deus vir a existir num determinado dia? Ele comenta o ***Salmo 2:7***:

> Embora também possa parecer falar profeticamente desse dia, quando Jesus Cristo nasceu segundo a carne; e na eternidade nada há passado como se tivesse deixado de existir, nem futuro como se ainda não o tivesse sido, mas apenas presente, pois tudo o que é eterno, sempre o é; mas como "hoje" insinua a presença, é dada uma interpretação divina a essa expressão "***Eu te gerei hoje***", pela qual a fé incorruptível e católica proclama a geração eterna do poder e Sabedoria de Deus, que é o Filho unigénito. **[38]**

O *Dicionário Protestante da Bíblia de Smith* sob "Filho de Deus" pede-nos que acreditemos, depois de definir corretamente o Filho de Deus como o Messias, que:

> num sentido ainda mais elevado, esse título é aplicado por Deus ao seu Filho único, gerado pela geração eterna (ver ***Salmo 2:7***), como interpretado na ***Epístola aos Hebreus*** (***1:5; 5:5***), sendo a palavra "hoje", nessa passagem, expressiva do ato de Deus, com o qual não há ontem, nem amanhã. **[39]**

Lutero é citado em apoio: "Na eternidade, não há passado nem futuro, mas um perpétuo hoje". A cópia acrítica de Lutero dos pais da igreja, especialmente Orígenes, sobre esta doutrina aponta para a medida em que a Reforma foi meramente tendenciosa.

No terceiro século, *Orígenes* tinha afirmado que Deus gerou o seu Filho por uma "geração eterna". Ele avisa-nos contra qualquer entendimento comum da palavra "gerar". O pensamento humano não pode compreender como o Deus não iniciado se torna Pai do Filho unigénito. Ele chama à geração do Filho "eterno" e "sem fim".

Outros pais da igreja permanecem agnósticos sobre a geração do Filho. Ireneu "admite que não compreende como o Filho é 'produzido' pelo Pai". **[40]** Ele fala do acontecimento como "inefável" e reduz a palavra "gerar" à existência de um atributo de Deus. Ou talvez a procriação do Filho seja uma "emissão de uma substância material". Mais tarde os teólogos evitavam este modelo por sugerir, como é óbvio, um começo no tempo.

A palavra hebraica para "hoje" ocorre cerca de 350 vezes no AT e não tem nada a ver com a eternidade. O precioso texto "***Tu és meu filho; Eu te gerei hoje***" (***Salmo 2:7***) foi sacrificado às exigências de um dogma post-bíblico que negava que o Filho de Deus tivesse um começo no tempo. Assim, o filho messiânico de David e Deus (***Lucas 1:32-35***) foi feito um segundo membro de uma eterna divindade. O Messias da Escritura prometido como descendente de David e, portanto, da tribo de Judá, foi substituído por um estranho visitante de fora da raça humana.

C. S. Lewis

Quanto à "geração eterna do Filho", no nosso próprio tempo a teologia teve de se entregar a uma linguagem muito "hesitante" para evitar o facto óbvio de que na Bíblia o Filho é gerado por um milagre em Maria. "Imagine", diz *C.S. Lewis*, "dois livros sobre uma mesa, um em cima do outro ... para todo o sempre". **[41]** Tal, diz ele, é a "eterna procriação" do Filho. Tem existido uma *relação* eterna entre os dois. Com este aprendido "giro", *Lewis* evitou a palavra "gerar":

> *Lewis* também abordou uma explicação do que é comummente chamada "a geração eterna do Filho". Ele escreveu: "Um dos credos diz que Cristo é o Filho de Deus 'gerado, não criado'... [que] nada tem a ver com o facto de que quando Cristo nasceu na terra como homem, esse homem era o filho de uma virgem. Pelo contrário, "o que Deus gera é Deus". Esta explicação negativa esclarece um pouco, mas não é muito útil. Noutro lugar escreveu que "um gera e o outro é gerado". A relação do Pai com o Filho não é a mesma que a relação do Filho com o Pai". Cristo como "Filho", observou Lewis, "não pode significar que ele se coloca perante Deus [o Pai] na mesma relação física e temporal que existe entre a prole e o progenitor masculino no mundo animal"; esta doutrina implica "uma relação harmoniosa que implica homogeneidade". O Lewis, normalmente espirituoso e realista, deixou os seus leitores nos domínios complicados e inebriantes da inquisição teológica sobre esta doutrina, mas (sejamos francos) quem é que alguma vez ouviu uma exposição claramente ilustrada do púlpito? Numa outra tentativa, Lewis declarou: "O Filho existe porque o Pai existe; mas nunca houve um tempo antes de o Pai ter produzido o Filho". Lewis teria provavelmente feito melhor para se afastar completamente deste assunto. **[42]**

A Igreja teria feito muito melhor em abandonar toda esta especulação antibíblica e em continuar com Mateus e Lucas como base para a sua definição de Deus e de Jesus. Certamente *Lewis* estava fora da sua profundidade, tentando corajosamente defender a sua "ortodoxia", mas tendo abandonado o credo NT de Jesus e os relatos da origem do Filho de Deus. Gerar não significa simplesmente ter "uma relação harmoniosa envolvendo homogeneidade"!

Um livro que repousa sobre outro não tem nada a ver com um livro que gera o outro. A analogia não é convincente. A iniciação é muito mais do que ter uma relação; significa trazer alguém à existência. A iniciação inicia uma nova pessoa. A Bíblia básica inglesa capta bem o significado do ***Salmo 2:7***: "***Tu és meu Filho; EU TE GEREI HOJE***". Esse versículo está por detrás dos relatos da origem de Jesus em Maria em Mateus e Lucas, e Paulo aplica-o ao início da vida do Filho em ***Atos 13:33*** **[43]** ***Hebreus 1:5*** e ***5:5*** também explicam a iniciação do Filho como o cumprimento da promessa de que Deus seria pai do filho de David (***Hebreus 1:5***, combinando ***Salmo 2:7*** e ***2 Samuel 7:14*** para fazer o mesmo ponto de vista). **[44]**

João, que é suposto ser a principal testemunha de um Filho de Deus eterno, fala de Jesus como "aquele que foi gerado" (***1 João 5:18***):

"Aquele que foi gerado preserva [o crente]". Como vimos em alguns manuscritos, foram feitas tentativas para se livrar deste verso embaraçoso, evitando a palavra "gerado" como descritiva de Jesus, mas a referência ao Filho que foi *gerado* sobrevive claramente nas traduções modernas baseadas numa leitura mais segura do manuscrito.

Prodigiosas demonstrações de destreza verbal caracterizam as tentativas dos escritores que procuram justificar o credo não bíblico que inclui um Filho "eternamente gerado". Uma vez descartado o simples significado das palavras, a Bíblia pode ser feita para dizer quase tudo. No caso de Deus gerar o seu Filho Jesus, o significado simples tinha de ser substituído, para que o Filho fosse co-eterno com o Pai. Lucas foi lucidamente claro. O seu relato da natividade explica a geração do Filho, como isto aconteceu por um milagre biológico divino. Igualmente evidente é a menção de Lucas ao Espírito Santo como o instrumento do milagre criativo de Deus realizado em Maria. O Espírito Santo faz imediatamente o leitor pensar na atividade criadora do Espírito no Génesis, com exclusão de qualquer pensamento de um Filho não criado!

João Capítulo 1

Menos óbvio do que a tentativa de evitar a palavra "gerar" foi o intrusivo "P" colocado na palavra "palavra" em ***João 1:1***, criando a impressão de que existem duas Pessoas na Divindade. Mas João não escreveu "no início era o Filho", e é correto traduzir ***João 1:3*** como "***Todas as coisas foram feitas por intermédio dele***", (o *Logo*) a palavra. **[45]** Além disso, e no interesse de "empurrar" o texto a favor do Jesus tradicional, o NVI parecia determinado a deixar ao leitor a impressão errada quando teve Jesus a dizer que ele "voltou" ou "voltou" a Deus (***João 13:3; 16:28; 20:17***). O que Jesus realmente disse foi que Ele estava a ir para Deus, não regressando ou voltando para Ele. Ele não podia regressar, uma vez que ainda não tinha estado no céu com o Pai. Ele só o conseguiu na ascensão. Os leitores do NVI, NAB e NLT são levados a pensar que Jesus voltou para o Pai. Isto, no entanto, não é o que diz o grego.

Jesus de João é o novo Moisés. Só colocando um "P" maiúsculo na palavra "palavra" em ***João 1:1*** é que surge qualquer dificuldade. Quando uma segunda Pessoa preexistente é forçada a entrar em João, contradiz o testemunho de Mateus e Lucas sobre o verdadeiro começo de Jesus. João começa por se referir à atividade criadora do Deus Único. A sua palavra ou sabedoria é a sua intenção e mente divinas. No pensamento judaico diz-se que os planos e propósitos de Deus são "com Deus". João escreveu mais tarde na sua epístola (***1 João 1:1, 2***), clarificando a abertura do seu evangelho, que "***a vida estava com o Pai***". **[46]** Jesus é que a vida se fez carne, o programa divino para a imortalidade revelado a nós. A mente de Deus é expressa de forma única no homem Jesus. Jesus é "sabedoria andante". Paulo chama-lhe "***a sabedoria de Deus***" (***1 Coríntios 1:24***).

Judeus como *Filo* podiam falar de Moisés como "segundo a previsão de Deus, a Lei lógica e animada". **[47]** Quando a palavra se fez carne em Jesus, isto equivaleu, como João escreve, a "graça e verdade" vinda através de Jesus (***João 1:17***). Jesus é a encarnação do propósito gracioso de Deus, tal como Moisés foi anteriormente a encarnação da Lei (*Torá*). Em nenhum dos casos é necessário assumir que estes pilares do plano de Deus estavam vivos antes do seu nascimento, criando uma complexidade que levou a séculos de disputas não resolvidas. **[48]**

O conceito de um propósito pré-existente é bem compreendido por alguns estudiosos importantes. *C.B. Caird* no seu "*The Development of Christ in the New Testament*" (O Desenvolvimento de Cristo no Novo Testamento) reflecte sobre a origem judaica de ***João 1***: "Os judeus tinham acreditado apenas na pré-existência de uma personificação, seja de um atributo divino ou de um propósito divino, mas nunca de uma Pessoa". **[49]** É completamente desnecessário fazer do propósito de Deus uma segunda Pessoa existente desde a eternidade. O Filho é o ser humano prometido como a descendência de David, e como tal é o propósito de Deus "***conhecido, com efeito, antes… porém manifestado no fim dos tempos***" (***1 Pedro 1:20***). Não há Filho eterno que "assume" ou "veste" carne. Pelo contrário, a palavra "vem à existência, carne", **[50]** uma pessoa humana gerada em Maria como "***habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai***" (***João 1:14***), um homem que expressa perfeitamente a vontade de Deus para todos nós.

Em Qumran, os contemporâneos de João usavam muito a mesma linguagem que João para descrever o propósito eterno de Deus. João partilha o pensamento do mundo sobre os documentos dos Pergaminhos do Mar Morto. "***Todas as coisas foram feitas por intermédio dele*** [o "*logos*", a palavra] ***, e, sem ele, nada do que foi feito se fez***" escreve ***João*** (***1:3***). Compare com este versículo a afirmação em *1 QS xi 11*: "*Pelo Seu conhecimento todas as coisas foram criadas, e tudo o que é Ele estabeleceu para o Seu propósito, e além d'Ele nada é feito*". João e os escritores Qumran trabalharam a partir de uma herança hebraica comum, João, claro, dizendo-nos que o grande propósito de Deus tinha sido "*com*" Ele (***João 1:1***) desde o início, e tornou-se realidade concreta no homem Messias Jesus (***João 1:14***). Jó tinha falado dos planos e propósitos de Deus como estando "*com*" Ele, significando que estavam escondidos no Seu coração: "***Estas coisas, as ocultaste no teu coração; mas bem sei o que resolveste contigo mesmo***" (***Jó 10:13***). "***Pois ele cumprirá o que está ordenado a meu respeito e muitas coisas como estas ainda tem consigo***" (***Jó 23:14***). "***ão! Com Deus está a sabedoria e a força; ele tem conselho e entendimento... Com ele está a força e a sabedoria***" (***Jó 12:13, 16***).

Não há necessidade de escrever "palavra" em maiúsculo em ***João 1:1***, forçando os leitores a assumir que uma segunda Pessoa existiu como Deus desde a eternidade, destruindo assim o primeiro princípio da teologia do som que Deus é uma Pessoa, e não duas ou três, como Deus. Jesus disse-o claramente em ***João 17:3***.

João 1 introduz a palavra ou sabedoria de Deus como a Sua expressão pessoal e atividade criativa. O relato do Génesis é recordado e é dada a João uma forma de apresentar a nova criação em Jesus. A palavra de Deus está cheia de vida e luz e as trevas "***não prevaleceram***" (não "ele", ***versículo 5***). João descreve então o acontecimento histórico da vinda de João Baptista que foi "***enviado por Deus***" (***versículo 6***). Ele testemunhou a verdadeira luz que quando ele veio ao mundo **(versículo 9**) foi o Filho. ***João 1***, do ***versículo 6***, descreve a aparição de João e Jesus, o Filho de Deus. A luz que vem ao mundo é agora descrita como "ele" ("*auton*", ***versículo 10***), em vez de "ele" ("*auto*", ***versículo 5***). O ***versículo 14*** retoma a descrição do Filho histórico e introduz pela primeira vez o título "Filho único do Pai" (tal como João também foi "de Deus", ***versículo 6***). O ***versículo 13*** recorda a geração virginal do Filho, provavelmente comparando-a com o renascimento cristão. João não invalidou os relatos claros de Mateus e Lucas sobre a "*génese*" (***Mateus 1:1, 18***) do Filho.

João 17:3: Um e um só Deus, o Pai

A evidência direta de que o Deus da Escritura é uma única Pessoa, assim designada por pronomes pessoais singulares repetidos, foi descartada por teólogos que desejam uma visão mais filosófica de Deus. Esta incursão no mundo da filosofia teve um preço. É difícil "chutar contra as picadas" dos pronomes pessoais singulares e de outras palavras igualmente simples e reveladoras que descrevem Deus e Jesus. Proponho que o que aconteceu foi o seguinte: teve de ser inventado todo um vocabulário novo, "linguagem da igreja", para dar plausibilidade ao conceito de que ir além do credo Unitário de Jesus é legítimo.

O vocabulário revisto é o seguinte: Deus não é uma Pessoa. Ele é uma essência ou substância. Partilha eternamente uma unidade de Essência com outras duas na Divindade. Jesus nada sabia sobre tal credo. A Igreja legitima isto ao chamar-lhe uma mudança "dentro do monoteísmo bíblico ... do monoteísmo unitário de Israel para o trinitarismo do Concílio de Calcedónia". **[51]** Mas Jesus não autorizou esta mudança. Longe disso. Ele declarou solenemente que a essência da vida eterna é que eles conhecem "***a ti*** [Pai, ***versículo 1***]**, *o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste***" (***João 17:3***).

É neste versículo que ocorreu uma das manipulações mais espantosas do texto da Escritura. O célebre *Agostinho*, incapaz de encontrar a sua amada Trindade nas palavras de Jesus, decidiu reescrever a declaração de Jesus para acomodar um credo de que Jesus nada sabia. É assim que ele lida com ***João 17:3*** nas suas homilias sobre João: "*'E isto', acrescenta* [Jesus], *'é a vida eterna: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste'.* A ordem correta das palavras é: *'Para que te conheçam a ti e a Jesus Cristo, a quem enviaste, como o único Deus verdadeiro'*". **[52]**

Horrorizado com o que o pai da igreja tinha feito aqui, o seu colega trinitário e distinto comentador sobre o NT grego *Henry Alford* escreveu:

> Os Padres Latinos, *Agostinho, Ambrósio, Hilário,* ansiosos por evitar a inferência injustificada que alguns fazem deste versículo contra a divindade de Cristo, dizem: "*para que te conheçam a ti e a Jesus Cristo, a quem enviaste, como o único Deus verdadeiro*". Outros, *Crisóstomo, Eutímio*... consideravam Jesus Cristo como incluído nas palavras "único Deus verdadeiro". Mas todas estas violações do texto são desnecessárias. **[53]**

Na realidade, são ataques às Escrituras. *Alford* prossegue então com a seguinte afirmação extraordinária:

> A própria justaposição de Jesus Cristo aqui com o Pai e o conhecimento de que *ambos* são definidos como vida eterna é uma prova implícita da Divindade de Cristo. O conhecimento de Deus e de uma *criatura* não poderia ser vida eterna e a justaposição dos dois não seria concebível. **[54]**

O próprio *Henry Alford* foi forçado a abandonar a sua honestidade habitual sobre as palavras bíblicas quando se tratava da palavra crítica "gerar":

> Ao aplicar o ***Salmo 2:7*** ao nosso Senhor, queremos *outro e mais elevado sentido em ambas as palavras*, "gerado" e "hoje", que lhe possa ser aplicável, um sentido no qual eu deveria estar disposto a dizer que as palavras deveriam na plenitude de tomar o sentido, *com a negligência e quase obliteração da sua suposta referência inferior*. **[55]**

O leitor notará a admissão de que o sentido ordinário de "gerado" tem de ser apagado! Era necessário inventar um sentido "superior", para cobrir o desvio tradicional do Messias historicamente gerado em

relação às Escrituras. Mas este sentido "superior" elimina a referência ordinária e real à palavra "gerado". Um procedimento tão laxista em matéria de definição de palavras não é certamente característico de *Henry Alford*. Mas "o sistema" levou-o a isso no caso do ***Salmo 2:7***. Uma palavra não recebe um significado "superior" quando é esvaziada do seu verdadeiro significado.

Tal foi o domínio da definição ortodoxa do Filho de Deus sobre um comentador de outra forma lúcido. Deus, disse ele, não pode ser tão coordenado com uma criatura. Mas quem pode dizer o que Deus pode fazer? Não terá Ele a liberdade de providenciar como nosso Salvador o "homem Messias" Jesus, e de O tomar como nosso mediador no Seu trono, numa posição suprema à direita de Deus? Paulo não teve qualquer dificuldade com isto, e como que para antecipar e evitar qualquer confusão sobre Deus e Jesus escreveu no final da sua carreira: "***Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Messias Jesus***" (***1 Timóteo 2:5***). **[56]** Esta é a espinha dorsal da revelação do NT. Mesmo onde Paulo fala de Jesus ascendido como tendo-lhe conferido uma posição suprema ou "nome" (***Filipenses 2:9***), tudo isto é "**para glória de Deus Pai**" (***versículo 11***). "***para*** [em vez de 'através'] ***que ao nome de Jesus se dobre todo joelho***" (***versículo 10***). Deus ainda é o Pai de Jesus. Longe de modificar o unitarismo de ***Filipenses 2:5-11***, Paulo conclui afirmando-o.

A adesão de *Agostinho* à tradição levou-o a reescrever as palavras de Jesus e da Escritura em ***João 17:3***, e à conclusão surpreendente de que "o Filho foi enviado pelo Pai e pelo Filho". **[57]** Ele descreveu "a mecânica" da Encarnação: "O homem foi-lhe acrescentado [o Filho preexistente], Deus não lhe perdeu... ele esvaziou-se a si próprio não perdendo o que era, mas tomando o que não era". **[58]**

Nesta extraordinária imagem do Filho, o Filho era maior do que ele próprio! Jesus tinha dois "componentes" distintos — era uma pessoa que precedeu o seu próprio nascimento e depois acrescentou um novo componente a si próprio. Acrescentou a si próprio o que não era! O Filho que nasceu de Maria veio dotado da Sua própria personalidade preexistente. Tais eram as exigências do incrível sistema que *Agostinho* tinha herdado. *Agostinho* era também notório pelo seu tratamento arbitrário das palavras da Bíblia em relação ao milénio. Argumentou que o reinado de mil anos de Cristo é um período indefinido que começa na cruz. A "primeira ressurreição" não foi de todo uma ressurreição literal. O "*Peake's Commentary on the Bible*" (Comentário de Peake sobre a Bíblia) refere-se apropriadamente ao tratamento dado por *Agostinho* às palavras do ***Apocalipse 20*** como "desonesto trivial", "simplesmente brincando com termos". **[59]**

O mesmo deve ser dito sobre o tratamento trinitário da palavra bíblica muito comum "gerar". Não ousamos erradicar o seu significado e fingir que apenas significa estar em relação com outro. Significa "trazer à existência". No caso do Filho, "gerar" estava ligado a um momento definido no tempo, "hoje". Esse momento maravilhoso surgiu há cerca de dois mil anos, como o cumprimento da antiga promessa de Deus de gerar um Filho na casa de David.

Os Factos Históricos Sobre o Início (Geração) de Jesus

Conhecendo as promessas da Bíblia hebraica, Mateus fala da geração do Filho de Deus pela intervenção direta de Deus quando o Seu espírito realizou um milagre biológico em Maria. Mateus chama-lhe a "origem" (*génese*) do Filho (***Mateus 1:18***). É o tempo em que o Filho veio à existência. O anjo fala a José e assegura-lhe que "***o que nela é gerado***" (***versículo 20***) é do espírito santo, da presença e do poder operativo

divino. O Filho assim gerado é então apropriadamente chamado "***Meu Filho*** [de Deus]" que é trazido do Egipto para a terra, tal como Israel tinha sido (***2:15***). Jesus é o novo "Israel" de Deus e age como a nação deve, brilhando a luz da verdade para o resto do mundo.

Lucas, como notámos, ansioso por estabelecer os factos sobre a fé em que *Teófilo* tinha sido catequizado, informa Maria que "o que é gerado" é do espírito santo (***1:35***). Com base no milagre de Maria, a criança santa gerada, ou possivelmente "a ser gerada", tem direito, "por essa razão", a ser chamada de "Filho de Deus". Paulo em ***Romanos 1:3, 4*** fala do Filho de Deus que "veio à existência" da semente de David, no que diz respeito à linhagem humana. Mais tarde, foi declarado Filho de Deus numa demonstração pública de poder realizada pela Sua ressurreição e ascensão à mão direita do Pai. Paulo pregou o mesmo facto em ***Atos 13:33*** onde o seu texto de prova é o ***Salmo 2:7***, "***Eu Te Gerei Hoje***", para descrever a ressurreição, ou seja, a produção do Filho, como prometido nas Escrituras (***Atos 13:23***). O autor de Hebreus fornece o mesmo ***Salmo 2:7***, "***Eu Te Gerei Hoje***", como segundo testemunho da previsão e promessa dada por Nathan em ***2 Samuel 7:14*** (***Hebreus 1:5***). Deus tinha assegurado a David que Ele seria o Pai do Messias e que o Messias seria o Filho de Deus. Em ambos os versículos do AT é garantida a preciosa verdade sobre a origem do Filho num momento específico e como descendente direto de uma família judaica específica.

A origem do Messias como Filho de Deus e filho de David, tendo Maria como sua mãe biológica, pretendia estabelecer claramente o ponto de partida e a natureza do único Filho de Deus. A história recebeu um golpe devastador quando os pais especulativos e filosoficamente treinados da igreja mudaram a origem do Filho da história conhecida para tempos pré-históricos e finalmente para a eternidade. Assim, o Filho "eternamente gerado" dos credos foi criado como um substituto mitológico para o Filho de Deus histórico e filho de David. Como *Martin Werner* reclamou, este foi um movimento "depois do qual o Jesus histórico desapareceu por completo". **[60]** Ele acrescenta que a mensagem de Jesus tinha sido "falsificada quando foi interpretada em termos dos dogmas posteriores da Igreja da Trindade, as Duas Naturas... Assim, a 'Religião de Cristo' opunha-se à 'Religião Cristã' como algo essencialmente diferente"..

Werner conclui:

> Enquanto a relação entre o cristianismo primitivo e o catolicismo primitivo tinha permanecido em última análise obscura ao protestantismo primitivo, a investigação histórica podia agora mostrar a forma da doutrina da Igreja primitiva como um desvio essencial do conteúdo do ensino de Jesus e do cristianismo primitivo dos Apóstolos. **[61]**

Maria concebeu e deu à luz um filho

Se Maria estava a tomar em si um ser em transformação de um ser espiritual para uma pessoa humana, Lucas e Mateus enganaram-nos. Não há lugar no útero para duas pessoas, uma acrescentada à outra. Seria esta uma forma de gémeos? Maria não deu à luz uma pessoa que é dois "tudo", plenamente Deus e plenamente homem. Ela não deu à luz uma "pessoa dupla", uma pessoa espiritual pré-existente que foi acrescentada a si mesma como ser humano. O relato bíblico sobre a génese de Jesus é muito mais simples. Maria deu à luz a descendência de sangue de David, uma única pessoa, o Messias prometido, cuja vinda à existência foi prometida por um tempo definido na história. Maria concebeu um filho seis meses após a sua parente Isabel. Ela não acolheu e transformou uma pessoa num feto.

Quando os conselhos da igreja tinham terminado o seu novo relato da origem do Filho de Deus, o Filho tinha sido cortado em dois. Dizia-se que ele tinha tido uma existência antes de ter entrado em existência. Dizia-se que a sua verdadeira origem era anterior ao Génesis. Esta era a opinião de *Arius* e dos posteriores Neo-Ários *Aecius e Eunomius*. **[62]** O que se tornou a visão permanentemente ortodoxa defendida por *Atanásio* sustentava que Jesus foi gerado numa eternidade eterna. Ambas as visões erróneas lutaram durante décadas, e a Igreja acabou por se fixar no Jesus Calcedónio em duas naturezas, sendo o seu verdadeiro ego o do segundo membro eterno da divindade Trina. Mas o que aconteceu ao descendente histórico e linear de David que se originou por milagre em Maria? O que restou dos relatos meticulosamente construídos de Mateus e Lucas sobre quem Jesus realmente era?

Ninguém parecia perceber que a geração virgem, a existência do Filho de Deus, deveria ter bloqueado qualquer sugestão de uma dupla origem. O Filho não foi gerado (trazido à existência) duas vezes, uma na eternidade e depois na história. A sua origem histórica como descendente de David foi totalmente suficiente para justificar a sua pretensão de ser o Messias. Um Filho de Deus cuja origem foi subtraída da cadeia biológica era um estranho e inqualificável para se qualificar de acordo com a promessa divina que garantia o Messias como descendente linear de David, assim como o Filho de Deus procriado.

Pergaminhos do Mar Morto.

Agora é bem conhecido que os Manuscritos do Mar Morto refletem muitos dos temas messiânicos do NT. A seita Qumran aguardava com expectativa a vinda do Messias. Textos como as Bênçãos Patriarcais aguardam "a vinda do Messias justo, a descendência de David". **[63]** Lemos sobre "a vinda do Messias de Aarão e Israel" no Documento de Damasco. **[64]** Paralelamente ao OT "*Mashiach*" (Messias) também é esperado como profeta. Os pergaminhos contêm uma variedade de títulos bíblicos para o Messias esperado: "ramo de David", "cetro", e "estrela".

Mais significativamente, lemos em *1 QSa 2:11* (A regra da comunidade) do tempo "quando Deus irá gerar o Messias" e do Messias como o Filho primogénito de Deus". **[65]** Este Messias deve ter o poder de ressuscitar os mortos. **[66]** Nada se diz de um Filho de Deus não ter princípio, ou ser "eternamente gerado". O autor de Hebreus também fala de Deus trazer o seu primogénito à terra habitada (***Hebreus 1:6***).

O NT faz parte do mundo intelectual dos judeus. Com a menção dos pergaminhos do Filho de Deus e da sua herança, "eles ajudam-nos a compreender porque é que os evangelistas Mateus e Lucas estariam interessados em apresentar o nascimento de Jesus sob uma tal luz". **[67]** Mais uma vez, os antecedentes do NT demonstram como o cristianismo do primeiro século é uma fé messiânica, tendo em comum com os judeus a crença de que Deus traria à existência o Messias, Filho de Deus.

O Messias que uma vez chegou voltará para governar a terra no Reino de Deus prometido ao longo de toda a Escritura e pelo qual rezou na conhecida petição "Venha a nós o Teu Reino". A mesma oração é repetida na petição "*maranata*", "***que venha o nosso Senhor***" (***1 Coríntios 16:2***). "Nosso Senhor" é o Senhor Messias, profeticamente designado como "meu Senhor" no ***Salmo 110:1***. Este precioso versículo é a chave-mestra da identidade de Jesus em relação ao Deus Único.

Mais sobre a Preexistência.

Quando o ***Salmo 110:1*** foi abandonado pelos credos, que já não podiam reconhecer a distinção entre o Senhor Deus (Yahweh) e o Senhor Messias ("meu senhor", *adoni*), a figura de Jesus ficou gravemente obscurecida. O melhor que os membros da igreja podiam fazer era falar da "pré-existência" de Jesus. Mas o que significa esta palavra "pré-existência"?

Recentemente, em 2003, um importante estudioso católico romano, *Luke Timothy Johnson*, perguntou em "*The Creed: What Christians Believe and Why It Matters*" (O Credo: O que os cristãos acreditam e porque é que isso importa), "Como pode alguém existir antes de existir? Como pode 'Jesus Cristo' existir antes de Jesus ter nascido em Belém?" **[68]**

Essa pergunta deveria desencadear uma avalanche de interrogatórios, reflexão e reconsideração entre os devotos da igreja. A resposta é que não se pode preexistir a si próprio! A pré-existência é um termo de cobertura inteligente para "duas existências" e, portanto, duas pessoas distintas. Uma foi acrescentada à outra e o termo geral "pré-existência" é suposto ajudar-nos a ignorar o facto de que a primeira pessoa (pré-existente) não pode ser a mesma que a segunda pessoa. Uma única pessoa não pode ser maior do que ela própria. Um indivíduo não pode iniciar a mesma viagem em dois momentos diferentes. Desde que Jesus, o Filho de Deus, nasceu, foi gerado, em Maria, isto marca o momento em que Ele começou a ser. Mateus informou-nos expressamente sobre "a *génese* de Jesus Cristo" (***1:1; 1:18***). O que o pré-existiu foi outra pessoa, tentando juntar-se ao verdadeiro Jesus. De acordo com essa teoria, o verdadeiro Jesus vem à existência sobrecarregado por uma pessoa estranha que o acompanha e se confunde com ele. A "pré-existência" parece ser uma forma de disfarçar as fendas óbvias na teoria de que uma única pessoa pode pré-existir a si própria. ***Lucas 1:32*** informa-nos que a composição da personalidade que é o Filho de Deus é composta por dois elementos. Ele é simultaneamente Filho de Deus ("Filho do Altíssimo") e filho de David ("seu pai David"), e assim constituído por milagre na cadeia biológica humana. Não são necessárias mais complicações.

Luke Timothy Johnson, em vez de confrontar a solução para a sua excelente questão sobre a "pré-existência", desculpa o termo com o argumento de que os humanos são obrigados a falar de assuntos que nos ultrapassam:

> "Preexistência" é um termo infeliz, mas é a consequência compreensível de criaturas que vivem no tempo tentando falar de Deus que habita fora do tempo... Tal linguagem procura expressar de uma forma compreensível que de alguma forma Deus estava naquele a quem chamamos Jesus do princípio ao fim. **[69]**

Sim, mas porque é que começa com a presunção injustificada das Escrituras de que Deus gerou um Filho fora do tempo? Lucas relata que Maria ficou grávida seis meses depois de Isabel.

Felizmente, Deus não é tão limitado pela linguagem. Ele criou a linguagem. Ele dá-nos um conceito claro de tempo e fala-nos nesses termos. Ele deliberadamente permitiu que o tempo histórico passasse antes de determinar, de acordo com as Suas próprias promessas, trazer à existência o Seu próprio "Filho amado" ou "Filho do Seu amor" (***Colossenses 1:13***). Ele fixou esse acontecimento para um local geográfico específico num momento definido. Além disso, ele registou meticulosamente a linha genealógica passo a passo que liga a ascendência do Salvador, não com a eternidade, mas com a história do povo israelita (de

facto, com Adão, como nos diz ***Lucas 3:38***). Jesus, o Filho de Deus, é assim felizmente uma única pessoa com uma única origem na história, realizada por um milagre biológico que garante que Deus é unicamente seu Pai, enquanto que a sua ascendência está enraizada em Israel. Não é mais velho que ele nem tão novo como o seu primo João, nascido seis meses antes dele. Não há aqui enigmas ou mistérios insolúveis, simplesmente um relato histórico da determinação do Único Deus em produzir a cabeça da Nova Criação, o segundo Adão e o Messias, Filho de Deus. Tudo isto Lucas tinha cuidadosamente investigado e descrito como o núcleo e o fundamento da fé cristã que ele recomenda.

Nos tempos modernos, a extrema falta de lógica da "pré-existência", a noção de que uma pessoa pode começar a existir quando já existe, foi descrita da seguinte forma:

> O conceito de pré-existência é uma tentativa de explicar a relação (fundamentalmente irracional) entre um ser cuja existência é conhecida empiricamente e outro ser que existe à parte e antes do mundo empírico e temporal (relação que é racionalizada pela ideia de encarnação)... A própria conceição de Jesus era diferente. A ideia de pré-existência não estava em seu pensamento. Esta ideia coloca um ser, uma vida numa relação (paradoxal) com um ser que sempre existiu. **[70]**

É importante para os leitores da Bíblia reflectir sobre o precioso ensinamento de Mateus e Lucas sobre a origem (*Génesis*, ***Mateus 1:1, 18***) do Filho de Deus. Essa origem estabelece quem ele é. Como escreveu um professor francês de história da religião:

> Nenhuma ideia de pré-existência ou encarnação foi associada nas mentes [de Mateus e Lucas] [com a geração virgem]. O facto é que as duas ideias não podem ser reconciliadas. Um ser pré-existente que se torna homem é, se quiser, reduzido ao estado de um embrião humano; mas não é concebido [como dizem as narrativas de nascimento] por uma ação exterior a si próprio no ventre de uma mulher. A conceição é o ponto em que se forma um indivíduo que *não existia antes*, pelo menos como um indivíduo. **[71]**

Quando os estudiosos escrevem sobre pré-existência, sem a qual não há Trindade, enfrentam uma dificuldade perplexa. Admitem que a expectativa do AT do Messias era "de um rei da semente de David, nascido da linhagem humana (***Jeremias 30:21***), embora sobrenaturalmente dotado e abençoado". Continuam a dizer que o "Deus poderoso" e o "Pai da eternidade" **[72]** em Isaías 9,6 sugerem uma "conceição superior". "*The Dictionary of Christ and the Gospels*" (O Dicionário de Cristo e os Evangelhos) não podem afirmar qualquer certeza de que a Bíblia hebraica pensava que o Messias existia literalmente na antiguidade. Admite que os profetas podem ter pensado na existência do Messias apenas "nos conselhos eternos de Deus". O dicionário é igualmente hesitante acerca de qualquer pré-existência real nos evangelhos sinópticos. Não há terreno firme para se encontrar um Messias pré-existente. Existem "mas poucas pistas". O Salmo 110:1 "parece implicar...". "Uma conclusão semelhante poderia ser tirada...". "possivelmente..." Ele também admite que os sermões do livro de Atos "estão limitados à manifestação histórica de Jesus Cristo". **[73]**

"A pré-existência", diz o "*Dictionary of the Apostolic Church*" (Dicionário da Igreja Apostólica), "não pertence aos dados primários da fé cristã no histórico e exaltado Jesus... Não constitui nenhum elemento da doutrina primitiva registada nos capítulos iniciais dos Atos". [74] O dicionário acrescenta que "é uma implicação necessária dessa fé". Mas há dificuldades:

> Aqui somos confrontados com um problema. O pensamento da Igreja Apostólica avançou [em Paulo] da posição refletida nos primeiros capítulos dos Atos, onde nenhuma doutrina de pré-existência é sugerida, até ao pressuposto mesmo nas primeiras Epístolas Paulinas, onde a sua presença e atividade são plenamente assumidas. **[75]**

Mas como se processou esta espantosa transição? "Um processo de desenvolvimento tão gradual, silencioso e inconsciente que não deixou vestígios, faz a ponte entre os discursos Pentecostal e Colossenses". Mas o dicionário admite que "pouco ou nenhum uso se faz do conceito de pré-existência em ***1 Pedro***". **[76]** Assim, Pedro nada sabe da extraordinária "nova" visão de Jesus como o Filho preexistente. De facto, Pedro fala de Jesus como sendo o antepassado (***1 Pedro 1:20***), **[77]** o que exclui a pré-existência..

A tentativa do dicionário de justificar a doutrina posterior de um Filho que não começou no ventre da sua mãe, termina falando apenas de "uma necessidade inata de pensamento" como base da "notável transição" **[78]** do Jesus dos Atos e Pedro para o que ele supõe Paulo nas suas últimas epístolas para dizer sobre Jesus como um Filho preexistente. No entanto, a transição é imaginada. Paulo conhecia "a rocha que se seguiu" a Israel (***1 Coríntios 10:4***) como um tipo de Cristo, não literalmente o próprio Cristo pré-existente (ele usa a palavra "tipicamente" duas vezes em ***1 Coríntios 10:6, 11***). Paulo fala realmente do Filho como "vindo à existência" **[79]** de uma mulher (***Gálatas 4:4***), o que exclui uma existência anterior. O facto de o Filho ter sido "enviado" não prova nada sobre uma vida anterior para o Filho. Todos os profetas e agentes de Deus foram "enviados" (***Gálatas 4:4***).

Se o Filho de Deus vier a existir na história, como dizem os Evangelhos, ele também não pode existir antes. Falar de "pré-existência" camufla o que é realmente a introdução de outro Jesus que pré-existe o Jesus histórico. No NT, os cristãos são instados a reconhecer, acreditar e seguir o verdadeiro Jesus da história, não outro ser que existia antes da existência do verdadeiro Filho.

Mais sobre O Evangelho de João

O argumento trinitário apela muito extensivamente ao quarto evangelho. Será que só nos anos 90 d.C. o discípulo amado sentiu a necessidade de mostrar como o credo de Israel tinha agora sido expandido para incluir duas ou três Pessoas adicionais? Será que a afirmação do credo de Israel por Jesus em ***Marcos 12:28-34*** (Marcos escrevendo provavelmente por volta de 65 d.C.) deveria agora ser substituída ou alterada? Pode a doutrina de Deus ser alterada tão radicalmente, sem um tratamento importante desta mudança colossal, se alguma vez ocorreu?

João, que estava sem dúvida familiarizado com a obra de Mateus, Marcos e Lucas, e certamente não pretendia contradizê-los, pois apoia enfaticamente a visão judaica de Jesus de que Deus é uma Pessoa como qualquer escritor do NT. Ele escreveu todo o seu livro para nos convencer de que Jesus deve ser acreditado como "***Messias, Filho de Deus***" (***João 20:31***), registando assim o seu total acordo com a confissão de Pedro tão fortemente endossada por Jesus em ***Mateus 16:16-18***. Durante os longos discursos de Jesus gravados por João, Jesus insiste constantemente que só pode agir em cooperação e subordinação ao Pai que lhe dá as suas ordens. Jesus de João refere-se a Deus como "***meu Deus***" (***João 20:17***) e declara enfaticamente que nada pode fazer sozinho (***João 5:19***), mas apenas em resposta às ordens do seu Pai, que é o Único Deus, "***o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***).

João Baptista notou que Jesus tinha ido antes dele "***porque já existia antes de mim***" (***João 1:15, 30***). **[80]** Jesus reconheceu que tinha sido visto numa visão como o Filho do Homem em ***Daniel 7***, um ser humano vivo com Deus e destinado a receber o futuro Reino de Deus (***João 6:62***). **[81]** Em ***João 17:3*** Jesus faz da crença no monoteísmo unitário a base da verdadeira fé: O Pai é "***o único Deus verdadeiro***". **[82]** Qualquer judeu teria aprovado isto. Jesus associa-se ao Único Deus que é o Pai, mas ao mesmo tempo é numericamente distinto. Em ***João 17:5***, Jesus pede que agora receba como recompensa pelo seu ministério então cumprido, a glória "***que eu tive junto de ti,*** [o Pai] ***antes que houvesse mund***". Esta é a glória em perspetiva, a glória prometida de antemão. Nada diz sobre a recuperação da glória, temporariamente abandonada, mas sobre a conquista dessa glória pela primeira vez.

No mesmo contexto, a mesma glória é prometida por Jesus aos discípulos que ainda não estão vivos quando Jesus pronunciou estas palavras: Imploro "***por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra*** [dos Apóstolos]" (***João 17:20***). "***Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado***" (***João 17:22***). É a glória prometida mas ainda não conferida. No NT, recompensas que existem agora no céu são regularmente prometidas como tesouro armazenado para o futuro. Se "***ostentais a vossa justiça em público para atrair a atenção***", disse Jesus em ***Mateus 6:1*** (NJB), "***não tendes*** **[83]** ***recompensa com o vosso Pai***", ou seja, guardada para o futuro com o Pai. Todas as coisas do futuro estão agora guardadas com Deus. A glória que Jesus reivindicou para Si próprio em ***João 17:5*** foi glória em perspetiva e promessa. Ele possuía-a nos decretos de Deus e agora era o momento de a conceder. O pedido lembra-nos a declaração "***Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo***" (***Mateus 25:34***). O Reino em si está no futuro, mas foi prometido desde o início. Assim também com a glória que Jesus pediu para receber como resultado do seu trabalho acabado. O contexto de ***João 17:5*** nos ***versículos 20 e 22*** não deve ser negligenciado.

Tal como Paulo podia dizer que os cristãos "têm" um corpo preparado no céu (***2 Coríntios 5:1***), mesmo que ainda não o tenham, assim Jesus pediu a Deus que lhe desse a glória que Deus lhe tinha preparado, que ele "tinha com" Deus, nas intenções de Deus. Não há necessidade de este versículo levantar a questão de uma segunda Pessoa eterna. Os ***versículos 22 e 24*** do ***capítulo 17*** de ***João*** definem glória como a glória prometida, glória em perspetiva, glória como uma recompensa futura.

Distintos Trinitários *Agostinho* e o colega de *Calvino*, *Theodore Beza* ,entenderam ***João 17:5*** como a glória predestinada antes do mundo, a par da posterior afirmação de João de que Jesus era a "***Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo***" (***Apocalipse 13:8***). O comentador *alemão J.G. Rosenmuller* estava convencido de que a glória de ***João 17:5*** era a mesma glória que Jesus conferiria aos seus amigos (***versículo 22***). O bispo anglicano Samuel Parker (1640-1687) foi um dos muitos que veem que não há nada em ***João 17:5*** que contradiga os relatos da origem do Filho de Deus:

> Era uma forma proverbial de falar entre os judeus para expressar assuntos de grande consequência, estabelecidos apenas nos decretos divinos, como se eles realmente existissem. Assim, eles dizem que o Messias é mais velho que o sol e a ordem mosaica mais velha que o mundo, não como se realmente os entendessem como tal, mas apenas para expressar a sua absoluta utilidade e necessidade... A glória pela qual Jesus rezou em ***João 17:5***... foi aquela honra com que Deus desde toda a eternidade tinha pretendido dignificar o Messias. **[84]**

Professor Wendt Sobre João 8:58 e 17:5

Tem havido um protesto constante contra a leitura de João em oposição aos outros evangelhos e a sua produção de um Jesus essencialmente não-humano. É um método falso que promove apenas um dos quatro evangelhos em apoio de um Jesus desconhecido dos sinópticos ou da preparação do Messias nas promessas da Bíblia hebraica. O que João não fez foi alterar o credo unitário de Jesus. ***João 17:3*** é bastante claro quanto a este ponto. **João 8:58** e ***17:5*** devem ser lidos à luz de ***João 17:3*** e do resto da Bíblia. O Professor *Wendt* estava a escrever no final do século XIX:

> É evidente que ***João 8:58*** e ***17:5*** não falam de uma pré-existência real de Cristo. Não devemos tratar estes versículos isoladamente, mas compreendê-los no seu contexto. O ditado de ***João 8:58***, "***antes que Abraão existisse, EU SOU***" foi motivado pelo facto de os opositores de Jesus terem contrariado o Seu comentário no **versículo 51**, dizendo que Jesus não era maior que Abraão ou os profetas (***versículo 53***). Como Messias encomendado por Deus, Jesus está consciente de que é de facto superior a Abraão e aos profetas. É por isso que ele responde (segundo as palavras intervenientes, ***versículo 54*** e seguintes.) que Abraão tinha "***visto o seu dia***", ou seja, a entrada de Jesus no seu ministério histórico, e "***regozijou-se por ver***" esse dia. E Jesus reforça o seu argumento ao acrescentar a afirmação, que parecia estranha aos judeus, de que ele tinha sido "***antes que Abraão existisse, EU SOU***" (***versículo 58***).
>
> Este último ditado deve ser entendido em relação ao ***versículo 56.*** Jesus fala nos ***versículos 55, 56 e 58*** como se o seu ministério atual na terra tivesse remontado ao tempo de Abraão e mesmo antes. Os seus ditos foram entendidos pelos judeus neste sentido e rejeitados como um disparate. Mas Jesus obviamente não quis dizer (no ***versículo 56***) que Abraão tinha realmente experimentado o aparecimento de Jesus na terra e que O tinha literalmente visto. Jesus referia-se à visão espiritual de Abraão sobre o seu aparecimento na terra, em que Abraão, no nascimento de Isaac, tinha ao mesmo tempo previsto o Messias prometido, e tinha-se regozijado com a perspetiva futura do maior (Messias) a vir. ser um descendente de Israel. A referência de Jesus à sua existência antes do nascimento de Abraão deve ser entendida no mesmo sentido. Aqui não há uma pré-existência súbita do Messias: a referência novamente é obviamente à sua existência terrena. E esta existência terrena é precisamente a existência do Messias. Como tal, não estava apenas presente na mente de Abraão, mas mesmo antes do seu tempo, como sujeito da preordenação e previdência de Deus. O tipo de pré-existência que Jesus tem em mente é "ideal" [no mundo das ideias e dos planos]. De acordo com esta consciência de ser o Messias predestinado desde o início, Jesus pode afirmar ser maior do que Abraão e os profetas (***João 8:58***).

Em ***João 17:5***, *Wendt* captou o sabor hebraico das palavras de Jesus e João:

> Jesus pede ao Pai que lhe dê agora a glória celestial que Ele tinha com o Pai antes de o mundo existir. A conclusão de que, porque Jesus possuía uma glória pré-existente no céu, Ele também deve ter existido pessoalmente no céu é levada demasiado a sério. Isso é comprovado por ***Mateus 6:20*** ("***mas ajuntai para vós outros tesouros no céu,***"), ***Mateus 25:34*** ("***Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo***"), ***Colossenses 1:5*** ("***por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho***) y ***1 Pedro 1:4*** ("***para uma herança***

> ***incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros***"). Portanto, uma recompensa também pode ser considerada como pré-existente no céu. Uma tal recompensa destina-se aos seres humanos e já está estabelecida, para lhes ser dada no final da sua vida. Portanto, é com a glória celestial que Jesus pede. Ele não está a pedir um regresso **[85]** a uma condição celestial anterior. Está antes a pedir a Deus que lhe dê agora, no final da sua obra como Messias na terra (***versículo 4***), a recompensa celestial que Deus lhe tinha atribuído desde a eternidade, como Messias. Como Messias e Filho, Ele sabe que tem sido amado e predestinado pelo Pai desde a eternidade (***versículo 24***). Tanto ***João 8:58*** como ***17:5*** se referem à preordenação de Deus sobre o Messias. **[86]**

A afirmação de Jesus está nos quatro evangelhos para ser o Messias de Israel e esta afirmação é totalmente apoiada na declaração específica de João de que o seu evangelho foi concebido para gerar crença em Jesus como o Messias, Filho de Deus (***João 20:31***), certamente não num segundo que é Deus num Shema expandido. A afirmação messiânica "Eu sou ele", "Eu sou o tal" corre como um fio dourado ao longo da narrativa evangélica de João. A sua base é encontrada na conversa com a mulher no poço. "Eu sei que o Messias está a chegar... Eu sou aquele que fala contigo" ("***Eu o sou, eu que falo contigo***", ***João 4:25, 26***)..

Como Messias, Jesus é aquele em quem não devemos deixar de acreditar, para não morrermos nos nossos pecados (***João 8:24***), e em ***João 8:56***, o Messias de Jesus foi previsto por Abraão que aguardava ansiosamente o dia de Jesus. De facto, mesmo antes do nascimento de Abraão, "***EU SOU***" (***João 8:58***). **[87]** O grego aqui é idêntico à frase em ***João 4:26*** e ***8:24*** e assemelha-se às grandiosas declarações de Jesus, "***Eu sou o Bom Pastor***" (***João 10:11***), "***Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida***" (***João 14:6***). Ele é o único caminho para o Pai (***João 14:6***).

O Messias é a chave para a criação do mundo. A sua crucificação "aconteceu" nos conselhos de Deus antes da fundação do mundo — ele era o cordeiro já morto "***desde a fundação do mundo***" (***Apocalipse 13:8***) — pois "nele" (não "através dele" como mal traduzido em várias versões) todas as coisas foram feitas (***Colossenses 1:16***). De facto, todas as coisas são "através" do Messias e com ele em vista (***Colossenses 1:16***). Mas esta preposição "através" não justifica uma contradição dos muitos textos que dizem que Deus criou os céus e a terra, sem ajuda (***Isaías 44:24***). Os cristãos de todas as épocas estavam certamente em Cristo antes da fundação do mundo (***Efésios 1:4),*** mas isto não significa que estivessem conscientes e vivos nessa altura. Era costume os judeus falarem do mundo ser feito para o bem de Israel. Também foi feito com Jesus, o Filho de Deus, em mente.

Jesus de facto "***eu desci do céu***" (***João 6:38***). Mas a Bíblia deve ser autorizada a interpretar as suas próprias afirmações. Tiago afirma que todo o bem desce do céu e que a verdadeira sabedoria desce do céu (***Tiago 1:17; 3:15***). Jesus também desceu do céu; isto é, ele é a dádiva suprema de Deus para o mundo (***João 3:16***). Devemos notar que Jesus falou de Si mesmo como o pão que desceu do céu. Ninguém pensa que Ele era literalmente um pão pré-existente. Além disso, esse "pão" que desceu é a sua "carne" (***João 6:51***). É o Jesus humano que "***eu desci do céu***", mas não é isso que a Trindade ensina. Sustenta que o eterno Filho de Deus existiu no céu antes do seu nascimento. A descida de Jesus do céu é simplesmente uma forma judaica de expressar a ideia de que Jesus é a expressão da sabedoria última de Deus e que o Filho é o dom último do Deus Único para a salvação da humanidade.

O Filho como o propósito da criação de Deus

A compreensão de Paulo sobre o destino do mundo é que todas as coisas devem ser dirigidas por Jesus. Ele é o sujeito do grande propósito planeado há muito tempo pelo Deus Único. "***segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor***" (***Efésios 3:11***). Para Paulo Jesus é a sabedoria de Deus (***1 Coríntios 1:24***). Ele é o que a sabedoria se tornou, mas a própria sabedoria é o pensamento sábio do Único Deus, e essa sabedoria ou palavra (***João 1:1***) acaba por se manifestar no Filho de Deus procriado.

Nem Paulo nem João contradizem a promessa da Bíblia hebraica de que um filho nascerá em Israel (***Isaías 9:6***), um profeta da família de Israel como Moisés (***Deuteronómio 18:15-19***). Os relatos de Lucas e Mateus sobre a origem do Filho de Deus são concebidos para fornecer uma barreira impenetrável a qualquer especulação sobre outra existência do Filho. Infelizmente, João e Paulo têm sido usados e por vezes mal interpretados para minar, ou mesmo para contradizer, Mateus e Lucas.

É acusar João de uma espécie de imprudência se é suposto que ele tenha apresentado Jesus como o próprio Deus. Pelo contrário, Jesus de João disse aos seus acusadores que ele não era Deus, mas o "Filho de Deus" devidamente autorizado, um exemplo supremo do que os agentes de Deus podem ser. Se não tivessem sido chamados "deuses" no período do AT? Quanto mais então, como agente final e principal de Deus, terá ele direito a ser reconhecido como "Filho de Deus"? Qual é o equivalente do NT ao Messias? (***João 10:34-36***). E Jesus em João faz uma afirmação tão forte do "*Shema*" como faz em Marcos, quando define o Deus cristão como o Pai que é "***o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***) e "***o único Deus***" (***João 5:44***).

As Restrições do Monoteísmo

Edith Schaeffer, esposa do célebre *Francis Schaeffer*, faz um ponto simples e indiscutível no seu livro "*Christianity Is Jewishity*" (O cristianismo é judeu). **[88]** É um facto histórico óbvio, que nunca devemos esquecer, que a fé cristã tem as suas raízes no judaísmo e no povo judeu. Com a possível exceção de Lucas, todos os escritores do NT eram judeus. Paulo era judeu. Também se pode dizer com verdade que "***Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Messias Jesus***" (***1 Timóteo 2:5***) ainda é judeu. Desde que nasceu judeu, ele continua a ser a sua identidade. Ele é, naturalmente, também o chefe glorificado da nova raça de seres humanos. Toda a autoridade no céu e na terra foi-lhe conferida por Deus, Seu Pai (***Mateus 28:18***).

O conceito do sacrifício de Jesus pelo pecado é hebraico e todo o conceito de Jesus como Messias, Filho de Deus, baseia-se nas definições judaicas desses títulos, derivadas do messianismo real da Bíblia hebraica, especialmente o ***Salmo 2*** que define "***o Messias do Senho***r" (ungido) como Filho de Deus e Rei do Reino de Deus vindouro (***versículos 2, 6, 7***). Ele deve governar o mundo a partir de Jerusalém. O ***Salmo 2*** é citado cerca de 18 vezes no NT e o oráculo precioso encontrado no ***Salmo 110:1*** é mencionado cerca de 25 vezes pelos escritores do NT. O Evangelho tal como Jesus o pregou refere-se à vinda do Reino de Deus. Também este é um conceito profundamente judaico do AT e não deve ser arrancado do seu contexto hebraico e feito para servir os interesses teológicos modernos.

A Igreja precisa desesperadamente de se reconectar com as suas raízes hebraicas e judaicas. **[89]** Actualmente, a Igreja não se baseia nessas raízes judaicas, mas num enorme sistema teológico grego que

torna a nossa leitura da Bíblia confusa e ineficaz. *E.F. Scott* num excelente estudo do Reino de Deus, enquanto o Evangelho cristão se queixava de:

> a longa e amarga controvérsia que levou à definição, em termos metafísicos, da natureza dupla de Cristo. Nada parece estar mais afastado das realidades da fé cristã do que esta polémica monótona, mas para a mente grega tudo estava em jogo nela... Não é surpreendente que os escritores modernos tenham encontrado uma prova crucial de que o cristianismo, no decurso da missão gentia **[90]**, tinha sido transformado numa nova religião. A Igreja, embora ainda se chamando pelo nome de Jesus, tinha-se esquecido ou recusado a saber o que ele realmente tinha ensinado. **[91]**

A Igreja agiu traiçoeiramente para com a sua mãe no judaísmo — no que diz respeito à definição de Deus. Em certo sentido, tornou-se uma prostituta ao permitir que o seu sistema de crenças, no seu cerne, fosse infetado por uma doutrina estranha de Deus. Para além de entrar numa "concubinato constantiniano", confundindo a Igreja e o mundo, a Igreja concebeu uma visão de Deus que Jesus não podia subscrever. "***O Senhor é um***" (***Marcos 12:29***) não é equivalente a "Deus é três Pessoas numa só Essência". Essa diferença deve ser reconhecida. O resultado deste reconhecimento pode ter efeitos espantosos para o futuro da religião mundial.

O Cristianismo Perdeu A Sua Identidade

O método adequado para procurar a identidade do Deus da Bíblia é começar com os textos "Deus". É um erro começar com os textos do Filho de Deus e simplesmente lê-los para se referir a Deus, o Filho. É possível produzir textos isolados do Evangelho de João que possam implicar indiretamente que Jesus é Deus. Mas nada deve ser concluído destes textos sem antes enraizar o pensamento no monoteísmo unitário do próprio credo de Jesus, reafirmado também em ***João, capítulo 17:3***. Aqui Jesus repete o credo de Israel, referindo-se ao Pai como "***o único Deus verdadeiro***". Jesus nunca se identifica com Deus, embora funcione como o agente de Deus e o Filho perfeitamente obediente. Chamando Jesus Deus promove a crença em dois que são Deus e, portanto, dois Deuses. Jesus é sempre distinto daquele que ele chama Deus e Pai, o "***único Deus***" (***João 5:44***) e "***o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***). Essa famosa declaração de Jesus confirma simplesmente o facto claro de que Ele acreditava em Deus como uma só Pessoa. ***João 17:3*** declara puro unitarismo. Só o Pai é Deus. Ninguém mais é o verdadeiro Deus. Só o Pai é Deus. Esta é a linguagem do unitarianismo. Usar outras declarações muito menos claras para a contradizer coloca a Bíblia contra si mesma. As afirmações secundárias devem ser harmonizadas com os textos primários de "Deus" que O definem expressamente e assim fornecem o credo cristão. Ao longo das páginas do NT, o Pai é o único que é Deus. Jesus nunca é chamado "*o único Deus*" ou "***o único Deus verdadeiro***". E nenhum dos milhares de textos de "Deus" significa alguma vez um Deus Trino. Este argumento deve certamente ser decisivo contra a crença na Trindade nas mentes dos autores da Bíblia.

Fazer de Jesus um crente em si mesmo como igualmente Deus, um membro da Trindade, é impossível com base nas provas tanto da história do NT como da história judaica. O teólogo de Oxford *A.E. Harvey*, proferindo as *Palestras de Bampton* em 1980, salientou que Jesus estava limitado pela teologia Unitária da sua herança judaica. *Harvey* diz:

> Devo agora apresentar mais um exemplo das limitações históricas que, como tenho argumentado, dão definição e conteúdo às simples declarações gerais que constituem a parte principal da nossa informação fiável sobre Jesus. Esta é a constrição daquele monoteísmo instintivo e apaixonado que estava no coração de toda a religião judaica e (pelo menos aos olhos dos pagãos) constituía uma grande parte da sua identidade. "***O Senhor nosso Deus é um só Deus***": assim começa a oração (o *Shema*) que todos os judeus diziam, e ainda dizem, diariamente; "***Não terás outros deuses além de mim***"; assim começa o Decálogo que, no tempo de Jesus, era recitado todos os dias no culto público. A crença de que existe apenas um Deus, e que ele é Senhor de todos, era fundamental para a única religião na antiguidade que oferecia uma oposição determinada e intransigente ao politeísmo tolerante do mundo pagão. Foi dentro de uma cultura indelevelmente marcada por este monoteísmo que Jesus viveu, morreu e foi proclamado. Foi dentro deste constrangimento que ele teve de transmitir a sua convicção da autorização divina e que os seus seguidores tiveram de encontrar formas de expressar o seu estatuto e significado únicos...
>
> Dentro da comunidade judaica, o poder da confissão monoteísta é talvez mais claramente visto no código penal: os delitos mais graves foram aqueles que de alguma forma diminuíram a majestade única e a honra de Deus... Além disso, qualquer opinião intelectual ou religiosa que parecesse postular um segundo ser celestial independente do único deus foi firmemente anatematizada... Desde a denúncia profética da adoração de ídolos até à estridente polémica do judaísmo helenístico contra qualquer manifestação de paganismo, a fé na unidade exclusiva de Deus é sentida como totalmente incompatível com o reconhecimento de qualquer outro ser divino…
>
> O próprio Jesus é registado como endossando a confissão judaica padrão do monoteísmo (***Marcos 12:29***). (*Justino* [Mártir] cita Jesus como um mestre do monoteísmo judaico tradicional. *1 Apol. 13*) [Jesus] aceitou a proibição que isto implicava de qualquer comparação moral entre ele próprio e Deus (***Marcos 10:18***); além disso, no Quarto Evangelho, ele é obrigado a negar vigorosamente a acusação de que se constituiu como um ser igual e independente de Deus. (Mais explicitamente em ***João 10:33***: a resposta de Jesus aponta semanticamente que existe um precedente na sua própria cultura para usar a palavra "*theos*" para seres que são distintos do único Deus; mas o principal impulso da sua resposta, como em todo o Evangelho, é que, longe de ser um segundo ou rival segundo deus, ele é totalmente dependente e unido ao Pai). **[92]**

E chama "***o único Deus verdadeiro***" ao seu Pai (***João 17:3***). O Professor *Harvey* prossegue, dizendo:

> Da mesma forma, os escritores do NT insistem na unidade absoluta de Deus, e não mostram qualquer tendência para descrever Jesus em termos de divindade [Deidade]: as poucas exceções aparentes são gramaticalmente e textualmente incertas ou têm uma explicação que ... as coloca dentro da restrição do monoteísmo judeu. Só quando a nova religião se espalhou muito para além dos limites do seu pai, o judaísmo, é que se tornou possível quebrar a restrição e descrever Jesus como divino (os primeiros exemplos inequívocos encontram-se em Inácio de Antioquia, escrevendo cerca de 110 d.C.) É significativo que as igrejas cristãs judaicas tenham continuado a existir durante pelo menos um século e se tenham recusado a dar este passo...

> Os seguidores imediatos de Jesus estavam estritamente vinculados pela restrição desse monoteísmo que, como judeus, professavam instintivamente, e nas suas tentativas de declarar quem Jesus era, não chegaram ao ponto de o descrever como "divino". Mas, ao mesmo tempo, a importância que atribuíam ao título "Filho de Deus" sugere que, quando atribuído a uma pessoa como Jesus, se pensava que implicava a verdade daquelas afirmações de autoridade divina que eram características. De todo o seu estilo de ação e expressão: Jesus tinha de facto demonstrado que a obediência absoluta a Deus, tinha de facto falado de Deus com essa autoridade íntima, e tinha agido com a autorização única que pertencia ao representante e agente de Deus na terra, que seria característica de alguém que era (nos sentidos geralmente atribuídos à "filiação" na antiguidade) de facto "Filho de Deus". **[93]**

Eu acrescentaria que aquela Filiação única, que o marca como cabeça e, em certo sentido, progenitor de uma nova raça de humanos, foi justificada pelo investimento feito por Deus, seu Pai: sua ressurreição dentre os mortos.

Harvey observa que "não há nenhuma evidência de que [Jesus] tenha falado ou agido como se acreditasse ser 'um deus' ou 'divino'". Os ataques dos judeus são inferências que "são combatidas mostrando que, longe de usurpar a autoridade e o poder de Deus, Jesus foi totalmente autorizado a agir como agente credenciado por Deus". **[94]**

> Ele assumiu uma autoridade para declarar a vontade de Deus para os homens, e para agir em conformidade com essa vontade, tal como não tinha sido reivindicada por qualquer figura anterior na história religiosa dos judeus ... Descrever-se a si mesmo ... como "o Filho de Deus" teria sido uma forma ... de reivindicar uma autorização divina sem precedentes, preservando intacto o respeito pela unidade indivisível de Deus que era a posse instintiva de qualquer judeu religioso. **[95]**

As Admissões Ingênuas Dos Trinitários E Dos Pais Da Igreja

A história regista algumas admissões extraordinárias por parte de religiosos de que há algo de radicalmente errado com a doutrina recebida da Trindade:

> O teólogo oriental *João de Damasco* ... respondeu à crítica de que os ícones não são bíblicos, admitindo o facto e acrescentando que também não encontrará nas Escrituras a Trindade ou a [uma substância] ou as duas naturezas de Cristo. Mas sabemos que essas doutrinas são verdadeiras. E assim, tendo reconhecido que os ícones, a Trindade, e a encarnação são inovações, João prossegue exortando o seu leitor a agarrar-se a elas como tradições veneráveis transmitidas a nós pelos pais. Se eles se perdessem, todo o evangelho seria ameaçado. **[96]**

Teodoro o Estudita (759-826) adoptou o argumento de *João de Damasco* de que a Trindade deveria ser aceite como tradição. O Professor *Don Cupitt* comenta: "Salienta uma característica estranha do cristianismo, a sua mutabilidade e a rapidez com que as inovações são revestidas de solenidade religiosa a tal ponto que qualquer um que as questione se verá como um perigoso inovador e herege". **[97]**

Um dos arquitetos mais influentes da doutrina trinitária, *Gregório de Nazianzeno*, admitiu que a Trindade é, em parte, uma concessão ao paganismo. O monoteísmo unitário de Jesus e do judaísmo que rejeitou como "heresia judaica". Os leitores podem achar surpreendente este resumo da visão de *Gregório de Nazianzeno* sobre o que ele desdenhosamente chama "monoteísmo judeu": "O mistério da fé evita da mesma forma o absurdo do monoteísmo judeu e o do politeísmo pagão". **[98]** Outro arquiteto chefe do dogma trinitário foi *Gregório de Nazianzeno*, que diz: "Em que foste baptizado? O Pai? Bom mas ainda judeu. O Filho? ... bom... mas ainda não perfeito. O Espírito Santo? ... ? Muito bem... isto é perfeito... E qual era o nome comum [destes]? Porquê Deus?. **[99]**

Em O Grande Catecismo, *Gregório de Nazianzeno* escreveu: E assim aquele que estuda severamente as profundezas do mistério [da Trindade] recebe secretamente no seu espírito, de facto, uma quantidade moderada de compreensão da doutrina da natureza de Deus, mas é incapaz de explicar claramente em palavras a profundidade inefável deste mistério. Como, por exemplo, como a mesma coisa é capaz de ser numerada e ainda assim rejeita a numeração, como é observada com distinções e ainda assim apreendida como uma mónada, como é separada quanto à personalidade, mas não dividida quanto à matéria. Pois, na personalidade, o Espírito é uma coisa e a Palavra outra, e novamente aquela da qual é a Palavra e o Espírito, outra. Mas quando você obteve o conceito do que é a distinção nestes, a unidade, novamente, da natureza não admite divisão, de modo que a supremacia da única Causa Primeira não divide ou divide em diferentes Divindades, *nem o faz a declaração*. [da Trindade] *se harmoniza com o dogma judaico*, mas a verdade passa entre essas duas conceções, elas destroem cada heresia e ainda aceitam o que é necessário para isso de cada uma. *O dogma judaico é destruído* pela aceitação da Palavra e crença no Espírito; enquanto o erro politeísta da escola grega desaparece pela unidade da Natureza que anula essa imaginação da pluralidade. Enquanto mais uma vez, desde a conceção judaica, deixe a unidade da Natureza permanecer; e do helenístico, apenas a distinção quanto às pessoas; o remédio contra uma opinião profana é assim aplicado, conforme necessário, a ambos os lados. Pois é como se o número da tríade fosse um remédio *para os que se equivocam quanto ao Uno*, e a afirmação da unidade para aqueles cujas crenças estão dispersas entre várias divindades. **[100]** Aqueles que elaboraram o dogma da Trindade aparentemente não se envergonharam de falar da destruição do "dogma judaico". Mas Jesus não havia citado o mesmo "dogma judaico"? Este santo pai da igreja não condena Jesus como um daqueles "que estão errados quanto ao Único"? A raiz da noção errônea dos pais da igreja é que "devemos ter cuidado para não permitir que este termo 'Gerado' nos sugira qualquer analogia com coisas criadas". **[101]** A palavra "gerar" deve ser silenciada, esvaziando-a de seu significado atual.

Mas isso é negar a atividade de Deus na história, mantê-lo fora de sua própria criação. Todo o método é a-histórico e gnóstico. Assim como o cristianismo tradicional tende a descrever erroneamente o futuro cristão como "além do tempo e do espaço", em vez de relacioná-lo à restauração da terra em uma nova era da história da terra, **[102]** também os pais removeram da história a promessa do nascimento de o Messias. Eles o levaram de volta à pré-história invisível e o escureceram. *Henry Alford* admite que os pais tiveram que "atribuir um sentido adequado à palavra 'hoje' no ***Salmo 2:7***". **[103]** Mas esse "bom senso" foi de fato a dissolução do significado de palavras simples e a rejeição da Escritura profética por causa de uma visão errônea do filho de Davi. Todo o projeto trinitário precisa ser reexaminado à luz da visão bíblica das promessas de Deus na história e na cadeia biológica humana. Os muçulmanos estão muito errados ao pensar na procriação sexual grosseira, mas os cristãos minam o milagre biológico histórico pelo qual o Pai procriou e, assim, trouxe à existência Seu único Filho.

Não é de admirar, então, que *Leonard Hodgson, Regius Professor of Divinity em Oxford*, ao dar uma palestra sobre a Trindade em 1943, admitisse que o Unitarismo tinha uma base bíblica muito mais firme. Falando como um trinitário, ele disse que nos debates dos séculos 17 e 18 "os unitaristas, assim como seus oponentes, aceitaram que a Bíblia continha revelação dada na forma de proposições... A impressão que eles deixam em minha mente é que com base no argumento que ambos os lados tinham em comum, os unitaristas tinham o melhor argumento". **[104]**

O professor Maurice Wiles, de Cambridge, observou em 1973 que "os reformadores, apesar de sua reformulação da tradição e sua insistência no NT como sua única autoridade, permaneceram totalmente tradicionalistas na doutrina cristológica". Em seguida, ele reafirma as palavras de *Leonard Hodgson* que acabamos de citar. Os unitaristas tinham a Bíblia do seu lado, enquanto a doutrina cristológica da Igreja oficial "nunca na prática foi derivada simplesmente por inferência lógica das declarações das Escrituras". A provocativa conclusão de *Maurice Wiles* é pedir um reexame completo da visão da Igreja sobre Deus e Jesus: "A igreja normalmente não tem na prática (não importa o que pretenda fazer em teoria) basear sua cristologia somente no testemunho do NT". **[105]**

Na verdade, os reformadores não examinaram completamente os credos que herdaram à luz da origem hebraica de Jesus e dos apóstolos. Essa investigação histórica foi deixada para as gerações posteriores, e os resultados de um exame minucioso revelam uma grande lacuna entre a doutrina de Jesus e a doutrina posterior de Deus. A preocupação exagerada de *Lutero* com Romanos e sua relativa negligência dos Evangelhos Sinópticos certamente resultariam em uma visão desequilibrada da fé. Quando não é permitido que Jesus seja o fator controlador na teologia do NT, estamos com problemas. E Jesus enfatiza esse ponto, repetidas vezes, como os apóstolos fazem. Ele faz isso repetidamente e enfaticamente no Evangelho de João. Poderia haver algo mais surpreendentemente claro do que o comentário de Pedro em ***Atos 3:23***: "***Acontecerá que toda alma que não ouvir a esse profeta*** [o Messias] ***será exterminada do meio do povo***", refletindo as palavras de João sobre Jesus em ***João 3:36***: "***o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus***".

O Dicionário Da Bíblia

As visões de Jesus de si mesmo, de Deus e do espírito como a presença operativa e o poder de Deus, não como uma terceira pessoa, são esclarecidas no "*Dictionary of Christ and Gospels*" (Dicionário de Cristo e Os Evangelhos).:

A esfera da revelação de Jesus foi limitada à Paternidade de Deus, e todas as Suas outras referências ao Ser Divino são mais ou menos incidentais. Estas são conceções que Ele compartilhou com os profetas do AT... Ele nunca procurou provar a existência ou a personalidade de Deus. Estes foram invariavelmente assumidos... Para Jesus, como para o Seu povo através de muitos séculos, Deus era um. Ele não mudou essa velha crença. Ao escriba que perguntou qual era o maior mandamento, Jesus citou a conhecida confissão de ***Deuteronômio 6:4*** e seguintes, que começa com as palavras: "***O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor!***" (***Marcos 12:29***); e o autor do Quarto Evangelho representa Jesus dirigindo estas palavras de oração ao Pai: "***E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***).

> A linguagem [das palavras de Jesus sobre o espírito] não parece sugerir uma visão diferente do Espírito daquela dos antigos profetas... É óbvio que não podemos fazer nenhuma distinção

> pessoal entre este Espírito e Deus... Nós concluo este parágrafo com a afirmação de que não há nada no relato do ensino genuíno de Jesus que sugira uma modificação da antiga concepção profética do monoteísmo puro. **[106]**

Com que autoridade, podemos perguntar, a Igreja quebrou a confiança na crença central de Jesus sobre Deus?

Outras autoridades bíblicas ilustres são igualmente sinceras. O "*Hastings' Dictionary of the Bible*" (Dicionário da Bíblia de Hastings) em seu longo artigo sobre "Deus" diz:

> A revelação de Deus de si mesmo é uma revelação de si mesmo como ele realmente é, embora possa ser impossível revelar-se totalmente aos homens. A conceição de Deus no AT é a de uma Pessoa com atributos éticos; em nenhum lugar ele especula sobre Sua essência física. Em nenhum lugar do AT Deus é chamado de espírito; como os homens, tem um espírito; mas espírito nunca denota substância, mas sempre denota energia e poder, especialmente poder vivificante... Desde o período mais antigo em que se fala de Deus, Ele é considerado uma Pessoa. A palavra Yahweh é um nome pessoal...Ele tem consciência de si mesmo e jura "***por sua santidade***" (***Amós 4:2***), isto é, por Sua Divindade (***Gênesis 22:16***)... Deus é totalmente pessoal de o começo, enquanto Seu ser moral se torna mais claro e mais elevado, ou pelo menos recebe uma expressão mais completa... A caminhada de Deus no jardim (***Gênesis 3:8***) [e outras passagens semelhantes] são um testemunho da vivacidade com que a personalidade de Deus Foi concebido. **[107]**

Esta excelente declaração parece muito mais natural no texto da Bíblia do que a de alguns trinitários modernos como *James White*, que tenta nos persuadir de que o Deus bíblico não é uma pessoa, mas um Ser, três pessoas em um quê. *White* insiste que "o que 'pessoa' significa quando falamos sobre [os três membros da] Trindade é bem diferente do que quando falamos sobre criaturas como nós". E "o *que* é o Ser ou essência de Deus". No entanto, de forma muito confusa, algumas páginas depois, *White* define o Ser Único como "o Deus eterno *que* criou tudo". Para *White*, "a palavra 'Deus' pode se referir ao Pai, ao Filho, ao Espírito ou às três pessoas ao mesmo tempo". **[108]** Mas nenhum exemplo de tal uso da palavra "Deus" pode ser encontrado nas Escrituras.

Notas Finais Capítulo 9

[1] *Dr. John Hey*, citado en *John Wilson*, "*Unitarian Principles Confirmed*" (Princípios Unitários Confirmados), 322.

[2] *J.A.T. Robinson*, "*The Fourth Gospel and the Church's Doctrine of the Trinity*" (O Quarto Evangelho E A Doutrina Da Trindade Da Igreja) in "*Twelve More New Testament Studies*" (Mais doze estudos do Novo Testamento), 175.

[3] *Desmond Ford*, em sua extensa pesquisa sobre o Discurso do Monte das Oliveiras de Jesus, observou que "*F.W. Farrar* escreveu extensivamente para provar que a história da exegese é uma história de erro, e se preto e branco realmente significam coisas diferentes, então as estatísticas são a favor do ex-reitor de

Canterbury" (*The Abomination of Desolation in Biblical Eschatology* - A Abominação da Desolação na Escatologia Bíblica). Escatologia, University Press of America, 1979, 6).

[4] Para um relato perspicaz de como os manuscritos gregos foram manipulados, em alguns versículos, para atender às necessidades da ortodoxia posterior, recomendamos "*The Orthodox Corruption of Scripture*" (A Corrupção Ortodoxa das Escrituras) de *Bart Ehrman*.

[5] Onde Jesus declara que "***Eu sou ele*** [o Messias] ***antes de Abraão nascer***", ou como o grego lê igualmente bem "***antes de Abraão nascer***". Se assim traduzido (o grego é ambíguo), Jesus afirma preceder Abraão na ressurreição. Se Jesus quis dizer que antes do nascimento de Abraão ele é o Messias, isso seria muito semelhante ao texto de ***Apocalipse 13:8*** de que Jesus foi crucificado antes da fundação do mundo, ou seja, no propósito predeterminado de Deus (ver ***1 Pedro 1:20***). Jesus certamente antecede Abraão na ressurreição. Jó esperava existir novamente na ressurreição (***Jó 14:14***: "***Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias da minha luta esperaria***", "*palin genomai*", LXX).

[6] *J.A.T. Robinson*, "*The Fourth Gospel and the Church's Doctrine of the Trinity*" (O Quarto Evangelho e a Doutrina da Igreja da Trindade), en "*Twelve More New Testament Studies*" (Mais doze estudos do Novo Testamento), pág. 175.

[7] A ideia de que o Pai e o Filho são a mesma pessoa (sustentada pelos pentecostais da Unicidade) também anularia o uso de pronomes singulares para o Pai e o Filho, que falam um com o outro como "eu" e "você", e que são conhecidos coletivamente como "nós" e "nós". A posição Pentecostal da Unicidade é expressa assim: "Se há apenas um Deus e esse Deus é o Pai (***Malaquias 2:10***), e se Jesus é Deus, então segue-se logicamente que Jesus é o Pai" (*David Bernard*, "*The Oneness of God*" - A Unidade de Deus -, citado por Gregory Boyd, "*Oneness Pentecostals and the Trinity*" - Os Pentecostais Unitários e a Trindade, 28). A "lógica" falha porque nunca se diz que Jesus é o único Deus, ou "o verdadeiro Deus". E realmente deveria ser óbvio que um pai e um filho não são a mesma pessoa. O poder do dogma denominacional para confundir seus seguidores no nível mais elementar é realmente incrível..

[8] *Stuart Olyott*, "*The Three Are One*" (Os Três São Um), Evangelical Press, 1979, 29.

[9] "*A Textual Commentary on the Greek New Testament*" (Um comentário textual sobre o Novo Testamento grego), Biblia unida Sociedades, 1971, 715.

[10] O pronome "este" na epístola de João nem sempre se refere ao substantivo mais próximo, por exemplo, veja ***1 João 2:22; 2 João 7***. Veja a forte confirmação de nossa visão francamente admitida pelo expositor trinitário *Henry Alford* em seu *Comentário sobre o Testamento grego*. Veja também sua bela *Análise da Corrupção de* ***1 Timóteo 3:16***.

[11] "*A Textual Commentary on the Greek New Testament*" (Um comentário textual sobre o Novo Testamento grego), 718.

[12] Compare, Mateus 16:27, onde Jesus vem na glória de seu Pai.

[13] "*Grammatical Insights into the New Testament*" (Perspectivas gramaticais do Novo Testamento), T & T Clark, 1965, 16. Observe o erro de digitação no texto: a palavra "não" foi omitida da edição de 1965. O famoso comentarista trinitário *Henry Alford* também não acredita que Jesus seja chamado de "Deus" neste versículo.

[14] Em genealogias, "gerar" pode ocasionalmente ser equivalente a "tornar-se o pai de" em um sentido legal e não biológico. ***Mateus 1:12*** fala de Sealtiel gerando Zorobabel. Na verdade, Sealtiel era seu tio. Zorobabel

era considerado seu filho legalmente. Mas "gerar" usado para Jesus não aparece nesse sentido, é claro. E aquele que é gerado não é, por definição, tão velho quanto aquele que o gerou!

[15] A palavra mantém seu significado como originário, produzir, seja usado literalmente para pessoas geradas, ou de maneira metafórica como um profeta "produzindo filhos" como discípulos.

[16] Não "ressuscitou Jesus de novo" como está mal traduzido na KJV. O erro foi corrigido pela RV de 1881. A KJV nos impede de ver que a geração de Jesus como Filho ocorreu em seu nascimento, conforme declarado em ***Lucas 1:35*** e **Mateus 1:18, 20**. *F. F. Bruce* enfatiza o fato de que o "ressurreição" do ***versículo 33*** não se refere à ressurreição de Jesus, mas à sua origem no nascimento ("*Commentary on the Greek Text of the Acts of the Apostles*" - Comentário sobre o texto grego dos Atos dos Apóstolos -, Eerdmans, 1975 , 269, 270.)

[17] "*The Three Are One*" (Os Três São Um), 65, 67.

[18] *Donald Macleod*, "*The Person of Christ*" (A Pessoa de Cristo), Intervarsity Press, 1998, 131.

[19] Ibidem., 131 *Leonard Hodgson* palestrando sobre a Trindade observou que a "afirmação repetida de *Agostinho* de que em Deus cada atributo é todos os outros, uma afirmação que considero bastante ininteligível" ("The Doctrine of the Trinity" – La Doctrina de la Trinidad, Children of Charles Scribner , 1944, 151).

[20] Macleod, "*The Person of Christ*" (A Pessoa de Cristo), 131.

[21] "*Making Sense of the Trinity*" (Entendendo a Trindade), Baker Books, 2000, 86.

[22] Macleod, "*The Person of Christ*" (A Pessoa de Cristo), 132.

[23] "'Quando eu uso uma palavra', disse *Humpty Dumpty* em um tom bastante desdenhoso, 'ela significa exatamente o que eu quero que ela signifique, nem mais nem menos'" (*Lewis Carrol*l, "*Through the Looking*" - Através do Olhar - Glass, HarperCollins, 2003, 88).

[24] Citado em Macleod, "*The Person of Christ*" (A Pessoa de Cristo), 133.

[25] Ibidem., 133.

[26] Ibidem., 137-138.

[27] Alguns pais da igreja trinitária ficaram nervosos com a introdução da palavra "*homoousios*", "da mesma essência". Eles reconheceram os perigos de importar terminologia não-bíblica.

[28] Ver ***Mateo 1:17***.

[29] *Macleod*, "*The Person of Christ*" (A Pessoa de Cristo), 132.

[30] Ele escreveu que o "hoje" em ***Hebreus 1:5*** "mostra que sua filiação começou em um ponto no tempo, não na eternidade. Sua vida como Filho começou neste mundo" ("*The MacArthur New Testament Commentary: Hebrews*" - (Comentário do Novo Testamento de MacArthur: Hebreus), Moody, 1983, 28).

[31] "*Reexamining the Eternal Sonship of Christ*" (Reexaminando a Filiação Eterna de Cristo), www.gty.org/resources.php

[32] "*Loizeaux Brothers*" (Irmãos Loizeaux), 1993, 106.

[33] Ibidem., 107.

[34] "*Christology in the Making*" (Cristologia Em Formação), 50-51. *Raymond Brown* é igualmente sincero e justo em seu tratamento das narrativas do nascimento de Mateus e Lucas. Não tenta igualar "ortodoxia" com as visões desses escritores da Escritura. Veja seu "*The Birth of the Messiah*" (O Nascimento do Messias). Ele repetidamente nos diz que Mateus e Lucas não têm nenhuma doutrina da Encarnação.

[35] *James Orr, D.D*., "*The Virgin Birth of Christ*" (O nascimento virginal de Cristo), Filhos de *Charles Scribner*, 1912, 215, 278.

[36] Ibídem., 208, 209.

[37] "*Commentary on John*" (Comentário sobre João), 1. 32.

[38] "*Expositions on the Psalms*" (Exposições sobre os Salmos).

[39] "*London*" (Londres): *John Murray*, 1893, 3:1355.

[40] *Roger Olson* y *Christopher Hall*, "*The Trinity*" (La Trinidad), Eerdmans, 2002, 27.

[41] "Mere Christianity" (Mero cristianismo), 172.

[42] *James Townsend*, "*C.S. Lewis's Theology: Somewhere Between Ransom and Reepicheep*" (A Teologia de C.S. Lewis: Em Algum lugar entre Ransom e Reepicheep), Journal of the Grace Evangelical Society, 13:24, primavera de 2000.

[43] Nota Comentário importante de *F.F. Bruce*: "A promessa de ***Atos 13:23*** é cumprida no ***versículo 33***...Tem a ver com o envio do Messias, não com sua ressurreição (para ver o ***versículo 34***)" ("*The Acts of the Apostles*" - O Atos dos Apóstolos" - , 269).

[44] E confirmando o evento como o nascimento de Jesus, acrescentando uma terceira citação de apoio: "***Quando ele trouxer o primogênito ao mundo…***" (***Hebreus 1:6***). Wilhelm Michaelis acha "trazer o primogênito ao mundo" como adequado para o nascimento do Filho ("*Theological Dictionary of the New Testament*" - Dicionário Teológico do Novo Testamento - 6:880, n. 58). Em escritos anteriores, favoreci uma referência à segunda vinda, mas, em geral, acredito que todas as três citações do AT fazem o mesmo ponto, como em ***Hebreus 2:12, 13***.

[45] Todas as oito versões em inglês antes da KJV, começando com a tradução de *Tyndale*, rezam "todas as coisas foram feitas por meio dele". Na KJV isso foi alterado para "por ele". Muitas traduções em outros idiomas leem "a palavra" como "propósito" ou "intenção" e, portanto, a descrevem como "isso", não "ele". João fala da "luz" neutra como "ele" em ***1:10***, e está pensando no Filho como existindo então, mas não antes de seu nascimento. Jesus é o que a palavra/sabedoria se tornou, não o equivalente individual da "palavra", que nunca na Bíblia hebraica significa "porta-voz". "A palavra" não assumiu carne, como na ortodoxia; tornou-se carne, uma pessoa humana. A sabedoria de Deus foi expressa em um ser humano perfeito cuja origem foi cuidadosamente descrita em Mateus e Lucas e a quem João reconheceu como "unigênito", "*monogenes*". A raiz dessa palavra é "*ginomai*", que significa tornar-se ou vir a existir. Veja também nosso artigo "***João 1:1***: Aviso ao leitor (leitor, cuidado)" em www.restorationfellowship.org.

[46] "***A palavra estava com*** [*pros*] ***Deus***" assim como "***a vida estava com*** [*pros*] ***o Pai***" em ***1 João 1:2***. Veja ***Jó 10:13*** e ***23:14*** para a intenção de Deus de estar "com" Ele.

[47] "*Life of Moses*" (Vida de Moisés) 1:28.

[48] Os escritos judaicos falam de Moisés como pré-conhecido, isto é, planejado no propósito de Deus..

[49] "*Christ for Us Today*" (Cristo para nós hoje), SCM Press, 1968, 66-80.

[50] "*Egeneto*", veio a ser, veio a ser, em ***João 1:14***. A mesma palavra descreve a aparição de João Batista.

[51] *Harold O. J. Brown*, "Heresies" (Heresias), 431.

[52] "*Tractates on the Gospel of John*" (Tratados sobre o Evangelho de João), 105. *Agostinho* foi seguido nesta reescrita de ***João 17:3*** por *Beza, Tomás de Aquino, Aretius* e vários outros. *H.A.W Meyer* refere-se à alteração do texto como uma "perversão, que vai contra o estrito monoteísmo de João" ("*Commentary on the Gospel of John*" - Comentário sobre o Evangelho de João", Funk e Wagnall, 1884, 462)..

[53] "*The Greek Testament*" (O Testamento Grego), Rivingtons, 1859, 1:823.

[54] Ibidem.

[55] Ibidem. "*on Hebreus 1:5*" (sobre Hebreos 1:5).

[56] Quando Jesus foi promovido a Deus, igual ao Pai, Maria foi elevada à posição de mediadora humana (e, portanto, mais compassiva?). Um erro levou a outro.

[57] "*On the Trinity*" (Sobre la Trinidad), Libro II, cap. 5.

[58] **"***Tractates on the Gospel of John, 8 and 17*" (Tratados sobre o Evangelho de João, 8 e 17).

[59] 941.

[60] Werner, "*Formation of Christian Dogma*" (Formação do dogma cristão), 298.

[61] Ibídem., 320.

[62] Para um relato dos persistentes porta-vozes não trinitários depois de Nicéia, ver *Thomas Kopecek*, "*A History of Neo-Arianism*" (Uma História do Neo-Arianismo), Philadelphia Patrist Foundation, 1979.

[63] Véase también 4QFlor 1-2. 2:11; 4QpIsa. 8-10:17.

[64] CD 19:10; 20:1.

[65] 4Q369.

[66] 4Q521, línea 12.

[67] *Michael Wise, Martin Abegg, Jr. e Edward Cook*, "*The Dead Sea Scrolls: A New Translation*" (Os Manuscritos do Mar Morto: Uma Nova Tradução), HarperCollins, 1999, 329.

[68] *Luke Timothy Johnson*, "*The Creed*" (O Credo), Doubleday, 2003, 108.

[69] Ibidem., 108.

[70] *Rudolf Otto*, "*The Kingdom of God and the Son of Man*" (O Reino de Deus e o Filho do Homem), Lutterworth Press, 1943, 175.

[71] *Albert Réville*, "*History of the Dogma of the Deity of Jesus Christ*" (História do Dogma da Divindade de Jesus Cristo), Philip Green, 1905, 43, enfase adicionada.

[72] Tradutores judeus da Septuaginta (LXX) traduzem esse título messiânico como "pai da era vindoura". Jesus é de fato o superintendente e "pai" da nova ordem do Reino de Deus.

[73] "*A Dictionary of Christ and the Gospels*" (Um Dicionário de Cristo e os Evangelhos), 2:407.

[74] "*Dictionary of the Apostolic Church*" (Dicionario da Igreja Apostólica), 2:264.

[75] Ibidem.

[76] Ibidem., 264, 265.

[77] Jeremias era conhecido, mas certamente não preexistente (***Jeremías 1:5***).

[78] "*Dictionary of the Apostolic Church*" (Dicionario da Igreja Apostólica), 2:264.

[79] Observe o uso especial de Paulo de "*ginomai*", tornar-se, em vez da palavra normal nascer.

[80] As traduções forçam a pré-existência no texto aqui. "Antes de mim" pode igualmente ser traduzido como "acima de mim". Assim, a Bíblia de Genebra: "melhor do que eu". Rotherham: "Meu chefe era ele". *CH Dodd* traduz: "Há um homem entre meus seguidores que veio antes de mim, porque ele é e sempre foi essencialmente meu superior" (citado por *J.A.T Robinson* em "*The Priority of John*" (A Prioridade de João), SCM Press, 1985, 384). "*The New International Commentary on John*" (O Novo Comentário Internacional sobre João) tem esta nota: "'Um seguidor meu me precedeu, porque ele (sempre) foi antes de mim, meu superior'... Alguns estudiosos consideram 'primeiro' como não 'primeiro no tempo' , 'antes', mas 'primeiro em importância'... 'ele era meu chefe'" (Leon Morris, "*The Gospel According to John*" (O Evangelho Segundo John), Eerdmans, 1995, 96-97). *Calvino* diz "mais excelente do que eu". Assim também a Bíblia Barkar (1599) e muitos outros comentaristas nos últimos 400 anos.

[81] É o ser humano, "Filho do Homem", que aqui preexiste. Claro, ele estava lá "antes" na visão de Daniel. Mesmo os trinitários não acreditam que o Jesus humano estava vivo na época de Daniel.

[82] *Agostinho* reconheceu que esta é a forma mais pura de enunciação unitária e evitou-a apenas rearranjando a ordem das palavras como vimos acima.

[83] Observe o tempo presente, embora a recompensa seja futura.

[84] *Samuel Parker*, "*A Free and Impartial Censure of the Platonick*" (Uma censura livre e imparcial da filosofia platônica) Philosophie, Oxford, 1667, 239, 240.

[85] Jesus alguma vez disse que iria voltar para o Pai? Ou ele apenas disse que estava indo para o Pai? Há uma grande diferença entre ir e voltar! ***João 13:3, 16:28 e 20:17*** devem ser cuidadosamente examinados na King James ou RSV, bem como na NIV. Você encontrará uma diferença de tradução surpreendente. Qual é correto? Você pode pesquisar em uma interlinear Grego-Inglês ou verificar o significado das palavras em Strong. É muito esclarecedor. Mas lembre-se que este é um caso raro de erro de tradução na NVI, para promover uma ideia que não existe!

[86] *H.H. Wendt*, „System der Christlichen Lehre" (Sistema de Christlichen Lehre), Vandenhoeck and Ruprecht, 1906, Part 2, 348, 349, traducción mía. Comparar, *Wendt*, "*Teaching of Jesus*" Ensinamento De Jesus, 2:151-182.

[87] O grego "eu sou ele" não é o mesmo que a declaração do nome de Deus em ***Êxodo 3:14***, onde Deus diz "eu sou aquele que existe" (*ego eimi 'o ohn*). Este título se refere ao Pai, nunca ao Filho. Designa o Pai e não o Filho em ***Apocalipse 1:8*** (*'o ohn*).

[88] Casa Tyndale, 1975.

[89] Isso não significa, no entanto, um retorno ao judaísmo mosaico da Antiga Aliança em termos de calendário e leis alimentares, etc. Paulo não mediu esforços para proclamar a nova liberdade em Cristo, que é o coração da Nova Aliança. O próprio Paulo estava "dentro da Torá do Messias" (***1 Coríntios 9:21***), mas não sob a lei de Moisés. Para deixar claro, Paulo falou de Jesus que "***aboliu a lei dos mandamentos transformados em ordenanças***" (***Efésios 2:15***) para criar um novo "Israel de Deus" unido e circuncisão espiritual (***Gálatas 6:16; Filipenses 3:3***). em que todas as nações em Cristo são uma em Cristo.

[90] Ou seja, além do período NT.

[91] "*The Kingdom of God in the New Testament*" (O Reino de Deus no Novo Testamento), Macmillan, 1931, 159, 160, 156, enfase adicionada.

[92] "*Jesus and the Constraints of History*" (Jesus e os limites da história), Duckworth, 1982, 154, 155, 157.

[93] Ibidem., 157, 158, 167.

[94] Ibidem., 168.

[95] Ibiden.

[96] *Don Cupitt*, "*The Christ of Christendom*" (O Cristo do Cristianismo), en "*The Myth of God Incarnate*" (O mito de Deus encarnado), 133.

[97] Ibidem.

[98] "*The Great Catechism*" (O Grande Catecismo), cap. 1.

[99] "*Oration 33: "Against the Arians"*" (Oração 33: "Contra os arianos"), XVII.

[100] "*The Great Catechism*" (O Grande Catecismo), cap. 3.

[101] *Gregory Nazianzen*, "*Introduction to the Theological Orations*" (Introdução às orações teológicas).

[102] "*The promised Kingdom of God at the return of Jesus*" (O prometido Reino de Deus no regresso de Jesus), que é o tema do Evangelho cristão.

[103] "*The Greek Testament*" (O Testamento grego), 4:16.

[104] "*The Doctrine of the Trinity*" (A Doutrina da Trindade), 220, 223.

[105] "*The Remaking of Christian Doctrine*" (A reconstrução da doutrina cristã), SCM Press, 1974, 54, 55.

[106] "*A Dictionary of Christ and the Gospels*" (Um Dicionário de Cristo e os Evangelhos), 1:650, 651.

[107] 197, 198, ênfase acrescentada.

[108] "*The Forgotten Trinity*" (A Trindade esquecida), 27, 132, 71.

Capítulo 10

Maravilhas Matemáticas e a Obstrução do Monoteísmo.

> "Nunca devemos esquecer que o cristianismo foi construído sobre o fundamento do monoteísmo judaico". **[1]**
>
> "*Eis* [um] significa 'único, único, único, unitário, um de dois.' O cristianismo primitivo tem uma consciência abrangente da importância surpreendente do primeiro e único. **[2]**

A ideia de que o Deus da Bíblia Hebraica, que é um único Indivíduo divino, se revela misteriosamente como três, é contrariada pelo NT do começo ao fim. Jesus, como o centro da Nova Aliança, deliberadamente torna impossível qualquer mudança na natureza de Deus. Ele insiste no "*Shema*" unitário de sua herança judaica (***Marcos 12:28-34***). No Evangelho de João, o Unitarismo de Jesus é igualmente evidente. Ele resume a busca cristã pela vida eterna como crença em "***a ti*** [Pai] ***o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste***" (**João 17:3**). O Pai, uma única Pessoa, é "**o único Deus**" (***João 5:44***). Esta é uma definição transparentemente simples do Deus verdadeiro, unindo a Bíblia hebraica e o NT grego. Se o Pai é "***o único Deus verdadeiro***", isso significa, é claro, que nenhuma outra pessoa além do Pai é o verdadeiro Deus. Jesus nunca é chamado de "o único Deus", nem de "o Todo-Poderoso". **[3]**

Alguns expoentes modernos da religião estão muito distantes do conceito de Deus de Jesus. Isso é ilustrado pelo recente comentário de *Deepak Chopra* no Atlanta Journal-Constitution: "A ideia mais perigosa [na religião] é que meu Deus é o único Deus verdadeiro e minha religião é a única religião verdadeira". **[4]** Jesus seria considerado culpado de ambas as acusações (***João 17:3; 14:6***).

Como "***o único Deus verdadeiro***", Deus se distingue do Messias, Seu agente humano. O Pai é uma única Pessoa, e essa única Pessoa é definida como tendo "***nenhum outro além Dele***". Isso é Unitarismo puro. Ecoa perfeitamente a Bíblia hebraica: "***Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?***" (***Malaquias 2:10***). Não há nada no relato de João sobre o ensino de Jesus, nem em nenhuma das palavras de Jesus, sobre o verdadeiro Deus ser uma substância composta de duas ou três Pessoas. Para Jesus, uma única Pessoa, o Pai, constitui o único Deus verdadeiro. Jesus deliberadamente exclui todas as outras pessoas da Divindade. Isso é exatamente o que esperamos no contexto do primeiro século e do Messias, Filho de Deus, que era judeu e fundador da fé cristã. Jesus afirmou esta visão unitária de Deus expressamente em ***Mateus 19:17***, onde ele diz que "***Bom só existe um***". Ele estava apontando para seu Pai. O Unitarismo de Jesus é um daqueles pilares fixos e inamovíveis da teologia bíblica.

O judaísmo diz que existem maneiras pelas quais "o AT e o NT diferem. Mas eles constituem um único livro." Ambos os Testamentos apresentam o mesmo Deus. "O Deus que fala em Jesus Cristo no NT é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó". O Deus que trabalha em Cristo como Seu agente final no Novo é "o Deus que tirou Israel da terra do Egipto, que a conduziu através do deserto, falou-lhe no Sinai, deu-lhe os profetas, e tirou-a sã e salva da Babilónia". **[5]**

O NT nunca duvida que o Deus de quem fala é também o Deus do VT. O Deus que agiu na criação em Génesis também agiu em Jesus Cristo. Como diz Paulo: "***orque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo***" (***2 Coríntios 4:6***). O Deus que falou a Israel de várias maneiras e meios também falou no Seu Filho Jesus Cristo (***Hebreus 1:1, 2***). **[6]**

Confundiria a história bíblica e contradiria ***Hebreus 1:1, 2***, ao dizer que Deus estava de facto a trabalhar e a falar através de um "Filho eterno" desde o início. Isto destruiria de um golpe a promessa de Deus e o anseio de Israel pela vinda à existência do Filho de Deus, o descendente do Rei David. Tal como na parábola de Jesus, Deus enviou primeiro uma série de profetas e finalmente o seu Filho (***Mateus 21:33-41***), o livro de Hebreus diz-nos que Deus não falou num Filho nos tempos do AT. **[7]** porque o Filho foi prometido para o futuro e ainda não existia. Ele deveria "nascer" para Israel (***Isaías 9:6***), e os detalhes do Seu nascimento em Belém foram preditos de antigamente (***Miqueias 5:2***).

W.D. Davies também tem isto a dizer sobre o Deus dos judeus e, portanto, de Jesus.

> Um judeu religioso do primeiro século... começaria por assumir que havia *um* Deus vivo, pessoal, ardente em propósito, que dava sentido à vida a partir do exterior e exigia amor e obediência a si mesmo. Por outras palavras, o monoteísmo para o judaísmo do primeiro século era uma suposição... Este Único Deus Santo era o tema constante do pensamento judaico. **[8]**

Essa suposição nunca é posta em causa no NT, e não há nada de complicado neste simples facto. Continua a ser o centro potencial em torno do qual um grito de fé em Jesus pode ser lançado a todos os povos do mundo. A ironia é que a alienação judaica do cristianismo, tal como lhes é apresentada de forma trinitária, pode ser completamente desnecessária! Eles poderiam ter vindo a Cristo e ter-se alegrado com o Messias que, tal como eles, citaram e nunca se desviaram de um iota do credo Unitário de Israel.

A grande verdade do monoteísmo unitário está subjacente a todo o nosso NT e nunca é questionada. Como Judeu Unitário, Jesus estava apaixonadamente comprometido com o Único Deus da sua herança judaica. As suas próprias reivindicações são únicas, claro, e ele é apresentado como o incomparável ser humano, a criação pessoal de Deus e o chefe da recém-criada raça humana, "***o primogénito entre muitos irmãos***" (***Romanos 8:29***), que também são produtos, como crentes, da mesma *nova* criação (não Gênesis). Jesus é o Filho de Deus apenas por uma criação milagrosa em Maria. Esse facto é a proposta demonstrável de Lucas 1:35. Ele vem perante nós como o exemplo perfeito do homem em relação ao seu Criador. Que ele afirmou ser o próprio Criador, não se encontra em parte alguma do NT. Isso iria lançar toda a Bíblia na confusão e resultar numa multiplicação de Deus. *O ponto central* do Messias prometido é que ele é o último representante *humano* de Deus, refletindo Deus como o homem estava destinado a fazer. Como vice-regente de Deus, ele é o homem restaurado à glória que Adão perdeu. Dizer que *ele próprio* é Deus apresenta-nos imediatamente dois que são Deus, e o monoteísmo bíblico está ameaçado de colapso.

A Palavra Hebraica Para Um Significa Um

Face a um credo tradicional que contradiz o estrito monoteísmo unitário de Jesus e da Bíblia, alguns crentes em Jesus como Messias, incluindo, nomeadamente, os judeus messiânicos, sentiram-se obrigados a encontrar uma forma de justificar a sua saída do monoteísmo do credo de Jesus. Isto levou a um dos mais

estranhos exercícios de distorção das palavras simples conhecidas, suponho, na história das ideias. Deve ser exposto como uma aventura ousada ao distorcer a terminologia simples pela qual o Deus da Bíblia declara que Ele é uma Pessoa.

O ataque ao senso comum, factos de linguagem simples e autoridade bíblica de que estamos a falar tem a ver com a palavra hebraica "*echad*", que é o número cardinal "um". Quando contamos em hebraico dizemos "*echad, sh'nayim, shalosh*": "um, dois, três...".

Alguns trinitários fizeram acrobacias verbais extraordinárias com a palavra "*echad*" num esforço para convencer o público de que o número um não significa um. É uma tática de desespero. Apenas envolve aqueles que não estão atentos ao significado de palavras simples. A obstrução do significado direto do "*echad*" (um) hebraico deve figurar entre as peças de propaganda falsa mais espantosas que se encontram na escritura teológica.

Citemos alguns exemplos. O Professor Boice tentou encontrar boas razões na Bíblia hebraica para acreditar que Deus é três em um. Ele escreveu:

> Tem-se argumentado que, porque ***Deuteronómio 6:4*** diz "***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***", a Trindade está excluída. Mas neste mesmo verso a palavra para "um" é "*echad*", que significa não um isolado, mas um unido. De facto, a palavra nunca é utilizada na Bíblia hebraica de uma entidade absolutamente singular. É a palavra usada quando se fala de um cacho de uvas, por exemplo, ou quando se diz que o povo de Israel respondeu como um só povo. Depois de Deus lhe ter trazido a sua esposa, Adão diz: "***E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada. Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne***" (***Génesis 2:23, 24***). Mais uma vez a palavra é "*echad*". Não há sugestão de que o homem e a mulher se tornem uma só pessoa, mas que de uma forma divina se tornem um só. De uma forma semelhante mas não idêntica, Deus é um só Deus, mas Ele também existe em três "pessoas". **[9]**

A declaração proposta pelo Professor *Boice* sobre o significado de "*echad*" é completamente falsa. "*Echad*" ocorre 970 vezes na Bíblia hebraica e é o número "um". Significa "um só". É um adjetivo numérico, a palavra vulgar para "um" que funciona muito como o nosso número português "um". O hebraico para onze é "um (*echad*) mais dez".

Os léxicos hebraicos não oferecem suporte para qualquer complicação da simples palavra "um". **[10]** Alguns leitores insuspeitos foram enganados pelo argumento fraudulento de que, porque "um" em português ou hebraico pode modificar um substantivo composto, então a própria palavra "um" deve ser "composto"! Pode-se pensar em formas humorísticas de expor este truque. "uno" significa "preto e branco" na frase "uma zebra"? "uno" significa "um só" na frase "um pão" *e ainda* mais do que um na frase "um pão *fatiado*"? Confiamos que a questão é clara. Um tripé ainda é um tripé, apesar das três pernas do tripé. É o substantivo, nestes exemplos, que contém a ideia de pluralidade (três pernas), enquanto a palavra "uma" retém, felizmente, o significado estável de "uma só". Um tripé é um tripé único. "Um só Senhor" na Bíblia não significa dois ou três Senhores. O significado de "um" é exatamente o mesmo em "uma só pedra" e "uma só família". O adjetivo numeral "um" não é afetado de forma alguma pelo substantivo coletivo "família".

De acordo com numerosos websites populares e mesmo vários manuais, a combinação "um grupo", somos convidados a pensar, mostra que "um" significa mais do que um, o chamado "combinado" ou "composto". O erro é bastante óbvio: um grupo ainda está em hebraico e português, *um* grupo e não dois ou mais grupos! É uma tolice supor que a palavra "um" tenha alterado o seu significado quando modifica um substantivo composto. É o substantivo que é composto e nos dá o sentido de pluralidade. A palavra "um" tem um significado fixo e imutável tanto em "um lápis" como em "um monte". O adjetivo numérico, "um", mantém o seu significado sempre como "um só". Quando Adão e Eva são "uma só carne", eles não são dois ou mais "carne"! Um ainda significa "um". A combinação de Adão e Eva como "uma só carne" não alterou o significado de "um" (*echad*).

Com este incrível truque verbal, os cristãos foram persuadidos de que na frase "um só Deus", a palavra "um" confere algum tipo de pluralidade à palavra Deus. Isto é completamente infundado. É claramente falso. Imagine a confusão que resultaria se quando apresentássemos a nossa compra de um dólar na caixa, nos fosse dito que "um" é na realidade "um composto". Portanto, o item custará três (ou mais) dólares! Um substantivo composto é claramente composto por uma série de elementos. Mas a palavra "um" na sua frente não é de forma alguma alterada pela sua proximidade com o substantivo composto. No entanto, os incautos foram enganados pelas afirmações mais espantosas que o "*echad*" nos diz que Deus é mais do que um!

A afirmação do Professor *Boice* de que "*echad*" "nunca é de facto utilizado na Bíblia hebraica como uma entidade absolutamente singular" não pode ter sido verificada por esse autor. Suspeita-se que se trata de desinformação transmitida sem qualquer crítica como dogma. Contudo, não tem, de facto, qualquer fundamento.

Igualmente irracional é a sugestão de *Michael Brown* sobre ***Zacarias 11:8***, onde o profeta fala de um (*echad*) mês. *Brown* pergunta: "O que é que isso nos diz sobre a natureza essencial de um mês? Significa que um mês não tem trinta dias porque é um?" **[11]** A palavra "um" que modifica "mês" não está sequer remotamente relacionada com quantos dias há num mês! De acordo com o argumento de *Brown*, a palavra "um" perde o seu significado fixo como "um só". E então todo o argumento é aplicado à questão central do monoteísmo e utilizado para justificar uma pluralidade na divindade.

Como é que os proponentes de um explicariam ***Neemias 11:1***: "***um*** [*echad*] ***em dez***"? Ou ***Esdras 10:13***: "***um*** [*echad*] ***dia ou dois***"? "***dois são melhores que um*** [*echad*]" (***Eclesiastes 4:9***). "***se dois dormem juntos, devem manter-se quentes um ao outro***, ***Mas como é que um*** **[*echad*]** ***se aquecerá sozinho***" (***Eclesiastes 4:11***). "***E se um*** [*echad*] ***for atacado por alguém, se houver dois deles, prevalecerão contra ele***" (***Eclesiastes 4:12***). O resto das 970 ocorrências de "*echad*" poderiam ser citadas para apontar exatamente a mesma coisa.

Ignorando esta esmagadora evidência do significado da palavra "um" como "um", "apenas um", *Robert Morey* diz que "*echad*" significa "um composto de unidade unificada... Se os autores da Bíblia fossem unitários, não esperaríamos encontrar o "*echad*" aplicado a Deus". **[12]** Os factos são precisamente o oposto. "*Echad*" significa sempre "um" e é aplicado a Deus que é uma só Pessoa. *Morey* convida os seus leitores a imaginar que "uma" significa mais do que uma. Cito seis exemplos, incluindo "***um dia***" (***Génesis 1:5***). A palavra "um" refere-se à unidade composta, porque o dia combina a manhã e a noite! A verdade é que isto significa um dia e não dois ou mais dias. Claro que toda a congregação de Dan a Beersheba pode reunir-se "***como um só homem***" (***Juízes 20:1***). Mas a palavra "um" significa tanto "um como não mais", como em cada uma das suas aparições.

No seu extenso livro sobre a Trindade, *Robert Morey* afirma que a palavra hebraica "um" (*echad*) significa realmente "mais do que um". Ele afirma apoio lexical que "um" significa "unidade composta". *Morey* inclui uma nota de rodapé do "*Standard Brown, Driver and Briggs Lexicon of Biblical Hebrew*" como suporte. **[13]** Mas a página a que ele apela não contém uma palavra de apoio à sua teoria de que "um" significa realmente "unidade composta". Os léxicos definem correctamente "um" como o número cardinal "um". "*Echad*" é a palavra para "um" na contagem. Imagine o caos da comunicação se "um" significasse realmente mais do que um. ***Eclesiastes 4:9*** fala de dois ser melhor do que um (*echad*). O uso de "um" na frase "***Serão uma só carne***" (***Génesis 2:24***) não significa que "um" seja realmente plural. Significa que dois seres humanos em casamento se tornam um (e não dois). A ideia de pluralidade não se encontra de todo na palavra "um". Encontra-se no contexto: pessoas humanas masculinas e femininas.

A ideia de que a palavra "*yachid*" seria a única palavra apropriada para descrever um Deus unitário é falsa. "*Yachid*" nas Escrituras é muito raro e tem associações tais como "sozinho" ou "solitário" que não são apropriadas para Deus. O próprio "*Echad*" é o termo matemático que significa um e por vezes é traduzido corretamente como "único" ou "solitário" (***Eclesiastes 4:12***, NAB) ou mesmo pelo artigo indefinido "a". A afirmação extraordinária do Professor *Boice* de que "*echad*" nunca significa nada a não ser "composto" **[14]** levanta as minhas suspeitas sobre até onde as pessoas irão para forçar a sua visão de Deus na Escritura. Quando um autor contemporâneo citou sem qualquer crítica a desinformação de *Boice* sobre o significado de "*echad*", escrevi-lhe e recebi a seguinte amável resposta:

> Na sequência da nossa recente correspondência, tomei conselhos teológicos e académicos, e parece claro que.... os meus comentários sobre a palavra hebraica "*echad*" são imprecisos. Estou-lhe muito grato por ter assinalado este facto, e asseguro-lhe que em futuras edições do livro o parágrafo será substituído por outro que utilize outros argumentos OT para a pluralidade do ser de Yahweh. Mais uma vez obrigado por impedir que esse erro em particular se perpetue no livro. **[15]**

Esta informação elementar sobre a palavra "um" merece a mais ampla publicidade. Hoje, a suposta "pluralidade" da palavra "um" está a ser utilizada inadmissivelmente para substanciar a ideia completamente infundada de que Deus na Escritura é composto por uma pluralidade de Pessoas. Em 2002, os Adventistas do Sétimo Dia produziram um livro inteiro sobre a Trindade para tranquilizar o mundo religioso da sua "ortodoxia". Uma equipa dos seus estudiosos defendeu uma unidade tri-pessoal em Deus, e em apoio a esta doutrina falou da "palavra '*echad*' inerentemente plural" **[16]** encontrada no credo de Israel em ***Deuteronómio 6:4***. Se "um" é "inerentemente plural", então a linguagem deixou de ter um significado estável e (para citar *Henry Alford* de outro contexto, ***Apocalipse 20:4-6***) "há um fim para todo o significado na linguagem, e a Escritura é aniquilada como testemunha de qualquer coisa". **[17]**

Durante demasiado tempo, alguns teólogos sistemáticos inseriram alegremente um dogma post-bíblico nas páginas da Bíblia hebraica. *Gustav Oehler* refere-se ao "*Shema*" como "o lugar da unidade e da Trindade de Deus". **[18]** Jesus, e muitos outros rabinos, sentiriam fortemente que isto é uma deformação do texto sagrado.

Um Senhor Deus e os Léxicos hebraicos

"Um só Senhor" no credo de Israel significa um só Senhor. Jesus disse que Deus é um só Senhor. Ele definiu-O como o Pai, assim como o Deus de Israel. Ele é "***o único Deus verdadeiro***" (**João 17:3**). O número "um" não é alterado no mínimo se o substantivo que ele modifica tiver partes diferentes. Isto é tão simples e verdadeiro em hebraico como é em inglês. Portanto, "uma família", embora tenha vários membros, é ainda uma e não duas famílias.

O falso argumento é apresentado desta forma. Um Deus (*echad*) pode implicar que Deus é mais do que um. Isto é falso. Um só Deus ou um só Senhor ainda é um só Deus ou um só Senhor. Jesus declarou, de acordo com a constante referência a Deus como uma só Pessoa no AT, que "***o Senhor nosso Deus, o Senhor é um só***". Se essa afirmação não é clara, nada é claro! Jesus era um monoteísta Unitário.

A "unidade composta" é uma estranha categoria gramatical e está certamente ausente dos léxicos principais do hebraico bíblico. Um olhar sobre um léxico bíblico hebraico reputado fornece alguma orientação. O seguinte é a entrada para o numeral hebraico "*echad*".

> **1. numeral uno** a) Åa, ~Aqm' **um (único) lugar** Gn 1_9, **tx'a**, hn"v'B. Ex 23_{29}, Åa; hk'r'B. Gn 27_{38}, Åa; vp,n< **um alma** = **uma só pessoa** Lv 4_{27}, **Åa**, :: ynEv. two :: uno Lv 1410 a, jP'v.mi **a mesma lei** Nu 15_{16}, AtD' Åa; a misma lei é a força Est 411 **Åa; hD'mi** A mesma medida Ex 26_2; dx'a, **Åy Dt 6_4 Yahweh é um** (Sept., Pesh., *Teología* do estadio 1:84); alt.: El único Y, Y **solo**, Y **solamente**; Åa, **uno y solamenmte Zech 14_9**, ele propio (?) Jb 31_{15} alt. one; ï TWNT 3:1079f; vRad *Teologia* 2:226; Eichrodt *Teologia* 1:145, Labuschagne 137f; b) part. (VG 2:273a) **~['h' dx;a; Uma das pessoas** 1S 26_{15}, ~ylib'N>h; **Åa**; 2S 1313Åa, tAlb'N>h; tx;a; Jb 2_{10} ~k,yxia] **um de teus irmãos** Gn 42_{19}, ~K,mi Åa, vyai **um só de vocês** Jos 2310, WNM,mi **Åa**; (GK §130a) **Um de nós** Gn 3_{22}; c) forma negativa: Åa, ...al{ Ex 827 and al{ Åa;-d[; (dx;a; abs., BL 622b) 2S 17_{22} **nem um**, Åa, ~G: ˆyae **nem sequer um** Ps 143 **Åa**, d[; ...à{ nem sequer um Ex 14_{28}; d) Åa, lAq com uma voz Ex 24_3, Åa, ble 1C 1239 cj. Ps 83_6 (rd. w> dx'a,) unanimes, **Åa**, ~k,v. ombro a ombro Zeph 3_9; **Åa, ~Ayl**. por um só dia, diariamente 1K 52 for rx;a;; **Åa**, ~Ay Dia sem fim Zech 14_7; tx;a; (sc. **Åa**; ~[;P;) uma vez: hn"V'B; **Åa**; Ex 30_{10} Lv 16_{34}; **Åa**; :: ~yIT;v. **uma vez... dois vezes** 2K 610 Ps 62_{12} (?, ï ~yIT;v.) Jb 405; tx;a;B. Jr 10_8 and dx'a,K. Qoh 11_6 em um e ao mesmo tempo; (ï BArm. hd'x]K;, Braço aramaico.lw. Wagner 124; Akk. kiÒma isëteÒn), tx;a; tx;a;B. Jb 33_{14} de uma vez por todas; aWh Åa, only one Gn 41_{25}, dx'a, ...yhiy>w: tornou-se **um, uma unidade** Ex 36_{13}; dx'a, !K'v.Mih; hy"h'w> **um só todo** Ex 26_6; em registos estatísticos repetidos depois de cada nome Jos 12_{9-24} cj. 1K 4_{8-18} (Sept.), Montgomery-G. 124; e) pl. ~ydIx'a]: **Åa**] ~ymiy" a few days Gn 27_{44} 29_{20} Da 11_{20} Åa] µyrIb;D" the same (kind of) words Gn 11_1 Eze 29_{17} (:: Gordon UTGl. 126: like Ug. ahÌdm du. "a pair") Åa]l; Wyh'w> tornar-se um Ezk 37_{17}. **[19]**

O fundamento inabalável da teologia de Jesus é a sua sólida crença no Único Deus de Israel. O Dicionário de Cristo e os Evangelhos chamam-nos de volta às nossas raízes judaico-cristãs:

> Nunca devemos esquecer que o cristianismo foi construído sobre os alicerces do monoteísmo judeu. Uma longa disciplina providencial tinha assegurado ao povo judeu a sua esplêndida herança de fé no Deus Único: "***Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é um só Senhor...***". Esta era a pedra angular da religião de Israel. Estas eram talvez a mais familiar de todas as palavras sagradas para os ouvidos do judeu piedoso. Eram continuamente recitadas. O próprio Nosso

> Senhor tinha-as frequentemente na sua mente (**Mateus 22:37; Marcos 12:29-30; Lucas 10:27**). Que Ele sempre pensou em Deus como o Supremo é inquestionável. **[20]**

O não-trinitarismo de Jesus é, portanto, inquestionável. Jesus teve sempre em mente a definição bíblica de Deus e falou dela como a mais importante de todas as verdades. Os seus seguidores de hoje honraram-no ao pensar como ele pensava em Deus.

Deus Como Uma Pessoa No Novo Testamento Grego

Não só o NT define Deus como o Pai 1317 vezes, como também diz expressamente que Deus é uma Pessoa. Considere o seguinte: Em ***Gálatas 3:20*** (NTV) lemos: "***Agora um mediador é útil se mais do que uma parte tiver de chegar a um acordo. Mas Deus, que é um só, não usou um mediador quando fez a Sua promessa a Abraão***". O mesmo versículo aparece mais literalmente em várias versões: "***Agora só pode haver um intermediário entre duas partes, mas Deus é um***" (NJB). "***Um mediador, contudo, não representa apenas uma parte; mas Deus é um***" (NVI). *Tyndale* traduziu: "***Um mediador não é um mediador de uma só parte. Mas Deus é um só***". O sentido da palavra "*eis*" (um) é "uma só pessoa". Assim também no credo: "***Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é um só*** [eis] ***SENHOR***". Em ***Gálatas 3:20*** Deus, poderíamos dizer, faz parte de um. A Versão Amplificada capta o sentido de que Deus o Pai é uma só Pessoa: "***Não pode haver mediador com uma só pessoa. No entanto, Deus é uma só pessoa***". O que deve então a Igreja fazer ao dizer que Deus é três Pessoas? Ao fazê-lo, o credo de Jesus foi substituído por uma definição diferente de Deus.

Um exame mais atento da palavra "um" é esclarecedor. Em ***Marcos 10:21*** (BBE) Jesus comentou ao jovem: "**Uma coisa é necessária** [em]". O grego aqui tem simplesmente a forma neutra da palavra "um", sem qualquer substantivo acrescentado. "***Falta uma***". Os tradutores traduzem corretamente "coisa": "***falta uma coisa***".

No que diz respeito ao credo de Israel, o comentário de escriba também não fornece uma palavra após "um". Mas aqui a palavra grega para "um" é masculina e tem o sentido de "uma pessoa". Assim em **Marcos 12:32**: "***Disse-lhe o escriba: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele***" Esta é teologia Unitária na sua forma mais pura e simples. O escriba concorda com Jesus, o Unitário.

Exemplos igualmente óbvios da palavra um são encontrados em Marcos. "***Um*** [*eis*] *dos doze*" (***Marcos 14:20***). A referência era a Judas que era uma só pessoa. "***Este é um*** [*eis*] ***deles***" (***Marcos 14:69***). Assim também em *Romanos 3:30*: "***isto que Deus é um só, o qual justificará, por fé, o circunciso e, mediante a fé, o incircunciso***". Deus aqui é um (*eis*), a forma masculina de um. O sentido é uma Pessoa — certamente não uma coisa, certamente não "um quê".

Outras passagens seguem o padrão de ***Gálatas 3:20***: "***Ora, o mediador não é de um, mas Deus é um***". Mais uma vez, o sentido é que Deus é uma só Pessoa. "***Rebeca ... concebida de um homem, de Isaac nosso pai***" (***Romanos 9:10***). Também aqui temos a forma masculina da palavra "um". O sentido, claro, é "um homem", uma pessoa, exatamente a linguagem usada para Deus, que como Pai é visto como um único Indivíduo. "***Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um*** [Pessoa]***, que é Deus*** " (***Marcos 10:18***).

O Deus Unitário aparece quando Paulo faz uma declaração de credo definitiva: "***Porque há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus***" (***1 Timóteo 2:5***). Tiago, o meio-irmão de Jesus, era também um Unitário: "***Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem***" (***Tiago 2:19***). O significado é: "*Vós acreditais que Deus é uma só Pessoa*". "***Como está escrito: Não há justo, nem um sequer***" (***Romanos 3:10***). Nem uma só pessoa (*eis)* é justa.

Em Romanos 5:16-19, um indivíduo é repetidamente descrito simplesmente pelo adjetivo numeral "*eis*" – uma pessoa.:

> "***E não foi por alguém que pecou, assim é a dádiva; Pois se pela ofensa de um homem a morte reinou por um; muito mais aqueles que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por um, Jesus Cristo.) Portanto, como pela ofensa de um só julgamento veio sobre todos os homens para condenação; da mesma forma, pela justiça de um*** [eis]***, o dom gratuito veio sobre todos os homens para justificação de vida. Porque, assim como pela desobediência de um*** [eis] ***só homem muitos foram constituídos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão constituídos justos***" (***Romanos 5:16-19*** — Tradução KJV).

"por alguém" aqui é obviamente uma pessoa, um indivíduo. A mesma palavra masculina singular para um é usada para Deus nas declarações de credo que examinámos.

A Perda do Conceito Numérico Simples "um"

A confusão sobre o simples conceito de Deus como uma só Pessoa, tão incessantemente apresentado nas Escrituras, levou o clero a fazer comentários extraordinários sobre a dificuldade da sua posição trinitária: "Foi a divindade do nosso abençoado Senhor que, como vimos, ele escrutinou cuidadosamente, mas desejou que todos os homens chegassem ao conhecimento de...". **[21]**

> Lutero disse sobre a Trindade que não acreditava tanto nela, mas que a achava verdadeira na experiência.... Foi a experiência, não apenas a fé, que fez dele um Trinitário.... *Servetus*, um médico espanhol, pagou com a sua vida às mãos de *Calvino* por não acreditar que três pudessem ser simultaneamente um. **[22]**

J H. Newman, que deixou a Igreja de Inglaterra pela Igreja Católica Romana, dificilmente confia no credo trinitário: "O mistério da doutrina da Santíssima Trindade não é apenas uma contradição verbal, mas uma incompatibilidade nas ideias humanas transmitidas... Dificilmente podemos fazer uma abordagem mais próxima de uma enunciação exata do que dizer que uma coisa são duas coisas". **[23]**

O sacerdote episcopal *Dick Nolan* lembra-se:

> Quando dei uma palestra "leve" (ou seja, como um estudioso novato) sobre essas linhas [não trinitárias] na década de 1970 em uma faculdade católica romana em Connecticut, o presidente/sacerdote do departamento de teologia disse sem rodeios que não duvidava do que ele estava dizendo sobre Jesus e as Escrituras, mas que a Igreja Católica Romana ensina de forma diferente, enriquecida pela herança filosófica grega que se desenvolve na Igreja post-

> apostólica, ponto final. Os católicos romanos e muitos anglicanos depositam grande confiança em sua noção de Tradição aparentemente tão autoritária quanto as Escrituras. Isso lhes permite descartar aqueles de nós que se concentram nas Escrituras como primárias e não aceitam os Concílios como autoridade. Não sei como se responde a seus pressupostos epistemológicos, mas para dizer que discordo. **[24]**

O erudito católico romano *Jules Lebreton*, SJ, em seu estudo detalhado da História do Dogma da Trindade, começa falando da fé monoteísta judaica como um credo pelo qual os judeus estavam dispostos a morrer:

> Os judeus recitam todos os dias no início de suas orações: "***Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor***". De acordo com a tradição rabínica, o acento deve ser colocado na palavra "um", e diz-se que quando *Aqiba* foi executado, ele manteve sua coragem repetindo a palavra sagrada "um". Essa fé monoteísta foi muito inspiradora e uma preparação eficaz para o cristianismo. Da mesma forma, quando nosso Senhor foi questionado sobre qual era o primeiro mandamento, Ele respondeu: "***Ouve, ó Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor***" (***Marcos 12:29***). Infelizmente, os judeus logo fariam uso obstinado dessas palavras sagradas em seu conflito com o cristianismo: no "*Talmud*", a fé trinitária é refutada com base no politeísmo por este versículo do Deuteronómio. Até a data de que estamos falando, o teste decisivo ainda não foi aplicado; Cristo ainda não apareceu e o monoteísmo dos judeus ainda não se opõe ao dogma da Trindade; antes, esse monoteísmo era uma preparação para a crença na Trindade, ampliando a conceição de Deus e tornando-a mais universal e menos nacional. **[25]**

O que aconteceu aqui? Com uma mão, *Lebreton* admite que Jesus foi um expoente do monoteísmo judaico, depois parece inverter seu próprio pensamento. Ele fala do dogma da Trindade como uma universalização legítima da ideia de Deus. Isso relega o ensino de Jesus sobre quem é Deus a uma mera "preparação para o cristianismo". Portanto, Jesus deve ter sido um mestre pré-cristão. Os judeus (erroneamente como pensa *Lebreton*) obstinadamente usaram o "*Shema*" contra o dogma cristão posterior da Trindade. Mas então Jesus era um daqueles teimosos judeus unitaristas! Você discordaria menos hoje do cristianismo que leva seu nome?

Pais da Igreja posteriores admitiram que sua visão trinitária de Deus não foi encontrada em Moisés. O pai da Igreja, *Epifanio*, diz: "A unidade divina foi proclamada pela primeira vez por Moisés, a dualidade (a distinção entre Pai e Filho) foi fortemente enfatizada pelos profetas, e a Trindade foi claramente mostrada no Evangelho". **[26]** No entanto, a afirmação de Jesus do "*Shema*" mosaico impede tal "enriquecimento" ou expansão da Divindade. O Deus de Jesus é o Deus imutável de Moisés e de Abraão, Isaque e Jacó — por que não a unanimidade dos seguidores cristãos de Jesus?

Epifanio está bastante enganado ao imaginar que os profetas falaram de uma dualidade de Pai e Filho em Deus. Se, como diz *Lebreton*, os judeus fizeram "uso obstinado" do "*Shema*" para contrariar o credo cristão trinitário, por que não acrescentar que o próprio Jesus foi um defensor igualmente obstinado do credo monoteísta unitário de Israel? Jesus de acordo com nossos registros se opõe ao credo da Igreja que esqueceu seu próprio ensino sobre a natureza de Deus.

Certamente é hora de a Igreja ser honesta com as palavras de seu fundador e admitir que a noção terrivelmente complexa de Deus como três em um não faz parte da Bíblia, que deveria ser a norma para a compreensão cristã. pois pelo menos os cristãos protestantes afirmam que o slogan "*sola scriptura*" está no centro de sua crença. As palavras de um importante teólogo sistemático podem encorajar um retorno a Jesus como nosso teólogo:

> A doutrina da Trindade da Igreja parece estar mais longe das mentes [dos escritores do NT], e hoje o leitor pode se perguntar se é útil referir-se a tal dogma para entender a teologia do NT. Quando a Igreja fala da doutrina da Trindade, refere-se à crença específica de que Deus existe eternamente em três "pessoas" distintas, que são iguais em Deidade e uma em substância. Nesta forma, a doutrina não é encontrada em parte alguma do NT; não foi tão claramente articulado até o final do século IV. **[27]**

Opositores Modernos À Perda Do Credo De Jesus

Outras vozes contemporâneas significativas se levantam em protesto contra a obstrução do ensinamento de Jesus sobre Deus. O professor de teologia sistemática *Karl-Heinz Ohlig* de Saarbruck conclui seu magnífico estudo da história do trinitarismo dizendo: "O próprio Jesus só conheceu o Deus de Israel, a quem chamou de Pai... A Trindade... não tem fundamento bíblico". **[28]**

O professor *J. Harold Ellens* pede à Igreja que fale honestamente:

> A Igreja deve admitir francamente, então, que suas raízes não estão em Jesus de Nazaré... nem na tradição central da Teologia Bíblica... Suas raízes estão no Judaísmo Helenístico Filônico e no Neoplatonismo Cristianizado do segundo ao quinto século. **[29]**

O professor *Martin Werner* havia alertado a Igreja sobre seu próprio mau desenvolvimento inicial, reclamando que a Igreja post-bíblica alcançou tal transformação na identidade de seu Salvador que criou "um mito, por trás do qual o Jesus histórico desapareceu completamente".

> A nova interpretação do conceito "Filho de Deus" correspondia ao pensamento mitológico da religião popular helenística... A nova interpretação apareceu pela primeira vez na forma mais antiga do gnosticismo... Uma teoria gnóstica foi rejeitada, mas mais cedo ou mais tarde foi descartado, anexado pela Igreja ao seu próprio conjunto de noções fundamentais... Com que fórmulas irremediavelmente confusas o partido niceno entrou inicialmente no debate com os arianos **[30]**... *Alexandre de Alexandria* [disse que o Filho] existe "independentemente de Deus (o Pai), gerado continuamente, em estado de não gerado"... Esta teologia já não se apresentava inequivocamente como monoteísmo... Julgada por critérios monoteístas rigorosos, não só o gnosticismo, mas também o ensinamento dos teólogos da Igreja era defeituosa... Bem, de acordo com as testemunhas do NT, no ensinamento de Jesus e dos Apóstolos, relativo ao monoteísmo do AT e do Judaísmo, não houve elemento de mudança. ***Marcos 12:29*** registra a confirmação pelo próprio Jesus, sem qualquer reserva, da confissão suprema da fé monoteísta da religião israelita em sua forma completa. **[31]**

É incrível, então, que um apologista contemporâneo da Trindade pudesse escrever essas palavras em sua discussão sobre o "*Shema*":

> A sombra do "*Shema*", "***Ouve, ó Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor***" (***Deuteronómio 6:4***), embora nunca citado no NT (embora aludido em ***Tiago 2:19***), paira sobre suas páginas com todo o peso que teve em tempos AT, sendo a principal e mais sagrada afirmação da religião judaica. **[32]**

Mas na verdade é citado no NT, e pelo próprio Jesus. Alguém pode se perguntar se alguém está equipado para discutir a Trindade no NT, se eles não sabem que Jesus citou o "*Shema*" no NT!

Igualmente desconcertante é a flagrante contradição de ***Lucas 1:35*** encontrada no artigo do "*Hastings Dictionary of the Bible*" (Dicionário da Bíblia de Hastings) sobre a Trindade. Em seu comentário sobre ***Lucas 1:35***, que fundamenta a filiação de Jesus na procriação milagrosa, o dicionário cita primeiro a RV: "***o que há de nascer*** [margem: ou é gerado] ***será chamado santo, Filho de Deus***", e então ele nega a razão óbvia para a filiação de Jesus: "Não foi a filiação, mas sua santidade desde o nascimento que foi assegurada pela conceição milagrosa". **[33]** Lucas não faz tal distinção. Jesus é o Filho de Deus e santo precisamente porque foi gerado sobrenaturalmente em Maria. É o milagre realizado em sua mãe que constitui Jesus o Filho de Deus. Jesus não se tornou um homem depois de ser um espírito invisível; Ele era um homem desde a conceição!

Oposição Judaica à Trindade.

Novamente lembramos aos nossos leitores os comentários judaicos que se sentem ofendidos com razão pelas tentativas cristãs de interferir no credo unitarista de Moisés e Jesus. De um judeu ortodoxo vem esta objeção ao desvio cristão do credo de Israel:

> Como toda criança judia aprende, "*Shema Yisrael, HaShem Elokeynu, HaShem Echad*" ("Escute, Israel: Jeová "G-d" [2] (D-s), Jeová é um"). **Deuteronómio 6:4**. Este é um conceito muito simples e fundamental. D-s é um
>
> Os cristãos prestam um serviço labial ao "*Shema*", mas a sua teologia diz que existe uma Trindade - G-d, Jesus (o "filho de G-d") e o "Espírito Santo". Eles tentarão ensinar-vos que esta Trindade de três entidades é realmente apenas uma, como um "cacho de uvas" é uma só. Mas a Torá é muito precisa na sua linguagem... Os cristãos citam **Génesis 1:5** ("*v'ai yehi erev, v'ai yehi boker, yom echad* — "…e houve um dia, tarde e manhã"). sugerir que "*echad*" modifica a manhã e a noite e as coloca juntas em um "pacote". Claramente, apenas modifica a palavra "dia". Da mesma forma, eles citam ***Números 13:23***, que descreve como os espiões israelenses cortaram um ramo modifica a palavra "cacho" e não uvas. No "*Shema*", "*echad*" modifica a palavra "D-s" e significa precisamente o que diz — "um". Além disso, se a "*Torá*" quisesse que soubéssemos que D-s era mais do que Um, ela teria nos falado sobre a Trindade em vez de apontar especificamente que havia apenas Um D-s. **[34]**

[2] **N.T.:** G-d = D-s. abreviatura de Dios sin las vocales como los idiomas arameo y hebreo

Notas Finais Capítulo 10

[1] "Trinity" (Trinidad), "*A Dictionary of Christ and the Gospels*" (Dicionário de Cristo e os Evangelhos), 2:761.

[2] "*Exegetical Dictionary of the New Testament*" (Dicionário Exegético do Novo Testamento), Eerdmans, 1992, 2:434.

[3] ***Apocalipse 1:8*** não é exceção, embora algumas Bíblias de letras vermelhas atribuam erradamente este versículo a Jesus. O Todo-Poderoso nesse versículo é o Pai como em qualquer outro lugar do NT (10 vezes). "Aquele que é, que foi cuidadosamente distinguido de Jesus nos versículos 4 e 5, é o Pai.."

[4] 30 de Junho de 2007.

[5] "*Invitation to the New Testament*" (Convite para o Novo Testamento), SPCK, 1983, 6, 7.

[6] Ibídem., 7.

[7] *A. T. Hanson*, professor de teologia na Universidade de Hull, destaca um ponto que agradará a todos os unitaristas: "***Hebreus 1:2*** poderia ser traduzido: *'nos últimos dias ele nos falou como um Filho', o que significaria que a filiação só começou na encarnação*" (*The Image of the Invisible God* – (A Imagem do Deus Invisível), SCM Press, 1982, 83). A questão é se é justo falar da Encarnação, se alguém acredita, como nós, que o Filho começou a existir em sua geração. Hebreus não tem nada a dizer sobre um Filho não humano existente antes de seu nascimento. Hebreus se contradiz se de fato o Deus Único estava falando por meio de Seu Filho nos tempos do AT

[8] *Davies*, "*Invitation to the New Testament*" (Convite para o Novo Testamento), 27, énfasis suyo.

[9] *JM Boice*, "*The Sovereign God*" (O Deus Soberano), Intervarsity Press, 1978, 1:139.

[10] *Ernst Jenni* y *Claus Westermann*, "Theological Lexicon of the Old Testament" (Léxico teológico do Antigo Testamento), *Brown, Driver* y *Briggs*, "*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*" (Léxico hebraico e inglês do Antigo Testamento), *Koehler* y *Baumgartner*, "*Lexicon of Biblical Hebrew*" (Léxico do hebraico bíblico). El "*Theological Wordbook of the Old Testament*" (Livro de palavras teológicas do Antigo Testamento) fala da diversidade na unidade, mas afirma com razão que este sentido se encontra no plural "*achadim*", adjetivo nunca utilizado para o Deus Único. Abraão era visto como "o único" (*echad*) e "o único pai". Certamente não era plural. A mesma obra, porém, curiosamente e sem citar exemplos, diz que "*echad*" "reconhece a diversidade dentro dessa unidade". Em seguida, siga as definições reais: "uma bênção", "Salomão estava sozinho", "singularidade", "um homem", "uma voz" (Moody Press, 1980, 1:30). A palavra "um" não mostra nenhum sentido de diversidade. A reclamação sobre o uso indevido popular da palavra hebraica para "um" é bem feita por *Lindsey Killian* e Dr. *Emily Palik*, "*The God of the Hebrew Bible and His Relationship to Jesus*" (O Deus da Bíblia hebraica e sua relação com Jesus), Association for Christian Development, 2005, Apéndice A, 35-37.

[11] "*Answering Jewish Objections to Jesus*" (Respondendo às objeções judaicas a Jesus), Baker Books, 2000, 2:10.

[12] "*The Trinity: Evidence and Issues*" (A Trinidad: Evidências e Problemas), World Publishing, 1996, 89.

[13] Ibidem., 104 referindo-se à página 25f de *Brown*, Driver and Briggs.

[14] "*The Sovereign God*" (O Deus Soberano), 1:139.

[15] A referência é a *John Blanchard*, "*Does God Believe in Atheists?*" (Deus acredita nos ateus?) Evangelical Press, 2000, 450.

[16] *Woodrow Whidden, Jerry Moon* y *John Reeve*, "*The Trinity, Review and Herald*" (La Trinidad, Resenha y Heraldo), 2002, 76.

[17] "*Greek Testament* " (Testamento grego), 4:726.

[18] "*The Theology of the Old Testament*" (A Teologia do Antigo Testamento), Funk & Wagnalls, 1893, 30.

[19] *Koehler y Baumgartner*, "*Lexicon of Biblical Hebrew*" (Léxico do hebraico bíblico).

[20] "*Trinity*" (Trinidad), "*A Dictionary of Christ and the Gospels*" (Um dicionario de Cristo e os Evangelhos), 2:761, enfase adicionada.

[21] Citado em *John Wilson*, "*Unitarian Principles Confirmed by Trinitarian Testimonies*" (Princípios unitários confirmados por testemunhos trinitários), 353.

[22] *Jacques Barzun*, "*From Dawn to Decadence*" (Do amanhecer à decadência), HarperCollins, 2000, 30-31.

[23] "*Select Treatises of St. Athanasius*" (Tratados seletos de São Atanásio), 515.

[24] "*E-mail message*" (Mensagem de correio eletrônico), 8 de agosto de 2006.

[25] "*History of the Dogma of the Trinity*" (Historia do Dogma da Trindade), Benziger Brothers, 1939, 1:76-77, enfase adicionada.

[26] Ibidem., 416.

[27] *Christopher B. Kaiser*, "*The Doctrine of God: A Historical Survey*" (A Doutrina De Deus: Um Estudo Histórico), Crossways, 1982, 23.

[28] "*One or Three?*" (¿Um o três?) 129, 130.

[29] "*The Ancient Library of Alexandria and Early Christian Theological Development*" (A antiga biblioteca de Alexandria e a teoria teológica cristã primitiva) "*Institute for Antiquity and Christianity*" (Desenvolvimento, Instituto de Antiguidade e Cristianismo), 1993, 39.

[30] Mesmo em Nicéia, "pessoa" (*hipóstase*) e "essência" (*ousia*) significavam a mesma coisa. Mais tarde, uma distinção clara entre esses termos formou a base da Trindade..

[31] *Werner*, "*Formation of Christian Dogma*" (Formação Do Dogma Cristão), 219, 221, 223, 233, 235, 241, enfase adicionada.

[32] *E. Calvin Beisner*, "*God in Three Persons*" (Deus em três pessoas), Tyndale House, 1984, 26, enfase adicionada.

[33] "Extra" vol., 309.

[34] *Bruce James* (*Baruch Gershom*), "*Why Can't a Jew Believe in Jesus?*" (Por que um judeu não pode crer em Jesus??) http://judaísmo.about.com/od/jewishviewofjesus/a/jesus_onegod.htm

Capítulo 11

Uma introdução aos heróis dissidentes

Sexta-feira, 17 de maio de 1527. Rottenburg, Alemanha.

Os juízes voltaram com um veredicto de culpado e uma sentença de selvageria horrível e absoluta. "*Michael Sattler* será entregue ao verdugo, que o levará à praça e primeiro cortará sua língua. Então ele o forjará firmemente em uma carruagem e lá com pinças de ferro quente ele arrancará pedaços de seu corpo duas vezes, então no caminho para o local de execução mais cinco vezes da mesma maneira, e então queimará seu corpo em pó como um arqui-herege".

Houve um momento de emoção. A esposa do prisioneiro voltou-se para o marido e, puxando-o para si, abraçou-o à vista de toda a multidão. Movido pelo menos um membro do público.

Sattler foi levado sob custódia por mais três dias. Disse um amigo em uma carta: "*"Não se pode imaginar o medo, o conflito e a luta que a carne e o espírito devem ter suportado*".

Há um lugar na estrada de Tübingen, a uma milha de Rottenburg, onde homens, seguindo uma luz tão fraca quanto antes, em nome da justiça pervertida, mataram de seu meio alguém mais digno do que eles. O corte da língua foi estragado, permitindo que *Michael* orasse por seus perseguidores. Ao ser amarrado à escada, ele falou preocupado com *Halbmayer*, instando-o a não participar do ato para que ele também fosse condenado. O prefeito respondeu desafiadoramente que *Sattler* deveria se preocupar apenas com Deus..

Suas últimas palavras públicas, proferidas com dificuldade, foram uma oração pedindo a ajuda de Deus para dar testemunho da verdade. A escada foi jogada no fogo. Enquanto o fogo queimava as cordas que prendiam suas mãos, ele ergueu dois dedos em sinal de vitória, um sinal pré-combinado para seus amigos de que havia sido firme. Ele tinha trinta e sete anos... Oito dias depois [sua esposa] foi jogada no rio Neckar e se afogou. **[1]**

John Biddle (1615-1662) foi um ilustre acadêmico britânico, formado em Oxford e, aos 26 anos, foi eleito diretor da *Crypt Grammar School em Gloucester,* Inglaterra. Quando lhe pediram que ensinasse as Escrituras, ele começou um exame minucioso da Bíblia. Ele deveria ensinar seus alunos de acordo com o catecismo da Igreja da Inglaterra, mas logo descobriu que isso era impossível. Sua busca incansável pela verdade nas Escrituras produziu nele um conhecimento enciclopédico da Bíblia. Ele sabia todo o NT de cor em inglês e grego. Ele admitiu que tinha alguma dificuldade em lembrar o texto grego depois de ***Apocalipse 4!***

Ele falou contra o verso trinitário espúrio em ***1 João 5:***7 e explicou a unidade de Jesus e do Pai como "uma união em consentimento e acordo... mas nunca uma união em essência". **[2]** Mais tarde, ele debateu

e enganou o bispo *Ussher* (da fama da "cronologia de *Ussher*"), alegando que o Pai é o único Deus verdadeiro! Ele produziu um panfleto intitulado "Doze Argumentos Contra a Divindade do Espírito Santo". Alguém entregou uma cópia aos magistrados e foi internado na cadeia.

Em 1646, *Biddle* foi convocado para Londres e confinado no Gatehouse em Westminster enquanto seu julgamento se arrastava. Ele permaneceu na prisão por cinco anos, principalmente por questionar a Trindade. Ele falou dos pais da igreja como aqueles que "em sua profissão externa se revestiram tanto de Cristo que não se despojaram de Platão em seus corações". **[3]** Ele aludiu a ***Mateus 19:4***, onde afirmou que Jesus, referindo-se a "Aquele que os fez no princípio", atribuiu a criação a um Ser diferente de si mesmo. Abandonado por seus amigos, ele passou a maior parte do resto de sua vida na prisão..

> Quem, pregando, imprimindo ou escrevendo, contestar a divindade do Filho ou a igualdade de Cristo com o Pai, sofrerá a pena de morte, como no caso de um crime, sem benefício do clero. Qualquer um que sustente que o homem por natureza tem livre arbítrio para se voltar para Deus; que a alma morre depois que o corpo morre; ...que o batismo infantil é nulo e que tais pessoas devem ser batizadas novamente; que o uso de armas é ilegal; que as igrejas da Inglaterra não são mais igrejas nem seus ministros e ordenanças são verdadeiros ministros e ordenanças (eles serão presos). **[4]**

Biddle havia recuperado sozinho as verdades centrais da Bíblia. Ele alegou que não havia lido nenhuma literatura (unitária) dos irmãos poloneses (veja abaixo) antes de chegar às suas próprias conclusões.

Em 10 de fevereiro de 1652, *Biddle* foi lançado. Ele permaneceu em Londres discursando para pequenos grupos aos domingos, mas nunca foi oficialmente ordenado. Ele produziu um grande número de tratados sobre diferentes assuntos bíblicos, mas principalmente seu Catecismo Duplo, que consiste quase inteiramente em versículos da Escritura. No seu prefácio fala de como "todos os Catecismos estão geralmente tão cheios das suposições e tradições dos homens, que a menor parte deles deriva da Palavra de Deus... nem uma única citação entre muitas é para o efeito" (ou seja, tem algum sentido). **[5]**

De seu catecismo ele proibiu todas as frases como "geração eterna do Filho", "Deus morrendo", "Deus feito homem", "!mãe de Deus". O catecismo foi queimado e ele foi novamente preso junto com seu editor, *Richard Moore*. Dois dias depois, alguns irmãos da Polônia chegaram a Londres com folhetos traduzidos para o inglês por *Biddle* e impressos por *Moore*!

Biddle foi acusado de blasfêmia e heresia. Ele escapou da pena capital, mas permaneceu em confinamento. Algumas pessoas influentes ousaram pedir ao parlamento:

> Sim *Biddle*, de fato, não professa fé em Deus por meio de Jesus Cristo. Ele não é como Apolo, poderoso nas Escrituras? É seu crime acreditar nas Escrituras de acordo com seu significado mais óbvio e próximo, e não de acordo com interpretações remotas e místicas? **[6]**

Um argumento típico de *Biddle* é este: "Quem diz que Cristo morreu, diz que Cristo não era Deus, porque Deus não poderia morrer. Mas todo cristão diz que Cristo morreu, portanto todo cristão diz que Cristo não era Deus". **[7]** Seus últimos dias foram gastos escrevendo sobre o reinado pessoal de Jesus Cristo na terra.

Em 1658 ele foi libertado mais uma vez. Ele manteve contato constante com os irmãos poloneses. Um observador comentou que "há pouco ou nada para culpá-lo, exceto suas opiniões". Agentes do governo

frequentemente perseguiam *Biddle*, mas muitos foram forçados a admirar sua "vida rígida e exemplar, cheia de modéstia, sobriedade e paciência, sem controvérsias, totalmente ocupada com as grandes coisas de Deus reveladas nas Escrituras". **[8]**

Em 1.º de junho de 1662, ele dirigia um estudo bíblico em sua própria casa. Um grupo armado entrou na sala e o levou embora e o prendeu perante um juiz *Brown*. Cinco semanas depois, doente com febre da prisão, ele morreu, confiante em sua esperança de ressurreição na Segunda Vinda. Ele não conseguiu pagar as £ 100 exigidas como multa. Ele é o pai do unitarismo britânico.

Comecei com esses breves esboços das vidas (e mortes) de dois dos exemplos mais interessantes de dissidentes para mostrar o extraordinário antagonismo que aguarda qualquer um que questione a visão ortodoxa da Deidade ou, no caso de *Sattler*, outras doutrinas tradicionais. *Sattler* era um forte defensor de que os cristãos não se envolvessem na guerra, uma visão adotada recentemente por um importante estudioso evangélico nos Estados Unidos. **[9]**

Listar Deus como um em vez de três em um é um negócio arriscado. A negação das noções trinitárias populares, embora menos perigosa em nossos dias, é um convite para ser rotulado como "cultos" e para ser incluído na documentação do falecido *Walter Martin* sobre o sempre crescente Reino dos Cultos. É essencial para um crente no "*Shema*" de Israel e na afirmação desse credo por Jesus ser conhecedor da doutrina do único Deus. Você deve ser adepto desse ensinamento se quiser convencer alguém de sua verdade, especialmente aqueles que foram totalmente expostos a visões "ortodoxas" de Deus.

Os menonitas perceberam rapidamente que os convertidos devem receber um curso detalhado de instrução na história de seu movimento. Esse senso de herança gera confiança e estabilidade. Há uma herança muito significativa, ruidosa, embora muitas vezes trágica, no campo da crença em um só Deus, o Pai, que deve nos deixar profundamente gratos por aqueles que viveram em tempos de muito menos liberdade religiosa. Devemos estar cientes de sua tremenda devoção à verdade, muitas vezes até o martírio.

Por esta razão, "*The Radical Reformation*" (A Reforma Radical) [10] de *George Huntston Williams* deveria ocupar o centro das atenções nas bibliotecas daqueles que defendem um ponto de vista "Unitariano Bíblico". Este livro inspira confiança e humildade ao relembrar uma galáxia de cristãos dedicados, aqueles que lutaram contra terríveis adversidades para pregar uma doutrina de Deus que tem um fundamento firme nas Escrituras, mas é considerada heresia por alguns da corrente principal.

"J*esus Não era Trinitário*" representa uma visão sociniana do Filho de Deus (após *Faustus Socinus*, 1539-1604). **[11]** Um breve estudo da história unitarista revela os seguintes como líderes no movimento que entende que o Filho de Deus não é literalmente preexistente, mas "idealmente" ou "nocionalmente" preexistente nos conselhos de Deus. A outra forma principal de não-trinitarismo é representada pela posição ariana (após o Bispo *Arius*, 250-336), que vê Jesus como pré-existente, mas criado ("Houve um tempo em que o Filho não existia" — *Arius*). **[12]**

*Miguel Servetus (*1511-1553) é talvez o mais famoso antitrinitário. Natural da Espanha, anabatista ("rebatizador") e "alma adormecido", **[13]** suas doutrinas eram uma bandeira vermelha constante para o touro, neste caso *Calvino*, que vigorosamente tentou silenciar milenaristas, adormecidos da alma e anti-Trinitarianos. (Um fato pouco conhecido é que Lutero pregou um sermão em 1524 defendendo o sono dos mortos.) *Servetus* acreditava que o Filho de Deus era o produto biológico de Deus e Maria. Não havia um Filho literalmente preexistente. A divindade de Jesus consistia na natureza que ele recebeu de Deus na

conceição. A verdade esquecida foi redescoberta no período da Reforma, em etapas. Primeiro *Servet*, depois os irmãos poloneses e italianos liderados por *Faustus Socinus*, que chegaram a uma visão puramente unitária (não, é claro, unitária, "U" maiúsculo, no sentido contemporâneo da palavra). **[14]** No entanto, o desvio do *Servet* espanhol da ortodoxia sobre a divindade foi suficiente para causar seu martírio nas mãos de *Calvino*. Sua efígie foi queimada antes de sucumbir ao mesmo destino em 1553. A teologia que resultou na morte de *Servet* é resumida por *Earl Morse Wilbur*:

> O que era o ensino dos livros [de *Servet*], que tão escandalosamente teria escandalizado os Reformadores?... Tomando o ensino da Bíblia como autoridade absoluta e final, *Servet* sustentou que a natureza de Deus não pode ser dividida, como por uma doutrina de um ser em três pessoas, uma vez que tal doutrina não é ensinada na Bíblia, para a qual de facto os próprios termos Trindade, essência, substância, e afins como usados nos Credos são estranhos, sendo meras invenções de homens. Os primeiros Padres da Igreja também nada sabiam sobre eles, e os Gregos simplesmente impuseram-nos à Igreja, que se preocupava mais em fazer dos homens filósofos do que em torná-los verdadeiros cristãos. Igualmente antibíblica é a doutrina das duas naturezas de Cristo. *Servet* lança desprezo e sátira sobre estas doutrinas, chamando-as ilógicas, irracionais, contraditórias e imaginárias, e ridicularizando a doutrina recebida do Espírito Santo. A doutrina de um só Deus em três pessoas, diz ele, não pode ser provada, ou mesmo realmente imaginada; e levanta questões que não podem ser respondidas, e conduz a inumeráveis heresias. Aqueles que acreditam nela são tolos e cegos; tornam-se efetivamente ateus, pois ficam sem nenhum Deus real; enquanto a doutrina da Trindade envolve realmente uma Quaternidade de quatro seres divinos. É o obstáculo insuperável à conversão de judeus e maometanos ao cristianismo; e tais ensinamentos blasfemos devem ser totalmente desarraigados da mente dos homens.
>
> Em vez dessas doutrinas artificiais dos credos, *Servet* extrai da Bíblia as seguintes doutrinas simples e cita muitos textos para comprová-las. Em primeiro lugar, o homem Jesus, de quem falam os Evangelhos, é o Cristo, ungido por Deus. Em segundo lugar, este homem, Jesus o Cristo, é provado por seus poderes milagrosos e pelas declarações das Escrituras como sendo literalmente o Filho humano de Deus, porque foi milagrosamente gerado por ele. Em terceiro lugar, este homem também é "Deus", pois está cheio da divindade que Deus lhe concedeu. Portanto, ele não é divino por natureza, como ensinam os credos, mas unicamente pelo dom de Deus. O próprio Deus é incompreensível, e só podemos conhecê-lo por meio de Cristo, que é tudo em tudo para nós. O Espírito Santo é um poder de Deus, enviado na forma de um anjo ou espírito para nos tornar santos. E o único tipo de Trindade em que podemos crer corretamente é este: que Deus se revela ao homem sob três aspetos (disposições) diferentes; porque a mesma divindade que se manifesta no Pai também é compartilhada com seu Filho Jesus, e com o Espírito que habita em nós, fazendo de nossos corpos, como diz São Paulo, "templo de Deus". **[15]**

O antitrinitarismo encontrou sua expressão máxima não na Espanha, mas no socinianismo polonês **[16]** e no unitarismo húngaro. Muitos dos líderes desses movimentos eram italianos, notadamente a família *Sozzini*, *Faustus* e seu tio *Laelius* (de quem vem o rótulo "Sociniano"). Pioneiros anteriores e menos conhecidos que prepararam o terreno para o questionamento radical da ortodoxia foram *Lorenzo Valla*, um filólogo italiano que no século XV levantou questões sobre a Trindade; e um padre e platonista *Marsilio Ficino* (falecido em 1499) que sugeriu que o "*logos*" de ***João 1:1*** deveria ser traduzido não como "palavra",

mas como "sermo" (da qual deriva nossa palavra "sermão"). Assim começou toda uma corrente de pensamento que igualaria a "palavra" com a voz profética de Deus no AT, não com uma segunda Pessoa eterna. Assim, ele começou a minar todo o conceito do "*logos*" = Filho pré-existente como consubstancial ao Pai. Onde os pais da igreja falaram da "palavra" como um Filho eterno, **[17]** os antitrinitários da Reforma Radical depois de Ficino falaram de Cristo como totalmente humano, como a forma mais completa e final das vozes proféticas que falaram dele .eles tinham precedido. (compare, **Hebreus 1:1**). Erasmo também fazia parte do campo antitrinitário e queria que o texto espúrio de ***1 João 5:7*** fosse removido.

Na Inglaterra podemos destacar (além de *John Biddle* mencionado acima) um cirurgião, Dr. *George Van Parris*, flamengo de nascimento, queimado em Smithfield em Londres em 25 de abril de 1557 porque ele "crê que Deus o Pai é somente Deus, e que Cristo não é Deus verdadeiro". **[18]** O unitarismo produziu uma enxurrada de literatura "útil" de *Calvino*, incluindo "Uma Breve Instrução para Armar Todos os Bons Cristãos" (ou seja, Contra os Hereges) e "Um Antídoto para Saúde ou Veneno" de *Bullinger* (1545). E um diálogo necessário e frutífero entre o libertino sedicioso ou o anabatista rebelde e o cristão verdadeiramente obediente" (1551). Naqueles dias de estrito controle religioso, o bispo *John Jewel* relatou o seguinte sobre os unitaristas: "Encontramos, no início do reinado de Elizabeth, uma grande e desfavorável colheita de arianos, anabatistas e outras pragas, que, não sei como, mas como cogumelos brotam à noite". **[19]** A queima de dois anabatistas antitrinitários, *Henry Terwoort*, um ourives de 35 anos, e *John Pieters*, 50, pai de nove filhos, continuou sob Elizabeth I. Medidas misericordiosas como estrangulamento, sufocamento ou pólvora no pescoço foram omitidas e os dois homens morreram em agonia incessante no meio das chamas.

Um notável herói não trinitário foi *Adam Pastor*, um dos expoentes mais claros da visão unitária da Divindade. Ele é justamente reconhecido como uma figura paterna do Unitarismo Bíblico na Europa. Ele havia sido um padre católico romano antes de se juntar aos anabatistas em 1533 em Münster, Alemanha. O pastor sustentou (contra *Menno Simons* dos menonitas) que Cristo era apenas humano, embora o portador da Palavra de Deus. *Adam Pastor* e um ancião frísio, *Francis de Cuiper*, declararam em uma conferência em 1547 que Cristo não existia como o Filho de Deus antes de vir ao mundo, e era divino após seu nascimento apenas no sentido de que Deus habitava nele. *Adam Pastor* foi excomungado até mesmo por alguns de seus companheiros anabatistas, mas ganhou muitos seguidores que se autodenominavam adamitas.

Pastor escreveu tratados sobre treze temas, incluindo a Encarnação e o Reino de Deus. A seção sobre Deus é uma lista de textos unitários do AT e do NT com um mínimo de comentários. *Pastor* insistiu que nenhum texto mostrava que o Filho existia antes da Encarnação, como membro de uma Divindade tri pessoal. *Adam Pastor* foi descrito como sério e crítico, mas calmo e reverente em suas discussões. Foi para influenciar os unitaristas poloneses que mais tarde estabeleceram um importante centro acadêmico unitarista, uma universidade em Racow, na Polônia.

Faustus Socinus nasceu em 5 de dezembro de 1539. Seu pai e seu avô foram advogados famosos. Seu primeiro ensaio teológico foi uma explicação do prólogo do Evangelho de João. Ele sustentou que Jesus era divino por ofício, e não divindade por natureza. Ele também escreveu sobre a mortalidade do homem. **[20]** Foi sua perceção do significado do "*logos*" que o levou à verdade. A palavra ou vontade de Deus apareceu em forma de carne: um homem. Após sua morte e ressurreição, Cristo ascendeu para ocupar seu lugar à direita de Deus, participando doravante do poder de Deus. Somente neste sentido Jesus poderia ser chamado de Deus, como representante de Deus, mas sempre diferente do único Deus verdadeiro (***João***

17:3; 5:44). Deus, disse *Socinus*, atribuiu a Cristo na ascensão uma divindade adotiva como coregente no governo do mundo. *Socinus* considerava que Jesus tinha direito ao culto divino, em oposição ao principal porta-voz do Unitarismo na Transilvânia, *Francisco David*, que não acreditava que Jesus deveria ser adorado. Realmente não havia necessidade de uma disputa séria sobre esse assunto.

Foi esse mesmo *Faustus Socinus*, talvez o teólogo mais refinado da Reforma Radical, que se mudou para a Polônia e ajudou a estabelecer uma universidade e uma gráfica em Racow, bem como fazendas e indústrias caseiras. Esta organização tornou-se uma instituição de reputação internacional. Muitos dos professores eram estudiosos de aprendizado inquestionável, alguns dos quais haviam sido originalmente educados em hebraico e grego antes de se tornarem anabatistas. A escola atraiu mil alunos de toda a Europa, incluindo trezentos de famílias da nobreza europeia. Um escocês que visitou o campus comentou: "Pois enquanto em outros lugares tudo estava cheio de guerras e tumultos, lá tudo era calmo, os homens eram calmos e moderados no comportamento, embora fossem enérgicos nos debates e especialistas na linguagem". **[21]** O famoso Catecismo Racoviano faz esta afirmação:

> Nosso mediador diante do trono de Deus é um homem, que uma vez foi prometido a nossos pais pelos profetas, e nascido nestes últimos dias da semente de Davi, e a quem Deus Pai fez Senhor e Cristo, por quem criou o mundo NOVO... para que, depois do Deus supremo, possamos acreditar nele, adorá-lo e invocá-lo, ouvir sua voz, imitar seu exemplo e encontrar nele descanso para nossas almas. **[22]**

Em muitos países essa confissão foi proibida e seus donos punidos, muitas vezes com a morte. A confissão contém as doutrinas do batismo de adultos, do sono dos mortos e da Segunda Vinda. Muitas passagens do Evangelho de João são tratadas. Típico é o seguinte:

> Que uma pessoa tinha algo, e consequentemente tinha glória, com o Pai antes que o mundo fosse, sem que o mundo fosse... conclui-se que então realmente existia... é evidente a partir de ***2 Timóteo 1:9***, onde o apóstolo diz dos crentes, que a graça lhes foi dada antes que o mundo começasse. Além disso, é aqui declarado [**João 17:5]** que Cristo orou por esta glória... Cristo reza a Deus para lhe dar na posse real, consigo mesmo, a glória que tinha consigo, nos seus propósitos e decretos, antes que o mundo fosse. Porque se diz muitas vezes que uma pessoa tem algo com outra, quando lhe é prometido ou destinado: por esta razão, este evangelista diz muitas vezes que os crentes têm vida eterna. Por isso acontece que Cristo não diz absolutamente que teve essa glória, mas que a teve com o Pai; como se tivesse dito que agora orou para que lhe fosse concedida aquela glória que lhe tinha sido reservada com o Pai de outrora, e antes da criação do mundo. **[23]**

Tendo-nos concentrado em grande parte no período da Reforma e no século seguinte (no qual mencionámos *John Biddle*, o mestre da escola), devemos agora voltar a nossa atenção para o período mais antigo da história da Igreja. Tendo como nossa convicção fundamental (com a 15ª edição da "*Encyclopedia Britannica*" - Enciclopédia Britânica) que Jesus de modo algum se propôs a alterar a fé estritamente monoteísta de Israel, estamos naturalmente interessados em como o unitarismo do NT poderia ter sido perturbado pela Reforma.

A história da Igreja mostra que o desenvolvimento da noção de "três em um" foi um processo que durou séculos, culminando nos Concílios de Nicéia e Calcedônia (325 e 451 DC). Está longe da verdade sugerir

que a doutrina da Trindade ganhou aceitação universal desde o início da era pós-NT. Como o teólogo de *Harvard F. Auer* diz com razão:

> O trinitarismo do quarto século não refletia com precisão o ensinamento cristão primitivo sobre a natureza de Deus; foi, pelo contrário, um desvio deste ensinamento... Desenvolveu-se contra a constante oposição unitária e nunca foi completamente vitorioso. O dogma da Trindade deve sua existência à especulação abstrata por parte de uma pequena minoria de estudiosos. **[24]**

O cerne de todo o problema trinitário está na doutrina do "*logos*" e seu desenvolvimento. A posição "ortodoxa" baseava-se na compreensão do "logos" como uma segunda Pessoa divina na Divindade eterna. O ponto é obscurecido para os leitores contemporâneos da Bíblia pelo simples fato de que a palavra gramaticalmente masculina "*logos*" em grego é conhecida como "ele", "a ele" (***João 1***). **[25]** No entanto, se "*logos*" fosse traduzido como "a expressão de Deus" e "isso", uma impressão bem diferente seria obtida. Assim, o "*logos*" impessoal do prólogo, ou seja, a palavra, a sabedoria e a mente de Deus, encarnam-se em Jesus, o homem.

"O "*logos*" do prólogo tornou-se Jesus; Jesus era o logos feito carne, mas não o logos como tal... Jesus era o "*logos*" em pessoa! Ele estava na carne, como [um] ser humano mortal". Assim diz com razão um útil teólogo alemão. **[26]**

Na história de detetive mais emocionante da teologia, "Como o *Logos* se tornou uma pessoa, antes de se tornar uma pessoa", ficamos surpresos ao descobrir que *Justino Mártir*, escrevendo em 150 dC, é confrontado com um judeu, *Trypho*, com quem teve uma longa debate, que Jesus como o Filho de Deus literalmente pré-existiu ao seu nascimento e foi de fato o anjo de Javé freqüentemente mencionado no AT. Trypho, o judeu, protestou contra a contradição inerente envolvida em dizer que Jesus era um homem, mas não realmente um homem. Assim, ele diz a Justino: "Quando você diz que este Cristo existia como Deus antes dos séculos, depois que ele se submeteu a nascer e se tornar um homem, mas que ele não é o homem de um homem, isso me parece não apenas paradoxal, mas também tolo. .". **[27]**

O fato surpreendente é que, se o argumento judaico tivesse prevalecido contra o filósofo *Justino Mártir* (supostamente representante do cristianismo), o "problema" trinitário nunca teria surgido. Uma vez que surge a ideia de que Jesus estava "por perto" antes de seu nascimento, ele deve ser "encontrado" no AT. Sem um fragmento de prova bíblica, o anjo de Javé foi dito ser o Jesus preexistente, e muitos evangélicos e Testemunhas de Jeová desde então aceitaram a teoria. É sábio consultar o NT sobre este ponto. Em ***Atos 7***, Estêvão resume a história de Israel e faz menção específica a um anjo do Senhor (***Atos 7:30, 35, 38***), que representa o Senhor Deus (***Êxodo 23:20, 21***). Que oportunidade para Estêvão dizer que o anjo era Jesus, preexistente! Essa equação não é feita por ele; e o autor de Hebreus levou dois capítulos para explicar que Jesus era superior a todos os anjos. Nunca foi e nunca será um anjo. Além disso, Deus não falou por meio de um Filho até os tempos do NT (***Hebreus 1:1, 2***).

Com *Justino*, o "*logos*" foi estabelecido como a segunda Pessoa divina. Nos séculos que se seguiram, indivíduos isolados surgiram para desafiar a ortodoxia. Notáveis são os "monarquistas dinâmicos". O primeiro deles, *Teodoto de Bizâncio*, era um homem erudito. Ele chegou a Roma em 190 DC. e ensinou que Jesus era totalmente um homem, nascido de uma virgem, sobre quem o Espírito veio em seu nascimento. *Teodoto* sustentava que Jesus se tornou mais divino em sua ressurreição. *Teodoto* foi prontamente excomungado pelo bispo *Victor de Roma*. Ele foi seguido em seu pensamento por outro

Theodotus, e Asclepiodotus, e também *Artemon*, mas o monarquianismo dinâmico estava morrendo no Ocidente.

No Oriente, *Paulo de Samósata* foi o principal expoente de um Jesus inexistente. Paulo foi bispo de Antioquia de c. 260-272. Ele considerava o "*logos*" um atributo impessoal do Pai, não um Filho pré-existente. Jesus é um homem exclusivamente inspirado. "A doutrina de Paulo é semelhante à ideia judaico-cristã primitiva da pessoa de Cristo". Isso é o que dizem os historiadores da igreja, especialmente *Henry Chadwick* em "*The Early Church*" (A Igreja Primitiva). **[28]** Três concílios consideraram a opinião de Paulo e o terceiro o excomungou. Ele manteve seu lugar até que o imperador *Aureliano* o expulsou. Muito mais se sabe sobre o bispo *Arrio* (pai do arianismo, em oposição ao socinianismo). Ele sustentava que Jesus era preexistente, mas criado ("Houve um tempo em que ele não existia"). Essa visão foi considerada insatisfatória, pois não fazia de Jesus nem Deus nem homem. Mas não poderia ser dito exatamente o mesmo da visão "ortodoxa" que prevaleceu até hoje? Um importante estudioso contemporâneo do NT, *John Knox*, parece pensar assim: "Podemos ter humanidade sem preexistência e podemos ter preexistência sem humanidade. Não há absolutamente nenhuma maneira de ter os dois". **[29]**

Antes de deixar o período inicial, devemos mencionar como representante de uma escola sociniana de cristologia o bispo *Photinus* (falecido em 376), a quem a "Enciclopédia Católica" rotula de "herege". **[30]** *Photinus* tornou-se um termo para descrever qualquer um que sustentasse que Cristo era um homem, que ele não existia até seu nascimento em Nazaré. Os escritos de Fotino estão perdidos, mas sabemos dele principalmente através dos vinte e sete anátemas do concílio de 351 que o condenaram. Muito mais tarde, nos anos 600, nossa cristologia talvez tenha sido representada pelos paulicianos (possivelmente nomeados em homenagem a *Paulo de Samósata*), cujo líder, *Constantino*, foi executado por suas visões heréticas sobre a Trindade..

De importância para os defensores do monoteísmo unitário em nosso tempo foi a publicação em 1977 de "*The Myth of God Incarnate*" (O Mito de Deus Encarnado). **[31]** Embora não subscrevamos a posição teológica geral desses estudiosos (isto é, sobre escatologia, em particular), devemos acolher sua análise revigorante da doutrina de Deus. Eles raramente usam os termos trinitário ou não trinitário, mas questionam se a Encarnação no sentido tradicional pode ser encontrada na Bíblia. Essa é precisamente a pergunta que os pioneiros do retorno ao monoteísmo unitário do "*Shema*" se fazem. É animador ouvir estudiosos dizerem que o dogma trinitário "foi determinado não pelas Escrituras ou pela experiência, mas pela controvérsia ariana sobre a doutrina da Trindade". **[32]**

É interessante encontrar um colega meu, outrora um conhecido teólogo da televisão e professor de Cambridge, escrevendo: "O Filho de Deus não é uma segunda pessoa co-igual a Deus Pai, mas simplesmente um homem 'cheio' de Deus, unido a Deus". **[33]**

O debate atual nos círculos teológicos ao redor do mundo diz respeito à escatologia e à cristologia. Nosso desejo é abrir o caminho de volta ao verdadeiro Jesus e ao Evangelho do Reino. *John A.T. Robinson*, um dos estudiosos do NT mais conhecidos da Grã-Bretanha, abraçou uma visão de Jesus que exige um unitarismo simples. Quando lhe contei que estava ensinando em uma faculdade bíblica, sua reação imediata foi: "Você não vai durar mais do que alguns dias lá; um Jesus não trinitário será totalmente inaceitável em uma faculdade bíblica americana". Mas suas próprias visões "heréticas" eram ortodoxas em mais círculos do que ele reconhecia, e até mesmo em uma faculdade bíblica americana. **[34]** Poderíamos apresentar o debate sobre a cristologia de forma dramática, como mostrado abaixo.

Alguns teólogos "modernos": "Como podemos apresentar Jesus às pessoas hoje? Ninguém vai acreditar em um ser pré-existente que vem à Terra ao nascer" .

J.A.T. Robinson: "Mas espera! Alguém no NT acreditou nisso de qualquer maneira? Não, mas os pais da igreja primitiva, influenciados pelos gnósticos, interpretaram mal o livro de João, negligenciaram as evidências do restante do NT e do AT, confiaram em um punhado de versos paulianos difíceis e apresentaram um Jesus que era literalmente preexistente. Mas este não é o Jesus da Bíblia".

Unitaristas Bíblicos: "Mas nós não te contamos! Por dois mil anos você não quis ouvir e nos queimou até a morte por questionar seu dogma oficial. No entanto, nossa tarefa é apresentar ao mundo o verdadeiro Jesus, que nunca foi um segundo membro de uma Trindade eterna. Paulo, em ***2 Coríntios 11:4***, alertou que o truque mais diabólico de Satanás seria substituir o verdadeiro Jesus por um falso Jesus, e João advertiu em ***1 João 4:2*** e ***2 João 7*** que a confissão de um Jesus diferente Dele o messias histórico humano aponta para o espírito do anticristo".

Ortodoxia (em descrença): "Ninguém vai me dizer que a Igreja poderia estar errada por quase dois mil anos em uma doutrina básica".

Unitaristas bíblicos (respondendo aos teólogos "modernos"): "A chegada de Jesus como um ser divino na terra ocorrerá na Segunda Vinda. Jesus é 'pré-existente' a esse evento porque ele vive depois de ter ressuscitado!" (respondiendo a los teólogos "modernos"): "La llegada de Jesús como ser divino a la tierra ocurrirá en la segunda venida. ¡Jesús es 'preexistente' a ese evento porque vive después de haber resucitado!".

Em última análise, a confusão de Jesus com o Criador parece perigosamente próxima da idolatria, e podemos nos perguntar se a Bíblia Viva não está encorajando exatamente isso em sua paráfrase fantasiosa e imprecisa de ***João 1:1-3, 10***: "Antes de mais nada existia, havia Cristo com Deus. Ele sempre esteve vivo e Ele mesmo é Deus. Ele criou tudo o que existe, nada existe que Ele não tenha feito... Mas, embora Ele tenha feito o mundo, o mundo não O reconheceu quando Ele veio".

Enquanto isso *Walter Martín* diz:

> Muitos indivíduos e todos os cultos negam firmemente a igualdade de Jesus Cristo com Deus o Pai e, portanto, com a divindade Trina. Contudo, o testemunho da Escritura é certo, e só as referências acima [os vossos textos "prova"] silenciam para sempre esta heresia blasfema, que no poder do próprio Satanás engana muitos com a sua "manipulação enganosa da Palavra de Deus". **[35]**

Outro esboço da História Unitária

O artigo "*New Schaff-Herzog Encyclopedia*" (Nova Enciclopédia Schaff-Herzog) sobre a história dos objectores da Trindade regista o tratamento cruel que receberam das terras "cristãs" em que viveram.

Quando a cristologia trinitária ortodoxa se tornou fortemente aplicada, seguindo os conselhos da igreja e o apoio do poder imperial sob o imperador *Teodósio*, outras visões de Deus e de Jesus desapareceram. Uma visão não trinitária do Filho de Deus sobreviveu entre um grupo chamado Paulicianos na Arménia. O

cristianismo britânico primitivo mostra algumas provas de cristologia pouco ortodoxa, e foi difundido em Espanha e encontrou um líder em *Félix de Urgell* da igreja francófona em 799 d.C.

Na Europa, a Polónia era a casa dos não-Trinitários quando os teólogos chegaram de Itália, em particular *George Blandrata*. Depois de 1575, a liderança estava nas mãos de *Faustus Socinus* (daí o termo Socinismo). Em Racow, na Polónia, foi fundado um colégio unitário e esta instituição produziu uma confissão de fé descrevendo os seus pontos de vista não trinitários: a *Confissão Racoviana* de 1605. De facto, havia um príncipe Unitário: *João Sigismundo II* da Transilvânia. O movimento Unitário foi decisivamente reprimido pelos Jesuítas Católicos Romanos com um decreto em 1658 para a expulsão dos Socinianos do reino. Estes crentes chegaram à Alemanha, Holanda e Transilvânia. Na Hungria, os Unitários encontraram um forte líder em *Francis David*, que se tornou bispo das igrejas Unitárias. Mas em 1579, o vice-rei católico romano colocou David sob a vigilância dos magistrados. Foi então condenado a prisão perpétua como inovador e blasfemador. David morreu numa masmorra em 1579 e o acontecimento estabeleceu-o como um mártir Unitário.

Embora os Unitários continuassem a ter uma existência legal, eles sofreram dificuldades. Sob o domínio austríaco, as suas publicações foram proibidas e as suas igrejas confiscadas. No entanto, um estatuto de 1791 aliviou a pressão sobre estes dissidentes.. **[36]**

Unitários na Grã-Bretanha

Alguns dos mártires ingleses do século XVI sofreram com as visões arianas, [37] mas a primeira expressão notável do espírito e método do unitarismo foi "*The Religion of Protestants a Safe Way to Salvation*" (A Religião Dos Protestantes, Um Caminho Seguro Para A Salvação). , 1638) por *William Chillingworth*, e a primeira aplicação conspícua deste método com resultados unitários expressos foi feita por *John Biddle*, que sob a Commonwealth reuniu uma sociedade em Londres e publicou seus pontos de vista. Em 1662 ele foi preso pela terceira vez e logo morreu de uma doença prisional. Seus escritos foram coletados e publicados por seu discípulo *Thomas Firmin* em 1691 ("*The Faith of One God*" - A Fé de Um Deus"). Embora o unitarismo tenha sido excluído da operação da Lei de Tolerância de 1689, enquanto seus defensores foram ameaçados pela lei de 1698 com perda de direitos civis e prisão, as visões sociniana e ariana da pessoa de Cristo encontraram aceitação crescente no decorrer do século XVIII, tanto na Igreja da Inglaterra quanto entre os dissidentes. Exemplos notáveis dessa tendência são *Samuel Clarke*, *Nathanael Lardner*, Isaac Watts [o escritor de hinos] e *Philip Doddridge*. A primeira capela com o nome Unitário foi fundada em Essex Street, Londres, em 1778 por *Theophilus Lindsey*, que, após a recusa do Parlamento (1772) em receber uma petição para o relaxamento da assinatura dos Trinta e Nove Artigos, havia renunciado morando em Catterick, Yorkshire. Em sua capela em Londres, ele usou a revisão de *Clarke* da liturgia inglesa. *Lindsey* foi auxiliado pela simpatia dos presbiterianos, que fizeram suas capelas construídas desde 1688 livres de restrições dogmáticas e, buscando conformidade apenas com a Bíblia, renunciaram às visões calvinistas e à doutrina da Trindade. A influência decisiva nessa mudança foi exercida pelo eminente cientista, publicitário e teólogo *Joseph Priestley*. Como um Sociniano declarado, *Priestley* ministrou às congregações em Leeds (1768-80) e Birmingham (1780-91)... Ele morreu [na Pensilvânia] em 1804... O sucessor de *Priestley* em Birmingham e Lindsey em Londres (1795) foi *Thomas Belsham*, que procurou fazer da

> "humanidade simples de Cristo" a visão unitária reconhecida. Outro líder notável foi *Lant Carpenter*, um pregador em Bristol. Em 1813, as deficiências legais dos unitaristas foram removidas e em 1825 a *British and Foreign Unitarian Association* foi formada por uma união de igrejas presbiterianas e batistas, posteriormente unidas por pequenos grupos metodistas, como os "Irmãos Cristãos". Pela Lei das Capelas Dissidentes de 1844, foi assegurada a posse das antigas dotações e capelas. A conferência nacional, órgão puramente deliberativo, foi fundada em 1881. Em 1911 havia 378 ministros e 374 igrejas, das quais 295 estão na Inglaterra [em 1912]. A instrução teológica é dada no *Manchester College*, em Oxford, e no *Home Missionary College*, em Manchester. O Fundo Hibbert, fundado por *Robert Hibbert*, um fazendeiro jamaicano (falecido em 1849), promoveu estudos e estabeleceu relações com o liberalismo teológico no continente. As famosas palestras de *Hibbert* e o *Hibbert Journal* (desde outubro de 1902) devem-se a essa fundação. O unitarismo galês começou com a revolta arminiana do calvinismo por *Jenkin Jones* em Llwynrhydowen em 1726. Seus sucessores adotaram visões arianas. Existem trinta e quatro igrejas em South Wales e uma universidade em Carmarthen. **O Unitarismo Irlandês** começou em 1726, quando o Presbitério de Antrim se separou do Sínodo Geral para estabelecer o culto sem a subscrição de credo. Em 1830, o *Sínodo Remonstrante do Ulster* foi formado com base em princípios semelhantes, e em 1835 uma Associação de Presbiterianos Irlandeses que não assinaram o Sínodo uniu estas igrejas livres. Existem trinta e oito igrejas, principalmente nos condados de Antrim e Down. Na Escócia existem sete igrejas, a mais antiga (Edimburgo) datada de 1776. **[38]**

Unitarismo na América

A primeira confissão pública do Unitarismo começou em 1785 com *James Freeman* da King's Chapel, a mais antiga igreja episcopal de Boston. Todas as referências à divindade de Cristo e à Trindade foram omitidas do Livro de Oração Comum. Em meados do século 18, o unitarismo floresceu nas igrejas congregacionais do leste de Massachusetts. Visões não trinitárias prevaleceram na Universidade de Harvard com a pregação eloquente de *Joseph Buckminster* e *William Ellery Channing*, que produziram duas revistas, *Monthly Anthology* (1803) e *Christian Disciple* (1813). *Channing* desafiou publicamente seus oponentes em um sermão sobre "*Cristianismo Unitário*" (1819) e seu Argumento Moral Contra o Calvinismo (1820). A Associação Unitária Americana foi formada em 1825. A primeira convenção de igrejas foi realizada em Nova York em 1865. Uma convenção em 1894 declarou: "Essas igrejas aceitam a religião de Jesus, afirmando, de acordo com seus ensinamentos, que a religião prática se resume em amor de Deus e amor do homem". **[39]** Esta declaração pareceria inofensiva, mas o Deus em questão não era a Trindade, mas o Deus Único do próprio credo de Jesus.

Claro, o unitarismo continuou desde o início do século 20, quando o artigo de Schaff-Herzog foi escrito. Em geral, os unitaristas tornaram-se menos "bíblicos", o que significa que perderam o controle dos ensinos bíblicos centrais, como o nascimento virginal, a ressurreição e a segunda vinda. É improvável que a perda dessas verdades centrais torne o unitarismo atraente para os evangélicos e, nesse sentido, a culpa recai sobre o unitarismo, que perdeu sua base bíblica, além de sua rejeição aos credos que substituíram o credo de Jesus.

Notas Finais Capítulo 11

[1] *Alan Eyre*, "The Protesters" (Os manifestantes), The Christadelphian, 1975, 69-70. *Sattler* foi condenado por suas opiniões sobre a não participação na guerra.

[2] Ibidem., 123-24.

[3] Ibidem., 125.

[4] Ibidem., 125.

[5] *O Catecismo Duplo de Biddle* pode ser lido em http://home.pacific.net.au/~amaxwell/biddle/000start.htm

[6] Alan Eyre, "*The Protesters*" (Os manifestantes), 129.

[7] Ibidem., 130.

[8] Ibidem., 130, 131.

[9] *Gregory A. Boyd*, "*The Myth of a Christian Nation: How the Quest for Political Power Is Destroying the Church*" (O Mito De Uma Nação Cristã: Como A Busca Pelo Poder Político Está Destruindo A Igreja), Zondervan, 2005.

[10] Terceira edição, Truman State University Press, 2000.

[11] No entanto, nossa visão cristológica não inclui uma adesão a uma visão sociniana da expiação. Muitos unitaristas bíblicos agora insistem com os evangélicos na morte substitutiva de Jesus pelos pecados do mundo. Os socinianos modernos (em cristologia) incluem a fé abraâmica da Igreja de Deus, os cristadelfianos e alguns membros da Igreja de Deus do sétimo dia e dos cristãos do advento. Muitos estudiosos modernos de diferentes nacionalidades apresentaram as opiniões que defendemos sem rotulá-las de "socinianas".

[12] Pouco anunciado pelos trinitários é o fato de que *Tertuliano*, supostamente um ferrenho defensor da ortodoxia, também declarou que houve um tempo em que o Filho não existia (Contra Hermógenes, cap. 3). Claramente, a Trindade ainda não estava totalmente desenvolvida em sua forma nicena.

[13] Ou seja, o ensinamento de que o homem fica inconsciente na morte até a ressurreição. A visão é conhecida como "imortalidade condicional".

[14] Ou seja, Universalismo Unitário.

[15] "*Our Unitarian Heritage: An Introduction to the History of the Unitarian Movement*" (Nossa Herança Unitária: Uma Introdução À História Do Movimento Unitário), Beacon Press, 1943, 61, 62. A obra mais importante de *Servet*, "*The Restoration of Christianity*" (A Restauração Do Cristianismo), está ahora disponible en una traducción al inglés de *Christopher Hoffman* y *Marian Hillar* (Edwin Mellen Press, 2007).

[16] Um líder notável foi *Gregory Paulus*.

[17] "Filho" e "eterno" são termos realmente contraditórios, pois quem é gerado, isto é, trazido à existência, não pode ser eterno..

[18] Williams, "*The Radical Reformation*" (A Reforma Radical), 779-780.

[19] "*John Jewel's Works*" (Obras de John Jewel) (1560), Cambridge, 1850, 4:1240.

[20] Ou seja, a doutrina de que quando o homem morre ele dorme até a ressurreição e que o castigo final dos ímpios é a aniquilação, não a tortura eterna.

[21] *Eyre*, "*Protesters*" (Manifestantes), 109.

[22] "*The Racovian Catechism*" (O Catecismo Racoviano), trad. *Thomas Rees*, Christian Educational Services, 1994, lxxiv, nota.

[23] Ibidem., 144-145.

[24] "*Encyclopedia Americana*" (Enciclopédia Americana), 1956, 27:249.

[25] Oito traduções inglesas pré-KJV do grego falavam de "*logos*" como "isso", não "ele".

[26] *Leonhard Goppelt*, "*Theology of the New Testament*" (Teologia do Novo Testamento), Eerdmans, 1982, 2:297, 299, enfase adicionada.

[27] "*Dialogue with Trypho*" (Diálogo com Trífon), cap. 48.

[28] *Penguin*, 1993, 114.

[29] "*The Humanity and Divinity of Christ*" (A Humanidade E A Divindade De Cristo), Cambridge University Press, 1967, 106.

[30] *Robert Appleton Co*., 1911, 12:43.

[31] *John Hick*, editor, SCM Press, 1977.

[32] *J. A. T. Robinson*, "*The Human Face of God*" (O Rosto Humano De Deus), Westminster Press, 1973, 102.

[33] *Don Cupitt*, "*The Debate About Christ*" (O Debate Sobre Cristo), 28.

[34] Atlanta Bible College, anteriormente Oregon Bible College, Illinois, desde 1939.

[35] "*The Kingdom of the Cults*" (O Reino Dos Cultos), Bethany House, 2003, 107.

[36] "*Unitarians*" (Unitarios), "*The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*" (A Nova Enciclopédia Schaff-Herzog do Conhecimento Religioso), 12:82.

[37] O termo ariano às vezes era usado para descrever todas as formas de crença não trinitária, ou seja, tanto a visão ariana estrita de Ario quanto a dos nevoaríamos do século IV, e a dos "socinianos" do século XVI (e alguns dos séculos anteriores).

[38] Ibidem., 82-83.

[39] Ibidem., 83-84.

Capítulo 12

Todos Acreditam Na Trindade?

> "É quase impossível tirar conclusões reais mesmo do Evangelho de João sobre o dogma da Trindade". **[1]**
>
> "Ao falar sobre Jesus Cristo, muitos trinitarianos o chamam de 'Deus Filho'. No entanto, as Escrituras nunca o chamam de Deus o Filho, mas sim o Filho de Deus. Essas duas frases não são de forma alguma intercambiáveis. A última é a verdade bíblica, enquanto a primeira é uma invenção teológica". **[2]**
>
> "Sobre a questão da pré-existência, pelo menos se pode aceitar a pré-existência do Verbo eterno ou Sabedoria de Deus que (quem?) encarnou em Jesus. Mas se algum escritor do NT acreditava em sua existência separada e consciente como 'uma segunda Pessoa divina' não é tão claro". **[3]**
>
> "O cristianismo, no decorrer da missão aos gentios, havia se transformado em outra religião. A Igreja... se esqueceu ou se recusou a saber o que Jesus realmente ensinou". **[4]**

Abrimos um capítulo anterior expondo o pensamento confuso de muitos paroquianos ao contemplarem quem são Deus e Jesus. A maioria mantém essas ideias inconsistentes como um problema lógico não resolvido.:

> **1) "**Jesus Cristo é Deus"; **2**) "Deus é nosso Pai Celestial"; **3)** "Jesus Cristo não é nosso Pai Celestial"; **4)** "Não há dois deuses". No entanto, ele nunca considerou como conciliar essas quatro opiniões separadas; provavelmente não lhe ocorreu que eles são incompatíveis um com o outro... O inglês médio não se preocupou com o assunto. **[5]**

A "academia" cristã, que parece ter pouca influência na teologia evangélica popular, muitas vezes admite francamente que a Trindade como uma definição de Deus é estranha aos cristãos do primeiro século. Essa opinião é difundida nos chamados círculos liberais, e especialmente desde a época do Iluminismo. Os evangélicos, em vez de admitir uma grande dose de pensamento tradicional em seus sistemas recebidos, persistem com tentativas muito forçadas de forçar a Trindade no NT e, em alguns casos extremos, até mesmo na Bíblia hebraica. A pura contradição encontrada entre escritores de várias escolas deve levar o leitor a se perguntar quem está dizendo a verdade..

O popular escritor de *Comentários*, William Barclay é totalmente claro quando se trata de sua negação de que Jesus é o Senhor: "Em nenhum lugar o NT identifica Jesus com Deus". **[6]** *John Stott*, um proeminente evangélico, pensa o contrário: A "transferência dos títulos e textos de Deus de Javé para Jesus... identifica Jesus como Deus". Mas ele também diz: "É verdade que em nenhum lugar do ensinamento [de Jesus] está registrado que ele declarou inequivocamente: 'Eu sou Deus'". [7]

O Veredicto Da História

Muitos historiadores do dogma admitem francamente uma deserção pós-bíblica do ensino do NT. As coisas correram terrivelmente mal nos séculos que se seguiram à morte dos Apóstolos. As citações a seguir dos principais especialistas contam sua própria história.:

> No ano 317, um novo conflito surgiu no Egito com consequências perniciosas. O assunto dessa controvérsia fatal, que acendeu tão deploráveis divisões em todo o mundo cristão, foi a doutrina das três Pessoas na Divindade, uma doutrina que nos três séculos anteriores escapou felizmente da vã curiosidade das investigações humanas. **[8]**
>
> Ao olharmos para trás através das longas eras do reinado [da doutrina da Trindade]... perceberemos que poucas doutrinas produziram um mal mais puro. **[9]**
>
> Na prática, a doutrina cristológica nunca foi derivada simplesmente por inferência lógica das declarações das Escrituras... A igreja geralmente não baseou sua cristologia na prática (independentemente do que alegou estar fazendo em teoria) exclusivamente no testemunho do NT. **[10]**
>
> Os gregos distorceram o conceito da agência legal de Jesus em uma identidade ontológica, criando um conjunto ilógico de credos e doutrinas para causar confusão e terror nas gerações posteriores de cristãos. **[11]**
>
> Como a Trindade é uma parte tão importante da doutrina cristã posterior, é surpreendente que o termo não apareça no NT. Da mesma forma, o conceito desenvolvido de três parceiros iguais na Divindade encontrado em formulações de credos posteriores não pode ser claramente detetado dentro dos limites do cânon.. **[12]**
>
> Como determinar a natureza da distinção entre o Deus que se fez homem e o Deus que não se fez homem, sem destruir a unidade de Deus, por um lado, ou interferir na cristologia, por outro? Nem o Concílio de Nicéia, nem os Padres da Igreja do [4º] século... responderam a esta questão satisfatoriamente. **[13]**
>
> A adoção de uma frase não bíblica em Nicéia foi um marco no crescimento do dogma; a Trindade é verdadeira, porque a Igreja — a Igreja universal que fala pelos seus bispos — o diz, embora a Bíblia não o diga!... Temos uma fórmula, mas o que contém essa fórmula? Nenhum filho da Igreja ousa tentar responder. **[14]**

Alguns comentários evangélicos famosos são francos em sua concessão ao unitarismo: "Apenas um, o Pai, pode ser chamado absolutamente de 'único Deus verdadeiro', não ao mesmo tempo Cristo (que nem mesmo em ***1 João 5:20*** é 'o verdadeiro Deus'). Jesus, em unidade com o Pai, trabalha como Seu comissário (***João 10:30)*** e é Seu representante (***João 14:9, 10***)". **[15]**

O aclamado comentário do professor *C. K. Barrett* sobre João explica ***João 17:3*** em um sentido obviamente unitário: "O Deus a quem conhecer é ter vida eterna é o único ser que pode ser adequadamente descrito; ele, e deve ser seguido, só que ele é verdadeiramente "*theos'*"". **[16]**

Nomes famosos no campo dos estudos cristológicos parecem confirmar nosso ponto de vista de que a Trindade não é uma doutrina do NT: "Nenhum estudioso responsável do NT alegaria que a doutrina da Trindade foi ensinada por Jesus, ou pregada pelos primeiros cristãos, ou conscientemente defendida por qualquer escritor do NT". **[17]**

> Deve ser admitido por todos os que possuem os rudimentos de um sentido histórico que a doutrina da Trindade, como doutrina, não fazia parte da mensagem original. São Paulo não sabia disso e não poderia ter entendido o significado dos termos usados na fórmula teológica com a qual a Igreja finalmente concordou. **[18]**

> As proposições constitutivas do dogma da Trindade... não foram extraídas diretamente do NT, e não podiam ser expressas em termos do NT. Eles eram produtos da razão que especulava sobre uma revelação para a fé... Eles foram formados apenas através de séculos de esforço, apenas elaborados com a ajuda de conceições e formulados nos termos da metafísica grega e romana. **[19]**

> Essa crítica da cristologia ortodoxa... não é propriedade de poucos... Hoje [1911] não conheço um único professor de teologia evangélica na Alemanha [que queira reproduzir as velhas fórmulas ortodoxas]. Todos os eruditos teólogos protestantes na Alemanha, embora não com a mesma ênfase, admitem unanimemente que a cristologia ortodoxa não faz justiça à vida verdadeiramente humana de Jesus e que a doutrina ortodoxa das duas naturezas em Cristo não pode ser mantida. em sua forma tradicional. Todos os nossos sistemáticos... estão buscando novos caminhos em sua cristologia. **[20]**

Linguagem "Filho de Deus"

Os estudos bíblicos alegremente afastaram-se da noção insustentável de que o Filho de Deus é equivalente a Deus Filho:

> O cerne da questão é como entendemos o termo "Filho de Deus" e as questões que ele levanta sobre o relacionamento de Jesus com aquele a quem ele chamou de Pai... Pode-se perguntar se o termo "Filho de Deus" é em si mesmo um título divino. Certamente há muitos casos na linguagem bíblica em que definitivamente não é uma designação de divindade. Adão é chamado de "filho de Deus" na genealogia de Jesus feita por Lucas (***Lucas 3:38***). ***Oseias 11:1*** (citado em ***Mateus 2:15***) alude à nação de Israel como o filho de Deus. Em ***Sabedoria 2:18***, o justo é chamado de filho de Deus. A profecia de Natã a Davi contém a promessa de Deus ao sucessor de Davi: "***Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho***"(***2 Samuel 7:14***; compare, ***Salmo 89:26, 27***). Esta passagem também aparece em uma coleção de testemunhos em Qumran (*4QFlor 10f.*), indicando que o significado messiânico desta profecia era um assunto de contínua especulação no judaísmo do primeiro século. No ***Salmo 2:7*** ele se dirige ao rei ungido em sua investidura: **[21]** "***Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei***" (citado em ***Atos 13:33; Hebreus 1:5; 5:5; comparar, 2 Pedro 1:17).*** Esta passagem é a fonte da identificação de Jesus com o Filho de Deus pelo "*Bat Qol*" (voz do céu) após seu batismo (***Marcos 1:11; Mateus 3:17; Lucas 3:22; compare, João 1:3, 4***). A voz também identifica Jesus como o servo escolhido em quem Deus se agrada (***Isaías 42:1***; compare, também ***Mateus 12:18-21***).

À luz dessas passagens em seu contexto, o título "Filho de Deus" não é em si uma designação de divindade pessoal ou uma expressão de distinções metafísicas dentro da Divindade. De fato, para ser "Filho de Deus" é preciso ser outro ser que não Deus! É uma designação para uma criatura que indica um relacionamento especial com Deus. Em particular, denota o representante de Deus, o vice-regente de Deus. É uma designação de realeza, identificando o rei como filho de Deus. Portanto, considero a aplicação do título "Filho de Deus" em seu batismo como uma afirmação de Jesus como o Filho-rei de Deus em virtude de sua unção pelo Espírito. Também *C.F.D. Moule* comenta sobre a cena do julgamento: "Em ***Marcos 14:61***, as palavras do Sumo Sacerdote: '***És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?***' presumivelmente são entendidas pelo evangelista como uma pergunta sobre uma pretensão messiânica. O título exprime a relação íntima que Jesus tinha pelo Espírito com o Pai como representante ungido do Pai, que é descrita nas narrativas evangélicas que culminam na sua morte e no grito de abandono: ***Deus meu, Deus meu!***?" (***Mateus 27:46; Marcos 15:34***).

Acho que este é o significado que devemos dar ao termo "Filho de Deus" no início do Evangelho de Marcos (***Marcos 1:1***)... Tampouco podemos ler a teologia dos séculos posteriores no testemunho do centurião em ao pé da cruz: "***Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus***" (***Marcos 15:39; Mateus 27:54***; compare, **Lucas 23:47** "***Verdadeiramente, este homem era justo***"). Na minha opinião, o termo "Filho de Deus" finalmente converge com o termo "imagem de Deus", que deve ser entendido como o representante de Deus, aquele em quem habita o Espírito de Deus e a quem é dada a mordomia e autoridade para agir em nome de Deus. A designação de Jesus como "***Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos***" (***Romanos 1:4***) é uma reafirmação daquele Filho reinante com autoridade divina, visto que pela ressurreição o Espírito derrubou o veredicto negativo do Sinédrio que condenou Jesus à morte como um blasfemador tentando enganar Israel...

Parece-me um erro fundamental tratar as afirmações do Quarto Evangelho sobre o Filho e sua relação com o Pai como expressões de relações trinitárias internas. Mas esse tipo de leitura sistemática e errônea do Quarto Evangelho parece ser a base de muito do pensamento social trinitário. Assim, declarações como "***Eu e o Pai somos um***" (***João 10:30***) e aquelas sobre a habitação mútua de Jesus e do Pai (***João 10:38; 14:10, 11, 20; 17:21, 23***) são tomadas ser declarações sobre as relações internas das "pessoas" da Trindade. No entanto, o Quarto Evangelho em si não requer tal leitura. Quando lidas no contexto, as declarações *são evidentemente declarações sobre o relacionamento de Jesus com o Pai na terra*.

É uma leitura errada comum, mas evidente, do início do Evangelho de João, lê-lo como dizendo: "No princípio era o Filho, e o Filho estava com Deus, e o Filho era Deus" (**João 1:1**). O que aconteceu aqui é a substituição do Filho pelo Verbo (grego "*logos*"), e assim o Filho se torna um membro da Divindade que existia desde o princípio. Mas se seguirmos cuidadosamente o pensamento do Prólogo de João, é a Palavra que preexistiu eternamente com Deus e é Deus. **[22]**

A Trindade Sem Fundamento Bíblico

É costume que os estudantes da Bíblia se refiram a Jesus como Deus e insistam que a crença em uma Trindade de três Pessoas coiguais e coeternas no Deus Único é a marca registrada da verdadeira fé. No entanto, muitos estudiosos bíblicos reconhecidos não acreditam que Jesus seja chamado de Deus, no sentido trinitário, nas Escrituras. Ilustres estudiosos da Bíblia, do passado e do presente, sustentam que a doutrina de um Deus tripessoal não é ensinada em parte alguma das Escrituras.

Uma recente discussão popular sobre o cristianismo afirma que a doutrina da Trindade é "sem dúvida uma das doutrinas bíblicas mais difíceis de entender". **[23]** Uma das questões mais desconcertantes enfrentadas pelos trinitários é o fato de que em ***Marcos 13:32*** Jesus confessou ignorância como Filho (ou seja, Filho de Deus) sobre a Segunda Vinda. Como Jesus pode ser Deus se ele não é onisciente? Por que realmente o Pai de Jesus teve que dar uma revelação ao Seu Filho ressurreto e glorificado, se Jesus conhece todas as coisas? (***Apocalipse 1:1***). Os trinitários podem dar respostas honestas a essas perguntas?

Na Bíblia e na tradição judaica, Deus sabe tudo, inclusive o futuro (***Isaías 46:10; Zacarias 14:7***; compare com 4 ***Esdras 4:51, 52; 2 Baruque 21:8***). Os seres humanos e os anjos não possuem tal conhecimento total. ***Marcos 13:32*** comprovadamente exclui Jesus da categoria de Divindade absoluta e, portanto, foi um embaraço para os cristãos post-bíblicos. Tentativas subsequentes de explicar esse ditado no sentido de que Jesus *não revelou* o que ele realmente sabia falharam em dar qualquer sentido à confissão de ignorância do Filho de Deus. Dizer que ele falou em sua natureza humana, suprimindo um pouco o que ele realmente sabia em sua natureza divina, simplesmente ilustra a luta dos comentaristas para encaixar o posterior "Deus Filho" nas páginas da Escritura às quais ele não pertence.

Em nenhum texto Jesus jamais disse que ele era Deus. Em ***Marcos 10:18*** ele distinguiu entre ele e Deus, o único absolutamente bom. Por que, se Jesus é Deus, isolou seu Pai como o único absolutamente bom?

A maneira justa de investigar a questão de quem é o Deus supremo na Bíblia é começar com aqueles 75% de nossas Bíblias que chamamos de AT. Essas eram as Escrituras das quais Jesus havia se alimentado. Um fato muito simples muitas vezes não recebe a atenção que merece: o AT descreve Deus com pronomes singulares milhares de vezes. Os pronomes singulares nos dizem que Deus é um único indivíduo.

O que aconteceria se você pegasse um livro em que o pai de família é descrito pelos pronomes singulares "eu", "mim" e "ele" centenas de vezes? Se esse mesmo pai dissesse: "Vamos tirar férias", você pensaria imediatamente que o pai era realmente *mais de uma pessoa*? Ou você pensaria que o pai estava convidando outras pessoas para se juntarem a ele, um único indivíduo, em uma atividade?

Surpreendentemente, quando alguns leitores da Bíblia chegam a ***Gênesis 1:26*** e leem que Deus disse "*Façamos*…", eles chegam à conclusão de que Deus é mais do que uma Pessoa. Não há nenhuma razão lógica para isso. As Escrituras descrevem Deus como "eu", "ele", "a ele", "eu" repetidamente. Quando em raras ocasiões Deus diz: "Façamos…", isso significa que Deus, que é uma Pessoa, envolve outros com Ele. Como os leitores da Bíblia imaginam que "Façamos…" significa "Sejamos três…"? O versículo não diz nada sobre três membros de uma Divindade, nada sobre um Filho e um Espírito Santo. Onde Deus se dirige ao seu próprio espírito?

A nota útil na Bíblia de Estudo NVI (em ***Gênesis 1:26***) observa que Deus envolveu seus anjos de alguma forma com a criação. Tanto o homem quanto os anjos têm uma semelhança com o próprio Deus. Em uma declaração semelhante de "vamos lá" (há apenas quatro) em ***Isaías 6:8***, "***e quem há de ir por nós?***" a direção é obviamente para os seres angelicais presentes.

Do "*Word Biblical Commentary*" (Comentário Bíblico de Word) ("De uma equipe de estudiosos internacionais, uma amostra do que há de melhor em erudição crítica evangélica") vem uma declaração clara de que a ideia de que ***Gênesis 1:26*** até sugere a Trindade é falsa:

> Agora é universalmente admitido que isso [um presságio da Trindade] não era o que o plural significava pelo autor original... Quando os anjos aparecem no AT, eles são frequentemente descritos como homens (por exemplo, ***Gênesis 18:2***). E, de fato, o uso do verbo singular "criar" em ***Gênesis 1:27*** sugere, de fato, que Deus agiu sozinho na criação da humanidade. "Criamos o homem", portanto, deve ser considerado como um anúncio divino à corte celeste, chamando a atenção da hoste angélica para o golpe mestre da criação, o homem. Como ***Jó 38:4, 7*** diz: "***... quando eu lançava os fundamentos da terra?...*** ***e rejubilavam todos os filhos de Deus?***" (compare***, Lucas 2:13, 14***). **[24]**

Os que buscam a verdade devem fazer um esforço consciente para não começar sua investigação com a suposição de que a Trindade é um verdadeiro ensino bíblico. Eles começarão com a mente aberta e procurarão evidências claras. Existe tal evidência no AT? Muitos há muito abandonaram ***Gênesis 1:26*** como uma indicação da pluralidade em Deus. Não há um fragmento de prova para a Trindade em ***Gênesis 1:26***, ou na forma plural "*Elohim*".

Também não há evidência da Trindade na palavra "um" no famoso credo judeu e cristão (***Deuteronómio 6:4***, citado por Jesus como cristão em ***Marcos 12:29***). Esse credo mais básico diz: "***Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR***". Os léxicos hebraicos nos dizem corretamente que "um" significa "um sozinho". "*Echad*" é usado cerca de 970 vezes e nunca há dúvida de que significa "um", não dois ou mais. No credo central de Israel e Jesus, o Senhor é descrito como "um só Senhor", isto é, "um só Senhor". Um Senhor significa uma Pessoa, não três.

A oposição à Trindade não se limita aos chamados "cultos". Isso é um mito público. Sir *Isaac Newton*, *John Locke* e *John Milton* têm isso em comum: são reconhecidos como uma das mentes mais inteligentes do século XVII. Todos se opunham fortemente à doutrina da Trindade. Esses homens não podem ser simplesmente descartados como analfabetos ou preconceituosos. Eles tinham razões muito boas para o que acreditavam e defendiam por escrito. Todos os três eram vigorosos anti-trinitarianos. O mesmo aconteceu com *Thomas Jefferson*, que examinou cuidadosamente a questão trinitária à luz da Bíblia. Quantos sabem que a Universidade de Harvard já expressou opiniões não trinitárias? Um número crescente de estudiosos bíblicos contemporâneos reconhece que a Trindade é um desenvolvimento post-bíblico.

Aparentemente, a pergunta sobre Deus pode provocar uma emoção violenta. É bom lembrar que um dos episódios mais cruéis da história da igreja ocorreu quando o reformador *Calvino* usou o braço forte da Igreja Católica para queimar na fogueira um brilhante linguista, médico, geógrafo e estudioso da Bíblia, *Miguel Serveto*. **[25]** Queimar os outros por causa de uma questão de doutrina é absolutamente proibido pela Bíblia e pode lançar alguma dúvida sobre o espírito que impulsiona tal zelo persecutório sobre a definição de quem é Deus.

Revisão E Resumo Das Principais Considerações

A doutrina da Trindade depende de uma ideia muito antibíblica: que o Filho foi "gerado eternamente". A Trindade afirma que o Filho de Deus não teve princípio. É um ser eterno incriado. Sem um "Filho Eternamente Gerado", não há Trindade. A Bíblia apoia a ideia de que o Filho de Deus foi "gerado eternamente"?

Algumas autoridades esperam que o público engula uma quantidade considerável de desinformação. Eles dirão que há "uma conversa entre dois membros da Divindade" **[26]** no ***Salmo 2*** e no ***Salmo 110:1***. Os que buscam a verdade devem examinar cuidadosamente essas duas passagens. O ***Salmo 2:7*** relata que o Deus Único, Yahweh (o SENHOR) se dirige ao Filho, o Messias. O Pai diz: "***eu, hoje, te gerei***". Gerar significa tornar-se pai de uma criança. "Hoje" obviamente significa hoje. Hoje não é a eternidade. Não há base para a Trindade no ***Salmo 2:7***. Sem um Filho "gerado eternamente" não pode haver Trindade. O ***Salmo 2:7*** contradiz a Trindade e nos diz que houve um tempo antes da geração do Filho. ***Lucas 1:35*** nos diz quando o Filho foi gerado. Foi há cerca de dois mil anos na Palestina. Quando o poder de Deus desceu sobre Maria, o Filho de Deus passou a existir como o Filho unigênito do Pai (ver ***Lucas 1:35; Mateus 1:20***: "gerado").

O ***Salmo 110:3*** na versão Septuaginta diz: "***Desde o ventre antes da estrela eu te gerei***". Nosso AT tem uma leitura diferente, mas muitos manuscritos hebraicos, incluindo a Peshitta (siríaca) do século II d.C. e o texto hebraico usado pelo pai da igreja *Orígenes*, mantém uma versão que concorda com a Septuaginta. É possível que os magos tenham procurado uma estrela para marcar o nascimento do Messias com base nessa profecia do ***Salmo 110:3***? "***Antes da estrela da manhã***" poderia ser entendido no sentido espacial, isto é, "***na presença da estrela***". Nesse caso, os magos esperavam encontrar o local de nascimento do Messias marcado com uma estrela especial (***Mateus 2:9***).

Um novo ponto muito fascinante surgiu de alguns dos manuscritos hebraicos do ***Salmo 110:3***. Por "repontar" entende-se a colocação de um conjunto de novas vogais com as consoantes, o que altera o significado do texto. O hebraico do qual as nossas Bíblias são traduzidas diz: "***Do ventre da manhã, como o orvalho, a vossa juventude virá até vós***" (NVI). "***A vossa juventude***" traduz este conjunto de consoantes hebraicas: Y L D T C H. Com um conjunto de vogais, isto dá-nos "***a vossa juventude***". Mas as mesmas consoantes, com vogais alteradas, dão-nos "***eu te gerei***". **[27]** Essa mesma frase encontra-se em todos os manuscritos hebraicos do ***Salmo 2:7***: "***eu, hoje, te gerei***"..

Porque a Septuaginta diz: "***Eu te gerei desde o ventre antes da estrela da manhã***", esta pode muito bem ser a versão originalmente correta e, se assim for, fornece outra referência chave para a geração do Filho na história. Certamente está claro que o ***Salmo 110*** não fornece nenhuma informação sobre um "Filho Eternamente Gerado". Esta é uma invenção dos pais da igreja post-bíblicos, e desvia a atenção da geração ou existência histórica do Filho Messiânico de Deus.

Definitivamente não há conversa entre os membros da Divindade no ***Salmo 110:1***. Nesse Salmo, o SENHOR fala com "meu senhor". O "senhor" em questão não é o SENHOR (Yahweh), mas "*adoni*" ("meu senhor"). "*Adoni*" em todas as suas 195 ocorrências do AT não significa Deus, mas um humano (ou ocasionalmente angélico) superior. Há outra palavra para Deus, "*Adonai*", que se refere a Deus em todas as suas 449 aparições. "*Adonai*" e "*adoni*" nos mostram a distinção bíblica entre Deus e o homem. O Messias no ***Salmo 110:1*** é chamado por um título humano e não divino. É por isso que Paulo escreveu: "***Há um só Deus, o Pai***" (***1 Coríntios 8:6***). "***há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens,***

Cristo Jesus, homem" (***1 Timóteo 2:5***). Jesus é o Senhor Messias (***Lucas 2:11; Mateus 16:16***) e não o Senhor Deus.

Provas das Autoridades Standard.

Os seguintes depoimentos de respeitáveis autoridades padrão mostram que a alegação de que "Jesus é Deus" e que a Bíblia ensina uma divindade trinitária é muitas vezes mais um exercício de propaganda do que um fato real. Embora grande parte do cristianismo popular continue a lidar duramente com os não-trinidadianos, os últimos podem se consolar com a reflexão de mentes mais sãs e sãs, tanto evangélicas quanto outras. As seguintes declarações aparecem nos escritos de ilustres especialistas no campo do estudo da Bíblia:

> "A palavra Trindade não é encontrada na Bíblia e... não encontrou um lugar formal na teologia da igreja até o quarto século.". **[28]**
>
> A Trindade "não é direta e imediatamente a Palavra de Deus". **[29]**
>
> "Nas Escrituras ainda não existe um único termo pelo qual as Três Pessoas Divinas sejam denotadas juntas. A palavra trias (da qual o latim "*trinitas*" é uma tradução) é encontrada pela primeira vez em *Teófilo de Antioquia* por volta de 180 d.C. ... Em seguida, aparece em sua forma latina de *trinitas* em *Tertuliano*". **[30]**
>
> "Nenhuma conclusão precipitada pode ser tirada do uso, porque [*Tertuliano]* não aplica as palavras [mais tarde aplicadas ao trinitarismo] à teologia trinitária". **[31]**

A Trindade Está No Antigo Testamento?

> "Não há indicação no AT de distinções interiores na Divindade; é um anacronismo encontrar em suas páginas a doutrina da Encarnação ou a da Trindade". **[32]**
>
> "Os teólogos de hoje concordam que a Bíblia Hebraica não contém uma doutrina da Trindade". **[33]**
>
> "A doutrina da Trindade não é ensinada no AT". **[34]**
>
> O AT não nos diz nada explicitamente ou por implicação necessária de um Deus Trino que é Pai, Filho e Espírito Santo... Não há provas de que qualquer escritor sagrado tenha sequer suspeitado da existência de uma [Trindade] dentro da Divindade... Mesmo ver no AT sugestões ou prefigurações ou "sinais velados" da Trindade de pessoas, é ir além das palavras e intenções dos escritores sagrados. **[35]**
>
> O AT é estritamente monoteísta. Deus é um único ser pessoal. A ideia de que existe uma Trindade é completamente sem fundamento. Não há separação entre o AT e o NT. A tradição monoteísta continua. Jesus era judeu, criado por pais judeus nas escrituras do AT. Seu ensino era judaico até o âmago; um novo evangelho certamente, mas não uma nova teologia... E ele

aceitou como sua própria crença o grande texto do monoteísmo judaico: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é um só Deus. **[36]**

O AT dificilmente pode ser usado como uma autoridade para a existência de distinções dentro da Divindade. O uso de "nós" pelo orador divino (***Gênesis 1:26; 3:22; 11:7***) é estranho, mas talvez devido à sua consciência de estar cercado por outros seres de ordem superior aos homens (***Isaías 6:8***). **[37]**

De Filo em diante, os comentaristas judeus geralmente sustentam que o plural [***Gênesis 1:26***: "***Façamos o homem…***"] é usado porque Deus se dirige à sua corte celestial, ou seja, aos anjos (compare, ***Isaías 6:8***) **[38]** … Da Epístola de *Barnabé* e *Justino Mártir*, que viu o plural como uma referência a Cristo, os cristãos tradicionalmente veem esse versículo como um esboço da Trindade. Agora é universalmente admitido que não era isso que o plural significava para o autor original. **[39]**

A Trindade Está No Novo Testamento?

"Nenhum Apóstolo teria sonhado em pensar que existem três Pessoas divinas". **[40]**

"Os teólogos concordam que o NT também não contém uma doutrina explícita da Trindade.". **[41]**

"Os escritores do NT... não nos dão nenhuma doutrina formal ou formulada da Trindade, nenhum ensino explícito de que em um só Deus há três pessoas divinas iguais... Em nenhum lugar encontramos qualquer doutrina trinitária de três sujeitos distintos da vida e da atividade divina. na mesma divindade". **[42]**

"Nem a palavra Trindade nem a doutrina explícita aparecem no NT". **[43]**

"No que diz respeito ao NT, não há nenhuma doutrina real da Trindade a ser encontrada nele.". **[44]**

"O NT não contém a doutrina desenvolvida da Trindade". **[45]**

"A Bíblia carece da declaração expressa de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são de essência igual". **[46]**

"Uma especulação intelectual cada vez mais pretensiosa sobre a Trindade foi construída com base nas declarações triádicas originalmente diretas do credo... Embora existam muitas declarações triádicas sobre o Pai, o Filho e o Espírito no NT, nem no Evangelho de João nem nos Apóstolos posteriores. credo, encontramos alguma doutrina propriamente trinitária de um Deus em três pessoas". **[47]**

"Jesus Cristo nunca mencionou tal fenômeno, e em nenhum lugar do NT aparece a palavra Trindade. A ideia só foi adotada pela Igreja trezentos anos depois da morte de nosso Senhor". **[48]**

"O cristianismo primitivo não tinha uma doutrina explícita da Trindade, conforme posteriormente elaborada nos credos". **[49]**

"Os primeiros cristãos, no entanto, a princípio não pensaram em aplicar a ideia da Trindade à sua própria fé. Fizeram suas devoções a Deus Pai e a Jesus Cristo, o Filho de Deus, e reconheceram o... Espírito Santo; mas estes três não foram pensados para ser uma Trindade real, co-igual e unida em um". **[50]**

"A princípio, a fé cristã não era trinitária… Não era tanto nos tempos apostólicos e subapostólicos, como refletido no NT e em outros escritos cristãos primitivos". **[51]**

"A formulação 'Um Deus em três Pessoas' não foi firmemente estabelecida, certamente não totalmente assimilada na vida cristã e em sua profissão de fé, antes do final do quarto século... Entre os Padres Apostólicos, não havia nada remotamente próximo disso. tal mentalidade ou perspetiva". **[52]**

"O trinitarismo do século IV não refletia com precisão o ensinamento cristão primitivo a respeito da natureza de Deus; foi, ao contrário, um desvio desse ensinamento". **[53]**

"O NT não dá nenhuma indicação do ensino de Calcedônia. Aquele concílio não apenas reformulou em outra língua os dados do NT sobre a constituição de Jesus, mas também os reconcertou à luz do pensamento filosófico grego atual. E que reconceptualização e reformulação vão muito além dos dados do NT". **[54]**

A Palavra "Elohim" (Deus) Implica Que Há Mais De Uma Pessoa Na Divindade?

"A ideia fantasiosa de que [*Elohim*] se referia à trindade de pessoas na Divindade dificilmente encontra apoio entre os estudiosos. É o que os gramáticos chamam de plural de majestade, ou denota a plenitude da força divina, a soma dos poderes demonstrados por Deus". **[55]**

"É uma exegese de um tipo malicioso, embora piedoso, que revelaria a doutrina [da Trindade] na forma plural, '*Elohim*'". **[56]**

"'*Elohim*' deve ser explicado como um plural intensivo, denotando grandeza e majestade". **[57]**

Os primeiros dogmáticos eram de opinião que uma doutrina tão essencial como a da Trindade não poderia ser desconhecida dos homens do AT... Entretanto, nenhum teólogo moderno... pode sustentar tal ponto de vista. Somente a exegese imprecisa que ignora os fundamentos mais imediatos da interpretação pode ver referências à Trindade na forma plural do nome divino "*Elohim*", o uso do plural em ***Gênesis 1:26*** ou frases litúrgicas de três membros, como a bênção de Aarão. de ***Números 6:24-26*** e o Triságio de ***Isaías 6:3***. **[58]**

A forma plural do nome de Deus, "*elohim*", nas Escrituras Hebraicas tem sido frequentemente apresentada como prova da pluralidade de pessoas na Divindade... Tal uso da Escritura provavelmente não promoverá os interesses da verdade, nem será útil para o doutrina. …O

plural de "*elohim*" pode muito bem designar uma multiplicidade de potencialidades divinas na divindade como três distinções pessoais, ou pode ser explicado como o plural de majestade e excelência. Tais formas de expressão são suscetíveis a muitas explicações para serem usadas como textos de prova válidos para a Trindade. **[59]**

Jesus é Deus?

Jesus nunca disse "Eu sou Deus". Ele sempre afirmou ser o Messias, o Filho de Deus.

"Jesus não é Deus, mas o representante de Deus e, como tal, age tão completa e totalmente em nome de Deus que ocupa o lugar de Deus perante o mundo... O evangelho [de João] deixa claro que Deus e Jesus não são, eles devem ser entendido como pessoas idênticas, como em ***João 14:28***, ***'o Pai é maior do que eu***"' **[60]**

"Aparentemente, Paulo não chamou Jesus de Deus". **[61]**

"Paulo habitualmente diferencia Cristo de Deus". **[62]**

"Em nenhum lugar Paulo iguala definitivamente Jesus a Deus.". [**63]**

"Paulo nunca dá a Cristo o nome ou a descrição de 'Deus'". **[64]**

"Quando os escritores do NT falam de Jesus Cristo, eles não falam Dele ou pensam Nele como Deus". **[65]**

"*Karl Rahner* [principal porta-voz católico romano] aponta enfaticamente que o Filho no NT nunca é descrito como "*ho theos"* [o único Deus]". **[66]**

"A evidência clara de [João é] que Jesus rejeita a afirmação de ser Deus... enquanto nega vigorosamente a blasfêmia de ser Deus ou Seu substituto".. **[67]**

"Em sua vida celestial pós-ressurreição, Jesus é descrito como retendo uma individualidade pessoal tão distinta e separada da pessoa de Deus quanto em sua vida terrena como o Jesus terrestre. Ao lado de Deus e comparado a Deus, ele aparece, de fato, como outro ser celestial na corte celestial de Deus, assim como os anjos, embora como Filho de Deus, ele esteja em uma categoria diferente e muito acima deles". **[68]**

"No entanto, o que é dito sobre sua vida e funções como o Cristo celestial não significa ou implica que, em um estado divino, ele esteja em pé de igualdade com o próprio Deus e seja plenamente Deus. Pelo contrário, na imagem do NT de sua pessoa e ministério celestial, vemos uma figura separada e subserviente a Deus.". **[69]**

"Deve-se encarar o fato de que a pesquisa do NT, digamos, nos últimos trinta ou quarenta anos, levou um número crescente de estudiosos respeitáveis do NT à conclusão de que Jesus... certamente nunca acreditou ser Deus". **[70]**

> "Quando [os cristãos do primeiro século] atribuíram a Jesus títulos honoríficos como Cristo, Filho do Homem, Filho de Deus e Senhor, essas eram formas de dizer não que ele era Deus, mas que ele fez a obra de Deus". **[71]**
>
> "Os antigos usaram mal [***João 10:30***: "***Eu e o Pai somos um***"] para provar que Cristo é da mesma essência que o Pai. Porque Cristo não discute sobre a unidade da substância, mas sobre o acordo que ele tem com o Pai". **[72]**
>
> "O Cristo Paulino que realiza a obra da salvação é uma personalidade humana e sobre-humana, não Deus, mas o Filho de Deus. Aqui não está presente a ideia, que se desenvolveria mais tarde, da união das duas naturezas". **[73]**
>
> "Jesus nunca é simplificado [absolutamente] identificado com Deus, pois os primeiros cristãos provavelmente não confundiriam Jesus com Deus Pai". **[74]**
>
> "Para ser um 'Filho de Deus' é preciso ser um ser diferente de Deus!". **[75]**

O Espírito Santo É Uma Terceira Pessoa?

É completamente enganoso ler na Bíblia uma terceira Pessoa, o Espírito Santo. O espírito de Elias (***Lucas 1:17***) não é uma pessoa diferente de Elias. Nem é o Espírito de Deus uma pessoa diferente do Pai. O Espírito Santo é a presença operativa de Deus, Sua mente e caráter. É Deus (e no N T Jesus) impactando a criação com Sua influência criativa. É notável que as saudações nunca são enviadas pelo Espírito e em nenhum texto da Bíblia o Espírito é adorado ou tratado em oração. Paulo equipara o Espírito com o Jesus ressurreto quando diz: "***a qual vem do Senhor, que é o Espírito***" (***2 Coríntios 3:18***, NVI)..

O espírito de Deus e a mente de Deus são lindamente comparados em ***1 Coríntios 2:16***, onde Paulo se refere à "***mente de Cristo***", citando ***Isaías 40:13***, que se refere ao Espírito de Deus. O texto hebraico diz "espírito". Mente, coração, espírito e palavra estão intimamente associados na Bíblia. Tornar o espírito uma terceira Pessoa introduziu muita confusão.

As citações a seguir falam por si mesmas como testemunho contra a leitura na Bíblia das conclusões de credos post-bíblicos..

> "Embora o espírito seja frequentemente descrito em termos pessoais, parece bastante claro que os escritores sagrados [das Escrituras Hebraicas] nunca conceberam ou apresentaram esse espírito como uma pessoa distinta". **[76]**
>
> "Em nenhum lugar do AT encontramos qualquer indicação clara de uma Terceira Pessoa". **[77]**
>
> "Os judeus nunca consideraram o espírito como uma pessoa; nem há nenhuma evidência sólida de que qualquer escritor do AT tenha essa visão... O Espírito Santo é geralmente apresentado nos Evangelhos Sinópticos e em Atos como uma força ou poder divino". **[78]**

"O AT claramente não contempla o espírito de Deus como uma pessoa... O espírito de Deus é simplesmente o poder de Deus. Se às vezes ele é representado como diferente de Deus, é porque o sopro de Javé age externamente... A maioria dos textos do NT revela o espírito de Deus como algo, não como alguém; isso é visto especialmente no paralelismo entre o espírito e o poder de Deus". **[79]**

"Em geral, o NT, como o AT, fala do espírito como uma energia ou poder divino". **[80]**

"A terceira Pessoa foi afirmada no Concílio de Alexandria em 362... e finalmente pelo Concílio de Constantinopla em 381". **[81]**

"A base gramatical para a personalidade do Espírito Santo está faltando no NT, mas esta é frequentemente, se não usualmente, a primeira linha de defesa para a doutrina de muitos escritores evangélicos. Mas se a gramática não pode ser legitimamente usada para apoiar a personalidade do Espírito, então talvez precisemos reexaminar o restante de nossa base para esse compromisso teológico". **[82]**

Mais Sobre O Espírito E A Trindade

Mateus 28:19 prova apenas que existem os três assuntos mencionados... mas não prova, por si só, que todos os três necessariamente pertencem à natureza divina e possuem igual honra divina... não prova decisivamente nem a personalidade dos três sujeitos mencionados, nem sua igualdade ou divindade. **[83]**

São Paulo não tinha doutrina da Trindade. O Espírito de Deus, ou Espírito Santo, era para ele (além da identificação com o Cristo Ressuscitado) a energia da natureza divina, universal em sua operação, influenciando a vontade e a inteligência dos homens, a fonte dos sete dons descritos em ***Isaías 11:2***. **[84]**

"Não há evidência positiva de que o Espírito do AT fosse reconhecido como um modo de existência divina, ou como um de uma Trindade de pessoas em essência divina". **[85]**

"No AT o espírito não é um ser pessoal. É um princípio de ação, não um sujeito. Pertence propriamente apenas a Yahweh". **[86]**

Quando o discurso de despedida de João fala do Espírito Santo como pessoa, quando, por exemplo, se diz dele: "***Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis***" (***João 16:13, 14***), que é apenas uma personificação pictórica, pois corresponde à representação do Espírito como outro Advogado (com o Pai) em vez de Jesus; enquanto o mesmo evangelista em sua Primeira Epístola trata o mesmo Espírito impessoalmente como "*chrisma*" (unção), ***1 João 2:26, 27***. O Espírito Santo "ouve" através dos ouvidos espirituais daqueles que o possuem. Ele proclama pela boca do profeta, precisamente quando ele reza e clama "*Abba*" do coração do crente (***Romanos 8:15, 26***). **[87]**

> Que os escritores do NT atribuam uma personalidade [separada] ao Espírito é totalmente improvável. Todos os pensadores antigos estão acostumados a falar sobre abstrações em linguagem pessoal e às vezes esquecem que estão usando metáforas. Os poderes e qualidades são dotados de vida separada e devem agir por sua própria vontade como seres pessoais. Quando o Espírito é, portanto, descrito como advertindo, confortando, guiando, intercedendo, devemos ter cuidado para não pressionar os textos muito literalmente. A conceição do AT de uma energia divina tomando posse dos homens foi tão firmemente estabelecida que nenhum desvio radical dela era possível, e um exame mais detalhado mostra que tal afastamento não foi contemplado. Paulo contrasta o espírito com a carne, como algo da mesma ordem, embora pertencente a uma esfera superior. A ideia subjacente do NT, mesmo quando fala pessoalmente do Espírito, é sempre a de um poder sobrenatural... Ao mesmo tempo, a conceição do Espírito como uma terceira Pessoa na Divindade está bem fora do escopo o NT. a especulação dos escritores. Eles simplesmente pensaram em um poder do alto, que se manifestou na vida dos homens cristãos. **[88]**

A crença no Espírito Santo como uma terceira Pessoa na Divindade foi estabelecida muito depois dos tempos bíblicos. Em Nicéia, em 325, o concílio não foi além de dizer que "cremos no Espírito Santo". Portanto, é impossível estabelecer que se acreditava que o Espírito Santo era uma terceira Pessoa divina do NT em diante. *Gregório de Nazianzo*, Bispo de Constantinopla, escreveu em 380 DC: "Dos sábios entre nós, alguns conceberam [o Espírito Santo] como uma atividade, alguns como uma criatura, alguns como Deus; e alguns não têm certeza de como chamá-lo, por reverência às Escrituras, dizem eles, como se isso não esclarecesse o assunto de forma alguma". **[89]**

É impossível, com base na evidência desta citação, que existisse uma doutrina das três pessoas coiguais em um só Deus, mesmo no final do quarto século. Se uma Trindade ortodoxa não foi estabelecida trezentos anos após os tempos do NT, como os protestantes podem afirmar que é uma doutrina cristã indispensável?

"A ideia do Espírito Santo ou Espírito de Deus foi derivada do judaísmo. Os primeiros cristãos geralmente pensavam nele não como um ser ou pessoa individual, mas simplesmente como o poder divino em ação no mundo e particularmente na Igreja". **[90]**

João 1

> Em nenhum desses casos [incluindo ***João 1:1***] "*theos*" [Deus] é usado de forma a identificar Jesus com aquele em outra parte do NT listado como "*o theos*", isto é, o Deus Supremo. os escritores do NT acreditavam que é vital que os fiéis confessassem Jesus como "Deus", a quase total ausência dessa forma de confissão no NT é explicável? **[91]**

Quando o professor *Hort* produziu seu tratado sobre João 1, ele apontou esses fatos importantes. "Filho unigênito" é a tradução correta de "*monogenes*". As recentes tentativas modernas de livrar a palavra da ideia de gerar falham, porque a raiz da palavra é baseada no verbo "*ginomai*", que significa vir a ser. Os pais da igreja que conheciam bem o grego entendiam a palavra. De qualquer forma, todos na Bíblia pensam em um "unigênito" como um filho e todos os filhos são derivados dos pais. *Hort* insiste que "*monogenes theos*" ("Deus unigênito") em ***João 1:18*** (se essa é a leitura correta, o que é duvidoso) descreve a "forma mais elevada de ser derivado". **[92]** Ele admite que "a ideia de uma Paternidade e Filiação antecedente [pré-

existente] dentro da Divindade, distinta da Filiação manifesta da Encarnação... não é enunciada [por João] em nenhum lugar em palavras expressas". **[93]**

A Palavra Em João 1:1

A "palavra" de Deus [no AT] às vezes é mencionada como tendo uma existência objetiva e possuindo um poder nativo de autorrealização. A "sabedoria" de Deus em algumas passagens não é mais um atributo de Deus, mas uma personificação de Seu pensamento. Em ***Provérbios 8***, "sabedoria" é o plano ou visão de mundo de Deus, a estrutura articulada do universo como um organismo moral. Sua criação é o primeiro movimento externo da mente divina. Projetado fora da mente de Deus, ele se torna objeto de sua própria contemplação; é "com" Deus [compare, ***João 1:1***: "***e o Verbo*** [A Palavra] ***estava com Deus***", o que não significa que a palavra era outra pessoa]. **[94]**

As traduções em inglês da Bíblia grega antes da KJV traduziam ***João 1:3, 4***: "***Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida***". Da mesma forma, várias traduções modernas em alemão e francês descrevem a palavra como "isso", não "ele". Não há razão, portanto, para pensar na palavra como uma pessoa, até que seja incorporada em Jesus em ***João 1:14***. **[95]**

Lembre-se que "palavra" na Bíblia Hebraica, o pano de fundo do NT, nunca significou uma pessoa em todas as suas 1.455 ocorrências. Não há indicação no AT de que o Messias seria uma pessoa antes de sua conceição. O exato oposto foi ensinado: o Messias não seria expressamente Deus Todo-Poderoso, **[96]** mas um único profeta final como Moisés, nascido de uma família em Israel (veja ***Deuteronómio 18:15-19; Atos 3:22; 7:37***) ..

A maioria dos leitores da Bíblia se envolve em uma "mudança" interessante quando chega ao versículo inicial de João: "***No princípio era o Verbo*** [aqui o significado é assumido como: No princípio era o Filho de Deus, o segundo membro do Trindade], ***e o Verbo*** [entendido como Filho] ***estava com Deus*** [Deus aqui é entendido como Pai]" — e o que vem a seguir? "***E o Verbo*** [Filho] ***era Deus*** [o Pai]". "O Filho era o Pai" é obviamente incorreto. Mas, para evitar isso, os trinitarianos mudam a palavra "Deus" em ***João 1:1***, no meio da frase, de "Pai" para "membro da Divindade". Certamente isso é muito insatisfatório e implica a leitura de uma teologia muito posterior em João.

Podemos expressar o ponto de maneira semelhante, substituindo "Jesus" por "Palavra":

> Os ouvintes de João em hebraico não teriam perdido a conexão que João estava fazendo com aquelas três primeiras palavras, idênticas às palavras que iniciam o livro de Gênesis. No NT, quando você vê a palavra "Deus", ela se refere a Deus Pai. Temos mais de mil exemplos disso no NT. Em duas ocasiões apenas para certo "deus" refere-se a Jesus (***Hebreus 1:8; João 20:28***).
>
> Deus = o Pai. Aplicando este fato de que Deus significa o Pai, o versículo diz: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com o Pai, e o Verbo era o Pai". Quem ou o que é a Palavra? Se a Palavra = Jesus, então diz: "No princípio era Jesus, e Jesus estava com o Pai, e Jesus era o Pai". Jesus era o Pai?!

> Se a Palavra = o Filho, então diz: "No princípio era o Filho, e o Filho estava com o Pai, e o Filho era o Pai". O Filho era o Pai?!
>
> Isso é confusão. Quando você assume que "a Palavra" é uma pessoa (chamada Jesus, ou o Filho), a contradição resultante (o Filho era o Pai) prova que *essa suposição é falsa*. "A palavra" sobre a qual João escreveu era apenas isso: a palavra falada de Deus, o Pai, que é conhecido nas Escrituras Hebraicas pelo nome de YHWH, o Criador. A palavra no prólogo de João não é uma pessoa, mas a palavra falada do Criador, pela qual tudo foi criado. **[97]**

Somente quando João é mal interpretado como "No princípio era o Filho" é que o monoteísmo da Bíblia é perturbado, as narrativas sinóticas do nascimento são contraditas e o Jesus humano é substituído. Se o Filho existia no princípio, em vez da palavra ou da promessa como intenção de Deus, então Jesus é identificado com Javé e há dois Javé e, portanto, dois Deuses. Mas, como observou um erudito professor: "Era impossível para os apóstolos identificar Cristo com Jeová. O ***Salmo 110:1*** e ***Malaquías 3:1*** impedirán isso". **[98]**

O Dr. *Colin Brown*, editor-geral do "*The New International Dictionary of New Testament Theology*" (O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento), escreveu: "É uma leitura errada comum, mas evidente, do início do Evangelho de João, lê-lo como se dissesse: 'No princípio era o Filho, e o Filho estava com Deus, e o Filho era Deus' (***João 1:1***). O que aconteceu aqui é a substituição do Filho pelo Verbo". **[99]**

Em ***Marcos 10:18*** Jesus disse: "***Ninguém é bom senão um, que é Deus***". Esta "frase crucial também pode ser traduzida: '… mas o único Deus'… Este texto distingue fortemente entre Jesus e Deus… A partir deste texto nunca se suspeitaria que o evangelista [ou Jesus!] pensava em Jesus como Deus". **[100]** Há verdade nesta declaração: "A cristandade acabou com o cristianismo sem muito estar ciente disso". **[101]**

As Provas Massivas Das Estatísticas

Existem doze mil ocorrências de palavras que significam "Deus" na Bíblia (*Elohim, Yahweh, Adonai, Theos*). Nenhuma destas ocorrências da palavra "Deus" significa Deus em três Pessoas ou um Deus trino. Assim, nenhum escritor bíblico alguma vez falou de um Deus trino. A Concordância de Strong dá "a Trindade" como uma definição de Deus (*theos*) de forma muito enganadora. Não cita exemplos bíblicos, e não há nenhum. A visão tradicional de Deus é realmente baseada nas Escrituras ou representa um afastamento do credo bíblico e do credo bíblico de Jesus?

Uma Queda Da Verdade Original

Os principais estudiosos modernos refletem sobre a mistura problemática da Bíblia e da filosofia que é o legado da maioria das igrejas em nosso tempo. O remédio para o problema que eles destacam seria retornar ao credo do próprio Jesus:

> À medida que o cristianismo rompeu com suas raízes hebraicas e assumiu a forma helenística e romana, perdeu sua esperança escatológica e abandonou sua alternativa apocalíptica a "este

> mundo" de violência e morte. Fundiu-se com a religião gnóstica da redenção da antiguidade tardia. Começando com *Justino,* a maioria dos Padres reverenciava *Platão* como um "cristão antes de Cristo" e exaltava seu sentimento pela transcendência divina e pelos valores do mundo espiritual. A eternidade de Deus agora tomou o lugar do futuro de Deus, o céu substituiu o Reino vindouro... a imortalidade da alma substituiu a ressurreição do corpo... Todos os padres gregos e latinos tiveram que lutar contra essa religiosidade gnóstica contemporânea, e a maioria sucumbiu a ela... Uma espiritualidade gnóstica, de fato, substitui a original vitalidade judaica e cristã da vida renascida do Deus criador. **[102]**

Essa infeliz tendência prevalece hoje, quando o Jesus apresentado na igreja não é mais o Filho de Deus criado, criado na história, mas uma figura mística transcendente co-igual a Deus. O judaísmo essencial da fé, ensinado pelos profetas de Israel e pelo próprio Jesus, foi suprimido.

O Desafío Para A Igreja

O professor *J. Harold Ellens* lançou este desafio à Igreja para continuar com os negócios inacabados da Reforma e recuperar o credo e a cristologia de Jesus.

> Parece evidentemente verdade que a agenda dos concílios ecumênicos da Igreja Cristã durante os séculos IV e V, que moldaram permanentemente a tradição dogmática da fé cristã, definindo a natureza da ontologia divina [quem é Deus] e da cristologia operativa, não era uma agenda bíblica. Era antes um tipo especial de agenda helenística e neoplatônica. Na verdade, acaba sendo uma versão modificada da agenda do judaísmo helenístico de *Philo,* mediada pelos teólogos alexandrinos e sua escola catequética. O objetivo da agenda, assim como a ambição de Philo, era racionalizar a tradição do monoteísmo bíblico em uma teologia filosófica grega cristianizada, moldada pela linguagem, categorias conceituais e contexto cultural corrente na época e local desses debates teológicos conciliares seminais. ou seja, em termos do platonismo médio filônico e subsequente linguagem neoplatônica, categorias e modelos hierárquicos da Divindade. **[103]**

J. Harold Ellens defende nosso argumento com base em um testemunho claro do que a Igreja fez com sua figura central:

> Portanto, é hora de a Igreja cristã reconhecer que possui um tipo de material muito especial que constitui sua tradição credal. Não é uma tradição de credo da teologia bíblica. Não é uma palavra única, inspirada e autorizada de Deus. É, antes, um tipo especial de mitologia filosófica religiosa grega... A Igreja deveria francamente admitir, então, que suas raízes não estão em Jesus de Nazaré... nem na tradição central da Teologia Bíblica... Suas raízes são estão no judaísmo helenístico filônico e no neoplatonismo cristianizado do segundo ao quinto séculos. Sendo assim, a Igreja deve reconhecer ao mundo dos seres humanos que buscam a verdade e ao mundo das religiões alternativas que a Igreja Cristã fala apenas com sua própria autoridade e apelo histórico e filosófico e sem autoridade divina ou revelação única de Jesus Cristo, ou de Deus. **[104]**

A complicação de Deus pela adição de duas outras Pessoas inevitavelmente levou à complicação da personalidade messiânica de Jesus. Uma vez que ele se tornou Deus, o verdadeiro monoteísmo foi violado. O resultado:

> Jesus Cristo não era mais um homem de carne e osso como nós, mas um ser celestial de origem sobrenatural em forma humana. Com a ajuda de um sistema metafísico retirado da filosofia grega, nasceu o dogma cristológico e tentou-se descrever a pessoa de Jesus Cristo na forma da chamada "Doutrina das duas naturezas". "Jesus Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus". Isso é o que os homens disseram... Desde o início até hoje, a Igreja foi tentada a enfatizar a "divindade" de Cristo de forma tão unilateral que sua "masculinidade" ameaçou se tornar uma mera aparência. Desta forma, Jesus Cristo tornou-se uma anormalidade histórica... O que aconteceu com este Cristo não foi mais o destino de um homem, mas o destino de uma figura notável, sombria, de conto de fadas, meio homem e meio Deus. ... [Os homens] teceram um véu dourado de adoração piedosa, amor e superstição e o espalharam sobre os contornos ásperos da ação de Deus na história. **[105]**

De Cambridge, nos últimos anos, vem a análise igualmente impressionante do desastre que ocorreu quando o Jesus judeu foi substituído por um Filho eterno preexistente: "As consequências desse processo de reinterpretação pelo qual 'o Filho de Deus' tornou-se identificado com 'Deus o Filho' são realmente poderosos". O professor *Geoffrey Lampe* aponta que quando o Filho foi novamente projetado em um Filho pré-humano eternamente existente, e quando o espírito santo se tornou uma terceira "hipóstase", "o conceito cristão de Deus torna-se iniludivelmente tri-teísta; porque três 'pessoas' no sentido moderno da palavra 'pessoa' significam de fato três Deuses". **[106]**

> Os efeitos, no entanto, especialmente na piedade popular, foram ainda mais abrangentes do que isso. O Credo Niceno fala de 'Jesus Cristo' em pessoa, não do *Logos*, como pré-existente... Portanto, é o Jesus dos Evangelhos que a imaginação do adorador descreve como pré-existente no céu e descendo à terra. A imagem de Jesus refletida em grande parte da devoção tradicional é essencialmente a de um super-homem que voluntariamente desce ao mundo dos mortais comuns, escolhendo, por um ato deliberado de vontade, nascer como homem...
>
> Deus, o Filho, é conceituado como Jesus, o Filho de Deus; a obediência de Jesus, Servo e Filho de Deus, o verdadeiro Adão habitado e inspirado por Deus... é atribuída a Deus Filho; Deus Filho torna-se eternamente sujeito da entrega de Jesus à vontade de seu Pai, e eternamente objeto do amor do Pai... Isso significa, com efeito, o abandono do monoteísmo, pois tal relação entre Deus Filho e Deus o Pai é incompatível com a exigência do monoteísmo de que predicamos de Deus uma mente, uma vontade e uma operação. **[107]**

O professor *Lampe* era um especialista no desenvolvimento post-bíblico da Trindade e também observou que "a interpretação de Jesus como o Filho preexistente e do Filho como um Jesus preexistente causa incoerência e confusão". A doutrina "derivada da identificação de Jesus com um ser divino pessoal preexistente é, em última instância, incompatível com a unidade de Deus". **[108]**

Igualmente problemático para um verdadeiro monoteísmo e um Messias genuinamente humano é o conceito trinitário do Filho como "assumindo a natureza humana". O professor *Lampe* nos lembra que "uma pessoa é criada por seus relacionamentos com outras pessoas e, principalmente, por sua interação com seus

pais e familiares". **[109]** O que então aconteceu com Jesus, o judeu galileu do primeiro século? Ele foi perdido e substituído por uma abstração filosófica cuja identidade como filho de Davi e, portanto, como o verdadeiro e único Messias, tornou-se irrelevante.

> O conceito cristológico do Filho divino preexistente... reduz a personalidade real, social e culturalmente condicionada de Jesus à abstração metafísica da "natureza humana". É esta humanidade universal que o Filho assumiu e fez sua... Segundo esta cristologia, o Filho eterno assume uma natureza humana intemporal, ou torna-a intemporal fazendo-a sua; é uma natureza humana que nada deve de essencial às circunstâncias geográficas; não corresponde a nada no mundo concreto atual; Afinal, Jesus Cristo realmente não "veio em carne". **[110]**

O leitor atento notará que o professor obviamente atribui à doutrina ortodoxa de Jesus o rótulo de anticristo. Foi o apóstolo João quem alertou no final do período do NT que qualquer redução do indivíduo humano Jesus Cristo a uma personalidade não essencialmente humana é uma ameaça à verdadeira fé (***1 João 4:2, 3***). O Jesus a ser confessado, ao contrário do outro Jesus, é aquele que verdadeiramente "se fez carne", como pessoa plenamente humana. *Lutero* estabeleceu o padrão para ler na "prova teológica" de João a definição post-bíblica de Jesus. *Lutero* traduz erroneamente ***1 João 4:2*** como "Jesus Cristo vindo em carne". **[111]** A doutrina da Encarnação foi assim imposta a João.

O professor *Lampe* perguntou em uma palestra em Cambridge: "Que futuro para a Trindade?" "À doutrina tradicional e clássica da Trindade, sou compelido a responder, mesmo dentro destas paredes do *Trinity College*, 'Não muito'". Refletir sobre a triste história da imposição do dogma:

> "Esta é a fé católica: a menos que um homem acredite fielmente, ele não pode ser salvo". Isso foi parafraseado em linguagem menos digna: "Aceite meu modelo ou eu o farei com você", ou melhor, "Este é o modelo de Deus: aceite ou ele fará com você", ao que um número preocupantemente grande de cristãos no passado estavam ansiosos para acrescentar, "e estou pronto para agir como agente de Deus". **[112]**

Lampe explica como o modelo messiânico original de Jesus como filho de Davi se transformou em um modelo diferente, baseado na filosofia platônica. O "*Logos*" foi então equiparado a um Filho pré-existente. "Mas o modelo de um *Logos*/Filho preexistente sempre foi extraordinariamente difícil, muitos diriam impossível, de conciliar com a alegação da masculinidade genuína do Jesus histórico". **[113]**

Como O Filho Humano De Deus Foi Reprimido

Adolf Harnack, príncipe dos historiadores da igreja, em sua História do Dogma explica a mudança de uma compreensão de Jesus para outra radicalmente diferente. Ele chama isso de "deslocamento ou supressão do Cristo histórico pelo Cristo preexistente, isto é, o Cristo real pelo Cristo imaginado ou fictício". **[114]** Isso aconteceu através da dogmática, isto é, os dogmas da Igreja. Enquanto os teólogos lutavam com os teólogos, esse desenvolvimento, diz ele, acabou levando a:

> a tentativa triunfante de se livrar da especulação anterior sobre Deus e Cristo, não voltando aos ensinamentos originais, mas por um "avanço" mais especulativo – um avanço que finalmente dividiu o monoteísmo e o enfraqueceu, e também tornou Cristo irreconhecível ao

> dividi-lo [isto é, em duas "naturezas"] … Quando a cristologia do "*logos*" [isto é, a ideia de que Jesus era pré-existente como o Filho de Deus] triunfou completamente, a condenação do ensino do monoteísmo estrito levou à substituição do gnóstico ensino de duas naturezas sobre Cristo... Este aparente enriquecimento de Cristo equivalia a um empobrecimento, porque, de fato, obliterava toda a personalidade humana de Cristo. A "natureza" tomou seu lugar, mas a natureza do ser humano sem a "pessoa" é um ninguém. **[115]**

Em seu livro "*What Is Christianity?*" (O que é cristianismo?) *Harnack* escreveu: "Sob a influência do dogma... o próprio aparecimento de Cristo, a entrada de um ser divino no mundo, passou necessariamente a ser classificado como o fato principal, como a própria redenção real". *Harnack* diz que "com os gregos, isso inevitavelmente lançou toda uma nova teoria". Ele destruiu a ideia messiânica. Com esta nova visão de redenção, ou seja, a entrada no mundo da vida pré-existente de uma pessoa, "a própria existência do Evangelho foi ameaçada por desviar os pensamentos e interesses dos homens em outra direção. Quando olhamos para a história do dogma, quem pode negar que foi isso que aconteceu?" **[116]**

Em sua História do Dogma, *Harnack* aponta que:

> a primeira oposição formulada à cristologia do "*Logos*" [isto é, que o Filho existia antes de seu nascimento] ... foi... provocada pelo interesse na ideia sinótica evangélica de Cristo [a imagem de Jesus apresentada por Mateus, Marcos e Lucas]. Combinado com isso estava o ataque contra o uso da filosofia platônica na doutrina cristã... Toda a interpretação teológica dos dois primeiros artigos da regra de fé foi novamente gradualmente envolvida em controvérsia [como ainda hoje!] ...
>
> Mas a doutrina de um *aeon* celestial, encarnado no Redentor, não continha outro remanescente do antigo fermento gnóstico? O envio do "*Logos*" [isto é, entendido como o Filho pré-existente, e não como a palavra] para criar o mundo, ele não se lembrou da emanação dos *éons*? Não foi estabelecido o diteísmo [crença em dois deuses] se dois seres divinos fossem adorados? Não apenas leigos cristãos incultos foram levados a tal crítica... mas também todos aqueles teólogos que se recusaram a dar lugar à filosofia platônica na dogmática cristã. Começou um conflito que durou mais de um século... [Não foi] diretamente uma guerra de teólogos contra os leigos, porque não eram os leigos, mas apenas os teólogos que haviam adotado o credo dos leigos, que se opunham aos seus crenças irmãos. Devemos descrevê-lo como o árduo esforço do platonismo estoico para obter supremacia na teologia da Igreja; A vitória de Platão... a história do *deslocamento do* [Cristo] *histórico pelo Cristo pré-existente, do Cristo da realidade pelo* [Cristo imaginado], na dogmática; enfim, como a tentativa vitoriosa de substituir a própria pessoa pelo mistério da pessoa de Cristo e, por meio de uma fórmula teológica ininteligível para eles, colocar os leigos com sua fé cristã sob guardiães... Quando a cristologia da "*Logos*", a visão tradicional da divindade suprema como uma única pessoa, obteve vitória total e, junto com isso, todo pensamento da personalidade humana real e completa do Redentor foi de fato condenado como intolerável na Igreja. Seu lugar foi ocupado pela "natureza" [de Cristo], que sem "a pessoa" é simplesmente uma figura. A parte derrotada tinha a razão a seu favor. **[117]**

A importância dessa mudança de pensamento do Jesus histórico real pode ser medida pela óbvia diferença entre Pedro e Paulo, por um lado, e a inovação post-bíblica encontrada em ***2 Clemente***, por outro.

O ponto de vista bíblico é este: Jesus "***antes da fundação do mundo***" (***1 Pedro 1:20***). Paulo: "***Mas não é primeiro o espiritual, e sim o natural; depois, o espiritual. O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu***" (***1 Coríntios 15:45, 46***).

O espiritual não é o primeiro, mas o segundo. No entanto, quando chegamos à carta não bíblica ***2 Clemente***, a ordem de Adão e Cristo foi invertida: "*Cristo, o Senhor, nos salvou, sendo o primeiro espírito que se fez carne, e assim nos chamou*". Essa foi a visão cosmológica de Cristo introduzida pelos gregos e mudou a natureza do cristianismo em sua essência. Sobre esse conceito – ou seja, que uma pessoa espiritual preexistia ao Jesus humano histórico – a nova forma de fé foi construída. O monoteísmo em sua forma judaica, conforme afirmado por Jesus, foi perdido. Este "espírito de Jesus" preexistente era "o credo teológico e filosófico fundamental sobre o qual todas as especulações trinitárias e cristológicas da Igreja dos séculos seguintes são construídas e, portanto, a raiz do sistema ortodoxo de dogmática". **[118]**

Foi essa mudança, a inversão da ordem histórica de Adão e Jesus, que mais tarde levou os teólogos gnósticos a falar do Filho passando por Maria "como água por um cano". **[119]** Quando essa visão prevaleceu, a identidade de Jesus como um parente consanguíneo de Davi através de Maria estava em risco. O centro da personalidade de Jesus não era mais o filho de Davi, com Deus como Pai, mas o de uma Pessoa vinda de outra esfera e, portanto, essencialmente não-humana. A Igreja aqui adotou uma visão gnóstica enquanto afirmava publicamente *se opor* às visões gnósticas de Jesus. A Igreja, de fato, rejeitou as formas flagrantes da cristologia gnóstica, mas foi infetada por um gnosticismo modificado. Sua cristologia então se tornou e continua sendo "cripto-gnóstica". A reversão dessa tendência pode ser realizada retornando às próprias definições de Jesus sobre Deus e sobre si mesmo como o Messias.

A virada fatal dos eventos teológicos, que começou no segundo século e veio a ser claramente expressa na obra de *Justino, o Mártir*, foi bem resumida pelo professor Loofs, que descreveu o processo de corrupção inicial do cristianismo bíblico.:

> Os apologistas ["pais da igreja" como *Justino Mártir*, ca. 100-165] lançou as bases para a perversão/corrupção (*Verkehrung*) do cristianismo em um ensinamento [filosófico] revelado. Especificamente, sua cristologia afetou desastrosamente o desenvolvimento posterior. Ao dar como certa a transferência do conceito do Filho de Deus para o Cristo pré-existente, eles foram a causa do problema cristológico do século IV. Eles causaram uma mudança no ponto de partida do pensamento cristológico — *longe do Cristo histórico* e em direção à questão da preexistência. Assim, eles desviaram a atenção da vida histórica de Jesus, colocando-a nas sombras e promovendo, em vez disso, a Encarnação [isto é, de um Filho pré-existente]. Eles ligaram a cristologia à cosmologia e não conseguiram vinculá-la à soteriologia. O ensino do "*Logos*" [isto é, que Deus Filho literalmente pré-existiu como o *Logos*] não é uma cristologia "mais elevada" do que a usual. Na verdade, está muito aquém da genuína apreciação de Cristo. Segundo seu ensinamento, não é mais Deus quem se revela em Cristo, mas o "*Logos*", o Deus inferior, um Deus que, como Deus, está subordinado ao Deus Altíssimo (inferiorismo ou subordinacionismo). Além disso, a supressão das ideias econômicas trinitárias por conceitos metafísicos-pluralistas da tríade divina (trias) remonta aos apologistas. **[120]**

Aqueles que se dedicam a restaurar a identidade do Jesus bíblico, Filho de Deus, podem se animar com as palavras incisivas desse importante teólogo sistemático.

Quando Justino respondeu ao pedido de *Trifão*, o judeu, por evidências de que o Filho "se submeteu para ser feito homem pela Virgem", *Justino* produziu uma série de textos de prova. **[121]** *Justino* é um dos primeiros "apologistas" a encontrar o Filho no "nós" de Gênesis 1:26, a ler o Filho de Deus no anjo do Senhor no VT e a iniciar um relacionamento duradouro. imagem do Filho como derivada do Pai antes do nascimento do Filho, como a luz do sol que atinge a terra está relacionada ao sol. **[122]** Quando Justino se referiu ao Filho como "outro Deus", ele colocou em movimento a infeliz tendência que levou à perda do próprio monoteísmo de Jesus.

Profesor Bart Ehrman

Em tempos muito recentes, a boa erudição confirma o nosso ponto de vista de que o Filho Trinitário de Deus da tradição eclesiástica tem pouca semelhança com o verdadeiro Jesus da história. *Bart Ehrman* encorajou o público a pensar em Jesus como ele realmente era: um "profeta apocalíptico do novo milénio". Recordando-nos da bomba teológica lançada contra "o sistema" por *Albert Schweitzer*, *Ehrman* conclui que Jesus foi de facto um apocalíptico judeu do primeiro século, anunciando o Reino de Deus como uma intervenção cósmica vindoura de Deus para corrigir os terríveis erros da humanidade. os nossos sistemas atuais e estabelecer a paz na terra, enviando Jesus de volta. *Ehrman* salienta que é "estranho que os estudiosos não se tenham esforçado por partilhar essa evidência com todos os outros" **[123]**, evidência que não só torna Jesus inteligível no primeiro século, como também nos adverte contra inventá-lo na nossa própria imaginação ou aceitá-lo acriticamente a partir das nossas próprias tradições.

Examinando as evidências do NT, *Ehrman* conclui que: Jesus estava entre uma longa linhagem de profetas judeus que entenderam que Deus logo iria intervir neste mundo, derrubar as forças do mal que o governavam e criar um novo reino no qual haveria não haverá mais guerra, doença, catástrofe, desespero, ódio, pecado ou morte. **[124]**

O Evangelho como Jesus pregou era sobre a vinda do Reino de Deus. **[125]** Hoje esse Evangelho geralmente não é o Evangelho pregado na igreja. A diferença é impressionante. Mas igualmente surpreendente é o muito complexo Jesus da Igreja com "duas naturezas", totalmente Deus e totalmente homem, vindo à Terra de uma vida pré-histórica eterna como Deus, um membro de uma Divindade trina.

Ehrman discute o desenvolvimento de visões sobre quem era Jesus e nos lembra das várias opções que não se tornaram "ortodoxas", por exemplo, que não foi Cristo quem foi crucificado, mas Jesus, em quem Cristo entrou em seu batismo. Esse modelo que realmente fazia de Jesus dois seres diferentes, produzindo uma espécie de "dupla pessoa", não se tornou a linha oficial adotada pela Igreja e, portanto, o centro do cristianismo. Mas, diz *Ehrman*:

> mesmo a linha oficial, ou seja, aquela que acabou ganhando mais adeptos e assim se tornou a interpretação padrão, não surgiu da noite para o dia. Tampouco estava diretamente ligada às palavras e ações reais do Jesus histórico. **[126]**

Ehrmann acrescenta:

> Deve ficar claro que as preocupações que conduziram os debates sobre quem era Cristo [produzindo a decisão dos concílios da igreja de chamá-lo de Deus] estavam muito distantes

> das preocupações do próprio Jesus... Em vez de tentar entender o que poderia ter significado um judeu palestino do primeiro século. Na Palestina do primeiro século, [os membros da igreja hoje] veem as palavras e ações de Jesus à luz de suas próprias crenças sobre ele. Em outras palavras, os cristãos tendem a interpretar a vida de Jesus de uma perspetiva dogmática e não histórica. **[127]**

Ehrman acha irônico, assim como nós, que a evidência histórica tenha sido muitas vezes negligenciada por aqueles que construíram a posterior definição dogmática de Deus e Jesus, aqueles envolvidos em "debates sobre os quais Jesus não tinha conhecimento ou interesse". **[128]**

O resultado final do desprezo por Jesus como ele realmente era é este:

> Um dos ramos do cristianismo que tem sido sistematicamente marginalizado nos últimos 1.900 anos foi aquele que levou a sério as palavras autênticas de Jesus... O Jesus histórico não ensinou sobre sua própria divindade [Divindade] nem lhe foi dado. sobre seus discípulos. as doutrinas que mais tarde foram incorporadas ao credo niceno. **[129]**

"*Jesus não era trinitário*" representa aquela corrente "marginalizada" do cristianismo que luta para reter as palavras do próprio Jesus. Nosso ponto é que a declaração centralmente importante de Jesus de que Deus é uma Pessoa está entre aquelas palavras preciosas e instrutivas que a Igreja rejeitou e rotulou de "judaica". Mas Jesus era judeu e devemos nos relacionar com ele dentro desse contexto, para não cairmos em "outro Jesus".

O Desafio Da Honestidade

Tom Harpur relembra uma conversa com um membro experiente da igreja que observou que entendia "pouco ou nada" dos credos recitados na igreja. *Harpur* então reclama:

> De fato, muito poucos pregadores podem dar uma explicação razoável da doutrina da Trindade ou da doutrina da Encarnação, ou seja, que Jesus era verdadeiramente humano e, ainda assim, totalmente Deus. Eles repetem fórmulas que foram inventadas, com muita disputa e amargura, nos séculos IV e V... Essas fórmulas... levantam uma barreira intransponível para muitos que de outra forma poderiam se tornar discípulos de Jesus em nossos dias... Eles simplesmente não t você pode encontrar a doutrina da Trindade declarada em qualquer lugar da Bíblia... Como um judeu piedoso, [Paulo] teria ficado chocado e ofendido com tal ideia. **[130]**

A pesquisa de Harpur o leva a acreditar que "muito poucos clérigos transmitem o que aprenderam na escola de teologia sobre a erudição bíblica contemporânea... Certamente é hora de mais honestidade do púlpito". Ele também aponta para o fato alarmante de que "a grande maioria dos fiéis regulares são, para todos os propósitos práticos, tri-teístas". **[131]** Isso não atraiu o tipo de crítica de Jesus que motivou sua alarmante advertência de que é possível "substituir os mandamentos de Deus por [nossos] ensinos feitos pelo homem"? (***Mateus 15:9***, NTV).

Jesus O Filho De David e de Deus

O NT começa com uma manchete definitiva sobre Jesus. "***Livro da genealogia*** [génesis] ***de Jesus Cristo, filho de Davi***" (***Mateus 1:1***). Os sábios do oriente vieram adorá-lo "***Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?***" (***Mateus 2:2***) e para encontrar o príncipe "***que há de apascentar a meu povo, Israel***", cujo local de nascimento era Belém (***Mateus 2:6***). Maria deu à luz um menino depois de engravidar sobrenaturalmente. Somente quando um tsunami de especulações filosóficas gregas dominou a história bíblica é que Jesus ascendeu ao status de Deus Filho, rivalizando com o Deus de Israel. Com este movimento fatídico, a Igreja descartou a estrutura judaica dentro da qual a história bíblica ocorre e dentro da qual ela só faz sentido.

Ninguém que abre um NT e lê a história incomparável da origem de Jesus será levado a pensar que "Deus nasceu" ou que, como um padre católico romano colocou na televisão, "Deus veio a Maria e disse: ' Você quer Por favor, seja minha mãe?"' Tampouco, como *Max Lucado*, citado pelo Dr. *Charles Swindoll*, escreveu que "Mary trocou a fralda de Deus". **[132]** A verdadeira história de Deus é incomparavelmente mais nobre e desafiadora para o nosso mundo caótico. É a história do que o Deus Único de Israel fez e fará em Seu único Filho prometido, o Messias de Israel, descendente de Davi e Salvador do mundo. Certamente é hora de o testemunho do NT sobre aquele extraordinário filho prometido de Davi ser levado com a maior seriedade, como a verdadeira história em que os crentes devem acreditar.

O Jesus da piedade e da tradição popular não corresponde claramente ao Jesus bíblico que adorava o Deus Único de Israel. Devemos evitar um pseudo-salvador de "conto de fadas" que usurpou a posição do Messias de Deus. Coroando nosso esforço conjunto para retornar ao Jesus da história, haverá o renascimento da teologia unitária de Jesus e da Bíblia, de que Deus é uma Pessoa, o Pai.

Notas Finais Capítulo 12

[1] *La Due*, "*Trinity Guide to the Trinity*" (Guia da Trindade para a Trindade), 26. O autor prossegue dizendo que a "*Trinitarian view*" (Visão Trinitária) de João inspirou Inácio e Irineu.

[2] *Robert Carden*, "*One God: The Unfinished Reformation*" (Um só Deus: A Reforma incompleta), Grace Christian Press, 2002, 115.

[3] *F. F. Bruce*, "*Letter*" (Carta), 13 de junio de 1981.

[4] *E.F. Scott*, "*The Kingdom of God in the New Testament*" (O Reino de Deus no Novo Testamento), 156, reflectindo sobre como o Reino apocalíptico de Deus no ensino de Jesus foi alterado pela Igreja. Uma mudança semelhante é encontrada na doutrina de Deus da Igreja como Trindade.

[5] *Richard Armstrong*, "*The Trinity and the Incarnation*" (A Trinidad e a Encarnacão), 8.

[6] "*A Spiritual Autobiography*" (Uma autobiografia espiritual), Eerdmans, 1975, 50.

[7] "*The Authentic Jesus*" (O Jesus Autêntico), Marshalls, 1985, 33, 31.

[8] *J.L. Mosheim*, "*Institutes of Ecclesiastical History*" (Institutos de Historia Eclesiástica), Nueva York: Harper, 1839, 1:399.

[9] *Norton*, "*Statement of Reasons for Not Believing the Doctrines of Trinitarians*" (Declaração de razões para não acreditar nas doutrinas trinitárias), 373-374.

[10] *Maurice Wiles*, "*The Remaking of Christian Doctrine*" (A reconstrução da doutrina cristã), 54, 55.

[11] Profesor G.W. "*Buchanan, from correspondence*" (Buchanan, de correspondência), 1994.

[12] "Trinity" (Trindade), The Oxford Companion to the Bible, Oxford University Press, 1993, 782.

[13] J. A. *Dorner*, "*History of the Development of the Doctrine of the Person of Christ*" (História do Desenvolvimento da Doutrina da Pessoa de Cristo), T & T Clark, 1889, Div. 1, 2:330.

[14] "*Dogma, Dogmatic Theology*" (Dogma, Teologia Dogmática), Encyclopedia Britannica, 14ª edición, 1936, 7:501, 502.

[15] *HAW Meyer*, "*Commentary on the Gospel of John, on John 17:3*" (Comentário sobre o Evangelho de João, sobre João 17:3).

[16] "*The Gospel According to St. John*" (O Evangelho segundo João), Westminster, 1978, 504.

[17] *A.T. Hanson*, "*The Image of the Invisible God*" (La imagem do Deus invisível), 87.

[18] *WR Matthews*, "*God in Christian Experience*" (Deus na experiência cristã), 1930, rep. Kessinger, 2003, 180.

[19] "*Encyclopedia Britannica*" (Enciclopédia Britânica), 9ª ed., 23:240.

[20] Friedrich Loofs, "*What Is the Truth About Jesus Christ?*" (Qual é a verdade acerca de Jesus Cristo?) Charles Scribner's Sons, 1913, 202, 203.

[21] En ***Hechos 13:33, Hebreos 1:5, 5:5*** a aplicação do Salmo 2:7 é, na realidade, à geração de Jesus em Maria..

[22] *Colin Brown*, "*Trinity and Incarnation*" (Trindade y Encarnacão), Ex Auditu 7, 1991, 87-89, énfasis añadido.

[23] *Ron Rhodes*, "*The Heart of Christianity*" (O Coração do Cristianismo), Harvest House, 1996, 50.

[24] *Gordon J. Wenham*, "*Word Biblical Commentary: Genesis 1-15*" (Comentário Bíblico da Palavra: Génesis 1-15), Word Books, 1987, 27-28.

[25] Para um bom relato desta horrível crueldade em apoio à causa trinitária, ver *Marian Hillar*, "*The Case of Michael Servetus (1511-1553): The Turning Point in the Struggle for Freedom of Conscience*" (O caso de Servetus (1511-1553): O ponto de viragem na luta pela liberdade de consciência), Edwin Mellen Press, 1997.

[26] Citado en *Patricio Navas*, "*Divine Truth or Human Tradition*" (Verdade Divina o Tradição Humana), 138.

[27] Para confirmação desses fatos, veja *Leslie C. Allen*, "*Word Biblical Commentary: Psalms 101-150*" (Comentário da Palavra Bíblica: Salmos 101-150), Word Books, 1983, 81.

[28] "*The Illustrated Bible Dictionary*" (Dicionário Bíblico Ilustrado), 3:1597.

[29] "*New Catholic Encyclopedia*" (Nova Enciclopédia Católica), McGraw-Hill, 1967, 14:304.

[30] "*The Catholic Encyclopedia*" (A Enciclopédia Católica), 15:47.

[31] *Michael O'Carroll*, "*Trinitas: A Theological Encyclopedia of the Holy Trinity*" (Trinitas: Uma Enciclopédia Teológica da Santíssima Trindade), Liturgical Press, 1987, 208.

[32] *James Hastings*, ed., "*Encyclopædia of Religion and Ethics*" (Enciclopédia de religião y ética), T&T Clark, 1913, 6:254.

[33] "*Encyclopedia of Religion*" (Enciclopédia da Religião), Macmillan, 1987, 15:54.

[34] "*New Catholic Encyclopedia*" (Nova Enciclopédia Católica), 14:306.

[35] *Edmund J. Fortman*, "*The Triune God*" (O Deus Triuno), Baker, 1972, xv, 8, 9.

[36] *LL Paine*, "*A Critical History of the Evolution of Trinitarianism*" (Uma história crítica da evolução do trinitarianismo), 4.

[37] *Hastings*, "*A Dictionary of the Bible*" (Dicionário da Bíblia), 2:205.

[38] Esta também é a explicação dada pela Bíblia de Estudo NVI..

[39] *Gordon J. Wenham*, "*Word Biblical Commentary: Genesis 1-15*" (Comentário bíblico da palabra: Gênesis 1-15), 27.

[40] *Emil Brunner*, "*The Christian Doctrine of God*" (A Doutrina Cristiana de Deus), Lutterworth Press, 1962, 1:226.

[41] "*Encyclopedia of Religion*" (Enciclopédia da Religião), 15:54.

[42] *Fortman*, "*The Triune God*" (O Deus Triuno), xv, xvi, 16.

[43] "*The New Encyclopedia Britannica*" (A Nova Enciclopédia Britânica), 1985, 11:928.

[44] *Bernard Lohse*, "*A Short History of Christian Doctrine*" (Uma Breve História da Doutrina Cristã), Fortress Press, 1966, 38.

[45] "The New International Dictionary of New Testament Theology" (O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento), 2:84.

[46] Ibídem., citando a Karl Barth.

[47] *Hans Küng*, "*On Being a Christian*" (Sobre ser cristiano), Doubleday, 1976, 472, 473.

[48] *Arthur Weigall*, "*The Paganism in Our Christianity*" (O Paganismo em nosso Cristianismo), G.P. Filhos de Putnam, 1928, 198.

[49] "*The New International Dictionary of New Testament Theology*" (O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento), 2:84.

[50] *Weigall*, "*The Paganism in Our Christianity*" (O Paganismo em Nosso Cristianismo), 197.

[51] "*Encyclopedia of Religion and Ethics*" (Enciclopédia de Religião y Ética), 24:461.

[52] "*New Catholic Encyclopedia*" (Nova Enciclopédia Católica), 14:299.

[53] "*Encyclopedia Americana*" (Enciclopédia Americana), 1956, 27:249.

[54] *Joseph Fitzmyer*, "*A Christological Catechism*" (Um catecismo cristológico), 102.

[55] *William Smith*, "*A Dictionary of the Bible*" (Dicionário da Biblia) (1986), 220.

[56] "*Encyclopedia of Religion and Ethics*" (Enciclopédia de Religião y Ética), 24:458.

[57] "*The American Journal of Semitic Language and Literature*" (A Revista Americana de Língua e Literatura Semítica), 1905, 21:208.

[58] "*The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*" (A Nova Enciclopédia Schaff-Herzog de Conhecimento Religioso), 12:18.

[59] *Milton Terry*, "*Biblical Hermeneutics*" (Hermenêutica bíblica), Zondervan, 1975, 587.

[60] *Jacob Jervell*, "*Jesus in the Gospel of John*" (Jesus no Evangelho de João), Augsburgo, 1984, 21.

[61] *Sydney Cave*, "*The Doctrine of the Person of Christ*" (A Doutrina da Pessoa de Cristo), Duckworth, 1962, 48.

[62] *C.J. Cadoux*, "*A Pilgrim's Further Progress*" (O progresso de um peregrino), Blackwell, 1943, 40, 42.

[63] *WR Matthews*, "*The Problem of Christ in the Twentieth Century*" (O problema de Cristo no siglo XX), 22.

[64] "*Dictionary of the Apostolic Church*" (Dicionário da Igreja Apostólica), 1:194.

[65] *J.M. Creed*, "*The Divinity of Jesus Christ*" (A Divindade de Jesus Cristo), Fontana, 1964, 122-123.

[60] *A.T. Hanson*, "*Grace and Truth: A Study in the Doctrine of the Encarnation*" (Graça e Verdade: Um Estudo da Doutrina da Encarnação), SPCK, 1975, 66.

[67] *J.A.T. Robinson*, "*Twelve More New Testament Studies*" (Mais Doze Estudos do Novo Testamento), 175, 176.

[68] "*Bulletin of the John Rylands Library*" (Boletim de la Biblioteca John Rylands), 1967-68, 50:258.

[69] Ibidem., 258, 259.

[70] Ibidem., 251.

[71] Ibidem., 250.

[72] *Juan Calvino*, "*Commentary on John*" (Comentário sobre Juan), vol. 1.

[73] *Maurice Goguel*, "*Jesus and the Origins of Christianity*" (Jesus o os origens do cristianismo), Harper, 1960, 109.

[74] *Howard Marshall*, "*Jesus as Lord: The Development of the Concept*" (Jesus como Senhor: O Desenvolvimento do Conceito), en "*Eschatology and the New Testament*" (A Escatologia e o Novo Testamento), Hendrickson, 1988, 144.

[75] *Colin Brown*, "*Trinity and Incarnation*" (Trindade e Encarnacão), Ex Auditu 7, 1991, 88.

[76] *Fortman*, "*The Triune God*" (O Deus Triuno), 9.

[77] "*The Catholic Encyclopedia*" (A Enciclopédia Católica), 15:49.

[78] *Fortman*, "*The Triune God*" (O Deus Triuno), 6, 15.

[79] "*New Catholic Encyclopedia*" (Nova Enciclopédia Católica), 13:574, 575.

[80] *William E. Addis* y *Thomas Arnold*, "*A Catholic Dictionary*" (Um dicionário católico), 1916, rep. Kessinger, 2004, 2:810.

[81] Ibidem., 2:812.

[**82**] "*Greek Grammar and Personality of the Holy Spirit*" (Gramática grega e personalidade do Espírito Santo), Bulletin for Biblical Research, 2003, 108, 125.

[83] *John McClintock* y *James Strong*, "*Cyclopedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature*" (Ciclopídea de Literatura Bíblica, Teológica e Eclesiástica), Harper, 1891, 10:552.

[84] "*Dictionary of the Apostolic Church*" (Dicionário da Igreja Apostólica), 1:189.

[85] *Dr. Seth Sweetser*, "*Bibliotheca Sacra*" (Biblioteca Sacra), janeiro de 1854, 11:99.

[86] "*The New Jerome Biblical Commentary*" (O Novo Comentário Bíblico de Jerome), Prentice Hall, 1990, 2:742.

[87] *Willibald Beyschlag*, "*New Testament Theology*" (Teologia do Novo Testamento), 1896, rep. Kessinger, 2006, 1:279-280.

[88] *EF Scott*, "*The Spirit in the New Testament*" (O Espírito no Novo Testamento), Hodder, 1923, 232, 236.

[89] "*Fifth Theological Oration: "On the Holy Spirit"*" (Quinta Oração Teológica: "Sobre o Espírito Santo"), V.

[90] *Arthur McGiffert*, "*A History of Christian Thought*" (Uma História do Pensamento Cristão), Charles Scribner's Sons, 1954, 1:111.

[91] "*Bulletin of the John Rylands Library*" (Boletim da Biblioteca John Rylands), 1967-68, 50:253.

[92] *F.J.A. Hort*, "*Two Dissertations*" (Duas dissertações) 1876, 13.

[93] Ibidem., 16. *Hort* pensa que o Filho estar "no seio do Pai" aponta para a pré-existência, mas este é um argumento fraco. É preciso mostrar primeiro porque é que João deve contradizer a história sinóptica de Jesus como Filho apenas desde a sua conceição.

[94] *Hastings*, "*A Dictionary of the Bible*" (Um Dicionário da Bíblia), 2:205, ênfase acrescentada.

[95] *Leonhard Goppelt* dice sucintamente: "O logos do prólogo tornou-se Jesus; Jesus foi o *logos* feito carne, mas não o *logos* como tal". (*Theology of the New Testament* - Teologia do Novo Testamento, 2:297, ênfase acrescentada).

[96] Em ***Isaías 9:6***, o Messias nascerá em Israel - ninguém imaginava que Deus nasceria! E o Filho prometido é aqui chamado""um herói divino" (o *gibbor*), não "o Deus Todo-Poderoso" (O *Shaddai*), um título que nunca foi aplicado a Jesus na Escritura.

[97] *Jonathan Sjordal*, "*The First Verse of the Gospel of John*" (O Primeiro Versículo do Evangelho de João), en *Anthony Buzzard*, ed., Focus on the Kingdom, julio de 2006.

[98] *R. A. Bigg*, "*International Critical Commentary*" (Comentário Crítico Internacional), St. Peter, 199.

[99] "*Trinity and Incarnation: In Search of Contemporary Orthodoxy*" (Trindade e Encarnação: Em Busca da Ortodoxia Contemporânea), Ex Auditu 7, 1991, 89.

[100] *Raymond Brown*, "*Jesus: God and Man*" (Jesus: Deus e homem, 6, 7.

[101] *Soren Kierkegaard*, "*Time*" (Tempo), 16 de Dezembro de 1946, pág. 64.

[102] *Jürgen Moltmann*, "*The Spirit of Life*" (O Espírito de Vida), Fortress Press, 1992, 89, 90, ênfase acrescentada.

[103] *Ellens*, "*Ancient Library of Alexandria and Early Christian Theological Development*" (Antiga Biblioteca de Alexandria e Desarrolho Teológico Cristiano Primitivo), 38-39.

[104] Ibídem., 39.

[105] *Heinz Zahrnt*, "*The Historical Jesus*" (O Jesus histórico), Harper & Row, 1963, 29.

[106] "*God as Spirit*" (Deus como Espírito), SCM Press, 1983, 132, 136.

[107] Ibidem., 136-138.

[108] Ibidem., 140, 141.

[109] Ibidem., 143.

[110] Ibidem., 144.

[111] João escreveu "na carne" como uma pessoa humana. Todas as outras traduções alemãs traduzem corretamente "na carne", não "dentro da carne". *Lutero* traduziu a outra ocorrência de "na carne" (*en sarki*) corretamente em ***1 Timóteo 3:16***.

[112] "*Explorations in Theology*" (Explorações em Teologia) 8, SCM Press, 1981, 31, 32.

[113] Ibidem., 31-34.

[114] *Lehrbuch der Dogmengeschichte*, 1:705, tradução de mina alemã.

[115] Ibidem., 1:704-705.

[116] "*What Is Christianity?*" (O Que é o cristianismo?) Williams y Norgate, 1901, 185, 186.

[117] "*History of Dogma*" (Historia do Dogma), 3:8-10, ênfase acrescentada.

[118] Ibidem., 1:328.

[119] "Valentinus, in Tertullian, Against All Heresies" (Valentinus, em Tertuliano, Contra todas as heresias), cap. 4.

[120] *Friedrich Loofs, Leitfaden zum Studium der Dogmengeschichte* (*Manual for the Study of the History of Dogma* - Manual para o estudo da história do dogma), 1890, Niemeyer Verlag, 1951, parte 1, cap. 2 segundos. 18: "*Christianity as a Revealed Philosophy. The Greek Apologists*" (Cristianismo como Filosofia Revelada. Os apologistas gregos), 97.

[121] "*Dialogue with Trypho*" (Diálogo com Trífon), cap. 63.

[122] Ibidem., cap. 128.

[123] "*Apocalyptic Prophet of the New Millennium*" (Profeta apocalíptico do novo milénio), x_

[124] ibidem., 21.

[125] Para um exame do Evangelho conforme pregado por Jesus, veja *Anthony Buzzard*, "*The Coming Kingdom of the Messiah: A Solution to the Riddle of the New Testament*" (A Vinda do Reino do Messias: Uma Solução para o Enigma do Novo Testamento), Restoration Fellowship, 2002, y "Our Fathers Who Aren't in Heaven: The Forgotten Christianity of Jesus the Jew" (Nossos pais que não estão no céu: o cristianismo esquecido de Jesus, o judeu), Restoration Fellowship, 1999.

[126] *Ehrman*, "*Jesus: Apocalyptic Prophet*" (Jesus: Profeta apocalíptico), 241, ênfase acrescentada.

[127] ibidem., 242, 243.

[128] ibidrm., 243.

[129] ibidrm., 243.

[130] *Harpur*, "*For Christ's Sake*", (Por amor de Cristo), 10-11.

[131] ibidrm., 11, 12.

[132] "*Jesus: When God Became a Man*" (Jesus: Quando Deus se fez homem), 10.

Epílogo

Um Futuro Para O Monoteísmo.

> "Para um judeu, a palavra Deus poderia significar uma única Pessoa... O uso da palavra Deus para Jesus teria parecido uma violação do monoteísmo, ao passo que, ao chamarem Jesus de Senhor, eles confessavam que ele estava associado a seu Pai no exercício da autoridade". **[1]**
>
> "A meu ver, o cristianismo deveria ser muito mais centrado nas palavras de Jesus do que no passado... O Jesus real é uma figura muito mais interessante e religiosamente relevante do que o divino Cristo da fé posterior e tem a vantagem de ter realmente viveu" **[2]**
>
> "No ensino de Jesus Cristo, Deus é preeminentemente o Pai". **[3]**
>
> "Esqueça as tentativas pseudo-ortodoxas de tornar Jesus de Nazaré consciente de ser a segunda Pessoa da Trindade... A palavra Messias, é claro, não tinha nada a ver com teologia trinitária ou da encarnação". **[4]**

El Jesus Original

O Jesus original era um judeu que recitou e afirmou como centro da verdadeira teologia o Credo Unitário de Israel. As tentativas de expandir esse credo, baseado na Bíblia, em um trinitário falharam, como reconhecem os historiadores e muitos estudiosos da Bíblia. O credo de Jesus não deve ser modificado em nenhuma circunstância. Fazer isso é correr o risco de se comprometer com o paganismo.

O Jesus original não é apenas um Unitário confirmado, sublinhando o credo de Israel. Ele mesmo é aquele cuja "gênese" ou origem (***Mateus 1:1, 18***) nos é explicada nos termos mais claros nos capítulos iniciais de Mateus e Lucas. Jesus é o Filho de Deus que está enraizado na milagrosa história humana (***Lucas 1:35***) e especificamente pela promessa divina na história de Israel. Ele é o "Jesus Cristo" que veio "em carne" (não "em carne", como Lutero traduziu erroneamente **[5]**), digamos como uma pessoa histórica originalmente humana, um membro da raça humana. Este é o critério de João para nossa compreensão do verdadeiro espírito (***1 João 4:1-6***).

O Jesus original não é uma pessoa pré-histórica. Isso não se encaixaria no perfil do filho de Davi prometido como Messias pela Bíblia hebraica. Uma vez que sua história é removida da história, do tempo e do espaço, a fé perde sua âncora na história e no fato. Ficamos então à deriva nos mares tempestuosos da especulação e da fantasia..

A mesma atemporalidade e a ausência que na teologia posterior foi aplicada à origem de Jesus afetou adversa e confusamente a própria visão hebraica do futuro de Jesus. Nosso destino não é desaparecer como almas no céu, mas governar uma sociedade renovada em uma terra renovada sobre a qual o Messias retornado presidirá (***Mateus 5:5; Apocalipse 5:10***, etc.). O "fim do mundo" na Bíblia, de fato, não é o fim

do universo do espaço-tempo. É (conforme traduzido corretamente do grego) "o fim da era [presente]". **[6]** Jesus anunciou que a era do Reino de Deus plenamente manifestado seguiria no final desta era. A nova era do Reino definitivamente não está além do espaço e do tempo!

Tanto o início da história da salvação de Deus no Messias histórico nascido em Belém quanto o fim da história de Deus prometendo uma terra restaurada se confundem na mente do fiel, e a Bíblia se torna um livro difícil de ler com prazer, porque nosso tradicional a história não é a dos escritores da Bíblia.

A "ortodoxia" não apenas perturba a imagem bíblica de Jesus como o Messias humano. Define o Evangelho de uma forma que exclui Jesus como o evangelista modelo cuja tarefa era pregar o Evangelho sobre o Reino de Deus (**Marcos 1:14, 15; Lucas 4:43**). Na Grande Comissão **(Mateus 28:19, 20**) a tarefa de levar o mesmo Evangelho do Reino ao mundo foi confiada por Jesus à Igreja até a sua volta (ver também ***Mateus 24:14***).

Notavelmente, os evangélicos convencionais, embora reivindiquem a Bíblia como sua autoridade, se opõem diretamente à comissão de Jesus de anunciar o Reino de Deus como o Evangelho. Em 1001 perguntas bíblicas respondidas, dois importantes evangélicos escreveram: "Estamos convencidos de que isso [a crença de que Jesus comissionou a Igreja a pregar o Evangelho do Reino] está errado. Seria estranho encontrar a comissão da Igreja no Evangelho do Reino". **[7]** Um ataque surpreendente às Escrituras e ao ensino do Messias é revelado na afirmação confiante desses autores, amplamente refletida na literatura evangélica:

> Há muito tempo estou convencido e tenho ensinado que a Grande Comissão de ***Mateus 28:19, 20*** se aplica principalmente ao Reino e não à Igreja. Se isso fosse mantido em mente, não deveríamos cair em confusão sobre nossas ordens de marcha, que são encontradas em ***Atos 1:8***, com detalhes nas Epístolas às Igrejas. A comissão de Mateus [isto é, o mandato de pregar o Evangelho do Reino de Deus como Jesus sempre fez] entrará em vigor para o remanescente judeu depois que a Igreja for arrebatada. **[8]**

Então esta surpreendente rejeição do ensinamento de Jesus:

> O evangelho de Marcos, como Mateus e Lucas, é principalmente um livro do reino, e estou convencido de que nenhum deles contém as ordens de marcha da Igreja, nem mesmo a chamada "Grande Comissão" de ***Mateus 28:18-20***... Sem dúvida, devemos pregar o evangelho a toda criatura, mas qual evangelho? O único evangelho conhecido pelos sinópticos era o evangelho do reino. Nosso evangelho da graça de Deus é encontrado entre os quatro evangelistas apenas em João. **[9]**

A perda do Evangelho conforme pregado pelo Jesus judeu (***Hebreus 2:3***) anda de mãos dadas com a rejeição da Igreja de seu credo unitarista..

Segundo os profetas de Israel, um dia o mundo inteiro reconhecerá o Deus de Israel como o único Deus verdadeiro: "***O SENHOR será Rei sobre toda a terra; naquele dia, um só será o SENHOR, e um só será o seu nome***" (***Zacarias 14:9***). Jesus também será reconhecido, não como Deus Todo-Poderoso, mas como o único servo desse único Deus. Ele será reconhecido pelo que realmente é, "***Cristo, o Filho do Deus vivo***" (***Mateus 16:16***), e "***o homem Messias Jesus***" (***1 Timóteo 2:5***), o mediador entre o Deus Único e a

humanidade para a Quem foi delegado todo o julgamento: "***E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento***" (***João 5:22***).

1 Timóteo 2:5, que define o Deus Único como o Pai, distinto do homem Messias Jesus, se acreditado, poderia em um instante revolucionar dois mil anos de teologia distorcida e nos permitir retornar às nossas raízes judaicas em Jesus. Nenhum outro testemunho é realmente necessário uma vez que as palavras do credo de Paulo são compreendidas: "***Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o Messias***". O credo de Jesus e Paulo não poderia fornecer um ponto de encontro, pelo menos um centro de intensa conversa, entre milhões de judeus e um bilhão de cristãos e, é claro, mais de um bilhão de muçulmanos?

Os cristãos liberais estão bem cientes da perda precoce do credo judaico da fé, mas não consideram essa deserção da Bíblia muito séria, pois eles têm uma opinião negativa das Escrituras. No entanto, os evangélicos consideram a Bíblia como autoridade e até agora não estão dispostos a enfrentar a diferença entre seu credo e o de Jesus. Na verdade, eles são os que demonstraram mais engenhosidade ao tentar a tarefa sem esperança de encontrar a Trindade na Bíblia, mesmo no AT. Ao improvisar seu caso usando um pequeno número de versículos, tirados do contexto bíblico geral, eles tentam fazer dos escritores do NT trinitarianos ou pelo menos se esforçar para se tornarem trinitarianos!

Na prática, os textos de prova trinitária são retirados quase exclusivamente de João e Paulo com alguma ajuda de Hebreus. Mas a doutrina de Deus deve ser estabelecida em toda a extensão da Escritura, certamente sem negligenciar o AT no qual o NT está enraizado. O fato de que o credo de Jesus não era um credo trinitário não parece perturbar ou deter os evangélicos. Isso se deve à enorme ênfase que eles colocam na morte de Jesus, e não em seus ensinamentos. Muitos evangélicos parecem ver Paulo como o fundador da fé que reconhecem como cristãos e esquecem que Jesus foi o pregador original do Evangelho e que os Apóstolos descrevem como o maior perigo de todos não ouvir e prestar atenção às palavras de Jesus (***Hebreus 2:3; 1 Timóteo 6:3; 2 João 7-9; 1 João 5:20***). Ser como Cristo certamente deveria incluir acreditar no mesmo credo de Jesus.

O problema que requer solução é simplesmente este: Jesus deve ser levado a sério na questão de definir Deus. As narrativas sagradas do nascimento de Mateus e Lucas foram concebidas como relatos definitivos da origem sobrenatural de Jesus como descendente de Davi e Filho de Deus. Essa imagem deveria ter assegurado que o Messias humano permanecesse no centro da fé cristã.

No entanto, sob a influência distorcida de uma teologia filosófica post-bíblica do mundo grego, João e Paulo foram forçados a apoiar esse credo posterior. Eles foram considerados os mais suscetíveis à "interpretação" em apoio àquela visão "revisada" posterior de Deus e Jesus. Mas eles foram feitos para dizer o que não queriam dizer. Os credos post-bíblicos simplesmente foram lidos neles e não fora deles. Assim, eles foram levados a perturbar o credo unitarista cardeal de Jesus, algo que nunca pretenderam. Juan e Pablo tornaram-se servos de um credo que não reconheciam. Eles devem ser lidos em harmonia com a Bíblia Hebraica e os relatos sinóticos e Atos de Jesus que preservam, como dados primários sobre sua pessoa, sua descendência do rei Davi e sua condição sobrenatural como Filho de Deus, não como o próprio Deus. Só então o Deus de Jesus será honrado como o único Deus inigualável no universo.

Notas Finais Epilogo

[1] *DEH. Whiteley*, "*The Theology of St. Paul*" (A Teologia de São Paulo), Blackwell, 1980, 106.

[2] *Don Cupitt*, "*The Debate About Christ*" (O Debate Sobre Cristo), 138.

[3] "*"God", International Standard Bible Encyclopedia*" ("Deus", Enciclopédia Bíblica Estândar Internacional), edición de 1983, 2:1261.

[4] *N. T. Wright*, "*The Historical Jesus and Christian Thought*" (O Jesus histórico e o pensamento cristão), Sewanee Theological Review 39, 1996.

[5] "*In das Fleisch gekommen*" **1 João 4:2; 2 João 7**). Outras versões alemãs corrigiram o erro traduzindo o grego para sarki "*im Fleisch*".

[6] Foi perguntado a Jesus sobre este fim futuro da era atual da história e a vinda do Reino de Deus com o regresso do Messias em ***Mateus 24:3***.

[7] *Pettingill y Torrey*, "*1001 Bible Questions Answered*" (1001 Perguntas bíblicas respondidas), 120.

[8] Ibidem., 127.

[9] Ibidem., 113Observe que para Paulo o Evangelho da graça é sinônimo do Evangelho do Reino (***Atos 20:24, 25***) e toda a noção de dois evangelhos salvadores é totalmente estranha ao NT. Para um afastamento sistemático semelhante do Evangelho como Jesus o pregou, veja o artigo "Evangelho" no *Dicionário da Bíblia de Unger*, e dezenas de outros folhetos do Evangelho que não convidam o convertido a obedecer ao mandamento de Jesus em ***Marcos 1:14, 15*** .arrepender-se e creiam no Evangelho do Reino.

Apêndice 1

Sobre João 20:28: O que Tomé disse em hebraico?

CLIFFORD HUBERT DUROUSSEAU, PhD. (CAND.)

O livro de *Dan Brown*, "The Da Vinci Code" (O Código Da Vinci) (2003), que já vendeu mais de quarenta milhões de cópias até hoje, e a versão cinematográfica lançada recentemente (19 de maio de 2006), que será vista por pelo menos um número igual de pessoas, concentrou a atenção em Maria Madalena (Maria Madalena), que aparece em ***João 20:1-18*** e é creditada pela narrativa como a primeira pessoa a quem Jesus apareceu após sua execução por Pôncio Pilatos sob a acusação de afirmar ser "O Rei dos judeus". **[1]** O fenomenal romance best-seller também concentrou a atenção em Constantino e no primeiro concílio ecumênico realizado em Nicéia (atual Iznik, Turquia), onde, baseando-se fortemente no Quarto Evangelho, os bispos cristãos definiram Deus e Jesus dessa forma. : "Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, e em um só Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito, gerado do Pai antes de todos os mundos; Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, de uma substância [**ὁμοούσιον**] com o Pai, por quem todas as coisas foram feitas: que desceu do céu por nós homens e nossa salvação". **[2]**

Há mais duas aparições nesta primeira conclusão do quarto Evangelho: uma a dez dos doze apóstolos originais na tarde do mesmo dia (***João 20:19-23***), Tomé estando ausente, e outra. oito dias depois, em que esteve presente (***João 20:26-29***). Estes dois episódios deram a Tomás uma fama paradoxal. Por um lado, por causa de seu ceticismo depois que os dez lhe disseram que tinham visto o Senhor (***João 20:24***), ele é conhecido como Tomé, o Dídimo (e todos aqueles que duvidam da ressurreição de Jesus são chamados de Tomé, o Dídimo). **[3]** "***Tomé, chamado... 'Gêmeo', que era um dos doze, não estava com eles quando Jesus veio. Os outros discípulos disseram-lhe: 'Vimos o Senhor', mas ele respondeu: 'Se eu não vejo os buracos que os pregos fizeram em suas mãos e não posso colocar meu dedo nos buracos que eles fizeram, e se eu não posso colocar minha mão em seu lado, eu me recuso a acreditar'***" (Bíblia Nova Jerusalém).

Por outro lado, devido à declaração fragmentária feita oito dias depois (*o`ku,rio,j mou kai. o` qeo,j mou*, ***João 20:28***), Tomé é considerado o apóstolo que fez uma "confissão" maior do que a de Pedro nos Sinópticos ("Tu és o Messias*", Marcos 8:29* e paralelos, *New American Bible*). **[4]**

> Oito dias depois, os discípulos estavam de volta em casa e Tomé estava com eles. As portas estavam fechadas, mas Jesus veio e se pôs no meio deles. "***Paz seja convosco!***", disse ele. Depois falou com Tomás: "***Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente***". Tomé respondeu: "***Senhor meu e Deus meu!*** Jesus disse-lhe: "***Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram***" (***João 20:26-29***)

Estaria Tomé com sua exclamação expressando uma revelação mais profunda do que a de Pedro em Cesareia de Filipo? Os primeiros crentes judeus ensinavam "***Senhor meu e Deus meu!***" (***João 20:28***), em

vez de "***Senhor e Cristo***"? (***Atos 2:36***) Essa é uma interpretação correta do que Tomé disse? É assim que devemos entender o que nos é dito que ele disse aqui no quarto Evangelho?

Os trinitarístas geralmente consideram a declaração fragmentária de Tomé (**João 20:28**) como a prova mais forte do NT de que "Jesus é Deus" — uma formulação que, aparentemente, ninguém parece estar ciente, constitui o eutiquianismo ou monofisismo, uma visão anatematizada pela quinta convenção ecumênica. conselho, o Concílio de Calcedônia (553 EC). Veja, por exemplo, o comentário de Raymond Brown em seu magistral "*Anchor Bible commentary*" (Comentário Anchor Bible), onde ele o chama de "*The supreme christological pronouncement of the Fourth Gospel*" (O pronunciamento cristológico supremo do Quarto Evangelho), **[5]** e em sua mais recente "*Introduction to New Testament Christology*" (Introdução à Cristologia do Novo Testamento), ele diz no ensaio no apêndice "*Did New Testament Christians Call Jesus God?*" (Os cristãos do Novo Testamento chamam Jesus de Deus?): "Este é o exemplo mais claro no NT do uso de 'Deus' para Jesus". **[6]** *Rudolf Bultmann* escreve sobre **João 20:28**: "a única passagem em que Jesus é indubitavelmente designado ou, mais precisamente, chamado de Deus". **[7]**

Mais de um século antes desses dois, ***Adam Clarke*** em seu comentário sobre a Bíblia (famoso por sua rejeição da doutrina da geração eterna do Filho) disse o seguinte sobre o famoso fragmento de Tomé: "Tomé foi o primeiro a dar a título 'Deus' para Jesus, e, por esta confissão gloriosa, emendou sua antiga descrença teimosa".

Mesmo muito antes, no terceiro século, *Novaciano* em seu "*Treatise Concerning the Trinity*" (Tratado sobre a Trindade) usou duas vezes ***João 20:28*** como prova de que é correto acreditar que "Jesus é Deus". No capítulo XIII, ele escreve::

> E se, considerando que não é da parte do homem vir do céu, Ele desceu do céu; e se, embora esta palavra não possa ser verdadeira para nenhum homem, "***Eu e o Pai somos um***", somente Cristo declarou esta palavra fora da consciência de Sua divindade; e se, finalmente, o Apóstolo Tomé, instruído em todas as provas e condições da divindade de Cristo, diz em resposta a Cristo: "***Meu Senhor e meu Deus***"; e se, além disso, o Apóstolo Paulo diz: "***De quem eles são os patriarcas, e de quem veio o Cristo segundo a carne, que é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre***", escrevendo em suas epístolas; e se o mesmo apóstolo declara que foi ordenado "***um apóstolo não por homens, nem de homem, mas por Jesus Cristo***"; e se ele mesmo afirma que aprendeu o Evangelho não dos homens ou por homem, mas o recebeu de Jesus Cristo, razoavelmente Cristo é Deus. Portanto, a este respeito, é necessário estabelecer uma de duas coisas: visto que é evidente que todas as coisas foram feitas por Cristo, Ele é antes de todas as coisas, pois todas as coisas foram por Ele, e por isso Ele é precisamente Deus; ou porque Ele é homem, Ele é depois de todas as coisas, e simplesmente nada foi feito por ele. Mas não podemos dizer que nada foi feito por Ele, quando observamos escrito que todas as coisas foram feitas por Ele. Portanto, não é depois de todas as coisas; isto é, não é apenas o homem que existe depois de todas as coisas, mas também Deus, visto que Deus é anterior a todas as coisas. Porque Ele é antes de todas as coisas, porque todas as coisas são por Ele, ao passo que, se Ele fosse apenas homem, nada seria por Ele; ou se todas as coisas fossem por Ele, não seria só o homem, porque se fosse só o homem, nem todas as coisas seriam por Ele; além do mais, nada seria para Ele. O que, então, eles respondem? O que é nada para Ele, para que Ele seja apenas homem? Como, então, todas as coisas são por Ele? Portanto, Ele não é apenas homem, mas também Deus, visto que todas as coisas são por Ele; de modo que devemos entender

> razoavelmente que Cristo não é apenas homem, que é depois de todas as coisas, mas também Deus, uma vez que por Ele todas as coisas foram feitas.

E no capítulo XXX, onde procura mostrar que "Jesus é Senhor e Deus", escreve:

> E vamos, portanto, acreditar nisso, pois é mais fiel que Jesus Cristo, o Filho de Deus, é nosso Senhor e Deus; pois "***no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus***". E, "***O Verbo se fez carne, e habitou em nós***". E, "***Meu Senhor e meu Deus***". E, "***De quem são os pais, e de quem segundo a carne veio Cristo, que é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre***". O que diremos então? As Escrituras nos apresentam dois Deuses? Como, então, ele diz que "***Deus é um"?*** Ou não é Cristo também Deus? Como, então, se diz a Cristo: "***Meu Senhor e meu Deus***"? Portanto, a menos que sustentemos tudo isso com a devida reverência e argumentos legítimos, seremos razoavelmente considerados como causadores de escândalo aos hereges, certamente não por causa das Escrituras celestiais, que nunca enganam; mas pela presunção de erro humano, pelo qual escolheram ser hereges. E, antes de tudo, devemos voltar o ataque contra aqueles que se propõem a fazer contra nós a acusação de que existem dois deuses. Está escrito, e eles não podem negar, que "existe um Senhor". O que, então, eles pensam de Cristo? Que Ele é Senhor, ou que Ele não é Senhor de forma alguma? Mas eles não duvidam absolutamente que Ele é o Senhor; portanto, se o seu raciocínio for verdadeiro, já existem dois Senhores aqui. Como, então, é verdade de acordo com as Escrituras, existe um Senhor? E Cristo é chamado de "único Mestre". No entanto, lemos que o apóstolo Paulo também é um mestre. Portanto, de acordo com isso, nosso Mestre não é um, porque dessas coisas concluímos que há dois mestres. Como, então, de acordo com as Escrituras, "nosso Mestre é um, sim, Cristo"? Nas Escrituras há um "chamado bom, sim, Deus"; mas nas mesmas Escrituras também se afirma que Cristo é bom. Portanto, se concluírem corretamente, não há um bom, mas até dois bons. Como, então, segundo a fé bíblica, se diz que só existe um bem? Mas se você não acha que isso pode interferir de alguma forma com a verdade de que existe um Senhor, que Cristo também é Senhor, nem com a verdade de que alguém é nosso Mestre, que Paulo também é nosso Mestre, ou com a verdade de que alguém é bom que Cristo também seja chamado de bom; no mesmo raciocínio, que entendam que, pelo fato de Deus ser um, nenhum obstáculo surge à verdade de que Cristo também é declarado Deus.

A confusão causada pela interpretação da declaração fragmentária de Tomé como prova de que é correto dizer que "***Jesus é Senhor e Deus***" é evidente aqui. As Escrituras Hebraicas ensinam que "Yahweh é um" (***Deuteronómio 6:4***). Os judeus recitam o "*Shema*" em oração todos os dias, pendurando-o nas ombreiras de suas casas (*mezuzá*) e amarrando-o na cabeça e na mão (*tefilin*). Esta declaração da Unicidade de Deus constitui as primeiras palavras que uma criança judia é ensinada a dizer, e as últimas palavras faladas antes de um judeu morrer. Jesus ensinou o "*Shema*" (***Marcos 12:29***; ver p. 410). **[8]** Se alguém afirma que ***João 20:28*** prova que "Jesus é o Senhor e Deus", então alguém é colocado em um dilema e confrontado com uma aparente contradição, como *Novaciano* observou acima e tentou resolver.

O objetivo deste artigo é apresentar considerações que mostram que a exclamação de Tomé em ***João 20:28*** foi mal interpretada porque foi lida fora de contexto e porque as palavras hebraicas subjacentes para "senhor" e "Deus" **[9]** teriam sido conhecidos e, afirmo, ditos por Tomé em tal situação, são universalmente ignorados. As palavras também serão discutidas em aramaico, embora esse termo para a língua falada pelos

judeus na época não seja usado no NT grego, e *David Flusser*, o eminente estudioso judeu que escreveu um livro sobre Jesus e o artigo da Enciclopédia Judaica sobre ele, argumentou que Jesus e seus discípulos falavam hebraico. **[10]**

> No início do século 20, os estudiosos modernos chegaram a uma opinião quase unânime de que o aramaico se tornou uma língua falada na terra de Israel no início do período helenístico de Israel no século IV a.C. e, portanto, o hebraico deixou de funcionar como língua falada. quase ao mesmo tempo. No entanto, durante a segunda metade do século 20, o acúmulo de evidências arqueológicas e especialmente a análise linguística dos Manuscritos do Mar Morto coloriu o consenso anterior. Ao lado do aramaico, o hebraico também floresceu como uma língua falada viva. O hebraico floresceu até perto do final do período romano, quando continuou como língua literária [no] período bizantino no século IV d.C. ...
>
> Embora a sobrevivência do hebraico como língua falada até o período bizantino seja bem conhecida entre os linguistas hebreus, ainda há um atraso na conscientização entre alguns historiadores que não necessariamente acompanham as pesquisas linguísticas e se baseiam em estudos ultrapassados. No entanto, o vigor do hebraico está lenta mas seguramente abrindo caminho através da literatura acadêmica. "*The Hebrew of the Dead Sea Scrolls*" (O hebraico dos Manuscritos do Mar Morto) distingue o hebraico dos Manuscritos do Mar Morto dos vários dialetos do hebraico bíblico dos quais evoluiu: "Este livro apresenta as características específicas do DSS hebraico, enfatizando os desvios do BH clássico". O "*Oxford Dictionary of the Christian Church*" (Dicionário Oxford da Igreja Cristã) disse certa vez em sua primeira edição em 1958 que o hebraico "deixou de ser uma língua falada por volta do quarto século a.C. e linguagem escrita no período do NT". Uma gramática introdutória do hebraico rabínico declara: "Acredita-se geralmente que os Manuscritos do Mar Morto, especificamente o Rolo de Cobre e também as letras de "*Bar Kokhba*", forneceram evidência clara do caráter popular de MH [hebraico da *Mishná*]", etc. Os estudiosos israelenses agora tendem a assumir que o hebraico como língua falada é uma característica do período romano de Israel. **[11]**

o` ku,rioj ***em João 20***

Primeiro, então, algum estudioso das escrituras sustenta que ***João 20:28*** ensina que Jesus é o SENHOR e Deus, "Yahweh e Elohim", como seu Pai e Deus? Sim. *Raymond Brown*, o mais distinto estudioso bíblico católico romano do século 20, em seu comentário histórico em "*The Anchor Bible*" ((A Bíblia da Âncora)), O Evangelho Segundo João, diz: "É Tomé quem deixa claro que alguém pode se dirigir a Jesus na mesma língua em que Israel se dirigia a Javé" **[12]**, justificando assim a oração a Jesus, bem como ao próprio Deus Pai, embora o próprio Jesus tenha ensinado seus discípulos a orar apenas ao Pai. **[13]** Em "*Introduction to New Testament Christology*" (Introdução à cristologia do Novo Testamento), *Brown* escreve:

> Aqui Jesus é chamado de "Deus" (forma nominativa com artigo definido, que funciona como vocativo). A cena é projetada para servir como um clímax para o Evangelho: Quando Jesus ressuscitado está diante dos discípulos, um deles finalmente dá expressão à fé adequada em Jesus. Ele o faz aplicando a Jesus o equivalente grego (Septuaginta) de dois termos aplicados ao Deus do AT (*ku,rioj*, "Senhor", que traduz YHWH, *y qeo,j*, "Deus", que traduz "*Elohim*")...

> Em três casos razoavelmente claros no NT [***Hebreus 1:8, 9; João 1:1; 20:28***] e em cinco casos que têm probabilidade [***João 1:18; 1 João 5:20; Romanos 9:5; Tito 2:13; 2 Pedro. 1:1***] Jesus é chamado ["]**Deus**["] O uso de "Deus" para Jesus que é atestado no início do segundo século [nas sete cartas autênticas de Inácio de Antioquia] foi uma continuação de um uso que havia começado nos tempos do NT. Não há razão para se surpreender com isso. "Jesus é o Senhor" era evidentemente uma fórmula confessional popular nos tempos do NT, e nesta fórmula os cristãos deram a Jesus o título *ku,rioj*, que era a tradução da Septuaginta para YHWH. Se Jesus poderia receber este título, por que não poderia ser chamado de "Deus" (*qeo,j)?* que a Septuaginta costumava traduzir como "*Elohim*"? Os dois termos hebraicos tornaram-se relativamente intercambiáveis e, de fato, YHWH era o termo mais sagrado. **[14]**

Em nota de rodapé ele acrescenta:

> As primeiras cópias importantes sobreviventes da Septuaginta foram copiadas pelos cristãos nos séculos IV e V d.C. Não temos certeza de quão consistentemente cópias anteriores e outras traduções gregas que circulavam nos tempos do NT usavam "*ku,rioj*" para YHWH. Não afirmo que todas as ocorrências "*ku,rioj*" de Jesus na "alta cristologia" no NT refletem conscientemente uma tradução de YHWH. No entanto, em geral, os autores do NT sabiam que Jesus estava recebendo um título que em grego era usado para se referir ao Deus de Israel.

Onde, eu pergunto, isso está tão claramente indicado no NT? Onde, em particular, no quarto Evangelho?

Agora, que as palavras "*o`ku,rio,j mou*" não são equivalentes a "meu YHWH" **[15]** é mostrado pelo contexto. **[16]** Maria de Magdala chama Jesus de "*o`ku,rioj*" três vezes antes, nos ***versículos 2, 13 e 18***:

> Era madrugada do primeiro dia da semana e ainda estava escuro quando Maria Madalena foi ao sepulcro. Ela viu que a pedra havia sido removida do túmulo e correu para Simão Pedro e o outro discípulo, a quem Jesus amava. "*Eles tiraram o Senhor* [*to.n ku,rion*] ***da tumba***", disse ele, "***e não sabemos onde o colocaram***"... Mas Maria estava do lado de fora, perto da tumba, chorando. Então, enquanto chorava, ela se abaixou para olhar para dentro e viu dois anjos vestidos de branco sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Eles disseram: "***Mulher, por que estás chorando?***" "***Levaram o meu Senhor*** [*to.n ku,rio,n mou*]", respondeu ela, "***e não sei onde o puseram***"… Então Maria Madalena disse aos discípulos: "*Eu vi o Senhor* [*para.n ku,rion*]", e que ele havia dito a ela essas coisas

No versículo 15, ela se dirige ao homem que ela acredita ser o jardineiro como "*ku,rie*" ("senhor"): ***"Ela, pensando que ele era o jardineiro, disse-lhe: — Senhor*** [*ku,rie*]***, se você você o pegou, diga-me onde você o colocou e eu o levarei***". E no *versículo 20b* o autor diz: "***Os discípulos se alegraram quando viram o Senhor*** [*to.n ku,rion*]". Mais tarde, no ***versículo 25***, "***Eles lhe disseram que tinham visto o Senhor*** [*to.n ku,rion*]."

Quem argumentará, ou argumentou, que nos seis usos do termo "*o`ku,rioj*" nesta seção da narrativa significa YHWH? Nos ***versículos 18, 20 e 25***, o termo "*to.n ku,rion*" ("o Senhor") refere-se a Jesus no estado ressurreto. Não significa YHWH nesses lugares. Por que isso deveria significar agora na boca de Tomé em ***João 20:28***?

No total, então, há sete ocorrências da palavra "*o`ku,rioj*" na narrativa da ressurreição de João em ***João 20***. Maria a usa quatro vezes (***versículos 2, 13, 15 e 18***), uma vez para o autor (**versículo 20**), uma vez para os dez (***versículo 25***) e uma vez para Tomé (***versículo 28***). Em nenhum dos primeiros quatro casos o termo significa YHWH, nem nos próximos dois; em particular, nos três lugares onde se refere a Jesus no estado ressurreto (***versículos 18, 20 e 25***) não é equivalente a YHWH. O que há no texto para sugerir que no sétimo uso de Tomé em ***João 20:28*** "*o`ku,rio,j mou*" = o impossível "meu YHWH"?

Os versículos a seguir, quando considerados cuidadosamente, reforçam isso. Observe que Jesus não dá uma bênção a Tomé pela declaração. Ele não diz: "Bendito seja você, Tomé ['Gêmeo']! Porque não foi a carne e o sangue que to revelou, mas meu Pai que está nos céus". Em vez disso, ele é gentilmente repreendido. "***Porque me viste, creste?*** [que eu ressuscitei dos mortos] ***Bem-aventurados os que não viram e creram***" (**João 20:29**). Além disso, o próprio autor não afirma que a afirmação de Tomé é prova de que "Jesus é o SENHOR e Deus". Logo depois ele indica que esta história e todas as outras do livro foram escritas com o propósito de provar que o Messias, o Filho de Deus, é Jesus: **[17]** "***Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome***" (***João 20:30, 31***, tradução minha). Assim, o próprio autor nos dá sua intenção ao escrever a história de Tomás. Não é dado para provar que "Jesus é Senhor e Deus", Javé e "*Elohim*", como seu Pai e seu Deus, mas que o Messias, o Filho de Deus, é Jesus.

Afinal, oito dias antes, Maria havia afirmado que Jesus havia aparecido para ela e dito a ela para dizer aos onze que ele tinha um Pai e um Deus, e que o Pai e o Deus deles era o Pai e o Deus deles. "***Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus***! (***João 20:17***). Tomé estava com os outros dez quando Maria chegou com esta mensagem? Como ele poderia agora contradizer o que Jesus disse, chamando-o de YHWH? .

E um pouco antes, Jesus havia orado, na presença dos onze, em parte assim: "***E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste***" (***João 17:3***). Ele e o Tomás tinham até falado um com o outro neste momento desta forma: "***Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho? Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto***" (***João 14:5-7***).

Jesus explica o que quer dizer quando diz: "***Desde agora o conheceis e o tendes visto***" na conversa imediatamente posterior com Filipe:

> "***Replicou-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta. Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras... pois o Pai é maior do que eu*** " (***João 14:8-11, 28***).

"***O Pai é maior do que eu***", "***o Pai está em mim***". Essas palavras de Jesus são negligenciadas por aqueles que interpretam ***João 20:28*** fora do contexto ou, se considerado, são mal interpretados. Seis vezes o Jesus

joanino diz "***o Pai está em mim***" (***10:38; 14:10-11; 17:21, 23***). Isso também foi ensinado por Paulo em ***2 Coríntios 5:19***: "***Deus estava em Cristo***". (Deve-se observar cuidadosamente que "Deus" no grego aqui é "*anartro*", sem artigo, assim como "Deus" em ***João 1:1c***.) E ***Colossenses 2:9*** afirma: "***Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade***" (AV).

Podemos ir mais para trás. Jesus declara publicamente em um ponto (***João 12:44-50***) a mesma declaração que fez a Tomé e Filipe: "***E Jesus clamou, dizendo: Quem crê em mim crê, não em mim, mas naquele que me enviou. E quem me vê a mim vê aquele que me enviou***" (***João 12:44, 45***).

Isso significa que Jesus estava afirmando ser Deus? Não, significa exatamente o que diz: Jesus estava afirmando representar seu Pai e Deus. O Quarto Evangelho (***12:49; 14:9***) expande o ensinamento de Paulo em ***2 Coríntios 4:4*** de que Jesus é "***a imagem de Deus***". E em ***Colossenses 1:15***, Jesus é chamado de "***a imagem do Deus invisível***". O autor de Hebreus diz a respeito dele, conforme expresso na Bíblia da Nova Jerusalém: "***Ele é o reflexo da glória de Deus* [18] *e traz a marca do próprio ser de Deus*** [*hypostasis*]" (***Hebreus 1:3***; comparar ***Sabedoria de Salomão 7:26***: "***Pois ela*** [Sabedoria] ***é um reflexo da luz eterna, um espelho imaculado do poder ativo de Deus e uma imagem de sua bondade***").

No quarto Evangelho, como nos Sinópticos, Jesus chama a si mesmo de "***o filho do homem***". Treze vezes nos primeiros treze capítulos este termo aparece, o que tem despertado muito interesse e discussão entre os estudiosos bíblicos modernos desde o final do século 19 (onze vezes na boca de Jesus e duas vezes na boca dos "judeus"); e, claramente, uma vez no quarto Evangelho, Jesus chama a si mesmo de homem: "***Mas agora procurais matar-me, a mim que vos tenho falado a verdade que ouvi de Deus***" (***João 8:40***).

Ele não afirma ser Deus, a quem, como vimos, ele chama de "***o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***). Diz em outro lugar que Deus é "***o único Deus***" (***João 5:44***). Portanto, se Deus é "o único Deus", como Jesus ensinou, então Jesus não pode ser esse Deus. E se Deus é "o único Deus verdadeiro", como Jesus orou, então Jesus não pode ser aquele único Deus verdadeiro ou "verdadeiro Deus de verdadeiro Deus", como o Credo niceno-constantinopolitano formulou no século IV dC, baseado em uma leitura errônea de ***1 João 5:20***.

o` ku,rioj y o` qeo,j ***em João 21***

Se alguém considerar o material na segunda conclusão que acompanha o livro, ***João 21***, em conexão com uma tentativa de entender corretamente ***João 20:28***, embora isso nunca tenha sido feito ao meu conhecimento, pode-se ver que mesmo lá "*ku,rioj*" ("o Senhor") não tem a conotação de YHWH. Neste apêndice ou segunda conclusão, há mais sete versos onde ocorre "*o `ku,rioj*" ("o Senhor" no caso nominativo) "*o ku,rie*" ("Senhor" no caso vocativo). Em ***João 21:7*** aparece duas vezes (uma do discípulo anônimo a quem Jesus amava, e outra do autor): "***O discípulo a quem Jesus amava disse a Simão Pedro: 'É o Senhor'*** (*o`ku,rioj*)***. Quando Simão Pedro ouviu que era o Senhor*** (*o `ku,rioj*)***, ele se envolveu em seu manto, visto que o havia tirado, e se jogou no mar***".

Nuevamente es usado por el autor en ***Juan 21:12***: "***Jesús les dijo: —Venid, comed. Ninguno de los discípulos osaba preguntarle: "Tú, ¿quién eres?," pues sabían que era el Señor*** (*o` ku,rioj*)".

E três vezes na boca de Pedro nos ***versículos 15, 16 e 17*** aparece novamente.

> Depois de comerem, Jesus disse a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes? Ele respondeu: "***Sim, Senhor*** (*ku,rie*)***, tu sabes que te amo"***. Jesus disse-lhe: "***Apascenta os meus cordeiros***". Pela segunda vez disse-lhe: "***Simão, filho de João, amas-me? Ele respondeu***: "***Sim, Senhor*** (*ku,rie*)***, tu sabes que te amo***". Jesus disse-lhe: "***Apascenta as minhas ovelhas***". Então ele lhe disse pela terceira vez: ***Simão, filho de João, tu me amas?*** Pedro ficou magoado porque perguntou pela terceira vez: "***Tu me amas?***" e disse: "***Senhor*** (*ku,rie*)***, tu sabes todas as coisas. Tu sabes que te amo***". Jesus disse-lhe: "***Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres***" Com estas palavras ele indica o tipo de morte pela qual Pedro daria glória a Deus (***João 21:15-19***). **[19]**

Em ***João 21:20***, "*ku,rie*" ("Senhor") reaparece na boca do discípulo anônimo: "***Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor*** (*ku,rie*) ***, quem é o*** traidor?"

E finalmente, novamente na boca de Pedro em ***João 21:21***: "***Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus:*** (*ku,rie*)***, E quanto a este?***".

No total, então, há oito ocorrências de "*ku,rioj*" ("Senhor") nesses sete versículos: cinco estão no vocativo (*ku,rie*) e três no caso nominativo (*o`ku,rioj*). Em nenhum dos casos, após a exclamação de Tomé em ***João 20:28***, pode ser interpretado como significando YHWH, embora o termo se refira a Jesus no estado ressurreto. Não é estranho se Tomé realmente chamasse Jesus de SENHOR e Deus? Por que essa suposta confissão não é reforçada e expandida na segunda conclusão ou apêndice imediatamente após?

A Exclamação De Tomé Em Hebraico (E Aramaico)

Parece que nunca foi notado na história da interpretação do quarto Evangelho que na língua original falada por Tomé e Jesus, o hebraico (***João 20:16; Atos 26:14***), **[20]** o fragmento de Tomé em ***João 20:28*** teria sido:

Adoni ve Eli! (***yliae w> ynIdoa***]) e não *Adonai ve Eli* (***yliae w> yn"doa***])

Se traduzirmos esta expressão para o aramaico, Tomé respondeu e disse-lhe:

Mari ve Elahi! (***yhiêl'a/ w> yair>m'***)

Em nenhum caso Jesus é comparado a YHWH no primeiro título ("*Adoni*" em hebraico e "*Mari*" em aramaico). E o segundo título ("*Eli*" em hebraico e "*Elahi*" em aramaico) deve ser lido à luz do que Jesus ensinou em ***João 10:33-38***, onde afirmou ser "***Filho de Deus***", não Deus, e que Deus "***o Pai está em mim***" (***João 10:38***), e disse que isso não era blasfêmia porque os próprios judeus são chamados de "deuses" (*elohim*) nas Escrituras Hebraicas. Isso, de fato, não é blasfêmia, e isso não os torna iguais a YHWH. Também não é o caso aqui de Tomé estar blasfemando ou fazendo de Jesus YHWH ou igual a YHWH. Não dizemos: "***Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia!***" (***Marcos 2:7***). E Jesus não diz: "*Por que me chamas de Deus? Não há ninguém que seja Deus senão um: Deus*". É bom recordar aqui o que disse ao

jovem que no Evangelho de Marcos se dirigiu a ele como "***bom mestre***": "***Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus***" (***Marcos 10:18***; ver p. 411). Observe, ainda, que:

(1) É Tomé quem faz essa declaração, não Jesus. Se Jesus é chamado de "Deus" em ***João 20:28***, é Tomé quem o chama assim. Nenhum outro Evangelho testifica isso. Este incidente clímax e dito não são corroborados pelos Sinópticos, isto é, não pelo final mais longo e inautêntico de ***Marcos*** (***16:9-20***), nem por ***Mateus 28:1-20***, nem por ***Lucas 24:1-53***. *A interpretação trinitária tradicional de Calcedônia de João 20:28 como um texto de prova para o ensino de que Jesus é uma divindade, uma divindade, a segunda Pessoa da Trindade é o euemerismo*. O Sagrado Alcorão, as escrituras que são sagradas para o Islã e que são tão fortemente monoteístas quanto a Bíblia Hebraica é para o Judaísmo, tem a dizer (e quem pode contradizê-lo?): "*Certamente aqueles que dizem: Vejam! Allah é o Messias, filho de Maria. O próprio Messias disse: Ó filhos de Israel, adorem a Allah, meu Senhor e vosso Senhor*" (***Alcorão, Sura 5:72a***).

2) Mais precisamente, é o autor que relata isto que faz com que Tomé o diga. Se Jesus é chamado "Deus", é João que o faz (compare, ***Atos 2:36***, onde se diz que Deus fez de Jesus "Senhor e Messias"). Se Jesus é chamado "Deus", é João que exalta ou exalta demais Jesus, e é João que pela boca de Tomé lhe dá o nome "Deus" (compare o chamado hino de Cristo em ***Filipenses 2:5-11***, onde se diz que é Deus que "exaltou demais" Jesus, Deus que lhe deu o nome "Senhor").

(3) Se Jesus é verdadeiramente chamado de "Deus" por Tomé, por que ninguém chama Tomé de "irmão de Deus", nem Pedro, nem João, nem nenhum dos outros Apóstolos, como Maria passou a ser chamada de "a mãe de Deus" (*theotokos*)? Afinal, o próprio Jesus os chamou de irmãos, não é? "***Mas vá para meus irmãos*** [ver também ***Mateus 28:20; Hebreus 2:11-13***] e diga-lhes: "***Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus***". (***João 20:17***). Deve-se admitir que "na Liturgia de Tiago, o irmão de Jesus é elevado à dignidade de irmão do [verdadeiro] Deus (*Adelphotheos*)". **[21]** Mas "a Liturgia de Tiago, como existe hoje, foi trazida em conformidade com o cristianismo trinitário desenvolvido e a ortodoxia oriental… Igreja Católica em comunhão com Roma em siríaco e, na antiga Igreja Ortodoxa Indiana, a Igreja Católica *Siro-Malankara* em traduções em *malaiala*, hindi e inglês". **[22]**

(4) Jesus não chamou a si mesmo de SENHOR e Deus no quarto Evangelho. Ele apenas sancionou ser chamado de Senhor e Mestre. Ele disse aos doze na noite antes de morrer: "***Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros***" (***João 13:13, 14***). E em **João 20** Maria de Magdala o chama de Senhor (***versículos 2 e 18***), meu [senhor] (***versículo 15***) e, em hebraico, "*Rabouni*" ("meu Mestre", ***versículo 16***). **[23]** Como Juliano escreveu em 363 d.C.

> "De qualquer forma, nem Paulo, nem Mateus, nem Lucas, nem Marcos ousaram chamar Jesus de Deus. Mas o bom João, tendo percebido que muitas pessoas em muitas cidades da Grécia e da Itália já haviam sido infectadas com esta doença, e porque ele ouviu, suponho, que até os túmulos de Pedro e Paulo estavam sendo adorados — em segredo, é verdade, mas ele ainda ouviu isso — ele, eu digo, foi o primeiro a ousar chamar Jesus de Deus" (Contra Galileu).

Mas, E Quanto A João 1:1?

João 1:1-3, 10b ("***No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus… o mundo foi feito por intermédio dele***") é a declaração do autor do quarto Evangelho (compare ***1 Coríntios 7:10***: "***Eu ordeno, não eu, mas o Senhor***") e é um "*midrash*" de ***Provérbios 8:22*** ("***O SENHOR me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas***") e **Gênesis 1:1** ao maneira do autor anônimo de ***Hebreus 1:2 e 1:8-12***, onde "o Filho" (Jesus) é chamado de "Deus" com base na versão Septuaginta do ***Salmo 44:7, 8*** (***45:6, 7***). **[24]** Além disso, "o Filho" é chamado de "Senhor" com base no ***Salmo 101:25-27*** LXX (**102:25-27**), um Salmo originalmente dirigido a YHWH (ver texto hebraico), e atribuído a ele com a criação do mundo. **[25]** Como o mencionado Julián escreve sobre este versículo:

> Mas que Moisés acreditava em um só Deus, o Deus de Israel, diz em ***Deuteronómio***: "***Para que saibais que o Senhor vosso Deus é um só Deus; e não há outro além dele***". E ainda diz: "***E ponha em seu coração que este Senhor, seu Deus, é Deus em cima no céu e embaixo na terra, e não há outro***". E ainda: "***Ouve, ó Israel: o Senhor nosso Deus, o Senhor é um***". E novamente: "***Olha, eu sou e não há Deus para me salvar***". Estas, então, são as palavras de Moisés quando ele insiste que existe apenas um Deus. Mas talvez os galileus respondam: "Mas nós não afirmamos que haja dois ou três deuses". Mas vou mostrar que eles também afirmam isso, e chamo João como testemunha, que diz: "***No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus***". Você vê que é dito que a Palavra está com Deus? Agora, se este é aquele que nasceu de Maria ou qualquer outro, para que ele possa responder a Fotino ao mesmo tempo, isso agora não faz diferença; na verdade, deixo a disputa para você; mas é suficiente apresentar a evidência de que diz "com Deus" e "no princípio". Então, como isso concorda com os ensinamentos de Moisés? (Contra Galileu)..

E quanto a João 1:18?

João 1:18 diz isso na Bíblia de Jerusalém (1966) e na Nova Bíblia de Jerusalém (1985): "***Ninguém jamais viu a Deus; é o Filho único, que está perto do coração do Pai, que o deu a conhecer***". Os tradutores rejeitaram duas vezes o texto recentemente introduzido na última parte do século 20 para outras traduções importantes. E com razão, a meu ver. É crível que um texto que chama Jesus de "Deus" tenha desaparecido por 1.500 anos e nenhum cristão sabia disso? Deve ser um texto que o Novo Padrão Revisado, a Bíblia endossada pelo Conselho Mundial de Igrejas e favorecido pela Sociedade de Literatura Bíblica, acabou de incluir, em 1989, embora fosse bem conhecido quando a Versão Revisada foi feita no final do Século 19?: Este texto gnóstico e ariano de som estranho agora será considerado junto com ***João 20:28*** como uma das provas mais fortes para o ensino euemerístico de que Jesus, que foi chamado de "o Messias", era/é também Deus ? Chame-me de Thomas incrédulo, se quiser, neste caso, mas não aguento. Nem o eminente crítico textual e estudioso do Novo Testamento, *Bart Ehrman* (veja seu livro A Corrupção Ortodoxa das Escrituras para uma discussão penetrante e esclarecedora). .

E sobre João 3:13?

João 3:13 ("***Ninguém subiu ao céu, exceto aquele que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu***"), que o Tomo de Dâmaso (382 EC) usou como texto de prova para ensinar que os cristãos eram forçado a acreditar que Jesus estava no céu com Deus Pai enquanto vivia na terra, é um texto corrompido, e todas

as principais traduções recentes do NT omitem a cláusula referente ao final "quem está no céu", encontrado na versão King James, o *Douay -Rheims-Challoner Bible,* e até mesmo na *New American Bible* (1970, primeira edição).

E sobre João 8:58?

João 8:58 ("***Antes que Abraão existisse, eu sou*** [ele]") tem sido mal traduzido por séculos (veja agora a Nova Bíblia Americana: "***Antes que Abraão existisse, EU SOU***"). A Bíblia de Jerusalém (1966) traduziu o "*ego eimi*" do grego como "eu sou", mas mudou para o ainda incorreto "eu sou" na Nova Bíblia de Jerusalém (1985). **[26]**

E sobre João 10:30?

João 10:30 *("****Eu e meu Pai somos um***") tem sido mal interpretado. Os trinitarianos interpretam erroneamente "*en*" ("um"), que é neutro em grego, como "*eis*", uma forma masculina. *João Calvino* em seu comentário sobre a Bíblia diz o seguinte a respeito deste versículo: "Os antigos perverteram grandemente esta passagem, quando queriam provar dela que Cristo é identicamente da mesma natureza (ou consubstancial) com o Pai, porque Cristo não fala sobre de uma unidade de substância, mas do acordo mútuo entre o Pai e ele mesmo, ou seja, afirmando que tudo o que ele fizer será sancionado pelo poder do Pai".

(5) Se Jesus é realmente chamado "Deus" aqui, no sentido que os trinitários calcedónios lhe dão, porque é que ele próprio aparece a João na ilha de Patmos e afirma no primeiro versículo que Deus lhe deu uma revelação? para mostrar aos seus servos "coisas que devem acontecer em breve" (***Apocalipse 1:1***)? Em ***Apocalipse 5:1-14***, é-nos mesmo mostrada a visão do momento exato em que Jesus recebeu daquele "que se senta no trono" o conhecimento destas coisas do futuro que ele não conhecia antes e que mandou João escrever no dia do Senhor enquanto ele estava na ilha de Patmos, no Mar Egeu:

> "***Vi, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos. Vi, também, um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele; e eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele. Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos. Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra. Veio, pois, e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono; e, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos, e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que***

> ***procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra***"
>
> "***Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos E os quatro seres viventes respondiam: Amém! Também os anciãos prostraram-se e adoraram***" (***Apocalipse 5:1-14***)

(6) E, mais uma vez, se Jesus é realmente chamado de "Deus" por Tomé em *João 20:28* em um sentido diferente do ***Salmo 82:6*** na Bíblia Hebraica, por que o próprio Jesus ainda chama Deus de "meu Pai" e "meu Deus" quando ele desce do céu e fala com João na Ilha de Patmos, assim como ele fez quando falou com Maria de Magdala no jardim de Jerusalém depois que ele ressuscitou dos mortos de acordo com ***João 20:17***? Observe o uso de "meu Pai" (três vezes) e "meu Deus" (cinco vezes) nestas palavras de Jesus:

"***Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas*** (***Apocalipse 2:26-29;*** em ***Apocalipse 2:7*** muitos manuscritos dizem: "***Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus***").

"Até agora não notei nada em seu comportamento que meu **Deus** pudesse chamar de perfeito. Lembre-se de como você ouviu a mensagem pela primeira vez. Segure-se nisso. Arrependa-se!" (***Apocalipse 3:2b***).

"***O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de MEU PAI e diante dos seus anjos***" (***Apocalipsis 3:5***).

"***Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do MEU DEUS, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do MEU DEUS, o nome da cidade do MEU DEUS, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome***" (***Apocalipse 3:12***).

"Escreva ao anjo da igreja de Laodicéia e diga: 'Aqui está a mensagem do Amém, dos fiéis, da verdadeira testemunha, do princípio da criação de Deus...'" (***Apocalipse 3:14***, minha tradução; ver ***Proverbios 8:22*** na Bíblia Hebraica, e o comentário sobre ela em "*Bereshit Rabbah*").

"***Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono***" (***Apocalipse 3:21***).

(7) Se Jesus deve ser chamado de "Deus" no sentido de Calcedônia por causa de *João 20:28*, como é que João também na prescrição epistolar do mesmo livro, Apocalipse de Jesus Cristo, fala de Jesus como tendo um Deus ?e um pai?

> João, às sete igrejas da Ásia: Graça e paz a vós, daquele que é, que era e que há de vir, dos sete espíritos que estão diante do seu trono, e da parte de Jesus Cristo, a fiel testemunha, o primeiro. nascido dos mortos, o maior dos reis terrestres. Ele nos ama e lavou nossos pecados com seu sangue, e nos fez um Reino de Sacerdotes para servir a seu Deus e Pai; a ele, então, seja glória e poder para todo o sempre. Amém.

(8) O último livro do Novo Testamento é mais apropriada e completamente chamado de Revelação de Jesus Cristo (***Apocalipse 1:1***). Todo este livro de 22 capítulos consiste em informações sobre o futuro que Jesus afirma ter recebido no céu de seu Deus e Pai após sua ascensão e que ele claramente não sabia antes, fato que é inconsistente com o trinitarismo calcedónico.

9) Jesus nunca diz no corpo do quarto Evangelho que seu nome é A Palavra; esta é a atribuição do autor do prólogo no final do primeiro século (***João 1:1, 14***). **[27]**

Da mesma forma, Jesus nunca diz que ele é o unigênito/filho unigênito de Deus no quarto Evangelho (veja a New American Bible e a New Revised Standard Version de ***João 3:16 e 18***, onde essas palavras são as do autor do quarto Evangelho e não as palavras de Jesus). **[28]**

O motivo da confusão sobre "senhor" e "SENHOR"

A Septuaginta grega e os autores do NT que usaram o grego e o citaram não distinguiram entre o termo "*ku,rioj*" quando se refere a "Yahweh" e *ku,rioj*" quando se refere a um ser humano, como faz o texto massorético. da Bíblia Hebraica. **[29]** Portanto, todos, especialmente os trinitarianos, ficaram confusos quando chegaram a ***João 20:28***, como vemos na declaração de *R. Brown* na introdução acima. (Eu chamo isso de ponto cego na erudição do Quarto Evangelho, infelizmente, mas um de muitos.) Mas Tomé e Jesus sabiam a diferença entre "*Adoni*" e "*Adonai*" (com *kametz*). Esta é a chave que desvenda o mistério que envolveu esta afirmação desconcertante de Tomé no quarto Evangelho. Se traduzirmos o fragmento para o hebraico (***João 20:16***) ou aramaico, veremos que o que Tomé diz se harmoniza com os três usos de "*ku,rioj*" referindo-se a Jesus no estado ressurreto que precede sua declaração (***João 20: 18, 20 e 25***) e os oito usos que o seguem nos sete versículos da segunda conclusão ou apêndice (***João 21:7, 12, 15, 16, 17, 20 e 21***). Se era de fato a Jesus que ele se dirigia, e não ao Pai em Jesus, como tem sido e pode ser lido com mais precisão, ele não disse o equivalente a "meu YHWH!" mas disse: "*Adoni ve Eli*" ("Meu Senhor e meu Deus!").

Isso é certamente o que Pedro ensinou cerca de 40 dias depois, na Festa das Semanas (*Shavuoth*) ou Pentecostes, quando citou o ***Salmo 110:1*** das Escrituras Hebraicas ("YHWH disse a "*adoni*": 'Sente-se à minha direita'") e então concluiu: "***Portanto, toda a casa de Israel pode ter certeza de que o Senhor*** [*Adon/Mar*] ***e o Messias*** [*Meshicha*] ***que Deus*** [*Elohim*] ***fez, é este Jesus a quem vocês crucificaram***" (***Atos 2:36***).

Como *Geza Vermes*, o famoso estudioso judeu da Universidade de Oxford, afirma em seu recente livro "*The Changing Faces of Jesus*" (Os rostos de Jesus que mudam):

> É bem sabido que os judeus usavam "Senhor" como sinônimo de Deus em sua linguagem religiosa. Os vários nomes divinos, o sacrossanto e não pronunciado YHWH ("Jeová"), bem

> como o hebraico "*Adon*" ("Senhor") e "*Adonay*" ou o aramaico "*Mar*" ("Senhor") são todos traduzidos para o grego com a mesma palavra, "*Kurios"* ("Senhor"). Podemos ter certeza de que os judeus, independentemente da língua que falassem, não tinham dificuldade em distinguir um "Senhor" divino de um humano. O obstáculo que os cristãos gentios helenizados, como os membros da igreja de João, tiveram de transpor foi consideravelmente maior. **[30]**

Conclusão

João Calvino, um trinitário calcedónio e uma das principais *figuras da Reforma, apontou que os Pais da Igreja haviam feito mau uso de* ***João 10:30****. E Sir Anthony* Buzzard em seu livro "*The Doctrine of the Trinity: Christianity's Self-Inflicted*" (A Doutrina da Trindade: A Ferida Auto-infligida do Cristianismo) apontou como ***João 8:58*** foi mal interpretado. Agora deve ser notado que ***João 20:28*** como um texto de prova de que Jesus é YHWH é igualmente uma leitura ruim. É uma falácia exegética que deve ser abandonada, assim como muitas, mas não todas, "provas" da Trindade da Bíblia hebraica usadas pelos trinitários calcedónios, como Gênesis 1:1 e 26; 16:9 (o anjo de Jeová como Cristo pré-encarnado); ***18:1*** y seguintes. (os três homens que visitam Abraão, um dos quais se chama Javé, e os outros dois "anjos"); 19:24 ("Jeová fez chover fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra da parte de Jeová do céu," KJV); Êxodo 4:2 e segs. (o anjo de Javé na sarça ardente em Horebe, "o monte de Deus", no Sinai que revela seu nome a Moisés, ***Êxodo 3:14, 15***); o anjo do grande conselho (***Isaías 9:6***, LXX); a Palavra de Deus (o nome joanino de Jesus em Apocalipse 19:11); a personificação da Sabedoria como Senhora em ***Provérbios 8*** = o chamado Cristo pré-encarnado! Assim também "o Filho de Deus" (KJV) — "uma tradução muito infeliz" (*Adam Clarke*) — na fornalha ardente na Babilônia com os três amigos judeus de Daniel (***Daniel 3:25***) = Jesus! Com relação a esse notório erro de tradução, o Talmude de Jerusalém relata que um dos rabinos disse: "Quando Nabucodonosor falou sobre o 'Filho de Deus' (**Dan. iii. 25**), um anjo se aproximou e o golpeou no rosto, dizendo: 'Será que Deus tem um filho?'" (*Yer. Shab. vi. 8d*). Observe também o falso "S" maiúsculo sobre "senhor" em ***Daniel 12:8*** (KJV).

Resumo

Em catorze casos (seis em ***João 20*** antes de ***20:28*** e oito no apêndice de ***João 21*** depois de ***20:28***) a palavra "*o`ku,rioj*" não significa YHWH. Esta evidência contextual, portanto, indica claramente que a construção de dois milênios de "*o`ku,rio,j mou*" em ***João 20:28*** como equivalente a "meu YHWH" não é correta. E "*theos y o` qeo,j mou*" deve ser lido com o mesmo significado metafórico que tem no Salmo 82:6, como Jesus ensinou no corpo do quarto Evangelho (***João 10:34-36***). Esta leitura de ambos os termos na exclamação de Tomé, "*o` ku,rio,j mou kai. o` qeo,j mou*" (***João 20:28***) é confirmado ainda mais quando se considera o hebraico subjacente, a língua original do dito. O uso de "*qeo,j*" no prólogo (***1:1***) é uma declaração do autor, não de Jesus, e é semelhante ao uso do autor anônimo de ***Hebreus***, onde em ***1:8-12*** os títulos "Deus" (***o` qeo,j, 1:8***) e "Senhor" (***ku,rie, 1:10***) são aplicados a "Filho" (***1:1*** e seguintes) por citações do ***Salmo 44:7, 8*** (***45:6, 7***) e ***Salmo 101:25-27*** (***102:25-27***) na Septuaginta, versão grega da Bíblia hebraica, e onde lhe é atribuída a criação do (novo) mundo. Irineu em sua Prova da Pregação Apostólica faz o mesmo, usando o ***Salmo 44:7, 8***, e acrescentando uma tradução incorreta de um texto hebraico corrupto de ***Gênesis 1:1*** (*Baresith bara Elowin basan benuam samenthares*: "No princípio, o Filho, Deus, então estabeleceu os

céus e a terra". Mas esses três textos – ***Salmo 44:7, 8, Salmo 101:25-27 e Gênesis 1:1*** – na versão das Escrituras Gregas e Hebraicas usadas por Irineu não correspondem ao texto Massorético da Bíblia Hebraica.

Deus E Senhor
O Único Deus Que Existe

"A ordem que traz Israel à existência é o '*Shema*'. É lido em voz alta na forma "*Shema*" "*Israel Adonai Eloheynu Adonai Echad*" (***Deuteronómio 6:4***). Traduzido palavra por palavra, isso significa: "***Ouve, Israel, o*** [SENHOR] ***nosso Deus, é o único*** [SENHOR]." As palavras soam estranhas, mas contêm a chave mais importante que abre a compreensão judaica de Deus. '*Adonai*' significa 'meu [SENHOR]' **[31]** mas essa palavra não aparece realmente no texto hebraico. Escrito no texto estão as quatro letras YHWH (conhecido, do grego para 'quatro letras', como o *Tetragrammaton*). YHWH foi o nome revelado por Deus a Moisés, mas porque participava da santidade de Deus, não foi pronunciado por ninguém, exceto pelo sumo sacerdote no Dia da Expiação. Muitos judeus preferem dizer "*haShem*", o Nome, talvez traduzindo-o como "o Eterno"; e onde quer que as letras YHWH apareçam no texto da Escritura, as vogais de "*Adonai*" são inseridas, para lembrar o leitor de não tentar pronunciar o nome, mas dizer "*Adonai*". É por isso que, nas traduções para o inglês do que os cristãos chamam de AT, o nome de Deus é traduzido como "Jeová". Traduções mais antigas fizeram uma tentativa equivocada de transliterar o nome, colocando as vogais de "*Adonai*" em YHWH e produzindo a forma impossível, Jeová. Nos estudos acadêmicos, tornou-se convencional representar esse nome de Deus como Javé. Assim, isso já revela algo importante sobre a autorrevelação de Deus: a santidade de Deus se estende até ao nome de Deus, que deve ser tratado com a devida reverência. A palavra "*eloheynu*" é a palavra "*elohim*", Deus, com um pronome adicionado no final, então significa 'nosso Deus'. Assim, a frase significa 'Yahweh é nosso Deus, Yahweh é Um'; ou 'Yahweh nosso Deus, Yahweh é Um'; ou 'Yahweh é nosso Deus, Yahweh sozinho'". **[32]**

Nota sobre Mateus 19:17 e Paralelos **[33]**

Afirma-se frequentemente que o texto do NT pode ser reconstruído a partir de citações dos primeiros Pais da Igreja. Por exemplo, ***Mateus 19:17/Marcos 10:18/Lucas 18:19***:

- **JUSTINO**, um dos primeiros Padres da Igreja, escrevendo em *140-160*, escreve em seu *Diálogo 101.2*: "*Um é bom, meu Pai que está nos céus*". Esta citação muito antiga não é o que lemos na Bíblia hoje.
- **EFREM**: "*Commentary on the "Diatessaron*" (Comentário sobre o "Diatessaron"), XV.9, tanto no Syriac original como no Arménio (2 manuscritos) diz: "*Um é bom, o meu Pai que* [está] *no céu*". *Efrém* morreu em 373, e o manuscrito siríaco do Comentário é do século V.
- **TATIAN**, por volta de 172, compôs o "*Diatessaron*" (a harmonia evangélica sobre a qual Efrém comentava), com base nos textos evangélicos atuais da época. E esta citação concorda precisamente com a de *Justino*.

- **IRENEO**: Haer. V.7.25 (pré-185): "*Um é bom, o/ meu Pai que está no céu*". Outra fonte do segundo século confirmando a versão "incorreta" de ***Mateus 19:17***.
- **HIPÓLITO**: Haer. V.7.25 (pré-222): "*Um é bom, o/ meu Pai que está no céu*". Outro pai cristão primitivo tem a versão "errada".
- **CLEMENTE DE ALEJANDRÍA**: Strom. V.10.63 (composto c. 207): "*Um é bom, o/o meu Pai*".
- **HOMILÍAS PSEUDO-CLEMENTINAS**: XVI.3.4 ca. 260 d.C. "*Porque um é bom, meu Pai que está nos céus*".
- **VETUS LATINA MS** e (apud Matthew, século V): "*Unus est bonus, pater*". Este é o segundo manuscrito mais antigo e também tem "Pai".
- **VETUS LATINA MS** d (apud Luke, século V): "*Nemo bonus nisi unus Deus pater*". "Pai" outra vez.

A versão *Douay-Rheims-Challoner* e a versão King James (1611) dizem que "***ninguém é bom senão Deus sozinho***". Isto foi alterado do antigo "***ninguém é bom exceto o Pai***" para se conformar à ideia em evolução de que Jesus também era Deus, tal como o Pai. O ditado em Mateus foi mais uma vez alterado recentemente em todas as principais traduções modernas para ler "***Porque me perguntas sobre o que é bom?***" E o homem que fala com Jesus não é dirigido como "***Bom Mestre***" mas simplesmente como "***Mestre***"!

A confusão sobre "Senhor" em um documento papal recente Na "Carta Apostólica *Dies Domini* do Santo Padre João Paulo II aos Bispos, Clero e Fiéis da Igreja Católica sobre a Santificação do Dia do Senhor" encontramos o seguinte: "E quando os cristãos falaram do 'Dia do Senhor', eles o fizeram dando a este termo o significado completo da proclamação da Páscoa: 'Jesus Cristo é o Senhor' (***Filipenses 2:11***; compare, ***Atos 2:36; 1 Coríntios 12:3***). Assim, Cristo recebeu o mesmo título que a Septuaginta usou para traduzir o que na revelação do AT era o nome indizível de Deus: YHWH". A palavra "senhor", no entanto, em ***Atos 2:36*** refere-se a um ser humano, pois é a conclusão tirada da citação do Salmo 110:1 ("YHWH disse a *adoni*") por "*Kefa*" (Pedro) no dia de Pentecostes. E na Bíblia hebraica, citada por "*Kepha*", faz-se uma distinção entre as duas pessoas no início desse salmo. YHWH (em outro lugar *Adonai*) refere-se ao Senhor Deus e "*adoni*" refere-se ao Messias. A Septuaginta dá a esses dois personagens o título de "senhor" e assim leva à confusão comum vista na carta do Papa e na "***Introduction to New Testament Christology***" (Introdução à Cristologia do Novo Testamento).

Como conclusão secundária, note-se que tal confusão também ocorre ao longo das notas da Bíblia da Nova Jerusalém, a Bíblia mais popular entre os católicos na Europa (ver, por exemplo, 1691e "Então ele é o Messias esperado, mas ele será 'Senhor', um título o AT meticulosamente reservado a Deus". Ver também 1689x acima. Igualmente 1801x: "Os cristãos chamam-se a si mesmos 'aqueles que invocam o nome do Senhor', ***9:14, 21; 22:16; 1 Coríntios 1:2; 2 Timóteo 2:22***; o título 'O Senhor já não indica Yahweh, mas Jesus").

Notas Finais Apêndice 1

[1] De acordo com Paulo, Pedro (a quem ele chama pelo apelido hebraico de "*Kepha*") foi a primeira pessoa a quem Jesus apareceu (***1 Coríntios 15:5***). De acordo com O Evangelho Segundo os Hebreus, que foi usado pelos ebionitas, fragmentos dos quais ainda sobrevivem em citações patrísticas, Tiago (*Ya'akov*), o irmão de Jesus, foi o primeiro.

[2] Ver "*Nicene Creed*" (Credo Niceno) e "*Ecumenical council*" (Conselho Ecumênico) em Wikipedia.com; também "*Seven Ecumenical Councils*" (Sete Concílios Ecumênicos) e "*Iznik* (*Nicaea*)" em allaboutturkey.com. Para um relato esclarecedor deste importante ponto de viragem na história do cristianismo, quando a Igreja se tornou o peão de um imperador pagão do Império Romano e os trinitários derrotaram os arianos, leia-se "*When Jesus Became God: The Struggle to Define Christianity During the Last Days of Rome*" (Quando Jesus se tornou Deus: a luta para definir o cristianismo durante os últimos dias de Roma) do erudito judeu *Richard Rubenstein* (Harvest Books, 2000)..

[3] Veja ***1 Coríntios 15***, onde Paulo emprega um Credo Apostólico e o silogismo Aristotélico em uma tentativa de persuadir o "incrédulo Tomé" coríntio que disse: "***Não há ressurreição dos mortos***".

[4] O quarto Evangelho relata uma declaração diferente de Pedro de acordo com as traduções mais recentes, com base em melhores evidências manuscritas do que as traduções anteriores: "***e nós cremos*** [e] ***sabemos que tu és o Santo de Deus***" (***João 6:69***). Segundo o texto grego da Nestlé-Aland edição 27 do quarto Evangelho, João Batista é o primeiro a chamar Jesus de "o Filho de Deus", ou seja, o Messias (***João 1:34***). E Andrés, por sua vez, segue: "***Encontramos o Messias! (que se traduz como Ungido)***" (***João 1:41***, NAB); Filipe: "***Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José***" (***João 1:45***); e Natanael: "***Rabi, tu és o Filho de Deus! Você é o rei de Israel!***" Em ***João 1:41***, a New American Bible observa: "A palavra hebraica '*masiah*', 'ungido'... aparece em grego como messias transliterado apenas aqui e em ***João 4:25***". E em ***João 1:49***, o NAB declara: "esse título é usado no AT, entre outras formas, como o título de adoção do rei davídico (***2 Samuel 7:14; Salmo 2:7; 89:27***) e assim por diante, aqui com o Rei de Israel, no sentido messiânico. Para o evangelista, Filho de Deus também aponta para a divindade de Jesus (compare, ***João 20:28***)".

[5] "*The Gospel According to John*" (O Evangelho segundo João) (xiii-xxi), Doubleday, 1970, 1047.

[6] "*An Introduction to New Testament Christology*" (Uma introdução à cristologia do Novo Testamento), Paulist Press, 1994, 188.

[7] *Rudolf Bultma*nn, "*The Christological Confession of the World Council of Churches*" (A Confissão Cristológica do Conselho Mundial de Igrejas), nos seus Ensaios Filosóficos e Teológicos, SCM Press, 1955.

[8] Os relatos paralelos em ***Mateus*** (***22:37)*** e ***Lucas*** (***10:27***) omitem a primeira linha do "*Shema*", que Marcos tem. E Lucas coloca a cena muito mais cedo do que Marcos e Mateus.

[9] Veja ***João 5:1; 20:16; 19:13, 17, 20; Apocalipse 9:11, 16:16*** = sete textos; também, ***João 1:41; 4:25; compare Atos 21:40; Atos 22:6; também Atos 26:14***.

[10] Enciclopédia Judaica, 10:10, Jerusalém, 1971. Veja também agora o artigo de um de seus alunos da Escola de Pesquisa Sinóptica de Jerusalém da Universidade Hebraica, Dr. *Shmuel Safrai*, "Spoken Languages in the Time of Jesus" (Idiomas Falados no Tempo de Jesus) em JerusalemPerspective.com, onde diz: "Hebraico era a principal língua falada na terra de Israel na época de Jesus". Isso ecoa o que foi sugerido pelo professor da Universidade Hebraica *M.H. Segal* já em 1909, quando argumentou que o hebraico "*Mishná*" exibia as características de uma língua viva e que o povo judeu na terra de Israel na época de Jesus usava o hebraico como sua principal língua escrita e falada (ver *M.H. Segal*, "*Mishnaic Hebrew and Its Relation to Biblical Hebrew and to Aramaic*" (Hebraico Mishnaico e a sua relação com o hebraico

bíblico e com o aramaico) Jewish Quarterly Review, Old Series 20 (1908-1909), 647-737; também *Segal*, "*A Grammar of Mishnaic Hebrew*" (Uma gramática hebraica mishnaica), Oxford , 1927).

[11] "Língua hebraica" em Wikipedia.org. É universalmente aceito que Jesus e os doze usaram as Escrituras Hebraicas em seus ensinamentos na terra de Israel (ver ***Mateus 5:17, 18***, onde Jesus diz: "***Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Eu digo que até que o céu e a terra passem, nem um jota*** [*yod*] ***nem um til*** [*qots*] ***passará da lei***" e ***Mateus 23:35***: "***para que todo o sangue justo que foi derramado caia sobre vós, na terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Berequias, a quem mataste entre o santuário e o altar***", onde a Bíblia hebraica, seu texto e cânon, são aludidos por Jesus. Deve-se notar aqui de passagem que o erro de Mateus, "***Zacarias, filho de Baraquias***", é corrigido em ***Lucas 11:51***).

[12] "*Gospel According to John*" (Evangelho segundo João), 1047.

[13] ***João 15:16; 16:23***; veja também as formas de oração de Mateus e Lucas que ele deu aos apóstolos, **Mateus 6:9-13; Lucas 11:2-4**.

[14] "*A Introduction to New Testament Christology*" (Uma introdução à cristologia do Novo Testamento), 188-189.

[15] YHWH aparece cerca de 7.000 vezes na Bíblia hebraica, mas nunca com um pronome possessivo, ou seja, nunca como "meu YHWH" — A.B.

[16] Veja *David Bivin*, "*'Jehovah' — A Christian Misunderstanding*" ('Jeová' — Um mal-entendido cristão), em PerspectivaJerusalén.com

[17] Portanto, o grego deve ser traduzido para o inglês, como *D.A. Carson* observou em um importante artigo no *Journal of Biblical Literature* alguns anos atrás: "*The Purpose of the Fourth Gospel: John 20:31 Reconsidered*" (O Propósito do Quarto Evangelho: João 20:31 Reconsiderado), JBL 106/4, 1987. , 639-651; veja agora seu recente comentário sobre "*The Gospel According to John*" (O Evangelho Segundo João), Apolo, 1991.

[18] Véase el "*Nicene-Constantinopolitan Creed: "Light of Light'*"' (Credo Niceno-Constantinopolitano: "Luz da Luz").

[19] Observe que a única ocorrência da palavra "Deus" em ***João 21*** aparece aqui (***versículo 19***), e se refere a Deus Pai, não a Jesus. A declaração supostamente importante de Tomé em **João 20:28** não é ampliada ou reforçada e é ignorada pelo autor, embora Tomé seja mencionado no início desta seção como um dos sete discípulos presentes quando esta aparição de Jesus é alegada. ter ocorrido (***João 21:2***). **João 21** não o menciona, nem o texto faz alusão a ele de forma alguma, como você pode ver o que acontece logo depois em Atos, o registro da pregação de Pedro, apóstolo e líder dos crentes judeus (os nazarenos), e Paulo, apóstolo dos gentios.

[20] Véase *Brenton Minge*, "*Jesus Spoke Hebrew: Busting the Aramaic Myth*" (Jesus fala hebraico: quebrando o mito aramaico) em sharedong.org/JESUSSPOKEHEBREW.htm

[21] *Philip Schaff*, "*History of the Christian Church*" (Historia da Igreja Cristiana), capítulo 4, seção 29 citado em "*James the Just*" (Tiago o Justo) em Wikipedia.com.

[22] "*Liturgy of St James*" (Liturgia de Santiago) em Wikipedia.com.

[23] Observe que "*Rabbouni*" é transliterado na frase acima com um "o" como no grego do NT "*koinê*". Além disso, tenha em mente que esta é uma palavra hebraica. Veja a nota na New American Bible: "uma palavra hebraica ou aramaica".

[24] Que, a propósito, é uma tradução errada do hebraico: veja "O *Tanakh*" (*El Tanakh*), Nova Versão de Publicação da Sociedade Judaica; também Raymond Brown, "*Introduction to New Testament Christology*" (Introdução à cristologia do Novo Testamento), 186, nota de rodapé 269: "Na verdade, a leitura da Septuaginta é um mal-entendido do texto hebraico (massorético) do salmo". [No entanto, o NT valida a Septuaginta, então "***Teu trono, ó Deus***" ainda é uma tradução aceitável - A.B.].

[25] A chave exegética para ***João 1:1-3, 10b*** e ***Hebreus 1:2 e 1:8-12***, passagens que intrigam a todos há séculos, descobri recentemente aqui em Istambul em uma obra do segundo século de Irineu chamada "*The Proof of the Apostolic Preaching*" (A Prova de Pregação Apostólica), 43-55, onde há uma exegese de **Gênesis 1:1** mal traduzida de um texto hebraico corrupto (*Baresith bara Elowin basan benuam samenthares*, "No princípio, o Filho, Deus, então estabeleceu o céu e a terra"); ***Gênesis 19:24; Salmo 44:7, 8*** LXX (***45:6, 7***); ***Salmo 109:1, 3*** LXX (***110:1, 3***); ***Provérbios 8:22; Isaías 7:14; 9:6*** com base na Septuaginta e onde esses versículos são usados para provar que Jesus é o SENHOR e Deus e que ele criou o mundo ("Então o Pai é Senhor e o Filho é Senhor, e o Pai é Deus e o Filho é Deus ; pois o que é gerado de Deus é Deus"), um argumento muito semelhante ao encontrado no Diálogo de *Justino Mártir* com *Trífon* (ver *Demetrios Christ Trakatellis*, "*The PreExistence of Christ in Justin Martyr: An Exegetical Study with Reference to the Humiliation and Exaltation Christology*" — A Preexistência de Cristo em Justino Mártir: Um estudo exegético com referência à humilhação e exaltação cristológica —, Harvard Dissertation Series 8, Missoula, Montana: Scholars Press, 1976; ver também *Günther Reim*, "*Jesus as God in the Fourth Gospel: The Old Testament Background*" (Jesus Como Deus No Quarto Evangelho: Os Antecedentes do Antigo Testamento), New Testament Studies 30, 1984, 58-60, para uma breve discussão sobre o uso de *Justino Mártir* do ***Salmo 44:7, 8*** LXX como um texto de prova para mostrar que Jesus é "Deus"). *Irineu* foi aluno de *Policarpo*, que foi aluno do apóstolo João em Éfeso, na Ásia Menor. ou a atual Turquia (veja seu trabalho em tertullian.org/fathers). Esta obra de *Irineu* foi descoberta em dezembro de 1904 na Igreja da Santa Virgem em Eriwan, na Armênia, pelo Dr. *Karapet Ter-Mekerttshian*, um dos estudiosos mais eruditos do clero armênio. Foi editado por ele com a tradução alemã em colaboração com o Dr. *Erwand Ter-Minassiantz* em 1907 em Texte und Untersuchungen (xxxi. 1). Dr. *Adolf Harnack* acrescentou uma pequena dissertação e algumas notas. Em 1912, outra tradução foi publicada pelo Dr. *Simon Weber*, da Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Frieburg, em Breisgau, com a ajuda de alguns estudiosos armênios. O Dr. J. *Armitage Robinson*, Deão de Wells, publicou uma tradução para o inglês em 1920. Eusébio em sua História Eclesiástica menciona que Irineu, além de sua grande obra Contra as Heresias, havia escrito "*In Demonstration of the Apostolic Preaching*" (Em Demonstração da Pregação Apostólica). (livro 5, capítulo 26). Como comenta o Dr. *Robinson*: "Este trabalho foi completamente perdido de vista: parece que ninguém jamais citou uma palavra dele". Após sua descoberta e tradução no início do século 20, não é de conhecimento geral. Ele foi colocado online por *Roger Pearse*, de Ipswich, Reino Unido, em 2003. Eu o descobri esta semana, 14 de junho de 2006, enquanto fazia pesquisas para este artigo..

[26] Veja *Anthony Buzzard y Charles Hunting*, "*The Doctrine of the Trinity: Christianity's Self-Inflicted Wound*" (A Doutrina da Trindade: a ferida autoinfligida do cristianismo), University Press of America, 1998, 218223. Para **João 3:13**, veja Ibidem., 205-210.

[27] João diz que todas as coisas surgiram por meio da palavra, por meio de "isso", como dizem **todas as traduções pré-Rheims-Douay e KJV do prólogo - A.B**.

[28] No entanto, grande parte das Escrituras e, portanto, autorizadas - A.B.

[29] A confusão que isso causou na mente dos cristãos gentios pode ser vista na tradição manuscrita em ***João 12:41; Atos 10:36b*** ("Ele é o Deus que é o Senhor de todos", Hipólito, "Contra Noeto"); ***13:48; 15:40; 20:28, 32; Romanos 10:16, 17; 14:10, 11; 1 Coríntios 2:16; 10:9*** (RSV lê "o Senhor"; NRSV lê "Cristo"; NJB lê "o Senhor"; NAB lê "Cristo"); ***1 Pedro 3:14, 15; 5:1*** (p. 72 traz "sofrimento de Deus"; todas as outras versões leem "sofrimento de Cristo"); ***2 Pedro 1:2*** (a maioria dos manuscritos diz "***Graça e paz vos sejam multiplicadas no conhecimento de Deus e de nosso Senhor Jesus***"; p. 72 remove o "e" e lê "Deus, nosso Senhor Jesus"); ***Judas 4 e 5*** (Vulgata e Douay-Rheims leem "Jesus"; pág. 72 leem "Deus Cristo"; todas as outras versões leem "o Senhor"); e ***Apocalipse 1:8*** (KJV lê "o Senhor"; todas as versões modernas "o Senhor Deus").

[30] Geza Vermes, "*The Changing Faces of Jesus*" (The Changing Faces of Jesus), Penguin, 2002, 39.

[31] "*Adonai" é muito mais provável que seja "Jeová".* — A.B.

[32] *John Bowker*, "*GOD: A Brief History*" (DEUS: Uma breve historia), DK Publishers, 2003, 178.

[33] De "*New Testament Alterations*" (Alterações ao Novo Testamento) en http://essenes.net/gop31nt.htm — com correcções menores.

Apêndice 2

Onde a Oposição Judaica se rompe

Os oponentes judeus de Cristo estão errados quando negam que o Jesus histórico possa ser qualificado como o Messias de Israel. Bruce James diz que esses são os requisitos do Messias:

(1) Deve ser judeu (veja ***Deuteronómio 17:15; Números 24:17***)

(2) Deve ser descendente de Judá (***Gênesis 49:10***) e Salomão (vários lugares, mas veja ***1 Crônicas 22:9, 10***)

(3) Com a vinda do Messias haverá a reunião física de Judá dos quatro cantos da terra (***Isaías 11:12; 27:12, 13***)

(4) Também com a vinda do Messias será a restauração do Templo Sagrado (***Miqueias 4:1***)

(5) Além disso, a era messiânica será uma era de paz mundial (***Isaías 2:4; 11:6; Miqueias 4:3***); e finalmente,

(6) Na era messiânica todos acreditarão em D-s (***Isaías 11:9; 40:5; Sofonias 3:9***). **[1]**

O NT espera unanimemente que os pontos três a seis sejam realizados no retorno de Jesus para inaugurar o Reino de Deus, sendo essa perspetiva o coração do próprio Evangelho salvador do Reino de Jesus (***Lucas 4:43***, etc., como também foi o de Paulo, ***Atos 19:8; 28:23, 31***).

Quanto à descendência de Jesus de Judá, os judeus objetam que, genealogicamente, Jesus é desqualificado para ser o Messias. O trabalho feito por Lord *Arthur Hervey*, um clérigo britânico, em suas "*The Genealogies of Our Lord and Savior Jesus Christ*" (As Genealogias de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo) **[2]** demonstra a descendência linear de Jesus a partir de Davi e de forma bastante razoável para harmonizar as tabelas genealógicas fornecidas por Mateus e Lucas. Esses dois registros genealógicos diferentes de Jesus apontam para sua descendência legal de Salomão (***Mateus 1:6, 7***) e biologicamente de Natã (***Lucas 3:31***), outro filho de Davi. Exemplos de genealogia dupla para a mesma pessoa são conhecidos em outras partes das Escrituras.

Há uma razão clara pela qual Mateus traça a linhagem de José até Salomão, filho de Davi, enquanto Lucas traça a linhagem de Jesus até outro filho de Davi, Natã. O AT registra que o descendente natural de Salomão, o rei Joaquim, **[3]** foi desqualificado por causa de seu pecado de jamais fornecer um descendente davídico como herdeiro do trono: "***nenhum dos seus filhos prosperará, para se assentar no trono de Davi e ainda reinar em Judá***" (***Jeremias 22:30***).

Quando a linhagem de Salomão foi desqualificada em Joaquim, foi providenciado um substituto legal para outra linhagem davídica. Sealtiel (Salatiel) e Zorobabel foram adotados da linhagem de Natã (***Lucas 3:27***) para a linhagem de Salomão (***Mateus 1:12***) para fornecer os herdeiros legais necessários. Esses dois, como parentes de sangue de Davi por meio de Natã, eram herdeiros genuínos do trono real. *Lord Hervey* argumenta que eventualmente as duas linhagens de Natã e Salomão se encontraram em Matã (Mateus 1:15; Matate em Lucas 3:24), que é o avô de José e Maria..

O direito de Jesus ao trono de Davi encontra-se no fato de que Jacó, filho de Matã, deu sua filha Maria em casamento a seu sobrinho José. Assim, Maria e José eram primos de primeiro grau e ambos, através da linhagem "legal" de Salomão e da linhagem natural traçada a Natã, eram membros da família real davídica. Jesus, portanto, herdou uma reivindicação legal ao trono messiânico por meio de José e uma reivindicação em virtude da descendência linear por meio de Maria, que era como José, descendente de Natã, filho de Davi. Mateus registra a linhagem legal de

José através de Salomão, cuja linhagem expirou em Joaquim. José era na verdade genro de Jacó, mas é listado como seu filho (***Mateus 1:16***) porque era o herdeiro legal do trono. **[4]**

Por seu casamento com Maria, cujo sangue e linhas legais também remontam a Davi, José fornece a Jesus seu direito legal ao trono, enquanto seu parentesco de sangue com Davi é assegurado por Maria. Jesus é de fato herdeiro do trono de Davi. Ele é o prometido no ***Salmo 132:11***: "***O SENHOR jurou a Davi com firme juramento e dele não se apartará: Um rebento da tua carne farei subir para o teu trono***"

Satisfazendo Os Critérios: O Problema Da Genealogia

As objeções judaicas são as seguintes:

> Mesmo que os cristãos pudessem estabelecer que **(a)** Jesus existiu e **(b)** Jesus era judeu, eles teriam dificuldade em provar que **(c)** Jesus era descendente de Judá e Salomão. Ambas as genealogias detalhadas em Mateus e Lucas traçam a linhagem de José até o rei Davi, embora de maneiras diferentes, pois ***Mateus 1:16*** diz que um cara chamado Jacó era o pai de José, e ***Lucas 3:23*** nos diz que José era filho de Eli. (Parece que aquela família teve muitos problemas para determinar a paternidade). Mas essas genealogias são falsas porque Mateus nos diz que José não era o pai de Jesus, mas Maria ainda era virgem mesmo depois que ele foi concebido pelo "**Espírito Santo!**" ***Mateus 1:18***. Visto que sabemos que a genealogia vem do pai (***Números 1:18; 2:2***), Jesus não pode reivindicar descendência de Judá. **[5]**

Esses problemas são resolvidos pela tese do esquema de *Lord Hervey* descrita acima. O texto bíblico dá a entender que Maria teve filhos com José, depois que seu filho primogênito foi gerado por um milagre (***Mateus 1:25; Marcos 6:3***).

Não Existe Era Messiânica?

"Mesmo assim, os cristãos ainda têm um problema porque ainda não conseguem estabelecer os pontos 3, 4, 5 ou 6 acima. Dizer que esses eventos acontecerão em uma segunda vinda é, na melhor das hipóteses, circular e contradiz ***Apocalipse 22:20*** (***Vem, Senhor Jesus!***)". [**6]**

A promessa de um breve retorno de Jesus para estabelecer o Reino é comum a todos os nossos escritos do NT. Os profetas de Israel séculos antes mesmo do nascimento de Jesus declararam que "***pois está perto o Dia do SENHOR***" (***Isaías 13:6***). **[7]** Jesus retoma a mesma advertência profética, usando exatamente a mesma linguagem, com seu apelo urgente ao arrependimento "***e o Reino de Deus está próximo***" (***Marcos 1:15***). Visto que nenhum de nós sabe quanto tempo ele pode viver, o chamado ao arrependimento em vista do Reino iminente é sempre de extrema urgência. O NT também fala de um longo período de tempo entre as vindas de Jesus (***Mateus 25:19; Lucas 20:9***). Uma apresentação universal do Evangelho do Reino é antecipada como uma advertência necessária antes da volta de Jesus. "***E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim***" (***Mateus 24:14***).

O cristianismo em sua forma bíblica não é de forma alguma inconsistente ou contraditório. Ele apresenta seu Salvador como descendente legal de Davi por meio de Natã e Salomão. O fim da linha em Mateus é provavelmente o de Maria, cujo marido José é listado como descendente legal do sexo masculino. Lucas registra a ascendência de José, que era "como suposto" pelo público, o pai de Jesus (***Lucas 3:23***), de Natã, filho de Davi (***Lucas 3:31***).

O ponto importante a ser observado no trabalho de *Hervey* é que Sealtiel e Zorobabel aparecem em ambas as listas. Isso ocorre porque a linhagem de Salomão falhou em Joaquim. Ele foi proibido de ter seus descendentes como herdeiros legítimos do trono davídico. Sealtiel, filho de Neri (***Lucas 3:27***), foi transferido da linhagem de Natã para fornecer um descendente "legal" em vez de biológico para a linhagem de Salomão. Permanece inteiramente plausível que Maria e José fossem primos que compartilhavam um avô comum em Matate (Matã). **[8]** Jesus é então relacionado por sangue a Davi por meio de Maria, que é descendente de Davi por meio de Natã. Jacó (***Mateus 1:16***) seria então sogro de José, marido de Maria e pai de Maria.

Jesus se encaixa na identidade do filho prometido de Davi. Seu Pai é Deus e ele é o filho biológico de Davi (***Romanos 1:3***). Em sua primeira vinda, ele proclamou o Evangelho do Reino e seu próprio messianismo em meio à oposição da religião estabelecida. Ele prometeu voltar para executar aquela parte do programa divino para o qual ele foi destinado: governar o mundo com sucesso do trono restaurado de seu pai Davi no Éden restaurado do Reino de Deus (compare, ***Atos 1:6***). **[9]** O NT começa definindo Jesus como filho de Davi (***Mateus 1:1***) e termina orando pelo retorno daquela mesma "***Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã***" (***Apocalipse 22:16***). Crer em Jesus como o Filho de Deus equivale a crer nele como o descendente sobrenatural de Davi..

Notas Finais Apêndice 2

[1] *Bruce James* (Baruch Gershom), "*Why Can't a Jew Believe in Jesus?*" (Por que um judeu não pode crer em Jesus?) http://judaísmo.about.com/od/jewishviewofjesus/a/jesus_onegod.htm

[2] *Macmillan*, 1853, rep. Kessinger, 2007. Um resumo útil do trabalho de Hervey é encontrado no "*Concise Dictionary of the Bible*" (Dicionario conciso da Bíblia) de Smith, *John Murray*, 1865, bajo "*Genealogy of Jesus Christ*" (Genealogia de Jesus Cristo) 283-285.

[3] É também chamado Jeconías e Conías. Para o término de sua linhagem, consulte ***Jeremias 22:28-30***.

[4] A afiliação legal é concedida a Zorobabel, que se diz ser filho de Sealtiel. Na verdade, ele era sobrinho de Sealtiel e seu pai era Pedaías, irmão de Sealtiel (***1 Crônicas 3:16-19***). *Hervey* identifica o Hananias de ***1 Crônicas 3:19*** com Joanan de ***Lucas 3:27*** e Hodavia de ***1 Crônicas 3:24*** com Joda de ***Lucas*** (***3:26***) e Abihud de ***Mateus*** (***1:13).*** A plausibilidade dessas identificações pode ser examinada comparando ***Esdras 3:9, Neemias 11:9, Esdras 2:40 e 1 Crônicas 9:7***.

[5] *Bruce James* (Baruch Gershom), "*Why Can't a Jew Believe in Jesus?*" (Por que um judeu não pode crer em Jesus?) http://judaísmo.about.com/od/jewishviewofjesus/a/jesus_onegod.htm

[6] IbidEM.

[7] A ideia de que Jesus previu seu retorno dentro de uma geração está errada. Sua referência a "***não passará esta geração*** [que] ***sem que tudo isto aconteça***" (***Marcos 13:30***) aponta para a sociedade perversa que prevalecerá até seu retorno. "*Genea*" tem um significado mais amplo do que um período de tempo limitado a 70 anos (veja, por exemplo, ***Lucas 16:8***, "tipo"; compare, ***Provérbios 30:11-14; Salmo 24:6***). Em ***Atos 1:7***, Jesus poderia muito bem ter dito: "*Eu disse a vocês que voltarei em alguns anos*", se é que ele alguma vez disse tal coisa. Em vez disso, ele explicou que ninguém sabe quando ocorrerá a Segunda Vinda (***Marcos 13:32***). "Esta geração" certamente não apontava para um período futuro limitado, agora quase dois mil anos distante de Jesus.

[8] El "*Concise Dictionary of the Bible*" (Dicionário conciso da Bíblia) de *Smith* aponta que Matã, o avô de Joseph, é provavelmente idêntico a Matate (285, 527).

[9] Para uma descrição completa do programa messiânico, ver *Anthony Buzzard*, "*Our Fathers Who Aren't in Heaven*" (Nossos pais que não estão no céu), Restoration Fellowship, 1995, e "*The Coming Kingdom of the Messiah: A Solution to the Riddle of the New Testament*" (A Vinda do Reino do Messias: Uma Solução para o Enigma do Novo Testamento), Restoration Fellowship. , 2002.

Apêndice 3

Hebreus 1:10

No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e
os céus são obra das tuas mãos
Hebreus 1:10

Existem três "textos de prova" dirigidos ao Filho em ***Hebreus 1:8-13***. Não há indicação no texto de que se refiram a alguém que não seja o Filho. O ***versículo 8*** começa: "***Mas acerca do Filho*** [Deus]..." Seguem-se três citações diferentes. A série termina no ***versículo 13*** com uma prova de que Jesus não era um anjo: "***Ora, a qual dos anjos*** [Deus] ***jamais disse***…" O ***Salmo 110:1*** é posteriormente citado como referindo-se ao Filho, Jesus. Grande parte do capítulo 1 de Hebreus compara o Filho de Deus aos anjos, mostrando que o Filho nunca foi um anjo e é superior a eles. Isso prova que o Filho não pode ser Deus! Não é necessário provar que Deus é superior aos anjos. É óbvio. Da mesma forma, fica claro o fato de que o Filho não pode ser um anjo ou arcanjo como sustentam as Testemunhas de Jeová. Tanto os anjos quanto os arcanjos são anjos! Jesus nunca foi um anjo, porque os sumos sacerdotes são "***tomado dentre os homens***" (**Hebreus 5:1**). E os santos anjos são imortais (***Lucas 20:36***), o que tornaria impossível a morte de Jesus, o Filho.

O que dizer então de ***Hebreus 1:10***? Em que sentido o Filho é o fundador do céu e da terra? Como pode ser isso se Jesus em nenhum lugar afirmou ser o Criador e não foi Jesus, mas Deus quem descansou no sétimo dia (***Hebreus 4:4***)? "***Deus*** [não Jesus] ***os fez homem e mulher***" (***Marcos 10:6***) e "***Então, formou o SENHOR Deus*** [não Jesus] ***ao homem do pó da terra***" (***Gênesis 2:7***). Cinquenta textos dizem que Deus Pai criou os céus e a terra. ***Lucas 1:35, Mateus 1:18, 20 e 1 João 5:18*** (não KJV) dizem que o Filho não existia até que ele fosse criado/gerado em Maria. Jesus era seis meses mais novo que João Batista e bilhões de anos mais velho? Jesus tinha trinta anos quando começou seu ministério público, mas na verdade já tinha mais de trinta? Que parte de Jesus tinha trinta anos e que parte tinha bilhões de anos? Jesus não pode ser assim dividido, dividido em dois. Maria deu à luz um ser humano. Ela não deu à luz um anjo. Ela não deu à luz a DEUS. Ela não tinha "natureza humana impessoal", como diz a teoria trinitária..

Maria deu à luz o filho biológico linear de David. Caso contrário, Jesus não se qualifica para ser o Messias.

Deus não pode ser gerado, e o Filho de Deus foi gerado. O Deus imortal (***1 Timóteo 6:16***) não pode morrer. O Filho de Deus morreu. Deus não pode ser tentado (***Tiago 1:13***), mas o Filho de Deus foi tentado. Deixar de observar essas diferenças hierárquicas é jogar fora valiosas instruções bíblicas.

Hebreus 1:1, 2 diz que Deus não falou por meio de um Filho nos tempos do AT. O ***versículo 2*** também diz que Deus fez os séculos por meio de Jesus. Isso pode se referir a eras futuras, ou pode se referir a Jesus sendo a razão pela qual Deus criou tudo. ***Hebreus 1:5***, citando a profecia do ***Salmo 2:7***, fala da vinda à existência de Jesus, o Filho: "***Eu te gerei hoje***" O mesmo versículo fala da promessa de ***2 Samuel 7:14***, dada mil anos antes do nascimento de Jesus, de que Deus "***Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho***". Essa promessa foi dada a Davi e se referia ao Messias que viria. O início da existência do Messias é o momento em que Deus se torna o Pai do Messias. **Atos 13:33** também se refere ao início da existência de Jesus, sua ressurreição (não ressuscitar como traduzido incorretamente na KJV) e o ***versículo 34*** à sua

ressurreição. O próprio começo do Filho é exatamente o que encontramos em ***Lucas 1:35*** e ***Mateus 1:20*** ("***o que nela é gerado é do espírito santo***").

Isaías 44:24 diz que Deus sozinho criou os céus e a terra de Gênesis. Eu estava sozinho. "Quem estava comigo?" No momento da criação de Gênesis não havia Filho com Ele (compare, ***Hebreus 1:1, 2***).

Deus não falou em um Filho até o NT. Então, quem disse: "Haja luz"? Seria uma completa contradição de ***Hebreus 1:1, 2*** dizer que era o Filho. O Deus do AT é bem diferente de Seu único Filho. Este último teve sua gênese em ***Mateus 1:18*** ("a gênese de Jesus foi a seguinte"). A Bíblia se torna um livro de enigmas incompreensíveis se Deus pode ter um Filho antes de trazê-lo à existência! ***Lucas 1:35*** descreve como o Filho de Deus veio a existir. foi gerado. Gerar na Bíblia e em inglês é uma palavra que, de todas as palavras, denota um antes e um depois. Portanto, o Filho teve um começo. Houve um tempo antes que ele fosse gerado, antes que ele existisse. Se já existisse, esses testemunhos em Mateus 1 e Lucas 1 não fazem sentido. Maria deu à luz um ser humano, não Deus ou um anjo. Mães humanas dão à luz humanos. Certamente, Maria certamente não deu à luz apenas a "natureza humana", e a "natureza humana" como filha de Maria não seria descendente de Davi e, portanto, não seria o Messias.

A noção de que o Filho de Deus era de fato Deus faria uma zombaria de toda a sua luta em obediência a Deus e em nosso nome como Salvador e modelo. O ponto principal de um Sumo Sacerdote é que ele deve ser "***tomado dentre os homens***" (***Hebreus 5:1***). Ele é o "homem Messias Jesus" em contraste com seu Pai (***1 Timóteo 2:5***). O Pai em ***João 17:3*** é "***o único que é Deus***". Se Deus é o único que é Deus, ninguém mais é Deus senão o Pai, que é exatamente o que Paulo declarou ao repetir o credo em ***1 Coríntios 8***: "***Não há Deus senão o único Deus, o Pai***" (combinando os ***versículos 4 e 6***).

Se o Filho fosse Deus, haveria dois Deuses. Chamar Jesus de Deus e Deus Pai não é monoteísmo, por mais que se aplique o rótulo. A Bíblia nunca usa "Deus" para se referir a um Deus tri-um ou bi-um.

Em ***Hebreus 1:10***, há uma complicação no fato de o escritor citar o ***Salmo 102*** da versão grega (LXX) e não da versão hebraica. A LXX tem um sentido completamente diferente no ***Salmo 102:23-25***. Introduz pensamentos que não são encontrados no texto hebraico. A LXX diz: "***Ele*** [Deus] **respondeu** [ao suplicante]... ***Diga-me*** [Deus falando ao suplicante]...***Você, senhor*** [Deus se dirigindo a outra pessoa chamada 'senhor']". Mas o texto hebraico diz: "***Ele*** [Deus] ***me enfraqueceu***... ***Eu*** [o suplicante] ***diz: 'Oh meu Deus***..."'

Assim, a LXX apresenta um segundo senhor a quem Deus se dirige: "***Tu fundaste a terra antigamente; os céus são obra das tuas mãos***" (***versículo 25***). O autor de Hebreus tinha a LXX aberta e não a hebraica (assim como hoje alguém pode citar a NIV em vez da KJV). *F. F. Bruce* no "*New International Commentary on Hebrews*" (Novo Comentário Internacional sobre Hebreus) explica:

> No texto da Septuaginta, a pessoa a quem essas palavras são endereçadas ["você fundou a terra antigamente"] é dirigida explicitamente como "Senhor"; e é Deus quem se dirige a ele assim. Enquanto no texto hebraico o suplicante é quem fala do começo ao fim do salmo, no texto grego sua oração termina com o ***versículo 22***, e as palavras seguintes são lidas assim: "Ele [Deus] respondeu [ao suplicante] em o caminho de sua força: 'Declare-me a brevidade dos meus dias: não me crie no meio dos meus dias. Seus anos [os do suplicante] são para todas as gerações. Tu, Senhor [o suplicante, aqui visto como o Messias pelos hebreus], no princípio lançaste os fundamentos da terra.'" **[1]** Esta é a resposta de Deus ao suplicante; ele [Deus] pede

> que você reconheça a brevidade do tempo estabelecido por Deus (para a restauração de Jerusalém, como no **versículo 13)** e não convoque você [Deus] para agir quando esse tempo definido tiver expirado apenas pela metade, enquanto ele [Deus] garante a ele [o suplicante] que ele e os filhos de seus servos serão preservados para sempre...
>
> *Bacon* sugeriu que o texto hebraico, assim como o grego, desse salmo formava uma base para a escatologia messiânica, especialmente sua referência à "brevidade" dos dias de Deus, ou seja, o período destinado a transcorrer antes da consumação de Deus. propósito [a chegada do ainda futuro Reino Messiânico na terra]; encontrei aqui o pano de fundo do AT de ***Mateus 24:22, Marcos 13:20*** e *Ep. Celeiro. 4.3* ("como diz Enoque: 'Para isso o Mestre [Deus] encurtou os tempos e os dias, para que seu Amado [Jesus] se apresse e venha para sua herança'")…
>
> Mas a quem (um leitor cristão da Septuaginta poderia perguntar) Deus poderia falar com palavras como essas? E a quem o próprio Deus se dirigiria como "Senhor"? como o criador [ou fundador] da terra e do céu? **[2]**

Lendo a LXX, o escritor de Hebreus vê uma referência óbvia aos novos céus e terra do futuro Reino e vê Deus se dirigindo ao Senhor messiânico em conexão com as profecias do restante do ***Salmo 102*** que falam da "***geração vindoura***" (***versículo 18***) e o tempo designado para o Senhor construir Sião e aparecer em Sua glória.

O importante artigo de *B.W. Bacon* (mencionado por Bruce acima) enfatiza o fato de que "a palavra 'senhor' está totalmente ausente do texto hebraico [e inglês] do **Salmo 102:2**5". Mas aparece na LXX citada por Hebreos.

> [Com a tradução LXX "ele respondeu a ele"] toda a passagem até o final do salmo torna-se a resposta de Javé ao suplicante que, consequentemente, parece ser chamado de "*Kurie*" [senhor] e criador do céu e da terra. Em vez de entender o versículo como uma reclamação do salmista sobre a brevidade de seus dias sendo cortados pela metade, a LXX e a Vulgata entendem a declaração como a resposta de Yahweh ao apelo do salmista de que ele intervirá para salvar Sião, porque "***é hora de ter misericórdia dela, sim, chegou o tempo determinado***" (***versículo 13***). Ele é solicitado a reconhecer (ou prescrever?) a brevidade do tempo estabelecido por Javé, e não convocá-lo quando estiver meio expirado. Por outro lado, ele [o senhor messiânico] tem a promessa de que sua própria paciência será perpétua com os filhos de seus servos. **[3]**

Este é exatamente o ponto, e só pode ficar claro quando vemos que **1)** o escritor de Hebreus está lendo a LXX, não o texto hebraico, e encontra ali uma maravilhosa profecia da era vindoura (Reino, restauração de Israel). que se encaixa exatamente em seu contexto e que **2)** existe um Senhor messiânico a quem Javé se dirige e convida para iniciar uma fundação do céu e da terra, a nova ordem política na Palestina, exatamente como declarado em ***Isaías 51:16***. Esta é precisamente a mensagem que o escritor de Hebreus quer transmitir sobre a superioridade de Jesus sobre os anjos. Jesus é o fundador dessa nova ordem do Reino vindouro. O escritor de ***Hebreus*** em ***2:5*** nos diz expressamente que se trata "da terra habitada do futuro de que estamos falando".

Isso realmente não é tão difícil ao explicar essa diferença no LXX. Tanto o Salmo 102 quanto Hebreus 2:5 e, de fato, todo Hebreus 1 referem-se à nova ordem de coisas iniciada por Jesus e não importa se pensarmos na nova ordem como iniciada na ascensão "***Toda autoridade no céu e na terra***" (***Mateus 28:18***), ou na Segunda Vinda.

O ***Salmo 102*** tem a ver com a era vindoura do Reino e a restauração de Jerusalém no milênio (ver ***versículos 13-22***). O escritor espera a restauração da cidade quando Deus aparecer em Sua glória (***versículo 16***). O Salmo foi escrito para a "*geração vindoura*" (***versículo 18***) e um povo recém-criado do futuro Reino na terra. Hebreus não está falando sobre a criação de Gênesis, mas sobre a "*economia vindoura*" (***2:5***).

Isaías 51:16 confirma esta explicação. Fala de um agente de Deus em quem Deus coloca Suas palavras e a quem Ele usa "para plantar os céus e a terra". O Comentário da Palavra da Bíblia diz:

> Isso não faz sentido se você quer dizer a criação original [Gênesis]... Nos outros casos, Deus age sozinho, sem usar nenhum agente. Aqui aquele que se escondeu na sombra de sua mão é seu agente. Os céus e a terra aqui devem se referir metaforicamente à totalidade da ordem na Palestina, os céus significando a estrutura geral mais ampla do Império, enquanto a terra é a ordem política na própria Palestina.. **[4]**

Assim, tanto no Salmo 102 (LXX) quanto em Isaías, o Messias é o agente que Deus usará para estabelecer a nova ordem política da era vindoura. ***Hebreus 1:10*** é uma profecia, escrita no passado (como é habitual nas profecias), mas referindo-se ao "mundo vindouro de que falamos" (***Hebreus 2:5***). Essa é a preocupação em ***Hebreus 1:10***. Jesus é o "pai da era vindoura" (**Isaías 9:6**, LXX).

Finalmente, em ***Hebreus 9:11***, o escritor fala das "*coisas boas que virão*" como coisas "que não são desta criação". Com isso ele quer dizer que as coisas por vir são da futura nova criação (ver ***Hebreus 2:5***). Essa criação está em andamento desde que Jesus foi exaltado à direita de Deus, onde agora é co-criador, abaixo do Pai, da nova criação e tem "***Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra***" (***Mateus 28:18***). Mesmo a idade milenar do futuro será substituída por um céu e uma terra mais renovados (***Apocalipse 20:11; 21:1***).

Deus tem uma nova criação em Jesus e devemos ser novas criaturas em Cristo (***2 Coríntios 5:17***). O mundo renascerá e estará sob a supervisão de Jesus e seus seguidores (***Mateus 19:28***, etc.). Devemos resistir à tentação de olhar para trás, para Gênesis, quando todo o livro de Hebreus nos convida a olhar para frente. a "*terra habitada do futuro*" (***Hebreus 2:5***). Observe que em vários lugares o hebraico fala de redenção eterna, herança, aliança, julgamento, salvação e o espírito da "era [por vir]" (*aionios*). "*Aionios*" refere-se à era vindoura do Reino e não apenas à eternidade. Os cristãos agora recebem o "***espírito santo da promessa***" (***Efésios 1:13***, NJB).

Notas Finais Apêndice 3

[1] A razão para as traduções completamente diferentes, entre grego e hebraico, são os pontos vocálicos hebraicos. O significado pode ser alterado se os pontos vocálicos forem alterados e, às vezes, não fica claro qual dos possíveis significados é o correto. Assim, o hebraico entende que "*innah*" significa "***Ele*** [Deus] ***afligiu***" (***versículo 23***), mas a LXX novamente aponta para as mesmas consoantes hebraicas como "*anah*" significando "*Ele* [Deus] *respondeu a ele*". Assim, na LXX, Deus está respondendo àquele que está orando

e se dirigindo a essa pessoa como "senhor". A LXX acrescenta "senhor" no **versículo 25**. Então o hebraico tem "*omar eli*" ("eu digo, 'Oh meu Deus'" ***versículo 24***). Mas a LXX lê essas consoantes como "*emor elai*" ("Diga-me", ***versículo 23b***; isto é, Deus ordena à pessoa que ora que conte a Deus). A ideia é que Deus está sendo solicitado a encurtar os dias que devem decorrer antes que o Reino venha (compare, **Mateus 24:22**). O ***Salmo 102*** trata amplamente da era por vir e da restauração de Israel no futuro Reino e, portanto, é inteiramente apropriado como um texto de prova para ***Hebreus 1*** em relação ao que o Filho está destinado a fazer no futuro, de fato, seu papel no novo , não a criação de Gênesis. Esse sentido é invertido quando feito para apoiar a ideia antibíblica de que Jesus foi o Criador em Gênesis!

[2] *F. F. Bruce*, "*The Epistle to the Hebrews*" (A Epístola aos Hebreus) ("*New International Commentary on the New Testament*" - Novo Comentário Internacional sobre o Novo Testamento), Eerdmans, 1990, 62-63.

[3] B. W. Bacon, "***Hebreos 1:10-12*** e a interpretação da Septuaginta de ***Salmo 102:23***", Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft 3, 1902, 280-285.

[4] "*Word Biblical Commentary: Isaiah 34-66*" (Comentário da bíblia de Word: ***Isaías 34-66***), Word Books, 1987, 212.

Bibliografía

Alford, Henry. *The Greek Testament*. Rivingtons, 1859.

Allen, Leslie C. *Word Biblical Commentary: Psalms 101-150*. Word Books, 1983.

Anderson, Hugh. *The Gospel of Mark* (The New Century Bible Commentary). Eerdmans, 1981.

Armstrong, Karen. *The Battle for God. Ballantine* Books, 2001.

———. *The Great Transformation*. Alfred A. Knopf, 2006.

———. *A History of God. Gramercy* Books, 2004.

Armstrong, Richard A. *The Trinity and the Incarnation*. 1904, rep. Kessinger, 2005.

Bacon, B.W. "*Heb. 1:10-12 and the Septuagint Rendering of Psalm 102:23*." Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft 3, 1902. 280-285.

Barclay, William. *The Gospel of Mark*, Westminster John Knox, 1975.

———. *A Spiritual Autobiography*. Eerdmans, 1975.

Barrett, C.K. *Essays on John*. SPCK, 1982.

———. *The Gospel According to St. John*. Westminster, 1978.

Barzun, Jacques. *From Dawn to Decadence*. HarperCollins, 2000.

Bateman, Herbert. *"Psalm 110:1 and the New Testament*." Bibliotheca Sacra 149, Oct-Dec., 1992.

Bauckham, Richard. *God Crucified: Monotheism and Christology in the New Testament*. Eerdmans, 1999.

BeDuhn, Jason David. *Truth in Translation: Accuracy and Bias in English Translations of the New Testament*. University Press of America, 2003.

Beisner, E. Calvin. *God in Three Persons*. Tyndale House, 1984.

Beyschlag, Willibald. *New Testament Theology*, 1896. Rep. Kessinger, 2006.

Bigg, Charles. *1 Peter, International Critical Commentary*. T&T Clark, 1910.

Blanchard, John. *Does God Believe in Atheists?* Evangelical Press, 2000.

Boice, J.M. *The Sovereign God*. Intervarsity Press, 1978.

Borg, Marcus and N.T. Wright. *The Meaning of Jesus: Two Visions*. HarperCollins, 2000.

Bowker, John. *God: A Brief History*. DK Publishers, 2003.

Bowman, J.W. *The Intention of Jesus*. SCM Press, 1945.

Boyd, Gregory A. *The Myth of a Christian Nation: How the Quest for Political Power Is Destroying the Church*. Zondervan, 2005.

———. *Oneness Pentecostals and the Trinity*. Baker, 1992.

Brown, Colin. "*Trinity and Incarnation: In Search of a Contemporary Orthodoxy*." Ex Auditu 7, 1991. 83-100.

Brown, Dan. *The Da Vinci Code*. Doubleday, 2003.

Brown, Harold O.J. *Heresies: Heresy and Orthodoxy in the History of the Church*. Hendrickson, 1998.

Brown, Michael L. *Answering Jewish Objections to Jesus*, Baker Books, 2000.

Brown, Raymond. *The Birth of the Messiah*. Geoffrey Chapman, 1977.

———. *The Gospel According to John*. Doubleday, 1970.

———. *An Introduction to New Testament Christology*. Paulist Press, 1994.

———. *Jesus: God and Man*. MacMillan, 1967.

Bruce, F.F. *Canon of Scripture*. Intervarsity Press, 1988.

———. *Commentary on the Greek Text of the Acts of the Apostles*. Eerdmans, 1975.

———. *The Epistle to the Hebrews* (New International Commentary on the New Testament). Eerdmans, 1990.

———. *The Gospel and Epistles of John*. Eerdmans, 1994.

———. *Jesus: Lord and Savior*. Intervarsity Press, 1986.

Bruce, F.F. et al. *The Origin of the Bible*. Tyndale House, 2003.

Brunner, Emil. *The Christian Doctrine of God*. Lutterworth Press, 1962.

Bultmann, Rudolf. "*The Christological Confession of the World Council of Churches*." In Essays Philosophical and Theological. SCM Press, 1955.

Buswell, J.O. *A Systematic Theology of the Christian Religion*. Zondervan, 1962.

Buzzard, Anthony. *The Coming Kingdom of the Messiah: A Solution to the Riddle of the New Testament*. Restoration Fellowship, 2002.

———. *Our Fathers Who Aren't in Heaven: The Forgotten Christianity of Jesus the Jew*. Restoration Fellowship, 1999.

Buzzard, Anthony and Charles Hunting. *The Doctrine of the Trinity: Christianity's Self-Inflicted Wound*. University Press of America, 1998

Cadoux, C.J. *A Pilgrim's Further Progress*. Blackwell, 1943.

Caird, C.B. "*The Development of Christ in the New Testament*." In Christ for Us Today. SCM Press, 1968.

Carden, Robert. *One God: The Unfinished Reformation*. Grace Christian Press, 2002.

Carroll, Lewis. *Through the Looking-Glass*. HarperCollins, 2003.

Carson, D.A. *The Gospel According to John*. Apollos, 1991.

———. "*The Purpose of the Fourth Gospel: John 20:31 Reconsidered*," Journal of Biblical Literature 106/4, 1987: 639-651.

Casey, Maurice. *From Jewish Prophet to Gentile God*. Westminster/John Knox Press, 1991.

Cave, Sydney. *The Doctrine of the Person of Christ*. Duckworth, 1962.

Chadwick, Henry. *The Early Church*. Penguin, 1993.

Chapman, Colin. *The Case for Christianity*. Eerdmans, 1981.

Clark, William. *Catechism of the Catholic Church*. German ed. Oldenbourg, 1993.

Cole, R. Alan. *Mark (Tyndale New Testament Commentaries)*. Eerdmans, 1983.

Cooper, David. *The Messiah: His Redemptive Career*. Biblical Research Society, 1938.

Creed, J.M. *The Divinity of Jesus Christ*. Fontana, 1964.

Cullmann, Oscar. *The Christology of the New Testament*. SCM Press, 1963.

Cupitt, Don. *The Debate About Christ*. SCM Press, 1979.

Davies, W.D. *Invitation to the New Testament*. SPCK, 1983.

Demmitt, Greg. "*The Christologies of Barton Stone and Alexander Campbell, and their Disagreement Concerning the Preexistence of Christ*." A Journal from the Radical Reformation 12:2 (2005).

Dorner, J.A. *History of the Development of the Doctrine of the Person of Christ*. T & T Clark, 1889.

Dunn, James D.G. *Christology in the Making*. Eerdmans, 1996.

———. *The Theology of Paul the Apostle*. Eerdmans, 1998.

———. *Unity and Diversity in the New Testament*. SCM Press, 1977.

Ehrman, Bart D. *Jesus: Apocalyptic Prophet of the New Millennium*. Oxford University Press, 1999.

———. *The Orthodox Corruption of Scripture*. Oxford University Press, 1993.

———. *Truth and Fiction in The da Vinci Code*. Oxford University Press, 2004.

Ellens, J. Harold. *The Ancient Library of Alexandria and Early Christian Theological Development*. Institute for Antiquity and Christianity, 1993.

Erickson, Millard J. *God in Three Persons*. Baker Books, 1995.

———. *Making Sense of the Trinity*. Baker Books, 2000.

Evans, Craig A. *Word Biblical Commentary: Mark 8:27-16:20*. Thomas Nelson, 2001.

Eyre, Alan. *The Protesters*. The Christadelphian, 1975.

Farrar, F.W. *The Bible: Its Meaning and Supremacy*. Longmans, Green and Co., 1897.

———. *The Gospel According to St. Luke*. The Cambridge Bible for Schools and Colleges. Cambridge University Press, 1902.

Fitzmyer, Joseph. *A Christological Catechism*. Paulist Press, 1991.

———. *The Gospel According to Luke I-IX* (Anchor Bible). Doubleday, 1981.

Flusser, David. *Jesus*. Magnes Press, 1997.

Ford, Desmond. *The Abomination of Desolation in Biblical Eschatology*. University Press of America, 1979.

Fortman, Edmund J. *The Triune God*. Baker, 1972.

Franklin, Eric. *Christ the Lord*. Westminster Press, 1975.

Godet, Frederic. *Commentary on St. Luke's Gospel*. I.K. Funk & Co., 1881.

Goguel, Maurice. *Jesus and the Origins of Christianity*. Harper, 1960.

Goldstone, Lawrence and Nancy. *Out of the Flames: The Remarkable Story of a Fearless Scholar, a Fatal Heresy and One of the Rarest Books in the World*. Broadway Books, 2003.

Goppelt, Leonhard. *Theology of the New Testament*. Eerdmans, 1982.

Goudge, H.L. "*The Calling of the Jews*." In Judaism and Christianity, ed. Lev Gillet, J.B. Shears & Sons, 1939. 45-56.

Green, Michael. *Evangelism Now and Then*. Intervarsity Press, 1979.

Grensted, L.W. The Person of Christ. Nisbet & Co., 1933.

Grillmeier, Aloys. *Christ in Christian Tradition*. Westminster John Knox Press, 1975.

Grisar, Hartmann. *Martin Luther: His Life and Work*. Newman Press, 1930.

Hamilton, H.F. *The People of God: An Inquiry into Christian Origins*. Oxford University Press, 1912.

Hanson, A.T. *Grace and Truth: A Study in the Doctrine of the Incarnation*. SPCK, 1975.

———. *The Image of the Invisible God*. SCM Press, 1982.

Hanson, R.P.C. "*The Doctrine of the Trinity Achieved in 381*." Scottish Journal of Theology 36 (1983): 41-57.

Harnack, Adolf. *History of Dogma*. Dover Publications, 1961.

———. *Lehrbuch der Dogmengeschichte*. Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983.

———. *What Is Christianity?* Williams and Norgate, 1901.

Harpur, Tom. *For Christ's Sake*. Beacon Press, 1987.

Harris, Murray J. *Jesus as God: The New Testament Use of Theos in Reference to Jesus*. Baker, 1992.

Harvey, Anthony. *Jesus and the Constraints of History*. Duckworth, 1982.

Hervey, Arthur. *The Genealogies of Our Lord and Savior Jesus Christ*. Macmillan, 1853. Rep. Kessinger, 2007.

Hick, John, ed. *The Myth of God Incarnate*. SCM Press, 1977.

Hiers, Richard. *Jesus and the Future*. John Knox Press, 1981.

Hillar, Marian. *The Case of Michael Servetus* (1511-1553): The Turning Point in the Struggle for Freedom of Conscience. Edwin Mellen Press, 1997.

———, trans. *The Restoration of Christianity: An English Translation of Christianismi Restitutio by Michael Servetus*. Edwin Mellen Press,2007.

Hinchliff, Peter. "*Christology and Tradition*." In God Incarnate, Story and Belief, ed. A.E. Harvey. SPCK, 1981.

Hodgson, Leonard. *Christian Faith and Practice*. Blackwell, 1952.

———. *The Doctrine of the Trinity*. Charles Scribner's Sons, 1944.

Holt, Brian. *Jesus: God or the Son of God?* TellWay, 2002.

Hort, F.J.A. *Two Dissertations 1876*. rep. Kessinger, 2004.

Hunt, Dave. *The Berean Call*. Dec., 2006.

Hurtado, Larry. *Lord Jesus Christ: Devotion to Jesus in Earliest Christianity*. Eerdmans, 2003.

Jervell, Jacob. *Jesus in the Gospel of John*. Augsburg, 1984.

Jocz, Jacob. *The Jewish People and Jesus Christ*. SPCK, 1962.

Johnson, Luke Timothy. *The Creed: What Christians Believe and Why It Matters*. Doubleday, 2003.

Kaiser, Christopher B. The Doctrine of God: A Historical Survey. Crossways, 1982.

Kaylor, R. David. *Jesus the Prophet: His Vision of the Kingdom of God on Earth*. Westminster John Knox Press, 1994.

Killian, Lindsey and Emily Palik. *The God of the Hebrew Bible and His Relationship to Jesus*. Association for Christian Development, 2005.

Kirkpatrick, A.F. *The Book of Psalms (XC-CL)*. The Cambridge Bible for Schools and Colleges. Cambridge University Press, 1901.

Knox, John. *The Humanity and Divinity of Christ*. Cambridge University Press, 1967.

Kopecek, Thomas. *A History of Neo-Arianism*. Philadelphia Patristic Foundation, 1979.

Küng, Hans. *On Being a Christian*. Doubleday, 1976.

Kuschel, Karl-Josef. *Born Before All Time? The Dispute over Christ's Origin*. Crossroad, 1992.

La Due, William J. *The Trinity Guide to the Trinity*. Trinity Press International, 2003.

Ladd, George. *A Theology of the New Testament*. Eerdmans, 1974.

Lampe, Geoffrey. *Explorations in Theology 8*. SCM Press, 1981.

———. *God as Spirit*. SCM Press, 1983.

Lawson, John. *Introduction to Christian Doctrine*. Francis Asbury, 1980.

Lebreton, Jules. *History of the Dogma of the Trinity*. Benziger Brothers, 1939.

Lewis, C.S. *Christian Reflections*. Eerdmans, 1995.

———. *Mere Christianity*. HarperCollins, 2001.

Little, Spence. *The Deity of Christ*. Covenant Publishing, 1956.

Lohse, Bernard. *A Short History of Christian Doctrine*. Fortress Press, 1966.

Loofs, Friedrich. *Leitfaden zum Studium der Dogmengeschichte* (Manual for the Study of the History of Dogma), 1890. Niemeyer Verlag, 1951.

———. *What Is the Truth About Jesus Christ?* Charles Scribner's Sons, 1913.

MacArthur, John. *The MacArthur New Testament Commentary: Hebrews*. Moody, 1983.

MacCulloch, Diarmaid. *The Reformation*. Penguin, 2003.

Mackey, James. *The Christian Experience of God as Trinity*. SCM Press, 1983.

Macleod, Donald. *The Person of Christ*. Intervarsity Press, 1998.

Major, H.D.A., T.W. Manson and C.J. Wright. *The Mission and Message of Jesus*. E.P Dutton and Co., 1953.

Marshall, Howard. *Acts, Tyndale Commentaries*. Eerdmans, 1980.

———. "*Jesus as Lord: The Development of the Concept*." In Eschatology and the New Testament. Hendrickson, 1988.

Martin, Walter. *The Kingdom of the Cults*. Bethany House, 2003.

Matthews, W.R. *God in Christian Experience*, 1930, rep. Kessinger, 2003.

———. *The Problem of Christ in the Twentieth Century*. Oxford University Press, 1950.

McGiffert, Arthur. *A History of Christian Thought*. Charles Scribner's Sons, 1954.

McGrath, Alister. *Christian Theology: An Introduction*. Blackwell, 2006.

Meier, John P. *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus*. Doubleday, 1994.

Metzger, Bruce. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. United Bible Societies, 1971.

Meyer, H.A.W. *Commentary on the Gospel of John*. Funk and Wagnall, 1884.

Milton, John. "*On the Son of God and the Holy Spirit*." Rep. in A Journal from the Radical Reformation 5:2 (1996): 44-64.

Moltmann, Jürgen. *The Spirit of Life*. Fortress Press, 1992.

Morey, Robert. *The Trinity: Evidence and Issues*. World Publishing, 1996.

Morgan, Campbell. *Notes on Psalms*. Fleming Revell, 1947.

Morgridge, Charles. *The True Believer's Defence Against Charges Preferred for not Believing in the Deity of Christ*, 1837. Rep. ChristianEducational Services, 1994.

Morris, Leon. *The Gospel According to John* (New International Commentary on the New Testament). Eerdmans, 1995.

Mosheim, J.L. *Institutes of Ecclesiastical History*. Harper, 1839.

Mounce, William D. *Word Biblical Commentary: Pastoral Epistles*. Thomas Nelson, 2000.

Navas, Patrick. *Divine Truth or Human Tradition*. Authorhouse, 2007.

Newman, John Henry. *Select Treatises of St. Athanasius*. James Parker and Co., 1877.

Nicoll, W. Robertson. *Expositor's Greek Commentary*. Eerdmans, 1967.

Nolan, Albert. *Jesus Before Christianity*. Orbis Books, 1992.

Norton, Andrews. *A Statement of Reasons for Not Believing the Doctrines of Trinitarians*, 1833. Rep. University of Michigan, 2005.

O'Carroll, Michael. *Trinitas: A Theological Encyclopedia of the Holy Trinity*. Liturgical Press, 1987.

Oehler, Gustav. The Theology of the Old Testament. Funk & Wagnalls, 1893.

Ohlig, Karl-Heinz. *One or Three? From the Father of Jesus to the Trinity*. Peter Lang, 2003.

Olson, Roger and Christopher Hall. *The Trinity*, Eerdmans, 2002.

Olyott, Stuart. *The Three Are One*. Evangelical Press, 1979.

Orr, James. *The Virgin Birth of Christ.* Charles Scribner's Sons, 1912.

Otto, Rudolf. *The Kingdom of God and the Son of Man*. Lutterworth Press, 1943.

Packer, J.I. *Knowing God*. Intervarsity Press, 1998.

Paine, L.L. *A Critical History of the Evolution of Trinitarianism*. Houghton Mifflin and Co., 1900.

Pannenberg, Wolfhart. *Jesus — God and Man*. Westminster Press, 1968.

Parker, Samuel. *A Free and Impartial Censure of the Platonick Philosophie*. Oxford, 1667.

Peake, Arthur S., ed. *Peake's Commentary on the Bible*. Thomas Nelson and Sons, 1919.

Peters, George N.H. *The Theocratic Kingdom of Our Lord and Savior*. rep. Kregel, 1952.

Pettingill, William and R.A. Torrey. *1001 Bible Questions Answered*. Inspirational Press, 1997.

Pfeiffer, Charles F. and Everett F. Harrison, eds. *The Wycliffe Bible Commentary*. Moody Bible Institute, 1990.

Purves, George T. "*The Influence of Paganism on Post-Apostolic Christianity*." Rep. in A Journal from the Radical Reformation 8:2, 1999, 25-50.

Quick, Oliver. *Doctrines of the Creed*. Nisbet, 1938.

Rahner, Karl. *Theological Investigations*. Helicon, 1963.

Rees, Thomas, trans. *The Racovian Catechism*, rep. Christian Educational Services, 1994.

Reim, Günther. "*Jesus as God in the Fourth Gospel: The Old Testament Background*." New Testament Studies 30, 1984: 58-60.

Réville, Albert. History of the Dogma of the Deity of Jesus Christ. Philip Green, 1905.

Rhodes, Ron. *The Heart of Christianity*. Harvest House, 1996.

———. *Reasoning from the Scriptures with the Jehovah's Witnesses*. Harvest House, 1993.

Robinson, John A.T. "*The Fourth Gospel and the Church's Doctrine of the Trinity*." In Twelve More New Testament Studies. SCM Press, 1984.

———. *The Human Face of God*. Westminster Press, 1973.

———. *The Priority of John*. SCM Press, 1985.

Rowley, H.H. *The Unity of the Bible*. Living Age, 1957.

Rubenstein, Richard. *When Jesus Became God: The Struggle to Define Christianity During the Last Days of Rome*. Harvest Books, 2000.

Sanders, E.P. and Margaret Davies. *Studying the Synoptic Gospels*. SCMPress, 1991.

Schaeffer, Edith. *Christianity Is Jewish*. Tyndale House, 1975.

Schrodt, Paul. *The Problem of the Beginning of Dogma in Recent Theology*. Peter Lang, 1978.

Schweizer, Eduard. *The Good News According to Mark*. John Knox Press, 1970.

Scott, E.F. *The Kingdom of God in the New Testament*. Macmillan, 1931.

———. *The Spirit in the New Testament*. Hodder, 1923.Segal, M.H. A Grammar of Mishnaic Hebrew. Oxford, l927.

———. "*Mishnaic Hebrew and Its Relation to Biblical Hebrew and to Aramaic*." Jewish Quarterly Review, Old Series 20 (l908-l909): 647737.

Showers, Renald and George Zeller. *The Eternal Sonship of Christ: A Timely Defense of This Vital Biblical Doctrine*. Loizeaux Brothers, 1993.

Snaith, Norman. *Distinctive Ideas of the Old Testament*. Epworth Press,1944.

Snobelen, Stephen. "'*God of gods and Lord of lords': The Theology of Isaac Newton's General Scholium to the Principia*." Osiris 16, 2001.

Southern, Randy. *The World's Easiest Guide to Understanding God*. Northfield, 2003.

Spurgeon, Charles. *The Treasury of David*. Baker Book House, 1983.

Stott, John. *The Authentic Jesus*. Marshalls, 1985.

Strobel, Lee. *The Case for Christ*. Zondervan, 1998.

Swindoll, Charles. *Jesus: When God Became a Man*. W Publishing Group, 1993.

Swindoll, Charles and Roy Zuck, eds. *Understanding Christian Theology*.

Thomas Nelson, 2003.

Terry, Milton. *Biblical Hermeneutics*. Zondervan, 1975.

Toon, Peter. *Our Triune God*. Victor Books, 1996.

Townsend, James. "*C.S. Lewis's Theology: Somewhere Between Ransom and Reepicheep*." Journal of the Grace Evangelical Society 13:24 (spring 2000).

Trakatellis, Demetrios Christ. *The Pre-Existence of Christ in Justin Martyr: An Exegetical Study with Reference to the Humiliation and Exaltation Christology*, Harvard Dissertation Series 8, Missoula, Montana:Scholars Press, 1976;

Treffry, Richard. *An Inquiry into the Doctrine of the Eternal Sonship of Our Lord Jesus Christ*. John Mason, 1837.

Turner, Nigel. *Grammatical Insights into the New Testament*. T & T Clark,1965.

Van Buren, Paul. *A Theology of the Jewish-Christian Reality*. Harper & Row, 1983.

Vermes, Geza. *The Changing Faces of Jesus*. Penguin, 2002.

Wachtel, Bill. "*Christian Monotheism: Reality or Illusion*." The Restitution Herald, April, 1985.

Wainwright, Arthur. *The Trinity in the New Testament*. SPCK, 1980.

Walvoord, John and Roy Zuck, eds. *The Bible Knowledge Commentary*. Victor, 1983.

Watts, John D.W. *Word Biblical Commentary: Isaiah 34-66*. Word Books, 1987.

Weigall, Arthur. *The Paganism in Our Christianity*. G.P. Putnam's Sons, 1928.

Wendt, H.H. *System Der Christlichen Lehre*. Vandenhoeck and Ruprecht, 1906.

———. *Teaching of Jesus*. T&T Clark, 1892.

Wenham, Gordon J. *Word Biblical Commentary: Genesis 1-15*. Word Books, 1987.

Werner, Martin. *The Formation of Christian Dogma*, Harper, 1957.

Whale, J.S. *Christian Doctrine*. Cambridge University Press, 1952.

Whidden, Woodrow, Jerry Moon and John Reeve. *The Trinity*. Review and Herald, 2002.

White, James. *The Forgotten Trinity*. Bethany House, 1998.

Whiteley, D.E.H. *The Theology of St. Paul* Blackwell, 1980.

Wilbur, Earl Morse. *Our Unitarian Heritage: An Introduction to the History of the Unitarian Movement*, Beacon Press, 1943.

Wiles, Maurice. *The Remaking of Christian Doctrine*. SCM Press, 1974.

Williams, George Huntston. *The Radical Reformation*. 3rd edition. TrumanState University Press, 2000.

Wilson, Ian. *Jesus: The Evidence*. Harper & Row, 1984.

Wilson, John. *Unitarian Principles Confirmed by Trinitarian Testimonies*. Rep. University of Michigan, 2005.

Wilson, Marvin. *Our Father Abraham: Jewish Roots of the Christian Faith*. Eerdmans, 1989.

Wise, Michael, **Martin Abegg, Jr., and Edward Cook**. *The Dead Sea Scrolls: A New Translation*. HarperCollins, 1999.

Wright, N.T. "*The Historical Jesus and Christian Thought*." Sewanee Theological Review 39, 1996.

———. *Jesus and the Victory of God*. Augsburg Fortress, 1997.

Zahrnt, Heinz. *The Historical Jesus*. Harper & Row, 1963.